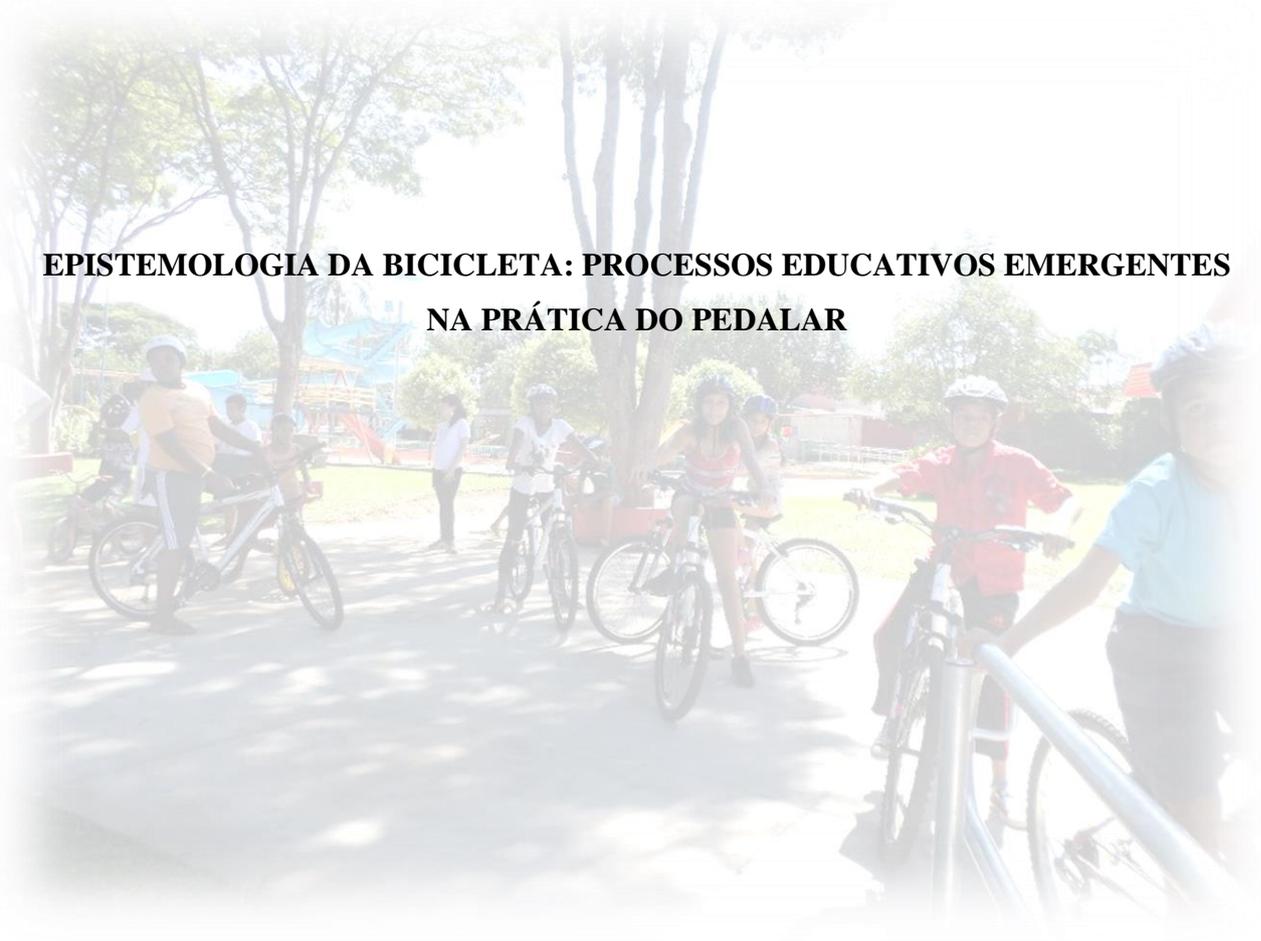




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**EPISTEMOLOGIA DA BICICLETA: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES
NA PRÁTICA DO PEDALAR**

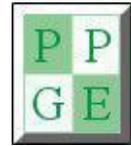
CLAYTON DA SILVA CARMO

São Carlos – SP

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**EPISTEMOLOGIA DA BICICLETA: PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES
NA PRÁTICA DO PEDALAR**

CLAYTON DA SILVA CARMO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

(Área de Concentração: Educação)
(Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos)

São Carlos – SP

2017

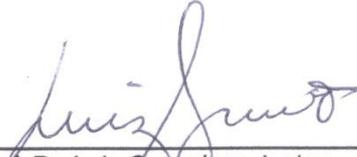


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado do candidato Clayton da Silva Carmo, realizada em 24/02/2017:



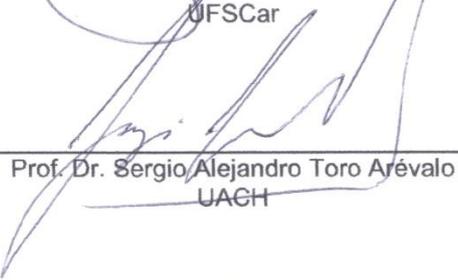
Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
UFSCar



Profa. Dra. Ilza Zenker Leme Joly
UFSCar



Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira
UFSCar



Prof. Dr. Sergio Alejandro Toro Arévalo
UACH



Prof. Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos
UFSP

Dedico este trabalho a memória de meu pai que, pela convivência com seus pequenos gestos, me ensinou a reconhecer a beleza de uma vida simples.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às crianças e adolescentes do VADL e familiares, pelo acolhimento e oportunidade de convívio com o qual pude aprender muito com todos e todas.

À equipe educadora do VADL pela esperança, perseverança e carinho sempre presentes nas ações com as crianças e adolescentes, bem como pela oportunidade de aprender-ensinar junto com vocês.

À minha família e à memória de meu pai, pela dedicação, ensinamentos e cuidados que me permitem ser quem estou sendo...

À Livia, pelo *estar junto* que torna os momentos difíceis menos sofridos e os felizes mais alegres por ter com quem compartilhar a vida. Grato pelo apoio emocional, por ajudar na revisão do texto e, principalmente, pelo suporte durante período em que eu estive no exterior, seu companheirismo se materializa na concretização deste estudo. Obrigado Mozi!

Ao professor Glauco Nunes Souto Ramos e a professora Cláudia Foganholi pela disponibilidade de compor a banca na qualidade de suplentes. Cláudia, valeu pela Força! Glauco, obrigado por orientar meus primeiros passos do caminho que me trouxe até aqui.

Ao Luiz, orientador e amigo, pelo apoio acadêmico que me permitiu continuar o caminho e, sobretudo, pela confiança depositada, pois foi ela que me fazer sentir segurança para seguir em frente.

Às professoras Wal e Ilza pela disponibilidade em participar da banca de defesa e, especialmente, pelos aprendizados compartilhados no decorrer de minha formação no mestrado e agora também no doutorado.

Ao professor Mizuno por compor a banca de defesa e pela possibilidade de convivência no NEFEF e na SPQMH, ela me trouxe aprendizados e inspiração para me enveredar nos estudos de mestrado e doutorado.

Ao professor Sérgio por abrir as portas da Universidad Austral de Chile e me acolher na cidade de Valdivia na função de supervisor, pelos aprendizados proporcionados e também pela gentileza e disponibilidade em viajar ao Brasil para compor a banca de defesa.

Aos amigos e amigas da UACH, professores Roberto Morales, Rodrigo Browne e Iván Oliva, Otto Luhrs, Jorge Muller, Carlos Muslow, Soraya Jaude e Ximena e aos estudantes do curso Educação Física pelo acolhimento e convivência prazerosa. Muito obrigado, pois me fizeram sentir em casa, mesmo estando distante dela.

Ao pessoal do NEFEF, da SPQMH e do PEDAL pelo apoio acadêmico e pessoal manifestado em diversas ocasiões, por tudo isso agradeço os amigos e amigas: Paulo, Denise, Silmara, Piteco, Milena, Conrado, Gorpo, Andréia, Lennon, Edson, Sueli, Jana, Gabriel, Denise Martins, Gustavo, Aline, Rosca, Papito, Stefany, Nathan, Skeeter, Gabi, Murilo, Bia, Bruna, Alê, Silvino, Roberta, Siri, Jussara.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro fundamental para realização desta pesquisa, tanto no Brasil, quanto no exterior, durante o PDSE realizado no Chile.

O logras ser feliz con poco y liviano de equipaje, porque la felicidad está dentro tuyo, o no logras nada. Esto no es una apología de la pobreza. Esto es una apología de la sobriedad. Pero, como hemos inventado una sociedad de consumo, consumista, y la economía tiene que crecer, porque si no crece es una tragedia, inventamos una montaña de consumo superfluo, y hay que tirar y vivir comprando y tirando. Y lo que estamos gastando es tiempo de vida, porque, cuando yo compro algo, o tú, no lo compras con plata, lo compras con el tiempo de vida que tuviste que gastar para tener esa plata. Pero con esta diferencia: la única cosa que no se puede comprar es la vida, la vida se gasta. Y es miserable gastar la vida para perder libertad (MUJICA-CORDANO, 2015, 75'40"-77'10").

Ou você consegue ser feliz com pouco e bagagem leve, porque a felicidade está em você, ou não consegue nada. Isto não é uma apologia à pobreza. É uma apologia à sobriedade. Mas como criamos uma sociedade de consumo, consumista, onde a economia tem que crescer, pois se não cresce é uma tragédia, inventamos uma montanha de consumo supérfluo e temos que viver comprando e descartando. E o que estamos gastando é tempo de vida, pois, quando eu ou você compramos algo não pagamos com dinheiro, pagamos com o tempo de vida que tivemos que gastar para ter esse dinheiro. Mas tem um detalhe: a única coisa que não se pode comprar é a vida, a vida se gasta. E é miserável gastar a vida para perder liberdade (MUJICA-CORDANO, 2015, 75'40"-77'10", tradução livre).

RESUMO

Estamos condicionados a um modo de vida calcado na epistemologia dominante, na qual o processo de constituição urbana é dirigido por interesses elitistas que exercem forte controle sobre os aparatos do Estado e também sobre toda a população com a imposição do seu estilo de vida que, devido ao seu padrão de exploração e consumo, não é generalizável à totalidade dos habitantes do planeta, o que o torna injusto. Nesse processo de dominação pedagógica, o automóvel assume importante papel, destaca-se como símbolo de progresso, velocidade e status, sendo massificado nas propagandas e nas ruas e tornando-se desejo de muitos, favorecendo o processo de acumulação de capital, agravando a desigualdade social e gerando graves problemas ambientais. Sob o pressuposto de que a cidade que queremos está sujeita ao tipo de pessoas que somos e de como, em nossas práticas diárias, estamos nos relacionando com as outras pessoas, com a natureza e com nossos desejos. Frente a isso, procuramos estruturar os fundamentos desta tese no âmbito de nossas práticas habituais, defendendo que a utilização da bicicleta possui um grande potencial educativo contra-hegemônico. Com a atenção dirigida aos conhecimentos oriundos da prática do pedalar, o estudo objetivou identificar a contribuição do uso da bicicleta para o processo de construção de uma pedagógica emergente, compreendendo-a a partir dos processos educativos vivenciados junto a um projeto de extensão universitária. Para tanto, empreendemos uma investigação orientada sob a ótica da abordagem qualitativa com aporte teórico-filosófico da fenomenologia existencial, cujos dados apresentados foram coletados por meio de diários de campo e rodas de conversas realizadas com participantes e familiares. Apoiados em textos acadêmicos, relatos e experiências, nos debruçamos sobre a epistemologia da bicicleta, identificando e destacando os processos educativos decorrentes das experiências de utilização da bicicleta vivenciadas no projeto. Do processo de análise emergiram três categorias, a saber: A) Vai ter bicicleta? Aprendi andar na bicicleta grande e estou aprendendo muito mais; B) A branca é minha! Aprendendo a dividir; C) Nós fomos cada vez mais longe: agora ela pega a bicicleta do irmão dela que é grande e já sai... Com a investigação realizada, percebemos contribuições relacionadas à potencialidade do uso pedagógico da bicicleta em projetos educativos, bem como nos possíveis reflexos do pedalar, ao retroalimentar a dinâmica da vida cotidiana com uma prática carregada de um conjunto de sentidos e valores distintos, oriundos da epistemologia da bicicleta.

Palavras-chave: Processos Educativos; Bicicleta; Motricidade Humana.

RESUMEM

Estamos condicionados a un modo de vivir desde una epistemología dominante en la que el proceso de constitución urbana es impulsado por los intereses elitistas que ejercen un fuerte control sobre los aparatos del estado y también sobre la población, imponiendo su estilo de vida que, su modelo de explotación y consumo, no es generalizable a todos los habitantes del planeta, lo que hace que sea injusto. En este proceso de dominación pedagógica, el coche juega un papel importante, el coche se destaca como un símbolo de progreso, velocidad y prestigio, con gran presencia en los anuncios publicitarios y en las calles, tornándose el deseo de muchos, favoreciendo el proceso de acumulación de capital, exacerbando la desigualdad social y generando graves problemas ambientales. Bajo el supuesto de que la ciudad que queremos es sujeta al tipo de personas que estamos siendo y cómo, en nuestra práctica diaria, nosotros estamos relacionando con las personas, la naturaleza y nuestros deseos. Debido a eso, tratamos de estructurar las bases de esta tesis bajo nuestras prácticas habituales, con el argumento de que el uso de la bicicleta tiene un gran potencial educativo contra-hegemónico. Con la atención dirigida al conocimiento derivado de la práctica del pedaleo, el objetivo del estudio fue identificar la contribución del uso de la bicicleta al proceso de construcción de un pedagógica emergente, cuya la comprensión se asienta en los procesos educativos procesos educativos vividos por las personas, en un proyecto de extensión universitaria. Por eso, se realizó una investigación orientada desde la perspectiva del enfoque cualitativo con bases teórica y filosófica de la fenomenología existencial, cuyos datos presentados se obtuvieron de los diarios de campo y ruedas de conversaciones mantenidas con los participantes y sus familiares. Apoyado en trabajos académicos, narrativas y experiencias, miramos hacia la epistemología de la bicicleta, buscando identificar y poner de relieve los procesos educativos resultantes de las experiencias de utilización de la bicicleta vividas en este proyecto. Del proceso de los datos surgieron tres categorías, a saber: ¿Habría bicicleta? Aprendí a andar en la bici grande y estoy aprendiendo más; B) ¡La branca es mía! Aprendiendo a compartir; C) Fuimos cada vez más lejos: ahora se lleva la bici de su hermano, que es grande y ya está fuera... Con la investigación realizada, nos dimos cuenta de contribuciones relacionadas con el potencial del uso pedagógico de la bicicleta en proyectos educativos, así como las posibles consecuencias del pedaleo en la pedagógica, es decir, nutriendo la dinámica de la vida cotidiana con una práctica cargada con un conjunto de valores distintos, derivados de la epistemología de la bicicleta.

Palabras clave: Procesos Educativos; Bicicleta; Motricidad Humana.

ABSTRACT

We are conditioned to a way of life based on the dominant epistemology, in which the process of urban constitution is directed by elitist interests that exert strong control over the apparatuses of the State and also over the population with the imposition of their lifestyle that, due to its pattern of exploitation and consumption, is not generalizable to all the inhabitants of the planet, which makes it unfair. In this process of pedagogical domination, the car plays an important role, it stands out as a symbol of progress, velocity and status, being massified in advertisements and on the streets, becoming the desire of many, favoring the process of accumulation of capital and aggravating social inequality and generating serious environmental problems. Under the assumption that the city we want is subject to the kind of people we are being and how, in our daily practices, we are relating to other people, with nature and with our desires. In view of this, we seek to structure the foundations of this thesis in the framework of our usual practices, arguing that the use of the bicycle has a great educational potential against hegemonic. With the attention directed to the knowledge derived from the practice of pedaling, the aim of this study was to identify the contribution of bicycle use to the process of constructing an emerging pedagogy against hegemonic, understanding it starting from the educative processes experienced in a university extension project. In order to do so, we undertake an investigation oriented from the point of view of the qualitative based on theoretical-philosophical contribution of existential phenomenology, whose data presented were collected from field book and conversation wheels made with participants and family members. Based on academic texts, reports and experiences, we focus on the epistemology of the bicycle, identifying and highlighting the educative processes resulting from the experiences of using the bicycle experienced in the project. From the data analysis process emerged three categories, namely: A) Will you have a bicycle? I learned to ride a big bike and I am learning a lot more; B) The white one is mine! Learning to divide; C) We went further and further away: now she picks up her brother's bike that is big and already leaves... Thus, from the research carried out, we perceive contributions related to the potentiality of the pedagogical use of the bicycle in educational projects, as well as in the possible reflexes of pedaling, by feeding back the dynamics of daily life with a loaded practice of a set of different senses and values, coming from the epistemology of the bicycle.

Key words: Educational Process; Bicycle; Human Motricity.

Lista de Quadros

Quadro 1: Velocidade efetiva estimada por modo de transporte e nível de renda.....	112
Quadro 2: Frequência dos/as participantes no período matutino.....	177
Quadro 3: Frequência dos/as participantes no período vespertino	178
Quadro 4: Participantes não contatados ou que não se disponibilizaram em participar	179
Quadro 5: Configuração da Roda de Conversa I	180
Quadro 6: Configuração da Roda de Conversa II.....	180

Lista de Figuras

Figura 1: Planta detalhada do espaço do clube	157
Figura 2: Participantes em circuitos de obstáculos.	191
Figura 3: Participantes aprendendo a andar em bicicleta com auxílio de educadores	196
Figura 4: Participantes passando pela rampa fixa.	200
Figura 5: Bicicletas armazenadas na gaiola e participantes aguardando a distribuição.....	209
Figura 6: Momentos de partilha de lanches e saberes	214
Figura 7: Participantes recebendo orientações sobre o cuidado necessário para circulação no espaço do clube e sobre o desgaste prematuro nos pneus provocados pelas derrapagens.	221
Figura 8: Participantes observando erosão e percorrendo lateral do bosque de pinheiros....	227
Figura 9: Participantes brincando em monte de terra e em via com poças de lama.....	229
Figura 10: Participantes aprendendo sobre o uso das marchas durante o passeio e grupo pedalando descontraído em via com pouca circulação de veículos motorizados ..	231
Figura 11: Participantes circulando pelas ruas em passeios de bicicleta.	232
Figura 12: Foto na portaria da USP e na via de terra que dá acesso à cidade de Ibaté	240

Sumário

Introdução	21
1. Educar e educar-se ao mundo	34
1.1 Educação e Motricidade: a experiência humana como currículo	39
1.2 Pedagogia do capital e a supremacia de um modelo epistemológico dominante	52
1.3 Motricidades ausentes: novas epistemologias para uma pedagógica emergente.	69
1.4 Pedagógica emergente: caracterizando processos educativos	78
2. Bicicleta e modernidade: de símbolo de progresso à motricidade ausente	88
3. Motricidade Emergente: um olhar para experiência do pedalar	98
3.1 Bicicleta e experiência estética	100
3.2 Bicicleta, materialidade e compromisso ético	109
3.3 Bicicleta e descolonialidade do espaço urbano	122
3.4 Bicicleta e convivencialidade	135
4. Bicicleta, lazer e educação: pedalando no contexto do projeto VADL	146
5. Trajetória Metodológica	163
6. Apresentação das categorias	183
<i>A) Vai ter Bicicleta? Aprendi a andar na bicicleta grande e tô aprendendo muito mais.....</i>	<i>184</i>
<i>B) A branca é minha! Aprendendo a dividir</i>	<i>203</i>
<i>C) Nós fomos cada dia mais longe: agora ela pega a bicicleta do irmão dela que é grande e já sai... ..</i>	<i>223</i>
7. Considerações.....	246
8. Referências	261
9. Apêndices.....	274
Apêndice 1 – Diários de Campo.....	274
Apêndice 2 – Diálogo posterior com crianças e adolescentes.....	409
Apêndice 3 – Roda de Conversa I	412
Apêndice 4- Roda de Conversa II.	424
Apêndice 5 – Glossário de Jogos e Brincadeiras.....	434
Apêndice 6 – Modelos dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	448
Anexo: Termo de aprovação no Comitê de Ética.....	451

Introdução

*Sobre o caminho de concreto,
Passam os homens e as mulheres
Enxertados nos veículos
Que apagam o sangue e a alma.
Passam no automóvel,
Esses homens loucos, essas mulheres loucas [...]*¹

A epígrafe acima citada me auxilia na introdução deste trabalho, pois fala do ser enxertado ao carro, com seu sangue e alma apagados. Nessa condição é difícil vislumbrar outras possibilidades e modos de ver e viver o mundo, pois anestesiados pelos para-brisas seguimos com nossas vidas como se não tivéssemos outra escolha e nos amontoamos em cidades que se organizam de um modo que nos torna cada vez mais dependentes do automóvel. Compreender o conteúdo do citado texto só me foi possível após retomar o contato com a bicicleta, momento no qual também emergiu o interesse que se materializa no presente trabalho, ou seja, compreender as potencialidades educativas relacionadas ao uso da bicicleta.

Escrever uma tese de doutorado em Educação com o tema da bicicleta não é algo muito simples, em conversas com pessoas, especialmente com as que não fazem uso da bicicleta, foi muito comum observar estranhamento e desconfiança, quando expunha a elas meu tema de estudo. De modo geral, as interfaces existentes entre bicicleta e educação não são muito evidentes, principalmente quando se tem como premissa um conceito de educação limitado as experiências institucionais escolares.

Eu utilizei a bicicleta para me divertir quando criança e, posteriormente, como transporte a partir da adolescência, porém, passei a vislumbrar carros e motos como sonho de transporte. Desde então, a bicicleta passou a se apresentar a mim como um meio de transporte desconfortável frente à maior necessidade de deslocamento, aumento das distâncias e a valorização social dos meios de transporte individuais motorizados. Tanto que na primeira oportunidade, que ocorreu quando eu trabalhava e frequentava a faculdade de Licenciatura em Educação Física, comprei uma moto usada e, anos depois, troquei-a por um carro, também usado, que possuo até hoje.

Minha antiga bicicleta foi roubada nos primeiros anos de universidade, quando, já aposentada pela minha moto, encontrava-se aos cuidados de um colega de república estudantil que a utilizava como transporte, pois ainda não possuía uma moto ou carro.

¹ *Os automóveis*, de Réjean Ducharme citado por GRANIER (2005, p.120).

Meu reencontro com a bicicleta ocorreu anos mais tarde, momento em que já havia terminado o curso de graduação e trabalhava como professor na rede pública estadual, em uma ocasião ocorrida em meados do ano de 2008, quando colegas com os quais eu fazia viagens e convivía em grupos de estudo propuseram que fizéssemos uma viagem em bicicleta. Motivado pela ideia de uma aventura em bicicleta eu adquiri uma bicicleta usada e desde então tenho a utilizado em viagens.

Foi durante essa primeira viagem que minha experiência com a bicicleta começou a se transformar, pois a sensação de liberdade, o encontro com as paisagens naturais e a convivência com os colegas proporcionados pela cicloviação foram bastante intensos. A partir daí o grupo passou a organizar viagens anuais das quais eu participei e outras pessoas motivadas pelos relatos das viagens foram se aproximando e se juntando ao grupo, algumas permanecendo, outras compondo apenas uma ou outra viagem ou mesmo alguns passeios locais. Nesse processo notei que muitas pessoas se motivaram com a experiência da bicicleta e também das ciclovias e, assim como eu, se reaproximaram com outro olhar, embora isso não tenha necessariamente refletido em seu uso diário como transporte. Com essa experiência a relação entre bicicleta e educação passou a fazer parte de meus horizontes, bem como de alguns dos/as colegas que também faziam as ciclovias.

O citado grupo de amigos/as hoje constitui o Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL), atualmente com aproximadamente 20 pessoas (em sua maior parte professores/as de Educação Básica ou Superior, estudantes de graduação e pós-graduação, bem como um gastrônomo, uma nutricionista e uma secretária) que convivem e se reúnem constantemente para pedalar juntos nos momentos de lazer, seja em viagem, seja em passeios pela região. Porém, além disso, as ações de alguns integrantes do grupo foram se deslocando da origem fundamentalmente voltada a fruição de lazer, para também pesquisas acadêmicas, especialmente centradas em estudos socioculturais do lazer e Educação Ambiental, das quais derivaram as possibilidades de divulgação de estudos em periódicos, congressos e junto a estudantes de Educação Básica e Superior, incluindo o desenvolvimento de atividades com bicicleta em projetos de extensão universitária, tais como, o “PEDAL-Consciente”² e “Vivências em Atividade Diversificadas de Lazer” (VADL)³.

² “O projeto utiliza o ciclismo como opção de vida saudável e sustentável, observando o uso da bicicleta no contexto do lazer, do esporte e do transporte. O projeto se desenvolve em quatro módulos: Meio Ambiente e Ciclismo na Terra; Mobilidade Urbana; Mecânica Básica de Bicicleta; Escolinha de Ciclismo e Saúde. A proposta é incentivar o uso da bicicleta como transporte, respeitando as Leis de Trânsito; dialogar/refletir sobre o ser humano no meio ambiente; inserir os adolescentes em atividades de lazer e promoção de saúde; promover o convívio social entre os adolescentes” (GONÇALVES JUNIOR, 2014). Produto de uma parceria da Universidade Federal de São Carlos, Associação São-carlense de Ciclismo e Prefeitura Municipal de São Carlos,

Para além dos momentos de fruição de lazer e de alguns estudos acadêmicos, o uso da bicicleta passou a se incorporar em minha rotina diária. Durante as ciclovagens percorremos uma média de sessenta quilômetros por dia, o que me fez perceber de maneira muito mais amigável os infortáveis quatro, cinco ou seis quilômetros que me separavam da maioria de meus destinos na cidade. No entanto, como eu trabalhava em outra cidade e me deslocava por 80 quilômetros diariamente, o automóvel ainda era minha principal opção de transporte. Somente a partir de 2011, quando consegui a transferência de trabalho para a cidade em que residia, foi que a bicicleta passou a compor grande parte de meus deslocamentos diários, embora a chuva e o frio ainda fossem boas desculpas para ir de carro. Isso acabou mudando consideravelmente no período em que estive realizando o doutorado sanduiche no exterior, na cidade de Valdivia, Chile. Cidade de clima bastante frio e chuvoso na qual, já que eu estava afastado de meu carro, me propus a utilizar a bicicleta diariamente e, foi nessa ocasião, que comecei a aprender a utilizar a bicicleta na chuva e no frio.

Desde então posso dizer que extrapolei minha percepção da bicicleta como um meio de transporte inadequado e desconfortável e, atualmente, procuro manter o uso diário da bicicleta em meus deslocamentos visando constituição de um hábito consistente tal qual foi o de utilização do automóvel. Nesse processo de transformação no qual me encontro, a questão da mobilidade em bicicleta passou a me afetar e preocupar ao sentir o desconforto de transitar em meio à hostilidade do tráfego intenso de automóveis, mas também me fez notar que não são raros os momentos em que, percorrendo a cidade em bicicleta, me reencontrei com o elemento lúdico que me ligava a ela na infância, brincando e me divertindo com os obstáculos, paisagens e sensações encontradas pelo caminho. Imerso nesse contexto, percebi que transportar-se em bicicleta passa a ser algo mais do que uma simples opção modal, pois representa uma opção política carregada de valores éticos e estéticos bastante distintos daqueles que têm regido nosso atual modo de existência.

Trazer essa experiência pessoal é fundamental para compreender como se originou a motivação para o trabalho acadêmico ora apresentado, tanto quanto para evidenciar que, para além de um relatório de uma investigação de doutorado, esse é o reflexo de uma ação ao

atualmente o projeto encontra-se paralisado por falta dos recursos para o transporte que eram a contrapartida da Prefeitura Municipal na parceria do projeto.

³ O VADL, por ser o campo de investigação desta tese será mais detalhado no decorrer do trabalho, por ora, indico que o projeto possui o objetivo central e a educação *pelo* e *para* o lazer, a partir de atividades diversificadas de lazer por meio da construção coletiva e dialógica, promovendo processos educativos voltados à cidadania, principalmente às crianças e jovens de comunidades carentes do ponto de vista econômico ou com insuficiente apoio governamental, tendo como eixo comum à prática social do lazer (GONÇALVES JUNIOR, 2013). O projeto passou a desenvolver dentre suas práticas atividades envolvendo o uso da bicicleta, buscando compreender as possibilidades de lazer, mobilidade urbana e geração de renda.

mundo que busca a transformação social e que não se desvincula do ser pesquisador, mantendo-me coerente com os princípios da linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, da qual faço parte e que ajudo a formar enquanto me formo pesquisador. Na referida linha, em acordo com Oliveira et al. (2014), prezamos a realização de investigações *com* e não *sobre* pessoas, pois em nossa compreensão a experiência só é possível em corpo encarnado e é ela que nos possibilita compreender desde dentro da própria prática a experiência das pessoas envolvidas. Além disso, reconhecendo e assumindo o contexto histórico latino-americano, nos é patente que pesquisar envolve um posicionamento junto às pessoas ou grupos marginalizados socialmente o que faz com que os objetivos de nossa comunidade científica de trabalho ultrapassem a ordem pessoal, comprometendo-nos com a construção de uma sociedade mais justa para todos e todas.

Talvez nesse momento o/a leitor/a ainda se pergunte: o que esses princípios têm a ver com o uso da bicicleta? Bom, além de trazer à tona as pessoas que utilizam diariamente bicicleta para transportar-se como grupo marginalizado frente ao atual modelo de mobilidade urbana da maioria das cidades, também tenta compreender em profundidade as subjacências do pano de fundo do qual emerge os debates em torno da utilização da bicicleta na contemporaneidade.

Conforme afirmam Santos e Meneses (2010), vivemos sobre a égide de uma epistemologia dominante assente na moderna cultura ocidental e na política colonialista e capitalista que, em determinado momento histórico culminou na ciência moderna. A fé e a concentração de esforços nas potencialidades emancipatórias da ciência moderna foi paulatinamente colonizando as outras formas de conhecimento, porém com o tempo ficou claro que essa promessa de emancipação humana está longe de se realizar e que, pior, ao invés de eliminar défices e excessos, essa racionalidade acabou contribuindo para agravar muitos deles.

A promessa da dominação da natureza, e do seu uso para o benefício comum da humanidade, conduziu a uma exploração excessiva e despreocupada dos recursos naturais, à catástrofe ecológica, à ameaça nuclear, à destruição da camada de ozono, e à emergência da biotecnologia, da engenharia genética e da consequente conversão do corpo humano em mercadoria última. A promessa de uma paz perpétua, baseada no comércio, na racionalização científica dos processos de decisão e das instituições, levou ao desenvolvimento tecnológico da guerra e ao aumento sem precedentes do seu poder destrutivo. A promessa de uma sociedade mais justa e livre, assente na criação da riqueza tornada possível pela conversão da ciência em força produtiva, conduziu à espoliação do chamado Terceiro Mundo e a um abismo cada vez maior entre o Norte e o Sul (SANTOS, 2000, p.56).

De acordo com o citado autor a modernidade ocidental, ao expandir-se globalmente, passa a incidir na vida dos cidadãos comuns das sociedades metropolitanas tal qual ocorria com antigo modo de colonização europeu, porém agora esse poder se exerce por meio do capital privado que, avançando sobre os Estados, reduzem o poder de regulação destes e instituem uma forma de governo indireto, provocando a ascensão do fascismo social, que pode ser notado pelo que ele denomina *apartheid do fascismo social*, ou seja, a “[...] segregação social dos excluídos através de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas” (SANTOS, 2010, p.45). Ainda segundo o autor as zonas selvagens são aquelas zonas urbanas em:

[...] guerra civil interna como em muitas megacidades do sul global. As zonas civilizadas são as zonas do contrato social e vivem sob a constante ameaça das zonas selvagens. Para se defenderem, transformam-se em castelos neofeudais, os enclaves fortificados que caracterizam as novas formas de segregação urbana [...] A divisão entre zonas selvagens e zonas civilizadas está a transformar-se num critério geral de sociabilidade, um novo espaço-tempo hegemônico que atravessa todas as relações sociais, econômicas, políticas e culturais (SANTOS, 2010, p.45-46).

No mesmo sentido, Harvey (2014) também alerta que a reprodução do capital está intimamente relacionada aos processos de urbanização, porém essa urbanização do capital pressupõe a dominação do processo de constituição urbana pelas classes dominantes, o que implica não só uma dominação sobre os aparelhos de Estado, mas também sobre toda a população com seus estilos de vida, capacidade de trabalho, valores culturais e políticos, enfim, sua visão de mundo.

Nesse processo de dominação operada pela imposição de estilo de vida, o automóvel destaca-se como símbolo de progresso, velocidade e status, sendo massificado nas propagandas e nas ruas e tornando-se desejo de muitos.

Essa visão de mundo das elites globais tem sido dominante, seus valores e práticas se encontram espalhados pelo mundo e são conclamados como única alternativa desejável e possível a todos e todas. Porém, conforme alerta Riechmann (2014), o modelo de produção e consumo que até hoje tem beneficiado as elites do planeta, ou seja, menos do que a quinta parte da população mundial, não é generalizável a totalidade dos habitantes do planeta, pois se o fosse faltariam dois ou três planetas para dar conta de tal padrão de exploração e consumo, ou seja, se o atual modelo não é generalizável, tão pouco pode ser justo. Segundo o autor, ninguém pode resignar-se a uma situação como essa, pois aceitá-la seria como ser cúmplice de um *apartheid* planetário.

Isso significa que se continuarmos a seguir os ditames desse modelo de desenvolvimento apregoado pelas elites, nós assumiremos, conscientemente ou não, o padrão de consumo por eles estabelecido e que, como apresentado, é incompatível com vida na Terra. Felizmente, conforme indica Harvey (2014), não se chega tão facilmente a esse nível total de determinação e, justamente por isso, podemos compreender que: “A cidade e o processo urbano que a produz são, portanto, importantes esferas de luta política, social e de classe” (p.113).

Todo esse processo de urbanização capitalista, segundo Harvey (2014), tende a destruir indeterminadamente a cidade enquanto espaço comum social, político e habitável, o que nos faz considerar com ele que:

[...] a questão do tipo de cidade que queremos não pode se separar da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são nossos valores estéticos (HARVEY, 2014, p.28).

Nessa perspectiva, o mundo ou a cidade que queremos está sujeita ao tipo de pessoas que estamos sendo e de como, em nossas práticas diárias, estamos nos relacionando com as outras pessoas, com a natureza e com nossos desejos, em outras palavras, depende de nossas ações, sejam elas individuais e/ou coletivas. E é aqui que a bicicleta se insere, surgindo como alternativa de transporte que possui uma dimensão sensível que nos permite repensar a utilização de energia e as responsabilidades ambientais que devemos ter.

La bicicleta, por certo, es una máquina que nos remite a una sociedade industrial sostenible – y justa - ; el coche eléctrico no lo hace (es imposible pensar en una sociedad mundial de 7.000 o 9.000 millones de seres humanos con movilidad motorizada individual, no hay para ello en planeta suficientes recursos ni capacidad de absorber desechos). Hay que recordar aquellos estudios de los años noventa [...] que estimaban necesaria una reducción del 90% [...] em el uso de energia y materiales que hacemos los ricos de este mundo, el Norte global, se es que há de materializarse una sociedade sostenible (RIECHMANN, 2014, p.233).

Concordando com Riechmann (2014), compreendemos a crise ecológica atual como uma das mais fortes razões que temos para fazer uma crítica radical ao capitalismo. Do mesmo modo, Santos (2000) assevera que a promessa de dominação da natureza contida na epistemologia dominante foi perversamente cumprida sob a forma de destruição da natureza e da crise ecológica e que isso deve nos causar desconforto e indignação suficientes para nos questionarmos “[...] criticamente sobre a natureza e a qualidade moral da nossa sociedade e a

buscarmos alternativas teoricamente fundadas nas respostas que dermos a tais interrogações” (SANTOS, 2000, p.24).

Os nossos problemas sociais assumiram uma dimensão epistemológica quando a ciência passou a estar na origem deles. Os problemas não deixaram de ser sociais para passarem a ser epistemológicos. São epistemológicos na medida em que a ciência moderna, não podendo resolvê-los, deixou de os pensar como problemas. Daqui decorre a necessidade de uma crítica da epistemologia hegemônica e a necessidade de invenções credíveis de novas formas de conhecimento (SANTOS, 2000, p.117).

As consequências negativas do modo de vida, baseado na forma atual de conhecimento, têm atingido com maior severidade as pessoas e grupos marginalizados, ou seja, com menor poder e responsabilidade em sua concepção e realização, por isso, defrontamo-nos com necessidade de um novo paradigma que, partindo do referido contexto, não poderá se limitar a ser apenas científico (conhecimento prudente), terá que ser também um paradigma social (para uma vida decente), ou seja, deve ser um *paradigma de conhecimento prudente para uma vida decente* (SANTOS, 2000).

Riechmann (2014) traz reflexões semelhantes quando afirma que, se ainda não possuímos a tecnologia necessária para reconstrução ecológica de nossas sociedades, certamente em pouco tempo a teremos, portanto, mais que inovações tecnológicas, necessitamos inovação social.

Podemos *hacer más con menos*, pero también tendremos em muchos casos que *hacer menos* (lo cual no quiere decir necesariamente vivir peor, sino *vivir de otra manera*: pero aqui la discusión sobre los cambios materiales desemboca en la de los cambios culturales... y em el cuestionamiento de las estructuras de poder y propiedad). De poco (o nada) servirán las reformas para “ecologizar” la producción, y muy particularmente las mejoras en eficiencia, si no se frena el crecimiento material de nuestras sociedades sobredesarrolladas (RIECHMANN, 2014, p.273).

Nesse ponto é que a relação entre bicicleta e educação passa a fazer maior sentido e é a partir dele que procuramos estruturar os fundamentos desta tese, a qual defende que: *A utilização da bicicleta, pelo reencontro com o mundo sensível que proporciona, pela grande eficiência no deslocamento realizado apenas com base na energia humana e pela marginalidade que representa frente à hegemonia dos transportes individuais motorizados, possui um grande potencial educativo, que pode ser intencionalmente promovido por uma pedagógica.*

Práticas que buscam explorar esse potencial pedagógico têm surgido ultimamente em diversos locais, elas são planejadas e organizadas por pessoas adeptas da bicicleta e, em

grande medida, relacionadas ao universo do cicloativismo. Muitas delas começam como iniciativa pontual e, em alguns casos, dada a repercussão positiva, são ampliadas com apoios institucionais públicos ou privados. A maioria delas busca tratar de temas como mobilidade urbana; sustentabilidade; técnicas de condução, segurança no trânsito; opção de lazer e transporte; redução do sedentarismo e qualidade de vida. Como exemplos de práticas, podemos citar: a “Oficina de Ciclismo” oferecida em momento de ampliação da jornada escolar na Escola Municipal de Santa Joana Francisca em Picada-Café/RS⁴; o projeto “Transportes limpos + Materiais radicais”, desenvolvido pelo professor Tiago Mafra nas aulas de Educação Física da Escola Municipal Padre Luiz Gonzaga Steiner em Brusque/SC⁵; as aulas de Educação Física desenvolvidas pelo professor Marcos Diniz no Colégio Estadual Gaspar Dutra em Nova Santa Rosa/PR⁶; as “Oficinas de Aprendizagem em Escolas” desenvolvidas por Luis Patrício que iniciou-se no Colégio SESI-PR e que atualmente ocorre em outros 16 colégios⁷; o projeto “Bicicleta e Mobilidade Urbana” desenvolvido pelo professor Newton Santos Cheberle no Colégio Miguel de Cervantes em São Paulo/SP⁸; e o projeto “Bicicleta na Escola” que iniciou-se em 2012 por iniciativa da professora Ana Destri na escola em que lecionava na rede pública municipal e atualmente é desenvolvido em diversas escolas do município de Florianópolis/SC⁹.

Além dessas experiências relatadas, pesquisa recente que buscou mapear ações dos coletivos pró-bicicleta no Brasil, demonstrou que, dos 527 coletivos identificados, aproximadamente 58 deles desenvolvem ações educativas (AMARAL; TAMPIERI, 2015).

Isso nos revela que as pessoas e grupos envolvidos nessas iniciativas possuem um conhecimento oriundo de suas experiências em torno da bicicleta e que este conhecimento as tem feito compreender as ações no campo pedagógico como necessárias, engajando-as e motivando-as na promoção e manutenção de tais práticas.

No entanto, cabe salientar que a motivação para elaboração desta tese não se originou a partir do conhecimento dessas experiências, até por que estas são bastante recentes, boa parte do contato que tive com elas foi já a partir do engajamento na elaboração deste estudo, nas buscas por materiais e a participação em eventos como o Bicultura 2016¹⁰. A

⁴ (PEDALADAS, 2015, p.5-6).

⁵ (TRANSPORTE, 2015, p.6-7).

⁶ (SANTOMAURO, 2015, p. 32-35).

⁷ (BICICULTURA, 2016).

⁸ (BICICULTURA, 2016).

⁹ (REBRINC, 2015).

¹⁰ Bicultura é o maior encontro nacional de mobilidade por bicicleta e cicloativismo, evento itinerante que, no ano de 2016, foi realizado na cidade de São Paulo. Organizado pela sociedade civil, visa potencializar a bicicleta em suas vertentes: Cultural, Social, Político, Artística, Econômica e Ambiental. Constitui-se como espaço de

motivação principal é proveniente da percepção pessoal dessa potencialidade que se deu a partir de minhas vivências e que, em busca de uma compreensão ampliada desse processo, me fez buscar referenciais teóricos sobre o tema. Nesse momento me deparei com um grande hiato dentre as produções acadêmicas no que tange a relação entre bicicleta e educação. Em buscas realizadas com a palavra chave “bicicleta” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, que reúne produções de teses e dissertações das principais universidades do país, foram encontrados 226 trabalhos nas mais diversas áreas de conhecimento, em sua maioria relacionados a estudos de Mobilidade Urbana, Engenharia de Transporte, Arquitetura e Urbanismo, Psicologia, Direito e Engenharia Urbana, sem qualquer relação direta com a Educação. Também foram localizados diversos estudos relacionas a Educação Física, porém apesar da nomenclatura da área, a maioria deles dedicava-se a aspectos de treinamento, testes de esforço, nível de atividade física e suas implicações para saúde, pouco contribuindo com o aprofundamento da compreensão da relação entre bicicleta e educação. Nesse universo de produção acadêmica há alguma relação entre bicicleta e educação em duas teses (XAVIER, 2011; DINIZ, 2014) e três dissertações (MACHADO, 2013; SILVA, 2014; KIENTEKA, 2012).

Os estudos de Diniz (2014) e Kienteka (2012), oriundos da Educação Física, dedicaram-se a compreender os fatores sociais e ambientais relacionados ao uso da bicicleta, buscando motivações e barreiras para o uso entre adultos. O primeiro deles também se dedicou a avaliar a efetividade de uma ação educativa de promoção do uso da bicicleta para o trabalho, porém a questão pedagógica do uso da bicicleta não foi objeto de investigação e o estudo também não apresentou resultados significativos entre o grupo de intervenção e o grupo controle, embora a autora considere positiva a ação educativa devido ao aumento de 2,2% no uso da bicicleta observado no grupo de intervenção. O segundo, apesar de não abordar diretamente a questão educativa, em suas conclusões avalia, entre outras coisas, a necessidade de programas que incentivem o uso de bicicleta entre mulheres, entre classes de poder aquisitivo elevado e, como fator para motivação, sugere educação no trânsito desde o ensino básico.

A dissertação de Silva (2014), realizada na área Educação, Arte e História da Cultura, busca refletir sobre o papel da Educação Ambiental na conscientização de ciclistas e pedestres para ações solidárias voltadas a problemas de transporte e trânsito, embora não

problematize a bicicleta como possibilidade pedagógica, sinaliza em suas conclusões que ações voltadas a Educação Ambiental e Educação no Trânsito em âmbitos de ensino formal e não-formal são essenciais para a população estudada.

Embora tais produções tangenciem a questão educativa, de modo geral eles partem do ensino visando à promoção da utilização da bicicleta, inclusive, em alguma medida, encontram isso como relevante nas considerações apresentadas como pudemos observar. Obviamente esses resultados também nos interessam, porém o foco desta tese se orienta no caminho inverso e busca responder a seguinte questão de pesquisa: *Qual a contribuição do uso da bicicleta para o processo de construção de uma pedagógica emergente?*

Os próximos dois trabalhos nos dão algumas pistas. O estudo de Xavier (2011), tese desenvolvida na área de Interdisciplinaridade em Ciências Humanas, buscou desvelar o processo de desenvolvimento histórico-cultural para compreender a inserção da bicicleta na política de mobilidade urbana, revelando o papel político e a importância dos coletivos e organizações cicloativistas no processo de transformação social com vistas a modo de vida mais sustentável e sinaliza a necessidade de uma nova epistemologia para orientação do desenvolvimento social, mas não se ocupa de questões pedagógicas propriamente. Já o estudo de Machado (2013) dá um passo à frente e, em sua dissertação realizada na área de Educação e Ecologia Humana, a autora busca compreender o fenômeno das bicicletas e Bicicletadas¹¹ no Brasil, partindo dos contextos históricos e sociais, ressaltando os aspectos políticos e pedagógicos, verificando os processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva, bem como as contribuições para a transformação dos sujeitos e das cidades a partir das Bicicletadas. Em suas considerações afirma que, a luta desses movimentos ultrapassa a questão da inserção da bicicleta na mobilidade urbana e que os aspectos políticos e pedagógicos se relacionam com os de uma ação contra-hegemônica com perspectiva de rupturas paradigmáticas e potencial para modificar as formas de agir e se relacionar com as outras pessoas e com o meio ambiente. Ressaltando o uso da bicicleta, nesse contexto, como possibilidade de desconstrução da uma vida acelerada e individualista, reaproximando pessoas e retomando a relação tempo e espaço. Ela também indica a escassez de materiais publicados sobre a temática, principalmente na área da Educação, e levanta questionamento para investigações futuras dentre os quais destaco o que interroga sobre a consciência dos processos de ensino e de aprendizagens envolvidos nas práticas e sobre a possibilidade de torná-los conscientes.

¹¹ Manifestações cicloativistas que buscam protestar ocupando as ruas das cidades, o movimento das Bicicletadas ou Massa Crítica será tratado com maior profundidade no decorrer do texto.

Nesse ponto, observamos a importância da tese que defendo, pois busca trazer as Motricidades Ausentes do uso cotidiano da bicicleta afirmando-as como Motricidades Emergentes¹², destacando pontos para a área da Educação e alicerçando academicamente a promoção intencional de processos educativos pautados no uso da bicicleta. Nesse sentido, delimitamos como objetivo de estudo: *identificar a contribuição do uso da bicicleta para o processo de construção de uma pedagógica emergente, compreendendo-a a partir dos processos educativos vivenciados junto ao projeto de extensão universitária Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer.*

Com essa introdução buscamos apresentar a relevância social e acadêmica do estudo, bem como sinalizar nosso posicionamento frente ao mundo, mas, sobretudo, enfatizar que o principal desafio que se impõe na contemporaneidade, segundo Riechemann (2014), é *reconhecer que o suficiente basta*. Esse labor exige nos reinventar e reinventar o coletivo, processo no qual a Educação é elemento indispensável para que possamos aprender que esforço não é sinônimo de desconforto sendo preciso repensar o modo de vida predominante, no qual o conforto desmedido de alguns impõe condições incompatíveis com a manutenção da Vida.

En una encuesta en Euskadi, realizada en 2005, se preguntaba a los ciudadanos y ciudadanas sobre las razones para usar el automóvil privado en distancias cortas. El 65% de los encuestados aludió a la comodidad y 40%, al hábito. Nos hallamos desgraciadamente enganchados a la comodidad, a la gratificación inmediata: azúcar en la dieta y combustibles fósiles en el sistema productivo. El desastre está en marcha: y si no conseguimos, en alguna medida, volver a amar lo difícil, el desastre se consumará inexorablemente. Los valores en una situación de “mundo vacío” (el confort, pongamos por caso) pueden transformarse casi en disvalores, cuando pasamos a una situación de “mundo lleno”. No son tiempos para gente blanda: desintoxicarse requiere mucho coraje¹³ (RIECHEMANN, 2014, p.379).

As pessoas que atuam nos movimentos em favor da bicicleta, bem como aquelas que simplesmente optaram por deslocar-se com ela diariamente nos dão indícios de que é possível reaprender a amar o difícil, pois elas têm garantido a manutenção dessa prática social. Destacamos essa possibilidade porque, assim como Santos e Meneses (2010, p.15),

¹² Com as expressões Motricidades Ausentes e Emergentes fazemos alusão a proposição de Santos (2002) ao referir-se as Sociologia das Ausências e das Emergências, tema que será tratado de modo pormenorizado no decorrer do capítulo 1.

¹³ Em uma pesquisa em Euskadi, realizada em 2005, se perguntou aos cidadãos e cidadãs sobre os motivos que fazem usar o automóvel em distâncias curtas. 65% das pessoas entrevistadas citaram o conforto e 40%, o hábito. Estamos, infelizmente, amarrados à comodidade, à gratificação imediata: açúcar na dieta e combustíveis fósseis no sistema productivo. O desastre está em marcha: e se não conseguirmos, em alguma medida, voltar a amar o difícil, o desastre se consumará inexorablemente. Os valores em uma situação de "mundo vazio" (conforto, por exemplo) pode ser transformar em desvalores, quando nos deslocamos para uma situação de "mundo cheio". Não são tempos para pessoas brandas: desintoxicar-se requer muita coragem (tradução livre).

entendemos que: “Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias”. De acordo com o autor e autora citados:

Epistemologia é toda noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias (SANTOS; MENESES, 2010, p.15).

Compreendendo que toda experiência social produz conhecimento, buscamos investigar os processos educativos emergentes na prática social do pedalar e, a partir do compromisso com a construção de novo paradigma, um paradigma prudente para uma vida decente, emerge uma alternativa epistemológica, a saber: a Epistemologia da Bicicleta. Entendendo que está, juntamente com outras epistemologias alternativas, pode contribuir com o processo de construção de uma pedagógica emergente.

Se, de acordo com Jaramillo-Echeverri (2006), a universidade institucionalizada a partir de um paradigma epistemológico dominante tem produzido e reproduzido um conhecimento hierarquizado, gerado títulos, mas, em grande medida, não tem garantido a democratização do conhecimento, o presente estudo trilhou exatamente o caminho inverso, partindo da experiência de quem, buscando a democratização de certo tipo de experiência de conhecimento, age no mundo e também compartilha academicamente os novos conhecimentos oriundos da ação: aprendendo – ensinando – reaprendendo.

Neste sentido, no primeiro capítulo, *Educar e educar-se ao mundo*, apresentamos nossa concepção de educação, bem como a pedagógica do capital a fim de delinear caminhos para compreender os processos educativos necessários ao processo de construção de uma pedagógica emergente. No capítulo dois, *Bicicleta e modernidade: de símbolo de progresso à motricidade ausente*, trazemos um breve histórico sobre a bicicleta destacando o desenvolvimento de práticas culturais e transformações espaciais que sua presença engendrou nas cidades. O capítulo três, *Motricidade Emergente: um olhar para experiência do pedalar*, buscou apresentar os referenciais teóricos que nos permitiu afirmar o uso da bicicleta como potencial experiência pedagógica. No capítulo quatro, *Bicicleta, lazer e educação: pedalando pelo contexto do VADL*, descrevemos o funcionamento do projeto no qual se desenvolveu nossa investigação em campo, apresentando suas ações, estrutura, equipe e referenciais orientadores. O quinto capítulo, *Trajatória Metodológica*, apresenta os referenciais teórico-metodológicos e os instrumentos de coletas de dados da pesquisa, bem como descreve os

passos realizados e o processo de análise dos dados utilizado. O sexto capítulo, *Apresentação das categorias*, traz em seu bojo o resultado do processo de análise dos dados coletados em campo, desvelando os processos educativos decorrentes das atividades com bicicleta vivenciadas no contexto do projeto VADL. Finalizando o trabalho temos o sétimo e último capítulo, *Considerações*, no qual tecemos um diálogo entre os dados obtidos na investigação e os referenciais utilizados na estruturação da tese, de modo a promover uma amplificação dos sinais que se apresentam a nós e que nos fazem crer nas capacidades reais que as experiências de utilização da bicicleta carregam no que tange às suas possibilidades de contribuição para uma pedagógica emergente.

1. Educar e educar-se ao mundo

Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que que é educação?” Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: “Educação”. Daí eu falo: “Educação”. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: “Educação”. Mas então eu pergunto pro senhor: “É a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?” Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “Não, não é”. Eu penso que não (SOUSA, 1984, p.7).

A epígrafe anterior é parte da resposta de um lavrador à pergunta proferida por um investigador em entrevista. Nela fica evidente que o termo educação pode gerar ambiguidade de compreensão, expressando diferentes sentidos dependendo do ponto de vista. Por isso, apresentar a concepção de educação sob qual conduzimos a presente investigação se faz necessário, pois ela amplia nossos horizontes acerca do tema e nos auxiliará a estabelecer as relações entre bicicleta e educação no decorrer do trabalho.

O conceito de educação que orienta esta tese emerge de sua vinculação à linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, a qual se aporta teoricamente nas obras de Freire (1992; 2001), Fiori (1991a; 1991b), Brandão (2005; 2008) e Oliveira et al. (2014). Nas referidas obras a educação emerge como um amplo, complexo e permanente processo pelo qual constituímos nossa humanidade ao produzirmos nossa existência. Isso nos faz pressupor que a educação perpassa diversos espaços sociais, tais como: escola, família, comunidade, ruas, movimentos sociais, trabalho, lazer etc. Sendo a escola apenas um espaço específico que compõe esse amplo contexto de formação.

Compreendemos que os citados espaços abrigam diversas práticas sociais, uma vez que estas:

[...] decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social, e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA et al. 2014, p.33).

As práticas sociais se desdobram em espaço-tempo produzido e mantido pelas pessoas que delas participam, seja compulsoriamente ou por livre escolha, sendo sua permanência, desaparecimento ou transformação condicionada a estas pessoas que as desenvolvem, mantém ou suprimem, guiadas pelos objetivos traçados em determinado momento histórico (OLIVEIRA et al. 2014). Nessas práticas “[...] promove-se formação para

a vida na sociedade por meio dos processos educativos que estas desencadeiam; assim tem sido em todas as sociedades ao longo da história humana” (OLIVEIRA et al. 2014, p.35).

Segundo Freire (2001) a educação é um processo permanente de formação, é uma vocação natural resultante da incompletude humana e da ação e reflexão humana ao mundo. Nessa perspectiva, a educação revela-se como produção social de cultura. Para Freire (2001, p.21):

[...] não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado numa certa prática educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida inteira. O ser humano jamais para de educar-se. Numa certa prática educativa não necessariamente a de escolarização, decerto bastante recente na história, como a entendemos.

De acordo com o citado autor, a educação é permanente, pois ela se origina da consciência que o ser humano tem de sua finitude a qual, ao longo da história, permitiu incorporar à sua natureza o saber que sabia e, assim, saber que podia saber cada vez mais. Seu caráter permanente é tal que Freire (1994) afirma:

[...] “programados para aprender”, portanto para ensinar e, em consequência, para conhecer, mulheres e homens se autenticarão tanto mais quanto desenvolvam a *curiosidade* que venho chamando *epistemológica*. É enquanto *epistemologicamente curiosos* que conhecemos, no sentido de que *produzimos* o conhecimento e não apenas *mecanicamente* o *armazenamos* na memória (FREIRE, 1994, p.148).

No mesmo sentido Brandão (2008) afirma que o ser humano vive não em termos de tempo presente, mas dentro de um tempo que é uno e triplo: passado, presente e futuro, e que a vivência desta temporalidade permitiu o desenvolvimento de uma produção cultural, ou seja, a transformação das coisas da natureza em objetos de cultura de determinado mundo cultural. Tal produção só é possível porque “[...] a espécie humana, ao longo de sua história foi aprendendo” (p.28). Para o autor:

Somos seres vivos dependentes de estarmos a todo o tempo de nossas vidas – e não apenas durante algumas “fases” dela – aprendendo e reaprendendo. Somos pessoas humanas que dependemos inteiramente dos outros e de nossas interações afetivas e significativas com eles para aprendermos até mesmo a sermos... pessoas (BRANDÃO, 2008, p.28-29).

Brandão (2005; 2008) argumenta que o ser humano é o extremo da experiência educativa, pois cada indivíduo precisa aprender interativa e socialmente para se tornar uma

pessoa, um ser pessoal. Conforme aponta o citado autor, a educação ganha destaque na criação da vida humana, revelando seu papel essencial.

Fiori (1991a, 1991b) nos auxilia a compreender a educação no contexto da produção cultural. Segundo ele, educação e formação histórica do humano, equivale à produção da existência, que possui como base estrutural a produção material desta existência. Nessa perspectiva a cultura é o mesmo processo histórico em que o ser humano se faz e refaz mediado pelo mundo. Para o autor a cultura é o processo social de permanente recriação do mundo, da existência, do humano. De modo que, para o ser humano, constituir seu mundo e constituir-se é o mesmo, pois ele “[...] se forma, se educa, nas formas do mundo que ele elabora em comum” (FIORI, 1991b, p.89).

Brandão (2008) esclarece que a produção cultural não envolve apenas as coisas materiais que criamos. Segundo ele, a cultura está impregnada em tudo que nós nos transformamos ao estabelecermos nossa forma de convivência. Desta forma a cultura está presente na maneira como criamos: “[...] as palavras, as ideias, as crenças e as fábulas a respeito de quem nós somos; do porque somos quem somos; de como devemos ser uns com os outros, e como os outros que não são como nós (p.17)”.

Brandão (2008) também evidencia que o termo tem mais sentido quando escrito no plural, uma vez que, para ele, a natureza humana é uma só, porém as culturas são e seguem sendo múltiplas e diferentes, pois a espécie humana, historicamente situada, aprendeu a criar e transformar seus mundos e suas vidas de diversas formas.

A capacidade de se perceber existindo no tempo-espaço permite ao ser humano relacionar as experiências que vive em seu contexto de mundo para criar e recriar suas ações diante da necessidade de responder aos desafios que se apresentam, porém os diversos e múltiplos contextos históricos e sociais geram também diversas e múltiplas ações de respostas, as quais dão forma às diferentes culturas.

Segundo Freire (2001, 1992), é nessa busca pela superação dos desafios que o ser humano projeta-se ao mundo, lança-se à transcendência e destaca-se por sua produção cultural e histórica que, ao transformar o mundo, transforma também a si mesmo (FREIRE, 2001; 1992).

Compreendemos que é neste complexo contexto que se inter-relacionam educação e prática social, uma vez que, ao projetar-se ao mundo, o ser humano se põe em ato, se aventura e se arrisca na produção de sua existência e, de acordo com Freire (2001), é assim que nós, seres humanos, vamos “[...] nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte” (p.79).

No mesmo sentido Cota (2000) afirma que:

Os conhecimentos são construídos em práticas sociais, das quais participamos, quando se integram às críticas que deles fazemos, orientam nossas ações, formando-nos. Esta formação decorre de uma práxis que vamos construindo em colaboração com aqueles com quem convivemos (p.211).

De acordo com a citada autora, as práticas sociais se dão nas trocas possibilitadas pela interação que as pessoas estabelecem entre si ao significar o mundo e ao intervir nele. Para ela “[...] é participando de práticas sociais que as pessoas se abrem para o mundo” (COTA, 2000, p.211).

Conforme aponta Oliveira et al. (2014), os processos educativos estão presentes em todas as práticas sociais, e as pessoas delas participantes relacionam as aprendizagens, de modo que aquilo que aprendem em uma determinada prática serve de referência para novas aprendizagens em outros tempos-espços nos quais convivem, em outras palavras, elas interconectam os conhecimentos adquiridos em casa, na rua, no bairro, no parque etc, com suas novas experiências de aprendizagens, inclusive, aquelas que vivencia na escola. No mesmo sentido Cota (2000) afirma que é na reflexão constante, feita com base nas experiências e aprendizagens já vividas, que as pessoas respondem aos novos desafios com os quais se deparam nas práticas sociais que compõem. Nas palavras da autora: “[...] a partir disso vai construindo um novo conhecimento na própria prática” (p.214).

No entanto, cabem algumas ressalvas, pois como vimos até aqui as práticas sociais estão inseridas em culturas, sendo assim, as influenciam tanto quanto são influenciadas por elas. Isso significa que as práticas sociais podem, conforme Oliveira et al. (2014), promover ações que objetivem a transformação de realidades identificadas por determinado grupo ou comunidade como injustas, opressivas e discriminatórias, mas também podem atuar na manutenção de injustiças, desigualdades ou a renovação de critérios para classificar as pessoas em “mais” e “menos” humanas, garantindo a estas mais ou menos poder.

Nesse sentido, as práticas sociais abrigam os mais diversos tipos de relações, bem como múltiplas redes relacionais e “[...] nestas relações de convívio amistoso, tenso, acolhedor, excludente, as pessoas se educam na sua humanidade para a cidadania negada, conquistada, assumida” (OLIVEIRA et al., 2014, p.35).

Evidenciar isso é fundamental para compreendermos que os processos educativos se desencadeiam mesmo em práticas com intencionalidade de manutenção de injustiças, pois as pessoas injustiçadas que vivenciam tal prática se educam ao desenvolverem mecanismos de

resistência e luta. Obviamente isso não significa que concordemos com a existência e manutenção de tais práticas, apenas estamos indicando que mesmos nesses tempos-espços inóspitos ao humano, emergem processos educativos.

Cabe aqui, novamente, manifestar nossa compreensão sobre o que chamamos de processos educativos. São processos de aprendizagens orientados a educação, esta última, por sua vez, é aqui admitida no sentido freireano (FREIRE, 2001; 2005a), ou seja, comprometida com transformação social e política, voltada para superação das injustiças e discriminações de classe, de gênero, de raça entre outras. Em acordo com Gonçalves Junior, Carmo e Corrêa, (2015):

Entendemos que os processos educativos ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental para seu desenvolvimento o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, demandando autonomia, possibilidade de decisão e de transformação. Tais condições permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem, tendo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (p.176-177).

Essa mesma direção é também indicada por Fiori (1991b) que afirma: “O movimento em direção à liberdade, assim entendida, define o sentido do processo educativo como libertação. A educação, pois, é libertadora ou não é educação” (p.83-84).

Essa colocação se faz necessária, pois o ser humano, por sua incompletude característica, pode orientar sua formação tanto no sentido da humanização, ao *ser mais*, que segundo Freire (2005a), é sua vocação ontológica, mas também pode direcionar-se à desumanização, que para o citado autor, significaria uma transgressão ética. Diante disso, entendemos ser fundamental expor o projeto de mundo ao qual se orienta as aprendizagens, a fim de identificar quais podem, efetivamente, serem consideradas como processos educativos. Afinal, como vimos, até mesmo as práticas organizadas com objetivo de superar desigualdades podem apresentar incoerências e revelar relações de aprendizagens desumanizantes.

De modo semelhante Brandão (1986) indica que a cultura deve ser produzida a fim de garantir a realização do ser humano ao mundo e, por isso, para o autor, pensar cultura envolve conceber sua ética, sua política ou, em outras palavras, seu projeto de humanização. Por isso o autor adverte que, mais do que assumir a cultura como produto do trabalho humano sobre a natureza, devemos compreendê-la prioritariamente como processo, como ação

humana consciente sobre o mundo, ou seja, movimento do “[...] ser humano que *cria* a cultura e *faz* a história” (p.21).

Esse olhar para a ação nos auxilia a compreender o papel do ser humano na produção cultural e com isso desvela também as relações de poder que se inserem nesse contexto. Percebemos isso observando que na situação de produção cultural a maioria das pessoas não participa da ação que produz o modelo cultural dominante, apenas o reproduzem alienadamente ou, procurando exercer alguma resistência, se envolvem em uma produção cultural subalterna, assim compreendida não pela qualidade de sua produção, mas pela desqualificação que esta sofre frente à cultura dominante.

Nesse sentido, Brandão (1986, p.37) afirma que “[...] as ‘culturas’ de uma cultura são modos também políticos de controle e resistência ao controle” e que, por isso, “[...] antes de haver, no espaço de estilos que as separa, diferenças de gostos e de níveis, há relações políticas de apropriação, expropriação, conflito, luta, opressão, resistência, controle, manipulação e revolta” (p.37), o que significa que a ação de uma determinada cultura pode influenciar e modificar também outras culturas.

Incrustado nessa complexa teia de relações é que o ser humano educa e educa-se ao mundo e, para compreendermos melhor esse contínuo processo de conhecimento, no qual ele encontra-se inserido, necessitamos dedicar certa atenção à ontogênese do conhecimento, a explicitação dos referenciais que tem nos orientado, bem como aos desdobramentos oriundos dessa elaboração, questões que abordaremos a seguir.

1.1. Educação e Motricidade: a experiência humana como currículo

Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: “Ciço, como é que um menino aprende o cantorio? As respostas?” Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanho o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantorio? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca uma caixa, tá aprendendo a caixa; faz um tipe, tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido (SOUSA, 1984, p.8).

Com a citação anterior gostaríamos de chamar atenção para a descrição do processo de aprendizagem relatado, quando afirma que ele se dá *no costume, no ato, no seguir do acontecido*. Essas palavras são relevantes e nos auxiliam a compreender o processo de conhecimento desde uma perspectiva fenomenológica, a partir da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1991; SÉRGIO; TORO-ARÉVALO, 2005; MERLEAU-PONTY, 2011) e de

algumas correntes da biologia do conhecimento com aporte na Neurofenomenologia (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2005; VARELA, 2010; MATURANA-ROMESÍN, 2014). Destacamos aqui o papel da motricidade na experiência vivida pelas pessoas, salientando que nossa opção por essa perspectiva epistemológica busca superar a visão dicotômica do ser humano que o tem fragmentado em corpo/mente, sujeito/objeto, ser/mundo.

Conforme Sérgio (1999), entendemos a Motricidade Humana como o “[...] movimento intencional da transcendência” (p.17), no qual o essencial é a experiência originária que motiva as ações empreendidas por alguém. A experiência é ponto de partida e de chegada, pois nossas ações ao mundo se baseiam em nossas vivências anteriores e geram novas experiências. Nas palavras de Sérgio (1999), “O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida” (p.17-18).

A motricidade é potência e a passagem de potencia a ato é movimento. Nessa perspectiva todo movimento humano é, em si, a materialização de um pré-ato, de uma intenção, de um projeto, e por isso envolve sempre um risco (SÉRGIO, 1999). Assim, a partir dos referenciais da Motricidade Humana, cabe interpretar o ser humano como uma corporeidade que se propõe e se ex-põe a outras e com essas com-põe o mundo (SÉRGIO, 1996).

No presente estudo, compreender o movimento humano é fundamental e, como vimos, nossa opção envolve toda a complexidade do ser em ato, não apenas o movimento em si, ou seja, envolve a motricidade. Por muito tempo o movimento humano foi estudado a partir da dinâmica de estímulo-resposta, como se o movimento fosse uma resposta simples a determinada representação de um mundo exterior. Isso nos levou a noção de corpo-máquina habitado por uma consciência, ou seja, um dispositivo que leva a consciência de um lugar a outro. Essa dinâmica não considera o enredamento da estrutura do ser que percebe. Para Merleau-Ponty (2011, p.88):

O sentir, destacado assim da afetividade e da motricidade, tornava-se a simples recepção de uma qualidade, e a fisiologia acreditava poder acompanhar, desde os receptores até os centros nervosos, a projeção do mundo exterior no ser vivo. O corpo vivo assim transformado deixava de ser meu corpo, a expressão visível de um Ego concreto, para tornar-se um objeto entre todos os outros. Correlativamente, o corpo do outro não podia aparecer-me como o invólucro de um outro Ego. Ele não era mais que uma máquina, e a percepção do outro não podia ser verdadeiramente percepção *do outro*.

Essa dicotomia entre corpo e mente possui seus desdobramentos nas ciências da cognição. Segundo o biólogo e neurocientista Varela (2010), normalmente a cognição está

diretamente relacionada com a representação exitosa de um mundo exterior previamente dado e com a resolução de uma situação problema nele apresentada. Porém ele argumenta que esta é uma visão restrita do processo de conhecimento, pois para ele a habilidade cognitiva consiste em propor os temas relevantes a serem abordados, ou seja, mais que a capacidade de resolver um problema é a capacidade de, desde uma situação determinada, trazer a um primeiro plano aquilo que naquela conjuntura interpretamos como problema, pois este não está previamente dado pelo contexto.

No mesmo sentido, Merleau-Ponty (2011) afirma que o sensível não pode mais ser definido como um simples efeito de um estímulo externo, nas palavras do autor:

[...] a “qualidade sensível”, as determinações espaciais do percebido e até mesmo a presença ou a ausência de uma percepção não são efeitos da situação de fato fora do organismo, mas representam a maneira pela qual ele vai ao encontro dos estímulos e pela qual se refere a eles (MERLEAU-PONTY, 2011, p.113-114).

Esses autores apresentam uma forte crítica à visão representacionista que tem orientado as ciências cognitivas e trazem à tona a co-determinação, a imbricação ser-mundo, sujeito-objeto. Varela, Thompson e Rosch (2005), inspirados na fenomenologia de Merleau-Ponty, apresentam aquilo que vêm chamando de dimensão *enativa* do conhecimento. O termo enativo serve justamente para evidenciar a convicção de que a cognição não é uma mera representação do mundo exterior por uma mente pré-dada, mas uma elaboração mútua de ambos que se dá a partir da história de ações que um ser realiza ao mundo.

Sobre o papel da ação, Varela (2010), afirma que *a mente não está na cabeça* e que o objeto surge como fruto de nossa atividade encarnada, portanto, sujeito e mundo co-emergem. Argumentando nesse sentido, Varela, Thompson e Rosch (2005) citam diversas pesquisas científicas, dentre elas, uma experiência realizada com pessoas cegas nos auxilia a compreender a dimensão *enativa*¹⁴. Segundo os autores, um pesquisador construiu uma câmera de vídeo para pessoas cegas, a qual transforma as imagens por ela captadas em estímulos de vibração distribuídos em pontos múltiplos na pele da pessoa que a utiliza, em suma, o equipamento transforma imagens em padrões de estimulação cutânea, substituindo a perda visual. No entanto, isso ocorre somente quando a pessoa que recebe os estímulos é condutualmente ativa, ou seja, quando é ela mesma quem dirige o equipamento com movimento da cabeça, mãos e corpo. Quando é a pessoa cega que ativamente conduz a

¹⁴Experiência relatada no trabalho *Brain Mechanisms in Sensory Substitution* de Paul Bach-y-Rita (1972), citado por Varela, Thompson e Rosch (2005, p.205).

câmera, após várias horas de utilização, ela passa interpretar os estímulos não mais como sensações da pele, mas como imagens projetadas no espaço.

Segundo Varela, Thompson e Rosch (2005), tal experiência respalda a perspectiva enativa do conhecimento, pois foi necessário o *mover-se* para *ver*, de modo que o espaço e os objetos surgiram como produto da ação empreendida. Com isso esses autores efetuam um giro paradigmático que reconhece a cognição, ou seja, o processo de conhecimento, enquanto ação corporizada.

Expliquemos qué significa el giro “acción corporizada”. Al hablar de “corporizada”, deseamos subrayar dos elementos: primero, que la cognición depende de las experiencias originadas en la posesión de un cuerpo con diversas aptitudes sensorio-motrices; segundo; que estas aptitudes sensorio-motrices están encastradas en un contexto biológico, psicológico y cultural más amplio¹⁵ (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2005, p.202-203).

Os citados autores colocam também como exemplo a categorização das cores que, segundo eles, depende inteiramente de uma complexa rede de processos perceptivos e cognitivos, alguns próprios da espécie e outros culturais, assim as categorias verde, amarelo e o roxo são necessariamente experienciais, consensuais e corporizadas, ou seja, “[...] dependen de nuestra historia biológica y cultural de acoplamiento estructural”¹⁶ (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2005, p.201).

Maturana-Romesín (2014) nos auxilia a entender esse processo de acoplamento estrutural. Segundo ele, a organização do ser vivo deve ser invariante, porém sua estrutura pode mudar, desde que não altere a organização que, no caso dos seres vivos, é a organização autopoietica, ou seja, aquela que o torna capaz de auto reproduzir-se.

As mudanças estruturais ocorrem, conforme afirmam Varela, Thompson e Rosch (2005), pois o cérebro opera de forma distribuída a partir de interconexões massivas e as conexões entre seus conjuntos de neurônios mudam conforme o resultado da experiência. Segundo eles, essas respostas neuronais são muito sensíveis ao contexto, de modo que até mesmo uma mudança de postura frente a um estímulo sensorial idêntico “[...] altera las respuestas neuronales en la corteza visual primaria, demostrando que incluso el *motorium*,

¹⁵ Expliquemos o que significa o giro “ação corporizada”. Ao falar “corporizada” desejamos sublinhar dois elementos: primeiro, que a cognição depende; que estas habilidades sensorio-motrices estão nas experiências originadas na posseção de um corpo com diversas habilidades sensorio-motrices; segundo; que estas habilidades sensorio-motrices estão inseridas em um contexto biológico, psicológico e cultural mais amplo (Tradução livre).

¹⁶ [...] dependem de nossa história biológica e cultural de acoplamento estrutural (Tradução livre).

aparentemente remoto, está en consonancia con el *sensorium*¹⁷ (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2005, p.121).

Nessa perspectiva, a percepção é considerada uma ação, uma vez que o ser que percebe guia suas ações em sua situação local, no entanto, essa situação muda continuamente decorrente da ação empreendida por quem percebe, assim o ponto de referência para compreender a percepção já não pode ser um mundo pré-dado que existe independentemente do ser que percebe. A percepção, portanto, relaciona-se intimamente com a estrutura sensório-motriz do ser que percebe, ou seja, o modo que ele está corporizado, e é esta estrutura, que também não é pré-dada, quem determina como o ser que percebe pode atuar e ser modulado pelas influências ambientais (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2005).

Assim, frente à ampla possibilidade de mudanças estruturais, o fator determinante para a conservação dessas mudanças é a manutenção da vida, de modo que o ser vivo permanecerá vivo enquanto as mudanças estruturais que conserva, sejam quais elas forem, não afete sua autoprodução no meio em que se encontra.

Más aún, la conducta observable, en nosotros mismos por ejemplo, no escapa a esto y lo que vemos como comportamiento en cualquier ser vivo bajo la forma de acciones en un contexto determinado, es, por decirlo así, la coreografía de su danza estructural. Como resultado de esto, la conducta de un ser vivo es adecuada sólo si sus cambios estructurales ocurren en congruencia con los cambios estructurales del medio, y esto sólo ocurre mientras su estructura permanece congruente con el medio durante su devenir de continuo cambio estructural¹⁸ (MATURANA-ROMESÍN, 2014, p. 22-23).

Diante do exposto, notamos que nosso determinismo biológico é menor do que sugere o paradigma representacionista, pois as possibilidades de ação são muitas e, até por isso, o processo de conhecimento depende, sobretudo, de nosso acoplamento estrutural, ou seja, de nosso modo de existência, de nossa corporização, de nossa motricidade. A riqueza de alternativas em que estamos imersos é tal que, conforme Maturana-Romesín (2014):

Tanto el niño que llega a adulto siendo un responsable ciudadano, como el niño que llega a adulto siendo un depreciable bandido, se han movido en el mundo en correspondencia con su medio [...]. El que a mí no me guste la vida criminal no

¹⁷ [...] altera as respostas neuronais no córtex visual primário, demonstrando que inclusive o *motorium*, aparentemente remoto, está em consonância com o *sensorium* (Tradução livre).

¹⁸ Mas ainda, a conduta observável em nós mesmos, por exemplo, não escapa a isto. E o que vemos como comportamento em qualquer ser vivo na forma de suas ações em um contexto determinado é, por assim dizer, a coreografia de sua dança estrutural. Como resultado disso, a conduta de um ser vivo é adequada apenas quando suas mudanças estruturais ocorrem em congruência com as mudanças estruturais do meio, isto ocorre somente enquanto sua estrutura permanece congruente com o meio durante seu devir de contínua mudança estrutural (Tradução livre).

quiere decir que el criminal que está vivo en alguna parte no está en correspondencia con su médio¹⁹ (p.95).

A partir do exposto, consideramos que não existe interação ou experiência trivial na existência humana, o que nos permite compreendê-la como currículo. Estamos de acordo com Martinez-Bonafé (2013), quando afirma que o currículo²⁰ tem vivido dentro das paredes das salas de aula, isolado do mundo, onde os saberes, a fragmentação disciplinar, o academicismo e o texto único são características dominantes. Em uma visão ampliada da educação, tal como apresentamos nesta tese, não caberia tal compreensão, para nós o currículo extrapola as paredes da escola, pois nos formamos nas mais diversas práticas sociais que tomamos parte. Assim, tudo que fazemos em nosso viver cotidiano faz parte de nossa formação, portanto, torna-se currículo, daí nossa compreensão de currículo como sendo o conjunto de experiências das quais participamos, considerando todos os tempos-espacos-práticas onde estamos inseridos intencionalmente ou não. Elaboramos tal compreensão inspirados no texto de Martinez-Bonafé (2013), o qual evidencia que o sujeito habita e é habitado pelo currículo, ressaltando com isso o caráter dinâmico da produção cultural, ou seja, de tudo que o ser humano produz e significa em suas práticas individuais, sociais e institucionais, bem como nos escritos de Maturana-Romesín e Dávila-Yáñez (2015), para quem o viver humano constitui o fundamento epistemológico único de todo conhecer e de todo saber.

Assim, temos a experiência humana ou, nas palavras de Maturana-Romesín e Dávila-Yáñez (2015), nosso viver e conviver diário, como substrato epistemológico unitário, pois é o único âmbito desde onde podemos ver, explicar e compreender, de modo que toda nossa vivência cognitiva ocorre nele. Segundo o autor e autora citados tanto é assim que:

[...] lo que de hecho hacemos cuando en nuestro vivir cotidiano queremos saber si una persona tiene conocimientos en algún dominio particular del mundo que vivimos, es mirar su conducta, su hacer en ese dominio, y si vemos que ella se conduce en él según lo que nosotros consideramos es una conducta adecuada en ese

¹⁹ Tanto a criança que chega a adulto como um responsável cidadão, como aquela que se torna um depreciável bandido, moveram-se no mundo em correspondência com seu meio [...] Que a mim não agrade a vida criminal não quer dizer que o criminoso que está vivo em alguma parte não está em correspondência com o meio em que vive (Tradução livre).

²⁰ De acordo com Cunha (1997, p.352), o termo currículo deriva da palavra latina curriculum que possui o significado de “ato de correr” e cuja raiz etimológica, segundo Gimeno-Sacristán (2013, p.16), é a mesma dos vocábulos *cursus* e *currere*. Com isso podemos compreender que, etimologicamente, currículo seria aquilo que se faz no curso, na corrida, ou seja, refere-se à ação no percurso, no caso, às experiências vivenciadas no decorrer de nossas vidas, tal como expressa o termo *curriculum vitae* (curso de vida) frequentemente utilizado para comunicar experiências profissionais acumuladas.

dominio, decidimos que esa persona tiene los conocimientos adecuados para operar en él²¹ (MATURANA-ROMESÍN; DÁVILA-YÁÑEZ, 2015 p. 126).

Neste sentido, concordamos com Maturana-Romesín e Dávila-Yáñez (2015) quando afirmam o conhecimento como a capacidade operacional que o ser humano reconhece no outro em determinado domínio da existência, em um domínio particular da ação. Desse modo, o conhecer é uma relação interpessoal de coerências de ação nos mais diversos domínios que geramos em nosso viver diário, porém, devemos considerar que sempre descrevemos e explicamos as coerências de ações de nosso viver desde a realização de nosso viver.

Por isso, afirmam o autor e autora citados, que o epistemológico é a própria realização de nosso viver, o único local em que tem validade nossas afirmações cognitivas, ou seja, nosso conhecimento. No entanto, na cegueira epistemológica circunstancial que tem posto o conhecimento como algo absoluto, existente em si mesmo e a ser descoberto pela Ciência, não vemos que:

[...] los mundos que vivimos surgen como ámbitos recursivos de coordinaciones de sentires, emociones y haceres en la realización de nuestro convivir abiertos a una continua diversificación precisamente porque ocurren en la dinámica recursiva del devenir histórico del suceder de nuestro reflexionar e de nuestro hacer²² (Maturana; Dávila, 2015, p.123)

Diante disso, assevera Maturana-Romesín (2014) que todas as experiências são fundamentais, pois a cada uma possibilita mudanças estruturais e, por seu aspecto cumulativo, desencadeia-se como modificação do estado prévio das vivências subsequentes, tendo, portanto, um caráter histórico e irreversível. No mesmo sentido contribui Merleau-Ponty (2007):

Com a primeira visão, o primeiro contato, o primeiro prazer, há iniciação, isto é, não posição de um conteúdo, mas abertura de uma dimensão que não poderá mais vir a ser fechada, estabelecimento de um nível que será ponto de referência para todas as experiências daqui em diante (p.146).

Quando tratamos de experiência, estamos tratando de Motricidade Humana, que implica necessariamente em experiência motora. Dizemos isso porque, segundo Merleau-

²¹ [...] O que de fato fazemos quando em nosso viver cotidiano queremos saber se uma pessoa tem conhecimentos em algum domínio particular do mundo que vivemos, é observar sua conduta, seu fazer nesse domínio, e se vemos que ela de conduz nele segundo aquilo que consideramos é uma conduta adequada naquele domínio, decidimos que aquela pessoa tem os conhecimentos adequados para operar nele (Tradução livre).

²² [...] os mundos que vivemos surgem como âmbitos recursivos de coordenações de sentires, emoções e fazeres na realização de nosso conviver aberto a uma contínua diversificação precisamente porque ocorrem na dinâmica recursiva do devir histórico do suceder de nosso refletir e de nosso fazer (Tradução livre).

Ponty (2011), nossa experiência motora não é um caso particular de conhecimento, ela é uma “praktognosia” que deve ser reconhecida como originária, pois:

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores como a dança. Ora enfim a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa em instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural (MERELEAU-PONTY, 2011, p. 203).

Nossa relação com o mundo se dá, única e exclusivamente, corporalmente, a percepção, as sensações e nossas ações são evidências dessa relação. A percepção sinestésica é a regra, mas o saber científico tem nos afastado da experiência e, de modo geral, temos desaprendido a ver, ouvir e a sentir, ao conduzirmos nossas ações por deduções realizadas a partir do mundo tal como concebe o físico, nos informando o que devemos ver, ouvir e sentir (MERLEAU-PONTY, 2011).

Contribui para nossas reflexões Boufleuer (2010), que a partir da leitura que faz das obras de Paulo Freire, apresenta-nos que o conhecimento não é algo que existe no abstrato, pois: “Ele só existe “aderido” a pessoas, enquanto significado por sujeitos cognoscentes, ou reconhecido como tal. Um ato de conhecer implica, portanto, a cumplicidade do sujeito que o realiza. Cumplicidade no sentido de necessitar “comparecer” com seus sentidos e percepções [...]” (p.85).

Reconhecer isso nos obriga a superar a visão de processo educativo como simples transmissão de conhecimento, pois como vimos, o conhecimento não se entrega, não se dá na passividade, ele se origina da relação ser-mundo, ou seja, se dá *no ato*. Assim, aprender determinada coisa significa adquirir certo estilo de percepção, significa ampliar e reorganizar o esquema corporal (MERELEAU-PONTY, 2011).

Conforme aponta Duarte Junior (1998) a sensação de prazer é um ato de conhecimento que interpreta positivamente quando determinada ação estabelece uma relação organismo-meio que seja favorável à sobrevivência.

No entanto, os seres humanos convivem em uma determinada cultura, ou seja, uma dimensão simbólica que possui uma gama outra de valores e desejos que nos imbricam em relações mais complexas do que a simples sobrevivência, por isso, no caso dos seres humanos, a interpretação que orienta nosso acoplamento estrutural é realizada considerando

questões de sobrevivência, mas, sobretudo, possui como base os valores culturais que atribuímos ao mundo. Diante disso:

Um valor positivo é aquele que auxilia o homem na manutenção da vida e de seu significado (a existência); um negativo, ao contrário, diz respeito à destruição da vida e sua coerência. Portanto, os valores são filhos diretos da relação homem-mundo, gerados pela necessidade de sobrevivência e paridos pelo universo simbólico que o homem construiu (DUARTE JÚNIOR, 1998, p.28).

Porém, valores considerados positivos perante a significação da existência culturalmente atribuída, não são necessariamente bons. A fé no poder emancipador do conhecimento científico e domínio tecnológico, por exemplo, tem conseguido postergar ou subestimar as consequências negativas de nosso modo de existência e com isso justificar sua manutenção. Do mesmo modo, a crença, biologicamente fundada na evolução da espécie, de que a competição e a agressividade compõem a natureza da espécie humana, tem nos levado a aceitar um modelo econômico e de organização social em que sobrepujar o outro passa a ser uma maneira natural de relacionar-se.

O biólogo Maturana-Romesín (2004) nos auxilia na abordagem desta problemática. Ao abordar a evolução da espécie humana, ele evidencia que não existiria socialização e nem constituição de linguagem se não existisse entre as pessoas um sentimento mútuo que lhes permitissem a criação de códigos e símbolos comuns. A esse sentimento o autor atribui o nome “amor”, pois é ele que nos permite reconhecer o outro como um legítimo ser em coexistência. Para ele a existência humana fundamenta-se na biologia do amor, sentimento sem o qual não existiria o fenômeno social, o que o faz compreender que o conflito entre o bem e o mal vivenciado pela espécie humana ao longo de sua história não pode estar ligado a nossa animalidade, pois, se assim o fosse, não conseguiríamos estabelecer contato uns com os outros para a construção da linguagem e de outros elementos que constituem as diferentes culturas.

Com frequência, dizemos que tanto a luta entre o bem e o mal quanto o viver em agressão são características próprias da natureza biológica dos seres humanos. Discordo, não por pensar que o ser humano, em sua natureza, seja pura bondade ou pura maldade, mas porque considero que a questão do bem e do mal não é biológica e sim cultural (MATURANA-ROMESÍN, 2004, p.106).

O autor também afirma que por sermos seres culturais, somos capazes de viver em qualquer cultura que garanta o mínimo de desenvolvimento inicial para o crescimento da criança, por isso podemos cultivar culturalmente a agressão, a guerra, o ódio, o controle, a

obediência, gerando culturas que mantenham e alimentem esses domínios de ações. Para o citado autor o ser humano é, sem dúvida, biologicamente capaz de qualquer emoção, inclusive daquelas que constituem um domínio de ações que nos leve à negação do outro. No entanto, estes domínios podem ser vividos como episódios transitórios, mas também podem ser mantidos pela alienação cultural que distorce a condição humana e nos leva para infelicidade.

A importância do que foi apresentado para a Educação revela-se, pois conforme argumenta Maturana-Romesín (2004), a aprendizagem do emocionar-se é culturalmente transferível.

Em outras palavras, nossas mães nos ensinam sem saber que o fazem, e aprendemos com elas, na inocência de um coexistir não-refletido, o emocionar de sua cultura; e o fazemos simplesmente convivendo. O resultado é que, uma vez que crescemos como membros de uma dada cultura, tudo nela nos resulta adequado e evidente. Sem que percebamos, o fluir de nosso emocionar [...] guia nossas ações nas circunstâncias mutantes de nossa vida, de maneira que todas as ações pertencem a essa cultura (p.43).

Prosseguindo com a argumentação do autor, as transformações culturais foram antes de tudo balizadas por mudanças ocorridas nas formas de emocionar-se, pois é a justamente possibilidade de emocionar-se de outra maneira em uma mesma situação que permite ao ser humano agir de modo também distinto. Assim, a forma como nos emocionamos ao nos relacionarmos com as pessoas e também com os objetos que criamos e utilizamos diariamente são socialmente aprendidas e, portanto, uma vez identificada como inadequada, podem ser também paulatinamente modificadas, ensinadas e aprendidas socialmente.

Nossa motricidade vai sendo constituída ao convivermos, pelas emoções vamos guiando nossas ações ao mundo e, por nossas interações sensório-motoras recorrentes decorrentes desta, encarnamos o emocionar presente em determinada cultura. Para Varela (2010, p.247), “[...] uno de los descubrimientos más impactantes de los últimos años es que el afecto o la emoción está en el origen de lo hacemos todos los días en nuestro manejo e interacción con el mundo”²³.

Nossas emoções se expressam nos hábitos motores cotidianos e, por meio destes, projetamos um mundo cultural que possui também uma dimensão material. Vivemos entre objetos que produzimos e reproduzimos no processo de manutenção de nossa existência que é material e simbólica. Segundo Merleau-Ponty (2011), a aquisição de um hábito é apreensão motora de uma significação motora, pois:

²³ [...] um dos descobrimentos mais impactantes dos últimos anos é que o afeto ou a emoção está na origem daquilo que fazemos todos os dias em nosso modo de ser e estar no mundo (Tradução livre).

Os lugares do espaço não se definem como posições objetivas em relação à posição objetiva de nosso corpo, mas eles inscrevem em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos ou de nossos gestos. Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos (p. 199).

O uso que fazemos de determinado objeto ou instrumento exprime a relação que estabelecemos com o mundo, por isso, se julgamos essa relação como inadequada, o único meio que temos de transformá-la é mudando nosso modo de existência, o que envolve uma mudança de hábitos e, em muitos casos, criação ou adoção de instrumentos ou objetos com os quais não estamos familiarizados. A grande dificuldade atual é reconhecermos que o saber objetivo não basta. Não é suficiente, por exemplo, saber cientificamente que a bicicleta é sustentável porque polui menos que o carro para promover uma mudança em nosso costume, pois o hábito é um saber encarnado, ou seja, um conhecimento “[...] que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma designação objetiva” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 199).

O grande dilema contemporâneo é que temos sido condicionados a um estilo de vida que envolve uma alienação na utilização de determinados objetos (automóvel), na frequência de determinados tipos de espaço (*shopping*) e na vivência predominante de certo tipo de emoção (medo), e isso tem nos feito encarnar a estrutura de valores sociais de uma elite política e economicamente dominante, que tem orientado nossa percepção, ou seja, nosso modo de ver, ouvir e agir ao mundo.

Nesse contexto, a cidade emerge como tempo-espaço privilegiado para a reprodução de determinados valores culturais. Crescendo vertiginosamente desde a revolução industrial, os centros urbanos têm orientado nossas atividades sensório-motoras, tornando determinada motricidade recorrente e obstruindo outras tantas, de acordo com os interesses dos grupos dominantes. Isso nos faz observar, inspirados nos escritos de Santos (2002), que existem motricidades ausentes, ou seja, formas de ser ao mundo que são intencionalmente transformadas em alternativas não credíveis, negadas, frente à forma de ser imposta pelo grupo dominante.

Abordar o espaço urbano nos parece fundamental para argumentar sobre as relações que temos observado entre bicicleta e educação, pois o uso da bicicleta nas cidades, mesmo frente aos amplos debates envolvendo questões de mobilidade urbana e meio ambiente, é ainda uma motricidade ausente (negada), ainda que muito utilizada por grande parte da população economicamente menos favorecida. Sabemos de seus benefícios para saúde, meio

ambiente e mobilidade urbana, mas continuamos privilegiando o uso do automóvel na construção de nossas cidades. Não experimentamos ou consideramos o uso da bicicleta como transporte porque ele é intencionalmente tornado ausente, por exemplo, pela falta de políticas públicas que garantam minimamente essa opção modal.

Nos últimos anos, graças à atuação dos movimentos sociais, o uso da bicicleta vem se afirmando como uma motricidade emergente, a qual, por influência de Santos (2002), nós temos compreendido como um modo de existência que, vislumbrando o futuro de maneira simultaneamente utópica e realista, busca constituir-se no presente por meios de atividades de cuidado. Os movimentos cicloativistas têm colocado a bicicleta nas ruas e buscando sua inserção nos planos de mobilidade, alertando que se quisermos cidades melhores no futuro temos que começar a cuidar disso desde já.

A motricidade e o espaço urbano possuem uma íntima relação, se implicam mutuamente e, portanto, pensar sobre educação exige necessariamente considerar a ação humana nesse campo de interação. As pessoas se constituem ao constituírem a realidade cotidiana das cidades, por isso, concordamos com Sennett (2003) quando afirma que é fundamental compreender “[...] como as questões do corpo se expressam na arquitetura, no urbano, na vida cotidiana” (p.15). Afinal, conforme afirma o autor, a carne se torna pedra por meio da ação humana ao mundo e a pedra se torna carne através das experiências que o ser humano vive no mundo que cria.

Freire (2005b) também contribui com nossas reflexões que tratam sobre o papel do corpo na constituição do mundo, ou melhor, do corpo-mundo.

[...] o corpo é o que eu faço, ou talvez melhor, o que eu faço faz meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, memoriza a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo (p.92).

Corroborando com o exposto, Sérgio e Toro-Arévalo (2005) afirmam que a motricidade é, ao mesmo tempo, expressão, pois enquanto ação materializa seu projeto de mundo, e impressão, uma vez que não sendo um dado o corpo-sujeito, ao agir, constitui-se em identidade. Conforme afirmam os autores, a existência humana apresenta-se como um incessante movimento de busca direcionado a satisfação das carências, superação de limites ou ampliação dos modos de existência. Isso nos faz compreender que nossa opção epistemológica:

[...] se converte em compromisso vital de reconhecimento de um sujeito capaz de oferecer resistência, de transformar, de lutar, de contradizer, de construir, desconstruir e de criar a si mesmo. Nesse sentido, a aposta pelo encaminhamento e a geração de propostas de humanização com sujeitos criadores que através de suas práticas (com os outros e sobre si mesmo) se emancipam, geram espaços de pensamento crítico e transformam seus contextos socioculturais (HURTADO-HERRERA, 2005, p.70).

Não podemos, diante disso, nos restringirmos a uma epistemologia dominante, a qual parte do princípio de que o que somos é o simples resultado de uma sucessão de estímulos exteriores e que foi responsável pela elaboração e formalização de um modo de ser e, portanto, de conhecer que, conforme alerta Quijano (2010), serviu para suprir as necessidades cognitivas do capitalismo, medição e objetivação do cognoscível para controle, domínio e exploração. Por isso buscamos para este estudo um enfoque fenomenológico, pois segundo Merleau-Ponty (2007):

Desde que se pare de pensar a percepção como ação do puro objeto físico sobre o corpo humano e o percebido como resultado “interior” dessa ação, parece que toda distinção entre o verdadeiro e o falso, o saber metódico e os fantasmas, a ciência e a imaginação, vem por água abaixo (p.35).

Nossa intenção ao explicitar os referenciais que nos orientam na compreensão do processo de conhecimento é aclarar que essa escolha tem uma ampla implicação, para além de uma simples determinação de ponto de vista. Conforme sugere Maturana-Romesín (2014), a questão de um mundo já estabelecido ou um mundo que se dá a partir da ação efetiva tem uma base que deve ser considerada, pois desde a representação, que se apoia no objeto em si, desenvolve-se uma dinâmica não democrática em que, um sistema autoritário, define o que existe e o que não existe. Enquanto que uma compreensão enativa do conhecimento, em que sujeito e mundo se dão na relação, carrega consigo, não por acaso, um fundo democrático reconhecendo que todos os seres humanos possuem uma participação na configuração do mundo.

Os desdobramentos desses pontos de vistas são amplos e, querendo ou não, vão influenciar e fundamentar modos de agir, por exemplo, um olhar representacionista, pela inexorabilidade que apresenta, tende a encaminhar as pessoas a uma razão indolente que, segundo Santos (2000, p.42), é aquela que se desenvolve sob o seguinte raciocínio: “[...] se o futuro é necessário e o que tiver que acontecer acontece independente do que fizermos, é preferível não fazer nada, não cuidar de nada e gozar apenas o prazer do momento”. Para o autor ela é uma razão indolente porque desiste de pensar frente à necessidade e ao fatalismo.

Em contrapartida, uma análise do ponto de vista enativo, favorece posturas rebeldes que, em acordo com Freire (2000, p.81), são aquelas que “[...] nos engajam no processo radical de transformação do mundo”.

De acordo com Santos (2000), devemos questionar as formas de socialização e educação a que estamos expostos e entender se estão nos levando a uma razão indolente, conformista, ou a uma razão legitimamente rebelde. E nesse sentido, concordamos com Maturana-Romesín (2014), assumindo que nenhuma experiência humana é trivial, e que educação também tem a ver com viver em um mundo com determinadas características e exclusão de outras, o que envolve a produção de um determinado âmbito experiencial. Segundo ele: “No da lo mismo estar en un mundo con ciertas características que estar en un mundo con otras características. No da lo mismo estar en una sociedad democrática que en una no democrática”²⁴ (MATURANA-ROMESÍN, 2014, p.103).

Por isso acreditamos que experienciar novos modos de existência é fundamental para promover processos educativos e que é cada vez mais necessário tomarmos contato com as motricidades ausentes, pois somente a partir dessas práticas é que poderemos vivenciar outra forma de relação ser-mundo e, com isso, adquirir conhecimentos que nos possibilite oferecer resistência à pedagógica do capital que se impõe, e sobre a qual trataremos a seguir.

1.2. Pedagogia do capital e a supremacia de um modelo epistemológico dominante

Então, “educação”. É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua (SOUSA, 1984, p.8).

Compreender a pedagogia do capital que se impõe atualmente nos exige tratar aqui sobre a modernidade, período histórico importante que teve influência em todo o mundo, mas que teve efeitos bastante distintos quando consideramos os países do norte e do sul. Para isso, partimos de uma perspectiva latino-americana buscando trazer à tona os efeitos decorrentes da modernidade e analisar o processo pedagógico que se instaura desde as práticas sociais dela emergente.

O crescente processo de urbanização capitalista acenta-se na modernidade e, apoiado em sua epistemologia dominante, tem se espalhado por todo o globo como a única forma de desenvolvimento possível. Proveniente disso, somente o passado do mundo autoproclamado

²⁴ Não dá no mesmo estar em um mundo com certas características ou estar em um mundo com outras características. Não dá no mesmo estar em uma sociedade democrática que em uma sociedade não democrática (Tradução livre).

moderno tem sido considerado historicamente, encobrendo o passado dos outros povos que habitam a Terra, gerando uma visão eurocêntrica de mundo. Um exemplo desse encobrimento pode ser observado quando buscamos a origem das cidades, tema de interesse nesse estudo.

É bastante comum nos estudos do ocidente pressupor que as cidades se originaram com as cidades-estados, presentes nas sociedades grega e romana, porém, apesar da grande contribuição que as organizações sociais desses povos ofereceram a cultura ocidental, é justo reconhecermos que civilizações orientais tanto na Ásia como na África também possuíam núcleos urbanos desenvolvidos que, inclusive, influenciaram as sociedades gregas e romanas a incorporar hábitos e costumes que conheceram graças ao intercâmbio com os povos orientais. No mesmo sentido, também é imperativo afirmar a existência de grandes cidades também no continente americano, construídas pelos povos que aqui habitavam (Incas, Maias e Astecas) como, por exemplo, Tenochtitlán, atual México, que reunia cerca de 300 mil habitantes na época em que ocorreu a invasão espanhola (SILY, 2008).

Frente a isso, assim como não existe um modelo único de cidade, também não se pode dizer que um determinado conceito de cidadania possa ser definido como padrão, pois a cidadania é uma construção histórica. De maneira geral, o conceito refere-se às relações estabelecidas entre as pessoas e a sociedade, relações estas reguladas por regras que estabelecem direitos e deveres, a cada cidadão e ao estado, e que variam conforme as condições históricas e culturais de cada grupo (SILY, 2008). Nas cidades-estado gregas, por exemplo, as mulheres, estrangeiros e escravos, que somavam a maioria da população, eram excluídos da condição de cidadão, pois a cidadania restringia-se aos “[...] proprietários de terras que detinham o poder político, com direitos e deveres estabelecidos, participando das decisões políticas que diziam respeito a toda a comunidade, votando e ocupando cargos públicos, dentre outros direitos” (SILY, 2008, p.9).

Tal retomada histórica se faz necessária para lembrarmos que, apesar de nos referirmos atualmente aos centros urbanos utilizando palavras como: cidade, originária da expressão latina *civitas*, e metrópole, etimologicamente ligado ao termo grego *polis*, existiram diferentes tipos de organização social urbana pelo mundo antes da proliferação do modelo urbano ocidental, atualmente hegemônico, produto do processo de industrialização capitalista. Isso não nos permite, portanto, atribuir a origem das cidades exclusivamente ao contexto histórico europeu. Porém, quando tratamos da cidade cujo desenvolvimento foi balizado pela industrialização, podemos relacionar sua origem diretamente ao contexto europeu, embora devamos considerar que a manutenção do processo de industrialização na Europa só foi

possível com a exploração de outros continentes, tais como: África e América Latina, durante a colonização.

A modernidade é um conceito bastante essencial para compreensão do crescente processo de urbanização, do uso da bicicleta que se populariza com início da produção industrial, mas também do mecanismo pedagógico que opera mundialmente, por isso explicitar o conceito de modernidade do qual estamos tratando nos parece fundamental.

Frequentemente nos deparamos com definições de modernidade que a apresenta como um estilo de vida emergente na Europa no século XVII que, posteriormente, tornou-se mundial em sua influência e superioridade. No entanto, nós, imersos no contexto de desenvolvimento latino-americano, optamos pelo conceito expresso por Dussel (2012), no qual a modernidade inicia-se dois séculos antes, em 1492, com a invasão europeia ao continente americano, momento em que, pela primeira vez, implantou-se um sistema-mundo a partir do qual se impõe um processo de dominação.

Conforme o citado autor, a modernidade é fruto da gestão da centralidade do primeiro sistema-mundo e ela possui dois momentos marcantes. O primeiro refere-se à modernidade hispânica, período em que a centralidade do poder esteve em mãos espanholas graças à exploração das colônias latino-americanas. O segundo momento, que na perspectiva eurocêntrica é considerado como a única modernidade, foi a modernidade centro europeia, a partir do século XVII, tendo a gestão do poder concentrada nas capitais Amsterdã, Londres e Paris (DUSSEL, 2012).

Essa explicitação se faz necessária, pois, conforme afirma Dussel (2012), o conceito que se tem de modernidade determina a pretensão de sua realização ou então, o tipo e os objetivos das críticas a ela feitas. Restringir-se a concepção eurocêntrica deixa o mundo periférico fora do debate, porém ele é quem na realidade sofre, inclusive materialmente, os efeitos nocivos dessa forma de organização do mundo. Em suma, a posição assumida por Dussel (2012), e com a qual concordamos, busca pôr em relevo a dominação e marginalização que tem sustentado o paradigma moderno até os dias atuais. De acordo com Dussel (2012), esse relevo é necessário, pois, até então, nos debates sobre a crise da modernidade entre os países considerados desenvolvidos, o “[...] ‘mundo periférico’ parecia ser passivo espectador de uma temática que não o afeta, porque é ‘bárbaro’, pré-moderno ou simplesmente porque deve ser ‘modernizado’” (p.64).

As próprias expressões “países subdesenvolvidos”, “países de terceiro mundo” ou “países em desenvolvimento” utilizadas na linguagem econômica e frequentemente anunciadas nos telejornais, indicam que existem alguns países que são completamente

desenvolvidos, mais desenvolvidos ou de primeiro mundo e outros que não. A busca por essa modernização é até hoje meta de muitos países latino-americanos nas ações empreendidas pelas elites governantes, que se sentem inferiorizadas frente ao dito “desenvolvimento” das grandes potências econômicas. Isso pode ser observado, por exemplo, no momento da chegada das primeiras bicicletas, quando as elites as exibiam como símbolo de modernidade importado da Europa e, posteriormente, na instalação das primeiras indústrias automotivas e na política rodoviarista desenvolvida no Brasil que mantém até hoje o automóvel como símbolo de progresso.

Nesse sentido, Dussel (1977) afirma que toda a população latino-americana é vista como uma tábula rasa, sem cultura e que, as influências dos grandes centros, cria a necessidade de imitação e consumo dos produtos produzidos pelo mundo desenvolvido. Para o autor:

A “síndrome ideológica” tem um mecanismo próprio: em primeiro lugar os “objetos” que se propõem ao conhecimento do observador (uma bebida *n*, um cigarro *x*, um perfume *z*) são neutros, sem conteúdo ético ou político; quem os usa é mais homem, mais mulher, mais moderno, mais belo. Mas, ao mesmo tempo, vai-se introjetando o pro-jeto do sistema, porque aquele que é mais moderno chega a ganhar mais em seu emprego e a conquistar a mulher mais bonita (o “estar-na-riqueza” impõe-se pela propaganda). A *competição* como única relação e o triunfo do mais forte (como os filmes de cow-boy, ou as estórias do Superman ou Batman), inoculam igualmente um *ethos* de violência e não de justiça. Desse modo, a população *deseja* adquirir o que se lhe propõe através dos meios e atitudes que se lhe impõem *pedagógicamente*. Esta “escola do povo” não está nas mãos dos mestres, ministérios nem Estados neocoloniais, mas é propriedade de grandes empresas multinacionais ao serviço da cultura imperial e em colaboração com a cultura ilustrada das elites neocoloniais (DUSSEL, 1977, p.211).

Aqui chegamos ao ponto que mais nos interessa: a pedagógica. Dussel (1977) anuncia que a pedagógica não deve ser confundida com pedagogia, ou seja, com a ciência do ensinamento e da aprendizagem. Para o autor a pedagógica possui uma ampla significação, segundo ele, ela é o ramo da filosofia que se dedica a pensar a relação mestre-discípulo, medico-paciente, político-cidadão etc. A pedagógica está relacionada com a maneira pela qual um determinado sistema se reproduz e abarca, portanto, os campos: social, político e econômico, bem como todos os serviços e instituições, tais como: educação, saúde e bem estar, segurança e transporte entre outros. Para Dussel (1977) na atual pedagógica latino-americana:

[...] os “sistemas” de educação, de saúde, de defesa legal (desde os tribunais ao advogado), de transporte, para mencionar alguns, constituem Totalidades que se auto-abastecem e que chegaram a *explorar* aquele que dizem servir. Trata-se do fato

de que o “sistema” educativo aliena o aluno, o sistema de saúde faz adoecer o sadio, o sistema de defesa dos direitos cria novos deveres e alcança o ditame de inocência depois de ingentes gastos (onde a justiça não interessa de forma alguma), o sistema do transporte pode fazer perder mais tempo para chegar onde alguém quer chegar do que nas aldeias da Cristandade colonial. Estes “sistemas” que se auto-alimentam, se auto regulam e impedem que um leigo estranho julgue seus resultados (como um não-mestre pode ser tribunal em concurso de magistério? Como um não-médico pode criticar o exercício da medicina? Como um não-advogado se atreveria a emitir um juízo sobre um caso penal?), se arrogam dentro de uma liturgia sagrada e altamente sofisticada o direito exclusivo de educar os que ingressam na sociedade política e mantê-los dentro de sua função em vida assegurada (p.203).

Na perspectiva apresentada pelo autor é necessário denunciar essa pedagógica imperante no continente latino-americano e, sobretudo, buscar caminhos para superá-la.

O colonialismo regeu o primeiro momento da modernidade, porém, seus princípios imperam na organização mundial contemporaneamente pela *colonialidade* que, segundo Quijano (2010), é um elemento constitutivo e específico do padrão mundial capitalista cuja pedra angular é a aclassificação social da população mundial e que possui como base padrões de hierarquização racial/étnica oriundo do colonialismo. Emerge com isso a *colonialidade do poder*, que se mantém por meio de mecanismos de naturalização das instituições que hierarquizam as relações de poder impostas pelos conquistadores. Operando em prol do mito da modernização, justifica seu projeto de mundo utilizando-se da ciência moderna, que em verdade emerge de um mesmo modo de ser, revelando também uma *colonialidade do saber*²⁵ que desqualifica outras formas de conhecimento e, conseqüentemente, as opiniões, críticas ou avaliações nelas baseadas e que questionem a totalidade que se lhe impõe. Tal projeto de modernização tem se manifestado como potente instrumento “pedagógico” do capital, agindo por mecanismos de dominação indiretos como, por exemplo, a invasão cultural e a emulação.

Funda-se assim, o que Santos (2002) denomina razão indolente, a qual possui dentre suas principais características a autoafirmação de ser a única razão possível e a certeza de que o futuro nada mais é do que o simples desenvolvimento linear de progresso.

Essas duas características são as principais responsáveis pelo processo de manutenção dessa dominância epistemológica. Entregue a fé no poder emancipador da ciência, ela desconsidera toda e qualquer prática que produza conhecimento, portanto, nega a possibilidade de existência de outras epistemologias, ou seja, de outras formas de ser e conhecer. Do mesmo modo, crê que o futuro é apenas uma questão de tempo, pois o conhecimento científico sempre avança e, com isso, dá a sensação que as possibilidades são muitas, mas, em verdade, essa ideia de desenvolvimento linear serve apenas para subtrair dos

²⁵ Sobre colonialidade do poder e colonialidade do saber ver Quijano (2010) e Lander (2005).

sonhos para o futuro qualquer possibilidade enraizada em outra epistemologia que não sirva ao desenvolvimento capitalista.

Essa razão indolente produzida pelas elites do mundo é reproduzida repetida e massivamente como imagens exógenas, com isso se “[...] tornaram tão numerosas, tão gritantes, tão chamativas, tão atraentes, tão sedutoras, que nos esquecemos de nossas fantasias e sonhos” (BAITELLO JUNIOR, 2012, p.111). Assim, muitas vezes sem perceber, embarcamos no projeto globalização da modernidade colonialista e capitalista.

Modernização, motorização: o ronco dos motores não permite que se ouçam as vozes denunciativas do artifício de uma civilização que te rouba a liberdade para depois te vender e que te corta as pernas para depois te obrigar a comprar automóveis e aparelhos de ginástica. Impõe-se ao mundo, como único modelo possível de vida, o pesadelo de cidades onde os carros governam. As cidades latino-americanas sonham parecer-se com Los Angeles, com seus oito milhões de automóveis dando ordens a todos. Ambicionamos ser a cópia dessa vertigem. Durante cinco séculos, fomos adestrados para copiar ao invés de criar. Já que estamos condenados à copiandite, poderíamos, ao menos, escolher nossos modelos com um pouco mais de cuidado (GALEANO, 2011, p.250).

Conforme afirma Recio (2005), nossos hábitos de consumo formam parte de um mecanismo relacional, ou seja, nossas ações sofrem influências do entorno, o que inclui o modo como as outras pessoas nos observam e classificam.

As emoções negativas que vivemos nesse âmbito relacional tende a nos orientar a copiar, a emular, aquilo que é socialmente visto e valorizado como “superior”, mesmo que isso não signifique necessariamente melhor ou mais adequado para nós. Isso se observa pelo esforço que empreendemos em nossas ações no intento de viver de acordo com os ditames do que socialmente tem sido considerado “superior”.

O consumo de mercadorias desempenha funções que ultrapassam a dimensão econômica, possui, por exemplo, papel essencial na hierarquização social. Deste modo, ao consumir determinado produto, a pessoa adquire um status social, o que lhe proporciona certo nível de poder. Concomitante a isso, atua também como mecanismo de satisfação compensatória que impele as pessoas ao consumo ao buscar evadirem-se de uma vida sem sentido, abrigando-se em discursos midiáticos, tais como: “não se conforme com menos!”, “você merece!”. A partir dessa prática de consumo vai se introjetando os valores do capital e dificultando, por exemplo, a efetiva assunção de valores ecológicos (RIECHMANN, 2014).

Imersos nesse contexto temos nos reduzidos a meros comedores de imagem, consumidores seduzidos pelo apelo ao moderno, ao superior, aos artigos de primeiro mundo, mas, conforme nos alerta Baitello Junior (2012), uma das formas mais perversas de comer

imagens é quando consumimos determinado alimento ou produto mesmo sabendo de seus atributos danosos, mas estes se impõem como imagens e nos levam a um consumo coercitivo impulsionado por força de marcas e grifes, por meio de insistentes ações publicitárias, ou por coerção do próprio grupo social. A sociedade atual devora os recursos naturais para transformá-los em produtos consumíveis que retroalimentam a economia que se assenta no princípio da crescente produtividade.

Hoje em dia grande parte da população concentra-se em áreas urbanas²⁶. O crescente aumento da população urbana mundial tem como referência histórica a revolução industrial e a afirmação do sistema de produção capitalista ocorrida no século XVIII, na Europa. De lá para cá, formaram-se os maiores centros urbanos, principalmente, nos países que apresentaram desenvolvimento industrial em algum momento histórico e o adensamento desses centros tem feito as pessoas que neles vivem conviverem com inúmeros problemas sociais. No Brasil, o processo de adensamento urbano iniciou-se em 1950, quando inúmeras indústrias estrangeiras começaram a se instalar no país devido à adoção de uma política de industrialização acelerada (SILY, 2008).

De acordo com Oliveira (2014), no caso brasileiro, a relação entre o crescimento urbano e a formação de uma sociedade de consumo é evidente, pois as cidades dependem da indústria e, esta última, é refém do consumo. A autora apresenta o exemplo da cidade de São Paulo, que só se consolidou como metrópole a partir da produção e consumo em massa do automóvel, que trouxe consigo uma grande infraestrutura de produção.

Harvey (2014) traz contribuições semelhantes, ao afirmar que o capitalismo depende do processo de urbanização para absorver o excedente que nunca deixa de produzir, tanto que, não surpreende que as curvas de aumento da produção sejam semelhantes às referentes ao aumento da urbanização mundial. Segundo o autor, o modelo de urbanização atual desempenha um papel ativo na manutenção do modo de produção capitalista.

Salientamos que os efeitos do atual modelo de urbanização são bastante amplos, pois, a demanda de energia, alimento e matérias primas necessários para a manutenção dos grandes adensamentos urbanos, têm interferido no modo de vida e na organização dos mais longínquos recônditos. De acordo com Brenner (2014), mesmo as áreas distantes dos grandes centros, sofrem profundas influências do modo urbano de vida, o que, de certa forma, estende a questão da urbanidade para áreas com menor densidade populacional, inclusive para aquelas outrora denominadas rurais.

²⁶ No Brasil, dos aproximados 190 milhões de habitantes, atualmente, cerca 161 milhões de pessoas vivem em regiões consideradas urbanas (IBGE, 2010).

Ao afirmarmos o papel ativo da urbanização no desenvolvimento do capital, devemos estar atentos para não considerar as cidades, em si, como agentes ativos, por isso é necessário compreendê-las, conforme sugere Harvey (2014), enquanto um processo social, superando a fragmentação sujeito/objeto. Segundo o autor:

O conjunto espacialmente estabelecido dos processos sociais, que denomino urbanização, produz diversos artefatos: formas construídas, espaços produzidos e sistemas de recursos de qualidades específicas, todos organizados numa configuração espacial distintiva. A ação social subsequente deve levar em consideração esses artefatos, pois muitos processos sociais (como viajar diariamente para o trabalho) se tornam fisicamente canalizados por esses artefatos. A urbanização também estabelece determinados arranjos institucionais, formas legais, sistemas políticos e administrativos, hierarquias de poder etc. Isso também concede qualidades objetivadas à “cidade”, que talvez dominem as práticas cotidianas, restringindo cursos posteriores de ação. Finalmente, a consciência dos moradores urbanos influencia-se pelo ambiente da experiência, do qual nascem as percepções, as leituras simbólicas e as aspirações. Em todos esses aspectos, há uma tensão permanente entre forma e processo, entre objeto e sujeito, entre atividade e coisa. É tão intenso negar o papel e o poder das objetivações, da capacidade das coisas que criamos de retornar como formas de dominação, quanto é insensato atribuir, a tais coisas, a capacidade relativa à ação social (HARVEY, 2005, p.168).

No mesmo sentido, Martínez-Bonafé (2013), sinaliza que não é possível pensarmos a cidade sem levar em consideração as pessoas que a habitam, a interpretam, que nela vivem e sobrevivem. Segundo o autor a cidade é uma expressão material da cultura e dela emergem mensagens e significados que compõe e nutrem experiências, evidenciando com isso o seu caráter eminentemente pedagógico.

Considerando os habitantes da cidade, Harvey (2005) indica que o processo de urbanização é constituído por um grande leque de atores, com objetivos e interesses diversos, que interagem por meio de práticas espaciais entrelaçadas. No caso das sociedades capitalistas, essas práticas espaciais, em grande medida, revelam um conteúdo de classe definido, ou seja, as práticas nas quais as pessoas estão inseridas indicam de qual classe elas fazem parte.

Para Martínez-Bonafé (2013) o urbanismo atua como plano curricular da cidade o que denota a vivência do espaço urbano como prática de significação permeada por relações de poder. Segundo ele, o currículo é um dispositivo cultural que seleciona e ordena saberes, é um campo de experiência e possibilidade de aprendizagem a partir desses saberes, além de ser também um espaço ou campo social em conflito, pois concentra lutas e interesses de diferentes grupos sociais, tal qual ocorre no tecido urbano.

Tais lutas e interesses se manifestam materialmente na criação das cidades e esta, por sua vez, tem revelado, dentre outras coisas, uma profunda desigualdade que só faz aleijar as

pessoas de sua condição cidadã. Destacamos que a desigualdade não se restringe a aspectos econômicos, de modo que, uma observação rápida na organização da distribuição espacial dos equipamentos e bens culturais dos grandes centros urbanos serve para exemplificar o que estamos dizendo. De acordo com Barbosa (2009), na cidade do Rio de Janeiro existe uma grande “[...] concentração de teatros, cinemas e espaços culturais no centro da cidade e nos bairros da Zona Sul. Entretanto, nas grandes favelas cariocas [...] não encontramos nenhum investimento público de porte no âmbito da arte e da cultura” (p.23).

Sobre essas distinções trata Oliveira (2014), ao afirmar que no mundo periférico a consolidação de uma sociedade de consumo, que é em sua essência urbana, se expressa na segregação espacial bastante acentuada. A autora relaciona essa segregação ao sistema de transporte e indica que nos países considerados subdesenvolvidos:

Os meios de transporte públicos, diferentemente dos centros capitalistas, não se destinam originariamente à circulação rápida de força de trabalho, mas, por serem escassos, tornam o espaço por eles servidos cada vez mais caro e, paradoxalmente, cada vez mais restrito às classes mais elevadas. Isso, particularmente, no que se refere ao lazer e à habitação (OLIVEIRA, 2014, p.181).

Em suas argumentações a autora aponta que o direito à cidade na periferia do sistema não é realidade para a maior parcela da população e que, na América Latina, os direitos sociais não conseguiram romper a fronteira que separa bens de consumo e cidadania. Segundo ela, no caso brasileiro, a habitação e o transporte se caracterizam mais como bens de consumo do que direitos sociais. Nas palavras da autora: “A modernização se faz, na América Latina, sem o direito à modernidade; e a urbanização, sem o direito à cidade” (OLIVEIRA, 2014, p.181-182).

A transformação de direitos sociais em mercadorias é apenas mais uma expressão da mercantilização que marca nossa época, modo pelo qual o capitalismo consegue escapar à sua própria contradição e expandir-se. Um dos mecanismos de expansão do capitalismo é, segundo Harvey (2005), a *intensificação* de desejos e necessidades, como por exemplo, negando direitos sociais para depois vendê-los para aqueles que podem pagar, assim, nega-se o direito a saúde e vende-se planos de saúde privados, nega-se o direito à segurança e espaços de lazer e vende-se condomínios fechados com “lazer completo”.

A qualidade da vida urbana tornou-se uma mercadoria para quem tem dinheiro, como aconteceu com a própria cidade em um mundo no qual o consumismo, o turismo, as atividades culturais e baseadas no conhecimento, assim como o eterno recurso à economia do espetáculo, tornaram-se aspectos fundamentais da economia urbana [...] A tendência pós-moderna a estimular a formação de nichos de mercado,

tanto nas escolhas de estilo de vida urbano quanto de hábitos de consumo e formas culturais, envolve a experiência urbana contemporânea em uma aura de liberdade de escolha no mercado, desde que você tenha dinheiro e possa se proteger da privatização da redistribuição da riqueza por meio da florescente atividade criminosa e das práticas fraudulentas e predatórias (HARVEY, 2014, p.46).

A partir dessa dinâmica, a desigualdade na distribuição da riqueza e poder se materializa nas formas espaciais de nossas cidades nos condomínios fechados, mansões fortificadas e espaços públicos de interesse mantidos sobre vigilância constante, contexto no qual, a proteção neoliberal aos direitos e valores da propriedade privada torna-se modelo hegemônico de política, até mesmo entre a classe média baixa (HARVEY, 2014).

Nessa perspectiva, entendemos que a cidade representa um grande livro, como afirma Martínez-Bonafé (2013), ela é um texto que penetra todas as experiências educacionais das quais o sujeito participa ao longo da vida. Com isso temos vivido uma realidade paradoxal, tal como sugere Santos (2000), pois na sociedade atual a afirmação discursiva de valores tem sido mais e mais necessária porque as práticas sociais dominantes, cada vez mais, têm impedido a efetiva realização destes. Exemplo disso é apresentado por Arroyo (1997) ao tratar da contradição que se estabelece entre a cidade e lições escolares, quanto às aprendizagens proporcionadas.

Temos de reconhecer que as “boas” lições moralizantes, que a escola transmite às crianças como cooperação, ecologia, ordem, higiene, têm sido pouco eficientes para se contrapor às lições e valores privados que a cidade inculca e que terminam se impondo como valores e saberes que regem as condutas dos adultos na conflituosa sobrevivência urbana: os valores da concorrência, da primazia do privado sobre o público, do salve-se quem puder no trânsito louco, da ocupação privada do espaço, da destruição da natureza, etc. (p.27).

No mesmo sentido, Martínez-Bonafé (2013) argumenta que a trama urbana está carregada de significados, nas palavras do autor:

[...] as favelas ou os cortiços e seu contraste com condomínios residenciais cercados por muros e serviços de segurança particular; até as inúmeras práticas da vida cotidiana relacionadas com a qualidade e as condições de trabalho, a alimentação, a saúde, a educação, e o lazer, entre outras. Um rosto suburbano, a publicidade de um hipermercado, a linguagem de uma conversa na rua, o itinerário de um serviço de transporte público, o livro didático escolar, o homem que dorme aos pés de um caixa automático, a partida de futebol em um parque no domingo, a porta de uma discoteca, o lixo depositado no contêiner são, enfim, imagens instantâneas de uma geografia política que evidenciam a desigualdade e a pobreza (p.451).

Como pudemos observar na dinâmica urbana, todas as práticas se manifestam nas formas de uso e ocupação do solo, na qualidade e localização dos serviços públicos, na

estratificação social observada na cartografia urbana, tanto quanto na distribuição desigual de poder econômico e político, atuam como produtores e reprodutores de valores, formando e, por vezes também conformando, cidadãos, cidadãs e as próprias cidades.

Arroyo (1997) argumenta que a lógica de ocupação do solo é produzida pela especulação imobiliária, pelo valor da terra no mercado econômico. Segundo ele, sob tal lógica, os “[...] interesses privados governam a cidade e terminam por governar os seus moradores e a cultura urbana” (p.26).

As ruas, por exemplo, outrora espaços de convivência popular, foram se transformando de acordo com os interesses das indústrias automobilísticas, grandes construtoras e classes possuidoras de automóveis, deixando de ser lugar verdadeiramente comum, tornando-se, conforme nos indica Harvey (2014), um espaço dominado pelo automóvel e praticamente inútil para pedestres, crianças, ciclistas e até para os próprios motoristas.

Essa destruição dos espaços comuns tem estimulado, em alguma medida, as administrações urbanas a criar ou recuperar alguns locais criando, por exemplo, espaços exclusivos para pedestres, ciclistas e parques para lazer, porém estes locais têm sido constantemente capitalizados e em verdade, Harvey (2014) afirma que, provavelmente, essas áreas possam estar sendo projetadas justamente com essa finalidade, pois: “Os parques urbanos quase sempre aumentam o preço dos imóveis nas áreas vizinhas (desde que, claro, o espaço público do parque seja controlado e patrulhado de modo a manter a ralé e os traficantes à distância)” (p.147).

A citada condição pode ser observada nos inúmeros centros de compras privados, que tem se tornado o principal texto curricular das cidades. São locais que ocupam o tempo que outrora era destinado ao convívio em ruas, praças, bairros e parques, e que relacionam o lazer diretamente ao consumo. Segundo Martínez-Bonafé (2013) estes espaços representam as novas formas de alfabetizações urbanas, e estas adotaram o centro comercial como principal livro didático. Conforme nos alerta Amendola (2000), “Los espacios públicos de la ciudad nueva no pueden ser sólo los artificiales de representación y consumo del *shopping mall*, proyectados precisamente para simular la variedad y para acoger la homogeneidad”²⁷ (p.277).

²⁷ Os espaços públicos da nova cidade não podem ser somente os artificiais de representação e consumo como os *shoppings centers*, projetados precisamente para simular a variedade e para acolher a homogeneidade. (Tradução livre).

Amendola (2000) assevera que, ultimamente, os espaços públicos estão sendo constantemente agredidos e reduzidos, por isso que denomina como processo de privatização e blindagem. Eles se manifestam materialmente na produção e reprodução de espaços que acentuam a classificação e estratificação social, buscando gerar e atender a demanda originada no desejo de aquisição de status da atual sociedade, o que só faz fragmentar espaços e populações de acordo com a capacidade de satisfazer seus desejos.

A acentuada estratificação e classificação que se apresentam atualmente na maioria das cidades, fazem com que os diferentes grupos sintam-se ameaçados pelos outros seres humanos que destoam de suas intenções (SENNETT, 2003). Instaura-se assim o discurso do medo, algo capaz de transformar o convívio na diversidade, fundamental para nutrir a construção de um espaço genuinamente público, em alimento indigesto para grande parte da população (MARTÍNEZ-BONAFÉ, 2013).

O discurso do medo estratifica a sociedade e também gera desejos, como podemos notar nos inúmeros anúncios de condomínios fechados, os quais são vendidos tendo como principais produtos de *marketing*: “segurança”, “lazer completo” e “qualidade de vida”. Conforme afirma Brandão (2005), esses espaços seguros e protegidos estão disponíveis para quem puder adquiri-lo. Seus muros eletrificados e seguranças armados manterão longe as pessoas “desqualificadas” que não podem pagar por essa “qualidade de vida”.

O citado processo de blindagem está influenciando profundamente a produção do espaço urbano, pois a tendência de criar homogeneidades fortificadas e confiáveis está “[...] transformando la ciudad contemporânea en un archipiélago de islas, defendidas cultural y prácticamente, entre las cuales el ciudadano atemorizado puede navegar a través de caminos protegidos”²⁸ (AMENDOLA, 2000, p.277).

Essa forma urbana tende a afastar pessoas e grupos, exacerbar o individualismo e favorecer o consumismo. Nesse contexto, o cuidado com a cidade, compreendido enquanto um comprometimento com espaço público e, como tal, sobre o qual também se pode opinar e ajudar a construir, está pouco presente no horizonte de ações das pessoas, quando muito, as preocupações sobre essa questão emergem no momento da escolha dos governantes e as ações se restringem aos votos entregues na ocasião das eleições municipais.

De acordo com Arroyo (1997), a experiência urbana organizada com base nos interesses privados reforça o imaginário social de que tudo aquilo que é privado é mais eficiente e confiável do que o público, o que deslegitima continuamente o público em nossa

²⁸ [...] transformando a cidade contemporânea em um arquipélago de ilhas, defendidas cultural e praticamente, entre as quais o cidadão atemorizado pode navegar por caminhos protegidos (Tradução livre).

cultura social. Para o autor, tudo “[...] parece nos levar a concluir que a experiência de vida da multidão amorfa dos transeuntes de rua, nas grandes cidades, reforça a cultura privada e dificulta a construção de uma cultura do público” (p.26).

Fator preocupante é que o citado modelo de desenvolvimento é anunciado como uma garantia de progresso e, conforme alerta Arroyo (1997), tem também influenciado profundamente órgãos governamentais que orientam suas políticas públicas como base em determinados interesses privados, as quais refletem, por exemplo, nas formas de ocupação do espaço e de distribuição dos serviços públicos.

A mesma lógica de organização pode ser observada na estruturação da mobilidade urbana das cidades e no modelo de transporte priorizado, especificamente no caso brasileiro, Boareto (2008) afirma que a solução dos problemas de mobilidade tem sido:

[...] relegada à esfera privada, como produto das escolhas individuais por modo de transporte, conforme a renda das pessoas. Haveria uma evolução natural na utilização dos modos de transporte, iniciando-se pelo deslocamento a pé, passando pela bicicleta e pela moto e chegando, finalmente, à aquisição do automóvel (p.91).

Os argumentos que defendem este modelo de transporte também estão relacionados à promessa de progresso que entendem crescimento econômico como sinônimo de desenvolvimento. Segundo Illich (1978), a produção de automóveis e estradas é justificada como condição de desenvolvimento sem as quais as regiões ficariam isoladas do mercado mundial e do crescimento econômico.

Em Manaus, por exemplo, a rabeta, um pequeno barco motorizado, vem perdendo seu lugar para os veículos 4x4 que se multiplicam com a abertura de estradas e construção de pontes que abrem novos caminhos sobre os rios em um local, onde até então, os caminhos eram os próprios rios e canais naturais, o que, por concorrência, impelem os ribeirinhos à aquisição de carros ou à marginalização social (SHOR, 2008).

Segundo Harvey (2005, 2007), o aumento da velocidade de circulação dos produtos é fator importante para o processo de acumulação do capital, pois o aumento no tempo de giro do dinheiro investido, devido à circulação do produto para mercados distantes, reduz a realização da mais-valia. Por isso a história de acumulação capitalista sempre esteve atrelada com a aceleração proporcionada aos processos de produção, distribuição e transferência monetária, ou seja, com a evolução dos transportes (ferrovias, automóveis, caminhões) e comunicação (telégrafo, telefone, internet), que tiveram como principal efeito a redução das barreiras espaciais.

Aliás, o automóvel tem papel central na formação das cidades. Ele é o maior responsável pela conformação do espaço urbano, pois, por cobrir grandes distâncias, seu uso permitiu uma expansão do território urbano, e por isso o automóvel deixou de ser uma opção das pessoas mais ricas para se tornar uma necessidade de todas, uma vez que, a atual organização da mobilidade das grandes cidades brasileiras tem inviabilizado, cada vez mais, a opção por qualquer outro tipo de transporte (MARICATO, 2008).

Nesse contexto, o automóvel também desempenha um papel importante na acumulação do capital excedente, pois a expansão geográfica que permitiu com sua capacidade de deslocamento favoreceu a especulação imobiliária em áreas distantes que ofereciam terrenos com baixos custos. Esses novos empreendimentos urbanos, inclusive, tem gerado demanda por produção de automóveis, como também exige construção de novas vias de circulação, normalmente, custeadas pelo setor público e que, em grande medida, tem favorecido o acúmulo de capital das grandes corporações de construção civil.

A dispersão geográfica das cidades, somada às novas tecnologias que entorpecem o ser humano, erode a plenitude dos sentidos ao restringirem as atividades do corpo humano, fazendo com que a grande aglomeração dos antigos centros, esteja atualmente, dispersas em centros comerciais, mais ocupadas e preocupadas com o consumo de bens e serviços do que com qualquer propósito político ou comunitário (SENNETT, 2003).

Frente à fragilidade do sistema de transporte público e a fragmentação das cidades em ilhas de proteção, o automóvel emerge como uma opção privada de transporte entre as bolhas de seguranças, tais como *shoppings*, empresas e condomínios fechados. Ele anestesia nossos sentidos e nos oferece um pouco do conforto e segurança da vida privada usufruído do espaço público e anulando-o. De acordo com Shor (2008), seu uso e consumo se dão na esfera pública, porém ele é o artigo perfeito para um deslocar-se privativo e diferenciado, “[...] pois ‘liberta’ o indivíduo dos constrangimentos sociais do transporte coletivo e das regras de convivência social – afinal estar no carro é sentir-se em casa” (p.66). Esse privilégio só é ameaçado quando, em uma sociedade regida por medo e insegurança, o veículo precisa parar em um semáforo, momento de pânico para as pessoas que o conduz. Nesse sentido, Galeano (2011, p.250), afirma: “As minorias privilegiadas, condenadas ao medo perpétuo, pisam no acelerador para fugir da realidade, e a realidade é essa coisa muito perigosa que espreita do outro lado dos vidros fechados do automóvel”.

Essa dinâmica de utilização massiva do automóvel materializa no espaço urbano uma forma burocrática de deslocamento, com isso:

[...] os caminhos, calçadas e ruas de pedestres vão se tornando cada vez menos atrativos, menos sedutores para o caminhar, são simplificados, empobrecidos de estética, de sensorialidades e de surpresas. São cada vez mais vias para levar a algum lugar, cada vez menos lugares em que se gosta de estar e passear. Isso podemos chamar de simplificação dos caminhos, um processo que os torna sem graça alguma, sem atrativos, insossos (BAITELLO JUNIOR, 2012, p.133).

Segundo Baitello Junior (2012), tanto cidades norte-americanas como outras megalópoles seguem o mesmo padrão e não permitem o caminhar, seja por não ter espaços para o caminhante ou por discriminá-lo como um “sem carro”. De acordo com o autor, mesmo em outras cidades onde existem espaços para caminhantes, as pessoas, alegando razões de segurança, passam a usar o carro, uma armadura cara e que também é cobiçada pelos bandidos.

Conforme alerta Baitello Junior (2012), abandonamos o costume de passear pelas ruas, sentir sua ambientalidade, complexidade, sensorialidade e sensualidade. Temos sido seduzidos e conquistados pelo hábito de levar a rua para casa dentro de enormes sacolas de compras, acarretando na simplificação e o empobrecimento da experiência.

Buscando encher nossas sacolas, insistimos na aquisição de objetos que nos são oferecidos como fundamentais a nossa existência e, com estes, adquirimos hábitos que, em uma análise sistêmica da situação, se revelam como prejudiciais para o desenvolvimento humano e planetário.

Conforme sinaliza Riechmann (2014), o atual sistema produtivo choca-se contra os limites do planeta e não podemos seguir aumentando a demanda e a oferta de produtos em busca de crescimento econômico, o fundamental nessa condição é:

[...] adaptar mejor esos sistemas humanos a los ecosistemas (biomímesis), lograr mayores eficiências (ecoeficiencia) y actuar sobre la demanda con medidas de autocontención (gestión generalizada de la demanda), todo lo cual requiere algo así como una reconstrucción de la socialidad humana. Probablemente esta estrategia sea incompatible con el orden socioeconómico capitalista²⁹ (RIECHMANN, 2014, p.28-29).

De acordo com o autor, em prol de um desenvolvimento sustentável os países considerados desenvolvidos necessitam interromper a infinita busca pelo crescimento econômico, o que significa manter-se sem crescimento e, em alguns aspectos, até decrescer. Assim, analisando de maneira simples, o desenvolvimento sustentável deve se dar sem

²⁹ [...] adaptar melhor esses sistemas humanos aos ecosistemas (biomimese), conseguir maiores eficiências (ecoeficiência) e atuar sobre a demanda com medidas de autocontenção (gestão generalizada da demanda), tudo isso requer algo como uma reconstrução da sociedade humana. Provavelmente esta estratégia seja incompatível com a ordem socioeconômica capitalista (Tradução livre).

crescimento quantitativo, ou seja, atendendo as necessidades humanas, porém respeitando os limites impostos pelos ecossistemas.

Isso nos faz reconhecer que a emulação, essa contínua tentativa de se igualar a quem está “por cima” na escala do desenvolvimento, opera como um poderoso mecanismo de aprendizagem e, na conjuntura econômica atual, tem impulsionado o consumismo, o qual, em parte, deve ser considerado como resposta de uma crescente parcela da população que deseja e exige ter os mesmos direitos que as classes privilegiadas. A grande questão que se impõe é que, em termos ecológicos, esses privilégios não podem ser universalizados, alguns nem mesmo para uma parte da população (RECIO, 2005).

Acontece que a ciência ampliou nossa capacidade de ação e também expandiu a dimensão espaço-temporal de nossos atos, de modo que, atualmente, a tecnologia nos possibilita postergar ou afastar as consequências de nossos atos, assim, atos e consequências, passam a não habitar a mesma dimensão espaço-temporal (SANTOS, 2000). Apresentando grande eficiência, a razão linear causal na qual se baseia a ciência moderna passou a orientar nossas vidas nos mais diversos campos, inclusive, nos possibilita vivenciá-la de modo fragmentado.

Inseridos em um modelo de produção que opera com a simplificação de processos e dependente da especialização das pessoas, acabamos avançando para além da simples separação de pessoas em grupos de acordo com seu papel. Conforme recorda Alves (1998), tal modelo social desmembrou cada um de nós em um conjunto de funções independentes e, por vezes, contraditórias. De modo que:

[...] nada impede que uma pessoa trabalhe numa fábrica de armas, frequente grupos de oração, leve seus filhos ao parque de diversões, jogue na bolsa de valores, contribua para orfanatos, cultive o gosto pelo canto gregoriano, além de fazer parte de uma sociedade ecológica cujos membros plantam legumes no fundo de seus quintais. Fragmentam-se as funções, fragmentam-se os olhos, fragmenta-se o pensamento: as pessoas se tornam incapazes de perceber sua condição como totalidade (ALVES, 1998, p.12).

A razão linear causal tem profunda efetividade local, pois suas ações operam com as coerências de um entorno muito restrito, porém isso faz essa racionalidade cega para compreender a dinâmica sistêmica na qual está inserida a ação local planejada. Um dos resultados desse sistema racional é a atual cegueira ecológica que tem nos levado a danos ambientais progressivos, conforme tentamos solucionar os problemas do viver humano a partir de soluções isoladas. Compreender, por exemplo, como o viver local participa do entorno sistêmico da biosfera exige uma razão analógica sistêmica, no entanto, temos perdido

a sensibilidade sistêmica ao excluir de nosso viver cotidiano as práticas que nos permitem vivenciá-la de modo espontâneo (MATURANA-ROMESÍN, 2014).

Assim, nossa pouca capacidade de previsão das consequências não é compatível com a alta capacidade de ação no qual nos encontramos. Nos falta visão sistêmica das coisas, do ambiente, das nossas relações com as pessoas, por isso os impactos negativos de nossas ações cotidianas não são considerados como nossa responsabilidade. Como se, por exemplo, o trânsito no qual nos encontramos imobilizados não tivesse nada a ver com nossa opção de utilizar o carro diariamente, acreditando que a avaliação individual que fazemos ao escolher esse modo de transporte é adequada e justa. Outro exemplo revela-se na preocupação ambiental que problematiza a emissão de poluentes pelos automóveis, no entanto, grandes esforços centram-se na produção de motores elétricos ou não poluentes e, a fé na ciência, nos faz crer que tudo é apenas uma questão de tempo, bastando a nós esperar isso se tornar realidade. Porém, não problematizamos criticamente o consumo de energia e matéria-prima e nem as emissões de poluição constituintes do processo de produção dos automóveis, tão pouco nos questionamos sobre os efeitos do uso exacerbado dos carros sobre a formação das cidades, sobre a saúde e a relação entre as pessoas ou mesmo sobre os limites materiais ecológicos que se impõe para a massificação de qualquer modelo de automóvel, seja ele poluente ou não.

Essa racionalidade indolente, segundo Santos (2000), gesta a ética liberal antropocêntrica e individualista que, apoiada na tríade: um sujeito, uma ação, uma consequência, encobre o impacto sistêmico e fornece critérios aparentemente éticos para as ações individuais, desacreditando da necessidade e urgência de soluções sistêmicas para os problemas, ao fincar pé no infinito poder de intervenção da ciência e tecnologia.

Essa epistemologia dominante nos leva, por exemplo, a perceber uma pessoa que subsiste da agricultura, da coleta de resíduos recicláveis nas ruas ou que se locomove diariamente para o trabalho em bicicleta, como resquício contemporâneo do passado. Partindo da ótica linear de desenvolvimento e da concepção moderna de progresso, essas e outras motricidades ausentes, não passam de representação de atraso e subdesenvolvimento, mesmo que tais modos de ser e agir se apresentem como alternativas mais adequadas e plausíveis para uma forma de desenvolvimento que considere, entre suas principais metas, um futuro que permita a Vida na Terra e, conseqüentemente, a permanência humana.

Diante do exposto, o capitalismo, mais do que um simples modelo econômico, revela-se como um modelo civilizacional e cultural, estendendo-se a domínios que dificilmente se reconhecem como capitalistas, tais como: família, religião, gestão do tempo

livre, relação entre as pessoas próximas, de modo que, lutar contra essa dominação polifacetada exige lutar contra a indefinição, o que, em muitos casos, significa lutar contra nós mesmos (SANTOS; MENESES, 2010).

A pedagogia do capital tem nos ensinado a olhar e seguir quem está “por cima”, mas já percorremos o suficiente desse caminho para saber que insistir com essas lições só irá agravar a crise social e ecológica que estamos vivendo, nos resta agora buscar outros caminhos e, para encontrá-los, será necessário nos esforçarmos para aprender, por nós mesmos, a olhar também “para baixo”.

1.3. Motricidades ausentes: novas epistemologias para uma pedagógica emergente.

Agora, o senhor chega e diz: “Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?” Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: “Eu tô falando duma educação pra povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim”. Essa eu queria saber como é. Tem? Aí o senhor diz que isso ‘bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto. “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem?” (SOUSA, 1984, p.10).

A pedagógica dominante do capital tem influenciado nossas vidas profundamente, tanto que uma observação rápida e pouco atenta sobre a dinâmica urbana, descrita anteriormente, poderia facilmente nos levar a crer que não existe outra lógica possível para a construção das cidades, porém, conforme nos alerta Arroyo (1997), devemos reconhecer que a cidade é palco de experiências estimulantes de práticas de resistência e luta pela conquista e manutenção de espaços verdadeiramente públicos.

Para repensarmos a produção do espaço urbano:

É preciso reconhecer que a cidade é produto da diversidade da vida social, cultural e pessoal. Isto significa dizer que a cidade deve ser pensada, tratada e vivida como um bem público comum, e não como um espaço de desigualdades. A cidade é o encontro dos diferentes. A cidade é a expressão da pluralidade de vivências culturais, afetivas e existenciais. Por outro lado, a padronização cultural da vida rouba da cidade a criatividade necessária para inventar a alegria e a felicidade, enquanto a homogeneização das práticas socioculturais enfraquece o significado do conviver e do aprender com a presença do outro (BARBOSA, 2009, p.24).

No entanto, a emersão de uma cidade com esses valores não é possível sem um embate cultural, pois a tendência à homogeneização cultural, segundo Riechmann (2012), é uma característica inerente à civilização capitalista. De acordo com o autor, tal modelo de desenvolvimento “[...] potencia la homogeneización cultural, es prepotente y expansivo:

desprecia o ignora las diferencias culturales, alimenta el neocolonialismo, la xenofobia y el racismo”³⁰(p.13).

Ao processo de enfrentamento a essa forma de desenvolvimento, Lefebvre (1999), dá o nome de “revolução urbana” que, em suma, consiste no conjunto de transformações que a sociedade atual terá que realizar para transcender desse período, em que a organização baseia-se predominantemente no crescimento econômico e industrial, ascendendo a outro período vindouro, no qual, a busca por soluções próprias de uma sociedade urbana, ou seja, com planificação voltada às necessidades sociais, estará em primeiro plano.

Uma transformação como essa envolve por em xeque o “inquestionável” direito das elites de colocarem os espaços e políticas públicas a serviço de seus interesses particulares, pois somente quando a política urbana conseguir incorporar as reivindicações da população, do público, é que esta passará a ser elaborada sobre uma nova lógica, ou seja, sob uma nova cultura capaz de produzir espaços públicos urbanos e, sobretudo, humanos (ARROYO, 1997).

A rua, por exemplo, pode ser vivenciada de diversas formas, pode ser o lugar do encontro que anima bares, praças e cafés e também é animada por eles, espaço no qual se efetiva a mistura e a diversidade que compõe o tecido urbano. Ela pode abrigar a função informativa, simbólica e lúdica, portanto pode ser o lugar do jogo, da festa e também de educação. A rua movimentada e frequentada repele a violência urbana. No entanto a rua também pode ser e, atualmente assim vem se caracterizando, um espaço de passagem e circulação rápida, em que os pedestres são encurralados pelos velozes automóveis e seus estacionamentos. A rua pode ser um lugar de encontrões, onde as pessoas simplesmente se esbarram às pressas, seguindo cada qual o seu caminho. Ela pode converter-se em vitrines, derrubando antigos patrimônios históricos e dando lugar a amplos centros de consumo, onde o pedestre é tolerado pelo seu poder de compras (LEFEBVRE, 1999).

Freire (2001) afirma que a cidade possui um caráter pedagógico oriundo da condição humana que nos põe em permanente processo de aprendizagem, de modo que, toda a dinâmica social da cidade serve de base para construirmos conhecimentos, seja ela qual for:

O respeito mútuo que as pessoas se têm nas ruas, nas lojas. O respeito às coisas, o zelo com que se tratam os objetos públicos, os muros das casas, a disciplina nos horários. A maneira como a Cidade é tratada por seus habitantes, por seus governantes. A Cidade somos nós também, nossa cultura, que, gestando-se nela, no corpo de suas tradições, nos faz e nos refaz. Perfilamos a Cidade e por ela somos perfilados (FREIRE, 2001, p.24).

³⁰ [...] potencializa a homogeneização cultural, é prepotente e expansivo: deprecia ou ignora as diferenças culturais, alimenta o neocolonialismo, a xenofobia e o racismo (Tradução livre).

Segundo Arroyo (1997), as nossas vivências urbanas podem ser educativas ou deseducativas³¹, pois influencia novos padrões de conduta e os condiciona segundo as formas de produção da existência às quais a cidade submete seus habitantes. Nesse sentido, o autor assevera que:

Quando os governos ou coletivos fazem avançar o caráter humano das formas de produção da existência e de gestão do público, estão sendo educadores do direito à cidade. Consolidam uma nova cultura urbana. Este processo, no entanto, é tenso, colide com a cultura privada, o aprendizado do direito à cidade passa por esse embate cultural (ARROYO, 1997, p.25).

Nesse contexto, as modificações relacionais e materiais da própria cidade são fundamentais para transformações culturais, as quais resultarão também nas aprendizagens proporcionadas por ela, ou seja, trará efeitos transformadores em sua pedagógica. Por isso, assim como Harvey (2014), compreendemos que:

O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização (HARVEY, 2014, p.28).

Frente ao exposto, ao tratarmos de educação, não podemos assumir como ideal o modelo de desenvolvimento planteado pela organização capitalista que, ao expandir-se nas e pelas cidades, tem nos levado ao processo que Lefebvre (1999) denomina como colonização do espaço urbano. A educação, processo no qual se inclui nossas vivências na cidade, deve nos orientar contra essa colonialidade³², permitindo a aprendizagem desse exercício do poder coletivo e, portanto, do direito à cidade.

A grande questão é que diversos grupos sociais se engajam no processo de urbanização, que é também de resistência e luta, porém, se desejamos uma forma de desenvolvimento que nos encaminhe em sentido distinto ao que nos tem levado à globalização do capitalismo, necessitamos saber quais práticas sociais devemos promover, e quais não, no decorrer de nossa existência.

³¹ Deseducativo é também processo de aprendizagem, no entanto, ele nos dirige ao caminho inverso daquilo que temos considerado como educação, que deve ser comprometida com transformação social e política, de modo que educativos são, conforme apresentamos na página 38, aqueles processos de aprendizagem com intencionalidade dirigida para a cooperação, superação, o ser mais, abrindo a possibilidade de refletir criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros.

³² Embora Lefebvre (1999) nomeie esse processo como colonização do espaço urbano nós, por motivos já abordados na página 56, entendemos ser mais adequado denominá-lo colonialidade do espaço urbano.

Ocorre que, atualmente, os grupos dominantes, diante do poder e influência que possuem para proteger e promover seus interesses, estão certos de que não existem alternativas ao modo de existência que defendem. Segundo Santos (2000), a arrogância é tamanha que eles estão convictos da irrelevância e da inevitabilidade do fracasso de todas as ideias, projetos ou práticas que lhes são hostis. Nas palavras do autor, a hegemonia “[...] passou a conviver com a alienação social, e em vez de assentar no consenso, passou a assentar na resignação. O que existe não tem de ser aceite por ser bom. Bom ou mau, é inevitável, e é nessa base que tem de se aceitar” (SANTOS, 2000, p.35).

Foi buscando lutar contra essa resignação, histórica e “pedagogicamente” imposta pelo paradigma epistemológico dominante, que nos enveredamos nesse estudo a fim de contribuir com a construção de uma pedagógica emergente, uma pedagógica que, baseada no paradigma prudente para uma vida decente, nos possibilite avançar com um processo de globalização contra-hegemônico.

Para fundamentar essa pedagógica emergente é necessário um novo tipo de conhecimento, um conhecimento que nos permita ir além da resignação e, portanto, orientado por modos de existência emergentes de epistemologias distintas da atualmente dominante. Conforme sinaliza Santos (2010), para isso é necessário um pensamento pós-abissal que, tendo como premissa a diversidade epistemológica do mundo, reconheça a existência de diversas formas de conhecimento e permita o desenvolvimento daquilo que denomina como ecologia de saberes, uma contra epistemologia que vem para afirmar a impossibilidade de uma epistemologia geral.

Para compreender a proposição apresentada por Santos (2010), é necessário nos aprofundarmos em suas reflexões sobre como se orienta e mantém a pedagógica dominante denunciada. Segundo Santos (2000), nos últimos séculos dominou uma única forma de conhecimento, uma epistemologia assente na cultura ocidental moderna e na política colonialista e capitalista, que eliminou da reflexão epistemológica os contextos sócio-político de sua produção e reprodução, culminando na ciência moderna que, autoproclamando a neutralidade de seus conhecimentos, emergiu como a grande possibilidade para emancipação humana.

Para Santos (2000) o paradigma da modernidade se baseia em dois pilares: a regulação e a emancipação. A regulação é constituída pelos princípios de Estado, de mercado e da comunidade. Já o pilar emancipação possui três logicas de racionalidade, a saber: a estético-expressiva das artes e literatura, a cognitivo-instrumental da ciência e tecnologia e a moral-prática da ética e do direito. Conforme argumenta o autor, o que caracteriza nossa atual

conjuntura sociocultural é a absorção da emancipação pelo pilar da regulação, como resultado do processo de gestão reconstrutiva dos défices e excessos da modernidade operados, em grande medida, com base na ciência e direito modernos.

Concomitante a isso, o pilar da regulação, ao invés de um desenvolvimento harmônico entre os três princípios, condicionou, pela conversão da ciência em principal força produtiva, todo seu desenvolvimento no princípio de mercado em detrimento dos demais, resultando em uma hipermercadorização da regulação (SANTOS, 2000).

Nesse processo, a emancipação deixou de ser o contraponto da regulação e passou a fazer parte dela, dando origem à práticas sociais cada vez mais contingentes e convencionais, gradualmente maiores em níveis de rigidez e inflexibilidade, de modo que tudo parece emergir de um mar de possibilidades, porém nada de novo parece viável para a sociedade como um todo, assim o atual paradigma neutralizou potencialmente as alternativas de transformação social (SANTOS, 2000).

Em outras palavras, a concentração de esforços nas potencialidades emancipatórias da ciência moderna foi, aos poucos, colonizando as outras possibilidades de emancipação. Desde então essa epistemologia dominante descredibilizou e ocultou todas as formas de ser e estar no mundo que contrariasse aos interesses a que servia. De acordo com Santos e Meneses (2010), ela suprimiu conhecimentos autóctones e inseriu conhecimentos alienígenas, processo este que pode ser considerado um verdadeiro epistemicídio, com o qual “[...] desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo. Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante” (SANTOS; MENESES, 2010, p.17).

Diante disso, compreendemos que para construção de uma pedagógica emergente, devemos nos atentar para as práticas sociais que representem uma alternativa à modernidade, ou seja, aquelas motricidades que historicamente têm sido tornadas ausentes pela epistemologia dominante. No mesmo sentido, Dussel (2012, 1977) argumenta que, para superar a modernidade, devemos observar a exterioridade da ordem social estabelecida, pois lá se encontram ocultadas as vítimas, único ponto do qual pode partir uma análise realmente crítica do sistema dominante.

Concordando com Santos e Meneses (2010), entendemos que toda experiência social produz conhecimento e pressupõe uma ou mais epistemologias, as quais sustentam o que está sendo considerado como conhecimento válido. Ainda segundo o autor e autora citados, diferentes tipos de relações sociais gestam também diferentes práticas sociais e podem, com

isso, dar origem a diferentes epistemologias. Isso nos faz compreender o ponto de vista dos grupos marginalizados como possibilidade de alternativa epistemológica, pois:

Atendendo a que a exclusão social é sempre produto de relações de poder desiguais, estas iniciativas, movimentos e lutas são animados por um *ethos* redistributivo no sentido mais amplo da expressão, o qual implica a redistribuição de recursos materiais, sociais, políticos, culturais e simbólicos e, como tal, se baseia, simultaneamente, no princípio da igualdade e no princípio do reconhecimento da diferença (SANTOS, 2010, p.51).

De acordo com o autor, não podemos conceber conhecimentos em abstrato, devemos orientar-nos às práticas de conhecimento que possibilitem ou não, intervenções no mundo real. Trata-se de um pragmatismo epistemológico que se justifica, pois no mundo em que vivem os grupos oprimidos, as consequências, sobretudo as negativas, chegam mais depressa e com maior intensidade.

Harvey (2014) também contribui para nossas reflexões ao trazer, inspirado nas obras de Lefebvre, o conceito de heterotopia, o qual:

[...] delinea espaços sociais limítrofes de possibilidades onde “algo diferente” é não apenas possível, mas fundamental para a definição de trajetórias revolucionárias. Esse “algo diferente” não decorre necessariamente de um projeto consciente, mas simplesmente daquilo que as pessoas fazem, sentem, percebem e terminam por articular à medida que procuram significados para sua vida cotidiana (HARVEY, 2014, p.22).

Tal conceito volta nosso olhar para ao espaço (topia) do outro (hetero), ou seja, espaço que se materializa nas práticas que se desenvolvem com organização distinta da ordem estabelecida e que, em certa medida, rompem com a isotopia, o eterno retorno ao mesmo que a homogeneidade cultural das práticas dominantes impõe. Tais espaços heterotópicos, com seus atores e práticas, produzem conhecimentos que podem contribuir para construção de uma pedagógica emergente.

No processo de atenção esses espaços heterotópicos, às exterioridades, Santos (2002), sugere três procedimentos, a saber: sociologia das ausências, sociologia das emergências e trabalho de tradução.

A sociologia das ausências visa tornar presente as experiências produzidas como ausentes, revelando seu potencial alternativo frente às experiências hegemônicas. Ela rompe com a ideia linear de desenvolvimento, evidenciando a contemporaneidade e o paralelismo em que se desenvolvem as diferentes epistemologias. Ela aplica-se fundamentalmente ao campo das experiências, ou seja, das alternativas disponíveis aqui e agora. Já a sociologia das

emergências atua no campo das expectativas, ou seja, opera uma amplificação simbólica que radicaliza as expectativas assentes nas possibilidades e capacidades reais dessas experiências que emergem como alternativas. O trabalho de tradução ocorre na zona de contato epistemológico, quando se traduz o conhecimento de determinada prática, tornando-o inteligível para diferentes campos epistemológicos (SANTOS, 2002).

Esses procedimentos são necessários, pois, de acordo com Santos (2010), nos movimentos e ações dos grupos subalternos existe uma promessa real, mas ainda em estágio inicial, de uma globalização contra-hegemônica. Por essa razão, captar essas alternativas exige uma amplificação dos sinais, pistas e tendências latentes que, embora dispersas e fragmentadas, contribuem para compreensão crítica e transformação do mundo.

Nesses espaços, portanto, encontraremos os subsídios para elaboração do que Santos (2000) denomina como conhecimento-emancipação. Segundo o autor, o conhecimento-emancipação, conduz de um estado inicial de ignorância designado *colonialismo*, a um estado de saber designado *solidariedade*. Conforme argumenta o autor, este novo saber é necessário para proporcionar um desequilíbrio dinâmico que penda em favor do pilar da emancipação, movimento fundamental para superarmos a histórica primazia do conhecimento-regulação que transformou determinada ordem em forma hegemônica de saber, relegando às demais o estatuto de caos e, conseqüentemente, de ignorância.

O conhecimento-emancipação tem para nós papel central na construção de uma pedagógica emergente, pois, de acordo com Santos (2000), ele tem que romper com o senso comum conservador, mitificado e mitificador, impondo-se ao conhecimento prodigioso e impenetrável da ciência moderna que o cria e mantém, ao diferenciar-se dele, opondo-se como conhecimento válido. No entanto, conforme alerta o mesmo autor, isso não deve ocorrer para criar uma nova forma isolada de conhecimento superior, mas para tornar-se um senso comum novo e emancipatório. Em outras palavras, o conhecimento-emancipação só existe na medida em que se torna senso comum.

Assim, o caminho para elaboração do conhecimento-emancipação envolve direcionar nosso olhar para os pilares que sustentam a modernidade e focar nos pontos mais negligenciados por ela. Santos (2000) argumenta que a racionalidade estético-expressiva, que compõe o pilar da emancipação, e o princípio da comunidade, que faz parte do pilar da regulação, são os pontos menos colonizados pelo paradigma moderno.

Na modernidade, a racionalidade estético-expressiva possui um caráter de inacabamento, pois a colonização do prazer, advinda da industrialização do lazer, dos tempos livres, dos bens culturais e da ideologia da prática do consumismo, não foi suficiente para

encerrar à individualidade intersubjetiva do *homo ludens*, capaz do prazer que resiste ao enclausuramento e promove o jogo entre os humanos. Já no princípio da comunidade, o inacabamento observa-se em dois de seus elementos constituintes, a saber: a solidariedade e a participação. Ambos foram parcialmente colonizados, apresentando-se de forma rígida apenas na esfera política, no tocante à cidadania e democracia representativa, porém, em muitos outros domínios da vida, a participação continuou como competência não especializada da comunidade (SANTOS, 2000).

A racionalidade estético-expressiva, a participação e a solidariedade, portanto, estão à margem do paradigma epistemológico dominante. Isso significa que os saberes produzidos nesses contextos são inferiorizados e relacionados ao senso comum, ao caos, à ignorância. E as motricidades ausentes da atualidade estão intimamente relacionadas com tais elementos e, por isso, são motivos para desclassificação e marginalização de pessoas e grupos que delas participam.

A pedagógica emergente tem o papel contra-hegemônico de trazer à tona essas motricidades, valorizando os conhecimentos delas decorrentes, contrapondo-os a epistemologia dominante, de modo a fomentar uma ecologia de saberes, a qual pode dar origem a um senso comum novo, crítico e emancipatório, no qual não haverá dominação epistemológica, pois o questionamento e as críticas ao sistema vigente poderão vir de qualquer parte ou grupo e serão considerados, em sua validade e legitimidade, acatados ou não, pela força dos argumentos e não pelo argumento da força ou por resignação.

A pedagógica emergente é algo em processo de construção, de ordem inicial, que cada vez mais questiona, denuncia e contrapõe-se à pedagogia da dominação. Ela traz à tona, e com força, o grito de socorro das classes oprimidas nas ruas, nos bairros, nas favelas e comunidades, marginalizadas pelas características que as diferenciam do grupo dominante, sejam elas étnicas, sexuais, econômicas ou de gênero.

Assim, a pedagógica emergente tem derivado das críticas e ações que tem insurgido da sociedade civil, principalmente, por meio da organização de coletivos e movimentos sociais, os quais têm se mobilizado em nome da cidadania, reivindicando direitos sociais negados ou subtraídos e afirmando seus modos de ser e estar ao mundo. Grupos estes que estão ganhando força em suas lutas sociais e que se originam principalmente nas áreas periféricas onde a desigualdade se acentua, o que, segundo Sily (2008), revela o quanto o usufruto dos direitos que constitui o cidadão não são realidade para grande parcela da população brasileira.

Nesse sentido, os movimentos sociais e ações civis revelam seu importante caráter pedagógico para o processo de revolução urbana, pois: “Aprender o direito à cidade é reivindicá-la como espaço, estruturas espaciais, moradia, transporte, escola, água, esgoto, posto de saúde, lazer. A base material da maior parte de nossa experiência se dá nos espaços da cidade” (ARROYO, 1997, p.34).

Matínez-Bonafé (2013) refere-se a esses movimentos como currículo encarnado, pois emergem da vida cotidiana e provocam respostas também na vida cotidiana. Segundo o autor, na rua revolta-se, organiza-se, denuncia e contesta às diferentes proibições que sofrem o corpo, o deslocamento, à identidade, à educação, as relações e faz isso em práticas alternativas dentro do próprio cotidiano.

De modo que uma das principais contribuições desses movimentos sociais tem sido mostrar o valor da materialidade e da territorialidade na configuração da identidade cultural urbana, pois eles desmascaram o tratamento abstrato que tem sido destinado aos direitos sociais e a democracia ao demonstrar que ambos, necessariamente, passam pela materialidade. A centralidade que a materialidade ocupa nas ações desses movimentos questiona, inclusive, a concepção de cidadania que, muitas vezes, é reduzida ao domínio da consciência e de saberes argumentativos críticos. Os movimentos trazem à tona que a cidadania é algo eminentemente prático e que, portanto, o direito à cidade envolve, necessariamente, reapropriação do espaço e transformação das estruturas espaciais (ARROYO, 1997).

Logo, o urbano já não é somente um local ou arena de conflitos políticos, mas se tornou um de seus principais interesses em disputa. Cada vez mais, a reorganização das condições urbanas aparece como um meio para modificar, em seu conjunto, as estruturas político-econômicas e as formações espaciais gerais do capitalismo mundial (BRENNER, 2014, p.8).

A presença cada vez maior dos movimentos sociais nos espaços urbanos, bem como as interferências e conquistas que suas lutas neles materializam, tem oferecido resistência à homogeneização cultural e classificação social operadas pelo capitalismo mundial, ao reivindicarem direitos e afirmarem a diversidade dentro do espaço urbano, garantindo, minimamente, a existência de uma pluralidade que permite aprender e a conviver com o outro.

Dentre as diversas motricidades ausentes e movimentos sociais existentes no contexto urbano, neste estudo dedicamos nossa atenção às pessoas que se utilizam da bicicleta para transportar-se e aos movimentos sociais que afirmam, defendem e promovem a prática

do pedalar. Nossa intenção é tornar presente tal motricidade, amplificando sinais e pistas que revelam seu potencial alternativo contra ordem hegemônica e traduzir seus conhecimentos de modo a torná-los inteligíveis ao campo da Educação. No entanto, compreender como a utilização da bicicleta pode contribuir para a construção da pedagogia emergente exige que, primeiro, identifiquemos quais são as características fundamentais dos processos educativos para que estes sejam coerentes com tal pedagogia. Questão a qual nos dedicaremos no próximo tópico.

1.4. Pedagogia emergente: caracterizando processos educativos

Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não ter um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente, com o nome “professor”. Não tem... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber [...] (SOUSA, 1984, p.8).

Como vimos anteriormente, a compreensão de educação expressa nesse estudo tem suas raízes na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos. Retomar rapidamente essa questão nos interessa, pois ela amplia nossos horizontes acerca do tema, o que nos auxiliará no estabelecimento das relações entre o uso da bicicleta e educação no decorrer da tese.

A citada linha de pesquisa teve origem em uma disciplina de pós-graduação, em que professores e estudantes colocaram as seguintes questões: “Como as pessoas se educam? Onde? Em que relações? Além da escola, em que outras práticas sociais nos educamos?” (OLIVEIRA et al., 2014, p.29).

Orientadas por estas questões, as inserções e investigações realizadas pelo grupo em diversas práticas sociais permitiram a linha de pesquisa colocar no seu horizonte de pressupostos que todas as práticas sociais são educativas. Frente a isso, as categorias teóricas disponíveis como: educação não-escolar, educação não-formal e educação informal, que possuem como referência a educação formal ou a educação escolar, não eram suficientes para lidar satisfatoriamente com os complexos processos de ensino e de aprendizagem observados nas práticas sociais investigadas (OLIVEIRA et al., 2014).

Essa adjetivação do termo educação revela uma dominância epistemológica, pois fragmenta o amplo e complexo fenômeno da educação, reduz e nomeia por processo de comparação com um tipo específico de educação que, querendo ou não, é tido como central,

mesmo quando eventualmente se tenta negá-lo, pois é a partir dele que se diferenciam os demais. Portanto, relacionar os conhecimentos oriundos das práticas sociais às categorias citadas tende a opô-los aos que são procedentes de espaços formais e/ou institucionalizados e, frente à supervalorização do saber científico reproduzido por tais instituições, os saberes originados em outros tempos-espacos são desvalorizados, por vezes, desqualificados.

Os estudos da citada linha de pesquisa têm atuado contra essa desqualificação de saberes, afirmando que os processos educativos que se desenvolvem nas práticas sociais favorecem o aprendizado de posturas, atitudes e valores, bem como, que todo indivíduo se constrói enquanto pessoa convivendo com as outras e que, ao fazê-lo, participa também da construção de um “nós”, no qual todos estão implicados (OLIVEIRA et. al, 2014).

Chamamos a atenção para isso, pois nos parece fundamental, apreender posturas, atitudes e valores presentes nas práticas, principalmente, aqueles que podem nos servir como alternativa de superação ao modo de ser e agir hegemonicamente posto, ou seja, nos interessamos por atitudes e valores que nos auxiliem na construção de uma pedagogia emergente.

Nesse sentido, assim como Souza (2010), compreendemos que somente quando os valores estéticos e a intencionalidade, que movem as pessoas a constituírem-se em meio às práticas sociais, deixarem de ser discurso e passarem a ser palavra constituinte, teremos a possibilidade da estruturação de caminhos para uma educação que considere os seres humanos em sua existência, dando a esta um caráter significativo por fundá-la cultural, política e socialmente entre aqueles e aquelas para quem as metodologias de ensino se dirigem. Para Souza (2010):

Se nos atentarmos para o *sentido* que cada prática social revela a seus sujeitos, se nos dispusermos a acreditar que todo ser humano é detentor de potencialidades para criar, refletir, aprender e ensinar, independente de sua origem social, étnica ou cultural e, que estas potencialidades, têm a força necessária para a elaboração de uma pedagógica, teremos esta educação tão almejada (p.113).

Ao pesquisar, identificar e valorizar os processos educativos envolvidos naquilo que temos compreendido como motricidades ausentes, nós voltamos um olhar crítico ao monopólio pedagógico estabelecido, porém, nesse processo de investigação faz-se necessário indicar as características daquilo que estamos considerando processos educativos.

Para nos auxiliar, elencamos, com base nos referenciais teóricos estudados, quatro características para compreensão dos processos educativos necessários a uma pedagogia emergente, a saber: convivência, prazer, solidariedade e participação.

A primeira delas é a convivência, pois como vimos com Oliveira et al. (2014), é pela convivência que nos constituímos enquanto pessoas em meio aos grupos e espaços que frequentamos. Conforme Maturana-Romesín (2014), nossas características biológicas de animais coletores e compartilhadores de alimentos nos tornam seres fundados no prazer da convivência e não na competição, sempre que negamos isso na constituição de nossos sistemas sociais geramos neurose e infelicidade. Nas palavras do autor:

Nosotros entramos en interacciones recurrentes espontáneas con otros seres, humanos o no, sólo y exclusivamente porque es agradable, porque nos gusta, porque nos movemos entre la simpatía que abre un pequeño espacio de existencia al otro, y el amor más extremo en que se abre un espacio de existencia en todas las dimensiones de la convivencia³³ (MATURANA-ROMESÍN, 2014, p.107).

A convivência é tempo-espaço de existência, elemento catalizador das demais características, é nela que as coisas se dão, conforme sinaliza o citado autor ao enfatizar a importância do prazer na manutenção da convivência, bem como o amor, sentimento sem o qual a solidariedade e demais dimensões da convivência não teriam sentido.

Continuando a caracterização dos processos educativos recorreremos a Freire (2008) que, além de afirmar que não há prática educativa fora desse espaço-tempo pedagógico que é o encontro entre sujeitos, também assevera que não existe prática educativa que não seja política, pois todas nossas ações estão envoltas em sonhos e, portanto, representam valores e projetos de mundo que são, inevitavelmente, estéticos e éticos, pois dificilmente alguém considera belo algo que não considera ético.

Com essas pistas nos aproximamos das outras três características de processos educativos anteriormente mencionadas, as quais temos entendido como dimensões importantes da convivência e que destacamos desde o pensamento de Santos (2000), quando sugere os pontos fundamentais para elaboração do que ele tem denominado de novo senso comum, em nossa compreensão, outra forma de convivência, ou seja, uma pedagógica emergente. O autor propõe como base para sua construção as três seguintes dimensões: a solidariedade (dimensão ética), a participação (dimensão política) e o prazer (dimensão estética).

Santos (2000) propõe tais pontos como base, pois foram eles os menos colonizados pelo paradigma moderno, podendo portanto elevar-se como contraponto e fomentar o

³³ Nós entramos espontaneamente em interações recorrentes com outros seres, humanos ou não, só e exclusivamente porque é agradável, porque gostamos, porque nos movemos entre a simpatia que abre um pequeno espaço de existência ao outro, e o amor mais extremo, no qual se abre um espaço de existência em todas as dimensões da convivência (Tradução livre).

conhecimento-emancipação que, como vimos, visa conduzir-nos desde o colonialismo para a solidariedade. Segundo o autor a solidariedade como forma de conhecimento é fundamental para que ela exista também como um comum político, no entanto, isso só correrá quando essa forma de conhecimento se transformar em senso comum de modo geral.

A solidariedade enquanto forma de conhecimento pressupõe uma nova ética que, diferentemente da ética neoliberal que atualmente domina a racionalidade moral-prática, não seja colonizada pela ciência e tecnologia, mas seja sim orientada pelo princípio da responsabilidade. Tal princípio tem como base o cuidado e por isso nos coloca no centro de nossas ações e nos responsabiliza por tudo que, de bom ou ruim, acontece ao outro no presente ou no futuro, seja esse outro uma pessoa, um grupo ou qualquer outro ente da natureza (SANTOS, 2000).

Dussel (2007) nos ajuda a compreender esse princípio ético da responsabilidade, uma vez que, nos apresenta os dois componentes que considera como fundamentais ao estabelecimento de um critério crítico, os quais permitem efetivamente estabelecer algo que possamos denominar ética. Segundo ele a questão ecológica é básica para elaboração do conceito de ética, assim este deve abranger obrigatoriamente um componente *formal* e outro *material*. Deste modo, uma organização social realmente consensual e democrática deve equilibrar uma forma de vida “boa” que seja, simultaneamente, “válida”, ou seja, que garanta materialmente a preservação ecológica e histórico-cultural necessária a todas as pessoas.

Ocorre que, atualmente, a moral formal não possui uma referência material, isso faz com que a pretendida “vida boa” não seja, e nem possa ser, realidade para a maioria das pessoas. Isso gera uma corporeidade que sofre por não poder reproduzir para si essa vida boa e que, por sua existência, invalida o ideal de vida proposto, revelando sua contradição frente à impossibilidade de reproduzir-se na vida real de grande parte da população. A insistência, afirmação e globalização de um modo de vida imerso nesse contrassenso o transforma em totalidade, em paradigma hegemônico que se estabelece pela dominação e alienação, uma vez que, materialmente, escancara sua impossibilidade efetiva de globalizar-se (DUSSEL, 2007).

Freire (2000) também chama nossa atenção para o princípio ético da responsabilidade, pois para ele “[...] é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade” (p.112). Segundo o autor, essa dimensão é fundamental para o processo educativo, porque, ao sermos presença consciente no mundo, não podemos fechar os olhos para nossa responsabilidade ética ao nos movermos nele, motivo pelo qual não é possível a existência humana sem uma necessária eticização do mundo, que por nosso inacabamento, comporta

também a transgressão ética. Conforme sinaliza o autor, as demasiadas situações de transgressão a ética que vivemos na contemporaneidade advertem o quanto:

[...] urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre homens e mulheres, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador (FREIRE, 2000, p.67).

O pilar da regulação na modernidade foi reduzido principalmente ao princípio do mercado que colonizou a dimensão ética, gestando a ética neoliberal. Porém, conforme alerta Santos (2000), devemos nos orientar pelos pontos menos colonizados, por isso a solidariedade como parte do princípio de comunidade nos parece o caminho mais adequado para o estabelecimento de posturas éticas e solidárias necessárias a uma pedagógica emergente.

Entretanto, o princípio ético da solidariedade do qual falamos, não se materializa sem uma ação política, a qual não pode se dar de forma ditatorial e alienante, porque, conforme alerta Freire (2000), o caminho autoritário é em si mesmo uma contravenção à natureza indagadora dos seres humanos.

Por isso, a dimensão política dos processos educativos que destacamos é relacionada à participação, elemento também pouco colonizado do princípio de comunidade. Segundo Santos (2000), a política como fator de emancipação degenerou-se frente a sua manifestação como prática social setORIZADA e especializada, que acarretou o rígido controle do cidadão nessa prática, principalmente, relacionados aos princípios de estado e de mercado. Com isso, a política ganha contornos próprios da regulação, restringindo-se, para a maioria das pessoas, aos poucos momentos de participação autorizada da população nas decisões, enquanto que esta, em âmbitos do princípio de comunidade, sempre foi negligenciada e desconsiderada. Frente a esse contexto, os processos educativos de uma pedagógica emergente devem nos direcionar no sentido contrário, promovendo uma repolitização global da vida coletiva, pois, conforme sugere Santos (2000), esse novo senso comum político deve considerar que todas as outras formas de poder são, em si, também políticas. Nas palavras do autor “[...] quanto mais vasto for o domínio da política, maior será a liberdade. O fim da política significará sempre, duma forma ou doutra, o fim da liberdade” (p.113).

Embora essa ampliação da dimensão política seja importante, é necessário considerarmos com Harvey (2007) que:

No podemos presumir que *todo* lo personal contribuye a la *buena* política. Y tampoco es posible aceptar la tesis preferida por algunos movimientos alternativos radicales (como la ecología radical y algunas áreas del feminismo) de que las transformaciones de las actitudes y los comportamientos personales son suficientes (en lugar de simplemente necesarios) para que se produzca el cambio social. Aunque el cambio social puede empezar y terminar en lo personal, hay mucho más en juego que el crecimiento personal individualizado o las manifestaciones de compromiso personal [...] Y al reunir las personas en patrones de solidariedades sociales y políticas, hay tantas trampas y recovecos como caminos abiertos al cambio³⁴ (p.220).

Ainda que envolva certos riscos, o autor afirma que a construção de solidariedades locais, bem como a organização de coletividades relacionadas a afinidades locais, são meios cruciais para que as pessoas ampliem suas experiências políticas, já que, os questionamentos e a negociação surgem desde o particularismo militante e os ativismos e se dão “[...] entre personas políticas que buscan cambiarse unas a otras y al mundo además de a sí mismas”³⁵ (HARVEY, 2007, p.220).

Nesse contexto, Dussel (2001) contribui com nossas reflexões ao expor o que chama de razão política crítica, a qual, segundo ele, deve assumir total responsabilidade pelos efeitos negativos e não-intencionais das decisões, leis, ações ou instituições, admitindo o direito político das vítimas que sofrem com ações políticas passadas ou presentes.

Portanto, Dussel (2001) argumenta que, a razão política, diante do princípio ético da responsabilidade, deve ser uma razão prático-material e, desde então, ocupar-se da produção, reprodução e manutenção da vida, considerando o desenvolvimento da humanidade em comunidade e em longo prazo, assumindo politicamente a necessidade de manutenção “[...] de la biosfera (ecología) y como sistema de división del trabajo, de la producción de satisfactores y su distribución e intercambio (economía)”³⁶ (p.49).

O autor reafirma o direito das vítimas como critério da razão política, pois somente elas podem denunciar a não-validez de uma ordem política injusta. Para Dussel (2001), a comunidade de vítimas oferece um diagnóstico científico para as patologias do Estado.

³⁴ Não podemos presumir que *todo* o pessoal contribui para a *boa* política. E tão pouco é possível aceitar a tese defendida por alguns movimentos alternativos radicais (como a ecologia radical y algunas áreas do feminismo) de que as transformações das atitudes y os comportamentos pessoais são suficientes (em lugar de simplesmente necessários) para que se produza mudança social. Ainda que a s transformações sociais possam começar e terminar na dimensão pessoal, há muita mais coisas em jogo que o crescimento pessoal individualizado ou as manifestações de compromisso pessoal [...] E ao reunir as pessoas em padrões de solidariedades sociais e políticas, há tantas armadilhas e recônditos como caminhos abertos à mudança (Tradução livre).

³⁵ [...] entre pessoas políticas que buscam mudar umas as outras e ao mundo, além de si mesmas (Tradução livre).

³⁶ [...] da biosfera (ecologia) tal como os sistemas de divisão do trabalho, de produção de satisfações considerando sua distribuição e intercâmbios(economia) (Tradução livre).

El sistema político, cuando produce víctimas en número intolerable, significa que su autoconservación se ha transformado en fin, y los miembros de la sociedad política sólo operan como mediación, reprimiéndolos, disciplinándolos, alienándolos³⁷ (DUSSEL, 2001, p.59).

Romper com esse processo de autoconservação exige reconhecer o poder político que se encontra fora das instituições do Estado, por isso a pedagógica emergente deve fazer brotar, da vítima excluída, a pessoa cidadã, reconhecendo e legitimando-a enquanto agente de transformação pertencente a uma comunidade crítica que luta por seus direitos.

Nessa perspectiva, a dimensão política se amplia deixando de restringir-se a momentos de participação popular autorizada e extravasa, ganhando corpo nos sujeitos práticos e estratégicos que fazem política na própria práxis transformativa que assumem frente ao sistema que os oprime e excluem. Segundo Dussel (2001), esse grupo de pessoas tem se manifestado principalmente pelos movimentos sociais, os quais têm afetado a sociedade política de modo geral.

Os conteúdos presentes nas ações dessas pessoas e grupos revelam-se, portanto, como fundamentais para uma pedagógica emergente, já que compreendemos, assim como Freire (1989), ser um contrassenso negar da natureza política dos processos educativos, tanto quanto negligenciar o caráter educativo intrínseco a cada ato político. Para o autor, tal implicância revela a impossibilidade de uma educação neutra que se afirme em favor da humanidade, pois:

[...] tanto no caso do processo educativo quanto no do ato político, uma das questões fundamentais seja a clareza em torno de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, fazemos a educação e de *a favor de quem e do quê*, portanto *contra quem e contra o quê*, desenvolvemos a atividade política. Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder (FREIRE, 1989, p.15-16).

Assim, estar no mundo exige um posicionamento crítico a favor de *quê* se está, de modo que, se estamos a favor de uma forma de desenvolvimento que se ocupe da preservação da vida humana e do planeta, indubitavelmente, estaremos contra tudo aquilo que a impede de acontecer, o que nos obriga a assumir determinado papel na luta pela superação desses limites.

³⁷ O sistema político, quando produz vítimas em quantidade intolerável, significa que sua autoconservação se transformou em sua finalidade, e os membros da sociedade política só operam como mediação, reprimindo, disciplinando, alienando (Tradução livre).

No entanto, para entusiasmar-se com esses valores éticos e engajar-se em ações políticas por eles orientadas é preciso, segundo Quintás (1992), entrar em uma relação de presença, de encontro com tais valores, situação que só se realiza por meio da participação criadora nas realidades circundantes e, para o citado autor, “ajudar a descobrir esta vizinhança enigmática das experiências humanas mais altas é a maior contribuição da estética para a tarefa educativa do homem” (p.26).

Aqui chegamos à dimensão estética dos processos educativos a qual queremos também destacar. De acordo com Santos (2000), o prazer foi expulso da ciência e confinado ao consumo de massa e a ideologia do consumo, motivo pelo qual deve apresentar-se como a marca estética do novo senso comum, pois o prazer, paixão e emoção, foram historicamente rejeitados em nome da manutenção da reprodução dos dualismos sujeito/objeto e cultura/natureza oriundos do pensamento científico dominante. O autor argumenta que, se não nos opusermos com uma nova experiência estética, tais dualismos continuarão como pressupostos de conhecimento e, por isso, o conhecimento-emancipação deve privilegiar a proximidade como forma de compreender o mundo, pois somente o sensível pode nos conduzir ao “[...] reencantamento das práticas sociais locais-globais e imediatas-diferidas que plausivelmente possam conduzir do colonialismo à solidariedade” (SANTOS, 2000, p.116).

De acordo com Quintás (1992), a proximidade, o acolhimento respeitoso das realidades que constituem o meio ambiente vital, diminui drasticamente quando o ideal de vida assumido pelas pessoas pauta-se no aumento do domínio. Segundo ele, o desejo de dominação é responsável pela dificuldade em que se encontram as gerações atuais em orientar o processo de desenvolvimento humano, pois são “[...] quatro séculos de vida cultural impelida e modelada pelo *ideal de domínio* e do *mito do eterno progresso*, a convicção que o saber teórico produz, de forma linear e progressiva, saber técnico, domínio da realidade, conforto e felicidade” (p.16).

Essa visão objetivista da realidade que condiciona os modos de ser aos esquemas sujeito/objeto, interior/exterior, corpo/mente, mitiga a possibilidade criadora do ser humano, pois criatividade envolve, necessariamente, uma relação estreita entre o Ser e o que o cerca, o que não ocorre quando a relação se estabelece com coisas exteriores, alheias, que tomamos como tema de análise e submetemos ao nosso controle. De acordo com Quintás (1992), superar essa tendência demanda grande esforço e a “[...] estética pode desempenhar um papel decisivo nesta difícil tarefa pedagógica” (p.16).

Para o citado autor a experiência estética é quem estabelece nossos vínculos com o mundo, pois é pela dimensão sensível que se dá a possibilidade de “[...] *misturar-se*, fundar

um campo de jogo comum, e instaurar uma relação de encontro, modo altíssimo de unidade no qual o distinto, distante, externo e estranho se torna íntimo sem deixar de ser distinto” (QUINTÁS, 1992, p.16).

Reflexão semelhante é apresentada por Duarte Júnior (1998) quando afirma que há dois modos de perceber as coisas, a saber: experiência prática e a experiência estética. A primeira delas se estabelece em um relacionamento “eu-isso”, muito atrelado à nossas atitudes cotidianas (práticas), em que tratamos coisas e pessoas como objeto de nosso domínio para satisfazer interesses. Já a experiência estética se estabelece a partir de uma relação “eu-tu”, esta é horizontal, não existe a subordinação da coisa com a qual nos relacionamos, seja ela pessoa ou objeto. Conforme sinaliza o autor, é a partir desta última que o ser humano apreende o mundo de forma global, sem a mediação das representações, conceitos e símbolos pré-estabelecidos que orientem nossas ações na experiência prática. Para ele:

Enquanto a primeira busca a função — vale dizer, a utilidade — dos objetos, a segunda se compraz com suas formas e maneiras de aparecer, isto é, com os prazeres sensíveis e emoções que eles nos despertam. O modo prático de ver o mundo orienta-se movido pelas questões “o que posso fazer com isto e que vantagens posso obter disto?”, ao passo que o olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre uma sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade (DUARTE JÚNIOR, 2000, p.102-103).

Essas duas formas de experimentar o mundo nos permitem estabelecer uma distinção entre o *inteligível*, que corresponde ao nosso universo simbolizado ou refletido, e o *sensível*, referente à relação de promiscuidade³⁸ que nos possibilita viver e sentir o mundo.

Na atualidade, o olhar orientado por interesses práticos e lucrativos vem sendo afirmado e confirmado tanto nas escolas, como também em diversas situações de nossa vida cotidiana, o que acarreta na desatenção às experiências estéticas de nosso dia a dia, ou seja, nos “anestesia”, subsumi a “estesia” de estar ao mundo, nos fazendo, por exemplo, conviver naturalmente com o lixo nas ruas ou não notar a presença de uma árvore florida (DUARTE JÚNIOR, 2000).

Conforme Souza (2014), a ação humana é constituída por uma intencionalidade que busca a extasia, de modo que, o projeto de vida que adotamos e que se torna corporalmente visível é a expressão da busca por aquilo que “[...] cada qual pensa ser o belo, ou que, no mínimo, pensa poder lhe oferecer o prazer de Ser” (p.74).

A questão é que as experiências estéticas geram proximidade e, esta, nos invoca a agir assumindo a responsabilidade pelo cuidado com aquilo que nos é próximo, que nos afeta.

³⁸ Sobre essa relação de promiscuidade ver Souza (2014).

Porém, quando estamos imersos em um mundo de representações, somos orientados pela razão prática ou por um senso estético manipulado pelas telas, mídias e instituições, que, representando determinado grupo social, visa criar cenários favoráveis à manutenção de seus interesses.

De acordo com Souza (2014), atentas a esse processo de busca, pessoas que possuem seu modo de vida economicamente sustentado na exploração de outras, utilizam-se da necessidade de aceitação daquelas pessoas por elas hierarquicamente inferiorizadas, elaborando distintos recursos, carregados de símbolos existencialmente significativos, que possibilitem a sedução para essa outra perspectiva de ser. Uma enxurrada de propagandas comerciais divulga “[...] o segredo da beleza que pode tornar todas as pessoas ricas, aceitas, felizes e, potencialmente, livres” (p.74).

Entre essa anestesia que somos expostos e a estesia que nos é originária, encontra-se a educação com seu papel fundamental de nos orientar em nossa busca pela extasia, pois:

Enquanto que nós, civilizados, estamos mergulhados num oceano de significações, entre as quais devemos eleger aquelas que pautem o nosso agir diário; e nem sempre é possível que este agir diário se coadune com nosso esquema de valores e significados. Assim, a própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentam sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer. Caso contrário, estamos frente à tendência “esquizoide” de nossos tempos: a dicotomia entre falar e o fazer, entre o pensar e o agir, entre o sentir e o atuar (DUARTE JÚNIOR, 1998, p.18).

A experiência estética funda vínculos com o mundo, os quais são carregados de valores éticos e políticos, por isso essa dimensão nos parece central nos processos educativos. Nessa perspectiva, nosso prazer não pode estar associado a condutas que comprometam a existência da vida. Assim, uma pedagógica emergente, deve nos possibilitar vivências que nos permitam redescobrir o prazer, desvinculando-o do consumismo que acarreta a exploração de pessoas e de outros entes da natureza, pois:

Quando o homem assume, por exemplo, um valor ético e age impelido por ele, este valor deixa de ser distante e externo a ele para se transformar em algo íntimo, numa espécie de voz interior. Ao agir em virtude de suas exigências, o homem não se sente coagido (arrastado a partir de fora), alienado (tirado para fora de si), mas levado ao melhor de si mesmo, a sua plenitude humana, que é fonte de satisfação, de prazer e entusiasmo (QUINTÁS, 1992, p.17).

A percepção do que é belo comporta uma infinidade de possibilidades, pois a beleza habita a relação de afeto que se estabelece entre Ser e mundo. No entanto, conforme nos alerta

Duarte Júnior (1998), a percepção está intimamente ligada à aprendizagem, tanto que, as pessoas de um mesmo grupo social, compartilham de um mesmo conjunto de valores. Nessa perspectiva, nossa percepção revela, em alguma medida, o condicionamento de nossa maneira de ver, ouvir e sentir orientado pela sociedade e, parafraseando Freire (2001): “É por isso também que a educação será tão mais plena quanto mais esteja sendo um ato de conhecimento, um ato político, um compromisso ético e uma experiência estética” (p.117).

Os processos educativos que podem contribuir na construção da pedagógica emergente, deve buscar manter coerência com as dimensões ética, estética e política desse projeto de mundo. No caso do uso da bicicleta, motricidade ausente foco deste estudo, nos interessa observar situações em que se revelam as características aqui apresentadas, a fim de evidenciar os processos educativos a ela relacionados e que podem contribuir para construção desta pedagógica emergente. Porém, antes de nos enveredarmos por estes caminhos, se faz necessário compreender o contexto em que a bicicleta surge e difunde-se, assunto que trataremos no próximo capítulo.

2. Bicicleta e modernidade: de símbolo de progresso à motricidade ausente

Talvez, a partir de um olhar desatento sobre o “mundo em disparada” contemporâneo, a bicicleta pareça perdida em meio aos carros, motocicletas, e aviões, escondida em meio aos valores do supersônico, do urgente e do instantâneo. Numa análise mais detalhada, contudo [...] a bicicleta nasce moderna e veloz, se constituindo em um dos símbolos do progresso e da modernidade na transição dos séculos XIX e XX (SCHETINO, 2007, p.12).

Para tratarmos da bicicleta e voltarmos nosso olhar às possibilidades de processos educativos a ela relacionados, se faz necessário considerar minimamente o contexto histórico, destacando o desenvolvimento de práticas culturais e transformações espaciais que sua presença engendrou nas cidades. Para tanto, ao iniciar o presente tópico, tomamos de empréstimo a questão levantada por Schetino (2007, p.19): “[...] qual foi o papel da bicicleta na materialidade urbana da cidade, desde o seu surgimento?”.

O período histórico citado na epígrafe foi marcado pelo dinamismo das transformações sociais e, de acordo com Schetino (2007), muitas dessas transformações decorreram do surgimento de novos materiais e inventos, produtos da revolução científica e tecnológica da época. Segundo o autor, essa conjuntura trouxe “[...] ao mundo novas

possibilidades e encaminhamentos para os modos de vida e as relações humanas, entre eles a bicicleta e o ciclismo” (p.34).

As práticas de utilização da bicicleta emergem conjuntamente com sua invenção, principalmente a partir de 1861 quando, segundo Schetino (2007), a bicicleta³⁹ sofreu a mais significativa mudança realizada pelos irmãos Pierre e Ernest Michaux, que acrescentaram ao equipamento os pedais, permitindo ao condutor movimentar a bicicleta sem a necessidade de tocar os pés no chão, o que possibilitou sua popularização, para as mais distintas atividades do dia a dia. Nesse contexto, andar de bicicleta passou a expressar diversas intenções: trabalhar, viajar, passear, exercitar-se, enquanto prática esportiva, competir, brincar, protestar, reivindicar, entre outras, ou seja, um mesmo gesto, um mesmo movimento pode ter a ele atribuído diversos sentidos, valores e motivações.

A partir de então, a bicicleta começou a fazer parte de diversas práticas culturais que, assim como ela, também emergiram da nova forma de organização social que se estabelecia em diversos campos, tais como: lazer, esporte, saúde, turismo e transporte. Embora os citados campos, de certa maneira, já existissem nas organizações sociais anteriores, foi na modernidade que eles ganharam contornos mais distintos, devido principalmente à influência do processo de industrialização e a consequente e progressiva urbanização.

O lazer, segundo Werneck (2000), está intimamente relacionado ao processo de produção, pois dialeticamente vinculado ao trabalho, o lazer emerge, na sociedade urbano-industrial, diante da reivindicação dos trabalhadores que culminou com a conquista de um tempo de folga em relação ao trabalho. Algo similar ocorre com o esporte, de acordo com Melo (2007), embora exista uma tendência que considere a existência do esporte na antiguidade, existe também a que o considera um fenômeno exclusivamente moderno, porém independente dessas tendências não é possível negar que a partir da modernidade tal prática social adquire características marcantes que se mantém atualmente. O autor afirma que tais características começaram a delinear-se na Inglaterra, local onde o esporte emergiu inicialmente nas *public schools*, escolas destinadas aos filhos da classe burguesa, com fins educacionais visando o controle corporal e a formação de lideranças, valores atrelados ao

³⁹ Bicicleta deriva de “*bicyclette*” nome dado a um dos modelos de velocípede construído por uma empresa inglesa em 1880, o qual possuía características similares a bicicleta atual (SCHIETINO, 2007). A história da bicicleta é bastante complexa, pois diversas pessoas estiveram envolvidas no seu desenvolvimento em diferentes momentos. De modo geral, acredita-se que a bicicleta teve origem a partir de um brinquedo chamado *Celerífero*, construído pelo francês Conde de Sivrac no ano de 1791 e, posteriormente, seu desenvolvimento teve a participação de diversos inventores, tendo como um dos principais contribuintes o alemão Barão Karl von Drais, que em 1817 criou a *Draisiana*, algo similar ao *Celerífero*, porém com sistema de freio, de direção por meio de guidão e selim. Sua criação foi patenteada em 1818 e foi a partir desse modelo que outros inventores fizeram suas contribuições tecnológicas para o invento, por isso credita-se a ele a invenção da bicicleta (BUSTOS, 2015; ALCORTA, 2015).

novo estilo de vida relacionado ao caráter predominantemente urbano e ligado às mudanças ocasionadas pela industrialização.

No âmbito da saúde, destaca-se a concepção higienista que se desenvolve no contexto das cidades que, no referido período, passaram a ser palco de graves crises de saúde pública, devido ao abrupto adensamento populacional, falta de saneamento básico e a miséria que começou a fazer parte da população deslocada aos centros industriais. Os problemas de saúde eram interpretados como efeitos do comportamento individual, como se as mazelas sociais vividas pelas populações dos centros urbanos não tivessem qualquer influência nisso. Assim, as ações estatais orientadas pela classe médica passam a ter forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo com vistas à produção de corpos saudáveis para manutenção do processo de produção (SOARES, 2012). Nesse período, a educação escolar, de modo geral, e a Educação Física, em particular, tiveram papel central na conformação das pessoas para adequá-las ao novo modelo social, inclusive, utilizando-se do esporte.

O turismo e o transporte também sofrem profundas mudanças na modernidade, pois a necessidade de circulação de pessoas e produtos aumenta vertiginosamente frente às necessidades de produção e consumo que se estabelecem. A necessidade de meios de transporte e a evolução em busca da rapidez, posteriormente, nutrem o turismo, que se utiliza destes meios para vender às pessoas, extenuadas pelo trabalho e incomodadas pelo dia a dia da vida urbana, mais um tipo de produto, as viagens.

É em meio a essas transformações que surge na Europa a bicicleta. Segundo Schetino (2007), 1861 é o ano em que o primeiro velocípede é apresentado ao mundo na cidade de Paris e logo a bicicleta ficou “[...] conhecida como ‘o cavalo de ferro’, e na medida em que tomava as cidades foi angariando certo número de entusiastas, obviamente, também entusiastas do progresso, e das transformações que estavam em curso em Paris” (p.70). De acordo com o citado autor, as relações entre a bicicleta e o cavalo não se restringiam ao apelido, mas refletia uma relação que resultaria na substituição em larga escala deste animal que era o principal meio de transporte na época. O surgimento da bicicleta nesse momento era reconhecido como um benefício social, pela sua facilidade de deslocamento e por ser um “cavalo” que não precisava ser alimentado, conforme revela estudo de Schetino (2007).

No mesmo sentido, Santos (2011) aponta que a bicicleta foi a proposta viável de substituição da força animal para o transporte pessoal. Segundo a autora a analogia entre o cavalo e a bicicleta se dá desde o vocabulário, tal como selim deriva da palavra sela, bem como pelo vestuário recomendado e até os regulamentos e regras que orientaram as primeiras corridas de bicicleta inspirados nas corridas de cavalos.

A partir desse momento, a bicicleta passou a fazer parte da vida dos europeus, inicialmente das classes mais abastadas, afinal ela ainda era um produto de construção artesanal, com baixa produção.

Segundo Schetino (2007), nessa fase inicial a bicicleta teve presença constante nas obras dos artistas futuristas que compreendiam a bicicleta como expressão da velocidade e da modernidade, valores que frequentemente exaltavam em suas produções artísticas. De acordo com o mesmo autor, a preocupação com a saúde, em sua vertente higienista, também se ocupou do “bom” uso da bicicleta, afirmando os benefícios da prática do ciclismo para o corpo, inclusive, com médicos fazendo uso dos passeios de bicicletas em receitas médicas.

Santos (2011) também nos indica que, com a predominância de valores iluministas, ao longo do século XIX a bicicleta emerge como um símbolo da autonomia do humano em relação à natureza, além de favorecer a higiene e saúde pública, num contexto em que o descuido com a saúde pessoal era visto como ameaça social.

Posteriormente, com os avanços tecnológicos nos processos de produção, a bicicleta passou a ser fabricada em massa, esse período teve como marco a inauguração da primeira fábrica de bicicleta em 1878. Conforme Schetino (2007, p.75):

[...] o desenvolvimento de novos materiais e produção em maior quantidade por empresas fabricantes – como por exemplo Clement e Peugeot – resultaram no barateamento de seu custo. Junto a isso, o investimento em linhas de crédito para trabalhadores e o incentivo das fábricas para que seus operários adquirissem uma bicicleta para se deslocarem para o trabalho resultaram em sua rápida popularização em Paris. Em um curto espaço de tempo, a bicicleta já modificara a paisagem da capital francesa, e *la petit reine* se tornaria um dos símbolos de identidade nacional daquele país.

Desde sua invenção, a bicicleta começou a fazer parte das práticas sociais da época. Com a produção em massa, a presença desse objeto passou a ser comum nos deslocamentos para o trabalho, nos passeios em momentos de lazer e, em um contexto social em que o esporte carrega valores que estão em consonância com o projeto de modernidade, logo surge, na França, uma nova modalidade esportiva, o ciclismo. Expresso na materialidade de provas como Paris-Brest-Paris, com sua primeira edição em 1891, e Tour de France, iniciada em 1903, que são até hoje realizadas (SCHETINO, 2007). Esporte tão difundido que está presente nos jogos olímpicos modernos desde sua primeira edição em 1896.

Vista como possível substituta ao cavalo, a bicicleta se insere em práticas e espaços a ele relacionados, segundo Santos (2011), a presença das primeiras corridas de bicicletas trouxe uma distinção de classe para os hipódromos, pois a postura cabisbaixa e o esforço do

condutor em busca de maior velocidade contrariava o porte aristocrático, de cabeça erguida, tradicional no hipismo. Com isso a bicicleta passou a ser associada ao trabalho de força e, conseqüentemente, ao trabalho dos operários nas fábricas. Nesse contexto, “A bicicleta populariza-se e o espetáculo da corrida também: o hipódromo e o hipismo reforçam a sua posição de distinção de classe e a bicicleta será chamada de cavalo de pobre”, assim esse objeto visto pelas elites como “A máquina tão pouco usual que faz do homem uma besta, tal era o esforço para a fazer andar, torna-se em três décadas no meio de transporte dos trabalhadores” (SANTOS, 2011, p.187-188).

A popularidade permaneceu nos países europeus até pouco depois da Segunda Guerra Mundial, quando se restabeleceu o desenvolvimento econômico desses países e o automóvel⁴⁰ passou a ser realidade para uma grande parte da população. Desde então, o uso da bicicleta decaiu consideravelmente e os espaços urbanos foram sendo delineados para atender a nova demanda, mas, com o passar do tempo, o transporte individual motorizado revelou suas limitações, motivo que fez alguns países europeus reavaliarem o papel da bicicleta na mobilidade urbana, principalmente à partir das crises do petróleo ao final da década de 60 e durante a de 70 (ALCORTA, 2015; SOARES et al., 2015).

No Brasil, a história da bicicleta conta com pouquíssimos estudiosos simpáticos ao tema o que, juntamente com a ausência de bibliografia específica, reduz os registros sobre os primórdios da bicicleta no país às notícias de jornais e informativos de alguns clubes publicados até século XX. Porém, acredita-se que as primeiras bicicletas adentraram ao território nacional no início do século XIX pelo eixo Rio de Janeiro/São Paulo (BUSTOS, 2015).

O eixo Rio de Janeiro/São Paulo era onde se concentravam as elites mais influentes do Brasil, as quais tiveram um papel fundamental na reprodução do ideal modernista europeu no contexto das cidades brasileiras.

De acordo com Lobo e Binatti (2015, p.94), “O Rio de Janeiro constrói sua história com a bicicleta e o ciclismo no período de transição do século XIX para o XX, devido à forte influência do estilo de vida europeu, em especial o estilo francês”.

No mesmo sentido, Schetino (2007) afirma que o Rio de Janeiro sofreu grande influência francesa, que pode ser observada tanto nos planos de construção e reconstrução do espaço físico, como também nos costumes da população da época. Segundo ele, tais

⁴⁰ Com o primeiro registro de patente no ano de 1886, o automóvel ascendeu ao posto de veículo moderno, que mais veloz, passou a ser a representação máxima do progresso, porém, assim como a bicicleta, inicialmente teve uma produção artesanal, situação que se modificou a partir de 1908 quando a Ford inicia a produção do modelo T, sendo que a produção em linha desenvolveu-se especialmente na década de 20.

influências direcionavam a educação da elite carioca e também seus modos de vida, que incluíam o consumo de artigos de luxo importados da Europa graças à riqueza produzida pelo café. Segundo Schetino (2007): “A influência francófila era tamanha que o período que marca o início do século XX no Rio de Janeiro ficou conhecido como *Belle Époque*” (p.21).

Assim, as influências francófilas chegavam pelas mãos das elites e, com elas, diversas práticas culturais importadas da Europa, dentre as quais se encontram os esportes e, entre eles, o ciclismo. Schetino (2007) assevera que a influência europeia na busca pela modernização do Brasil pode, inclusive:

[...] ser percebida através da chegada da bicicleta ao país. Sendo assim, não só a bicicleta chega enquanto produto, mas também o ciclismo, enquanto prática cultural, em seus passeios e em suas competições esportivas. Para tanto, a cidade do Rio de Janeiro se modifica, inclusive em sua estrutura física, para receber essa modalidade (SCHETINO, 2007, p.23).

Embora presentes no Brasil, as bicicletas, assim como em seu surgimento na Europa, ainda eram um luxo das elites e dessa forma foram por muitos anos, mesmo depois da popularização do artefato na Europa. De acordo com Schetino (2007), até 1894, quando um comerciante francês abriu a primeira importadora do produto, só conseguiam comprar bicicletas as pessoas que tinham condições de adquiri-las pessoalmente na Europa. Assim, por muitos anos, possuir uma bicicleta no Brasil era um distintivo social e, por isso, exhibir-se pedalando pelas ruas da cidade foi por muito tempo símbolo de status e, as chegadas de novas encomendas aos portos, eram motivo de cobertura jornalística nas seções de esportes.

Diante dos altos custos e frente ao interesse das pessoas em conhecer a novidade que as elites exibiam, bicicletas passaram a ser alugadas aos poucos que também podiam pagar por isso, e com isso, segundo Schetino (2007):

[...] a bicicleta modifica a paisagem da cidade, seu modo de funcionamento, sua estrutura física. O início das importações, o aumento do número de bicicletas de segunda mão e o aluguel de bicicletas foram fatos que contribuíram para que cada vez um número maior de pessoas passasse a conhecer esse novo invento. A bicicleta e o ciclismo tomam a cidade. O nome desse artefato logo nos remete à prática cultural advinda de sua utilização (p.80).

Com a bicicleta chega ao Rio de Janeiro também o ciclismo e, conforme afirma Schetino (2007), nesse momento histórico é difícil compreender a bicicleta separada do ciclismo, pois no Brasil a bicicleta estava longe de ser veículo de transporte das massas,

restringia-se inicialmente a práticas de ciclismo proporcionadas, principalmente, pelos clubes cariocas.

O esporte, antes de ser uma atividade física, era nesse momento um estilo de vida, tanto que o termo *sportsman* era não só usado para os praticantes de esportes, mas, sobretudo, direcionado ao homem moderno, alinhado aos princípios progressistas da modernidade, de modo que ter uma bicicleta nesse período fazia de seu proprietário um legítimo *sportman* (SCHETINO, 2007).

No princípio as provas eram de fundo recreativo e aconteciam poucas vezes e de maneira dispersa, sendo frequentemente atreladas à festas e comemorações especiais ou a título de entretenimento, fazendo a exibição da novidade do momento. Inicialmente realizadas em raias de cavalos, as corridas logo ganharam lugar próprio, os velódromos. Em 1892 inaugurou-se o Bellodromo Nacional, que foi por muito tempo o principal espaço de corridas, desde sua abertura acirrou-se a competitividade, inclusive por conta das apostas em dinheiro que motivavam os espectadores (SCHETINO, 2007).

O interesse das elites no ciclismo era tanto que moveu grandes investimentos financeiros para garantir a prática de um esporte moderno e alienígena, porém, a última moda em Paris.

No Bellodromo Nacional, o trabalho do Major Alfredo Vicente Martins foi pioneiro. Inaugurou o espaço na cidade, fazendo altos investimentos para disponibilizar toda a infraestrutura necessária para o esporte. Em uma época onde as bicicletas ainda eram trazidas da Europa, contratou também um grupo de ciclistas franceses, para mostrar o novo esporte à população do Rio e incentivar os aspirantes ao ciclismo na capital. Além disso, organizou o serviço de aluguel e lições de bicicletas, formulou junto a sua diretoria o código para os corredores e mandou buscar um mecânico da Europa para cuidar das novas máquinas (SCHETINO, 2007, p.102).

Posteriormente, a partir de 1892, os ciclistas começaram a se organizar e surgiram diversos clubes de ciclismo que organizavam passeios ciclísticos e piqueniques. As bicicletas então começaram a ser vistas com maior frequência pela cidade, fora dos velódromos, pois estes grupos incentivavam outros ciclistas a irem para rua e, sozinhos ou em grupos, os ciclistas iniciaram suas excursões pela cidade, levando suas bicicletas a regiões ainda pouco habitadas. Os mais audaciosos se inspiravam nos cicloturistas europeus e se aventuravam em expedições às cidades da região serrana do Rio de Janeiro (SCHETINO, 2007).

Embora a falta de literatura sobre a bicicleta no Brasil tenha, até o momento, nos restringido a observação dos processos de transformação na cidade do Rio de Janeiro, acreditamos que este seja um panorama suficiente para compreendermos o contexto de

chegada da bicicleta ao país, inclusive, pesquisa de Pequini (2005), nos sugere que, na capital paulista, a bicicleta seguiu caminhos bastante semelhantes.

Assim como ocorreu na Europa, a bicicleta se popularizou no Brasil somente a partir da instalação das primeiras fábricas no país e a consequente redução de seu custo, porém, diferentemente dos países europeus, isso ocorreu apenas em 1948 (PEQUINI, 2005). De acordo com Lobo e Binatti (2015), algumas indústrias passaram a financiar e incentivar o uso da bicicleta para o deslocamento casa-trabalho de seus funcionários, algo também ocorrido na Europa décadas antes.

Vale destacar que, desde 1908 com início da produção em massa, o automóvel já estava em plena ascensão como símbolo de status, de progresso e sinônimo de modernização. Além disso, inspirada nos EUA, a elite brasileira, representada principalmente pela figura de Washington Luiz, trouxe para o Brasil a ideologia rodoviarista, que possuía a indústria automobilística como diretriz para o desenvolvimento econômico, de modo que montadoras como a Ford, em 1919, e Chevrolet, em 1920, chegaram antes da indústria de bicicletas. Essa política se manteve no governo Vargas, Kubitschek e durante o regime militar, o que revela de algum modo os interesses da elite brasileira no rodoviarismo (LAGONEGRO, 2008). Podemos dizer inclusive, a partir da recente estratégia governamental de redução do IPI dos automóveis para incentivar a economia, que essa política ainda se mantém, haja vista que, mesmo com reivindicações sociais como as que encontramos em Soares et al. (2015), “Menos imposto, mais acesso” e “IPI Zero para Bicicletas”, a bicicleta brasileira é uma das mais caras do mundo.

Assim a bicicleta se popularizou no Brasil de modo bastante diferente. Na Europa a popularização foi ampla e atingiu diversas classes sociais, pois se deu antes da chegada efetiva do automóvel, já no Brasil, ela popularizou-se principalmente entre operários, de modo que o uso bicicleta passou a ser relacionado à classe trabalhadora, algo que em alguma medida também ocorreu em países europeus, e que desvalorizou socialmente a bicicleta, devido a sua associação direta com a pobreza, ao atraso e ao retrocesso, frente ao progresso anunciado com a chegada do automóvel.

Atualmente a bicicleta no Brasil apresenta uma imagem relacionada ao brinquedo ou, no caso do adulto, objeto de lazer com uso restrito aos fins de semana e outros períodos de folga e também às práticas esportivas de ciclistas de classe média, porém, a concepção que predomina socialmente é que a bicicleta é um meio de transporte para pessoas de baixa renda, que não possuem condições financeiras para comprar um carro (DELABRIDA, 2004; PEZZUTO, 2002; XAVIER, 2011; SOARES et al., 2015; BRASIL, 2007).

Com essa desvalorização, o uso da bicicleta vai sendo transformado em uma motricidade ausente, pois mesmo tendo um expressivo número de utilizadores, principalmente entre os grupos sociais economicamente desfavorecidos, a cidade não os considera no desenvolvimento de políticas públicas de transporte e mobilidade. Não existem infraestruturas seguras e/ou eficientes para que essas pessoas se desloquem diariamente para o trabalho. Não sendo de interesse das elites dominantes, as pessoas que utilizam a bicicleta diariamente são escoraçadas das ruas pelas buzinas, reclamações e agressões dos motoristas, sendo obrigadas a se espremerem nas calçadas irregulares e disputarem espaço com pedestres, outra vítima dos problemas de mobilidade.

Tal cenário dá sinais de mudanças, pois a ideia de bicicleta como meio de transporte começou a ser gestada no Brasil em 1976 e, desde então, a bicicleta vem, muito timidamente, transformando a materialidade urbana nas cidades brasileiras. Foi no citado ano que, seguindo tendências europeias que já estavam revendo seu modo de transporte devido à crise energética ocasionada pelo 1º choque do petróleo, o governo federal fez investimentos e divulgações relacionadas à necessidade de implementação de políticas de mobilidade por bicicleta a partir do Grupo Executivo de Integração da Política de Transporte (GEIPOT) que publicou seu primeiro manual de *Planejamento Cicloviário – Uma política para as bicicletas* (BRASIL, 2001; SOARES et al., 2015).

Embora muitas cidades tenham realizado planos diretores, estudos, projetos e pequenas ações relacionados ao melhoramento das condições de circulação e segurança de ciclistas, em meados da década de 80 as iniciativas reduziram consideravelmente, sendo retomadas após 1992 quando:

[...] as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo buscaram melhorar suas infraestruturas em prol das bicicletas, tentando acompanhar os passos de Curitiba e Governador Valadares, que já detinham mais de 30km de vias implantadas. Enquanto São Paulo fazia opção por projetos em parques da cidade, o Rio de Janeiro desenvolvia projetos em dois campos distintos: atendimento da demanda por construção de ciclovias de lazer e implantação de vias cicláveis em bairros operários da zona norte do município (BRASIL, 2001, p.16).

Contudo, frente à ascensão das pessoas ao transporte motorizado, mesmo com essas iniciativas:

[...] algumas cidades apresentaram grande decréscimo no número de usuários de bicicleta, migrando para o uso de moto ou mesmo de automóvel. São casos típicos dessa situação as cidades de Joinville/SC, Maceió/AL e Novo Hamburgo/RS. No período de menos de duas décadas, a bicicleta passou de um dos mais usados meios de transporte para o último (BRASIL, 2001, p.16).

Foi a partir dos anos 2000 que as organizações da sociedade civil ganharam mais força e que as mudanças mais significativas, nas políticas e na legislação, começaram a ocorrer refletindo em implementação de estruturas pró-bicicleta em diversas cidades do país. No entanto, conforme afirma Soares et al. (2015), os desafios ainda são muitos, pois o Brasil ainda consome 80% dos recursos de mobilidade urbana em gastos com transporte individual motorizado.

O conceito eurocêntrico de modernidade nos faz conceber a humanidade sob a ótica de desenvolvimento linear, lógica essa que indica um único caminho em direção ao desenvolvimento e ao progresso. No entanto, essa modernidade, aos poucos, mostra sua outra face, sua exterioridade negada, na qual se encontra a exploração, a desigualdade social, a degradação ambiental e seus benefícios restringidos a poucos. No caso do transporte, a exterioridade corresponde a maior parte da população que se desloca diariamente ao trabalho e a escola a pé, em bicicleta ou transporte público, espremidas nos 20% de recursos que lhes são destinados. Porém, conforme vimos, é justamente da exterioridade que pode partir as críticas à totalidade imperante. Aqui vale destacar um alerta de Santos (2010b), que nos indica o mesmo sentido:

Durante séculos, acreditamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do mundo. A literatura que glorifica a potência inclui a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a “sua” civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade hoje o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade [...] Quem, na cidade tem mobilidade – e pode percorrê-la e esquadrihá-la – acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem, exatamente, do convívio com essas imagens. Os homens “lentos”, para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações. É assim que eles escapam ao totalitarismo da racionalidade, aventura vedada aos ricos e às classes médias (p.594-595).

É sobre a motricidade desses homens e mulheres “lentos” que trataremos agora, particularmente aquelas e aqueles que, insistindo na utilização da bicicleta, reivindicam o direito de espaços urbanos menos poluídos e mais humanos e, sobretudo, nos possibilitam compreender a bicicleta como algo mais do que um simples meio de transporte, como símbolo e possibilidade de transformação social.

3. Motricidade Emergente: um olhar para experiência do pedalar

Por alguma razão que a gente ainda está por descobrir, eu pessoalmente ainda não tenho claro para mim, a bicicleta virou um símbolo de urbanidade, que dialoga com muitas outras pautas [...] e isso não é um dado do Brasil ou de São Paulo, é um fenômeno mundial. A bicicleta dialoga com o imaginário de apropriação do espaço público, com cidade para todos, com direito à cidade, de uma forma que talvez nenhum outro símbolo consiga dialogar. E isso para mim foi uma descoberta que talvez eu levasse vinte anos se não fosse o cicloativismo, se não fosse os coletivos voltados para a cidade.⁴¹

A epígrafe nos permite observar o papel fundamental que a sociedade civil organizada tem na constituição da pedagógica urbana. O uso da bicicleta, bem como a reivindicação desse direito, tem influenciado políticas públicas de mobilidade em muitas cidades, impondo-se nas ruas com suas bicicletas e pressionando representantes do governo, pessoas e grupos questionam a primazia do transporte motorizado individual e lutam pelo fortalecimento de outras opções modais, a fim de democratizar o uso dos espaços públicos.

No fragmento citado a seguir, Galeano (2011) sintetiza bem a situação vivenciada pelas pessoas que não podem usufruir de um automóvel nas grandes cidades. A anedota por ele apresentada nos faz perceber que os espaços e equipamentos públicos destinados à mobilidade não são acolhedores para quem está fora dos carros e que, em si, as políticas públicas historicamente tem priorizado a mobilidade dos automóveis e não das pessoas.

Numa grande avenida de uma grande cidade latino-americana, alguém espera para atravessar. Plantado junto ao meio-fio, diante da incessante rajada de automóveis, o pedestre espera dez minutos, vinte minutos, uma hora. Volta-se, então, e vê um homem encostado numa parede, fumando. Pergunta-lhe:

- Como é que eu posso passar para o outro lado?
- Não sei. Eu nasci no lado de cá (p.246).

Conforme afirma Bianco (2014), atualmente o grande processo de urbanização mundial, de maneira especial nos países em desenvolvimento, tem colocando demandas sociais e problemas ambientais muito além da capacidade dos estados em resolvê-las de forma isolada e, neste cenário, insere a preocupação com a mobilidade que, nos últimos anos, tem gerado diversas reflexões e ações, tanto da sociedade civil quanto do poder público, que cada vez mais envolvem a questão do uso da bicicleta.

⁴¹ Trecho da fala do então prefeito da cidade de São Paulo Fernando Haddad, proferida na ocasião da abertura do evento “Bicicultura: que elo te move”, no dia 26 de maio de 2016. Disponível em: <<https://m.youtube.com/watch?v=uWxMf1KCn6c>>. Acesso em 05 jun. 2016.

Diante desse panorama, a preocupação com um modo de vida sustentável tem motivado a organização de movimentos sociais politicamente engajados na promoção do uso da bicicleta que, em suas ações, buscam afirmar, valorizar e impulsionar uma cultura da bicicleta para contrapor-se a hegemônica cultura do automóvel. Emerge com isso o termo Bicicultura frequentemente utilizado.

O citado termo faz referência à cultura da bicicleta e à palavra “cultura” associada a “bicicleta” expressa a compreensão de Amarilis Horta, precursora do movimento denominado Bicicultura⁴², que entende a bicicleta como algo muito maior do que um simples meio de transporte eficiente para cidades congestionadas. Para ela, a bicicleta apresenta-se como dispositivo detonador de transformações pessoais e sociais, pois auxilia a romper com o processo de alienação e possibilita, além da construção de uma identidade comum, o estabelecimento de relações solidárias e de apoio mútuo entre os ciclistas (RODRÍGUEZ et al., 2013).

A Bicicultura possui como objetivo:

Legitimar y promover la "Opción Bicicleta", generar una creciente simpatía y demanda de la población por la movilidad sin motores para inducir una innovación sistémica del modelo de movilidad y cultura urbana. Por la vía del arte, las comunicaciones y de experiencias vivenciales de encuentro, intercambio de experiencias y participación, generar una nueva percepción de la bicicleta, como el medio más eficiente, sencillo y directo de superación de la contaminación ambiental, la violencia urbana, el individualismo, la discriminación e inequidad social-cultural y económica, así como los principales problemas de salud pública⁴³ (BICICULTURA.CL, 2014).

Os movimentos pró-bicicletas, orientados por perspectivas como a citada, nos dão pistas das potencialidades educativas presentes na produção cultural que se dá em torno do uso da bicicleta, tal como sua presença constante, principalmente entre as pessoas que habitam as periferias das grandes cidades. Nesse sentido, se, conforme vimos com Santos e Meneses (2010), a epistemologia é a ideia ou noção do que conta como conhecimento válido e se toda experiência humana produz conhecimento e para isso pressupõe uma ou várias

⁴² Esse movimento existe no Chile desde 2006, porém atualmente outros países realizam iniciativas semelhantes utilizando a expressão Bicicultura. O Brasil encontra-se dentre estes, com três edições do evento “Bicicultura Brasil: bicicletas por um mundo melhor” no ano de 2008 em Brasília, em 2010 na cidade de Sorocaba e, em 2016, na cidade de São Paulo.

⁴³ Legitimar e promover a “Opção Bicicleta”, gerar uma crescente simpatia e demanda da população pela mobilidade sem motores para induzir uma inovação sistêmica do modelo de mobilidade e cultura urbana. Por meio da arte, das comunicações e de experiências vivenciais de encontro, troca de experiências e participação, gerar uma nova percepção da bicicleta, como o meio mais eficiente, simples e direto de superação da contaminação ambiental, da violência urbana, do individualismo, da discriminação e inequidade social cultural e econômica, assim como os principais problemas de saúde pública (Tradução livre).

epistemologias, nos interessa saber sobre a epistemologia da bicicleta, ou seja, a ideia ou noção expressa pela intencionalidade que mantém historicamente a prática social do pedalar e, com isso, afirma constantemente como válidos os conhecimentos dela emergentes. Por isso, a intenção do presente capítulo é amplificar estes sinais e pistas orientados por nossa experiência no uso da bicicleta e na atuação no campo pedagógico, a fim de, em diálogo com os referenciais teóricos, dar materialidade à intuição que nos apresenta o uso da bicicleta como uma potente experiência pedagógica.

3.1. Bicicleta e experiência estética

Pego minha bike e pedalo pra uma outra estação/ Cantando sempre a cada dia uma nova canção/ Olha só a poesia chegou/ Olha é o sol que raiou/ E a estrada secou/ Flores e pétalas no meu coração/ Ao bater os acordes cantando ao som do meu violão (PLÁ, 2010, Outra estação bike)⁴⁴.

Iniciamos nossa imersão na experiência de pedalar em bicicleta pela dimensão que nos parece mais fundamental e na qual cremos que habita seu potencial transformador, ou seja, o horizonte sensível, a estesia. A música do cantor popular e utilizador diário da bicicleta, que citamos anteriormente, exemplifica bem isso, ao afirmar que pedalar o leva para outra estação, na qual, o sol, as pétalas de flores e o dia a dia transformam-se em poesia e canção.

Partindo do pressuposto de que o conhecimento se dá pela ação engajada ao mundo, conforme apresentado no início deste trabalho, compreendemos que a utilização da bicicleta favorece a *enacción*, que envolve a estesia de estar ao mundo. Portanto, seu uso, em certa medida, contrapõe-se à inação ou anestesia que vivemos quando, seduzidos, sucumbimos ao paradigma moderno do hiperconforto.

Conforme afirma Moraes (1992), mesmo com grande parte da população alheia às condições humanas de vida, o conforto se estabelece como valor de belo e bom na história da modernidade, tanto que, por seu potencial econômico foi hiperdimensionado pela propaganda da indústria do conforto. Isso degradou a ideia de conforto como meio para realização da condição humana, gerando o hiperconforto, que significa a elevação do conforto para uma condição fim, ou seja, a finalidade máxima do viver passa a ser atingir o maior nível de conforto possível.

⁴⁴ Plá é artista popular que divulga suas canções nas ruas de Curitiba, ele utiliza a bicicleta como meio de transporte e é presença constante nas bicicletadas da citada cidade. Seus CDs são produzidos e comercializados de forma independente. CDs e maiores informações podem ser adquiridos entrando em contato com o artista pelo site: <<http://www.fpm.zz.mu/quem-sou/discos-do-pla>>.

O hiperconforto nos conduz à inação, que para nós significa o mesmo que não-conhecimento. Se nos movemos única e exclusivamente em busca do máximo conforto, que em si envolve mover-se cada vez menos, nossa forma de conhecimento se pautará no ato de consumir conforto. Essa epistemologia do hiperconforto finca suas raízes no modelo econômico capitalista, no qual “tempo é dinheiro” e que por isso não podemos gastá-lo em esforços “inúteis”, uma vez que a tecnologia já os superou, bastando adquiri-la.

Quantas vezes não preferimos o caminho mais curto, mais rápido para uma determinada tarefa, em nome da economia (de tempo), mas acabamos não sentindo o percurso, suas atrações, suas dificuldades, nossas reações e emoções durante a jornada? O corpo pede ritmo de corpo, tempo de corpo, sensações de corpo e imagens endógenas (sonhos, devaneios, sensações, emoções), e não simplificações *fast-food* da vida (BAITELLO JUNIOR, 2012, p.128).

O ser humano é fruto da experiência íntima de seu corpo ao mundo na organização do espaço para conformá-lo às suas necessidades biológicas e sociais (TUAN, 2013). Porém, na contemporaneidade, essa experiência existencial tem sido limitada pelo sedentarismo e inação, de modo geral nossos movimentos restringem-se a pequenos gestos que, cada vez mais, envolvem menos esforço, tal como manipular equipamentos eletrônicos, eletrodomésticos, visualização de telas ou condução de veículos automotores.

De acordo com Tuan (2012), atualmente a maioria das pessoas têm feito pouco uso de seus poderes perceptivos, pois o meio ambiente e a cultura em que estamos imersos privilegia o sentido da visão em detrimento do olfato e do tato, pois ambos requerem proximidade e um ritmo mais lento, favorecendo o despertar de emoções mais intensas. Para o citado autor, paladar, audição e olfato nos dão por si mesmo sensação de espaço.

Ver não envolve profundamente as nossas emoções. Podemos ver através da janela de um ônibus com ar-condicionado que a favela é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força somente quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos pestilentos. Uma pessoa que simplesmente “vê” é um expectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena (TUAN, 2012, p.28).

Na perspectiva apresentada por Tuan (2012), a percepção é um estender-se ao mundo e por isso nossos órgãos dos sentidos perdem sua eficácia quando não são ativamente utilizados. Conforme afirma o autor, nosso tato é bastante refinado, porém “[...] para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir” (TUAN, 2012, p.30).

Espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que essa transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente. Uma pessoa imóvel terá dificuldade em dominar até as ideias elementares de espaço abstrato, porque tais ideias se desenvolvem com o movimento – com a experiência direta do espaço por meio do movimento (TUAN, 2013, p.70).

Nesse sentido o uso da bicicleta pode oferecer experiências que são impossíveis de ser vivenciadas nos deslocamentos de automóveis, por exemplo. A bicicleta, nesse caso, não serve para transportar nosso aparelho cognitivo, pois se assim o fosse, locomover-se de carro, moto ou bicicleta daria no mesmo. Isso significa que habituar-se, ou seja, instalar-se nesse ou em qualquer outro objeto cultural modifica nosso aparelho cognitivo, porém utilizar a bicicleta, pela variedade de estímulos que nos proporciona, oferece uma gama de possibilidades que lhe é própria.

Tuan (2013) argumenta que a maneira pela qual as pessoas reagem às cenas das ruas depende de diversos fatores, dentre os quais o meio de transporte possui importante papel. Segundo ele:

Até a recente popularização dos veículos motorizados, a maioria das pessoas andava a pé [...] na viela medieval [...] misturavam-se livremente as pessoas, porém, na moderna via expressa não há contato, porque cada pessoa (ou cada pequeno grupo de pessoas) está encapsulada em uma caixa de metal motorizada (TUAN, 2012, p.241).

Corroborando com a citação anterior, um estudo sobre raio de ação de adolescentes de 11 a 14 anos na cidade de Taguatinga mostrou que a maioria deles se locomovia de automóvel e possuía um maior raio de ação, porém eram os que menos conheciam os locais mais famosos da cidade. Já os que se deslocavam com outros meios, possuíam menor raio de ação, mas maior frequência aos pontos mais conhecidos da cidade, o que indica que o meio de transporte mediou o contato dos jovens pesquisados com a cidade (DELABRIDA, 2004).

As máquinas, instrumentos e objetos culturais ampliam a sensação de espaciosidade, pois de acordo com Tuan (2013), o espaço mensurável pelo alcance de nossos membros torna-se reduzido quando o comparamos com as dimensões da distância medida no arremesso de uma lança, ou flecha. Sentimos essas duas medidas, pois ambas são expressões diretas de nossa potência corporal, nesse sentido, “[...] uma bicicleta amplia a sensação de espaço do homem, assim como um carro esporte” (TUAN, 2013, p.71).

Da caminhada, passando pela bicicleta, automóvel e avião, o ser humano obtém progressos sucessivos de velocidade, o que o permite percorrer distâncias cada vez maiores em um mesmo período de tempo, mas isso tudo ocorre sem alterar seu tamanho sensível (TUAN, 2013). Nessa escala de evolução da velocidade, o ato de transportar-se ganha gradativamente uma ampliação da dimensão passiva desse deslocamento, pois os sentidos têm cada vez menos tempo para apreender tudo que está à volta e, em alguma medida, essa conquista do espaço possibilitada pelo aumento da velocidade, pode ocasionar também a diminuição da sensação de espaciosidade.

A sensação de liberdade que, como vimos, está implicada à de espaço, é frequentemente relatada pelas pessoas que viajam de bicicleta, ou mesmo por aquelas que por opção a adotam em seus deslocamentos diários. Em nosso ver, essa sensação possui raízes no incremento de velocidade proporcionado pela bicicleta, porém certamente o mais significativo dessa experiência é que nela a pessoa se movimenta a partir da energia humana, ou seja, ela potencializa nossa capacidade de agir ao mundo desde nossa própria energia. Em um deslocamento como esse não há lugar para passividade e, com a intensa atividade que promove, a dimensão sensível se abre, pois a bicicleta possibilita o incremento de velocidade, mas somente aquele compatível com o ritmo corporal próprio de seu condutor, com o ritmo humano, aquele que nos permite fruir nossa existência mundana.

Tuan (2013) nos auxilia na compreensão dessa relação entre atividade e percepção, ao afirmar que adquirimos o sentido de distância pelo esforço empreendido quando nos movemos de um lugar para outro, quando temos que projetar nossa voz ou quando tentamos identificar um som que ouvimos à distância.

Essa questão do esforço nos é bastante cara, pois imersos em um mundo epistemologicamente dominado pelo paradigma moderno do hiperconforto, que promove a sensação de conforto como um hábito, como um ideal, qualquer esforço pode ser interpretado como desconforto, o que nos faz banir de nosso dia a dia todo e qualquer hábito que nos distancie de nosso ideal de conforto, isso inclui nossos modos de locomoção, dentre os quais se encontra a bicicleta e a caminhada, por exemplo.

Nesse contexto, uma significativa parcela das crianças e adolescentes (ao menos até os 18 anos) passa grande parte de suas vidas sendo transportadas passivamente em automóveis enquanto acompanham mães ou pais em seus compromissos sociais, indo e voltando de casa para escola ou ainda deslocando-se para espaços de lazer. Não é à toa que a habilitação é vista por parte dos/as adolescentes como um sonho de liberdade, pois é quando

eles são minimamente ativos no processo de transportar-se, assim os veículos individuais motorizados ganham relevo e passam a ser um objetivo de vida.

Conforme Tuan (2013), o lugar é construído a partir da experiência dos sentidos, de modo que os sentimentos revelam um processo de envolvimento geográfico do corpo com a cultura, história, relações sociais e paisagem. Para o autor, a pausa é elemento chave, pois ela torna possível transformar o espaço em lugar, fazendo-nos senti-lo de forma específica e significá-lo. Esse envolvimento com espaço ocorre de modo amplo, tanto que os objetos como poltronas e mesas são, em nossas casas, parte do complexo caminho de movimento que realizamos dia a dia, esses pontos são também lugares, ou seja, centros sobre os quais organizamos nosso mundo que resultam de nosso uso habitual. Para o autor:

[...] “sentir” um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos (TUAN, 2013, p.224).

No contexto das nossas grandes cidades o carro torna-se também um lugar na rotina diária de ir e vir do trabalho, com a pausa dentro dele ouvindo a seleção musical de nossa preferência, ar climatizado segundo o gosto e aparatos eletrônicos de nosso desejo que tornam mais suportável a espera no trânsito. O automóvel, portanto, se instala nos nossos músculos e ossos e, habituados a ele, temos essa rotina como parâmetro de conforto. Em contraposição, com a bicicleta, o caminho e tudo que ele contém, torna-se também lugar, inclusive o esforço que efetuamos nos pedais em cada trecho do trajeto, pois ela nos dá tempo para sentir, conhecer e construir um sentido, assim ela estende o nosso lugar para o âmbito do espaço público, ampliando a possibilidade de convívio social.

Contudo, estamos envoltos em um mundo de janelas, telas e representações que sobrepujam nossos sentidos, reinam a apreciação visual e o discernimento e, conforme Tuan (2012), ambos ampliam a distância estética, ou seja, nos afastam das sensações e emoções.

A experiência de andar de bicicleta pode desencadear uma reflexão crítica a respeito desse modo de vida, de inação, diminuindo a distância estética, devolvendo ao dia a dia as sensações e emoções que nos afetam e nos põem em ação.

Seguindo essas reflexões, concordamos com a fala de Horta-Tricallotis (2016)⁴⁵, ao afirmar que não importa o modo como se chega à bicicleta, mas sim que, quando uma pessoa

⁴⁵ Palestra da mesma autora com conteúdo semelhante a esta que citamos aqui pode ser visualizada no seguinte link: <<https://www.youtube.com/watch?v=md4aWq3aaqY>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

passa a utilizá-la em seu dia a dia, ela experimenta uma transformação que implica em uma nova visão de mundo. Para a autora, a utilização da bicicleta é provoca uma mudança perceptual que conduz a pessoa a uma nova percepção de si mesma, dos outros e da relação entre as pessoas e com o mundo.

Quando inserido no contexto urbano, as sensações e emoções vivenciadas ao assumir a bicicleta como opção de transporte engajam as pessoas em novas formas de compromisso, como por exemplo, fazendo-as comprar no mercado do bairro, familiarizar-se com as pessoas do bairro em que vivem, levando-as a criar vínculos com pessoas e espaços da cidade por onde passam constantemente e engajar-se em movimentos políticos que lutam pela melhoria da convivência na cidade.

Horta-Tricallotis (2016) argumenta que essas vivências favorecem a construção de uma cidadania crítica, pois se estabelece uma relação íntima com a cidade, na qual o usuário de bicicleta ter que estar a todo tempo presente na atividade, sente o relevo do caminho, a qualidade do ar e deve estar atento para manter-se vivo em meio ao trânsito dos veículos motorizados. Tal exposição faz sentir na pele a discriminação ante aos carros, o impacto da poluição ambiental, o assédio ante uma cultura machista, o medo da violência ante a pobreza que revela a ampla desigualdade social de nossas cidades.

Para a citada autora, a assunção do uso diário da bicicleta representa o poder do ser humano de viver de forma sustentável, combater a pobreza, democratizar a sociedade e humanizar a vida, conforme expressa por suas frases “Bicicletas para un mundo mejor” e “Energía humana para cambiar la vida”.

Schetino (2007) também trata da percepção distinta proporcionada pelo andar de bicicleta, segundo ele, nos passeios, viagens, ida e volta do trabalho ou da universidade, o ciclista “[...] contempla a paisagem, sente em seu corpo as distâncias e enxerga a cidade de forma diferente” (p.20). Para o citado autor a bicicleta suscita uma série de questões atualmente postas à sociedade, tais como mobilidade, meio ambiente, ecologia, esporte e lazer.

Apesar dessas possibilidades, a bicicleta ainda é mal vista quando se trata de transporte diário (BRASIL, 2007; PEZZUTO, 2002; PROVIDELO; SANCHES, 2010; DELABRIDA, 2004). Normalmente ela é relacionada a uma percepção de desconforto devido ao esforço, transpiração, exposição às intempéries⁴⁶ e medo da violência do trânsito e das

⁴⁶ Obviamente, chegar ao trabalho suado, devido ao esforço, ou molhado pela chuva e passar toda a jornada assim não é algo confortável, porém questões estruturais podem melhorar essas condições, tais como instalação de vestiários e chuveiros nos locais de trabalho, arborização das rotas utilizadas por pedestres e ciclistas, bem

peças, por isso faz-se urgente transpor a imagem atualmente relacionada aos esportistas, ao brinquedo de criança, ao objeto para passeios no parque nos fins de semana ou de veículo de transporte de pessoas pobres e/ou “loucas”, para uma imagem que favoreça a percepção de veículo confortável para muitos dos nossos deslocamentos cotidianos, mas isso exige, necessariamente, tempos e espaços para uma experimentação mais ampla da bicicleta.

Propiciar a experiência de andar de bicicleta a mais pessoas pode fazer com que parte delas opte por utilizá-la, pois Delabrida (2004) indica que a principal vantagem indicada pelas pessoas que a utilizam diariamente é o prazer de andar que ela proporciona. Além disso, a autora também afirma em sua pesquisa que “[...] ao andar de bicicleta se estreita a relação com o que está a sua volta, com quem está no seu convívio e o bem estar pessoal aliado ao proporcionado pelo próprio andar de bicicleta” (p.61).

Esse relato de prazer ao andar é recorrente quando as pessoas, aos poucos, passam a ter experiências periódicas de utilização da bicicleta, mesmo que estas, inicialmente, ocorram exclusivamente em momentos de lazer, tempo-espaço em que há maior aceitação e disposição de maior parte das pessoas que fazem uso sistemático do carro.

Uma das práticas de lazer relacionada ao uso da bicicleta que nos auxilia a pensar suas possibilidades educativas é o cicloturismo. O fato de as pessoas experimentarem a bicicleta fora de seu ambiente habitual faz com que essa percepção se amplie e revele os detalhes, como podemos ver o depoimento de um dos participantes da pesquisa de Duarte (2008) sobre o tema, ao falar que a viagem: “[...] é muito corporal. Seu corpo está sempre trabalhando em comunhão com a bicicleta e com o ambiente. O corpo é que dá a propulsão à bicicleta. Por causa da irregularidade do terreno, da direção do vento, ele trabalha de forma diferente” (DUARTE, 2008, p.92).

A aproximação geográfica do corpo com o meio ambiente natural, também traz à tona a questão ambiental, uma afeição por aquilo que de carro não notamos, tal como a falta da sombra de uma árvore, o refrescante encontro com um riacho pelo caminho, a beleza dos pássaros ou mesmo os animais silvestres atropelados nas rodovias.

Também nos auxiliam nessa compreensão Corrêa, Carmo e Gonçalves Junior (2013), os quais apontam em sua pesquisa sobre o tema que as viagens proporcionam novos conhecimentos advindos, em grande parte, da necessidade de responder a situações que são

como, no caso de grandes distâncias, integrar a bicicleta ao sistema de transporte público. No entanto, isso demanda políticas públicas que reconheçam a necessidade de priorizar modais ativos de transporte em detrimento do transporte individual motorizado. Assim a luta por melhorar as condições de caminhada e ciclabilidade da cidade exige, entre outras coisas, pressionar Estados e também empresas privadas para que garantam infraestruturas adequadas.

expostos os cicloturistas ao se aventurarem de bicicleta por áreas pouco conhecidas. Assim a necessidade de manutenção e reparo das bicicletas, bem como sua condução, sofrem grande influência do terreno e do clima, envolvendo, portanto, a necessidade de novos aprendizados e cuidados que decorrem das experiências vivenciadas diariamente. A autora e os autores citados também afirmam que nas ciclovagens se apresentaram, em diversos momentos, atitudes solidárias, cooperativas e empáticas, pois a chegada em bicicleta estabelecia uma relação diferente com as pessoas.

Duarte (2008) faz contribuições no mesmo sentido, pois seus depoentes afirmaram que a receptividade das pessoas à bicicleta os fazia interagir e conversar com elas, o que também trouxe novos aprendizados.

Embora o cicloturismo trate de viagens turísticas realizadas com bicicletas, não é difícil vislumbrar que essas experiências perceptivas e aprendizados também estão presentes, talvez em menor intensidade, no dia a dia das pessoas que utilizam a bicicleta como transporte e lazer.

Também auxiliam em nossas reflexões, as discussões oriundas do campo da Educação Ambiental, no qual, atualmente, a experiência corporal tem sido posta em relevo, pois tem ficado evidente que, mesmo diante da grande quantidade de conhecimentos que possuímos sobre os problemas ambientais e de a maior parte da população concordar e afirmar discursivamente que é necessário cuidar do planeta, reduzir o consumo, reciclar e poluir menos, poucos são os resultados em ações práticas nesse sentido. Isso nos mostra algo que Tuan (2013) sinaliza com precisão, ao afirmar que, reféns de um dominante modo de pensamento analítico e representativo, “[...] para nós, ‘conhecer’ é praticamente o mesmo que ‘conhecer sobre’” (p.244).

Desde esses questionamentos, emerge no campo da Educação Ambiental uma vertente que passa a preocupar-se da experiência estética na formação de valores, o que tem desdobrado em um retorno ao corpo por meio de uma mudança paradigmática, denominada como virada corporal, que se contrapõe às tradicionais teorias cognitivas, nas quais se diz que aprendemos pela transmissão de representações (RODRIGUES, 2015; IARED, 2015).

Segundo Rodrigues (2015), o movimento de virada corporal tem uma proposta fenomenológica, na qual o questionamento das estruturas naturalizadas e cristalizadas social e culturalmente, só pode se dar na dimensão sensível, o que implica dizer que apenas uma insatisfação encarnada, sentida, pode gerar necessidade de mudança e, efetivamente, consolidar-se em uma prática de transformação.

Diante do exposto, assim como Rodrigues (2015), compreendemos que é esteticamente que vivenciamos e encarnamos o mundo, avaliando constantemente cada uma de nossas experiências relacionais e “[...] as cristalizando como boas ou ruins, certas ou erradas, prazerosas ou desgostosas” (p.21).

Assim, as experiências potencialmente questionadoras são aquelas que favorecem o processo de desconstrução fenomenológica, ou seja, aquelas que, corporalmente, nos permite romper de alguma maneira com as:

(a) cronologias não compatíveis com percepções estéticas-afetivas; (b) delimitações e restrições espaciais e o moralismo de espaços excessivamente regrados; (c) preocupações materiais e de posicionamento social e as consequentes relações violentas que geram no plano simbólico; (d) a proteção e segurança excessiva contra os desconfortos necessários para ampliação/diversificação de vivências estéticas, buscando desconstruir o ideal de segurança “anestésica” (estese – sentimento do belo; êxtase – arrebatamento do espírito; anestesia – privação parcial ou total da sensibilidade) (RODRIGUES, 2015, p.26).

Nesse sentido, a pedagógica emergente necessita promover vivências também emergentes, baseadas em outras epistemologias, pois necessitamos de uma desconstrução fenomenológica e não conceitual dos hábitos e modos de vida que, mesmo mostrando-se incompatíveis com a preservação da vida, se espalham como a melhor alternativa possível. Não é suficiente que nos aprofundemos em elucubrações teóricas e conceituais para tratar os problemas que emergem da sociedade atual, é necessário que sintamos na carne outras possibilidades de existência, por isso, para nós, a bicicleta, pela epistemologia que comporta, pode trazer significativas contribuições para constituição dessa pedagógica.

Para nós, o uso da bicicleta pode favorecer esse processo de desconstrução fenomenológica, (re)inserindo-nos sensivelmente no ambiente e nos fazendo questionar o paradigma moderno do hiperconforto, que devasta os recursos do planeta para nos anestésiar.

Se considerarmos a percepção ambiental de modo amplo e crítico, ou seja, superando a visão preservacionista que, de acordo com Rodrigues e Gonçalves Junior (2009) fragmenta o ambiente ao dedicar-se a preservação de uma natureza distante e desconsidera o meio urbano, podemos compreender como o uso da bicicleta pode contribuir com processos educativos que favoreçam a sinergia ser humano-ambiente, pois esta pode:

[...] ayudar a los seres humanos a recobrar la conciencia de sí mismos y delos lugares que habitan invirtiendo, en lo que le corresponde a cada uno, el movimiento que proyecta a las ciudades fuera de sí mismas. Necesitamos la bicicleta para

ensimismarnos en nosotros mismos y volver a centrarnos en los lugares en que vivimos⁴⁷ (AUGÉ, 2009, p.63).

Para nós a dimensão estética é fundamental para os processos educativos e o uso bicicleta revela-se como uma prática promotora de experiência estética, que pode nos ajudar a aprender uma nova forma de compreender o mundo, por meio da retomada do corpo e da experiência sensível com o ambiente, gerando afeto, respeito e o cuidado com este e com as pessoas.

3.2. Bicicleta, materialidade e compromisso ético

Bicicleta não dá lucro pro sistema explorador/ Eles querem é fazer carro pra sugar o comprador/ Bicicleta não dá lucro pro sistema enganador/ Nela eu posso lucrar, me transporte sem pagá/ A dificuldade está em ciclovias encontrar/ Nessa cidade onde ando, só os carros têm lugar (PLÁ, 2011, Me transporte sem pagá).

Um objeto, que em seus primórdios causou espanto por ser comparável a um cavalo, porém com a vantagem de não ter a necessidade de alimentação, nos dá indícios da relevância que possuía a questão material na época de sua criação. A demanda energética que se esconde por trás da expressa preocupação com manutenção dos cavalos, nos faz refletir sobre a importância da bicicleta para atualidade.

Não foi à toa que o advento da bicicleta causou tanto espanto, afinal ela:

[...] tornou possível que o movimento do corpo humano ultrapassasse uma última barreira. Ela lhe permite aproveitar a energia metabólica disponível e acelerar a locomoção até seu limite teórico. Em terreno plano, o ciclista é três ou quatro vezes mais veloz que o pedestre, gastando ao todo cinco vezes menos calorias por quilômetro que este. O deslocamento de um grama de seu corpo sobre essa distância não lhe consome mais do que 0,15 caloria. Com a bicicleta, o ser humano ultrapassa o rendimento possível de qualquer máquina e de qualquer animal evoluído (ILLICH, 2005, p.61).

Tal rendimento da energia metabólica permite ao ser humano uma experiência única no ato de mover-se, que se reflete na cultura por meio da manutenção da produção desse objeto que materializa em si a possibilidade de desenvolvimento social-econômico, democrático e sustentável, mas que tem sido desprestigiado diante do uso desmedido de energia extra.

⁴⁷ [...] ajudar aos seres humanos a retomar a consciência de si mesmos e dos lugares que habitam invertendo, no que corresponde a cada um, o movimento que projeta as cidades para fora de si mesmas. Precisamos da bicicleta para voltar nossa atenção a nós mesmos e aos lugares em que vivemos (Tradução livre).

Conforme aponta Illich (2005), o ser humano integra espaço e tempo por meio de sua ação e, para tal, utiliza-se de objetos que potencializam sua ação, porém quando estes fazem uso de uma energia externa à do próprio corpo, acabam por reduzir seu raio de ação, pois, quando privado de energia suficiente, o ser se vê condenado a ser mero espectador no tempo-espaço socialmente criado e que o oprime.

O contentamento das pessoas em ter algo que possibilitasse a velocidade do deslocamento a cavalo, porém sem os custos adicionais que este implicava, mostra que, há muito tempo, o ser humano sente na pele algo que Illich (2005) tenta nos comunicar por meio de seu ensaio denominado “Energia e Equidade”, ao argumentar que a velocidade de deslocamento só tem um ganho efetivo quando esse acréscimo não é acompanhado pelo crescimento dos custos sociais, ou seja, quando o tempo social gasto para suprir a nova demanda energética ou para reparar possíveis efeitos negativos, não se iguale ou exceda ao tempo extra que foi propiciado pelo deslocamento em maior velocidade.

Apesar de sentirmos em nossa carne os custos ambientais, sociais e econômicos envolvidos com transporte, somos iludidos pela falsa sensação de velocidade proporcionada pelos veículos de transporte motorizados, ao ponto de permitir que a maior parte dos recursos destinados para a mobilidade seja consumida em infraestruturas que favoreçam a utilização de transportes individuais como motocicletas e automóveis, além de comprometer grande parcela de nosso rendimento mensal na aquisição e manutenção desses meios.

Para ilustrar melhor o que estamos querendo dizer, trazemos dados do estudo de Leite e Ferreira (2014), que se dedicou a investigar a velocidade média efetiva de deslocamento, a saber, velocidade média calculada considerando também o tempo trabalhado.

A velocidade média (V_m) normalmente é calculada dividindo a distância percorrida (Δs) pelo tempo gasto no deslocamento (Δt), segundo a fórmula $V_m = \frac{\Delta s}{\Delta t}$, deste modo uma pessoa que percorre 11,5km em 27,6min (0,46h), deslocasse a uma velocidade média de 25,8km/h. No entanto, o estudo de Leite e Ferreira (2014) utiliza um cálculo distinto que inclui na equação também tempo de trabalho gasto para pagar o meio de transporte utilizado. Essa nova variável considera os custos envolvidos nos diferentes tipos de transporte (VW Gol 1.0, Honda Biz 100cc, Bicicleta, Ônibus, Moto Táxi, Caminhada), bem como diferentes faixas salariais (R\$180, R\$360, R\$720, R\$1.440, R\$2.160, R\$3.600, R\$7.200, R\$10.800, R\$14.400 e R\$21.600), observando uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Então, o cálculo da velocidade média efetiva (V_{me}) utilizado no estudo, considera a distância percorrida (Δs), o tempo de deslocamento (Δt) e o tempo de trabalho necessário para pagar o meio de transporte

escolhido (ΔT) (que varia conforme custo do meio de transporte usado e a remuneração por hora de trabalho da pessoa que se transporta), com isso a equação se apresenta da seguinte maneira: $Vme = \frac{\Delta s}{\Delta t + \Delta tT}$.

Para exemplificar com os dados fornecidos pelo estudo em questão, temos o caso do automóvel Gol sendo utilizado por uma pessoa com renda mensal de 1.440 reais, que percorre diariamente um total de 11,5km (Δs) para ir e voltar ao trabalho e que demora 27,6min ou 0,46 horas (Δt) para percorrer esse trajeto. Com essa renda, a pessoa necessita dedicar 3,93 horas (ΔtT) diárias de trabalho para arcar com os 9.201,48 reais de custo anual de seu veículo, considerando aquisição, depreciação, manutenção e combustível. Assim temos: $Vme = \frac{11,5}{0,46+3,93}$, de modo que: $Vme = \frac{11,5}{4,39}$, resultando em velocidade média efetiva de 2,6 km/h. Ou seja, uma velocidade média de 25,8km/h cai para 2,6km/h quando, hipoteticamente, consideramos o tempo de trabalho necessário para pagar o meio de transporte é utilizado no cálculo da velocidade média. Esse tempo de trabalho também deve ser considerado, haja vista que ele é tempo dedicado ao transporte uma vez que o custeia.

Em outro exemplo, uma pessoa com a mesma faixa de renda, porém, deslocando-se em bicicleta, demoraria 43,2 minutos ou 0,72 horas (Δt) no trajeto de 11,5km (Δs) e dedicaria 3,6 minutos ou 0,06 horas de trabalho (ΔtT) diário para arcar com 159,84 reais de custo anual da bicicleta. Assim temos: $Vme = \frac{11,5}{0,72+0,06}$, resultando em uma velocidade média efetiva de 14,7km/h, sendo que a velocidade de deslocamento em bicicleta mensurada na cidade é de 16,1km/h.

Agora se a pessoa que opta pelo automóvel Gol possuir uma renda mensal de 21.600 reais ela demora as mesmas 0,46 horas (Δt) para percorrer os 11,5km (Δs), mas dedica apenas 15 minutos ou 0,25 horas de trabalho (ΔtT) por dia para arcar com os custos do carro, o que lhe permite uma velocidade média efetiva de 16km/h. Nota-se que o efeito do tempo de trabalho na velocidade hipoteticamente calculada varia consideravelmente com a remuneração, sendo a diferença mais evidente nas faixas salariais mais baixas. No estudo de Leite e Ferreira (2014) esses cálculos foram replicados considerando diferentes meios de transporte e em relação com vários níveis de renda. Os resultados obtidos compõem o quadro apresentado a seguir, o qual nos permite compreender o impacto do custo de cada tipo de transporte no dia a dia das pessoas.

Quadro : Velocidade efetiva estimada (em km/h) por modo de transporte e nível de renda (R\$)

Renda \ Transporte	180	360	720	1.440	2.160	3.600	7.200	10.800	14.400	21.600
VW Gol	0	0	1,4	2,6	3,7	5,6	9,2	11,7	13,5	16,0
Honda Biz	0	1,6	3,0	5,5	7,5	10,6	15,5	18,2	20,0	22,2
Bicicleta	9,1	11,6	13,5	14,7	15,1	15,5	15,8	15,9	15,9	16,0
Ônibus	1,4	2,4	3,7	5,1	5,8	6,5	7,1	7,4	7,5	7,7
Moto Táxi	0	0	0	0	1,9	3,0	5,3	7,1	8,6	10,7
Caminhada	5,5	5,5	5,5	5,5	5,5	5,5	5,5	5,5	5,5	5,5

Fonte: Adaptado de Leite e Ferreira (2014).

Este estudo de caso foi realizado na cidade de Mossoró-RN, porém, apesar da especificidade, certamente seus dados servem para nos fazer refletir sobre o impacto que os custos envolvidos com o transporte produzem sobre a velocidade de deslocamento quando devidamente considerados, algo que no dia a dia muitas vezes não é percebido.

Sem considerar os gastos com a saúde no tratamento de doenças respiratórias, devido à poluição e acidentes de trânsito, bem como os custos ambientais para o planeta, o estudo realizado por Leite e Ferreira (2014) nos mostra que, em comparação com a bicicleta, os veículos motorizados só geram algum acréscimo na velocidade média efetiva para os 1,25% da população da cidade que possuem renda mensal acima de 10.800 reais por mês, caso consideremos como opção uma moto de 100 cilindradas, mas tendo em vista a opção de um carro 1.0, o aumento na velocidade se restringe a 0,17% da população que recebe mensalmente mais de 22.000 reais.

As velocidades médias reais da cidade mensurada pelo estudo em questão são de 8,2km/h para os ônibus, 16,1km/h para as bicicletas, 28,9km/h para as motos e 25,8km/h para os carros. Considerando que, na ocasião do estudo, Mossoró possuía uma frota de 34 ônibus operante para atender uma população de 280.000 habitantes, os dados anteriormente apresentados nos fazem ponderar que os massivos recursos públicos investidos em infraestrutura para o transporte motorizado, principalmente carros e motos, tem beneficiado menos de 2% da população, com um acréscimo na velocidade média efetiva que, em comparação com a bicicleta, varia entre 9,7 e 12,8km/h.

Os dados desse quadro evidenciam algo que Illich (2005) alerta desde 1973, que é impossível manter um estado de equidade quando se aumenta continuamente a quantidade de energia disponível para uso. Para o autor, a realização da equidade exige determinado nível de energia, por isso ela “[...] não pode vir a pé, nem pode vir de carro, mas somente à velocidade da bicicleta” (p.37).

De acordo com Illich (2005), a questão energética vai mais além da demanda necessária à propulsão, pois, quanto maior a velocidade, maior é a necessidade de espaço, assim mais energia é gasta tanto durante o processo de produção do veículo, como também na manutenção dos espaços de guarda e circulação e em serviços adicionais que garantem o funcionamento, tais como a fabricação de peças de reposição, postos de refino e de distribuição de combustíveis etc.

Frente à nossa atual demanda energética, a bicicleta revela-se como uma possibilidade de transporte em que:

El cambio de calidad de vida y la mejora de la situación ecológica del planeta son las consecuencias más evidentes para la mayoría, pero los efectos secundarios son sencillamente pasmosos, sobre todo en la esfera social y en la política. Las barreras entre las classes se levantan o se desploman. Las potencias petrolíferas tienen cada vez menos clientes [...] ⁴⁸(AUGÉ, 2009, p.94).

Os efeitos da transformação na matriz de transporte para meios com menor velocidade ultrapassam a dimensão ecológica, pois o custo energético para manter os transportes mais velozes e que favorecem apenas uma pequena parcela da população é pago por todas as pessoas, ou seja, para uma pessoa se deslocar mais rápido é necessário que muitas outras reduzam sua velocidade efetiva de deslocamento. De acordo com Illich (2005), isso ocorre devido à dependência do motor gerada pela necessidade de percorrer as grandes distâncias por ele produzidas no decorrer do processo de urbanização moderna.

Segundo o citado autor, a dependência dos motores oprime as pessoas, pois elas são impossibilitadas de usufruir de sua capacidade inata de mover-se e, nesse contexto, transportar-se passa ser algo penoso, seja pelo esforço necessário para percorrer grandes distâncias a pé, de bicicleta ou por aquele que empreendemos para arcar com os gastos da aquisição de um veículo motorizado particular ou custear as passagens e todo o sistema de transporte público, geralmente de baixa qualidade. Por isso não pode existir um “[...] movimento de libertação verdadeiro que não reconheça a necessidade de adotar uma tecnologia de baixo consumo energético” (ILLICH, 2005, p.38).

Porém, essa é uma questão um tanto quanto delicada, uma vez que, vivendo em um mundo que idolatra o hiperconforto, acabamos ficando, conforme aponta Illich (2005), intoxicados pelo consumo de altas doses de energia industrial e tocar nesse ponto para os que

⁴⁸ A mudança na qualidade de vida e a melhora da situação ecológica do planeta são as consequências mais evidentes para a maioria, mas os efeitos secundários são simplesmente espantosos, sobretudo na esfera social e na política. As barreiras entre as classes sociais se levantam ou desabam. As potências petrolíferas têm cada vez menos clientes [...] (Tradução livre).

são dependentes dela é como tocar numa ferida aberta, enquanto que aqueles que, por viver à margem deles desejam seus estilos de vida, não vêm razão em se proteger disso que ainda não experimentaram e que é considerado tão bom.

Conforme afirma Morais (1992), vivemos hoje em um mundo que nos dá a falsa sensação de que tudo está materialmente resolvido, ou seja, todos os problemas já possuem uma solução tecnológica que reduzirá nossos esforços, porém é necessário ter acesso, mas:

Em nosso mundo cindido entre possuidores e carentes, os que têm os referidos recursos perdem-se por tê-los, e os que não os têm acabam perdendo-se por não os ter; isto porque os primeiros simplesmente lançam mão dessas facilidades que os afastam de si mesmos, enquanto os segundos amarguram-se imaginando ser a posse de tais facilidades a única possibilidade de uma vida que valha a pena (MORAIS, 1992, p.92).

Assim, guiamos nossa existência em busca dessas facilidades, sem, no entanto, questionar a conformação do tempo-espço que nos tornam dependentes delas. Urge repensarmos criticamente e transformarmos nossos padrões de vida e consumo, caso contrário, ficaremos cada vez mais aprisionados a um ideal de progresso e desenvolvimento que faz ampliar a desigualdade social e destruição da vida, mas que copiamos e idolatramos a ponto de não perceber que:

Pelas ruas latino-americanas circula uma ínfima parte dos automóveis do mundo, mas algumas das cidades mais contaminadas do mundo estão na América Latina. As estruturas da injustiça hereditária e as ferozes contradições sociais geraram, no sul do mundo, cidades que crescem além de todo o controle possível, monstros desmesurados e violentos: a importação da fé no deus de quatro rodas e a identificação da democracia ao consumo têm efeitos mais devastadores do que qualquer bombardeio (GALEANO, 2011, p.243).

A incorporação desse ideal tem efeitos mais devastadores nos países “subdesenvolvidos”, nos quais a desigualdade é maior, pois ela torna “natural” o convívio com as enormes injustiças e contradições sociais e, por isso, não põe em xeque nossa fé no papel do avanço científico e tecnológico que, em grande parte, é responsável pelo modelo de desenvolvimento atual, o qual tem seus efeitos devastadores também no campo educativo, pois:

Esse mundo materialmente resolvido destempera os nossos educandos; usa um engodo social para tirar-lhes a têmpera e os envolve numa teia de dependências no meio da qual dificilmente reconquistarão um mínimo de autonomia, um mínimo de desejo e competência para gerir a própria caminhada (MORAIS, 1992, p.94).

Nesse mundo materialmente resolvido, optar pela bicicleta e, frente às dificuldades que se impõe ao assumi-la, se manter utilizando-a pode trazer de volta a têmpera que temos perdido por nossa entrega desmedida às facilidades tecnológicas. Segundo Augé (2009), ao andar de bicicleta o mundo se impõe concretamente a nós “[...] en sus dimensiones más físicas. Nos ofrece resistencia y nos obliga a un esfuerzo de voluntad pero, al mismo tiempo, se nos abre como un espacio *poético*, en el sentido pleno y primero del término: como *poiesis* o creación”⁴⁹ (p.106).

O esforço é para vencer as barreiras geográficas, climáticas e, principalmente, as sociais. Nele o caminho da criação se abre, pois, ao se engajar nessa ação, o sujeito tem que superar os condicionamentos de um sistema que tenta, a todo custo, reduzir as pessoas a meros consumidores de energia. A pessoa que escolhe transportar-se de bicicleta e o faz, vai em busca de um outro mundo possível, pois pedalar pelo mundo nos faz indagar sobre a segurança, o uso do solo, as desigualdades, os espaços públicos, o respeito às pessoas e meio ambiente, ou seja, assumir a bicicleta como transporte envolve encarnar grande parte dos problemas sociais que o uso generalizado dos automóveis tem ajudado a encobrir.

Montar en bicicleta nos devuelve, por un lado, un alma de niño y, a la vez, nos restituye la capacidad de jugar y el sentido de lo real. Así el empleo de la bici constituye como una especie de *recordatorio* (como cuando se da una dosis de refuerzo de una vacuna), pero también de *formación continua* para el aprendizaje de la libertad, de la lucidez y, a través de ellas, tal vez, de algo que se asemejaría a la felicidad⁵⁰ (AUGÉ, 2009, p.107).

A aprendizagem da liberdade e da lucidez no pedalar é possível, pois essa prática pode nos prevenir da intoxicação por consumo excessivo de energia industrial, uma vez que, ao mover-se com base apenas em sua energia, a pessoa que pedala sente o esforço de seu deslocamento, valoriza essa energia gasta, tanto que seus hábitos de deslocamento se modificam.

Patricio (2013) traz interessante depoimento sobre isso, em seu livro ele descreve o processo de adoção da bicicleta como principal meio de transporte de sua família, desde os primeiros contatos até o momento posterior a venda de seu automóvel, que permitiu dar à sua

⁴⁹ “[...] em suas dimensões mais físicas. Nos oferece resistência e nos obriga a um esforço de vontade mas, ao mesmo tempo, se abre a nós como um espaço *poético*, no sentido pleno e primeiro do termo: como *poiésis* ou criação (Tradução livre).

⁵⁰ Subir em uma bicicleta nos devolve, por um lado, uma alma de criança e, ao mesmo tempo, nos restitui a capacidade de brincar e o sentido do real. Assim o uso da bicicleta constitui-se como uma espécie de *lembrete* (como quando se dá uma dose de reforço de uma vacina), mas também de *formação contínua* para a aprendizagem da liberdade, da lucidez e, através dela, talvez, de algo que se essemelharia a felicidade (tradução livre).

garagem o status de sala de estar. Comenta que depois da venda do carro, passou a fazer compras em locais próximos de casa, planejar seu dia a dia para percorrer apenas a distância necessária e realizar mais tarefas em um mesmo trajeto de deslocamento. Ele avalia que até os hábitos alimentares da família se modificaram, pois pedalar com a barriga cheia não era algo muito agradável, com isso passaram a cozinhar e comer sem exageros e, em ocasiões de festas e comemorações, priorizavam os restaurantes locais ou a realização de programas em casa com familiares, amigos e vizinhos.

Patricio (2013) também comenta que a desaceleração foi outra mudança significativa, uma vez que não podia mais manter a mesma rotina de quando possuía um carro e por isso deixou de marcar muitos compromissos para um mesmo dia, segundo ele:

É verdade que de bicicleta, você fica mais restrito e não pode cumprir uma agenda de tarefas e compromissos tão intensa. Por outro lado, você percebe que não precisa estar em todos os lugares sempre e aprende a respeitar mais os seus limites e o tempo para você e sua família (PATRICIO, 2013, p.85).

Quando o que está em jogo é sua própria energia, você passa a ter consciência do esforço que isso implica e é inevitável reduzir seu gasto, poupá-la. No entanto, quando esta é externa a nós, isso se torna banal. Efetivamente, ao gastarmos energia extra, não nos sentimos responsável pela destruição do planeta e a preocupação com esse gasto só passa a fazer algum sentido quando se esbarra no limite financeiro, o qual impede o consumo da energia necessária para manter o padrão assumido como ideal de vida. Nesse sentido o uso constante da bicicleta por aqueles e aquelas que autonomamente optam por ela, funciona realmente como uma vacina e como processo de aprendizagem que pode ajudar na difícil missão de convencer a sociedade que, “Tanto os pobres como os ricos deverão superar a ilusão de que MAIS energia é MELHOR” (ILLICH, 2005, p.40).

Em sentido semelhante, Horta-Tricallotis (2016) afirma que, a utilização de energia não-humana nos condena à falta de autonomia e tira a nossa liberdade, pois ficamos escravos das demandas externas de energia.

Os possuidores de energia são escravos de sua manutenção e da luta para lidar com os efeitos danosos oriundos da extrema inatividade corporal a qual se entregam, já aqueles que não a tem em quantidade suficiente, sofrem para viver em um mundo onde cada vez mais ela é exigida.

No dia a dia, a bicicleta tem representado muito mais uma falta de opção do que uma escolha para trabalhadores e trabalhadoras com baixa renda que a utilizam. Estes, sem

alternativa, sentem na pele a materialidade da cidade na qual, em meio ao trânsito, motoristas esbanjam falta de respeito e descuido na conquista pelo espaço necessário para poder usufruir do potencial de aceleração de seus veículos, como podemos ver nas falas reproduzidas no estudo de Pacheco (2015, p.74):

“... é normal, eles trancam, buzina, é normal” (Seu Neto);
 “... sempre acontece... buzinas, fecham, xingam” (Silvio);
 “... normal... Abrem a porta sem ver, buzina, dão risada” (Aline);
 “... é normal, já acostumei... a gente se sente um lixo” (Neide).

Não é por acaso que o maior número de viagens em bicicleta se dá entre as populações mais economicamente desfavorecidas, na qual se encontram as pessoas que necessitam de maior deslocamento para ir e voltar do trabalho, devido à marginalidade da localização geográfica da residência pela qual podem pagar.

Essas pessoas há muito tempo sentem as vantagens econômicas de se transportar em bicicleta e, sem saber, seguem as tendências dos países desenvolvidos que são famosos pelo amplo uso da bicicleta pela população e que estão em voga entre estudiosos de mobilidade urbana da atualidade. No entanto, esses saberes encarnados dos desfavorecidos sempre foram desvalorizados, tanto que, apesar de sempre andarem de bicicleta, só há muito pouco tempo que ciclovias, vias calmas e campanhas educativas, que visam garantir a segurança e incentivar o uso da bicicleta, vêm sendo adotadas nas políticas públicas de mobilidade urbana, mesmo que ainda percebamos que poucas delas atendem as áreas periféricas da cidade onde estão as pessoas que mais dependem da bicicleta.

Essa desvalorização faz com que essas pessoas, ao se atreverem a andar de bicicleta em meio ao trânsito motorizado, descrevam sensações como as citadas a seguir e, pior, se acostumarem com isso:

[...] “quando tem respeito, me sinto bem. Quando não tem... "medo". (Silvio)
 “(silêncio) pequena, eles não respeitam... Já acostumei”. (Aline)
 “(silêncio) Eles acham que são mais que a gente, é normal”. (Neide) (PACHECO, 2015, p. 76).

Essas emoções e sentimentos nos fazem compreender facilmente o status atualmente produzido sobre o automóvel, onde aquela pessoa que não pode ou não quer possuir um deve se acostumar às buzinas, xingamentos, desrespeito e risco de vida, com isso, conforme

sinaliza a citada autora, a bicicleta perde facilmente o encantamento no meio social e, conseqüentemente, a pessoa que a conduz também perde seu valor.

A desvalorização é tamanha que, na convivência com essas pessoas, Pacheco (2015), durante sua investigação, registrou em diversos momentos manifestações de intenção de aposentar a bicicleta, tal como o planejamento de empréstimos por parte de um dos trabalhadores para comprar uma moto, mesmo sendo este analfabeto e não tendo, portanto, condições de tirar a carteira de habilitação, ou nos lamentos de um frentista de posto que utilizava a bicicleta diariamente para ir ao trabalho e que, no momento em que saía do mercado carregado de compras, lhe diz: “Passo o dia inteiro abastecendo e lavando carro, e termino o dia, indo embora de bicireta” (PACHECO, 2015, 49).

Em meio a esses lamentos, o estudo de Pacheco (2015) revela que para essas pessoas a bicicleta também “é tudo, porque a gente sempre anda” (p.76) e “ela parece fazer parte da gente” (p.60).

Essas contradições, que envolvem a utilização da bicicleta, nos permitem compreender a dificuldade na mudança de hábito por parte das pessoas que podem se dar ao luxo de ter um automóvel à disposição. Isso fica bastante evidente na fala das pessoas investigadas na referida pesquisa, quando a pesquisadora as indaga sobre os passeios ciclísticos realizados na cidade para incentivo ao uso de bicicletas e elas respondem:

[...] é coisa de rico”, “rodam pelo centro da cidade, só por lugar bonito e seguro”, “queria ver se tivessem de usar a bicicleta todos os dias, na chuva, na geada... queria ver se trocavam seu carrinho pela bicicleta”, “Isso é só pra desfilar”, “vá vê o preço das bicicletas deles, como que querem que a gente participe”? (Neide e Aline) (PACHECO, 2015, p.56).

“Isso é pra outro tipo de gente”, “Isso não é pra gente pobre, trabalhador... eles usam a *bicireta* por uns dias e volta pro carro, não adianta, pra *nóis* não muda nada”, “até as *bicireta* que usam custam mais caro do que *qualqué* coisa que *nóis* temo”. “as *bicireta* são *livianinha*, troca marcha na subida, a gente nunca vai *tê* esses luxo!” (Neto) (PACHECO, 2015, p.64).

Outra questão que emerge das falas anteriormente citadas é a contradição, em que, as pessoas que mais quilômetros percorrem diariamente, utilizam as bicicletas mais pesadas do mercado, sem marchas e muitas vezes com componente de baixa qualidade, o que interfere na durabilidade, na segurança e no nível de esforço necessário. Por outro lado, bicicletas caríssimas, leves e de alta tecnologia, algumas destinadas à competição esportiva de alto nível, são disponibilizadas no mercado e adquiridas por pessoas que fazem uso esporádico, muitas vezes, no contexto exclusivo do lazer ou do esporte amador.

Além disso, está implícita nas falas a questão da falta de acesso dos equipamentos de ciclismo para uso em dias muito frios ou com chuva, que diminuem o desconforto de pedalar nesses climas menos favoráveis, o que nas camadas populares brasileiras sempre ficou a cargo do improviso e criatividade de cada um. Atualmente, com a adesão de pequena parcela da classe média ao ciclismo urbano, equipamentos desse tipo estão chegando ao mercado, porém são em sua maioria importados e/ou com preços proibitivos à maioria da população. Não há qualquer incentivo público que garanta a aquisição de bicicletas ou acessórios de qualidade por parte da população que mais necessita.

A questão material que está envolvida na utilização da bicicleta revela seu potencial crítico e transformador, desde que seja assumida a prioridade da bicicleta dentre os meios de transportes individuais. Tal opção exige que lidemos com uma série de questões sociais das quais fugimos quando aceitamos como legítima a preferência pelo carro, que autoriza aos que podem pagar, a aquisição de um como forma de solução válida para se afastar das dificuldades e problemas que se sente ao caminhar ou pedalar pela cidade, ao invés de resolvê-los.

No entanto, vivemos em uma sociedade que prioriza o consumo e, assim como os automóveis, a bicicleta e os equipamentos a ela atrelados começam a perder seu valor de uso e se tornarem também símbolos de status, algo que também aparece nas falas citadas. Isso tem desencadeando uma busca frenética pela aquisição do melhor equipamento, pela bicicleta de determinada marca e modelo, por roupas esportivas tecnologicamente superiores, bem como pela publicação de fotos com bicicleta nos melhores lugares do mundo nas redes sociais.

Exemplo disso pode ser observado na reportagem de Alvarenga (2011), que trata do aumento da demanda de consumo de bicicletas com “status”. Nessa matéria, o presidente de uma grande empresa produtora de bicicletas afirma que houve uma mudança no perfil dos consumidores e, conseqüentemente, nos produtos que estão sendo vendidos. Parte dessa mudança, segundo ele, deve-se a uma mudança de concepção em que “Antes, ter carro era sinônimo de ser rico e de país desenvolvido. Isso está mudando. Hoje, país moderno, de vanguarda, é país que anda de bicicleta”. De acordo com o empresário, isso tem feito a bicicleta ser associada também a “status social” e a venda desse tipo de bicicleta cresceu na cidade de São Paulo, após a implementação da ciclofaixa de lazer em 2009.

O mercado também tem se aproveitado do apelo ambiental que a bicicleta possui e que é posto em voga pelos movimentos pró-bicicleta. Em diversas propagandas, mas principalmente nos anúncios de condomínios fechados, é frequente a utilização de fotos de famílias pedalando protegidas e tranquilas a fim de atrair a atenção dos consumidores.

Segundo Riechmann (2012), isso já é algo a se esperar, pois em um mundo em crise ambiental e dominado pelo fetiche do dinheiro, toda ação ecologicamente bem intencionada:

[...] corre el peligro de convertirse en negocio de unos cuantos, en beneficio privado, en pasto de la publicidad y en ocasión para el llamamiento a un novo tipo de consumismo. Constata que la línea *verde* del sistema reproductivo capitalista empieza a cotizar en la Bolsa de valores mercantiles, porque lo *verde vend*⁵¹ (p.16).

Esses exemplos revelam as manobras do atual sistema econômico para manter o consumo desenfreado, onde tudo que emerge na tentativa de questioná-lo acaba, em parte, servindo para ser utilizado na produção de novos consumidores. Por isso, ao tratarmos aqui sobre a materialidade relacionada com a bicicleta queremos enfatizar principalmente o potencial questionador capaz de gerar, a quem se expõe, o compromisso ético necessário para orientar um engajamento político crítico, sem, no entanto, desconsiderar tudo que isso envolve.

Assim como Augé (2009), nós sabemos que até mesmo das manifestações e movimento promovidos por usuários e partidários da bicicleta:

El capitalismo saca su provecho, pero las exigencias de los usuarios en el terreno de la organización del trabajo, de la educación y del tiempo libre son tales que uno termina por preguntarse si finalmente la práctica de la bicicleta no será lo que permitió inventar la tercera vía, ésta que, entre el liberalismo y el socialismo, se preocupa ante todo por la felicidad de los individuos⁵² (p.96).

Salientamos com Carlsson (2014), que existem muitas revistas e propagandas de luxo vendendo bicicletas, equipamentos, capacetes, roupas especiais, acessórios suntuosos, coisas naturalmente esperadas de uma sociedade de consumo, porém ele alerta que a cultura da bicicleta é amplamente separada do levante dessas bases.

Essas bases são distintas porque a bicicleta, apesar de ser da mesma geração que criou o automóvel, simboliza um desenvolvimento social em direção oposta ao carro, pois ela permite ao seu usuário controlar seu próprio gasto de energia, enquanto o motor torna os usuários rivais pelo uso da energia, espaço e tempo (ILLICH, 2005).

⁵¹ [...] corre o risco de ser convertido em negócio de alguns, para ganhos privados, em pastagem para publicidade e em ocasião para o chamamento a um novo tipo de consumismo. Observa-se que a linha *verde* do sistema produtivo capitalista começa a cotizar na bolsa de valores, porque o *verde vende* (Tradução livre).

⁵² O capitalismo tira seu proveito, mas as exigências dos usuários no campo da organização do trabalho, da educação e do tempo livre são tais que alguém poderia perguntar-se se finalmente a prática da bicicleta não nos permitiu inventar uma terceira via, esta que, entre o liberalismo e o socialismo, se preocupa antes de tudo com a felicidade dos indivíduos (Tradução livre).

Isso quer dizer que, mesmo com todos os luxos e acessórios possíveis, no caso da bicicleta, no final quem dá o tom é a energia do condutor e, entre pessoas que pedalam regularmente, os maiores avanços em termos tecnológicos não são capazes de gerar grande diferença na velocidade média de deslocamento, tanto que causa surpresa e espanto quando ciclistas “loucos” se aventuram em competições e, com bicicletas velhas impensáveis para competições de ciclismo, sobem ao pódio, tal como podemos ver nas reportagens de Oliveira (2016), em que um ciclista com uma bicicleta ano 1966, sem marchas e pesando aproximadamente 17kg chega em terceiro lugar em uma prova de estrada na subida da Serra da Graciosa, ou na reportagem que traz a história de um garoto de 13 anos que, com uma bicicleta velha, sem marchas, mal conservada e emprestada por seu amigo que a conseguiu com uma catadora de lixo, se inscreve em uma prova de *mountain bike* e, surpreendendo a todos e todas, conquista o segundo lugar no pódio (G1, 2016).

A letra de música que compõe a epígrafe do presente tópico nos indica o motivo pelo qual o uso da bicicleta materializado nas ruas das cidades incomoda aqueles e aquelas que propagandeiam e lucram com o engodo do hiperconforto, tanto quanto aos consumidores por ele intoxicados, com as bicicletas vem à tona a falta de democratização dos espaços e vias públicas da cidade. Essa presença contestatória, embora ainda tímida, já causou desconforto.

Podemos perceber esse efeito a partir da grande mobilização contra a democratização do espaço, que começa a tomar corpo com a construção das ciclovias e com a redução de velocidade nas ruas da cidade de São Paulo. O incômodo de reconhecer que as vias públicas são um direito de todos é tanto que, mesmo com estatísticas comprovando que os acidentes com pedestres e ciclistas reduziram consideravelmente, diversos candidatos que concorrem ao cargo de prefeito da cidade apresentaram como proposta de governo retomar dos limites de velocidade anteriores, como pode ser observado em algumas notícias publicadas (ANTP, 2016; LOBO, 2016; SHALON, 2015) e, após que a confirmação da eleição com 53% dos votos no primeiro turno, na fala do então prefeito eleito que, em um de seus primeiros pronunciamentos, afirma que seu primeiro ato na prefeitura será aumentar a velocidade das ruas. Também reportagens como as de Pereira (2015) e Ribeiro (2015), nos permitem observar que alguns grupos, provavelmente de exclusivos utilizadores de automóvel, questionam os efeitos dos projetos executados na cidade de São Paulo na redução do trânsito, esquecendo-se que o objetivo é melhorar a circulação da maior parcela da população possível, o que não significa necessariamente melhorar a circulação dos carros. Para eles, a redução de mortes e de acidentes, bem como a maior mobilidade das pessoas que não possuem carro ou

que simplesmente preferem a caminhada, bicicleta ou transporte público, não são compreendidas como melhorias no trânsito.

Isso nos faz considerar com Riechmann (2014) que, para reduzirmos nossa complexidade tecnológica, é fundamental ampliar a qualidade e complexidade de nossas relações sociais, para que possamos compartilhar uma vida que seja boa para todos e todas, considerando responsável e democraticamente nossas preferências dentro de um nível de conforto que não nos faça perder a humanidade e nem destruir a possibilidade de vida das gerações vindouras.

De acordo com Horta-Tricallotis (2016), por funcionar a partir da energia humana, a bicicleta, quando inserida no dia a dia das cidades, favorece a democratização da sociedade e do espaço urbano, ela nos leva a construir uma cultura de não violência, de respeito e de não discriminação. Ela substitui o paradigma da rivalidade que se instaura na competição pela energia e espaço, pelo paradigma da responsabilidade e cuidado com o semelhante e com o planeta.

Com o uso constante da bicicleta há possibilidade de vivenciar uma nova epistemologia, aprender a carregar pouca bagagem, economizar energia, consumir menos e concentrar esforços em melhorar a qualidade das relações entre humanos e entre seres humanos, outros seres e mundo, de maneira que cada vez mais possamos usufruir de nossa autonomia e liberdade, reconhecendo que o esforço que isso envolve não é sinônimo de desconforto, mas sim condição de manutenção da Vida. Em suma, essa epistemologia da bicicleta, dessa motricidade emergente, nos permite *perceber* que o suficiente é o bastante e que a *motricidade* é inerente à vida.

3.3. Bicicleta e descolonialidade do espaço urbano

É a invasão das bicicletas/ Bicicletas são para gente, um motor quente, não poluente/ Parem os carros, diminuam os carros, queremos pedalar em todo lugar/ Parem os carros, diminuam os carros, queremos respirar, queremos cantar / É a invasão das bicicletas (PLÁ, 2010, Invasão das bicicletas).

Nos últimos anos, um número crescente de pessoas, organizações e coletivos da sociedade civil, vem assumindo o ato de usar a bicicleta diariamente como transporte e em massivas bicicletadas como forma de poder político para reivindicar condições de circulação, melhorias no espaço público e protestar contra o atual modelo de desenvolvimento econômico que produz cidades excludentes, violentas e poluídas.

Como vimos anteriormente, o espaço urbano é lugar de conflitos e, frente ao contexto em que historicamente as políticas voltam-se em favor de interesses pessoais de um pequeno grupo, os movimentos organizados tem papel relevante na defesa e reivindicação de direitos e espaços sociais. Como nos lembra Santos (2010b), espaço é o lugar onde as pessoas exercem um conjunto de ações de valor desigual e seu uso, implica, necessariamente, a disputa em função da força de cada grupo de interesse. Assim essa materialidade do espaço se faz componente imperativo, pois “[...] é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle; um limite à ação; um convite à ação” (SANTOS, 2010b, p.591).

Como sugere a música na epígrafe desse tópico, os movimentos sociais em favor da bicicleta assumem o corpo e as ruas como tempo-espaço-político, carregando-os de sentido e ampliando a possibilidade de participação da população nas decisões políticas da cidade e/ou país. Com isso se rompe com o modelo setorizado e especializado de fazer política, no qual, a participação da sociedade civil restringe-se a poucos momentos autorizados pelo Estado que, frente à crise de representatividade vivenciada, afirmam-se mais como um método de controle da população do que qualquer outra coisa.

Recordamos que, desde os primórdios da chegada da bicicleta ao Brasil, existiram organizações sociais em torno do objeto, porém estas, embora realizassem eventos com a bicicleta, não possuíam caráter contestatório de valores culturais, de políticas econômicas ou de mobilidades vigentes, até mesmo por que, seus interesses sempre foram alinhados aos da elite dominante que os ditavam, quando muito reivindicavam ruas com pavimentos mais regulares para pedalar.

Uma das primeiras manifestações de caráter contestatório relacionada à bicicleta é o movimento feminista⁵³, emergente nos contextos europeu e estadunidense na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, lutou contra a discriminação e pelo direito ao uso da bicicleta, num contexto social em que ficavam “mal vistas” socialmente as mulheres que pedalavam. Segundo Connolly (2008) as mulheres que usavam uma roupa mais razoável para pedalar eram criticadas, ridicularizadas, proibidas ao acesso em lugares públicos e, frequentemente, as ciclistas feministas eram atacadas verbalmente ou com objetos. Schetino (2007) e Melo e Schetino (2009), afirmam que em Paris o direito à utilização da bicicleta foi defendido pelo movimento feminista e a conquista desse direito resultou, inclusive, no

⁵³ Isso pode ser observado nas falas de lideres de movimentos feministas da época, tais como a de Susan Anthony: “Deixe-me dizer o que penso da bicicleta. Ela tem feito mais para emancipar as mulheres do que qualquer outra coisa no mundo. Ela dá às mulheres um sentimento de liberdade e autoconfiança. Eu aprecio toda vez que vejo uma mulher pedalando... uma imagem de liberdade” e a de Elizabeth Staton: “A mulher está pedalando uma bicicleta em direção ao sufrágio” (Citadas por MELO; SCHETINO, 2009, p.111).

abandono do incômodo espartilho, no uso de calças pelas mulheres e na produção de modelos de bicicletas específicas para elas.

De acordo com Carlsson (2014), atualmente as ciclistas continuam essa luta histórica de libertação das mulheres. A partir de depoimentos de integrantes de grupos de mulheres ciclistas, o autor mostra que elas, por meio do uso da bicicleta, se fortalecem e contestam a cultura imperante que tenta impor-lhes aquilo que devem ou não fazer. O autor traz em seu trabalho trecho de um material publicado por um desses grupos que nos auxilia a pensar a atual situação das mulheres que usam a bicicleta diariamente.

Tem dias que eu sinto que não consigo andar uma quadra sem alguém fazer comentários sexuais ou de algum modo degradantes ou objetificantes a mim, na minha bicicleta. Coisas do tipo “que tesão!”, e “ai gata”, ou me pedir um diabo de uma carona [...] Às vezes, até mesmo o tipo errado de olhar já basta para fazer eu me sentir desconfortável, ou o som de um carro diminuindo a velocidade o suficiente para andar ao meu lado por um tempo. Que nojo!⁵⁴.

Embora a citação refira-se ao contexto estadunidense, pelos constantes relatos de mulheres ciclistas com as quais convivemos, podemos afirmar que, sem dúvida, este é bastante representativo para pensarmos também o contexto brasileiro. Ele dá pistas e nos ajuda a compreender os motivos que fazem, entre as pessoas que utilizam a bicicleta, a média de mulheres⁵⁵ ser de 15%, sendo maiores em cidades de menor porte e menores nas grandes cidades (BRASIL, 2007).

Outras questões são levantadas na pesquisa realizada por Carrasco (2009) na cidade de Santiago, Chile, o estudo revela, dentre os fatores que restringem o uso da bicicleta pelas mulheres, a preocupação com a segurança entre os veículos motorizados e segurança pessoal, pouca destreza no uso da bicicleta e condicionamento físico, necessidade de lidar com o dia a dia doméstico como, por exemplo, carregar grandes volumes de compras e levar as crianças para a escola.

O movimento de mulheres em torno da bicicleta tem trabalhado para modificar tal quadro, um exemplo bastante forte é o grupo de chilenas Mujeres Arriba de la Cleta (MACLETA), que além de reivindicar segurança e estruturas para a circulação, ensinam outras mulheres a andar de bicicleta, técnicas de pilotagem, mecânica de bicicletas, escolha de rotas urbanas, entre outras coisas.

⁵⁴Trecho publicado no Chainbreaker, citado por Carlsson (2014, p.160).

⁵⁵ Vale destacar que a taxa de utilização de bicicleta por mulheres tem sido usada como referência para avaliar a ciclabilidade das cidades, uma maior participação das mulheres indica que o espaço urbano está mais receptivo ao uso da bicicleta (CAVALCANTE, 2012). Porém, essa maior necessidade de infraestrutura e segurança indica, infelizmente, que as mulheres sofrem mais assédio e violência ao saírem de bicicleta pelas ruas da cidade.

No Brasil são diversos os grupos femininos de ciclismo⁵⁶, alguns com atuações semelhantes ao MACLETA e outros tantos promovendo pedaladas recreativas e afirmando o direito de pedalar das mulheres.

Como é possível notar, a defesa do direito ao uso da bicicleta envolve algo maior do que apenas a sua utilização como meio de transporte. Para Carlsson (2014, p.144): “A explosão dessa expressão simplória e lunática, prática e política, por meio da bicicleta, compreende um impulso opositor profundamente enraizado, que desafia os valores fundamentais da nossa sociedade”.

Essa explosão de que fala o autor, refere-se ao surgimento dos movimentos que, com a afirmação do uso da bicicleta, passam a questionar a hegemonia da cultura do automóvel e toda uma cadeia de valores que ele representa socialmente. Esse movimento tem sido chamado cicloativismo.

Conforme aponta a União de Ciclistas do Brasil (UCB)⁵⁷, cicloativismo é a denominação dada ao universo de fluxos, processos e pessoas, organizadas ou não em coletivos que, a fim de promover o uso da bicicleta para melhorar as condições das cidades, realizam ações, campanhas, projetos, eventos e manifestações que visam transformar as cidades em espaços acolhedores, seguros e confortáveis para os ciclistas (UCB, 2016).

De acordo com Raquel (2010):

O movimento social pró-bicicleta (em defesa e promoção da bicicleta como meio de transporte), conhecido como cicloativismo, luta pela inclusão das bicicletas nas cidades através da construção de políticas públicas de mobilidade urbana destinadas ao uso da bicicleta. Os cicloativistas lutam pelos direitos dos ciclistas e a popularização da bicicleta a fim de construir cidades mais saudáveis, mais humanas, mais sociáveis, mais seguras e sustentáveis. Porém, é importante salientar que o ideal e a luta do movimento cicloativista transcende a promoção do uso da bicicleta como transporte, ele se propõe a discutir a transformação de um consolidado estilo de vida vinculado ao insustentável modelo automobilístico (p.77-78).

Segundo Xavier (2011) e Liberato (2004), esse cicloativismo contemporâneo com forte componente político e contestatório emerge entre as décadas de 60 e 70. Liberato (2004) afirma que um importante movimento que demarca essa época, e que certamente inspirou

⁵⁶ Pedalinas e o Saia na Noite em São Paulo/SP, Cíclicas-Porto Alegre/RS, Meninas ao Vento- Salvador/BA, Saia de Bike-Curitiba/PR, Pedal de Salto Alto-Belo Horizonte/MG, Pedalinas Potiguares-Natal/RN, Amazonas de Bike-Manaus/AM, Brasília Baton Bikers-Brasília/DF, As Belas da Bike-Joinville/SC, Pedal das Meninas-Passos/MG, Elas no Pedal-Balneário Camboriú/SC, Saia no Pedal-Goiânia/GO (CAVALCANTE, 2012).

⁵⁷ A UCB é uma associação de direito privado sem fins lucrativos que, em parceria com organizações locais, realiza atividades sociais promovendo o uso da bicicleta como meio de transporte, lazer e esporte em regiões urbanas e rurais. Mais informações no site:<<http://www.uniaodeciclistas.org.br/>>.

aquilo que hoje denominamos cicloativismo, ocorreu na Holanda, na década de 60, e foi liderado por um grupo denominado *Provo*, uma abreviação da palavra provocação.

O citado grupo era formado por jovens com influência anarquista e atuou em Amsterdã realizando uma série de “planos brancos”, criativos e inquietantes para os valores da época, que questionavam a organização social e buscavam tornar a cidade mais acolhedora. Eles reivindicavam o fechamento do centro da cidade aos automóveis para torná-la mais agradável e menos poluída para ser vivenciada pelas pessoas (GUARNACCIA, 2001).

A ação desse grupo que mais nos interessa é o “Plano das Bicicletas Brancas” publicado na edição número 5 do jornal denominado *Provokatie*, que era mantido pelo grupo. Nessa edição foi informado conteúdo do plano e o dia de sua inauguração, tal como poderemos notar no texto reproduzido a seguir:

Cidadãos de Amsterdam!

Basta com o asfáltico terror da classe média motorizada! Todo dia, as massas oferecem novas vítimas em sacrifício ao último padrão a quem se desdobram: a auto-ridade. O sufocante monóxido de carbono é seu incenso. A visão de milhares de automóveis infecta ruas e canais. O plano Provo das bicicletas brancas nos libertará deste monstro. Provo lança a bicicleta branca de propriedade comum. A primeira bicicleta será apresentada ao público quarta-feira, 28 de julho, às três da tarde no Lieverdje, o monumento ao consumismo que nos torna escravos. A bicicleta branca está sempre aberta. A bicicleta branca é o primeiro meio de transporte coletivo gratuito. A bicicleta branca é uma provocação contra a propriedade privada capitalista, porque a bicicleta branca é anarquista! A bicicleta branca está à disposição de quem quer que dela necessite. Uma vez utilizada, nós a deixamos para o usuário seguinte. As bicicletas brancas aumentarão de número até que haja bicicletas suficientes para todos, e o transporte branco fará desaparecer a ameaça automobilística. A bicicleta branca simboliza simplicidade e higiene diante da cafonice e da sujeira do automóvel. Uma bicicleta não é nada, mas já é alguma coisa (Provokatie, n.5, citado por GUARNACCIA, 2001, p.76).

Conforme afirma Liberato (2004), nessa época falar contra o automóvel que estava em plena acensão era um atentado contra as maravilhas do progresso. De acordo com o autor, possivelmente esse grupo tenha sido o precursor do movimento contracultura e também da crítica ecológica e social do automóvel.

Esse plano das bicicletas brancas que pareceu sem sentido para grande parte da população da época, atualmente está espalhado por diversas cidades do mundo em sistemas de bicicletas públicas, porém não exatamente nos mesmos moldes.

Esse exemplo é importante no campo da bicicleta e da mobilidade urbana, pois não raro, aborda-se o amplo uso da bicicleta em países europeus, citando muitas vezes o exemplo da Holanda, para falar de cultura da bicicleta. Às vezes parece que a bicicleta sempre fez parte e esteve integrada ao espaço urbano, porém fica evidente que não foi, e ainda não é, tão

simples assim. Foram movimentos como o citado, associados à crise energética da época, que colocaram a bicicleta no centro de discussão sobre mobilidade, a fim de retomá-la como alternativa de transporte e reintegrá-la à cidade do modo como vemos hoje.

Ressaltamos com Pucher e Buehler (2008), que as políticas públicas de incentivos têm papel fundamental para manter o uso de bicicleta e, anualmente, os países europeus como Holanda, Alemanha e Dinamarca, famosos pelos altos índices de utilização deste veículo, fazem elevados investimentos em marketing pró-bicicleta, em campanhas educativas, inclusive inseridas no currículo regular das escolas⁵⁸, em infraestrutura ciclística, em medidas para manter a circulação segura e em restrições que desestimulam o uso do automóvel.

No Brasil a situação é distinta e, conforme sinalizam Soares et al. (2015), sabemos que apesar dos crescentes congestionamentos nas grandes cidades e das crises hídricas, econômicas, de representação política e dos recentes escândalos de corrupção envolvendo a Petrobrás, o país não vive e não sofrerá tão cedo uma crise do petróleo, haja vistos os grandes investimentos na exploração do pré-sal. Assim, para romper com a lógica da mobilidade que vem sendo historicamente privilegiada “[...] será preciso muita vontade política e pressão popular” (SOARES et al., 2015, p.18).

Ressaltamos que, mesmo antes dos movimentos organizados, as bicicletas sempre estiveram nas ruas, levadas pela classe trabalhadora que as utilizam diariamente para deslocar-se, seja por opção, para economizar no transporte ou por ser simpático ao uso da bicicleta, seja por falta de opção, por falta de oferta ou qualidade no transporte público ou ainda por não ter condições financeiras de adquirir uma moto ou carro.

Assim, em cidades em que a topografia favorece o amplo uso da bicicleta, o grande volume de ciclistas, mesmo que não necessariamente organizado em movimentos sociais ou coletivos, acabam exigindo das autoridades governamentais providências para a inserção da bicicleta. Exemplos disso podem ser facilmente observados nas cidades litorâneas que possuem grande número de ciclistas como, por exemplo, a cidade de Ubatuba/SP⁵⁹, que já em

⁵⁸ Crianças alemãs, holandesas e dinamarquesas recebem um extensivo treinamento de segurança e técnicas de ciclismo como parte do currículo escolar regular. A maioria das crianças completam na quarta série. Estão incluídas instruções em sala e lições "na estrada", primeiro num local só para crianças e depois em ciclovias regulares pela cidade. Policiais testam as crianças, as quais recebem certificados oficiais, bandeirolas e adesivos se passarem no teste. Como a maioria das crianças vai para a escola de bicicleta, isto é essencial para garantir a segurança. Isso também proporciona uma vida inteira de ciclismo seguro. E como todas as crianças estão incluídas, isso significa que meninos e meninas começam a pedalar logo cedo. Outro elemento crucial para a segurança do ciclista é o treinamento dos motoristas para estarem cientes e evitar colocá-los em perigo (PUCHER; BUEHLER, 2008, p.519).

⁵⁹ A cidade possui mais bicicletas do que habitantes e buscou a diminuição de acidentes de trânsito envolvendo bicicletas construindo uma estrutura cicloviária visando atender a demanda de uso da população, em 2008 a cidade já contava com mais de 40 km de ciclovias e havia reduzido em 88% os acidentes (G1, 2008).

2005 iniciou o processo de construção de expressiva quantidade de ciclovias, mas também em outras regiões, como é caso de Lorena/SP que, segundo Brasil (2001), apesar da pouca infraestrutura adequada destacou-se como uma das cidades mais cicláveis no ano de 2001, devido, entre outras coisas, a realização de campanhas educativas na cidade e ao intenso uso de bicicletas, que é estimado em 60% no caso da população masculina. Isso pôs em discussão projetos de construção de ciclovias nos trechos mais movimentados. Outro exemplo é a cidade de São Carlos/SP, na qual as duas primeiras ciclovias foram construídas em trechos que dão acesso a um dos bairros mais empobrecidos da cidade, local em que circula grande número de trabalhadores/as em bicicleta.

Embora essas transformações ocorram, elas são frutos dos próprios ciclistas que insistentemente mantêm-se pedalando sob a insegurança e risco de vida, do que ao olhar atento do poder público para favorecê-los. Até porque este último age tardiamente nas questões de mobilidade, normalmente apenas quando estas já se transformaram em grande incidência de conflitos que atrapalham o trânsito dos veículos motorizados, ou seja, quando o sistema já produziu um grande número de vítimas, que no caso de conflitos entre carros e bicicletas sabemos exatamente sobre quem recai tal papel.

Nesse sentido, Xavier (2011) em sua pesquisa com membros do movimento cicloativista, traz depoimentos que indicam que o aumento de usuários de bicicleta não se deveu a melhoria ou mesmo a maior atenção do poder público a esse modal de transporte, pois a bicicleta sempre foi utilizada por pessoas da classe trabalhadora, principalmente, nas áreas suburbanas em trajetos que levam ao trabalho, ao comércio e às escolas e, o crescimento de sua utilização, não tem outra origem senão ações dos próprios ciclistas.

O caso da cidade de Fortaleza/CE citado a seguir nos auxilia a compreender a questão do uso da bicicleta no Brasil, uma vez que, em certa medida, ocorre também em outras cidades do país.

Diariamente, milhares de trabalhadores, especialmente os de baixa renda, pedalam quilômetros para chegar ao seu destino. Apesar de ser visivelmente maior a quantidade de pessoas que pedalam em zonas periféricas, também as vemos na zona central, seja nos horários de ida e volta ao trabalho, seja no decorrer do dia, quando são comuns as bicicletas cargueiras. Com os inúmeros grupos de pedaladas noturnas, é comum a vinculação da imagem da bicicleta ao seu uso de lazer. A invisibilidade social do ciclista trabalhador é um elemento fundamental deste imaginário. Este, em geral, é aquele encarregado de realizar tarefas braçais, de baixa escolaridade e pobre. Nestas condições, eles são vistos, porém não são percebidos. Daí ser comum dizer-se que não há ciclistas em Fortaleza. Há. E muitos (SAKURABA JUNIOR; ALVES, 2015, p.66).

Conforme também apontado na pesquisa de Xavier (2011), uma das dificuldades de priorizar a bicicleta, em detrimento dos veículos individuais motorizados, se deve à desconsideração às milhares de pessoas que utilizam a bicicleta diariamente para trabalhar, pois, em verdade, a cultura da bicicleta não se amplia facilmente porque a classe possuidora de maior poder e influência nas políticas públicas e os tomadores de decisões não pedalam, ou seja, as classes alta e média não utilizam a bicicleta como transporte. Um de seus entrevistados chama a atenção para o descaso feito até então pela mídia às mais de 400 mil viagens de bicicleta realizadas diariamente na região metropolitana, em contraposição a recente inclusão da bicicleta na mídia devido à emergência de grupos de ciclistas pertencentes às classes sociais mais abastadas que tem marcado presença nas principais avenidas da cidade de São Paulo.

De acordo com Pires (2008, p.29), de modo geral:

No Brasil, o movimento é encabeçado por ciclistas das cidades grandes, de elevado grau de instrução e de maior poder aquisitivo. Tais características tornam as reivindicações mais evidentes e com destaque na mídia, fato que contribui para uma maior pressão junto aos formadores de opinião e ao poder público.

Maior visibilidade exige o engajamento político de maior número possível de ciclistas reivindicando, porém a organização dos ciclistas é algo bastante complexo. Esta questão foi levantada por um dos entrevistados na pesquisa de Xavier (2011), ao relatar que os operários que utilizam a bicicleta diariamente normalmente não participam de qualquer organização ou coletivo cicloativista, o que dificulta ampliar o movimento mesmo existindo grande número de ciclistas.

De acordo com Valla (1996), os setores subalternos da população vivem com o horizonte de “provisão”, ou seja, a lembrança da fome e outras dificuldades de sobrevivência orientam para que o foco principal das suas ações seja prover o presente, assim uma proposta de “previsão” conflita com a de “provisão”. Nas palavras do autor:

É possível que em dos grandes problemas para os profissionais, pesquisadores e militantes seja a forma com que as classes subalternas encaram uma vida, existência marcada, cercada de pobreza e sofrimento. É bem provável que estes setores da população tenham uma enorme lucidez sobre sua situação social, [...] Mas clareza da situação social pode significar também clareza de que uma melhoria significativa seja uma ilusão. Nesse sentido, a crença em melhorias e numa solução mais efetiva pode ser apenas um desejo, embora importante, da classe média comprometida. Isso significaria que a percepção da população seria mais lúcida e realista, a não ser que se configure uma conjuntura com indicações de possibilidades reais de mudança que favoreça as classes subalternas (VALLA, 1996, p.185).

Deste modo, entendemos que para compreender essa dificuldade precisamos considerar que os setores populares são frequentemente submetidos à rotina de reprodução da sobrevivência e suas ações restringem-se, muitas vezes, a esse círculo restrito de provisão das necessidades mais prementes, dentre as quais pode não estar a construção de ciclovias e afins.

Segundo Brasil (2007), a bicicleta é o veículo individual mais utilizado nos centros urbanos com menos de 50 mil habitantes, os quais correspondem a aproximadamente 90% do total de cidades brasileiras. Nesses locais a bicicleta e a caminhada somadas são responsáveis pela maioria esmagadora dos deslocamentos. Segundo o documento, isso muda nos centros mais adensados, onde a maior oferta de transporte público e o trânsito mais agressivo reduz a utilização de bicicletas, mas nas periferias as bicicletas continuam presentes diante a precariedade do transporte público e da necessidade de deslocamento. No entanto, mesmo com esse panorama, tal modal de transporte tem sido invisibilizado.

Por isso, embora devamos reconhecer que o simples uso diário tenha alguma influência em políticas públicas, é necessário considerar que a ação civil organizada teve papel fundamental nos avanços das políticas de mobilidade urbana dos últimos anos. Assim, conforme indica Soares et al. (2015) a bicicleta emerge do povo:

Do povo enquanto somatório de gente, população habitante, que no dia a dia crescentemente incorpora o hábito de pedalar e, nas ruas, dá volume à modalidade. Mas também do povo enquanto conjunto de cidadãos com cultura comum e que, em relação às instituições que lhe governam, só consegue exercer influência quando organizado (p.7).

Segundo os autores e autoras citados é a sociedade civil organizada a responsável pelo crescimento, ainda que tímido, da bicicleta como meio de transporte e lazer no Brasil, pois além de pedalar, essa parcela da população milita em seu favor, adotando-a como “[...] um símbolo de singeleza e de igualdade para nos alertar sobre os deletérios efeitos dos valores e hábitos elitistas – os quais consideram a bicicleta um símbolo de pobreza e de atraso” (SOARES et al., 2015, p. 8).

É difícil precisar o momento em que surge no Brasil o cicloativismo, porém Xavier (2011) traz nos depoimentos de seus entrevistados, registros de ações coletivas organizadas na década de 80 nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio de Janeiro ocorreu uma bicicletada em 1984 que, liderada por Alfredo Sirkis e Fernando Gabeira, ambos recém-chegados do exílio na Europa, percorreu a Orla do Flamengo e foi até o Leblon, local que somente em 1992, na ocasião de preparação da cidade para receber a Rio-92, foi construída a primeira ciclovia carioca. Já na cidade de São Paulo, em 1985, foi formado o grupo Night

Biker's Club do Brasil, tendo como precursora Renata Falzoni, que até hoje organiza passeios noturnos pela cidade e, desde aquela época, faz reivindicações em favor da bicicleta, além de pedalar.

Outro movimento significativo é o chamado *Critical Mass* que, originado na cidade de São Francisco, Califórnia/EUA, no ano de 1992, teve suas edições iniciais no Brasil na cidade de Blumenau/SC em 1997 e em São Paulo/SP no ano de 1998, porém foi apenas a partir de 2002 que ele passou a ocorrer regularmente nas cidades de São Paulo e Florianópolis/SC e depois se expandiu para outras capitais e cidades do país (MACHADO, 2013).

Atualmente massas críticas são realizadas em diversas cidades do Brasil e do mundo, possuindo registro de ocorrência em mais de 90 cidades brasileiras⁶⁰. Tal movimento aqui no Brasil passou a ser denominado como Bicletada e, assim como sua idealização original, consiste em, uma vez por mês, reunir ciclistas da cidade e tomar as ruas em grupo, formando aquilo que deu origem à nomenclatura original, ou seja, uma Massa Crítica, que corresponde a um grande volume de ciclistas que ocupa as ruas sob o slogan “Nós não atrapalhamos o trânsito, nós somos o trânsito!” (LUDD, 2005).

As Bicletadas, além de reivindicar o direito de pedalar nas ruas com segurança e o respeito dos motoristas, também representam uma mobilização contra-hegemônica e buscam uma ruptura paradigmática que envolve mudanças na forma de agir e de se relacionar com as pessoas e com o meio ambiente, sugerindo que a bicicleta é apenas uma parte de luta mais ampla que envolve o desejo de cidades mais humanas que aproximem, ao invés de segregar, e os espaços públicos sejam também lugares de permanência e convivência, não apenas local de passagem (MACHADO, 2013).

De modo geral, pode-se observar que as maiores transformações nas cidades brasileiras, concernentes à bicicleta como modal de transporte, estão diretamente relacionadas ao período em que emergem as organizações sociais, conforme afirmam Soares et al. (2015), que apresentam um retrato atual de dez capitais brasileiras sobre o tema.

Xavier (2011) também destaca o relevante papel da extensão universitária na união de esforços para viabilizar a mobilidade urbana sustentável com ênfase no uso da bicicleta como transporte, citando como exemplo projetos de extensão como Ciclo Brasil, da Universidade do Estado de Santa Catarina, e também o CicloVida, da Universidade Federal do Paraná. De acordo a autora, as extensões universitárias permitem o desenvolvimento de

⁶⁰ Ver: www.bicicletada.org.

projetos e ações relacionadas à pesquisa, ensino e extensão que tratem sobre o uso da bicicleta como transporte, respaldando, inclusive, o movimento cicloativista com pesquisas acadêmicas, favorecendo tanto a conscientização da população para que se aumente a pressão sobre o poder público, quanto com pesquisas aplicadas em áreas técnicas para subsidiar os órgãos públicos no planejamento e execução de projetos que incluam a bicicleta como modal de transporte.

Nesse contexto se inserem os projetos de extensão da Universidade Federal de São Carlos, o Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL) e o Vivências de Atividades Diversificadas de Lazer (VADL), que como vimos, realizam atividades educativas de promoção de uso da bicicleta nos contextos de transporte, cicloturismo e lazer, bem como vivências, palestras, apresentações de trabalhos e pesquisas relacionadas ao tema em eventos acadêmicos.

Os grupos organizados de cicloturismo também são evidenciados como um importante seguimento do movimento cicloativista, na pesquisa de Xavier (2011) a fala de uma de suas depoentes afirma que o cicloturismo possui papel educativo e participativo, principalmente no que tange à Educação Ambiental, mas também fortalece a ideia de integração de modais.

Além disso, o envolvimento das pessoas nesses grupos de cicloturismo acaba por reaproximar algumas pessoas do uso da bicicleta e isso faz despertar a busca pela segurança na circulação, o que, por sua vez, resulta muitas vezes no engajamento, individual ou coletivo, de algumas dessas pessoas em ações cicloativistas.

Buscando um mapeamento atual dos movimentos relacionados à promoção do uso da bicicleta da sociedade civil brasileira e suas ações, a organização Bike Anjo⁶¹ realizou uma investigação junto à sua rede de voluntários e a UCB. Nessa pesquisa foi identificada a existência de 527 coletivos pró-bicicleta espalhados por diversas regiões do país e que partilham de um interesse em comum: compartilhar a paixão pela bicicleta. A pesquisa revelou as pedaladas recreativas e esportivas como o principal campo de atuação desses grupos com 34%, seguido de ações educativas correspondendo a 11%, manutenção de *blogs* informativos com 9%, realização de pesquisas 3% e as ações diretas de intervenções urbanas com apenas 2%. O estudo também evidenciou que a organização em torno da bicicleta no Brasil é algo bastante recente, uma vez que dos 35 grupos mais citados na pesquisa, 26 foram criados depois de 2008 (AMARAL; TAMPIERI, 2015).

⁶¹ Essa organização será apresentada com mais detalhes no próximo tópico.

Segundo Amaral e Tampieri (2015), embora o contexto recreativo e esportivo seja privilegiado na maior parte das ações organizadas, “[...] muitos desses grupos começaram a expandir sua atuação para incidir em políticas públicas para a bicicleta na cidade, principalmente para reivindicar pela implementação de vias seguras para os ciclistas” (p.15).

Como podemos notar, o cicloativismo possui uma complexa rede de atores sociais, de acordo com a própria UCB (2016), “Atualmente, o cicloativismo brasileiro é composto de centenas de movimentos sociais, associações, instituições de fomento, empresas, grupos de pedalada e milhares de pessoas que acreditam que, de fato, é possível tornar nossas cidades mais amigas da bicicleta” (p.1).

As principais ações mantidas pelo movimento cicloativista podem ser divididas em quatro âmbitos, a saber:

Representatividade: inserindo-se nos espaços de controle social das políticas públicas, com participação em conselhos e debates públicos em diversos níveis a fim de garantir a inclusão da bicicleta nas políticas de mobilidade urbana, bem como investimentos de recursos e compromisso dos governos com o desenvolvimento desse modal.

Pesquisas: Com levantamento das condições de mobilidade nas cidades em que atuam. Produção de relatórios técnicos, avaliação de estruturas, histórico de pontes e viadutos, realização de dossiês, dentre outras ações de produção de conteúdo sobre a bicicleta na cidade. Busca de bibliografias e trabalhos acadêmicos sobre o tema, bem como tradução de materiais técnicos de outros idiomas. Contagem de ciclistas em diversos pontos das cidades. Pesquisas de origem e destino. Elaboração de projetos e diagnósticos que gerem produtos para subsidiar e assessorar ações públicas em torno da temática.

Ações diretas: Manifestações, protestos e bicicletadas, bem como mutirões para a recuperação de espaços urbanos degradados.

Atividades Culturais e de Formação: Organização de seminários, ciclodebates e fóruns como o Fórum Mundial da Bicicleta e o Bicultura, a fim de propiciar diálogo entre movimento e organizações pró-bicicleta. Organização e promoção de programas de educação e para difusão de conhecimento sobre os direitos e deveres do ciclista, bem como de motoristas e pedestres. Realização de atividades de impacto em datas como Dia Mundial Sem Carro. Organização de eventos e ações de promoção do uso da bicicleta como meio de transporte como festivais e passeios ciclísticos. Campanhas de doação de bicicletas para distribuição de bicicletas. Realização de oficinas de mecânica para pessoas interessadas em aprender a fazer a manutenção de sua própria bicicleta. Manutenção de *sites* e *blogs* com informações e notícias relacionadas à bicicleta⁶².

As intervenções e ferramentas anteriormente descritas, mobilizadas e mantidas por diversos coletivos, são fundamentais para garantir o avanço nas políticas públicas de mobilidade, isso nos permite compreender que, conforme sinaliza a própria UCB (2016), o

⁶² Ações compiladas a partir de Soares et al. (2015).

movimento cicloativista tem sido o responsável direto pelas principais mudanças culturais na mobilidade urbana no país.

Dentre as transformações estruturais conquistadas por esses diversos coletivos junto ao poder público temos a construção de ciclovias, ciclofaixas e ciclofaixas de lazer, a implantação de sistemas de bicicletas públicas, construção de bicicletários, regulamentação de rotas de cicloturismo, instalação de paraciclos, demarcação e regulamentação de rotas cicloturísticas etc.

No entanto, devemos considerar que, apesar dos avanços do movimento cicloativista, este se insere no contexto da economia capitalista que, como vimos com Harvey (2014), busca constantemente cooptar, mercantilizar e monetizar toda e qualquer prática cultural distinta e transgressora que surja em seu interior. Isso explica, por exemplo, o interesse dos grandes bancos e outras empresas em fomentar e apoiar o movimento de promoção do uso da bicicleta, como se pode observar nos sistemas de bicicletas públicas por eles financiados nas capitais brasileiras, e pelo apelo ecológico e de urbanidade que fazem ao incluir em suas campanhas de marketing imagens relacionadas à bicicleta associadas à suas marcas.

De fato, pedalar tornou-se um comportamento ecologicamente correto e *'cult'* aos que descobriram mais uma opção de mobilidade. O movimento é interessante, entretanto, também preocupante na medida em que estão se formando novos comportamentos de uma classe altamente consumista (MACHADO, 2013, p.44).

Devemos nos recordar que mesmo as classes trabalhadoras fazendo um uso constante da bicicleta, o movimento cicloativista, em grande parte composto pela classe média, tem buscado sua inspiração nas experiências das cidades europeias. Com a afirmação da bicicleta nesses moldes, ela tem ganhado força nessa camada econômica e status atrelado a um estilo *Cult*, até moderno (no sentido de estar seguindo tendências dos países mais “desenvolvidos”), algo que como vimos ocorreu anteriormente na ocasião da importação das primeiras bicicletas pela elite brasileira e ao conceito de *sportman* em voga na época. Isso tem levado pessoas à compra de bicicletas caras, algumas com estilo “retrô”, para fazerem um uso esporádico na cidade ou em momentos de lazer. Surge assim uma moda adotada pelas pessoas que desejam se aproximar desse universo *Cult*, moderno e rebelde que a bicicleta tem carregado ultimamente. Nesse sentido, concordamos com Santos (2000), quando este nos alerta que em contextos como esse “[...] a ação conformista passa facilmente por ação rebelde. E, concomitantemente, ação rebelde parece tão fácil que se transforma num modo de conformismo alternativo” (SANTOS, 2000, p.33).

Por fim é necessário considerarmos que, embora exista a possibilidade de cooptação, conforme afirma Harvey (2014), nessas práticas transgressoras estão disseminadas as lutas que ocorrem entre apropriação capitalista e criatividade cultural passada e presente, as quais “[...] podem levar um segmento da comunidade envolvido com questões culturais a tomar o partido de uma política oposta ao capitalismo multinacional e favorável a alguma alternativa mais instigante baseada em modalidades diferentes de relações sociais e ecológicas” (p.204). É nesse potencial que apostamos quando destacamos aqui as transformações culturais e políticas desenvolvidas pela sociedade civil no que tange a promoção e uso da bicicleta.

3.4. Bicicleta e convivencialidade

Bicicletada é sinal de paz na estrada/ interação criativa que ativa os neurônios/ não importa a idade é um novo olhar sobre a cidade/ gente espontânea que pedala e embala/ pelas ruas sente o vento no seu rosto a refrescar/ e no frio seu coração com mais intensidade bombar/ assim de bike não se vê o tempo passar/ e vida bem mais leve sem se estressar/ você de carro abre a janela pra se inspirar (PLÁ, 2010, Paz na estrada).

A convivência, como vimos, é algo fundamental para manutenção das práticas sociais e, conseqüentemente, dos processos educativos decorrentes destas. Devemos recordar que, para nós, são considerados processos educativos aquelas aprendizagens coerentemente orientadas à construção de uma pedagógica emergente, conforme apresentamos no decorrer primeiro capítulo. Nesse sentido, para compreender o papel da bicicleta na construção de tempo-espço de convivência nos aproximamos do conceito convivencialidade.

O termo convivencialidade que apresentamos aqui tem origem na obra de Illich (1978), na qual ele se utiliza do qualificativo convivencial para adjetivar os instrumentos criados e utilizados pelo ser humano. Segundo o autor:

Cada uno de nosotros se define por la relación con los otros y con el ambiente, así como por la sólida estructura de las herramientas que utiliza. Éstas pueden ordenarse en una serie continua cuyos extremos son la herramienta como instrumento dominante y la herramienta convivencial⁶³ (ILLICH, 1978, p.12).

Seguindo as reflexões de Illich (1978) os instrumentos ou ferramentas são inerentes à relação social, no entanto, esta pode nos ligar ou desligar do corpo social.

⁶³ Cada um de nós se define pela relação com os outros e com o ambiente, assim como pela sólida estrutura das ferramentas que utiliza, estas podem ordenar-se em uma série continua cujos extremos são a ferramenta como instrumento dominante e a ferramenta convivencial (Tradução livre).

En tanto que yo domine la herramienta, yo doy al mundo mi sentido; cuando la herramienta me domina, su estructura conforma e informa la representación que tengo de mí mismo. La herramienta convivencial es la que me deja la mayor latitud y el mayor poder para modificar el mundo en la medida de mi intención. La herramienta industrial me niega ese poder; más aún, por su medio, es outro quien determina mi demanda, reduce mi margen de control y rige mi propio sentido⁶⁴ (ILLICH, 1978, p.12).

Illich (1978) afirma que, na sociedade industrial, as pessoas não passam de consumidores-usuários, ou seja, não são efetivos utilizadores e isso dá aos instrumentos um carácter dominante que priva as pessoas da convivencialidade. Assim a convivencialidade é o que se opõe a produtividade, sendo esta última a constante repetição da falta, uma resposta sempre estereotipada. Já a relação convivencial é a ação de pessoas que participam da criação e recriação da vida social, de modo que:

Trasladarse de la productividad a la convivencialidad es sustituir un valor técnico por un valor ético, un valor material por un valor realizado. La convivencialidad es la libertad individual, realizada dentro del proceso de producción, en el seno de una sociedad equipada con herramientas eficaces⁶⁵ (ILLICH, 1978, p.12).

Os instrumentos ou ferramentas podem ser manejáveis, aqueles com base apenas na energia metabólica humana, ou podem ser manipuláveis, com os quais o ser humano manipula a energia extra, oriunda de outros meios. Os instrumentos manipuláveis podem exceder a escala humana, como é o caso daqueles em que a energia humana envolvida no processo de manipulação é ínfima frente a toda energia consumida em seu funcionamento (ILLICH, 1978).

No caso desses últimos, a qualificação exigida para operar é cada vez maior e seu uso cada vez mais restrito a determinados segmentos especializados da sociedade. Em certa medida podemos dizer que quanto menor a quantidade de energia humana desprendida no uso de um instrumento, menor será o potencial convivencial presente nele. Conforme Ilch (1978):

La herramienta es convivencial en la medida en que cada uno puede utilizarla sin dificultad, tan frecuente o raramente como él lo desee, y para los fines que él mismo determine. El uso que cada cual haga de ella no invade la libertad del otro para hacer lo mismo. Nadie necesita de un diploma para tener el derecho de usarla a voluntad;

⁶⁴ Enquanto eu domino a ferramenta, eu dou ao mundo meu sentido; quando a ferramenta me domina, sua estrutura conforma e informa a representação que tenho de mim mesmo. A ferramenta convivencial é a que me deixa a maior latitude e o maior poder para modificar o mundo na medida de minha intenção. A ferramenta industrial me nega esse poder; pior ainda, por meio dela é o outro quem determina minha demanda, reduz minha margem de controle e rege meu próprio sentido (Tradução livre).

⁶⁵ Traduzir-se da produtividade para a convivencialidade é substituir um valor técnico por um valor ético, um valor material por um valor realizado. A convivencialidade é a liberdade individual, realizada dentro do processo de produção, no seio de uma sociedade equipada com ferramentas eficazes (Tradução livre).

se lo puede tomar o no. Entre el hombre y el mundo ella es un conductor de sentido, un traductor de intencionalidad⁶⁶ (ILLICH, 1978, p. 21).

É a partir dessa perspectiva que encaramos a bicicleta, esta pode ser utilizada pelas pessoas sem que elas necessitem de uma autorização para dirigir, ela é simples e por isso é até hoje um brinquedo de criança, que a elas permite exercitar autonomia e ampliar suas potencialidades de exploração do mundo. A bicicleta, a nosso ver, é uma potente promotora de convivencialidade e a retomada e ampliação do número de pessoas que a estão utilizando, graças aos movimentos cicloativistas, está promovendo significativos espaços de convivência e de aprendizagens coletivas.

Segundo Carlsson (2014) a tomada mensal das ruas que se estabeleceu com o movimento Massa Crítica deu para muitas pessoas uma forma segura e agradável de reconectarem-se com o uso da bicicleta nas grandes cidades, antes de se aventurarem por conta própria.

No mesmo sentido, Machado (2013) afirma que as Bicicletadas ocorridas nas cidades brasileiras promoveu a convivência das pessoas, estabelecendo vínculos afetivos e identitários que favoreceram o amparo mútuo, o senso crítico e muitos outros processos educativos, segundo a autora:

Muitos dos participantes começam a utilizar a bicicleta no dia a dia a partir do encontro com as Bicicletadas, pois afirmam que lá aprenderam a pedalar no trânsito ou superaram seus medos. Aparecem também relatos sobre a importância do coletivo para encorajar e manter a atividade (MACHADO, 2013, p.93).

Os depoimentos presentes na investigação de Machado (2013) ainda revelam que as pessoas se dirigem às Bicicletadas para superar o medo e as dificuldades de ter que enfrentar diariamente o trânsito e o desrespeito nas ruas, assim a Bicicletada é, para as pessoas que dela participam, um momento de acolhimento que renova e reforça o engajamento assumido com a transformação pessoal e da cidade. Segundo Machado (2013), esse espaço de convivência possui um aspecto fundamental, porém muitas vezes negligenciado, que é o aprendizado do “[...] uso do corpo. Nas Bicicletadas os participantes utilizam seus corpos, nas ações como no pedalar pelado, no uso de adereços ou no risco que assumem ao ‘enfrentar’ o trânsito opressor das grandes cidades” (p.94).

⁶⁶ A ferramenta é convivencial na medida em que cada um pode utilizá-la sem dificuldade, tão frequente ou raramente como desejar e para os fins que ele mesmo determine. O uso que cada qual faça dela não invade a liberdade do outro para fazer o mesmo. Ninguém necessita de um diploma para ter o direito de usá-la à vontade; se pode pegá-la ou não. Entre o homem e o mundo ela é um condutor de sentido, um tradutor de intencionalidade (Tradução livre).

Esses momentos e experiências compartilhadas nas Bicicletadas tornam-se tempo-espacos de utopia e esperançar coletivos. Neles existe uma busca de coerência entre a forma que se organiza o movimento e os conteúdos de suas reivindicações, de modo que:

[...] existe grande valorização sobre os processos de formação crítica e a práxis, espelhadas na maneira de organizarem-se. Buscam na autonomia e autogestão práticas que lhe assegurem processos democráticos, participativos e de formação coletiva e individual (MACHADO, 2013, p. 47).

Essa convivência nas Bicicletadas propiciou a organização de coletivos, estes estenderam suas ações para além desse tempo-espaco, tal como ocorreu com o Bike Anjo. A citada organização originou-se em 2010, a partir da sistematização da ação direta que já ocorria durante as Bicicletadas, onde ciclistas mais experientes auxiliavam iniciantes que queriam se juntar às Bicicletadas paulistanas. Organizado, esse movimento se ampliou e, atualmente, possui uma plataforma *on-line* na qual qualquer pessoa interessada em aprender a andar de bicicleta e a deslocar-se com segurança no meio urbano pode solicitar a ajuda gratuita de um “Bike Anjo”, ou seja, um ciclista experiente voluntário. Atualmente o grupo conta com mais de 1400 voluntários espalhados por 228 cidades do país (AMARAL; TAMPIERI, 2015).

Assim como ocorreu com o Bike Anjo, as Bicicletadas, realizadas em cidades brasileiras a partir de 2002, foi um dos principais catalizadores dos movimentos sociais em torno da bicicleta, pois reuniu muitos ciclistas com interesses e demandas comuns, o que permitiu maior diálogo, organização de coletivos e constituição de entidades representativas junto aos governos municipal, estadual e federal.

Outro importante tempo-espaco de convivência relacionado à bicicleta são as organizações feministas que, por meio do uso da bicicleta, da manutenção mecânica destas e do companheirismo que as une nessas experiências, buscam romper com a fragilidade cotidiana e maliciosamente imposta às mulheres por meio da demarcação social de determinados limites que, conforme alerta Noguchi (2014), podem trazer a sensação de proteção, porém é necessário refletir sobre o porquê desses limites e a quem eles efetivamente beneficiam. A partir de suas vivências em contextos como o citado, a autora identifica que:

O uso da bike, a mecânica da bike e a experiência da coletividade me trouxeram uma noção de companheirismo com outras mulheres, da importância do apoio que devemos dar umas às outras. E a noção do quanto essa fragilidade imposta, essa opressão cotidiana diluída no mar gigantesco do mundo, nos protege menos que nossa própria força, nosso foco, nossa organização, nosso senso de comunidade (NOGUCHI, 2014, s/p).

Noguchi (2014) aponta que a alienação do potencial do trabalho manual e autônomo fragiliza a mulher, a bicicleta e qualquer outro elemento que sinalize para o rompimento de estruturas que se sustentam da exploração humana. Segundo ela, fica “[...] cada vez mais claro que não é interessante à autonomia das pessoas, pois ela não gera lucros obscenos nem subserviência” (s/p).

A autora demonstra que o uso da bicicleta, tal como a independência em sua manutenção, tem fortalecido o exercício da autonomia das mulheres e, mais que isso, promove engajamento na luta contra o machismo socialmente imperante. É interessante notarmos que, embora o uso do carro em determinado momento também tenha sido uma conquista das mulheres frente à marginalização que as motoristas sofreram e ainda sofrem, ele não lhes garantiu a autonomia de ir e vir pela cidade, pois aquelas que não podem pagar por um, são diariamente expostas aos assédios nas ruas e nos transportes públicos. Nessa perspectiva podemos compreender que o automóvel tem, em verdade, um potencial desmobilizador no que se refere às lutas feministas, além de que, em meio ao medo da violência, as mulheres tornam-se grandes dependentes dele.

É a partir das ações dessas pessoas e grupos que se concretizam dinâmicas e estruturas que, lentamente, tem transformado a materialidade das cidades com a ampliação do número de ciclistas nas ruas, com construção de ciclovias e ciclofaixas, por exemplo. Diante disso, gostaríamos de destacar o potencial de medidas como a implementação de ciclofaixas de lazer nos finais de semana, as quais tem se ampliado em diversas cidades brasileiras, bem como para outros momentos de fruição de lazer com utilização da bicicleta.

Devido a maior adesão ao uso da bicicleta em momentos de lazer, estes podem ser importantes campos de convivência baseada em valores contra-hegemônicos, principalmente se considerarmos seus possíveis efeitos sobre as pessoas que habitualmente se deslocam de automóvel. A oportunidade de fazerem passeios de bicicletas (sozinhos, com amigos, filhos, entre outros) aos finais de semana traz a estas pessoas, pouco a pouco, a possibilidade retomar ou entrar em contato com essa outra forma de deslocamento que as fazem sentir de modo distinto a velocidade (diferente de um automóvel, caminhão ou ônibus), o clima (sol, frio, chuva, vento no rosto) e a cidade, a qual se passa a conhecer desde outro ponto de vista.

Esse reencontro com a cidade permite a essas pessoas, por exemplo, admirar detalhes arquitetônicos de prédios históricos ou o conforto da sombra de uma árvore que nunca haviam notado no caminho, vivenciar maior proximidade com outras pessoas com as quais compartilhamos tal espaço e também incomodar-se com situações que no momento não estão agradáveis, tal como o mau cheiro advindo da poluição de um rio, o calor desconfortável

diante do reduzido número de áreas verdes, o descarte inadequado de resíduos e, infelizmente, a corriqueira relação inóspita com os usuários de veículos automotores e as desigualdades socioeconômicas das cidades.

A partir dessa perspectiva, tanto as bicicletadas, as ciclofaixas de lazer, bem como a presença massiva de bicicletas na rua devido aos passeios organizados pelos grupos de pedaladas noturnas ou pedaladas recreativas, se apresentam como possibilidade de convivência educativa, tanto para seus utilizadores que também são motoristas em outras ocasiões e que tem, graças a estas iniciativas, retomado o contato com a bicicleta que já não estava mais no seu horizonte de possibilidades, como também para os motoristas que passam a habituar-se à bicicleta ocupando espaço nas ruas da cidade, mesmo que seja apenas em alguns dias e horários da semana.

Essas experiências apresentam-se como um campo de atuação importante para promoção de aprendizados sobre segurança no uso da bicicleta, bem como de respeito às normas de circulação no trânsito, que servem tanto para os ciclistas como para motoristas. Nesse sentido, vale ressaltar que a relação entre ciclistas e motoristas no dia a dia não é algo tranquilo, uma vez que muitas pessoas desconhecem ou desconsideram o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), sejam elas ciclistas, motoristas ou autoridades locais (BRASIL, 2001; VALENÇA; LIMA; BRANDÃO, 2015).

Destacamos que, infelizmente, ainda são pouco conhecidos e respeitados os artigos 58 e 201 do CTB, o primeiro indica que:

Nas vias urbanas e nas rurais de pista dupla, a circulação de bicicletas deverá ocorrer, quando não houver ciclovia, ciclofaixa ou acostamento, ou quando não for possível a utilização destes, nos bordos da pista de rolamento, no mesmo sentido de circulação regulamentado para a via, com preferência sobre os veículos automotores (BRASIL, 1997).

Enquanto que o artigo 201 afirma a obrigatoriedade de “[...] guardar a distância lateral de um metro e cinquenta centímetros ao passar ou ultrapassar bicicleta” (BRASIL, 1997), inclusive, prevendo multa e anotação de infração média na carteira nacional de habilitação.

Se observarmos os relatos e vídeos citado por Cruz (2015), em seu texto, ou outros tantos divulgados na internet, notaremos que é muito comum o desrespeito dos motoristas, sejam eles de caminhões, ônibus, vans ou carros para com ciclistas, em que por vezes, motoristas falam aos ciclistas: “Vai pra calçada!”; “Sai da rua!” e “Pede pro prefeito pintar a rua de vermelho!”. Outro relato frequente dos usuários de bicicletas refere-se às ações de

motoristas que, propositadamente, fazem ultrapassagens muito próximas das bicicletas, ironicamente denominadas pelos ciclistas como “finas educativas”.

O descaso de parte dos motoristas e também do poder público pode ser exemplificado pelo caso do motorista que avançou com seu carro em alta velocidade sobre ciclistas que realizavam uma Bicietada na cidade de Porto Alegre/RS no ano de 2011, nessa ocasião ficaram feridos 17 ciclistas, mas o motorista permanece em liberdade enquanto recorre contra a primeira sentença de condenação⁶⁷. Também é significativo o caso do ciclista que foi atropelado na Avenida Paulista, São Paulo/SP, e teve seu braço arrancado, o qual foi atirado em um rio durante a fuga do motorista alcoolizado que, depois de infinitos recursos, teve sua pena reduzida à prestação de serviços à comunidade e prestação pecuniária de 50 salários mínimos⁶⁸.

Como podemos notar, apesar das manifestações e reivindicações dos movimentos cicloativistas, o estabelecimento de uma convivência entre motoristas e ciclistas é algo a ser construído, porém isso envolve superar paulatinamente os dois efeitos que Lührs (2012) considera como mais nocivos para qualidade de vida urbana, a saber: a inequidade no uso do espaço público e a perda da espontaneidade na convivência que se dá neste devido à excessiva normatização e segregação presentes em sua estruturação.

A inequidade se expressa quando as pessoas que necessitariam ser favorecidas com o caminho mais curto têm que percorrer os maiores trajetos para chegar onde desejam. Um cadeirante, por exemplo, não pode atravessar a rua no meio do quarteirão para chegar a uma loja que está a sua frente, pois as rampas de acesso e faixas de pedestres se encontram apenas nas esquinas, algo similar ocorre nas travessias de pedestres das grandes rodovias e avenidas (LÜHRS, 2012).

Já o nível de perda da espontaneidade na convivência é influenciado pelo tipo de veículo. Com o carro e o conseqüente desenho das vias e sinalizações de trânsito, nós somos regidos por placas, faixas, semáforos e vias preferenciais determinadas, o que reduz as possibilidades de encontro e convivência. A pé ou em bicicleta duas pessoas que se cruzam podem se olhar e permitir que o outro passe, este, por sua vez, agradece e segue seu caminho e, caso seja este um encontro rotineiro, se estabelece gradativamente um grau maior envolvimento entre essas pessoas. Assim, entre “[...] la primera y la última opción, hay

⁶⁷ GROSSMANN (2016).

⁶⁸ LUCHETE (2016).

abismantes diferencias en cuanto a potencial de comunicación y encuentro”⁶⁹ (LÜHRS, 2012, p. 16).

Embora saibamos que é importante a construção de ciclovias, devemos considerar que ela nem sempre é a melhor das maneiras para promover a convivência entre ciclistas e motoristas, uma vez que:

O uso das bicicletas é uma desconstrução da vida urbana acelerada, individualista. É a retomada do casamento entre o tempo e o espaço. Significa a reaproximação das pessoas em outras formas de sincronia. Ou seja, a bicicleta, para quem pedala e a utiliza como instrumento político de inversão da ordem não é para ser excluída em pistas ‘exclusivas’ (muitas aspas), pois o exclusivo é a velocidade das vias nos centros urbanos. Na forma e locais onde essas pistas estão sendo construídas nada mais são que a legitimação da hegemonia do capital e da opressão (MACHADO, 2013, p.47).

As ciclovias dão aos ciclistas a segurança de circulação, porém a necessidade de sua existência revela, em grande medida, a intolerância e desrespeito para com aqueles e aquelas que se deslocam em bicicletas.

Apesar de nos atentarmos ao uso da bicicleta em sua dimensão educativa, não podemos deixar de levar em conta que estamos inseridos em um contexto social em que, infelizmente, a competição, a concorrência e o consumo estão presentes em todos os âmbitos da vida. Com isso queremos alertar que o que a bicicleta apresenta são potencialidades que, por exemplo, o carro não possui, porém estas não necessariamente se dão automaticamente. Dizemos isso por que são diversos os grupos de pedaladas recreativas que se originam no medo de pedalar sozinho pela cidade com as bicicletas de alto custo, porém estes restringem a participação das pessoas a aquelas que possuem determinado nível de condicionamento físico, ou seja, que não atrapalhe o treinamento dos participantes. Estes não veem nesses momentos a possibilidade do encontro, possuem horários restritos e possuem alinhamento com a vertente esportista na qual a competição é um valor preponderante.

Comportamento semelhante nós pudemos observar nas ciclofaixas de lazer instaladas na cidade de São Paulo/SP e Santo André/SP quando, em diversas ocasiões, pedalamos por elas e nos deparamos com ciclistas com roupas e bicicletas esportivas em alta velocidade em meio a crianças e pessoas com pouca habilidade, algumas inclusive retomando seu contato com a bicicleta. Esses ciclistas orientados pela vertente esportiva, sem lugar para treinar com segurança, dirigem-se para as ciclofaixas de lazer e levam para dentro delas a lógica de

⁶⁹ [...] a primeira e a última opção, há abismantes diferenças quanto ao potencial de comunicação e encontro (Tradução livre).

concorrência dos automóveis, assustando e pondo em risco as demais pessoas que utilizam tal espaço.

Também existem os grupos que se organizam para pedaladas fora do ambiente urbano, normalmente em bicicletas tipo *mountain bike*, eles se reúnem para sair, porém no decorrer do percurso, aquelas pessoas com maior condicionamento vão tomando a frente e se distanciando, as que ficam para trás, muitas vezes acabam sozinhas e, conforme diversos relatos com os quais tivemos contato, se sentem desestimuladas a se arrisquem novamente em outros grupos.

Aliada a essas experiências também existe a questão do consumo que se instala em diversos desses grupos, onde superbicicletas e roupas de alta tecnologia esportiva são ostentadas em esporádicos passeios no parque.

Essas vertentes esportivas e consumistas, que se desenvolvem dentre as possibilidades de uso da bicicleta, têm contribuído para a classificação dos ciclistas, de modo que aqueles que trafegam diariamente com suas bicicletas mais simples são invisibilizados no trânsito quando comparados àqueles que pedalam com roupas esportivas, capacetes e equipamentos da moda.

De acordo com Pacheco (2015), essa classificação das pessoas que utilizam a bicicleta revela-se pela nomenclatura que, ao menos em algumas cidades, vem surgindo a fim de demarcar a classe social de quem pedala, onde “ciclista” se relaciona com a classe mais abastada que anda equipada e com bicicletas de custo elevado, enquanto a denominação “bicicleteiro” dirige-se ao trabalhador de baixa renda que trafega sem equipamentos de segurança e com bicicletas de baixo custo, normalmente sem marchas, e faz uso dela mesmo nas condições de intempéries climáticas por não ter outra opção. Segundo a citada autora: “As características da bicicleta, os modos de se vestir e de se equipar, os vínculos profissionais e de classe social parecem distinguir o ‘bicicleteiro’ do ‘ciclista’” (p.88).

Em outras palavras, as classes mais abastadas passaram a utilizar mais a bicicleta no contexto de lazer e também no de transporte, porém querem se diferenciar dos trabalhadores e da população pobre da cidade, por isso investem na compra de produtos diferenciados que demarquem sua posição social. Como é possível notar nos noticiários da televisão, esse novo status social da bicicleta tem direcionado ações criminosas como furtos, roubos e latrocínios contra pessoas que utilizam bicicletas de luxo ou de qualidade acima da média.

Isso nos faz refletir o quanto os valores do paradigma dominante penetram nas práticas com potencial contestatório. A bicicleta se introduzindo no cenário das classes médias e altas impõe a outra classe (baixa) uma motricidade ausente: a do bicicleteiro, como

vimos anteriormente, socialmente marginalizado pelas características de sua indumentária e bicicleta. Mesmo sendo a prática deste mais adequada e coerente com um modo de vida democrático e sustentável para todos e todas.

A ruptura dessa linha abissal que insiste em manter-se em nossa sociedade é fundamental para avançarmos rumo a um modo de vida que permita às seguintes gerações seguir em continuidade no planeta. Para efetivamente convivemos necessitamos horizontalizar as relações e nesse sentido a austeridade possui papel fundamental. A simplicidade e o uso comedido das facilidades das tecnologias é algo que devemos apreender com essa parcela da população que a sociedade insiste em classificar com inferior. Essa é a maior dificuldade que se impõe atualmente, como brilhantemente aponta Illich (1978):

La convivencialidad no tiene precio, pero se debe saber muy bien lo que costará desprenderse del modelo actual. El hombre reencontrará la alegría de la sobriedad y de la austeridad, reaprendiendo a depender del otro, en vez de convertirse en esclavo de la energía y de la burocracia todopoderosa⁷⁰ (p.14).

Conforme afirma o autor a austeridade e a sobriedade não são virtudes que excluem os prazeres da vida, elas apenas retiram de cena aqueles que degradam as relações pessoais necessárias para nossa existência.

A convivência é o momento de encontro, nela se estabelece relações com as pessoas e por meio destas nos afeiçoamos também aos lugares, objetos e práticas. Trazemos isso, pois notamos, no decorrer de nossa experiência com a bicicleta, que diversas pessoas de nosso convívio se aproximaram dessa prática, muitas delas passaram a utilizar a bicicleta em momentos de lazer, a perceber e respeitar a presença de ciclistas no trânsito, algumas delas, inclusive, inseriram a bicicleta em sua rotina de transporte e outras tantas passaram, ao menos a considerá-la como possibilidade para tal.

Em estudos sobre Educação Ambiental Iared (2015) encontrou a presença do outro como algo fundamental nos processos de sensibilizar-se e conscientizar-se sobre as questões ambientais. Nos depoimentos da referida investigação, as experiências que teceram o vínculo afetivo das pessoas entrevistadas com o espaço do Cerrado⁷¹ estavam relacionadas às

⁷⁰ A convivencialidade não tem preço, mas se deve sabem muito bem o que custará desprender-se do modelo atual. O ser humano reencontrará a alegria da sobriedade e da austeridade, reaprendendo a depender do outro, em vez de converter-se em escravo da energia e da burocracia todo-poderosa (Tradução livre).

⁷¹ Cerrado é o nome de um tipo de vegetação típica brasileira, que forma o segundo maior bioma do país. Localiza-se majoritariamente na área central do Brasil e possui como principais características árvores baixas de troncos retorcidos, arbustos espaçados e presença de gramíneas. O estudo de Iared (2015) em questão dedica-se à compreensão das pessoas que frequentam uma área protegida de cerrado, pertencente à Universidade Federal de São Carlos, na cidade de São Carlos/SP.

vivências ocorridas principalmente em momentos de lazer e descontração em família ou entre amigos e amigas, realizados em espaços com presença de áreas verdes, tais como: parques, sítios, chácaras, fazendas, quintais e áreas verdes urbanas. Dentre os momentos marcantes que se deram nessas áreas citadas os passeios a pé e de bicicleta estão entre os mais citados.

Além da importância das atividades em espaços com área verde para sensibilização sobre as questões ambientais, o citado estudo nos revela que as vivências não estruturadas oriundas dos momentos de convivência com pessoas que confiamos, respeitamos e que nos agradam a companhia, possuem um potencial educativo que emerge do caráter sensível do conhecimento e que se revela pelo prazer manifesto por esse modo lúdico e espontâneo de ser ao mundo.

Reconhecendo os condicionamentos a que estamos expostos por nossa imersão em um mundo normatizado pelo uso massivo do automóvel, pelos hábitos oriundos da ditadura do hiperconforto e pela institucionalização da educação, ponderamos que as vivências que permitem às pessoas se aproximarem do uso da bicicleta têm que ser consideradas em seu potencial de transformação, mesmo estando cientes de que estas, por si só, não as garantem. O caso é que, sem essas vivências nos parece ainda mais improvável qualquer tipo de mudança de comportamento, seja a adoção da bicicleta como meio de transporte, a redução do uso do automóvel, a bicicleta como lazer ou apenas a simpatia, aceitação e respeito nas ruas para com as pessoas em bicicleta. Duvidamos que essas ou outras transformações possam ocorrer sem uma experiência sensível que as provoque, mesmo que para aqueles e aquelas que jamais abandonarão seus automóveis, esta seja simplesmente a vivência da necessidade de terem que aprender a lidar com a democratização de espaço ao ter um trecho das vias públicas destinados à construção de ciclovias na cidade, as quais favorecerão a circulação das pessoas, sejam elas ricas ou pobres.

As tecnologias não são neutras como comumente a ciência nos leva a acreditar, de modo que, cada produto tecnológico, seja um carro ou uma bicicleta, possui impressos em sua materialidade os valores que orientaram sua criação. Portanto, não basta acreditar que uma mudança de valores poderá mudar o uso da tecnologia, nem que determinada tecnologia possa por si, mudar os valores de uma sociedade (LIBERATO, 2004).

Fica evidente que o uso da bicicleta, quando exclusivamente atrelado a valores sociais alinhados com a manutenção do sistema capitalista, não garante grandes transformações sociais, pois é necessária a adoção de outros valores. Contudo, acreditamos que esses novos valores são incompatíveis com o uso de veículos individuais motorizados,

por isso entendemos que existem maiores chances de vivenciá-los quando nos inserimos em espaços de convivência que se formam em torno do uso da bicicleta.

4. Bicicleta, lazer e educação: pedalando no contexto do projeto VADL

Nós não vamos salvar o mundo com bicicletas, mas podemos mudá-lo alterando a perspectiva de uma criança. Se pudermos mudar as coisas para ajudá-las a entender melhor o efeito de suas ações e como elas podem funcionar na sociedade, mudar o nosso principal meio de transporte é apenas o início⁷².

Embora no decorrer deste trabalho tenhamos apresentado o potencial transformador da bicicleta, assim como a epígrafe anterior, não somos ingênuos de acreditar que podemos salvar o mundo apenas com isso. No entanto, nos parece fundamental reconhecer que se mantivermos o atual padrão excludente e exacerbado de nosso consumo de energia e recursos naturais, certamente apressaremos o ponto final que encerra o parágrafo de nossa existência na Terra.

A epígrafe também nos traz a possibilidade de mudança na perspectiva das crianças e isso nos auxilia na apresentação das justificativas que orientaram nossa inserção em campo. A pesquisa de campo da presente tese foi realizada no contexto do projeto de extensão universitária “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (VADL), vinculado ao Programa Esporte Para Cidadania do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar).

O citado projeto de extensão teve início no ano de 1999, na Universidade Federal de São Carlos, local onde se desenvolveu até que, em 2002, decorrente de transformações urbanísticas ocorridas no bairro Jardim Gonzaga e adjacências, a Prefeitura Municipal de São Carlos – PMSC entrou em contato com o coordenador e propôs uma parceria entre o VADL e o projeto por ela desenvolvido, denominado “Campeões na Rua”. A partir daí, as ações do projeto VADL desenvolveram-se unicamente na região do bairro Jardim Gonzaga (CAMPOS et al., 2003).

Essa condição se manteve até o início do ano de 2013, quando o acordo com a prefeitura sofreu com a mudança de gestão decorrente do processo eleitoral, tornando a manutenção da parceria inviável. Coincidentemente, meses antes a Associação Desportiva, Educacional e Social dos Metalúrgicos (ADESM) fez contato com o DEFMH/UFSCar em

⁷² Eric Welp em entrevista citada por Carlsson (2014, p.153).

busca de apoio para a organização de um projeto social chamado “Mais que Futebol” (MQF), o qual visava ampliar a variedade de atividades oferecidas às crianças e adolescentes no espaço do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos, por eles mantido, e cuja oferta para o citado público restringia-se aos treinos de futebol. Diante dessa situação, constituiu-se um convênio com o DEFMH/UFSCar, estabelecendo-se assim uma nova parceria, agora entre os projetos VADL e o MQF, este último mantido por recursos angariados pela ADESM junto ao programa “A Chance to Play – O Direito de Brincar” (iniciativa do Comitê Mundial dos Trabalhadores da Volkswagen, em parceria com a ONG Terre des Hommes - Alemanha). Com isso, as ações do VADL deslocaram-se para o Clube do Sindicato dos Metalúrgicos e, para manter o atendimento que era oferecido às crianças e adolescentes do bairro Jardim Gonzaga, a ADSM se comprometeu a disponibilizar um transporte para que estas pessoas pudessem continuar participando das atividades do VADL no novo espaço. Essa situação organizacional se sustenta até o momento de escrita do presente texto.

Narrado esse breve histórico sobre os locais das ações do projeto, faz-se necessário indicarmos como as atividades com bicicleta se inseriram no VADL, para tanto é preciso retomar novamente a história, porém orientando nossa atenção para o contexto em que essa possibilidade se apresenta. Esse acontecimento teve influência de diversos fatores, o primeiro deles está relacionado ao grupo de ciclovigagem, formado no ano de 2008 e que já mencionamos na introdução deste trabalho, pois, dentre os integrantes, estava o professor coordenador do projeto VADL e sua participação nessas viagens serviu de alicerce às situações que vieram posteriormente. Em janeiro de 2010, ao final da segunda ciclovigagem do grupo, devido à sensibilização das pessoas com a questão ambiental possibilitada pelo uso da bicicleta, surgiu os primeiros traços daquilo que viria se estruturar como Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL), organizado pelo citado professor. Pois, formado em grande parte por profissionais da área da educação, surgiram possibilidades de atuações relacionadas a temas de estudos socioculturais do lazer e à Educação Ambiental junto a estudantes de Educação Básica, Ensino Médio e Superior, bem como diversos outros espaços. Essas experiências tornaram o citado professor uma pessoa de referência sobre a temática dentro do DEFMH/UFSCar, o que o colocou em contato com duas entidades que vieram buscar apoio para suas atividades no DEFMH/UFSCar, a Associação São-Carlense de Ciclismo (ASC) e a Incubadora de Cooperativas Populares - Incoop, esta última constitui-se atualmente como Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol). Essas aproximações ocorreram coincidentemente também no ano de 2010.

Também, durante o primeiro semestre do referido ano, a equipe do VADL promoveu uma reunião com familiares dos/as participantes do projeto a fim de investigar a histórica e significativa evasão de participantes com idade superior a 12 anos. Ao tentar entender os motivos dessa evasão junto à comunidade, houve a indicação de que, um dos fatores, consistia no assédio pelo tráfico de drogas e, dentre as sugestões para auxiliar na solução de tal questão, se destacou a necessidade da realização de atividades esportivas que possibilitassem maior atração do público jovem, sendo bastante enfatizada a oportunidade de eventual geração de renda. Essas informações geraram a necessidade de rever as ações do projeto, porém, dada a complexidade do tema, não interferiu de imediato em sua dinâmica de funcionamento.

Já em meados de 2010 a Associação São-Carlense de Ciclismo procurou o professor coordenador do VADL, Luiz Gonçalves Junior, para estabelecer uma parceria com DEFMH/UFSCar, para desenvolver nas suas dependências um projeto para atuar com jovens estudantes de escolas públicas cursando o 8º ou 9º ano do ensino fundamental, realizando atividades com bicicleta em cursos com duração de um mês, em horário de contra turno escolar. O curso era dividido em quatro módulos, a saber: Meio ambiente e pedal na terra; Mobilidade urbana e segurança no trânsito; Mecânica, peças da bicicleta e ciclismo; Ciclismo para a saúde e escolinha de ciclismo. A partir desse contato, se constituiu no DEFMH/UFSCar a atividade de extensão denominada: Projeto de Educação Ambiental e Lazer, dentro do qual se encontra a ação anteriormente citada, a qual recebeu o nome de “PEDAL Consciente” e que iniciou sua primeira turma de adolescentes em março de 2011, atuando com bicicletas, capacetes e outros equipamentos doados, angariados pela Associação São-Carlense de Ciclismo, e também deu-se continuidade às demais ações do PEDAL, como organização da ciclovagem anual e as intervenções e palestras pontuais de sensibilização em instituições educativas.

Paralelamente a isso, especificamente desde abril de 2008, a NuMI-EcoSol estava inserida no bairro Jardim Gonzaga atuando em alguns empreendimentos relacionados à economia solidária, através do projeto: “Proposição de diretrizes para políticas públicas em economia solidária como condição para desenvolvimento de território urbano: caso Jardins Gonzaga e Monte Carlo, São Carlos, SP”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Dentre as ações desse projeto, estava prevista a realização de um empreendimento de cicloentrega para atender a demanda de entrega de produtos que emergia da estruturação dos outros empreendimentos solidários que se estabeleciam no bairro. Preocupados com as questões implicadas no uso da bicicleta, em 2010, o NuMI-EcoSol procurou auxílio no DEFMH/UFSCar e, por essa via, entrou em contato com o coordenador

do VADL. Desde então se estabeleceu uma parceria entre o VADL e a NuMI-EcoSol e, ainda no ano de 2010, foram adquiridas sete bicicletas, capacetes e equipamentos custeados com recursos destinados ao projeto de pesquisa mantido pelo NuMI-EcoSol, ao qual o coordenador do VADL se integrou.

Nesse momento, as atividades com bicicleta começaram a fazer parte do horizonte do projeto VADL, pois representava uma possibilidade de atividade de lazer que, devido à compreensão possibilitada pelas experiências decorrentes da convivência no grupo de ciclovagem e dos diálogos travados no transcorrer da estruturação do PEDAL, trazia consigo uma grande carga educacional que se alinhava à intencionalidade de promoção da cidadania, um dos objetivos das ações do VADL. Assim, as atividades com bicicleta no projeto se revelavam como uma possibilidade de fruição do lazer, com potencial de promover processos educativos relacionados ao uso seguro da bicicleta, mobilidade urbana e educação ambiental, além de servir como ponto de articulação com a demanda de geração de emprego e renda sinalizado pela população e a proposta de empreendimento solidário que se estruturava a partir das ações do NuMI-EcoSol.

Apesar desse movimento inicial, a inserção da bicicleta nas ações do VADL não se materializou nessa ocasião, a falta de espaço adequado para o armazenamento dos equipamentos no bairro diante da inviabilidade de carregá-los diariamente e a quantidade reduzida de educadores/as, além de outros contratempos, adiaram essa intervenção até o ano de 2014. No decorrer desse período, as bicicletas adquiridas foram utilizadas nas ações do PEDAL Consciente até 2014, quando, por dificuldades em custear o transporte que levava os/as adolescentes participantes até o DEFMH/UFSCar, essa atividade do PEDAL foi interrompida nesse espaço e, de modo distinto, passou a ser realizada em associação com as que começavam a ser desenvolvidas no contexto do VADL, inclusive transferindo parte dos equipamentos para esse novo local.

Portanto, quando o VADL estabeleceu a parceria com o projeto MQF da ADESM inicialmente citada, as atividades com bicicletas já estavam previstas para serem oferecidas, por isso, no decorrer de 2013, a ADESM procedeu com o processo de compra de materiais, dentre os quais estavam previstas cinco bicicletas, capacetes e equipamentos, e, no mesmo período, se constituiu a equipe multidisciplinar de educadores/as, os/as quais seriam responsáveis pelas diversas atividades oferecidas na parceria VADL-MQF. Essa parceria iniciou suas ações no Clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos em outubro de 2013.

Apresentado esse breve histórico, que nos permite compreender a atual estruturação do projeto, trataremos agora dos objetivos e referenciais que orientam o desenvolvimento de suas ações. Enquanto objetivo geral o VADL busca: desenvolver educação *para e pelo* lazer com a comunidade na qual se insere, atualmente, com participantes oriundos dos bairros Jardim Gonzaga, Cidade Aracy, Antenor Garcia, Eduardo Abdelnur e Santa Felícia.

O conceito de educação *para e pelo* lazer presente no VADL possui suas bases em Marcellino (2004), para quem o lazer é entendido como “[...] a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no ‘tempo disponível’” (p.31), e possui um duplo aspecto educativo, podendo ser tanto um meio de educação, como também objeto de uma determinada ação pedagógica, uma vez que, para uma vivência positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado que possibilite um espírito crítico na fruição ou contemplação desses momentos. Ampliando essa compreensão, Werneck (2000) apresenta a prática social do lazer sob duas perspectivas, sendo a primeira um *direito social* proveniente das conquistas dos trabalhadores por um tempo institucionalizado e, a segunda, como uma possibilidade de *produção de cultura* em vivências lúdicas de distintos conteúdos.

Gonçalves Junior e Santos (2006), observam que historicamente os estudos no campo do lazer têm dado maior atenção para quatro aspectos: tempo, espaço, atividade e atitude. Porém, no VADL compartilhamos com Gonçalves Junior e Santos (2006) a compreensão que contrapõe a vivência do lazer como algo fragmentado em tempo livre/disponível x tempo de trabalho, ou delimitada a espaços específicos como equipamentos de lazer x outro tipos de espaço, tampouco como atrelado a determinadas atividades como as lúdicas x não lúdicas, mas entendemos o lazer prioritariamente enquanto intencionalidade. Isso não significa que não consideramos as categorias tempo, espaço e atividade no VADL, porém temos como pressuposto o referencial fenomenológico-existencial no qual temos como fundamental a categoria intencionalidade para compreender o fenômeno lazer.

Assim, como Gonçalves Junior e Santos (2006), observamos que ocorrem interferências do trabalho e outras práticas sociais no lazer e vice-versa, que existe a necessidade de políticas públicas que se ocupem da construção e manutenção de equipamentos de lazer, bem como as atividades devem ser significativas e cheias de sentido para a pessoa que dela participa, não seja compelida, alienada ou oprimida, não desconectada do contexto sociopolítico que envolve considerar a existencia de situações de opressão e desigualdade.

Desde esta perspectiva, o VADL atua compreendendo que o lazer, assim como as demais manifestações humanas, possui em si processos que envolvem ensinar e aprender, e

por isso suas dimensões educativas se manifestam em todos os momentos de fruição e não apenas naqueles em que este é instrumentalizado em nome da educação, concordando com Souza (2010) quando afirma que:

As poéticas culturais no lazer manifestam-se a partir da extasia encontrada por homens e mulheres em seu contato subjetivo e intersubjetivo *sendo-uns-com-os-outros-no-mundo*. Não é um chamado externo que as motiva existir, mas sim, o desejo de criação do próprio ser humano na interface das práticas sociais que realiza e que atravessam e são atravessadas por processos educativos (p.52).

Por isso o VADL tem como princípio que, a fruição nos momentos em que são realizadas práticas sociais no campo do lazer, bem como os processos educativos gerados a partir de tais vivências, podem contribuir significativamente com o reencontro do ser humano consigo mesmo.

No entanto, mesmo sendo um campo aberto ao processo de humanização, o lazer também tem sido utilizado como um tempo-espço para o ajustamento da população à realidade social capitalista e isso tem se justificado principalmente por meio de discursos tidos como “educativos”, que se utilizam do duplo aspecto educativo do lazer.

Nesse contexto, torna-se imprescindível considerar o processo de marginalização vivenciado pelas crianças e adolescentes que moram nas zonas empobrecidas das cidades, pois são poucas as ofertas de equipamentos públicos de lazer, bem como a promoção de atividades culturais, concordando com Melo (2003) quando afirma que, ao se atuar no campo do lazer, “[...] temos que estar bastante atentos aos que não podem dispor e ter acesso aos muitos bens culturais de que se pode desfrutar nos momentos de lazer” (p.16).

Por isso, dentre os objetivos específicos do VADL está o de “Promover processos educativos voltados à cidadania, principalmente às crianças e adolescentes de comunidades carentes do ponto de vista econômico ou com insuficiente apoio governamental, tendo como eixo comum a prática social do lazer” (GONÇALVES JUNIOR et al., 2009, p.1).

Cabe aqui ressaltar que o projeto VADL possui ponto de vista distinto de outros projetos aparentemente semelhantes, isso pode ser especialmente observado quando a questão “educação” é abordada nos diversos projetos relacionados ao lazer que visam atender crianças e adolescentes nas comunidades empobrecidas das cidades. Por trás das ações da maior parte desses projetos, desvela-se a compreensão de educação do poder público que, conforme afirma Mascarenhas (2004), remete à própria população a culpa por não terem condições de viver frente ao modo de produção vigente e, por isso, segmenta a adolescência das populações empobrecidas rotulando-as como menor *carente, infrator, abandonado*.

Desse modo, as ações realizadas pela via das políticas públicas de lazer em resposta à demanda apresentada pelos filhos e filhas das classes populares, revelam uma concepção funcionalista em que o “menor” é tido como um desvio e as ações estatais se desenvolvem com caráter compensatório e controlador, preocupadas apenas em minimizar as possíveis consequências do comportamento dessas crianças e adolescentes. Segundo afirma Mascarenhas (2004), grande parte dos projetos preventivos, governamentais e não governamentais com atuações no campo do lazer, baseiam-se em princípios de ocupação do tempo, desvinculando-se assim de qualquer possibilidade de vivência crítica, produção cultural e conscientização durante as práticas de lazer.

Diferentemente desses projetos, o VADL busca romper com essa perspectiva de ocupação do tempo que se esconde por detrás do *slogan* “tirar as crianças da rua”, na qual, segundo Graciani (1996), o tempo livre⁷³ das crianças e adolescentes das classes empobrecidas é visto pelas classes dominantes como algo potencialmente ameaçador e, para estas, passou a ser importante controlar esse contingente humano que cresce no espaço “perigoso” e “imoral” das ruas e lares pertencentes à parcela “inculta” da população, para ajustá-la à vida em uma sociedade de classes. Nesse sentido, apartar-se dessa perspectiva é fundamental ao VADL, pois conforme afirma Marcelino (1996), ele reflete o mesmo discurso moralista perpetrado pelas classes dominantes que justificou o uso do trabalho infantil durante período de implementação dos parques industriais.

Porém tal discurso reverbera fortemente na sociedade, tanto que no estudo de Santos (2008) que se desenvolveu no contexto do VADL, encontrou sua reprodução na fala dos/as participantes e de seus familiares. Segundo ele:

A rua, na contemporaneidade, passou a ser encarada como um espaço em que se faz presente a violência, os perigos, os enganosa, as drogas, as tentações, as deformações sociais. Tal imagem negativa é destacada pela mídia e pela forte interferência do Estado, que através de políticas públicas oferecem atividades de lazer para crianças e adolescentes enquanto estratégias para “tirá-las da rua” (SANTOS, 2008, p.132).

Porém, ele enfatiza que, no dia a dia de sua convivência na comunidade, pôde observar que no Jardim Gonzaga o espaço da rua era carregado de:

[...] várias relações sociais entre pessoas de idades e gêneros diferentes, e poucas vezes, estas foram conflituosas. Em vários momentos presenciei adultos sentados, na

⁷³ A expressão tempo livre é utilizada para se referir ao tempo de lazer, no entanto Marcellino (2004) defende a expressão tempo disponível, já que, segundo ele, “tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social” (p.29). Nesse estudo as duas expressões são utilizadas respeitando durante a discussão os termos originalmente utilizados nas obras dos autores e autora citados.

calçada ou na frente de bares e outros comércios, conversando; senhoras e senhores com seus filhos, sobrinhos ou netos, brincando ou confeccionando algum brinquedo ou observando-os brincar em grupos. Nos mais diversos espaços do bairro, sempre que as crianças estavam brincando na rua, havia adultos observando ou tomando conta delas. Portanto, as ruas [...] estiveram sempre cheias de pessoas e, conseqüentemente, cheias de vida (SANTOS, 2008, p.132).

Obviamente, o espaço da rua compreende alguns riscos, porém é necessário que as práticas que os fazem presentes deixem de estar nas ruas e não as pessoas, sejam elas adultas, crianças ou jovens, que nela convivem e se divertem. Nas perspectivas de lazer e educação assumidas pelo VADL, o mais coerente é levar as crianças para as ruas, devolver a rua, que atualmente se encontra sobre o domínio dos carros e da violência às pessoas, para que sejam espaços de convivência e aprendizados. Falar em educação nesse contexto significa considerar o aprendizado do direito à cidade, de modo que, se não podem estar nas ruas, as pessoas possam, ao menos, questionarem criticamente os motivos que as fazem esvaziar-se. Por isso que, outro objetivo específico do VADL dedica-se a “Conhecer, refletir e dialogar sobre as transformações dos espaços públicos” (GONÇALVES JUNIOR et al., 2009, p.1).

Sendo o campo do lazer também carregado de disputas de interesses que representam diversos grupos sociais, é preciso reconhecer a existência das classes dominantes que promovem o lazer em sua vertente funcionalista, que visa contribuir com a ordem social capitalista, recuperando as energias e compensando as frustrações oriundas da exploração do trabalho. Porém, as ações do VADL orientam-se em sentido oposto, corroborando com a compreensão de Marcellino (2004), para quem:

Contrapõe-se a essa visão do lazer como instrumento de dominação, aquela que o entende como um fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente. Assim a admissão da importância do lazer na vida moderna significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social (p.40-41).

No VADL o tempo de lazer é vislumbrado como campo de intervenção pedagógica contra-hegemônica, concordando com ideais de Marcellino (2004), para quem “[...] só tem sentido se falar em aspectos educativos do lazer, se esse for considerado [...] como um dos possíveis canais de atuação no plano cultural, tendo em vista contribuir para uma nova ordem moral e intelectual, favorecedora de mudanças no plano social” (p. 63-64). E também com Melo (2003), que sinaliza o lazer como tempo-espaço para “[...] intervir pedagogicamente na busca da construção de um novo conjunto de valores para essa sociedade” (p.16).

Diante disso, não basta pensar o lazer enquanto um direito social, pois a institucionalização desse tempo, por si só, não garante um vivência qualitativa do lazer. Nesse sentido, no contexto de realização das atividades de lazer no VADL, que busca promover uma vivência crítica do lazer, é necessário favorecer o protagonismo das pessoas que dele participam, pois conforme adverte Werneck (2000, p.132): “Afirmar o papel dos sujeitos como ‘produtores culturais’ significa ampliar as chances de apropriação das condições da produção do saber teórico-prático, lúdico e educativo que permeiam as vivências de lazer, buscando a criação e não o simples consumo de cultura”.

Assim apresentamos o terceiro e último dos objetivos específicos do VADL, que é o de: “Realizar atividades diversificadas de lazer: jogos, organização/representação e peças teatrais, debate de filmes, confecção de ‘jornaizinhos’, leituras de livros e gibis, passeios em trilhas e em pontos culturais diversos dos bairros em que se realiza o projeto e da cidade” (GONÇALVES JUNIOR et al., 2009, p.1).

A realização das citadas atividades pauta-se nos referenciais da ciência da Motricidade Humana (SERGIO, 1999), da fenomenologia existencial (MERLEAU-PONTY, 2011) e da pedagogia dialógica (FREIRE, 2005a), que compreende o humano como sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo, ou seja, inconcluso e inacabado que busca constantemente ser fazendo-se e refazendo-se nas relações de intersubjetividade tendo como pano de fundo o mundo (GONÇALVES JUNIOR et al., 2009). Assim as vivências de atividades diversificadas de lazer proporcionadas no projeto não visam a ocupação do tempo das crianças e adolescentes participantes, mas sim proporcionar momentos de fruição do lazer com atividades significativas e promotoras de reflexão, diálogos e convivência, voltados sobretudo à formação cidadã crítica.

Diante do exposto destacamos que a atividade com bicicleta por nós investigada é apenas uma do rol de vivências oferecidas no VADL, das quais, além das diversas atividades eventuais, estão atualmente fixas na grade de programação a musicalização, a capoeira, a biblioteca, a piscina, o *Fútbol Callejero*⁷⁴ e a confecção do jornalzinho, algumas semanalmente e outras mensalmente.

⁷⁴ Prática originada na Argentina a partir de uma experiência de construção coletiva de trabalho com as juventudes, com intuito de recuperar o protagonismo juvenil em um contexto dominado pela violência. Diferencia-se do futebol midiático e esportivizado, pois sua prática ao invés da competição tem como principal orientação os pilares da Cooperação, Solidariedade e Respeito, os quais são considerados na contabilização dos pontos, além de contar com a participação de homens e mulheres em uma mesma partida. Ele é conduzido por uma pessoa que assume o papel mediador e desenvolve-se em três tempos: 1º tempo: definição consensual das regras da partida por parte dos/as participantes; 2º é o tempo de jogo e o 3º é onde as equipes fazem a avaliação da partida e a contagem dos pontos, dialogando sobre o ocorrido e revisitando as regras estabelecidas no início.

As ações desenvolvidas no projeto VADL são planejadas e avaliadas em reuniões semanais pela equipe multidisciplinar de educadores/as (Música, Pedagogia, Educação Física, Biblioteconomia). Essa equipe, desde que iniciou os trabalhos em parceria com ADESM até o presente momento, passou por diversas mudanças, no entanto, sempre mantendo um número entre 8 e 10 educadores/as em atuação. A equipe é atualmente composta por educadores/as (estudantes de graduação) e coordenadores/as bolsistas (estudantes de pós-graduação em Educação) custeados pela ADESM (6 educadores/as e 2 coordenadores/as), pela NUMI-EcoSol (1 educador/a bolsista extensão e 1 coordenador/a) e pelo projeto VADL (1 educador/a bolsista de extensão), além do coordenador geral do projeto de extensão pertencente ao DEFMH/UFSCar. Além disso, também conta com participação de educadores/as voluntários/as que atuam realizando estágio, complementação curricular ou desenvolvendo pesquisas como estudos de iniciação científica, monografias, dissertações e teses. Cabe salientar que minha inserção no VADL se deu como coordenador voluntário e se iniciou no final de 2012 quando, como membro do grupo PEDAL, passei a integrar as reuniões de planejamento auxiliando nas questões afetas ao uso da bicicleta.

Faz-se necessário esclarecer que a equipe, apesar de apresentar um número médio de educadores/as em atuação, variou consideravelmente em sua composição, pois diversas substituições são necessárias decorrentes da entrada ou saída de voluntários/as, da desistência dos/as educadores bolsistas por incompatibilidade de interesse ou por conta de mudanças no calendário acadêmico da universidade que, eventualmente, apresentava disciplina no horário de funcionamento do projeto ou, ainda, devido à finalização do curso, o que impossibilitava a manutenção do contrato, uma vez que nele estava prevista a necessidade de estarem em curso de graduação ou pós-graduação. Assim, desde outubro de 2013 até o presente momento, a equipe teve uma considerável variação de educadores/as, pois em pouco mais de três anos de atuação no novo contexto, entre educadores/as e coordenadores/as, bolsistas e/ou voluntários, que atuaram ou estão atuando no projeto, temos um total de 40 pessoas.

Quanto ao público participante das ações podemos dizer que é, em certa medida, flutuante, pois embora existam núcleos de crianças e adolescentes que se mantêm frequentes por mais tempo, grande parte frequenta por um curto espaço de tempo e depois abandona, eventualmente, alguns retornam e frequentam por mais algum tempo. Existem ainda as crianças e adolescentes que frequentam esporadicamente ou apenas em período de férias escolares. Assim, mesmo o projeto atendendo a uma média diária entre 20 e 35 participantes por período, entre outubro de 2013 e outubro de 2016, participaram do projeto 421 crianças e adolescentes com idades entre 6 e 17 anos, dentre os/as quais apenas 115 eram do sexo

feminino. A participação prioritariamente masculina decorre da histórica estruturação das ações do clube, que concentrou suas atividades na promoção da escolinha de futebol que atuava quase que exclusivamente com a população masculina. Observando o histórico de matrículas do VADL, é possível visualizar um aumento paulatino de matrículas de meninas no decorrer dos anos de atuação com oferecimento de outras atividades. Atualmente, embora o número de meninas participantes ainda não tenha se igualado ao de meninos, se comparado aos primeiros grupos com os quais o VADL atuou no início de sua inserção nesse espaço, o percentual de meninas participantes teve um aumento considerável.

Concentrando atenção no espaço do clube, vale detalhar brevemente suas instalações para facilitar a compreensão do contexto em que se desenvolvem as atividades do VADL. O clube do Sindicato dos Metalúrgicos de São Carlos possui uma área total de aproximadamente 30.000m² e conta com uma série de instalações: casa do zelador, sala do projeto VADL, gaiola de aço para guardar bicicletas, portaria e secretaria, quadra poliesportiva, quadra de futebol de areia, quadra de vôlei de areia, lanchonete, ampla área gramada, diversos banheiros, vestiários e bebedouros, salão de festas, parquinhos infantis, campo de futebol, piscinas, quiosques, uma garagem ampla, caminho cimentado para acesso de pessoas com deficiência, além das diversas plantas e árvores ornamentais e frutíferas, produzindo a cada época frutas como: manga, pitanga, limão e amora.

A sala do VADL é o espaço de acesso exclusivo da equipe de educadores/as do projeto, assim como a gaiola de aço que armazena as bicicletas⁷⁵. Nessa sala funciona a Biblioteca Menino Maluquinho, a qual contém o acervo de livros do projeto, e também são guardados os equipamentos esportivos (bolas, cordas, tacos, bambolês, coletes, capacetes, luvas, caramancholas, elásticos etc.), ferramentas e peças para manutenção de bicicletas, algumas bicicletas, brinquedos e jogos de tabuleiro, instrumentos musicais (violões, flautas, berimbaus, reco-recos, pandeiros, surdos etc.), computador, telefone, bem como os materiais de papelaria (sulfite, cartolinas, crepom, canetas, canetas hidrográficas, fitas adesivas, barbantes, lápis de cor, borrachas, régua, colas, tesouras, tintas guache etc.).

⁷⁵ O projeto possui aproximadamente 33 bicicletas dentre as quais temos: 7 tipo *mountain bike* da marca Canadian com aro 26 e 24 velocidades, sendo 3 com quadros em alumínio no tamanho 17, 3 no tamanho 19 e uma no tamanho 21; 5 tipo *mountain bike* da marca Soul com aro 26 e 27 velocidades, sendo 3 com quadros em alumínio no tamanho 17 e 2 no tamanho 19 (todas essas compradas). As demais foram oriundas de doações, são elas: 4 infantis pequenas com aro 16, sendo duas rosas, uma amarela e uma verde; 2 infantis médias com aro 20, sendo uma verde e uma vermelha; 3 do tipo BMX (modelo utilizado em competições de ciclismo análogas ao motocross denominadas como BMX ou Bicycross); 2 tipo *mountain bike* com aro 24, sendo uma com 21 velocidades e outra sem marchas; 10 tipo *mountain bike* com quadro em aço de tamanho 18, aro 26 e com 21 velocidades. Algumas dessas bicicletas doadas encontram-se sem uso devido à necessidade de manutenção ou de aquisição de peças para reposição. Aproximadamente 19 dessas bicicletas, normalmente as mais utilizadas, ficam armazenadas na gaiola de aço para facilitar o acesso, as demais ficam guardadas na sala do VADL.

O esquema a seguir nos auxilia a visualizar a estruturação do espaço:

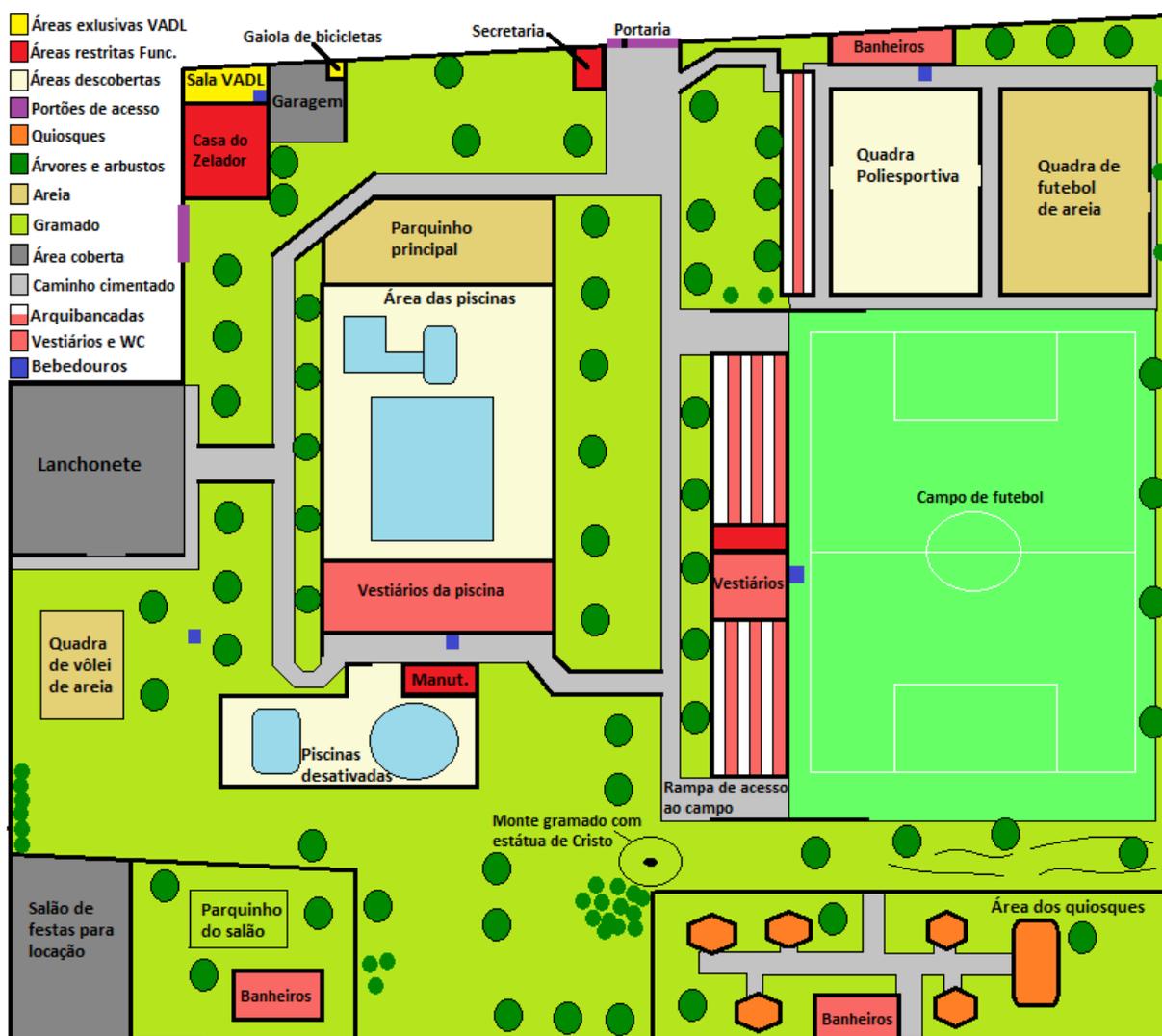


Figura : Planta detalhada do espaço do clube (Elaborada pelo autor).

No citado espaço, as atividades com as crianças e adolescentes são realizadas em dois dias da semana e em dois períodos, pela manhã, das 8h às 11h, e à tarde, das 14h às 17h, a fim de atender participantes matriculados em ambos os períodos no contra turno escolar. Cada período é dividido em cinco momentos, o primeiro é a roda de conversa inicial em que se retomam as atividades selecionadas, apresenta-se os informes e organiza-se as atividades do dia. O segundo momento é o de integração, onde todas as crianças e adolescentes realizam uma atividade selecionada por eles na semana anterior. O terceiro e quarto momentos ocorrem respectivamente às atividades fixas da programação, a saber: Terças-feiras: *Fútbol Callejero* e Capoeira; Quintas-feiras: Música e Bicicleta. Nesses momentos uma segunda atividade é combinada entre as pessoas que não querem participar das atividades fixas oferecidas. O

quinto e último momento é a roda de conversa final, em que se faz um balanço das atividades do dia, a seleção da atividade para semana seguinte e o lanche.

Antes de se chegar a essa programação, que vigora atualmente, as atividades com bicicleta tiveram diferentes modos de oferta e também ocorreu em diferentes dias. As ações do VADL nesse novo espaço se iniciaram em outubro de 2013, mas, devido a atrasos no processo de compra das bicicletas e às obras de adequação ocorridas no espaço do Clube do Sindicato dos Metalúrgicos, as atividades com bicicleta começaram apenas em março de 2014. Assim, de março de 2014 até abril do mesmo ano, eram eventuais e ocorriam apenas às terças-feiras, único dia de ação do projeto até então. A partir desta data, houve ampliação do projeto para mais um dia da semana e as atividades com bicicleta continuaram sendo eventualmente organizadas, porém indiscriminadamente entre terças e quintas, o que ocorreu até outubro de 2014, quando se tornou uma atividade fixa da programação ofertada semanalmente, exclusivamente às terças-feiras, devido à presença de educadores/as mais capacitados/as para orientá-las nesses dias. Posteriormente, em decorrência de mudança no cronograma acadêmico dos/as educadores/as, uma nova reestruturação foi necessária e, a partir de fevereiro de 2015, essa atividade passou a ser realizada somente às quintas-feiras, situação que se mantém até o presente momento.

A decisão de tornar algumas das atividades fixas foi tomada pela equipe de educadores/as, em parte devido à solicitação frequente das crianças e adolescentes pelas atividades como *Fútbol Callejero* e Bicicleta, mas também frente à necessidade apontada pela equipe de promover uma continuidade nas quatro atividades centrais que eram oferecidas pelo VADL, visando possibilitar o aprofundamento das aprendizagens, o que exige certo nível de constância, por isso a incorporação na rotina como atividade semanal fixa da programação. Apesar de fixas, a participação nelas não é compulsória, as atividades de lazer oferecidas no projeto possuem como princípio a livre escolha, de modo que, participam delas apenas as crianças e adolescentes que desejam.

Buscando manter a coerência com os objetivos do projeto, as ações com bicicleta realizadas estão carregadas de intencionalidade educativa e, considerando o duplo aspecto educativo do lazer, podemos compreendê-las tendo como referência:

Educação para o lazer: Apresentar a bicicleta como possibilidade de fruição do lazer, de conhecer novos lugares, bem como lugares já conhecidos sob outro ponto de vista, de conhecer e conviver com pessoas; Garantir um uso seguro da bicicleta.

Educação pelo lazer: Vivenciar a bicicleta como possibilidade de mobilidade urbana; Pedalar orientado pelo Código de Trânsito Brasileiro e normas de circulação; Utilizar

equipamentos de segurança ao pedalar; Experienciar um modal de transporte e lazer sustentável em meio rural e urbano; Aplicar conhecimentos técnicos de condução e de manutenção da bicicleta.

Vislumbrar essas possibilidades educativas da bicicleta no contexto do lazer decorre da imagem social que ela possui no Brasil e em muitos outros países, a de brinquedo de crianças ou objeto para prática esportiva entre adultos. Frente a isso, para o VADL, uma grande possibilidade que se abre ao lazer é criar uma imagem positiva da bicicleta, pois quando relacionada ao transporte o imaginário social a remete ao seu status de veículo destinado a pessoas fracassadas. Conforme Pezzuto (2002, p.30):

[...] a utilização da bicicleta em viagens utilitárias, não é considerada uma opção adequada para alguns grupos sociais. Embora muitos possuam bicicletas, elas são utilizadas quase que exclusivamente para recreação. As pessoas que utilizam a bicicleta para lazer passam uma imagem de vigor e juventude porque a bicicleta está muito associada ao esporte e ao condicionamento físico. O ciclismo, como um todo, tem uma imagem ambiental positiva pelo fato de não emitir poluentes, provocar muito pouco ruído e consumir uma quantidade mínima de energia.

Pela citação apresentada é possível notar que conceitos como ecologia, esporte e saúde tem promovido o uso da bicicleta nos momentos de lazer, principalmente, entre as pessoas de classes sociais mais elevadas.

A possibilidade de criação de uma imagem positiva encontra eco na afirmação de Xavier (2011), quando apresenta que independente do motivo que leva as pessoas a pedalar no lazer, o que nos é mais significativo é que, apesar de não existir uma relação direta entre o uso recreativo e o uso como transporte, muitas pessoas que utilizam a bicicleta para ir trabalhar afirmam que se encorajaram a utilizar tal meio de transporte a partir de vivências de ciclismo recreativo.

No mesmo sentido, Delabrida (2004) e Pezzuto (2002) afirmam em suas pesquisas sobre o uso da bicicleta, que os ciclistas que fazem uso diário, bem como os casuais, que a utilizam no lazer/esporte, possuem uma imagem mais positiva da bicicleta do que nos não usuários, de modo que esta avaliação pode estar influenciando a opção de não utilizar a bicicleta.

A maior disposição das pessoas em utilizar a bicicleta no contexto de lazer, segundo Xavier (2011), relaciona-se à sensação de calma, paz e liberdade, oriunda da possibilidade de pedalar em ambientes livres de veículos motorizados, enquanto como meio de transporte ela exige atenção ao risco, o que gera estresse e demanda bastante autodisciplina para manter a prática.

Além da possibilidade de uma imagem positiva da bicicleta, a questão da segurança também se faz presente nas ações do VADL, pois o uso da bicicleta no lazer, de acordo com Delabrida (2004), faz com que as pessoas percebam a bicicleta como algo seguro, porém, por andarem na maioria das vezes em locais apartados do trânsito, são justamente essas pessoas que estão mais predispostas a envolverem-se em acidentes com veículos motorizados. Por isso, para a citada autora, a forma como se utiliza a bicicleta no lazer pode contribuir ou não para a segurança do ciclista e por isso, tanto as crianças como os adultos, devem aprender a utilizá-la com segurança mesmo nesses momentos.

Além de promover o uso seguro e uma imagem positiva da bicicleta, o VADL compreende que a convivência entre as pessoas nesses grupos que se organizam em torno da bicicleta fomentam a formação para uma vivência crítica do lazer, promovendo o pedalar em diversos espaços, sejam eles urbanos ou não, e em interação com as pessoas, segundo Carlsson (2014), esses grupos podem constituir-se em um importante espaço social no qual, diferentemente dos shoppings e redes de lojas que buscam ocupar o tempo de lazer das pessoas com consumo, oferece a possibilidade de passeios, conversas, organização de eventos, oficinas para aprender a reparar a bicicleta, entre outras. Abre-se com isso outras opções para os momentos de lazer.

As atividades com bicicleta desenvolvem-se no espaço aberto do clube, sendo os principais locais utilizados a ampla área gramada, o caminho cimentado, a rampa de acesso ao campo de futebol e a quadra de vôlei de areia, com exceção da manutenção e mecânica que normalmente se concentravam na garagem coberta. Essas atividades possuem uma duração aproximada de 45 minutos quando se desenvolvem nas dependências do clube. As crianças e adolescentes são orientadas no início das atividades quanto ao respeito e prioridade aos pedestres circulando pelo clube e às pessoas que estão aprendendo a andar de bicicleta, bem como são alertadas sobre as áreas que não podem circular bicicleta, tais como o campo de futebol e dentro dos vestiários, em dias que há manutenção e mecânica das bicicletas elas são convidadas a participar junto aos/as educadores. Educadores/as também participam da atividade com bicicleta brincando com as crianças e adolescentes, propondo jogos e participando das brincadeiras propostas pelos/as participantes. Foram diversas atividades realizadas nessas ocasiões: ensinar a andar em bicicleta, Queimada em Bicicleta, Polícia e Ladrão em Bicicleta, Corrida Maluca, garrafas no pneu, transportar na pedaleira, atravessar a quadra de vôlei de areia, andar sem as mãos, disputas de corrida, Caracol, descer e subir planos inclinados, andar com a bicicleta empinada, Circuito de Obstáculos, Siga o Mestre, Zerinho com Bicicleta. Todas essas atividades estão descritas detalhadamente no Glossário de

Jogos e Brincadeiras (Apêndice 5) que encontra-se anexo a este trabalho, onde podem ser consultadas.

Para além dessas atividades também existem os passeios externos ao clube, estes exigem maior disponibilidade de tempo e, considerando o intervalo entre os preparativos para saída e o retorno ao clube, possuem duração que varia entre uma hora e meia e três horas, dependendo do grupo e do destino. Os citados passeios têm como principais destinos o campus dois da Universidade de São Paulo – USP ou a estrada de terra que dá acesso à cidade de Ibaté, a qual era acessada pelo campus da USP. Ambos locais com pouca circulação de automóveis, o primeiro com vias pavimentadas e sinalizadas de acordo com o CTB, permitem uma vivência de situações de trânsito, já o segundo, por se tratar de um espaço não urbano, permite contato com vegetação, diferentes tipos de terreno e o deslocar-se tranquilo devido à ausência quase total de tráfego de veículos motorizados.

Porém, diferentemente das atividades com bicicleta vivenciadas no interior do clube, a participação nos passeios externos não é possibilitada a todos/as participantes, pois ela está sujeita a regras que a condiciona, as quais foram elaboradas pela equipe de educadores/as com vistas a minimizar possíveis riscos e garantir segurança dos/as participantes. São elas:

- Frequência mínima de 8 encontros seguidos ou 12 alternados no projeto;
- Não ter ocorrência nos últimos 8 encontros de desrespeito aos colegas (educadores/as; participantes; funcionários/as do clube; familiares);
- Utilizar equipamento necessário para a realização do passeio: tênis próprio; luvas, colete e capacete (emprestados pelo projeto);
- Ter participado das atividades com bicicleta no espaço do clube por no mínimo 3 encontros;
- Entregar o termo de autorização de saída do clube para o passeio de bicicleta devidamente assinado pelo/a responsável;
- Idade mínima de 9 anos.

A preocupação com a segurança dos/as participantes é uma constante, por isso é obrigatório o uso do capacete também quando as atividades se desenvolvem no espaço interno do clube. Mesmo não sendo uma obrigatoriedade no CTB e motivo de grande controvérsia entre os/as utilizadores de bicicleta, o VADL compreende que atuando com crianças e adolescentes, muitos em fase de aprendizagem, é fundamental reduzir os riscos de ferimentos, até pela responsabilidade que o projeto possui pelos/as participantes serem menores de idade. Isso é bastante enfatizado e a utilização de capacetes é, inclusive, solicitada para os/as

educadores/as que se deslocam de bicicleta até o projeto, por considerar o exemplo ponto fundamental no processo de aprendizagem.

Finalizando a descrição das atividades com bicicleta, cabe apresentarmos rapidamente o Pedal Solidário, ação conjunta realizada entre VADL e NUMI-EcoSol que desde 2014 vem buscando fomentar a formação de empreendimento em economia solidária com bicicleta. Essas ações vêm dando os primeiros sinais de avanço, pois no ano de 2016 começou a constituir-se um grupo de jovens interessados na construção do empreendimento. As atividades se iniciaram com realização de passeios em grupo e com a prática de manutenção básica da bicicleta e já no segundo semestre do citado ano começaram a ser feitas cicloentregas experimentais, que permitirão ao grupo estruturar adequadamente o empreendimento em questão.

Após esta breve apresentação do contexto histórico, das pessoas envolvidas, dos referenciais que orientam as ações do projeto, bem como do desenvolvimento das atividades com bicicleta no VADL, detalharemos a seguir a trajetória metodológica por nós trilhada no decorrer da investigação.

5. Trajetória Metodológica

*Caminante, son tus huellas el camino, y nada mas;
Caminante, no hay camino: se hace camino al andar.
Al andar se hace camino, y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino, sino estrellas en la mar.
(MACHADO, 2010, p.5)*

O presente capítulo tem como função apresentar a trajetória metodológica sobre a qual se desenvolveu este estudo. Na construção deste caminhar buscamos manter-nos coerentes com as bases epistemológicas e compromissos ético-políticos por nós assumidos e apresentados no decorrer desta investigação.

Inicialmente posicionamo-nos desde uma abordagem qualitativa, portanto, como bem afirma André (1995), tal abordagem possui uma grande diversificação, tanto em seus fundamentos filosóficos, quanto de métodos, procedimentos, estilos e conteúdos, chegando, em alguns casos, ao extremo de se denominar qualitativa toda e qualquer pesquisa que não faz uso de dados numéricos. No mesmo sentido, Alves-Mazzotti (2002) apresenta que a pesquisa qualitativa emerge em oposição ao modelo positivista, o que fez com que o paradigma qualitativo reunisse uma vasta gama de tradições que dificilmente pode ser compreendida como paradigma único.

Conforme sinaliza André (1995), ao aceitarmos a variedade de estudos qualitativos admitindo com isso uma abordagem qualitativa genérica, corremos o risco de neutralizar a ambiguidade de conceituações e, com isso, “[...] deixar de discutir os fundamentos teóricos e epistemológicos desses estudos, o que seria, aí sim, lamentável” (p.23).

Nesse sentido, compreendemos, assim como Rehfeld e Dichtchekenian (1984), que toda pesquisa científica está sempre assente, deliberadamente ou não, em uma posição filosófica. No entanto, ao optar pelo não esclarecimento de seus pressupostos filosóficos a pessoa responsável pela investigação encobre seu compromisso com a ideologia da qual compartilha e para a qual faz ciência.

Por isso para nós é fundamental explicitarmos que a abordagem de pesquisa qualitativa com a qual nos vinculamos é a fenomenológica (MARTINS; BICUDO, 2005; BICUDO, 2011; BICUDO; ESPÓSITO, 1997; GARNICA, 1997), mais especificamente, com aporte teórico-filosófico da fenomenologia existencial (MERLEAU-PONTY, 2007; 2011; MARTINS, 2006).

De acordo com André (1995), a fenomenologia encontra-se nas raízes dos estudos qualitativos, pois, em questionamento à visão positivista, ela não aceita que a realidade seja algo externo ao sujeito e passa a ocupar-se de aspetos do comportamento humano até então não considerados por serem tidos como subjetivos, assim, as experiências cotidianas e os significados a elas atribuídos tornam-se núcleos de atenção em uma visão fenomenológica.

Antes de nos aprofundarmos nas questões metodológicas deste estudo é necessário esclarecer que a fenomenologia, conforme salienta Tápia (1984), não possui um conjunto sequencial de procedimentos canônicos que a identifiquem, pois o não constituir um modo de investigação padrão exige uma postura de abertura de quem faz pesquisas sob esta orientação.

De acordo com Bicudo (2011):

Até onde compreendemos o significado de pesquisa, que diz de se perquirir sobre o que nos chama atenção e que nos causa desconforto e perplexidade, de modo atento e rigoroso, não há um modo correto ou certo de pesquisar-se. Isso significa dizer que não há um padrão de procedimentos a serem seguidos que garantam que a investigação seja bem-sucedida, dando-nos certeza sobre o encontrado, em termos científicos-filosóficos (p.21).

Segundo Von Zuben (1984), aquilo que é denominado como método fenomenológico constitui-se de temas centrais que orientam a investigação, são eles: o retorno às coisas mesmas, como a finalidade mesma da fenomenologia, e a redução fenomenológica que revela-nos a abertura ao mundo (intencionalidade) e aos outros (intersubjetividade).

Conforme afirma Merleau-Ponty (2011), a fenomenologia, ao manter-se fiel a sua intenção, sabe de onde parte, mas desdobra-se em um diálogo infinito, um vir a ser que não possui ponto de chegada único ou pré-determinado. Para ele, o inacabamento que habita a fenomenologia e sua eterna postura de abertura, não são signos de fracasso, são inevitáveis na medida em que ela pretende compreender os inesgotáveis e perspectivais mistérios do mundo e da razão.

De acordo com Martins e Bicudo (2005), a fenomenologia está no início de sua história no que se refere à produção metodológica nas ciências humanas, até por isso ela “[...] não possui paradigmas prontos que dão origem a métodos a serem usados, prontos-à-mão”(p.93).

Diante disso, de modo geral,

É a maneira de interrogar o fenômeno que indica a Trajetória de Pesquisa ou como o fenômeno vai ser abordado, e este caminho se mostra a partir da interrogação feita e não pode ser pré-fixado. As diferentes trajetórias dependem do campo de estudo e do próprio fenômeno investigado (FINI, 1997, p.29).

Dentre as investigações qualitativas com enfoque fenomenológico é possível encontrar algumas modalidades de análise que possuem certas trajetórias demarcadas e que nos servem como guia, tais como: Modalidade Fenômeno Situado (MARTINS; BICUDO, 2005, MACHADO, 1997; BICUDO, 2011; GARNICA, 1997); Modalidade Fenomenológico-Hermenêutica (ESPÓSITO, 1997, BICUDO, 2011); Rede de Significações (KLUTH, 2011; CAPPELLETTI, 1997).

No entanto, todas essas modalidades trabalham com descrições dadas por quem vivencia o fenômeno, de modo que buscam compreender o fenômeno desde a experiência ingênua (no sentido de genuína) relatada a partir de entrevistas ou textos escritos pelo próprio sujeito sobre o fenômeno interrogado, sendo estas analisadas pela pessoa que pesquisa. Esse procedimento visa possibilitar para quem investiga o acesso ao fenômeno como percebido pelos sujeitos, tal como ele se dá à experiência. Porém, esses modelos de trajetória não atendem a investigações como a nossa em que interrogamos um fenômeno no qual também estamos imersos, ou seja, a interrogação que orienta a investigação também abarca a existência de quem pesquisa, como é o caso de nossa vivência com as atividades com bicicleta no VADL.

Diante disso, e, inspirados nas modalidades de pesquisa fenomenológicas citadas e no permanente inacabamento da fenomenologia, sentimos a necessidade de construir nossa própria trajetória metodológica, buscando apreender o fenômeno por nós interrogado e manter-nos coerentes aos princípios da fenomenologia.

A superação do binômio sujeito/objeto é característica fundamental da concepção fenomenológica que se debruça sobre o par fenômeno-percebido, pois conforme salienta Bicudo (2011), não existe separação entre o que é percebido e aquele que percebe, portanto, sob essa orientação de investigação, a pessoa que investiga não assume uma definição prévia do que será observado, mas sim se abre e dirige sua atenção para aquilo que se mostra. Por isso o nome fenomenologia que, segundo Heidegger (2002), significa “[...] deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra” (p.65).

Assim, *fenômeno* diferencia-se de *fato* que, no positivismo, é aquilo que se pode tomar como objeto, pressupondo a existência de uma distância entre o sujeito que observa e o objeto observado. Essa suposta separação culmina no apagamento da pessoa que investiga e na supervalorização de procedimentos de investigação, que dá base para o falso discurso da neutralidade científica.

No caso das pesquisas com enfoque fenomenológico, Martins e Bicudo (2005) apresentam que a dúvida de como o pesquisador pode descobrir aquilo que é essencial em ser

estudado é uma constante entre as pessoas que as conduzem. Para a autora e o autor citados, a resposta a esse questionamento:

[...] no que concerne ao *como fazer para chegar às qualidades essenciais do fenômeno estudado* não é dada a partir de padrões de procedimentos preestabelecidos como corretos para o desenvolvimento da pesquisa. Mas essa resposta depende da *intuitividade* e da *habilidade* do pesquisador (MARTINS; BICUDO, 2005, p.23).

A realidade mundana é complexa e, uma lógica linear e pré-determinada, não é suficiente para captá-la, assim, quem pesquisa, deve guiar-se intuitivamente e, consciente de seu processo de busca, interrogar o fenômeno em sua dinâmica de “estar sendo”, pois ele não é estático e não pode ser capturado, de modo que uma descrição fenomenológica “[...] é mais do que uma simples análise. É uma investigação daquilo que é genuinamente possível de ser descoberto e que está *potencialmente* presente mas nem sempre visto” (MARTINS, 1984, p.79).

Por isso:

Esta concepção permite que se fale em construção da realidade e construção do conhecimento dando-se em um movimento de ser e de conhecer. De onde o epistemológico não se separar, do ponto de vista do seu processo de produção, do ontológico (BICUDO, 2011, p.13).

O entrelaçamento do ser com os outros ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2007), exige o reconhecimento de que não existe a coisa em si, a qual o espírito sobrevoa e apreende. A solidez das coisas é experimentada por nós enquanto estamos entre elas e estas, se comunicam por nosso intermédio.

Sob esta ótica:

A visão de cima torna-se impossível, pois eu me submerjo cada vez mais num mundo controverso, começo a ver as coisas de dentro, de baixo, pesam-me, incomodam-me. Não posso mais falar de mim sem falar do lugar onde estou, de como percebo as coisas. Não posso mais falar de mim sem falar do que me impressiona. Voltei à condição humana do convívio, do viver-com, e o mundo da ciência tal como eu o via, é agora um paraíso perdido, onde a onisciência e onipotência do meu ver clareava tudo. Perdi o paraíso, ganhei a humanidade. E que fazer com ela? (REHFELD; DICHTCHEKENIAN, 1984, p.91-92).

Fourez (1995) problematiza muito bem a suposta objetividade atribuída ao conhecimento científico, segundo ele, o que se percebe é que a observação dos fatos é sempre a construção de um modo de interpretação que se relaciona com aquilo que interessa aos

cientistas envolvidos em determinado momento histórico. Segundo o autor, não é possível compreender que uma observação científica possa dar conta de um “real em si”, pois, em verdade, ela só consegue expressar uma “[...] *descrição útil tendo em vista um projeto*” (p.44). Para ele, as pessoas que fazem ciência não observam o mundo com base em nada, mas tal como as demais, elas se encontram imersas em um universo cultural no qual estão presentes seus projetos individuais e coletivos.

No mesmo sentido, Freire (2000) ressalta:

[...] não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente de repente nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele (FREIRE, 2000, p.80).

A orientação fenomenológica existencial nos parece coerente com nossa proposta, pois, de acordo com Martins (2006), a condição básica na fenomenologia existencial é o mundo-vida, imediatamente experienciado e anterior a qualquer explicação ou teoria. Ela também se preocupa com aspectos sociais, ou seja, refere-se às formas pelas quais o ser-no-mundo se aproxima ou afasta das outras pessoas e coisas. Segundo o citado autor, existir é estar em interdependência, e o estar em solicitude com os outros é uma possibilidade básica do ser-ao-mundo, no entanto, esta pode manifestar-se como preocupação positiva ou por meio da indiferença pelos outros, o que revela a tentação constante de se esquivar da responsabilidade do devir.

Conforme Martins (2006), a fenomenologia existencial se assenta na convicção de que o “existir aí” humano é um modo de liberdade, no entanto, como ser-ao-mundo, o ser humano existe em ambiguidade, ou seja, ele é livre, porém é também circunstancial e, é somente em meio a essa circunstância, que ele faz suas escolhas. Para ele, “Ser humano é estar em contínua situação de escolha, de correr riscos nessa escolha, de assumir compromissos e de sofrer as consequências das decisões tomadas. Sem riscos não há opções significativas para o ser e sem elas não há liberdade” (MARTINS, 2006, p.53-54).

Nesse contexto, portanto, encontra-se também a pessoa que pesquisa, de modo que ao decidir pesquisar determinado tema, de determinada forma, faz escolhas, assume riscos e posiciona-se a favor de um projeto e, conseqüentemente, contra outros.

Dussel (2001) aborda profundamente essa questão e salienta que, fazer ciência criticamente, envolve necessariamente tomar um partido e este, por sua vez, deve situar-se desde a materialidade, no que se refere à produção, reprodução e manutenção da vida, pois somos seres corporais e necessitamos comer, beber, estudar, entre outras coisas, e a negação material de nossas necessidades é ponto de onde emerge o critério para o desenvolvimento de uma ciência crítica. No entanto, a crítica legítima não se restringe a uma posição teórica, ela exige um:

[...] “ponerse de parte” efectiva y practicamente “junto” a la víctima, y no sólo en posición observacional participativa [...], sino como el co-militante que entra en el horizonte práctico de la víctima (negatividade-material) al que se decide a servir por médio de un programa de investigación científico-crítico⁷⁶ (DUSSEL, 2001, p.286).

Deste modo encontramos que, o modo fenomenológico de fazer pesquisa é, antes da adesão a um referencial teórico, a expressão da ação no mundo daquele que investiga, pois as indagações e incômodos emergem de seu mundo-vida, de sua mundaneidade, que ele assume, interroga e investiga. Envolve, de antemão, o reconhecimento de seu posicionamento no mundo, para que, com seriedade e rigor, proceda com sua investigação ciente das limitações inerentes de seu incrustamento ao mundo.

Nessa perspectiva de investigação, o apagamento do sujeito não cabe, pois, conforme afirma Fini (1997), ao superar a dicotomia ser humano x mundo, a pessoa que pesquisa “[...] estará buscando a realidade enquanto vivida e o conhecimento desta realidade só será alcançado no próprio existir do pesquisador” (p.26). Por isso o fenômeno não se esgota em uma única compreensão, como vimos, ele não existe em si, ele emerge na relação e é, portanto, sempre perspectival.

Diante disso, como bem afirma Merleau-Ponty (2007):

Fato e essência não podem mais ser distinguidos, não porque, misturados em nossa experiência, sejam, em sua pureza, inacessíveis e subsistam como idéias limites para além dela, mas porque o ser, não estando mais *diante de mim*, mas envolvendo-me e, em certo sentido, me atravessando, minha visão do Ser não se fazendo de alhures mas do meio do Ser, os pretensos fatos, os indivíduos espaço-temporais são de repente montados nos eixos, nos pivôs, nas dimensões, na generalidade do meu corpo, e as idéias estão, portanto, já incrustadas nas suas juntas (p.113-114).

⁷⁶ [...] “por-se ao lado” efetivamente e praticamente “junto” a vítima, e não só em posição observacional participativa [...], sim como um co-militante que entra no horizonte prático da vítima (negatividade material) a qual se decide servir por meio de um programa de pesquisa científico-crítico (Tradução livre).

A fenomenologia segundo o autor é filosofia que busca recolocar a essência na existência, ou seja, na relação do ser-ao-mundo. Por isso, para Merleau-Ponty (2011) não existe essência que não esteja relacionada a domínios de história e geografia, por sermos seres da experiência imersos em um tempo-espço cultural que não podemos sobrevoar, nunca teremos diante de nós objetos puros, nem essências sem data e localização determinada por nossa experiência de empilhamento, imbricação e promiscuidade perpétua que vivemos ao mundo.

Garnica (1997) esclarece que, nessa perspectiva, a “[...] essência do que se procura nas manifestações do fenômeno nunca é totalmente apreendida, mas a trajetória da procura possibilita compreensões” (p.114). Para que exista compreensão, é necessária uma interrogação inicial e esta, por sua vez, põem-nos frente ao manifesto na intencionalidade de conhecer, devido a isso, todo e qualquer fenômeno é sempre visto e compreendido em contexto.

Nesse sentido, a apresentação da trajetória pessoal feita na introdução deste trabalho e que situa as inquietações e posicionamentos que culminaram na presente investigação, é fundamental para expormos a circunstancialidade da qual parte nossa análise fenomenológica que, como já citado, busca compreender: *Qual a contribuição do uso da bicicleta para o processo de construção de uma pedagógica emergente?*

Fini (1997) afirma que a pesquisa na abordagem fenomenológica inicia-se com uma interrogação que, inicialmente, não está muito bem delineada ao pesquisador, porém que reflete uma insatisfação com aquilo que pensa saber sobre algo. Segundo a autora, esse mesmo fenômeno que lhe causa estranheza lhe é também familiar, uma vez que este faz parte de seu mundo-vida.

No caso da interrogação que apresentamos, salientamos que inicialmente restringia-se a uma inquietação acerca dos processos educativos envolvidos no uso pedagógico da bicicleta, essa era nossa interrogação ingênua, no sentido de genuína. Conforme assinala Bicudo (2011), o desafio se impõe no momento em que buscamos expressar essa interrogação em uma linguagem proposicional que diga de nossa perplexidade. Segundo ela, nesse decurso, é de suma importância que a pessoa que empreende a investigação esteja próxima a seu grupo de pesquisa, pois nele se vive as idas e vindas das incertezas e certezas que se expressam na necessidade de escrever e modificar constantemente o escrito ao perguntar-se sobre sua interrogação. Escrever sobre e discutir com o grupo é uma forma “[...] bem-sucedida no processo de conseguir clareza sobre o que se pergunta e visualizar caminhos possíveis” (BICUDO, 2011, p.42).

Embora possa soar estranho para as pessoas habituadas com outras modalidades de investigação, a questão de pesquisa, tal como apresentamos agora, só emergiu após a leitura e releitura dos dados e devido às reflexões por elas suscitadas, bem como por influência dos constantes diálogos estabelecidos com outros pesquisadores e pesquisadoras do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF) e nas ocasiões de exposição do projeto em disciplinas, seminários e bancas de qualificação que ocorreram no transcorrer da elaboração desta tese, tanto no Brasil, quanto no período relativo ao doutorado sanduíche no Chile. A leitura e releitura dos dados e os constantes diálogos revelaram a intencionalidade manifesta na interrogação inicial, nos fazendo depurar nossa questão de pesquisa, pois notamos que o que nos causava perplexidade não eram, ao menos não em primeiro plano, os processos educativos envolvidos no uso pedagógico da bicicleta, mas sim as possibilidades de contribuição que os processos educativos emergentes no uso da bicicleta teriam para a construção de uma pedagógica emergente.

A interrogação sempre se situa em uma região de inquérito que, segundo Fini (1997), refere-se à situacionalidade ou região do mundo-vida para qual se dirige a pessoa que investiga durante sua busca pela essência do fenômeno. A interrogação e a determinação de sua região de inquérito compõem um dos princípios básicos da fenomenologia, a saber: ir à coisa mesma.

Isso significa inserir-se no lugar ontológico no qual se encontram os conhecimentos específicos sobre o fenômeno em questão, para interrogá-lo e, desde determinada perspectiva, desvelar aquilo que se encontra oculto (GONÇALVES JUNIOR, 2008).

Portanto, para compreendermos quais são as contribuições da bicicleta para uma pedagógica emergente foi necessário nos dirigir à coisa mesma, em nosso caso específico, as atividades pedagógicas com bicicletas realizadas no VADL, as quais compunham parte de nosso mundo-vida. Essa nossa orientação para esse tempo-espço se dá devido à relação direta que ele tem com a emersão de nossa interrogação inicial, pois foi desde nossa experiência de participação na organização dessas atividades que surgiram os primeiros incômodos que nos puseram a investigar.

Frente a isso, e, atentos à necessária postura de abertura à experiência preconizada pela fenomenologia, delimitamos o objetivo da investigação, ação que, tal como a depuração de nossa questão de pesquisa, foi um laborioso processo de desvelamento que contou com inúmeras reflexões e reescritas antes que chegássemos a presente forma: *Identificar a contribuição do uso da bicicleta para o processo de construção de uma pedagógica*

emergente, compreendendo-a a partir dos processos educativos vivenciados junto ao projeto de extensão universitária Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer.

Foi a partir de nossa convicção da necessidade de se ir à coisa mesma, que colocamos em suspensão as práticas com bicicletas realizadas no VADL das quais nós já fazíamos parte, por isso ela ganha importância e destaque em nosso objetivo.

Segundo Garnica (1997), esse movimento que coloca o fenômeno em suspensão é denominado *epoché*. Ele é o processo em que, ao investigar o mundo-vida, a pessoa que pesquisa busca se desprender de seus referenciais teóricos prévios, deixando apenas “[...] os pressupostos vivenciais – ou o pré-vivido, pré-reflexivo –, que ligam pesquisador e pesquisado, o que impede o cômodo distanciamento que possibilita a neutralidade” (p.116).

Essa suspensão não se dá de imediato, ocorre no processo de pesquisar e permite que a interrogação ingênua que nos dirige se depure, com isso, lentamente emerge uma questão com sentido e valor transcendental, ou seja, que de certa forma traga à reflexão parte de nossa dimensão irrefletida do mundo manifesta na intencionalidade.

Enquanto esses processos ocorriam, nós já estávamos inseridos na prática das atividades com bicicleta e foi necessário olharmos para elas atentamente e registrá-las de algum modo. Para isso, lançamos mão dos registros sistemáticos em diários de campo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), nos quais, sem roteiro pré-estabelecido, eram anotados os acontecimentos ocorridos no dia, sendo nossa atenção prioritariamente voltada aos momentos em que se desenvolviam as atividades com bicicletas com as crianças e adolescentes participantes do projeto VADL.

Orientados a esses momentos específicos registramos, guiados por nossa intencionalidade, todos os acontecimentos que emergiam para nós diante de nossa interrogação do fenômeno, que ocorreram durante um período de dez meses. Os diários abarcaram todas as seções de atividade realizadas no citado intervalo, abrangendo tanto o período matutino como o vespertino. Foram produzidos ao todo 26 diários de campo (Apêndice 1), eles são apresentados numerados com algarismos romanos tendo como referência a cronologia de realização das atividades. Esse período de dez meses registrado encontra-se dentro de uma inserção no projeto VADL que se deu entre outubro de 2012 e dezembro de 2016. Durante o período que foram feitos os registros sistemáticos em diários de campo tivemos a participação de 21 educadores/as, sendo 8 do sexo feminino e 13 masculino, e 132 crianças e adolescentes, das quais 52 eram meninas e 80 meninos. Todos/as aqui apresentados com nomes fictícios. Cabe salientar que, todos os registros em diários de campo foram por mim confeccionados e que estes, embora tenham se dirigido prioritariamente aos

momentos das atividades com bicicleta, também possuem referências a outros momentos e/ou atividades do projeto, que eventualmente compõem os diários devido à relação com assuntos afetos ao tema de estudo.

Segundo Martins e Bicudo (2005), quem pesquisa em educação com orientação fenomenológica:

[...] defronta a tarefa de des-velar e tornar explícita a constituição dos acontecimentos da vida diária. Para tanto, procura situar-se diante dos fenômenos de forma que estes possam mostrar-se na sua própria linguagem, ou seja, nas várias formas pelas quais eles podem aparecer tipicamente (p.77).

Em nosso caso, situarmo-nos diante do fenômeno, como sugere o citado autor, significou considerar a nossa profunda integração nas atividades realizadas, o que nos colocava em uma situação complexa em que éramos algo como pesquisador-colaborador, pois inseridos na prática em questão tornávamo-nos também foco de nossa própria investigação.

Diante da complexidade que envolve a investigação na qual se insere a própria prática e de poucos referenciais fenomenologicamente orientados desse tipo de investigação, optamos pela realização dos diários de campo como procedimento central de coleta de dados.

Os diários de campo têm sido utilizados em investigações com orientação fenomenológica realizada por pesquisadores e pesquisadoras pertencentes à Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH) e do Núcleo de Estudo de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), grupos dos quais também fazemos parte. Dentre as investigações podemos citar Santos (2008), Silva (2010), Belmonte (2014) e Foganholi (2015).

Estas são investigações que, assim como a que apresentamos agora, estão dando os primeiros passos rumo a essa possibilidade de coleta de dados com uso de diários de campo, uma vez que, de modo geral, as investigações fenomenológicas tem se debruçado prioritariamente sobre entrevistas com as pessoas que vivenciam o fenômeno, descrevendo-o.

Por outro lado, entendemos que o uso dos diários de campo é fundamental, principalmente em investigações como a que empreendemos, junto a participantes crianças, que, de modo geral se expressam de modo mais sintético, bem como, por sermos nós pesquisadores também foco da investigação, já que também vivenciamos o fenômeno no envolvimento com os/as demais participantes (educadores/as, crianças e adolescentes). Assim, o uso de diários de campo, a nosso ver, é uma forma de registrar nosso discurso ingênuo, bem como das crianças e adolescentes em fruição das atividades.

Esse registro é um espaço-tempo dedicado para a escrita da “leitura” do mundo, conforme sugere Warschauer (2002) essa prática “[...] auxilia a observação e reflexão porque, a partir das vivências expostas no papel, é possível adquirir certa distância delas, necessária para o ato reflexivo” (p.62).

Isso ocorre, pois no momento dos acontecimentos estamos envolvidos afetivamente e ligados ao nosso estar em atividade, com pensamentos orientados aos conteúdos das atividades nas quais estamos inseridos. Segundo a citada autora, os registros, além de nos possibilitarem observar a historicidade do processo iluminando a história vivida, também nos remetem ao campo da humildade trazendo-nos o aprendizado de conviver com as dúvidas e incertezas do caminho.

Deste modo, a utilização do registro sistemático em diários de campo é um importante instrumento para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo contextos em que a pessoa que investiga está organicamente inserida, pois segundo Bogdan e Biklen (1994), ele possibilita a produção de um “[...] relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha” (p.150). O instrumento de coleta em questão permite apreender os mais diversos elementos manifestos no espaço investigado, tais como: gestos, conversas, espaço físico, atividades desenvolvidas, ações etc, dentre os quais estão incluídos as ações da própria pessoa que investiga, que, porém, no momento da prática observada, é também um de seus atores.

Embora privilegiem uso de descrições na forma de entrevistas, Martins e Bicudo (2005) também consideram o uso de relatos de situações observadas elaborados pelo próprio pesquisador no contexto da pesquisa qualitativa com orientação fenomenológica, entretanto alerta para o cuidado na produção dos registros para evitar indução de respostas desejadas.

No mesmo sentido, Bicudo (2011) afirma que, na obtenção de dados para pesquisa fenomenológica, a descrição que diz do ocorrido como percebido pode “[...] ser um relato do pesquisador que, estando junto à situação em que as vivências se dão e com o sujeito que as vivencia, descreve aquilo por ele visto, isto é, percebido. É importante que destaquemos que não se trata de o pesquisador dizer *foi assim*” (p.38).

Diante disso, nossos diários de campo foram rigorosamente confeccionados com intuito de produzir registros consistentes das observações em campo, porém, assim como Bogdan e Biklen (1994), reconhecemos que o contexto nunca pode ser completamente capturado, além do que as anotações, em certa medida, refletem o olhar do investigador, pois envolve escolhas no uso das palavras, bem como decisões sobre o que anotar. Conforme

alerta Fourez (1995), não podemos nos esquecer que: “Os observadores em carne e osso não estão jamais ‘sós’, mas sempre pré-habitados por toda uma cultura e por uma língua” (p.59).

Concordando com Merleau-Ponty (2011), entendemos que a aquisição mais importante da fenomenologia foi reunir em sua noção de mundo ou de racionalidade os extremos subjetivismo e objetivismo, assumindo que a racionalidade é proporcional às experiências nas quais se revela. Ele afirma: “Existe racionalidade, quer dizer: as perspectivas se confrontam, as percepções se confirmam, um sentido aparece. Mas ele não deve ser posto à parte, transformado em Espírito absoluto ou em mundo no sentido realista” (p.18).

Esse confronto de perspectivas, confirmação de percepções e emersão de sentido se dá na intersubjetividade, ou seja, ponto de convergência das experiências que se estabelecem em nosso ser-ao-mundo.

Para Merleau-Ponty (2011, p.18):

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha.

Nessa perspectiva teórica, a preocupação do/a investigador/a se dirige à vivência dos sujeitos que participam de forma concreta do fenômeno interrogado, desse modo, busca se compreender os significados dos fenômenos, ou seja, o que um determinado fenômeno significa para os/as participantes da pesquisa, e nesse sentido, o objeto de estudo não pode ser o acontecimento em si, e sim a experiência humana que emerge dos acontecimentos que desejamos investigar (MACHADO, 1997; MARTINS; BICUDO, 2005).

Entendemos que por nossa imersão orgânica no contexto da investigação, os diários de campo comportem intersubjetividade, pois retrata a fala dos educadores e educadoras do projeto, das crianças e adolescentes participantes e também inclui impressões e observações feitas pela equipe de educadores/as no momento de registro que se iniciava sempre logo após o encerramento das atividades, ao qual era dedicado aproximadamente uma hora de trabalho em uma redação preliminar, a fim de garantir maior riqueza de detalhes aos registros.

No entanto, conforme sugere parte dos estudos orientados pela fenomenologia consultados, devemos nos dirigir à vivência das pessoas que participaram do fenômeno buscando a compreensão delas sobre a experiência. Assim, os diários poderiam não ser um modo suficiente de captar as compreensões de todas as pessoas envolvidas (pesquisador,

educadores/as, participantes). Com intenção de nos aproximarmos das compreensões das demais pessoas, em nossos últimos dias de investigação em campo realizamos uma conversa (constantes no diários XXV e XXVI) com as crianças e adolescentes que participaram das atividades. A nossa conversa se iniciou com a seguinte questão: *Como foi para vocês participar das atividades com bicicleta aqui no projeto?*

Embora tenhamos conseguido dialogar com alguns/as participantes, essa conversa não contou com expressiva participação, pois o projeto possui uma grande fluutuabilidade na frequência e participação das crianças e adolescentes, com isso sentimos que, apesar de terem surgido importantes contribuições, poucos foram os avanços nesse momento de conversa, uma vez que muitas das pessoas que participaram das atividades não estavam mais frequentando.

Essas questões foram levantadas em ocasiões de apresentação do projeto de investigação e também nos momento de banca de qualificação que ocorreram com investigadores do Brasil e do Chile.

Refletindo sobre essas colocações nos pusemos a buscar um modo de nos aproximar das compreensões das outras pessoas envolvidas e, olhando atentamente sobre os diários, notamos um maior grau de intersubjetividade estabelecido com a equipe de educadores/as, nos fazendo questionar mais profundamente sobre as impressões das crianças e adolescentes.

Então, voltando ao Brasil, após a estadia do doutrado sanduíche na Universidad Austral de Chile, na cidade de Valdivia, retornamos a campo e buscamos algum procedimento de coleta de dados que nos pusesse novamente em contato direto. Ao retomar as atividades no projeto, notamos que algumas crianças e adolescentes que não haviam participado da conversa que havíamos realizado anteriormente estavam novamente frequentando as atividades. Diante disso, nos organizamos para retomar a conversa com elas, assim elaboramos uma apresentação com uma seleção de fotos das atividades com bicicleta que havíamos realizado e nas quais estavam presentes as referidas crianças e adolescentes, a fim de recordar aquelas atividades e tematizá-las em uma conversa que se iniciou com a seguinte questão: *Eu queria saber de vocês se tem alguma coisa que, a partir dessas fotos, gostariam de falar dessas atividades que a gente fez?*

No entanto, a realização dessas conversas também foi comprometida, pois no dia em que as realizaríamos as pessoas que seriam o foco da investigação não compareceram e, a partir desse dia e por diversos motivos, não frequentaram mais o projeto. Desse modo, realizamos o diálogo (Apêndice 2) com os dois únicos participantes que ficaram do período em que fizemos registros nos diários, uma dupla de irmãos de presença bastante constante nas

atividades do projeto. Esse diálogo posterior realizado com os dois meninos é apresentado com a sigla DP inscrita ao final dos fragmentos citados no decorrer do trabalho.

Diante da dificuldade de ampliar nossas compreensões a partir das experiências das crianças e adolescentes devido à ausência destes no projeto, nos organizamos no sentido de buscar maior profundidade nas informações. Decidimos tentar contato com as crianças e adolescentes e seus familiares que estavam ausentes com vistas a promover um momento de encontro que favorecesse o diálogo sobre a experiência por eles vivida. Assim, preocupados com a participação das pessoas e em garantir um momento mais significativo do que um simples e burocrático fornecimento de dados para uma pesquisa, haja vista que elas não estavam mais ligadas diretamente ao projeto VADL, nos propusemos a realizar rodas de conversa, em um tempo-espço distinto daquele em que se desenvolviam as atividades, com os/as participantes que possuíam frequência mais ampla no projeto e seus respectivos familiares.

A opção pela roda de conversa se deu, pois esta traz em seu bojo à concepção de partilha. Segundo Warschauer (2001) a partilha traz a ideia de retorno à pessoa, na qual o mais importante são os significados e aprendizados possibilitados a todas as pessoas que dela participam. Segundo a autora, na roda de conversa prevalece o:

[...] *dar e receber*, de maneira que para receber é preciso saber dar e, dando, cria-se a oportunidade de receber. Entretanto, isto não significa dar *para* receber, pois não se trata de troca. Esta última pertence a uma perspectiva quantificável, diferente do espírito de partilha, no qual é preciso saber dar sem receber imediatamente, admitindo atos que só terão efeitos futuramente. Esta postura está na base da aprendizagem, [...] sendo isso o que faz de grupos de aprendizagem, grupos de partilha (WUARSCHAUER, 2001, p.178-179).

Segundo a citada autora, uma importante potencialidade das rodas de conversa é a diversidade, aliás, é ela a grande responsável pelo processo de aprendizagem que emerge desse momento de partilha de saberes. Nas palavras de Warschauer (2002), uma de suas principais características é:

[...] reunir indivíduos com histórias de vidas diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante (p.46).

Com esses nomes em mãos fomos, pessoalmente, na casa de cada participante conversar com as responsáveis, as quais assinaram a autorização de participação do projeto, em nosso caso, o contato se deu primeiramente com as mães, eventualmente algum pai ou avó participou da conversa realizada na ocasião da visita. As únicas exceções foram as participantes Doug e Pudim, pois sempre frequentaram o projeto pelo interesse no Fútbol Callejero. A seguir temos uma lista com os/as participantes que, por algum motivo, não foram contatados ou cujos familiares não se dispuseram em participar da roda.

Quadro : Participantes não contatados ou que não se disponibilizaram em participar

Doug	Não foram contatadas, pois participavam eventualmente das atividades com bicicleta, frequentavam o projeto com foco no <i>Fútbol Callejero</i>
Pudim	
Hulk	Não se dispuseram em participar, pois não frequentavam mais do projeto.
Rone	
Rodolfo	Sem contato, pois mudaram de endereço.
Ben10	
Duarte	
Diego	

Com aquelas famílias que se dispuseram a participar foram realizados dois momentos de conversas, um primeiro informando nossas intenções e convidando aos responsáveis e os/as participantes para um café (da tarde ou manhã) para dialogarmos sobre as atividades com bicicleta realizadas no projeto VADL. Após o convite, verificamos as melhores possibilidades de local, data e horário para realização dos encontros. Em um segundo momento, retornamos pessoalmente a cada casa informando o local, data e horários determinados dentro das possibilidades sugeridas, oferecendo, quando necessário, a possibilidade de transporte e reiterando o convite para que participassem. Nessa última visita nos dispusemos a telefonar para recordar da reunião no dia anterior, aqueles e aquelas que julgaram oportuno o lembrete forneceram seus contatos telefônicos, para os quais ligamos cumprindo o acordado.

Por fim foram marcadas duas rodas de conversa, uma realizada com os moradores do Jardim Gonzaga no espaço da Estação Comunitária (ECO), pois os familiares concordaram em participar e indicaram a necessidade do encontro ser no próprio bairro. Tanto a conversa com as famílias moradoras do Jardim Gonzaga, quanto a roda de conversa com elas realizada, tiveram a participação do educador Eiri, pelo amplo convívio com a comunidade devido à sua atuação no VADL, quando o projeto ainda se desenvolvia no espaço da ECO (Roda de Conversa I). A outra roda de conversa foi realizada no bairro Santa Felícia, nas dependências do próprio clube, onde se realizam as atividades do projeto, nela estiveram presentes participantes moradores do próprio bairro, bem como dos bairros Cidade Aracy e Antenor

Garcia (Roda de Conversa II). As rodas de conversa foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra (Respectivamente apêndices 3 e 4), os fragmentos delas citados no trabalho são indicados pela sigla “RC-I” ou “RC-II”, apresentada entre parênteses ao final de cada trecho.

Nem todas as pessoas que se dispuseram a participar compareceram, conforme indicado nos quadros a seguir:

Quadro : Configuração da Roda de Conversa I

Sardinha	Não compareceram
Pica-pau	Não compareceram
Roberta	Compareceu a mãe acompanhada de Robinho, Lupita e Roberta
Robinho	
Lupita	
Sofia	Compareceu a mãe acompanhada de Sofia
Raiane	Compareceu a mãe acompanhada de Raiane

Quadro : Configuração da Roda de Conversa II

Neymar	Não compareceram
Super Mario	Não compareceram
Cristiano Ronaldo	Apenas a mãe compareceu
David Luiz	Compareceu a mãe acompanhada de Frynkin e David Luiz
Frynkin	
Guerreiro	Não compareceram
MC'Gui	
Rodrigo	Compareceu apenas a mãe
Júlio César	
Fiorella	Compareceu apenas a mãe
Maria Joaquina	Compareceu apenas a mãe
Lili	Compareceu a mãe acompanhada de Lili
Gabi	Não compareceram
Ronaldinho	

As rodas iniciaram-se com o café organizado por nós e que ficou disponível durante todo o momento da conversa. O início de cada roda foi marcado por uma apresentação de fotos das atividades do projeto, que teve como objetivo apresentar aos familiares presentes as ações do projeto VADL, das quais seus filhos e filhas participaram. As fotos foram selecionadas de acordo com os participantes de cada roda, priorizando imagens significativas

para os/as participantes e familiares presentes. A apresentação das fotos foi comentada por nós a fim de esclarecer sobre a organização das atividades nelas representadas. Após esse momento, iniciamos os diálogos orientados por uma questão que, embora tenha se apresentado de modo ligeiramente distinto em cada roda, possuía o sentido geral que pode ser expresso da seguinte maneira:

- Aos/as Participantes: *Como foi para vocês participar dessas atividades com bicicleta?*

- Às Mães: *Como perceberam a participação de seus filhos/as nas atividades com bicicleta?*

Com essas rodas de conversa, demos por encerrada nossa coleta de dados, sentindo que, diante do contexto, os avanços foram suficientes para complementar nossas compreensões sobre a interrogação por nós empreendida, contemplando a participação das diversas pessoas envolvidas no processo: educadores/as (via diários de campo), crianças e adolescentes (via diários de campo e rodas de conversa) e mães (via rodas de conversa).

Vale destacar o papel do diário de campo frente ao contexto de fluuabilidade na frequência das crianças e adolescentes participantes e das falas curtas e diretas efetuada por eles/as nas ocasiões das rodas de conversa. Assim, os diários foram os registros que nos permitiram compreender essas falas, por meio das leituras e releituras das situações e diálogos vivenciados pelos participantes que foram detalhadamente descritas nos diários de campo e sem as quais as informações oriundas das rodas de conversa não teriam sentido.

Cabe descrever, a partir de agora, o processo de análise dos dados. O procedimento realizado foi inspirado nos referenciais da fenomenologia (MARTINS; BICUDO, 2005; GARNICA, 1997; VON ZUBEN, 1984; GONÇALVES JUNIOR, 2008, MERLEAU-PONTY, 2011). Utilizamos o termo *inspiração*, pois nos citados estudos a análise descrita é empregada em descrições oriundas de entrevistas individuais realizadas com cada sujeito participante. Em nosso caso, estaremos analisando dados oriundos dos diários de campo e das rodas de conversas, ou seja, ambos contendo informações referentes a mais de um sujeito, inclusive nós. O processo de análise que elaboramos inspirados nos citados referenciais foi composto pelos seguintes momentos:

Redução fenomenológica: Conforme afirma Garnica (1997), ela é algo que permeia toda trajetória de análise e que se expressa na postura do investigador, representa “[...] o movimento do espírito humano de destacar aquilo que julga essencial ao fenômeno, o que é feito por meio de ações como o intuir, o imaginar, o lembrar e o raciocinar” (p.116). Merleau-Ponty (2011) afirma que a intencionalidade, antes de ser posta pelo conhecimento em um ato expresso, é vivida como já dada, ou seja, a busca pela essência que ela empreende não é um fim, é apenas um processo fundamental para o dar-se a conhecer de nossa existência, pois esta

está de tal forma incrustada ao mundo que necessita de um campo de idealidade para conhecer sua facticidade. Por isso, entendemos com Von Zuben (1984) que “[...] a redução é a única forma de reflexão que não anula o irrefletido mas o manifesta” (p.64).

Identificação das unidades de significado: é quando o pesquisador se debruça sobre os dados e faz diversas leituras, uma primeira leitura para adquirir o sentido geral do todo e tantas leituras quantas forem necessárias para a identificação das unidades de significado, que são asserções significativas ao pesquisador de acordo com a interrogação empreendida (GONÇALVES JUNIOR, 2008; MARTINS; BICUDO, 2005). Conforme sinaliza Martins e Bicudo (2005), ela desenvolve-se desta maneira, pois diante da impossibilidade de analisar todo texto simultaneamente faz-se necessário reduzi-lo em unidades, essas unidades por sua vez “[...] não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador” (p.99).

Organização das categorias: Nesta busca-se chegar a categorias que emergem das situações concretas provenientes dos dados coletados e não pré-estabelecidas teoricamente. Garnica (1997) indica que é nesse momento que, “[...] articulando as compreensões que resultam dessa seleção das unidades de significado e das próprias unidades, o pesquisador trata de agrupá-las em categorias” (p.117). Essa organização é feita com base nas convergências e divergências observadas nos dados e, portanto, também vinculada às interpretações realizadas pelo investigador no processo de identificação das convergências e/ou divergências.

Construção dos resultados: de acordo com Gonçalves Junior (2008), essa é a última fase da pesquisa, na qual é apresentada a compreensão sobre o fenômeno que foi interrogado. Merleau-Ponty (2011) sinaliza-nos que a compreensão fenomenológica distingue-se da “intelecção” clássica que limita as coisas colocando-as como verdadeiras e imutáveis. Segundo Gonçalves Junior (2008) essa compreensão envolve “[...] a busca do conhecimento em termos de possibilidades, de respeito à perspectividade dos fenômenos nas formas como eles se manifestam ao serem interrogados” (p.79). Em nosso caso, esta fase se deu efetivamente com a elaboração final do texto da presente tese.

Ressaltamos que a análise não foi realizada de maneira pontual, os dados foram revisitados e estudados por diversas vezes durante o processo de investigação. Esse constante retomar se faz necessário na pesquisa fenomenológica, pois conforme afirma Garnica (1997), quando se busca apreender a essência de um fenômeno, “[...] a ‘avaliação’ do procedimento é o tráfegar pelo próprio procedimento, visto que compreensões nunca serão definitivas, mas formavam-se cada vez mais elaboradamente” (p.120).

Conforme já brevemente explicitado, os primeiros dados coletados são oriundos dos diários de campo, estes por sua vez, foram submetidos a um processo prévio de análise no qual estavam incluídos os diários de I à XXIII. Essa análise inicial foi submetida à avaliação em banca de qualificação e em seminários, e, os desdobramentos decorrentes, nos encaminharam a empreender as ações anteriormente descritas em busca de ampliar nossa compreensão do fenômeno desde a perspectiva das outras pessoas a ele relacionadas. Foi também a partir do citado processo avaliativo que se reconfigurou nossa questão de pesquisa e objetivos, com isso, surgiu a necessidade de reavaliar e ampliar o referencial teórico utilizado na tese.

Posteriormente, com as reflexões advindas da inclusão dos novos dados oriundos de outros três diários de campo e dos diálogos com participantes e mães, foi realizada uma nova configuração no referencial teórico da tese, além da reelaboração do processo de análise dos dados que culminou em uma nova reestruturação das categorias, pois estas se apresentaram de modo distinto nessa nova fase da investigação.

Três categorias emergiram desse novo processo, as quais foram apresentadas para a apreciação em uma das reuniões do NEFEF, nela estavam presentes: 5 estudantes de graduação em Educação Física, 2 estudantes de mestrado em Educação, 3 estudantes de doutorado em Educação, sendo que todos/as atuam ou atuaram no projeto VADL. Também contou com a presença de dois professores doutores, um deles é o coordenador do VADL e o outro professor do Instituto Federal de São Paulo. Nessa ocasião, foram feitas diversas sugestões e observações, as quais foram anotadas e consideradas, acarretando modificações na organização e apresentação das categorias, que serão abordadas detalhadamente em nosso próximo tópico.

6. Apresentação das categorias

Cada uma das categorias apresentadas busca expressar os processos educativos vivenciados nas ações com bicicleta desenvolvidas no contexto do VADL, portanto, nas descrições de cada categoria, estão inseridos fragmentos dos registros dos dados coletados em campo advindos dos diários de campo (apresentado pela sigla DC), do diálogo posterior realizado apenas com dois participantes (indicado pela sigla DP) ou das rodas de conversas (indicado pela sigla RC).

Os fragmentos citados podem trazer tanto processos educativos diretamente relatados por educadores/as, crianças, adolescentes e por suas mães ou observados em situações descritas nos diários de campo, quanto falas de participantes, mães e educadores/as ou

situações representativas que nos permitem, indiretamente, abordar a ocorrência de processos educativos.

Todos os fragmentos por nós citados são parte ou todo de alguma unidade de significado. Tais unidades, no processo de análise individual de cada registro, foram numeradas sequencialmente, de modo crescente, e de acordo com a ordem em que apareciam no texto. Assim, além da indicação da origem do dado (DC, DP ou RC) e de cada registro (I, II, III, IV...), a unidade de significado correspondente também é indicada (1, 2, 3, 4 ...). Ao final de cada dado citado, portanto, há entre parênteses informações que permitem saber exatamente de onde o determinado fragmento provém. A título de exemplo temos “(DC-IV, 12)”, que significa que o trecho corresponde à décima segunda unidade de significado do quarto diário de campo.

Como vimos, as categorias foram organizadas a partir das convergências e divergências por nós observadas na leitura dos dados de campo, as unidades de significado divergentes e convergentes referentes a um mesmo tema compõem uma mesma categoria, no entanto, as divergências expressam o sentido oposto, ou seja, que diverge do sentido geral por nós assumido em cada uma das três categorias. Essas unidades serão indicadas com a letra “d” posicionada imediatamente ao lado direito da numeração referente à unidade em questão, assim, as divergências aparecem indicadas com o padrão demonstrado no seguinte modelo: “(DC-X, 16d)”.

O título atribuído a cada uma das categorias provém das unidades de significado nelas presentes, deste modo, no decorrer da apresentação, os trechos do texto destacados com ***negrito e itálico*** correspondem às frases que estão nominando a categoria. Também utilizamos o realce apenas em **negrito** nas situações de diálogo, nesses casos, para destacar os/as interlocutores/as de suas respectivas falas com objetivo de facilitar a leitura.

A) Vai ter Bicicleta? Aprendi a andar na bicicleta grande e tô aprendendo muito mais

Esta primeira categoria, de modo geral, expressa a abertura das pessoas para a bicicleta no decorrer das atividades realizadas no VADL, seja pela curiosidade de quem observa ou pela emoção de quem a utiliza, brinca e aprende ao nela se deslocar. Ela emerge, principalmente, do interesse manifestado pelas crianças e adolescentes do projeto pelas atividades com bicicleta e, por isso, contém como título, além da pergunta que foi constantemente feita aos/as educadores/as, a fala de um dos participantes que revela o que significou para ele participar das atividades com bicicleta no projeto VADL.

A questão “vai ter bicicleta?”, que intitula esta categoria, possui significado relevante, pois, inclusive, fez parte da composição musical⁷⁷ realizada pelas crianças e adolescentes do projeto na ocasião da apresentação realizada no “IX Festival Sons e Movimentos” na UFSCar. Segue relato de um dos diversos momentos em que a citada questão vem à tona:

Na reunião inicial algumas crianças e adolescentes me perguntaram: “*vai ter bicicleta?*”. Eu respondi afirmativamente. Posteriormente, quando íamos organizar a atividade e perguntamos quem iria andar de bicicleta, todas as crianças e adolescentes presentes [...] demonstraram interesse em participar das atividades com bicicleta, André, Rodolfo e Cristiano Ronaldo sugeriram inclusive que todo o período fosse ocupado por tal atividade, já Elias, Sofia e Mel disseram que gostariam de fazer pintura também, assim ficou combinado que, em determinado momento, parte do grupo mudaria de atividade e o restante continuaria a andar de bicicleta. Os educadores chegaram a argumentar que seria muito tempo, porém os/as participantes mantiveram a opinião (DC-V, 10).

As crianças e adolescentes demonstravam certa ansiedade e, com frequência, quando se anunciava o início das atividades com bicicleta, corriam em direção ao local em que ficavam armazenadas, conforme relato:

Todos/as saíram do jogo My God aparentemente ansiosos/as para andar de bicicleta, principalmente Tito, Yan e Ronaldo, pois estes saíram correndo em direção ao local onde ficam guardadas as bicicletas (DC-II, 1).

Esse interesse pela bicicleta também se apresentou na rotina das famílias das crianças e adolescentes, tal como expresso pela fala das mães na ocasião da roda de conversa, a mãe de Roberta, Robinho e Lupita afirma: “Eles vinham à noite todo empolgados falando. A Roberta e o Robinho ficavam empolgados quando tinha bicicleta” (RC-I, 2). A mãe de Raiane diz que sua filha chegava “[...] toda empolgada porque ela também não andava muito por aqui, a gente tinha medo de soltar ela” (RC-I, 6).

Abordar a ansiedade demonstrada pelos/as participantes no decorrer das atividades nos parece fundamental, pois ela expressa a intencionalidade das crianças e adolescentes que as orienta a participar das atividades com bicicleta e isso, por sua vez, gera na equipe educadora necessidade de atuar frente a ela, decorrendo dessa relação os processos educativos observados.

⁷⁷ Foi uma composição coletiva de educadores/as e participantes, cujo início da letra é apresentado a seguir: “Aqui é o VADL/ nós somos de todos os cantos de São Carlos/ terças e quintas diversas brincadeiras/ Futebol, pão, dado, Capoeira/ Chego no clube logo pergunto:/ vai ter bicicleta?/ Também tem piscina, Imagem e Ação/ Bola Shogun e Polícia e Ladrão/ Os educadores sempre ajudam/ e eu nunca quero perder [...]”.

Foi buscando equalizar as intencionalidades educativas do projeto com as expectativas das crianças e adolescentes para com as atividades oferecidas, que a equipe de educadores/as decidiu fixar as atividades com bicicleta no cronograma para serem realizadas semanalmente. Decisão esta que foi motivo de comemoração para parte dos/as participantes do projeto.

Durante a atividade o Educador Flávio comentou com Lobão que, a partir da semana seguinte, o projeto teria bicicleta todas as terças e ele, aparentemente, ficou animado, pois rapidamente procurou os colegas Robson e Jorge para comentar a notícia (DC-III, 11).

Desde janeiro de 2014, apenas a presença das primeiras bicicletas que chegaram ao clube já despertava o interesse das crianças e adolescentes em utilizá-las, pois perguntavam quando íamos começar andar com elas e, mesmo depois que elas passaram a ser usadas nas atividades semanais, a expectativa de andar de bicicleta se manteve para maior parte do/as participantes, o que pode ser notado observando a numeração dos diários de campo dos fragmentos citados no decorrer desta categoria.

Esse interesse pela bicicleta manifestou significativa presença nas unidades de significado que compõem esta categoria, inclusive, em alguns casos, representando o desejo da maior parte dos/as participantes, tal como podemos observar no fragmento a seguir:

Neste dia tivemos um grande número de participantes que foram ao projeto pela primeira vez, a maioria de uma escola próxima ao clube, na qual foi feita uma divulgação do projeto na semana anterior. Das vinte e oito crianças e adolescentes presentes, apenas quatro não quiseram participar da atividade com bicicletas (DC-VII, 8).

O intenso interesse por andar de bicicleta mobilizou a equipe educadora, que teve que aprender a gerir a dinâmica do projeto considerando tal interesse sem, no entanto, se descuidar das outras atividades oferecidas pelo VADL, buscando manter certo equilíbrio e o compromisso de fomentar atividades diversificadas de lazer. Tal como no dia em que, devido ao andamento da atividade, o *Fútbol Callejero* demandou um pouco mais de tempo:

[...] educador Flávio comentou que, no momento que os/as participantes chegaram do futebol já eram 10h23min e que disse ao grupo que haveria pouco tempo, pois a atividade terminaria às 10h30min. As crianças e adolescentes insistiram dizendo que queriam andar de bicicleta ao menos um pouco. Assim, Flávio, em conversa com educadora Hilana, decidiu ampliar o horário de encerramento para 10h40min. Informaram aos/as participantes sobre a ampliação do horário, porém informaram sobre a necessidade de retornarem imediatamente quando fossem chamadas ao final da atividade e o grupo concordou (DC-XIII, 7).

Em alguns momentos, a expectativa por andar de bicicleta comprometeu o desenvolvimento de outras atividades do projeto, afetando até mesmo as atividades que eram selecionadas pelas/os próprios/as participantes, como era o caso da atividade inicial.

Os/as participantes estavam ansiosos/as por andar de bicicleta, pois nem bem chegaram ao clube e já perguntaram: “vai ter bicicleta?”. Tive a impressão de que os/as participantes haviam conversado sobre isso no ônibus, pois o grupo pediu para andar de bicicleta antes mesmo da atividade inicial que é costumeiramente realizada, normalmente uma atividade escolhida pelo grupo na semana anterior, a fim de promover integração e acolhida. Decorrente disso o desenvolvimento da atividade inicial ficou comprometido e durou pouco tempo, pois os/as participantes queriam mudar logo de atividade (DC-XIV, 12).

As atividades propostas pela equipe de educadores/as e aceitas pelos/as participantes, também sofreram influência da expectativa das crianças e adolescentes por andar de bicicleta, inclusive, fazendo com que educadores/as considerassem sobre a ordem das atividades do dia durante as reuniões de planejamento, alterando de antemão a ordem de algumas propostas, a fim de possibilitar melhor desenvolvimento destas, evitando situações como a citada:

Os/as participantes estavam ensaiando para a apresentação do festival “Sons e Movimentos”, porém antes que o ensaio terminasse, muitos/as perguntaram: “Vai ter bicicleta?”. Eu disse que andaríamos de bicicleta logo após o ensaio. Parte do grupo então começou a pedir para mudar para a atividade com bicicletas. Com mais algum tempo de ensaio esse número aumentou com outras pessoas solicitando a mudança de atividade. Diante da situação, as educadoras Pamela e Ana Lia decidiram terminar o ensaio (DC-III, 6).

Para manterem-se na atividade de bicicleta os/as participantes usavam dos mais distintos recursos.

Eu comecei a guardar as bicicletas e o educador Max ficou chamando os/as participantes. Faltavam duas bicicletas para serem guardadas e eu disse a Max que Guga e Oscar ainda não haviam entregado as bicicletas. Max pegou uma bicicleta e foi até o fundo do clube procurá-los. Lá chegando, ele os encontrou escondidos embrenhados com as bicicletas nos arbustos localizados atrás da estátua do Cristo, pois não queriam guardar as bicicletas e quando Max se aproximou para chamá-los eles fugiram e continuaram fugindo de Max toda vez que ele se aproximava [...] Ao final do período, na roda de conversa, educador Flávio retomou o fato e [...], disse a eles que o grupo ficou por mais de dez minutos os esperando, o que fez com que atrasasse a atividade de jogos de tabuleiro, que ao final teve diversas reclamações, pois não foi possível terminar algumas partidas por falta de tempo (DC-IX, 17).

Tais ocasiões também interferiam na rotina do projeto, pois reduzia o tempo disponível para realização das demais atividades planejadas para o dia, as quais também eram

de interesse e eleitas pelos/as participantes. Isso demandou da equipe de educadores/as diálogos e estabelecimento de acordos para evitar que situações como esta se repetissem.

Assim como as demais atividades do projeto, a participação nas vivências com bicicleta era de livre escolha e, embora grande parte das pessoas quisesse participar, nem sempre todas manifestavam o mesmo desejo, isso variava conforme as atividades realizadas e também de acordo com a configuração do grupo de participantes em cada dia, como por exemplo, temos os excertos extraídos de dias em que significativa parte do grupo de crianças e adolescentes era composta por pessoas prioritariamente interessadas na prática do *Fútbol Callejero*.

Na atividade de bicicleta de hoje, das vinte e duas crianças e adolescentes presentes no projeto, onze optaram por realizar a atividade, as demais optaram por jogar *Fútbol Callejero* (DC-VIII, 10).

Das vinte e três crianças e adolescentes presentes neste dia oito quiseram participar, as demais preferiram participar do *Fútbol Callejero* (DC-X, 10).

Em dias como estes a equipe educadora passou a oferecer as atividades citadas simultaneamente, assim cada participante dirigia-se para a aquela de seu interesse e dedicava a ela um pouco mais de tempo.

Além do *Fútbol Callejero*, que era uma das atividades proposta pela equipe de educadores/as, outras coisas influenciavam no interesse das crianças e adolescentes e, eventualmente, fazia com que os/as participantes abandonassem as atividades com bicicleta.

Grande parte dos/as participantes que estavam andando de bicicleta logo parou, algumas ficaram no parquinho. Pudim, Empadinha e Luciane pararam de andar e ficaram sentadas conversando e manuseando seus *smartphones*, às vezes ficavam conversando com Super Mário. Alberto logo deixou a bicicleta com que estava no chão e foi embora sem falar com ninguém (DC-XVI, 14).

O cansaço também contribuía para o abandono da atividade, nesses momentos outras atividades oferecidas se tornavam mais atraentes, ocasionalmente esse cansaço aparentava estar relacionado ao esforço despendido na atividade.

Hulk saiu durante a atividade para jogar bets com o outro grupo e Ibrahimovic comentou que também iria para lá, pois estava cansado. Os garotos estavam pedalando bem rápido para que a garrafa colocada no pneu fizesse um barulho bem forte. Cristiano Ronaldo o incentivou a continuar e ele insistiu dizendo que estava cansado de pedalar. Cristiano Ronaldo argumentou dizendo que era só ele pedalar mais devagar que não cansaria tanto. O garoto então continuou andar de bicicleta com os colegas (DC-IX, 25).

Praticamente todos/as participantes estavam andando de bicicleta, com exceção de Lili que não quis participar desta atividade e optou por um jogo de tabuleiro, o qual jogou com a educadora Joana e que, posteriormente, quase ao final da atividade, teve também a adesão de Maria Joaquina e de Fiorella, que disseram estar cansadas de pedalar (DC-XVIII, 7).

Porém, na maioria das situações, o cansaço expressado refletia muito mais o desinteresse devido à ausência de novidade que a monotonia de circular com a bicicleta, sempre no mesmo espaço, significava para algumas pessoas, tal como segue:

Com pouco tempo de atividade Natália disse que estava cansada e que iria parar. Ela se encaminhou para o lado da biblioteca e sentou-se. Ela ficou lendo um livro da biblioteca. Educadora Olga disse que ela ficou bastante concentrada nessa leitura. Minutos depois, Helena comentou que também queria parar. Perguntei a ela como ela queria pedalar fora do clube se já estava cansada com apenas uma voltinha. Ela respondeu que na rua é diferente porque é mais legal e não fica andando no mesmo lugar (DC-VI, 9).

Ou mesmo decorrente da forma como se desenvolvia a atividade, de modo que isso também influenciava na decisão de algumas pessoas em participar ou não. Como na ocasião em que, brincando de Polícia e Ladrão em bicicleta:

[...] dois meninos não tiveram sucesso em prender as outras pessoas e muitas delas desistiram de andar de bicicleta, tais como: Amora, André, Super Mário e Robinho. Amora e Robinho disseram que a brincadeira estava chata e que queriam brincar de ioiô. Super Mário disse que estava cansada e ficou conversando com Olga próxima a arquibancada do campo de futebol. André também falou que estava cansado, porém concordou com Flávio quando o mesmo perguntou se ele estava assistindo o treino de futebol (DC-IV, 15).

Esse anseio pelo novo é fundamental para o processo de aprendizagem, e questões como as expostas trouxeram novos desafios à equipe educadora, principalmente após a fixação da atividade com bicicleta na programação semanal, pois foi necessário se esforçar para oferecer possibilidades de atividades desafiadoras e motivadoras quando realizadas no espaço restrito do clube. Movimento este também efetuado pelos/as participantes que criavam maneiras diversas para se divertirem com as bicicletas naquele espaço. Desse movimento decorreram processos educativos que culminaram em diversos jogos e brincadeiras que produzidos, reproduzidos, ensinados e aprendidos no projeto, algo expresso por Sofia quando indagada sobre o que foi possível aprender com as atividades com bicicleta, a participante afirma: “eu aprendi várias brincadeiras novas que eu não sabia antes” (RC-I, 13).

Por isso, nessa categoria também ganham destaque as brincadeiras que emergiram como possibilidades de fruição no decorrer das vivências com bicicleta. No contexto das

atividades protagonizadas pelos/as participantes, destacam-se o Polícia e Ladrão em bicicleta, construção de circuito e as disputas de corridas, como podemos notar nos fragmentos dos diários de campo seguintes:

Os/as demais participantes queriam brincar de Polícia e Ladrão em bicicleta, brincadeira esta sugerida por Roberta (DC-IV, 9).

Helena e Cristiano Ronaldo fizeram sugestões de como queriam o circuito, depois de alguma conversa Helena sugeriu que fizéssemos um caracol e Cristiano Ronaldo concordou bastante animado. Apenas Helena nos auxiliou na montagem, pois Cristiano Ronaldo logo saiu para andar de bicicleta com o restante do grupo. Helena estava com dificuldade para montar o caracol, pois não conseguia organizar o material espacialmente de forma a construí-lo. Os educadores Flávio, Max e eu a auxiliamos na montagem. Construímos um grande caracol com cones e elásticos e o dividimos no meio com garrafas PET, assim teriam que entrar por um dos lados, percorrer o caminho até o centro do caracol pela mão direita do caminho e, chegando ao centro, teriam que fazer uma curva bastante fechada e retornar o percurso no sentido inverso para fora do caracol mantendo-se sempre à direita da via construída. Enquanto montávamos o caracol, David Luiz e Frynkin apostavam corrida. Eles partiam de um ponto próximo ao vestiário masculino e avançavam em disputa até o local onde nós estávamos e depois retornavam devagar e reiniciavam a disputa. Cristiano Ronaldo também participou de uma dessas disputas. Neymar ficou pedalando pelo cimentado ao lado dos garotos que apostavam corrida, ele parecia os acompanhar na atividade, porém não participou de nenhuma das corridas, possivelmente porque ainda estava aprendendo a pedalar, necessitando por os pés no chão com frequência (DC-V, 4).

Além das corridas, as disputas de empinar e a colocação de garrafas plásticas amassadas raspando nos pneus para provocar ruídos, também faziam parte do rol de brincadeiras que as crianças e adolescentes lançavam mão para se divertirem com as bicicletas.

Os/as participantes ficaram dando voltas livremente pelo clube, alguns/as apostaram corrida em alguns trechos, outros ficaram empinando a bicicleta (DC-IX, 6).

Enquanto estava acompanhando Gabi que aprendia a pedalar, vi que outras crianças e adolescentes colocaram garrafas presas entre o quadro da bicicleta e o pneu para fazer barulho. Fazia um barulho semelhante ao motor de uma moto e os/as participantes corriam bastante para fazer um barulho forte. Gabi gostou daquilo e também quis colocar (DC-X, 15).

Também fazem parte desta categoria as possibilidades de uso da bicicleta surgidas das ações da equipe educadora, dentre as quais temos brincadeiras como: circuitos de obstáculos, rampa-gangorra e zerinho.

Educador Álvaro e eu fomos para a grande área cimentada que fica em frente à portaria, local onde montamos um circuito de obstáculos com cones, cordas, garrafas PET, elásticos e rampa-gangorra. Com o circuito montado os/as participantes

começaram a circular por ele e a permanecer por mais tempo nessa região, assim os educadores Flávio e Max puderam se aproximar do grupo. Flávio e eu ficamos no Zerinho, ou seja, batendo corda para que as pessoas passassem com as bicicletas sem serem tocadas (DC-VII, 13).



Figura : Participantes em circuitos de obstáculos e na rampa-gangorra (Acervo VADL).

Brincadeiras como Queimada em Bicicleta, Siga o Mestre e Zerinho, além de realizadas individualmente, eventualmente, integravam circuitos elaborados pela equipe educadora conforme fragmentos que seguem.

[...] eu montei o jogo de queimada para bicicleta que Guerreiro havia solicitado no momento que chegou ao clube. Neste dia também montei a rampa-gangorra de bicicletas que fazia tempo que não usávamos, também montei um elástico para passar no caminho de cimentado e a corda para passar com a bicicleta, de modo a formar um grande circuito para aqueles que optassem por passar por todos os obstáculos (DC-XIII, 19).

Educador Flávio desenvolveu com os/as demais participantes uma brincadeira de Siga o Mestre, na qual ele era mestre e buscava circular com a bicicleta por lugares difíceis, procurando desafiar as crianças e adolescentes tecnicamente na condução da bicicleta (DC-IV, 5).

Esse aprender e ensinar, sobre as possibilidades de fruição da bicicleta, foi favorecido pela constante presença dos/as educadores/as nos momentos de brincadeiras com a bicicleta, não apenas orientando as atividades, mas, sobretudo, brincando junto às crianças e adolescentes. Podemos notar isso também nas descrições que tratam da realização de jogos, como queimada em bicicleta e corrida maluca, que também faziam parte do rol de atividades oferecida pela equipe educadora.

Eu iniciei a brincadeira atirando a primeira bola e queimando a primeira criança que passou. Educador Eiri e educadora Maria Luiza também entraram no jogo. No início do jogo algumas crianças e adolescentes não quiseram passar pela área da queimada,

pouco tempo se passou e todas as pessoas estavam passando animadas. Eu também peguei uma bicicleta para participar da atividade e brinquei com o grupo por algum tempo. Maria Luiza e Eiri participaram da atividade, tanto queimando aqueles que passavam quanto tentando passar com a bicicleta e sendo queimados (DC-XII, 20).

[...] organizamos com as crianças e adolescentes a brincadeira da corrida maluca, uma corrida de bicicleta em que ganha a pessoa que chega por último a um ponto determinado, sem voltar para trás e sem pôr os pés no chão durante o percurso. Fizemos várias rodadas da corrida, pois os/as participantes se animaram bastante e quiseram repetir diversas vezes (DC-XIV, 8).

Além dos jogos e brincadeiras, a necessidade de manutenção e mecânica das bicicletas também se apresentou como possibilidade de fruição desde a perspectiva da equipe educadora. Tais atividades, embora tenham despertado o interesse de alguns/as participantes, em um primeiro momento enfrentou resistência, em certa medida, devido ao maior interesse dos participantes pelos jogos, brincadeiras ou simplesmente pelo andar em bicicleta como podemos ver em uma das descrições:

Ainda na roda conversamos sobre a necessidade de limpeza e manutenção das bicicletas que já estavam sendo usadas há bastante tempo e estavam sem qualquer tipo de manutenção. Em um primeiro momento Cristiano Ronaldo disse que não iria limpar as bicicletas. Dissemos que tínhamos que manter as bicicletas funcionando e educador Flávio sugeriu que fizéssemos a limpeza das bicicletas logo no início da atividade. As crianças e adolescentes não gostaram muito da ideia e reclamaram dizendo que assim não iriam andar de bicicleta. Sugeri então que começássemos a andar e depois eu chamaria duas pessoas de cada vez para fazer a limpeza das bicicletas. Argumentei que assim todos poderiam andar e limpar as bicicletas, mesmo porque nós não tínhamos escovas e pincéis para todas as pessoas fazerem a atividade ao mesmo tempo. Os/as participantes concordaram e iniciamos a atividade (DC-XII, 2).

No entanto, com a atividade de manutenção inicialmente mantida pelos/as educadores/as e aberta para quem quisesse participar, despertou a curiosidade e fez com que alguns/as dos/as participantes se aproximassem.

Logo que cheguei com os materiais Cristiano Ronaldo se aproximou e perguntou se ele poderia começar a limpar sua bicicleta. Disse a ele que sim e ele rapidamente convidou Rodolfo, que prontamente o atendeu, acompanhando na atividade (DC-XII, 8).

Thor e Maria Joaquina também se aproximaram interessados em limpar as bicicletas BMX que estavam utilizando. Expliquei o processo e demonstrei um pouco em uma das bicicletas. Ambos fizeram a limpeza rapidamente, pois as bicicletas não possuíam marchas. Também perguntaram se poderiam lavar o restante da bicicleta com o pincel e eu disse que sim e eles foram limpando toda a bicicleta (DC-XII, 10).

Quando a curiosidade pela nova atividade era maior do que a vontade de pedalar ou brincar com a bicicleta pelo clube, alguns/as participantes, com o decorrer da nova vivência, expressaram seu gosto pelas práticas de manutenção e mecânica das bicicletas.

Enquanto limpávamos as bicicletas, Rodolfo e Cristiano Ronaldo disseram que gostavam muito de mexer nas bicicletas e de limpá-las como estavam fazendo. Rodolfo inclusive sugeriu fazer isso todas as semanas. Eu disse a ele que se fizéssemos o que ele sugeriu, nós não teríamos tempo para andar com as bicicletas. Ele então disse que deveríamos ter outro dia da semana para nos reunirmos e fazer a manutenção das bicicletas. Comentei que logo iríamos fazer saídas com as bicicletas e eles ficaram muito animados com a possibilidade (DC-XII, 9).

Essas diversas atividades com bicicleta foi o que, em grande medida, motivou a participação das crianças e adolescentes, tanto que o tempo dedicado a elas foi motivo de preocupação de grande parte do grupo e, em dias que por alguma razão este era reduzido ou não se realizava a atividade, os/as educadores eram interpelados, conforme pode ser observado nos fragmentos que seguem.

As crianças e adolescentes foram chamadas pelo educador Flávio para iniciarem a roda de conversa final, no geral os/as participantes reclamaram da curta duração da atividade de bicicleta neste dia (DC-XIII, 13).

Ronaldo pediu insistentemente para andar de bicicleta, porém em decorrência da chuva não foi possível realizar a atividade neste dia. Diante da impossibilidade de andar de bicicleta MC'Gui reclamou dizendo que estava ficando pela segunda semana sem andar de bicicleta, pois na semana anterior em que ocorreu um passeio externo, e ele havia ficado no clube, não foi realizada a atividade com as crianças e adolescentes que ficaram no clube. Educador Eiri, diante da chuva e do piso molhado em grande parte do clube e da preocupação com o risco de quedas, sugeriu atividades com jogos de tabuleiros e instrumentos musicais aos/as participantes (DC-XXV, 21).

Isso impõe aos/as educadores/as a necessidade de organizarem melhor o tempo dedicado a cada atividade do projeto, bem como levanta algumas questões sobre a não realização das atividades com bicicleta em dias de chuva. Obviamente, essa decisão da equipe educadora baseou-se na redução de riscos de acidentes e de adoecimento, devido à permanência no projeto com as roupas molhadas. No entanto, parte do grupo se dispunha a andar na chuva, algo que, considerando possibilidades de processos educativos voltados à mobilidade por bicicleta, é tão fundamental, pois permite aprender a conduzir na chuva e que é possível utilizar a bicicleta como transporte também nesses dias, desde que devidamente equipado. Esta questão não está resolvida no projeto, mas já faz parte do horizonte da equipe educadora a qual passa a considerar a possibilidade de adquirir capas de chuvas e para-lamas

e/ou simplesmente orientar os/as participantes em trazer uma muda de roupas para troca em dias de chuva, tal como é feito quando os/as participantes fazem uso da piscina, além é claro, de dialogar com familiares.

O interesse manifestado na cobrança pelo tempo das atividades revela a satisfação em participar das atividades com bicicleta, algo também expressado diretamente pelas crianças e adolescentes quando perguntadas sobre a experiência vivenciada no VADL, tal como relata Neymar: “Eu gostei muito de andar de bicicleta aqui no clube. Eu achei muito, muito legal e.... só isso que eu queria falar”(DC-XXV, 15), Rodrigo: “Muito legal” (DC-XXV, 9), Rone: “Foi legal” (DC-XXV, 10) e Moisés para quem a atividade de bicicleta era a preferida por ser “muito legal” (DC-XXV, 14) e por ser “[...] um esporte bastante cansativo que eu gosto muito” (DC-XXV, 1).

Para além da menção da bicicleta como prática esportiva feita por Moisés, a qual inclusive nos permite perceber a grande influência da lógica da esportivização característica do modelo de desenvolvimento capitalista que busca transformar toda prática que envolve atividade física em esporte, orientado à competição e ao consumo de equipamentos específicos, o restante das crianças e adolescentes, quando buscamos compreender a expressão “legal”, frequentemente utilizada nas descrições, citaram brincadeiras em bicicleta realizadas das quais gostaram, bem como situações vivenciadas no decorrer delas que lhes foram aprazíveis. Tal como:

Na roda final, comentando sobre as atividades do dia, Helena nos contou que gostou de brincar de Polícia e Ladrão em bicicleta. Ronaldo também comentou que gostou da bicicleta, afirmou que foi legal, pois conseguiu fugir desviando das outras pessoas na brincadeira de Polícia e Ladrão. Neymar disse ter gostado apenas da atividade com bicicleta, afirmou que gostou dessa atividade porque não foi pego (DC-VI, 13).

Durante a conversa com participantes, Rodrigo revelou: “Eu... Eu gostei do... de um dia que nós fez o quadrado da queimada [...] e a... aquela corrida, aquela corrida maluca” (DC-XXV, 9) e, de modo semelhante, David Luiz afirma ter achado legal “[...] a da corda, quando você batia e a pessoa tinha que passar sem relar na bicicleta ou em você. E da corrida, quem chegava por último ia ganhar” (DP, 3).

Essas falas nos revelam que os momentos de fruição com a bicicleta, nos quais se deram as vivências dos jogos e brincadeiras, tiveram um importante papel no projeto, motivando as crianças e adolescentes a participar e proporcionando situações nas quais vivenciaram conhecimentos relacionados ao universo da bicicleta. Segundo os/as

participantes e suas mães, tais atividades permitiram protagonizarem muitos processos educativos. O aprender a andar de bicicleta é um deles, conforme revela a mãe de Raiane: “Ela aprendeu lá também, porque ela tinha medo de pegar a bicicleta, porque ela caiu umas par de vezes já” (RC-I, 5) e também Sofia: “Eu também aprendi lá no sindicato” (RC-I, 6).

A conquista de conseguir utilizar uma bicicleta considerada grande, e com marchas, também foi lembrada como aprendizado significativo por Rone e David Luiz:

Rone: Gostei muito da bicicleta. Aprendi a andar na bicicleta grande e tô aprendendo muito mais. Foi legal.

David Luiz: aprendeu a usar as marchas

Rone: É aprendi (DC-XXV, 10A) [...]

David Luiz: Eu também aprendi andar de bicicleta grande aqui (DC-XXV, 12).

O uso adequado das marchas também foi relatado como conhecimento adquirido por Sofia: “[...] aprendi mudar as marchas porque eu não sabia antes” (RC-I, 13), bem como algum conhecimento sobre manutenção de bicicleta, conforme indicado por Lili: “Ah! Eu também lembro que como faz pra ver quando o pneu tá furado, que tem que por na água e tal” (RC-II, 32).

As citadas falas nos indicam que, dos momentos de fruição do pedalar vivenciados, decorreram processos educativos referentes à segurança, às técnicas de condução, a elementos técnicos relativos ao funcionamento mecânico da bicicleta. Dentre estas, a questão da utilização do capacete é certamente o elemento que mais aparece nas unidades que compõem esta categoria, pois seu uso é obrigatório no contexto do projeto VADL, sendo assim, é muito comum nos diários trechos em que, no instante de distribuição das bicicletas, alertarmos para a necessidade do uso do capacete, como no exemplo que segue.

Eu disse às crianças e adolescentes que a primeira coisa que deveriam fazer era pegar e colocar os capacetes. O grupo correu para a porta da biblioteca e se enfileirou para pegar os capacetes que a educadora Pamela distribuía. Algumas crianças e adolescentes pediram ajuda para ajustar as cintas de fixação e eu as auxiliei no ajuste (DC-II, 15).

Salientamos que, principalmente com o ingresso de novos/as participantes no projeto, não foram raras as vezes em que se manifestava a resistência ao uso deste equipamento de segurança, como podemos observar:

Diante do grande número de participantes que vinha pela primeira vez ao projeto, foi necessário que os/as educadores/as insistissem na obrigatoriedade do uso de

capacete para participar da atividade, pois muitas crianças e adolescentes disseram que não era necessário usá-lo (DC-VII, 12).

Em dia como esses, por diversas vezes:

[...] foi necessário chamar a atenção dos/as participantes para o uso do capacete, pois principalmente alguns meninos retiravam o capacete ou circulavam com ele com as alças soltas (DC-VII, 15).

No cotidiano das atividades, o uso desse equipamento de segurança passou a fazer parte da rotina, tanto que os/as participantes que tinham maior assiduidade no projeto se organizavam considerando-o.

Os/as participantes que estavam no futebol subiram correndo e, sem que ninguém pedisse, organizaram uma fila para pegar o capacete. Eu pedi a educador Flávio que distribuisse os capacetes enquanto eu destrancava as bicicletas. David Luiz disse que tinha um capacete que era dele e eu expliquei a Flávio que ele referia-se ao capacete vermelho e azul, pois esse estava ajustado para seu tamanho e era o que melhor se encaixava em David Luiz. Flávio então iniciou a distribuição dos capacetes [...] Quando retirei a bicicleta do suporte e a coloquei no solo para que Neymar pegasse ele disse: “Ah! Primeiro tenho que pegar o capacete!”, pois ele havia esquecido. Eu disse a ele que poderia pegar a bicicleta e encostá-la na parede para então ir pegar seu capacete (DC-XXII, 1).

Cristiano Ronaldo montou na bicicleta e quando ia saindo se lembrou do capacete comentou: “esqueci o capacete!” e retornou para pegá-lo (DC-XII, 11).

Aprender a andar de bicicleta esteve entre um dos principais processos educativos decorrente das atividades do projeto, pois foram diversas as crianças e adolescentes que tiveram suas primeiras experimentações com a bicicleta no contexto do VADL, isso permitiu muitos/as participantes a aprenderem andar de bicicleta, como podemos ver nas fotos que seguem:



Figura : Participantes aprendendo a andar em bicicleta com auxílio de educadores (Acervo VADL).

Além do aprendizado das crianças e adolescentes, tais atividades também promoveram processos educativos nos/as educadores/as que se dedicaram a aprender maneiras para facilitar a iniciação ao pedalar e, dentre as possibilidades encontradas pelos/as educadores, está a retirada dos pedais para promover o exercício autônomo do equilíbrio na bicicleta, além de outras estratégias para lidar com os diferentes estágios de aprendizagem apresentados pelos/as participantes, conforme pode ser observado na descrição a seguir:

Quando as crianças e adolescentes saíram para pedalar pelo clube, eu fiquei com Raiane e Gabi, pois ambas estavam aprendendo a pedalar, porém quando iniciamos a prática notei que Raiane havia avançado e já estava conseguindo pedalar sem ajuda. Elogiei o desempenho da garota e parabeneizei-a pela conquista. Sorrindo ela me disse que fui eu quem a havia ensinado a pedalar. Como ela apresentava certa autonomia a orientei para que ela tivesse muito cuidado com a descida e ficasse atenta aos freios, pois ela já sabia andar, mas ainda estava começando. Chamei a educadora Ana Lia que estava pedalando com as crianças e pedi para que ela ficasse atenta e acompanhasse Raiane, principalmente nos trechos de descida. Ana Lia também acompanhou Tabata e Sofia. Sofia possuía maior autonomia e nem sempre ficava por perto de Ana Lia, já Tabata e Raiane sim. Raiane, inclusive pedia para que Ana Lia e Tabata a esperasse quando ficava para trás. De acordo com Ana Lia, Raiane andou bem, embora tenha apresentado alguns desequilíbrios e dificuldades. Enquanto as crianças andavam eu fiquei quase o tempo todo com Gabi a ajudando a aprender a andar de bicicleta. Como ela apresentou muita dificuldade de se equilibrar na semana anterior eu optei por tirar os pedais novamente, para que ela pudesse remar com os pés e praticar apenas o equilíbrio com confiança por conseguir por os pés no chão e não ter que se preocupar com os pedais. Assim a orientei para que embalasse a bicicleta remando com os pés e logo tirasse os pés no chão tentando percorrer o maior trecho possível sem tocá-los no chão. Eu a acompanhava de perto enquanto fazia o exercício. Dessa forma ela deu diversas voltas pelo clube. Quando ela conseguiu percorrer alguns trechos sem apoiar os pés eu recoloquei o pedal e ela foi praticando a partida e a pedalada com meu apoio. Notei que ela apresentou evolução, porém ainda não conseguiu partir e pedalar sozinha (DC-X, 14).

Outras situações que motivaram o afastamento dos/as participantes pelas atividades envolviam o não saber andar em bicicleta, ou melhor, o medo e insegurança envolvidos no aprender, devido ao risco de queda presente no processo. Isso ocorria com crianças pequenas, que estavam acostumadas a andar somente com auxílio de rodinhas.

Enquanto eu conversava com Bianca no parquinho ela me disse que não queria andar de bicicleta e que estava com medo, ela também me contou que havia falado para seu pai e sua mãe que treinou andar com bicicletas sem as rodinhas e eles disseram que era bom (DC-XXV, 20).

E também entre adolescentes:

Anderson estava observando de fora, educador Da Lua e eu o convidamos para participar e ele disse que não queria. Eu disse a Da Lua, em particular, que pegaria uma bicicleta e um capacete e o convidaria para usá-la. Aproximei-me do garoto

com a bicicleta, porém ele não aceitou a proposta. Deixei a bicicleta encostada em uma árvore e continuei no jogo de queimada. Da Lua se aproximou do garoto e insistiu convidando-o para andar de bicicleta. O garoto disse que só conseguia andar em bicicletas tipo BMX, que são menores. Da Lua então o chamou para pegar outra bicicleta, uma BMX, e ambos foram para os fundos do clube. De longe notei que o garoto não conseguia andar na bicicleta mesmo com a ajuda de Da Lua. Ambos se aproximaram de mim com a bicicleta e Da Lua perguntou se teria como abaixar o banco da bicicleta. Eu respondi dizendo que havia me esquecido de levar minha ferramenta pessoal que temos utilizado para soltar o parafuso que fixa o canote e que não poderíamos abaixá-lo. O menino era alto e aparentemente a altura do banco era adequada, porém o garoto aparentava medo de subir na bicicleta. Da Lua voltou com o garoto para guardar a bicicleta [...] Da Lua pegou duas revistas Kappa que possuíam reportagens sobre o Projeto de Educação Ambiental e Lazer PEDAL, grupo que realiza viagens em bicicleta e mostrou ao garoto algumas fotos das ciclovias que estavam nas revistas (DC-XI, 21).

Atenção e sensibilidade da equipe educadora para lidar com essas situações foram fundamentais para auxiliar na superação dessas emoções e proporcionar uma experimentação segura, adequada a cada participante, cuidando para que a experiência fosse positiva e, na medida do possível, agradável, na qual aprender a andar de bicicleta seja uma opção e não obrigação. Nos dois casos anteriormente citados, as pessoas não aprenderam a pedalar, inclusive elas frequentaram muito pouco as atividades do projeto.

Algumas vezes a aproximação do universo da bicicleta se deu por outras vias, como o garoto que gostava de participar das brincadeiras com bicicleta, porém não sabia pedalar:

Ben10 não quis andar de bicicleta. Ele novamente nos informou que não sabia andar e, embora eu tenha o convidado algumas vezes a tentar aprender, ele optou por participar da atividade apenas ajudando a queimar os demais ciclistas que passavam (DC-XIII, 29).

O aprender a pedalar envolvia também o aprimoramento nas habilidades de condução para aquelas pessoas que já sabiam se deslocar com a bicicleta, assim, durante as brincadeiras nos circuitos de obstáculos, aspectos importantes para a condução da bicicleta eram abordados com aquelas crianças e adolescentes que apresentavam alguma dificuldade, mas que desafiados insistiam nas tentativas. Um exemplo disso está expresso no fragmento que segue, o qual trata da dificuldade enfrentada em fazer as curvas fechadas sem se chocar com as garrafas PET e elásticos que o delimitavam.

Lili e Helena normalmente paravam a bicicleta antes que se chocassem com as garrafas ou mesmo com os elásticos que delimitavam o labirinto. Helena tinha dificuldades para passar na curva mais fechada do labirinto sem por os pés no chão e eu notei seu esforço em uma das passagens. Quando ela saiu do labirinto eu disse que se ela abrisse mais a curva logo no começo, passando perto do elástico do lado oposto ao que ela iria virar, ficaria mais fácil completar a curva. Comentei também que o uso dos freios e do pedal poderia ajudá-la a manter-se equilibrada enquanto

fazia a curva, diminuindo a necessidade de por o pé no chão. Posteriormente, após algumas tentativas, pude observá-la fazendo a curva sem ter que colocar o pé no chão. Algo parecido ocorreu com Lili, a quem também dei orientações semelhantes (DC-III, 4).

Mesmo obstáculos de grande dificuldade técnica, como o caracol elaborado segundo o interesse dos/as participantes, eram insistentemente percorridos e desafiavam inclusive os/as educadores/as.

Os/as participantes aceitaram manter o desafio e, uma a uma, foram fazendo suas tentativas de passar pelo caracol, porém todos/as, inclusive o educador Max, tiveram que colocar o pé no chão em algum momento. Eu então comentei que, para fazer as curvas fechadas, precisávamos controlar a velocidade da bicicleta, fazer as curvas bem abertas, passando rente ao elástico que delimitava o lado externo do caracol. [...] Mais uma rodada de tentativas se passou e novamente todos necessitaram, em algum momento, colocar o pé no chão. Eu então peguei algumas vagens de semente que haviam caídas pelo local e coloquei para marcar os pontos pelos quais a roda dianteira da bicicleta teria que se aproximar para que [...] conseguissem efetuar a curva sem tocar nos obstáculos. Com esse auxílio Cristiano Ronaldo, Frynkin e David Luiz quase conseguiram passar com sucesso logo na primeira tentativa, e com mais uma ou duas tentativas todos eles já estavam passando perfeitamente pelo obstáculo (DC-V, 5).

Outras brincadeiras proporcionavam também esse tipo de processo educativo, tal como o Siga o Mestre, que desafiava os/as participantes a conduzir a bicicleta em diferentes situações e possibilitava o diálogo entre os/as educadores/as e as crianças e adolescentes sobre o tema.

Durante o Siga o Mestre, educador Flávio passou pela área da lanchonete ziguezagueando entre os pilares e algumas mesas, bem como desceu a rampa que dá acesso ao campo de futebol e desafiou os/as participantes a pedalamem em cima da linha que demarca a lateral do campo desde o escanteio até a trave do gol. Depois ele retornou e em velocidade desafiou o grupo a subir a rampa só com o impulso, sem pedalar durante a subida de rampa [...] Flávio seguiu e fez uma volta pelo clube fazendo zig-zag em diversas árvores [...] Depois disso, Flávio continuou com o grupo até a quadra de areia que fica próxima à lanchonete e lá ele atravessou a areia com a bicicleta e o grupo o seguiu. Os/as participantes não conseguiram percorrer pedalamem toda a extensão da quadra devido à dificuldade imposta pela areia. Após diversas tentativas apenas Frynkin conseguiu atravessar a quadra inteira. Educador Flávio reuniu os/as participantes e perguntou se tinham percebido alguma diferença e algumas pessoas disseram que na areia era muito mais difícil do que na grama ou no cimento. Frynkin falou que é preciso uma técnica muito maior para andar na areia, falou que é preciso jogar o pneu contra a areia para retirar um pouco dela do caminho e para manter o equilíbrio da bicicleta. Flávio explicou sobre a presença maior e menor de atrito nos diferentes solos e por isso a dificuldade ou facilidade de andar neles (DC-IV, 5).

A passagem pela rampa-gangorra também gerou experimentações que chamaram a atenção dos/as participantes, tais como saltos com a bicicleta. Nesses momentos fizeram-se

necessárias orientações sobre a maneira de saltar rampas, minimizando os riscos de quedas e acidentes, porém mantendo o divertimento da atividade.

Durante a atividade, ao ver Sardinha pulando a Rampa-Gangorra, eu modifiquei a montagem desta deixando-a como uma rampa fixa para que Sardinha pudesse pular. Com isso outras pessoas se interessaram pela rampa. Sofia, Dudu, Guerreiro e MC'Gui começaram a passar pela rampa e fizeram isso por ela diversas vezes. Observando as passagens delas, orientei Sofia, Dudu e MC'Gui, sobre a forma adequada de pular a rampa, ou seja, com o peso do corpo nos pedais, como se estivesse de pé, mas sem necessariamente ficar de pé. Comentei com eles que passar pela rampa estando sentado no banco pode fazer perder o equilíbrio e escapar os pés dos pedais ao pular a rampa, pois, o impacto com o solo, pode nos fazer saltar do banco se estivermos nele apoiado. As crianças e adolescentes começaram a experimentar a rampa conforme a orientação e eu as motivava comentando suas passagens (DC-XIII, 28).



Figura : Participantes passando pela rampa fixa (Acervo VADL).

A utilização das bicicletas com marchas durante as brincadeiras promoveu a curiosidade dos/as participantes sobre o tema, por isso, as ocasiões em que foi abordada a questão do uso adequado das marchas também foram frequentes nas atividades do projeto, conforme podemos observar no excerto a seguir:

Valmir se aproximou e disse que as marchas de sua bicicleta ficavam mudando sozinhas. Eu observei-a e disse ao menino que ele estava utilizando as marchas com a corrente cruzada e lhe expliquei, apontando para os componentes da bicicleta, que não é aconselhado utilizar a coroa 3, que é a maior, com os pinhões 1, 2, 3 e 4 da catraca, que são os maiores, assim como não é recomendado usar a coroa 1 com os pinhões 6, 7, 8 e 9. Comentei também que a coroa 2 deve ser usada com os pinhões 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, evitando os últimos localizados em ambas extremidades. Eu disse a ele que utilizar a corrente daquele modo compromete o funcionamento do câmbio e também desgasta a corrente mais rapidamente. Eu fiz a mudança das marchas explicando ao garoto. Valmir pegou a bicicleta e saiu andando novamente e, pouco tempo depois, gritou de longe avisando que a bicicleta estava boa (DC-II, 8).

A obtenção de conhecimentos sobre o uso das marchas, bem como sobre outras questões relacionadas à bicicleta não se restringia apenas às crianças e adolescentes, pois os/as educadores/as também protagonizaram situações de aprendizagens relativas a esse tema.

Perguntei às crianças e adolescentes se sabiam utilizar corretamente as marchas e me responderam que sim, mas as educadoras Ana Lia e Pamela disseram não saber. Perguntei então se sabiam quais combinações de marcha poderiam ser usadas, Helena, Pietra e Lili responderam que não, acompanhadas pelas educadoras Pamela e Ana Lia que também disseram não conhecer. Peguei a bicicleta que estava com Lili para usar de exemplo e mostrei as coroas dianteiras mostrando que são três e o cassete, na roda traseira, mostrando os nove pinhões que o compõe, assim demonstrei as combinações adequadas. Pamela comentou que nunca tinham feito isso em suas bicicletas, e que simplesmente iam mudando as marchas (DC-III, 3).

Alguns incidentes também serviram como processo educativo, uma ocorrência significativa se deu em um dia que havia chovido antes do início das atividades, no qual o piso molhado proporcionou novas experiências, servindo, inclusive, para fortalecer os alertas feitos pelos/as educadores/as nos instantes que antecederam a atividade.

Primeiro chegaram educador Merlau, Emília e Marli. Logo depois Mauro e eu. Por último vieram David Luiz e Frynkin, ambos em alta velocidade, em direção a nós. David Luiz freou com bastante antecedência e parou logo que chegou. Já Frynkin fez uma frenagem brusca e a bicicleta seguiu deslizando pela grama até chegar ao piso cimentado da área coberta em que estávamos. Nesse momento a roda dianteira ganhou aderência e parou repentinamente a bicicleta projetando o garoto à frente. Eu estava bem próximo e o auxiliiei nesse momento evitando que ele caísse. O garoto ficou um pouco sem graça e assustado, mas não se machucou. Chamamos a atenção dele e dissemos a ele que poderia ter machucado alguém, pois havia diversas pessoas no local. Aproveitamos o exemplo para lembrar a todos que já havíamos falado sobre a necessidade de cuidado com a grama molhada e mesmo outros pisos molhados. Comentei que realizar uma frenagem como aquela na rua em um dia de chuva poderia provocar um acidente com a bicicleta acertando a traseira de um carro ou coisa parecida, podendo machucar gravemente (DC-VII, 7).

Assim como a ocasião citada, outros pequenos acidentes também compõem o processo de aprendizado do uso da bicicleta, tal como a ocasião em que:

Ronaldinho, ao tentar subir na calçada com a bicicleta, o fez com a bicicleta quase em paralelo com a calçada, o que fez os pneus derraparem e a bicicleta cair [...] notei que não havia sido grave, porém o menino estava com um leve arranhão no cotovelo. Acalmei o garoto e o levei até uma torneira para lavar o ferimento. Ele parou de chorar, lavou o ferimento e assim que terminou pegou a bicicleta novamente para andar. Antes que ele saísse, eu o chamei e disse que iria explicar porque ele havia caído. Assim levei a bicicleta dele até uma calçada semelhante a que ele havia caído e demonstrei o ocorrido. Depois expliquei a ele como ele deveria fazer quando quisesse subir calçadas. Disse que tinha que tocar a calçada com a bicicleta de frente, pois de lado o pneu derrapa e faz perder o equilíbrio. Ele montou na bicicleta, subiu a calçada da forma por mim recomendada e continuou a andar pelo clube (DC-XI, 8).

Além dos aprendizados referentes à condução da bicicleta, estas situações também serviram como exemplos concretos que permitiam à equipe de educadores/as afirmar a importância do uso dos equipamentos de segurança frente os/as participantes.

Em uma das tentativas de subir a rampa, Mauro caiu, pois não conseguiu apoiar o pé no chão quando a bicicleta parou na subida, felizmente não se feriu gravemente, teve apenas uns arranhões no cotovelo. Eu e as meninas que estavam comigo no final da subida socorremos o garoto. O garoto foi lavar o arranhão e retornou em seguida. Comentei com ele que foi importante ele estar com capacete e mostrei o capacete que ele estava usando no momento da queda indicando que havia um ralado na parte de trás, local em que este bateu no chão no momento da queda (DC-VIII, 7).

Dentre os processos educativos observados, também estão os momentos que revelaram a ocorrência de aprendizados relativos à mecânica e manutenção de bicicletas, como aquelas nas quais era necessário realizar ajustes como altura dos bancos ou calibragens dos pneus e que possibilitaram a ampliação de conhecimento, tanto dos/as participantes como dos/as educadores/as.

Continuei auxiliando Robson a encher os pneus e expliquei a ele como utilizar a bomba [...] ele encheu os pneus, mas ao final de cada um pediu minha ajuda, pois ficava com os braços cansados. A educadora Joana também não sabia utilizar a bomba e ficou observando, posteriormente ela auxiliou Maria Joaquina, quando esta trouxe a bicicleta para calibrar os pneus (DC-XVIII, 7).

As situações de trabalho de manutenção e reparo nas bicicletas recebidas como doação também fizeram parte das situações de aprendizagem vivenciadas, tal como segue:

Educador Da Lua e eu iniciamos o reparo de uma bicicleta vermelha [...] Ao observar-nos mexendo nas bicicletas, Sardinha, que estava pedalando juntamente com os/as demais participantes, se aproximou, desceu da bicicleta e pediu para nos ajudar. Da Lua desmontou as rodas e Sardinha perguntou se iríamos trocar os pneus [...] Então solicitei a Sardinha que transferisse o pneu e câmara de ar para a citada roda [...] Caca e Rivaldo também se aproximaram e auxiliaram no enchimento dos pneus e também passando ferramentas e segurando componentes no processo de montagem. Vinicius me ajudou na retirada e desmontagem dos manetes e mudadores de um guidão para colocarmos na bicicleta que estávamos montando. [...] Sardinha a instalou na nova roda, colocou os espaçadores e as porcas do eixo. Da Lua montou a roda na bicicleta [...] As crianças e adolescentes me ajudaram a recolher as ferramentas e a guardar as peças que sobraram ou não foram utilizadas (DC-XVIII, 16).

Finalizando esta categoria temos também fragmentos que expressam a reação das pessoas externas ao projeto quando viam o grupo de crianças e adolescentes acompanhado por educadores/as andando de bicicleta pelas ruas da região, em certa medida, as descrições

apresentadas a seguir reverberam uma imagem positiva da bicicleta entre aqueles e aquelas que cruzaram com o grupo e se manifestaram.

Na saída do campus, uma moça com um bebê no colo parou o educador Da Lua quando saímos da USP e perguntou como funcionava o projeto e quem poderia participar. Da Lua explicou brevemente e a moça disse que tinha um filho de nove anos. Ela se mostrou interessada e perguntou onde ocorria, educador Da Lua respondeu, ela mostrou-se positivamente surpresa pela proximidade e disse que achava uma beleza o projeto (DC-XXIII, 35).

Seguimos para o clube e quando entramos no bosque um homem de bicicleta que também passava pelo bosque, aparentemente retornando do trabalho, disse em voz alta: “Bom treino para as crianças!”. Pouco tempo depois, no momento em que íamos entrar na viela que dá acesso a rua da portaria do clube, duas senhoras que saíam da viela comentaram uma com a outra: “Olha que bonitinhos!” e a outra comentou “Que fofinhos!”, referindo-se ao grupo de crianças e adolescentes pedalando equipadas e em grupo (DC-XXVI, 28).

Essa imagem positiva também reverberou na ocasião das rodas de conversas realizadas com as crianças, adolescentes e familiares, pois ao ver as fotos dos/as participantes nas atividades com bicicletas apresentadas, as pessoas mostraram-se contentes. A mãe de Sofia, por exemplo, comentou: “Tudo que as criança gosta!” (RC-I, 1), bem como a mãe de Robinho e Lupita que disse: “Ela é a que mais quer voltar para o projeto...” e seu filho Robinho complementou: “Eu quero! Eu quero!” (RC-I, 9). Raiane também demonstrou interesse em voltar ao projeto VADL, decorrente disso, nessa ocasião, estabeleceram-se diálogos que tratavam do retorno das pessoas interessadas ao projeto e, após a realização das rodas de conversa, seis participantes retomaram a participação.

B) A branca é minha! Aprendendo a dividir

Esta categoria tem a bicicleta como pano de fundo na maioria das unidades de significado que a compõe, ou seja, a bicicleta apresenta-se aqui como elemento coadjuvante, ponto de encontro de diferentes motivações e interesses, revelando sentidos e significados a ela atribuídos, bem como conflitos, consensos e partilhas inerentes às relações de convivência que se estabelecem entre as pessoas e que, em nosso caso, ocorreram em ocasiões relacionadas ao seu uso.

Aprender a dividir foi o sentido expresso por uma das participantes do projeto às ocasiões em que foi necessário compartilhar o uso das bicicletas nas atividades, quando a quantidade de participantes excedia a de equipamentos. Durante a roda de conversa, ao questionar sobre como foi participar das atividades com bicicleta no projeto, Lili em uma de suas falas expressou: “Eu acho que também que... ajudou a dividir também, porque tem vezes

que vem mais gente e tem menos bicicletas e vocês falam assim: Vai lá, você vai dividir com essa tal pessoa, você dá uma volta e você troca com ela” e sua mãe, resumindo o sentido da fala da filha, complementa: “Aprender a dividir, né?” e Lili confirma dizendo: “É!” (RC-II, 14).

Por isso iniciaremos a apresentação dessa categoria por esses momentos que tiveram presença constante no dia a dia do projeto, tanto que a primeira frase que a intitula foi repetida muitas vezes e manifestava a preferência da maioria dos/as participantes por determinado tipo de bicicleta que, de modo geral, tinha como foco as bicicletas brancas que eram mais novas, possuíam garfo dianteiro com suspensão e, em certa medida, sua aparência era mais atrativa e seus componentes eram de melhor qualidade. Nesse contexto, era comum, às pessoas que ficavam responsáveis por organizar essa distribuição, ouvir a afirmação “a branca é minha!” ou outras que carregavam sentido semelhante, tal como podemos observar:

As crianças e adolescentes solicitavam as bicicletas brancas, todas aglomeradas ao redor da gaiola de aço que as armazenava dizendo: “*a branca é minha!*” ou “eu vou usar a branca!”. Comentei que haveria bicicletas para todas, sendo necessário apenas distribuir adequadamente pelo tamanho. Ronaldo entrou na frente das pessoas e disse que iria usar a bicicleta branca de tamanho 17, nas palavras dele: “aquela rebaixadinha!”. Como só tinham três bicicletas daquele tipo e havia duas meninas e um menino com estatura menor que Ronaldo, solicitei a ele que usasse a de tamanho 19, pois ele conseguiria andar e assim sobrariam as outras três para os colegas menores. Ele reclamou e disse que iria usar aquela mesmo. Eu então disse a ele que se ele insistisse em usar aquela bicicleta teríamos então que fazer um sorteio da bicicleta entre os quatro interessados e ver quem ficaria com ela. Expliquei que se ele utilizasse a 17, um dos três colegas iria ficar sem bicicleta, pois nenhum deles conseguiria usar a 19. Ele então aceitou utilizar a bicicleta de tamanho 19, resolvendo o problema de distribuição das bicicletas (DC-VIII, 12)⁷⁸.

Como é possível notar no trecho anteriormente citado, o tamanho tem importante influência na escolha da bicicleta adequada e, embora inicialmente não fosse uma preocupação para as crianças e adolescentes, com o tempo elas foram notando as diferenças e reconhecendo a necessidade de se utilizar a bicicleta com tamanho adequado à estatura, e tal critério também passou a ser considerado pelos/as participantes.

A diferença de aparência, estilo e qualidade das bicicletas mostrou-se bastante relevante para os/as participantes, pois situações como a anteriormente citada ocorreram muitas vezes. Inclusive, algumas crianças desistiam de participar da atividade quando, por algum motivo, não utilizavam a bicicleta que desejavam. Essas situações em que participantes

⁷⁸ Os tamanhos indicados tratam da dimensão do quadro da bicicleta, a numeração 17, 19 ou 21, expressa em polegadas, refere-se à medida do comprimento do tubo do quadro no qual é inserido o suporte do selim. Essa dimensão, se maior do que a adequada ao comprimento do cavalo da pessoa que a utiliza, fará com que esta choque a pelve contra o tubo superior do quadro nas ocasiões em que necessitar apoiar os pés no solo.

abandonaram a atividade estão compreendidas como divergência nesta categoria que, como vimos, se orienta ao aprender a dividir.

Ibrahimovic, que foi um dos últimos a chegar do futebol, queria uma bicicleta branca, porém todas estavam ocupadas. Ofereci outra e ele não quis, decidi esperar. Pouco tempo depois ele foi falar com educador Flávio que o alertou que o tempo da atividade estava acabando e o garoto desistiu de participar (DC-XIII, 12d).

Essa preferência pelas bicicletas brancas também se manifestou na reclamação de alguns participantes que, na ocasião da realização de um passeio ciclístico, tiveram que ficar nas dependências do clube e andar por lá com as bicicletas que não seriam utilizadas no passeio, do qual não puderam participar, pois não possuíam autorização devido ao recente reingresso ao projeto.

As crianças e adolescentes que faziam o passeio, bem como algumas recém-chegadas ao projeto que não sabiam que o passeio era restrito, ao me verem retirando as bicicletas da gaiola, se deslocaram da atividade de *slackline*, se aproximaram de mim e começaram a escolher bicicletas, dizendo quais queriam usar, alguns, inclusive, foram pegando e segurando as bicicletas para tentar garantir a posse. Educador Da Lua chamou a atenção do grupo dizendo que deveriam esperar que as chamássemos, pois ainda estávamos organizando as coisas para a saída [...] Comentei também que as bicicletas seriam distribuídas levando em consideração o tamanho, dando prioridade às pessoas do grupo com menor estatura. Os/as participantes retornaram para o *slackline*, com exceção de Anselmo, Claudemir e Ronaldinho Gaúcho que se sentaram nas cadeiras e ficaram observando. Enquanto eu retirava o restante das bicicletas, Ronaldinho Gaúcho perguntou se iríamos usar todas as bicicletas. Comentei que usaríamos quase todas, pois sairíamos em 11 pessoas, sendo 9 participantes e 3 educadores. Ele contou as bicicletas brancas que totalizaram onze e disse: “então vocês vão usar todas!” Eu respondi dizendo que ficariam as bicicletas grandes mais antigas e também as duas BMX e as infantis. Ele disse então que iria andar com a BMX. Anselmo reclamou dizendo: “Não vai ter bicicleta pra gente andar!” Respondi dizendo que teria apenas algumas, mas eles poderiam andar. Ele disse que queria andar nas bicicletas brancas que eram novas. Comentei que naquele dia ele não poderia andar nas bicicletas brancas, pois o passeio já havia sido combinado anteriormente e era prioridade (DC-XIX, 29).

A valorização era tal que as demais bicicletas, mesmo estando disponíveis, pareciam não existir. No entanto, é necessário ressaltar que a valorização dessas bicicletas, devido à qualidade de seus componentes, também se manifestava nas ações dos/as educadores/as, pois durante as atividades as utilizavam quando estavam disponíveis e, nas ocasiões de passeio ciclístico, priorizavam o uso dessas bicicletas visando garantir que os/as participantes tivessem uma experiência positiva com a bicicleta, pois essa diferença de qualidade poderia impactar diretamente tanto no conforto, quanto no esforço necessário para o deslocamento do ciclista, principalmente quando este envolve maiores distâncias.

Essa valorização da qualidade por parte dos/as educadores, em determinada situação, desconsiderou que o tamanho adequado, além da estatura, deve levar em conta aspectos pessoais relacionados a conforto, habilidade e segurança.

Quando fui entregar a autorização a Maria Joaquina, ela, com semblante fechado, disse que não queria ir ao passeio. Achei estranha tal postura, pois ela sempre aparentou gostar de participar dos passeios. Questionei-a sobre o motivo e ela me disse que não queria ir porque achou que o educador Da Lua iria ficar bravo devido a ela preferir usar a bicicleta BMX, menor que as outras e sem marcha. Eu disse a ela que ele não ficaria bravo e que ela poderia ficar tranquila quanto a isso. Expliquei que Da Lua tem insistido com ela para usar as bicicletas brancas e maiores, por estas terem marchas, o que facilita nos deslocamentos com maiores distâncias, o que fica difícil e, em alguma medida, impossibilitado com o uso das bicicletas BMX sem marchas. Disse que ela poderia ficar tranquila e utilizar a BMX até que se sentisse segura em sair com a bicicleta branca, mas comentei que seria importante ela treinar algumas vezes utilizando a bicicleta branca quando estivesse andando no clube. Ela então entendeu, deu um sorriso, e pegou a folha com a autorização para levar para a mãe assinar (DC-XXII, 7).

Assim, a diferença de tamanho foi fator determinante para a escolha e uso, pois a bicicleta de tamanho inadequado quando não impossibilitava a participação, gerava insegurança, medo, desconforto ou risco de acidente. Este último foi mais eminente nas situações em que crianças queriam utilizar bicicleta maior do que o adequado à sua estatura, muitas delas, inclusive, conseguiam fazê-lo com grande sucesso, porém isso exigiu que educadores/as aprendessem a lidar com essas situações, atentando-se aos limites entre a experimentação e a promoção da segurança.

Os irmãos MC'Gui e Romário queriam a mesma bicicleta, porém como MC'Gui já havia sido quem tinha chegado primeiro, já estava com a BMX azul que lhe foi entregue pelo educador Da Lua e Romário ficou chateado. Da Lua ofereceu duas outras bicicletas de tamanhos semelhantes, mas o garoto não quis. Da Lua conversou com MC'Gui para verificar se ele aceitava trocar de bicicleta e ele não quis. Diante do impasse Romário acabou aceitando a bicicleta aro vinte de cor verde e saiu andando com ela. Logo notei que ele estava com dificuldades para andar naquela bicicleta, inclusive trombou com seu outro irmão Guerreiro, pois não conseguiu acionar os manetes de freio. Sugeri que pegasse uma bicicleta infantil, o menino insistiu que queria usar a que estava com o irmão e eu disse a ele que ele não estava conseguindo andar naquela bicicleta que era menor, seria muito perigoso ele andar na BMX que era de tamanho ainda maior. Insisti para que ele usasse uma das infantis e por fim o garoto aceitou. Ele se deslocou com muito mais desenvoltura com essa bicicleta menor, embora ainda fosse um pouco menor que o adequado à sua altura (DC-XXII, 18).

A bicicleta carrega sentidos e significados distintos, que variam de acordo com sua aparência e modelo, e muitas vezes vão além do seu valor de uso, pois mesmo que, em certa

medida, sua função principal fique comprometida, ela expressa diferentes sentidos, dependendo de seu estilo.

Em conversa durante o passeio na USP, Sardinha disse orgulhoso que possuía uma bicicleta rebaixada. Perguntei se não era ruim pedalar na subida com ela e ele disse que nas subidas ele sempre a empurrava. Eu comentei que outro dia havia visto um rapaz passar uma lombada com uma bicicleta rebaixada e que ele quase havia caído, pois o pedal havia prendido no chão. Sardinha disse que é preciso tomar cuidado, pois nas lombadas o pedal pode pegar no chão. Ele disse que a bicicleta dele é uma Ceci com suspensão rebaixada e quadro modificado (DC-XVII, 31).

Além da função principal relacionada ao deslocamento, o objeto bicicleta tem a ele atribuído outros valores. Assim, do mesmo modo que era comum entre os/as participantes menores querer utilizar bicicletas maiores do que o aparentemente adequado, adolescentes com estatura e habilidade que permitiam o uso de tamanhos maiores optavam preferencialmente por bicicletas com quadros menores e com bancos mais baixos, aparentemente, o interesse por bicicletas rebaixadas direcionava a preferência para as bicicletas brancas com quadros de tamanho 17. O rebaixamento é uma prática ilegal, porém bastante comum na preparação automotiva, contexto no qual os carros mais admirados são aqueles que possuem menor o espaço entre o assoalho do automóvel e o solo. Esses e outros valores atribuídos às bicicletas dirigem a intencionalidade dos/as participantes no momento da escolha, por isso, estar de posse da bicicleta que refletia seus desejos e interesses era motivo de grande satisfação entre as crianças e adolescentes, tanto que gostavam de exibirem-se nelas.

Quando um grupo de meninas retornava com as bicicletas para guardá-las, antes que subissem a rampa perguntaram para mim se poderiam dar a volta no campo de futebol. Eu respondi dizendo que não era permitido andar pelo campo. Elas insistiram e perguntaram se não poderiam andar pela lateral do campo. Eu disse que o campo estava sendo usado pelo pessoal do futebol e por isso não poderiam passar pela lateral. Uma das garotas respondeu: “Eu sei. É que nós queremos passar lá para desfilar com as bicicletas!” (DC-VIII, 9).

Todos estes fatores que orientaram as preferências pessoais dos/as participantes, conseqüentemente também influenciaram na dinâmica de distribuição de bicicletas, isso ocorria de modo diferente a cada dia, pois o número de participantes, as pessoas que participavam, bem como os interesses mudavam de uma ocasião para outra. Até mesmo a cor rosa de duas das bicicletas infantis tiveram profundos efeitos nesses momentos, pois os meninos, inicialmente, se recusavam a utilizá-las. Por isso, em muitas ocasiões, distribuir as

bicicletas entre os/as participantes revelou-se uma complexa tarefa, como revela o trecho a seguir:

Logo após as crianças e adolescentes pegarem o capacete, elas retornavam para perto da gaiola de bicicletas e falavam “a branca é minha!”, “eu vou ficar com a branca!” tentando garantir a bicicleta de preferência. Diante do tumulto, eu também não conseguia acessar a porta da gaiola de bicicletas, por isso solicitei que o grupo se sentasse nas cadeiras e, aos poucos, as pessoas foram se afastando da gaiola. Eu disse que antes de iniciar a atividade com bicicletas seria necessário combinar algumas coisas. Informei que não havia uma bicicleta para cada participante e que para realizar a atividade seria preciso fazer um revezamento das bicicletas entre as pessoas. A notícia não foi muito bem recebida e algumas pessoas reclamaram. Eu comentei que não havia bicicletas suficientes para o número de pessoas e o revezamento teria que ser realizado por algumas pessoas para que todos pudessem andar de bicicleta. Comentei que deveríamos considerar a estatura e a preferência de cada um, e fazer um revezamento quando mais de uma pessoa quisesse a mesma bicicleta ou necessitasse usar a mesma pela compatibilidade de tamanho. [...] Então retirei a primeira bicicleta infantil que era rosa e Amora disse que andaria nela, na sequência retirei a de cor amarela e Robinho e Bira disseram querer a mesma bicicleta. Diante desse impasse eu disse que então eles teriam que revezar o uso dela dando uma volta no clube cada um. Frente a essa informação Bira reclamou dizendo que queria andar naquela. Eu esclareci que ele iria andar nela, porém que ele deveria revezar com Robinho. Nenhum dos dois queria usar a outra bicicleta que também era rosa. Frente ao impasse e a insatisfação dos dois em revezar uma bicicleta eu sugeri que eles iniciassem a atividade um andando na rosa e outro na amarela e a cada volta eles fariam a troca de bicicletas, de modo que não precisariam ficar esperando o revezamento sem andar de bicicleta. Ambos, demonstrando insatisfação, concordaram com a proposta [...] Na sequência retirei as duas bicicletas mais antigas e perguntei se alguma criança gostaria de utilizá-las e nenhuma das crianças demonstrou interesse [...] Continuei o processo de distribuição e iniciei a retirada das bicicletas brancas novas, com uma Soul tamanho 17 e diversos/as participantes quiseram utilizá-la. Eu então, analisando a estatura das pessoas do grupo, entreguei para Diego e disse a ele que revezaria com Mel que também queria aquela bicicleta, pois possuíam estatura similar. Embora não tenham se mostrado muito satisfeitos, ambos concordaram em revezar. [...] Outra bicicleta que necessitava de revezamento era outra Soul tamanho 17 e eu sugeri que Elias revezasse com Roberta, porém diante da necessidade de revezamento Elias demonstrou irritação retirando o capacete e dizendo: “Então eu não vou mais andar!”. Ele deixou o capacete sobre a mesa e sentou-se em uma das cadeiras com os braços cruzados. Confirmei com o garoto se realmente ele não iria mais querer andar de bicicleta e ele respondeu novamente que não. Assim Roberta ficou com a bicicleta para seu uso. Depois disso não foi mais necessário revezar as bicicletas restantes, assim eu distribuí as demais bicicletas uma para cada participante [...] Elias reclamou comigo que só não tinha bicicleta para ele. Eu lembrei ao garoto que ele havia me dito que não iria mais andar de bicicleta. Ele sentou-se novamente em uma das cadeiras e disse que ele não iria mais andar mesmo. Eu disse a ele que poderia andar, porém teria que revezar com alguém, mas o garoto, irritado, saiu andando em direção ao campo de futebol (DC-II, 16).

As situações complexas como a anterior foram fonte de processos educativos para os/as participantes, pois com o tempo esses momentos foram tendo menor impacto na dinâmica do projeto, tanto que a citação anterior foi extraída de um dos primeiros diários de campo e, se observarmos outros trechos transcritos no decorrer desta categoria, notaremos mudança na conduta dos/as participantes nesses momentos.



Figura : Bicicletas armazenadas na gaiola e participantes aguardando a distribuição (Acervo VADL).

Além das crianças, a equipe educadora também vivenciou processos educativos relacionados à condução e organização desses momentos de distribuição, pois eles demandavam dos/as educadores/as muita atenção e cuidado, porque os descontentamentos e/ou contentamentos ocasionados nessas ocasiões tinham reflexos, inclusive, nas dinâmicas do restante das atividades realizadas no dia. Diante dessas dificuldades, os/as educadores foram elaborando estratégias para organizar esse compartilhamento. Como foi possível notar, em dias em que havia grande número de crianças e adolescentes participando, eram feitos esquemas de revezamento, porém estes não eram bem recebidos por parte dos/as participantes, o que influenciava no andamento da atividade, ocasionado inclusive o abandono dela.

Sérgio saiu da atividade quando um dos educadores chamou sua atenção dizendo que ele era muito grande para estar utilizando a bicicleta infantil, o garoto não quis aguardar o revezamento que estava acontecendo com as bicicletas maiores e decidiu ir para o treino de futebol que acontecia no campo. Francisco também saiu da atividade quando deu o horário do treino, assim como Cristiano Ronaldo. Quase ao final da atividade com bicicletas Rosângela, Regina, Juliana e Drica foram também para atividade de massinha. Aparentemente, o grande número de participantes e a necessidade de revezamento desmotivou parte do grupo em continuar com a bicicleta, principalmente diante de outras opções de atividade (DC-VI, 19d).

Aprender a dividir não é uma tarefa fácil, isso exigia bastante atenção dos/as educadores/as no cumprimento dos combinados, um exemplo disso pode ser observado em um dia em que o revezamento das bicicletas foi combinado em um determinado local, por onde os/as participantes passariam após cada volta completa no clube, porém mesmo com esse combinado:

Em alguma medida o revezamento foi prejudicado pelos/as participantes que fugiram para não fazer a troca das bicicletas [...] durante a atividade diversas crianças e adolescentes permaneceram andando com a bicicleta no fundo do clube para evitar o revezamento que estava sendo feito conforme passavam perto da portaria. Cristiano Ronaldo passou a bicicleta para outra criança e logo em seguida ficou insistentemente questionando os educadores Leandro e Flávio e reclamando que a vez dele pegar a bicicleta estava demorando muito, por isso os educadores ficaram atentos principalmente ao revezamento procurando manter equitativa a distribuição do tempo na bicicleta entre os/as participantes (DC-VI, 16).

Embora os revezamentos tenham revelado atitudes egoístas dos/as participantes, os momentos de distribuição e revezamento também apresentaram outras possibilidades de ação na solução dos conflitos, como podemos observar nas seguintes situações:

Ronaldinho quis a bicicleta verde, porém Gilberto também. Perguntei se algum deles poderia ficar com a rosa e Gilberto disse que ficaria e eu disse a ele que eles poderiam trocar um pouco durante a atividade. Quando ia entregar a bicicleta rosa a Gilberto, Ronaldinho veio e ofereceu a bicicleta verde para Gilberto dizendo que ficaria com a rosa. Gilberto ficou feliz. Um participante perguntou se ele não queria ficar com a verde e ele disse que era para Gilberto não chorar. Argumentei que utilizar aquela bicicleta seria importante para Gilberto, pois ele ainda não sabia andar e em semanas anteriores esteve praticando sempre com a bicicleta verde que possui o banco ligeiramente mais baixo (DC-XIV, 3).

No tempo em que estava com Lupita, notei que as crianças revezavam as bicicletas. André foi até a biblioteca e perguntou se alguém precisava de bicicleta para revezar. Elias disse que sim e pegou a bicicleta que estava com André. Alguns minutos depois, Hulk, que estava de BMX, veio trocar de bicicleta e pegou a bicicleta infantil que estava com Lupita. Quase no mesmo instante veio Sofia e trocou de bicicleta pegando a BMX deixada por Hulk e entregando a outra bicicleta em que estava para André (DC-III, 10).

Os processos educativos entre educadores/as se manifestaram também na organização de outras possibilidades de compartilhamento, quando o número de participantes era maior do que a quantidade de bicicletas, uma dessas formas se deu a partir de um jogo de queimada, em que os/as participantes tinham que revezar a bicicleta em que estavam quando eram atingidos por bolinhas de jornal lançadas pelas pessoas que estavam sem bicicleta e com os quais trocavam de lugar. Outra maneira foi a alternância de grupos nas atividades, conforme pode ser observado na conversa entre os/as participantes e os educadores descrita a seguir:

Como quase todos/as participantes queriam andar e não tínhamos bicicletas suficientes para que todos/as andassem ao mesmo tempo, comentei sobre as possibilidades de revezar as bicicletas ou dividir a turma em dois, assim enquanto um grupo andava de bicicleta o outro fazia o *Fútbol Callejero*. Rechaçando a ideia de revezar as bicicletas o grupo optou por se dividirem em dois, porém devido à ansiedade por pedalar, ninguém queria começar no futebol. Resolver isso levou bastante tempo de conversa que foi dirigida pelo educador Eiri. Depois de algum

tempo conseguimos formar dois grupos. Um grupo acompanhou Eiri para o *Fútbol Callejero* e outro ficou comigo para andar de bicicleta. Com o número reduzido de participantes, diante da divisão realizada, foi tranquila a distribuição das bicicletas, sendo possível cada participante escolher de acordo com seus interesses (DC-XIV, 14).

Dentre as estratégias da equipe educadora, também esteve a preocupação com a conduta da equipe, com o uso do capacete e o respeito às leis de trânsito por parte dos/as educadores/as que iam ao clube em bicicleta, além de outras posturas como a que buscou, por meio do exemplo, reduzir a resistência das crianças e adolescentes com a utilização das bicicletas mais antigas, tal como indica a intenção do educador Flávio que no início da atividade “[...] ajustou o banco de uma das bicicletas mais velhas e disse que iria andar com ela para fazer propaganda, pois as crianças nunca querem pegá-la para usar” (DC-II, 8).

Os sentidos e significados carregados pela bicicleta também sofrem alterações que podem estar relacionadas ao envolvimento das pessoas com o objeto. Como pudemos notar, as bicicletas mais antigas e simples geralmente não era opção para maior parte das crianças e adolescentes, no entanto isso se alterou no decorrer das atividades, principalmente a partir das atividades de manutenção das bicicletas, quando algumas das crianças e adolescentes participaram do conserto de duas bicicletas doadas.

Depois que terminei de consertar a bicicleta eu coloquei um capacete e saí com ela para um teste. Roberta, que havia me ajudado na regulagem dos freios, me disse que também gostaria de testar. Ao ouvir Roberta, Sardinha se aproximou e disse que o próximo a testar seria ele, pois ele havia me ajudado a montá-la. Concordei com ele e estabelecemos que, depois de mim, ele faria uma volta e logo em seguida iria Roberta. A atividade com bicicleta já estava no fim, educador Max já guardava as bicicletas na gaiola quando Sardinha passou a bicicleta vermelha para Roberta, pois o tempo estava acabando e ela já o cobrava para poder dar uma volta antes que o tempo acabasse (DC-XX, 15).

A situação acima representa o primeiro momento de mudança com relação às bicicletas mais antigas, pois posteriormente, tanto estas quanto outras crianças e adolescentes, começaram a solicitar as duas bicicletas que haviam sido consertadas pelo grupo, tanto para as atividades e brincadeiras realizados nas dependências do clube, quanto nos passeios de bicicleta realizados nas imediações.

Outras situações vivenciadas também foram bastante significativas no que tange ao aprender a dividir, considerando que a convivência nas atividades com bicicleta envolve um contexto mais amplo, por isso também estão agrupadas nesta categoria as unidades de significado em que o cuidado com o outro e a partilha manifestaram-se no decorrer das vivências.

Dentre as descrições apresentadas nesta categoria, algumas sinalizam que, infelizmente, necessidades básicas como uma nutrição adequada, seja por quantidade ou tipo de alimento, podem não ser garantidas a todos/as participantes em seu dia a dia, pois foram diversas e repetidas as solicitações por alimentos feitas pelas crianças e adolescentes no decorrer das atividades relacionadas à bicicleta. Isso retrata, em certa medida, a condição social em que vive significativa parcela das pessoas que frequentam o projeto VADL.

Essas solicitações eram realizadas comumente em momentos mais reservados, em que havia poucas pessoas por perto, e manifestavam-se por meio de comentários sobre estar com fome ou pedido por alimento. Uma dessas ocasiões ocorreu quando, após o término das atividades, logo depois do momento em que foi servido o lanche, um participante permanece no clube conversando comigo e com educador Sandro.

Durante esse momento que conversamos [...] Rodolfo disse diversas vezes que estava com fome. [...] Educador Sandro disse que tinha que ir embora para fazer almoço para ele e seu irmão e Rodolfo disse que iria ficar lá pelo clube mesmo, pois, segundo ele, não teria o que comer em casa antes de ir para escola. Sandro foi embora e ele ficou mais algum tempo e, antes de sair para ir embora, ele pediu para que eu lhe desse mais uma barrinha de cereal e eu pedi para que ele pegasse na mesa (DC-XX, 9).

Esses momentos exigiam dos/as educadores sensibilidade para perceber a necessidade de alimento de alguns/as participantes, ao mesmo tempo em que necessitava de atenção, pois não era possível servir mais lanche para todas as pessoas do grupo, principalmente, no período da manhã, pois era necessário garantir o lanche também para a turma da tarde. Eventualmente, no período da tarde ocorreu sobra de frutas e, coincidentemente nesse período, o número de participantes que demandava mais alimento era maior. Nessas ocasiões, foi comum alguns/as participantes se aproximarem dos/as educadores/as após o término das atividades, quando a maior parte das crianças já havia saído em busca das frutas restantes no cesto.

Depois de encerrada a roda de conversa final Diego, Pica-Pau e Sardinha queriam pegar mais frutas e pediram as bananas que haviam sobrado. Os educadores Max e Leandro organizaram essa divisão entre eles e também outras crianças e adolescentes que, percebendo a situação, se aproximaram interessadas (DC-XXIII, 39).

Isso mostra a relevância do lanche oferecido pelo projeto para os/as participantes, no entanto, o descontentamento expressado por Peppa quando: “[...] reclamou do lanche dizendo que só tinha fruta e que em outros projetos sempre havia comida” (DC-XIII, 35), nos faz

perceber que o tipo de alimento oferecido no VADL muitas vezes não atende as necessidades e/ou expectativas dos/as participantes.

As solicitações por alimento também foram recorrentes durante os passeios em bicicleta. Devido à maior intensidade do esforço físico e já cientes da necessidade alimentar de significativa parcela de crianças e adolescentes do projeto, os/as educadores/as se preocupavam com essa questão, por isso sempre levavam um pequeno lanche extra nas ocasiões de passeios, algo como uma fruta, biscoito ou barrinhas de cereal, que além de contribuir com a reposição das energias, promovia um momento de descanso durante o passeio e também favorecia a integração social dos/as participantes. No entanto, esse lanche era rapidamente solicitado pelos participantes, logo nas primeiras paradas que fazíamos.

Fizemos uma parada em uma sombra e Sardinha comentou que estava com fome, outros/as participantes também comentaram estar com fome. Peguei um pacote de biscoito tipo maisena, abri e distribuí para as crianças. Educador Da Lua abriu outro pacote e serviu novamente as pessoas que quiseram pegar mais, mesmo ainda não tendo terminado de comer. Da Lua disse que poderiam ficar calmas e comer tranquilas, pois ainda havia mais bolacha. Todas pegaram mais uma porção de bolacha e finalizou-se o pacote. Lembramos ao grupo que ainda haveria duas frutas que seriam servidas no momento do lanche quando chegassem ao clube (DC-XIX, 37).

Após os passeios, as solicitações por alimentos continuavam, sinalizando que as refeições anteriores não foram suficientes, por carência alimentar ou mesmo por desejo.

Assim que chegamos Sardinha, Diego e outras crianças e adolescentes foram perguntar ao educador Max sobre o lanche. Max pegou a cesta de bananas e deu duas para cada participante, porém, observando que havia sobrado algumas bananas, as crianças e adolescentes quiseram pegar mais, assim Max organizou a divisão das bananas entre as pessoas que estavam interessadas (DC-XXI, 33).

Outro trecho bastante significativo descreve o momento que chegamos ao clube logo após uma de nossas saídas de bicicleta. Nesse passeio, durante o lanche, um dos participantes comentou que uma colega que estava conosco havia levado vários sanduíches. Fizemos o lanche e, nesse momento, a menina repartiu um de seus sanduíches com os colegas. Posteriormente:

Já no clube, Rodolfo disse para Lili: “Cadê o pão? Pega lá!” Pedindo um lanche para Lili que deu a ele um pão. Pelo modo que abordou Lili, parece que ele já havia pedido um lanche a ela durante o caminho de volta. Ele pegou o pão desembulhou, deu um pedaço para Cristiano Ronaldo e comeu o restante. Educador Da Lua comentou que deveríamos ficar mais atento a isso, pois suspeitava que o garoto estivesse com deficiência alimentar em casa. Rodolfo pediu mais bolacha. Da Lua

comentou que sempre ele pede mais uma barrinha, mais bolacha ou fruta (DC-XIX, 23).

Essa e outras situações revelam o processo educativo da partilha na relação entre os/as participantes, nas quais o cuidado com o outro emerge na partilha do lanche, como a citada anteriormente, e também na partilha de água, ocorrida durante os passeios.

Depois disso as crianças e adolescentes pararam para beber água novamente. A água de Sardinha havia acabado e ele pediu um pouco aos colegas, que forneceram para ele, cada um uma pequena quantidade. Comentamos com Sardinha que ele deveria ir bebendo a água aos poucos, pois, caso contrário, todas às vezes ele ficaria sem água logo no início do passeio (DC-XXI, 29).

Os processos educativos também decorrem da partilha de saberes, como na postura dos/as educadores/as que, nos momentos do lanche, conversavam com os/as participantes sobre a atenção com o tipo de alimento que eram consumidos, pois era muito comum a presença de salgadinhos, bolachas recheadas e sanduíches com embutidos nos lanches levados por alguns/as participantes.

Fizemos uma parada para o lanche. Kika e Renata levaram bolachas doces recheadas e salgadinho que compartilharam com os/as demais participantes. Educador Da Lua disse a elas para terem atenção com os salgadinhos, pois esse tipo de produto possuía muito sal, glutamato monossódico e que a população brasileira sofre muito com pressão alta. Renata disse a ele: “Poxa! Então eu estou perdida, pois eu como muita tranqueira”. Ela perguntou se o açúcar também era um problema e Da Lua disse que o consumo em excesso, além de contribuir para a obesidade ainda pode causar diabetes, segundo ele, outro problema de saúde muito comum na população brasileira. Kika comentou que em sua família ela era a única pessoa que não tinha pressão alta. Eu comentei que estes problemas tendem a aparecer com o passar da idade (DC-IV, 9).



Figura : Momentos de partilha de lanches e saberes (Acervo VADL).

Os saberes partilhados nesses momentos de convivência eram dos mais diversos e, além das crianças e adolescentes, os/as educadores/as também aprendiam muitas coisas.

Chegamos a USP e paramos sob a sombra de alguns pinheiros para fazermos o lanche, eu colhi uma cana para comermos, influenciado pelos pedidos de Sardinha que frequentava o projeto no período da tarde, motivo que me fez levar neste dia o canivete que permitiu descascá-la. Durante o lanche as crianças e adolescentes compartilharam suco e sanduíches que levaram e os/as educadores/as dividiram as barrinhas e bolachas que possuíam entre as pessoas interessadas, pois nesse dia não havia nem barrinhas nem bolachas suficientes para distribuir um item para cada participante. Eu descasquei a cana e as pessoas vinham pegar os pedaços comigo, elas gostaram bastante da cana. A educadora Joana comentou que nunca havia comido cana, ouvi outras pessoas comentarem que também nunca haviam provado. O educador Flávio comentou que também nunca havia comido a cana, só havia tomado o caldo. Enquanto lanchávamos passou um trem e Rodrigo disse que havia sentido a vibração dele no trilho, e que o trem ainda estava longe naquele momento, mas ele disse que sabia que o trem estava perto. Joana chamou nossa atenção para um inseto joaninha, Rodrigo comentou que ela é um inseto carnívoro, diante do espanto das pessoas ao ouvir tal informação o garoto esclareceu que elas se alimentam de pulgões e por isso são consideradas carnívoras, ele disse que viu essas informações em um programa de TV (DC-XXIV, 11).

Essa partilha de saberes entre os/as participantes também ocorreu quando davam dicas e orientações aos colegas durante as atividades com bicicleta, principalmente nas ocasiões em que alguém estava aprendendo a pedalar, como evidenciam os fragmentos a seguir:

Rodrigo passou por nós diversas vezes e, em quase todas, ele parou e deu dicas para Gilberto de como usar o freio na descida, de não virar demasiadamente o guidão, entre outras (DC-X, 7).

Lupita conseguiu andar grandes trechos em linha reta. Roberta e Mel saíram com as bicicletas, mas logo as guardaram e ficaram ajudando Lupita a praticar. Uma a auxiliava na partida e a outra ficava distante e aguardando Lupita chegar e a ajudava a parar e descer da bicicleta (DC-XIII, 21).

Nos passeios externos também pudemos observar tal conduta entre participantes, como exemplo, temos o dia em que um garoto auxilia a colega que, em sua primeira participação na saída em bicicleta, apresenta algumas dificuldades.

Júlio César deu diversas dicas e orientações a Maria Joaquina durante o passeio (DC-XIX, 19).

Esse estar junto com os/as colegas foi destacado pelas crianças e adolescentes quando questionadas sobre a participação nas atividades com bicicleta, o participante

MC'Gui, por exemplo, disse: “[...] eu gostei do Ronaldo que nós brinca muito e aí brinca bastante” (DC-XXVI, 35).

Assim como nas brincadeiras, a convivência nos passeios modificava a relação entre os/as participantes, conforme podemos notar pelo comentário feito por um dos educadores ao final da atividade.

Educador Da Lua também comentou que Rone pareceu bem contente durante o passeio, pois ele estava bastante sorridente e se enturmou com os meninos durante o lanche, de modo diferente do que se observa no projeto (DC-XXIII, 12).

Na ocasião do diálogo, posteriormente realizado com dois participantes, eles evidenciaram como importante fator o estabelecimento e/ou fortalecimento das amizades. O participante Frynkin afirma que, para ele, as vivências com bicicleta proporcionaram “mais sabedoria, amizade, coisas engraçadas” (DP, 2). Algo semelhante também foi dito por seu irmão David Luiz ao afirmar: “Ah! Foi muito legal por causa que eu fiz muito amizade e muito mais confiança nas pessoas”. Quando interrogado sobre essa maior confiança, ele indica o fortalecimento da relação com seu irmão dizendo: “Por causa que, tipo, eu confiei muito no Frynkin quando foi pra ficar sem as mãos, pra dar RL⁷⁹ na bicicleta [...] pra ensinar” (DP, 2).

A importância da confiança entre as pessoas para a situação de aprendizagem também foi destacada nas falas de três participantes, porém seu caráter essencial emerge nas descrições a partir de seu rompimento, no caso específico, as meninas demonstraram insatisfação com a postura de alguns meninos no decorrer das atividades com bicicleta. Durante a roda de conversa Sofia diz: “[...] os moleques ficavam é... batendo o pneu em mim, falando que eles iam encostar o pneu deles no meu pneu para mim cair”. Outras meninas, quando questionadas, confirmam essa atitude inconveniente como uma prática recorrente entre alguns meninos, Roberta diz: “Sim. Batiam o pneu na minha bicicleta” e a mãe de Raiane complementa: “A Raiane falou que ela se machucou uma vez por causa disso aí, por isso que ela não está indo mais no projeto” (RC-I, 19d). Sofia então descreve uma dessas situações:

Eu tava do lado da Raiane, aí a gente tava andando conversando aí o menino veio e encostou o pneu na bicicleta da Raiane, se ela não fosse cair pro meu... se ela fosse cair pro outro lado não tinha como eu segurar ela, mas ela caiu pro meu lado, a

⁷⁹ Abreviatura de Rear Lift, uma manobra realizada com motos ou bicicletas em que, em velocidade, a pessoa que conduz freia intensamente a roda dianteira até que a traseira se eleve, uma de suas possibilidades envolve desloca-se com o veículo apoiado apenas na roda dianteira.

bicicleta saiu e eu que segurei ela. Não foi Raiane? Eu segurei ela, mas mesmo assim ela machucou (RC-I, 19d).

As relações de gênero apresentam-se como uma problemática na convivência durante o uso da bicicleta e, embora o fragmento citado a seguir não se origine de uma queixa direta das participantes, contribui para essa compreensão, pois é oriundo do primeiro passeio ciclístico que contou com a presença de meninas.

No caminho para a USP Rodolfo disse em voz alta, em meio a uma conversa entre ele e Cristiano Ronaldo, que Lili e Maria Joaquina iriam cair na descida da entrada da USP. Comentei que elas não iriam cair, pois ninguém precisava descer em velocidade. Cristiano Ronaldo disse para Rodolfo parar de falar besteira e agourar os outros, que não ia acontecer nada (DC-XIX, 13d).

Não observamos nos diários de campo semelhante comentário gratuito proferido com relação à algum menino, nem mesmo aos menos habilidosos na condução da bicicleta. Assim, além do mal estar que pode ter gerado nas participantes, caso alguma delas o tenha escutado, a fala do menino carrega uma série de preconceitos implícitos, tais como: a bicicleta é coisa para meninos ou meninas não sabem andar de bicicleta, que certamente se manifestam nas interações entre meninos e meninas durante as atividades com bicicleta.

Como vimos na afirmação feita pela mãe de Raiane, condutas como esta, levam as pessoas a deixarem de frequentar o projeto ou, em alguns casos, desestimulam a participação delas em determinados tipos de atividades oferecidas, tal como revela a leitura realizada por umas das educadoras da situação em que uma das participantes passa a demonstrar desinteresse por alguns tipos de atividades.

Antes que a atividade começasse Lili perguntou para educadora Hilana o que as pessoas que não iriam andar de bicicleta iriam fazer. Hilana comentou que ainda iriam decidir e a questionou sobre o motivo da pergunta. Lili disse que não queria andar. Hilana comentou que antes ela sempre andava e perguntou se havia acontecido alguma coisa. Lili respondeu que não, apenas disse que não gostava muito. Posteriormente Hilana comentou comigo que achava estranha a atitude de Lili, pois antes ela sempre participava. A educadora comentou ainda que ela também não tem se envolvido em outras brincadeiras que exigem maior movimentação, preferindo sempre atividades de leitura, escrita e jogos de tabuleiro. Comentei com Hilana que anteriormente ela estava empolgada, pois estava aprendendo, mas agora não se interessava como os/as demais, talvez por não possuir uma relação com a bicicleta como as outras crianças e adolescentes. Hilana levantou a hipótese de que Lili não se interessava pela atividade, pois a grande maioria dos participantes do período da manhã é do sexo masculino e apenas eventualmente participava outra menina (DC-XIII, 1d).

Esses tipos de acontecimento são possivelmente favorecidos devido à predominância de participantes do sexo masculino nas atividades do projeto. Essa questão sempre esteve no horizonte da equipe educadora, tanto dialogando sobre o tema nas reuniões, quanto buscando manter um número significativo de educadoras na equipe, principalmente, visando referências femininas para atividades como *Fútbol Callejero*, capoeira, bicicleta, nesse último caso com presença das educadoras Ana Lia e Joana nas atividades.

As intimidações e ameaças, como as que foram anteriormente descritas por Sofia e Roberta, se dirigiam com maior frequência às meninas, mas tal conduta de desrespeito e violência atingia também meninos menores e menos habilidosos na condução da bicicleta, conforme podemos observar excerto a seguir:

Durante a atividade, enquanto acompanhava Gabi que estava aprendendo a pedalar, repreendi Ronaldo duas vezes, pois ele estava intimidando Sofia, Tabata, Roberta e outras/os participantes tirando finas em alta velocidade com a bicicleta. Ele também ficava atrás das pessoas menos habilidosas batendo no pneu traseiro com a roda da frente de sua bicicleta. Quando chamava sua atenção o garoto parava, porém fazia novamente quando estava fora do meu campo visual, pois os/as participantes continuavam reclamando de seu comportamento. Quando estava passando com Gabi pela porta do vestiário, vi a educadora Ana Lia repreendendo Ronaldo pelo mesmo motivo, desta vez ele quase derrubou Raiane que ainda estava aprendendo a andar. Ela disse a ele que caso fizesse aquilo novamente ela iria retirar a bicicleta dele, pois estava pondo a segurança das outras pessoas em risco. O garoto disse que não iria mais fazer. Ana Lia me disse que já havia chamado a atenção do garoto diversas vezes, porém ele não a havia atendido e continuava correndo com a bicicleta indo em direção das crianças menores, freando e desviando em cima da hora para assustá-las [...] Continuei com Gabi e quando cheguei ao outro lado do clube me deparei com Ana Lia novamente chamando a atenção de Ronaldo, desta vez ela pediu que ele lhe entregasse a bicicleta, pois ele já havia sido alertado diversas vezes sobre seu comportamento inadequado. Ele negou-se a entregar a bicicleta [...] Ana Lia me disse que ele estava correndo atrás de Ronaldinho e este último apavorado com a situação tentou pedalar mais rápido para fugir, porém perdeu o controle da bicicleta, trombou contra a lixeira e caiu. Novamente conversamos com Ronaldo sobre o incidente, porém o garoto ficou parado sem falar conosco e sem entregar a bicicleta [...] o educador Flávio que passava por perto [...] disse que também já havia chamado a atenção de Ronaldo diversas vezes (DC-X, 16d).

Circunstâncias como a citada não correspondem à maioria dos casos, no entanto, muitas vezes, solicitavam incisiva intervenção dos/as educadores/as, quando as condutas mantidas pelos/as participantes representavam algum tipo de risco. As situações de desrespeito, como a citada, são compreendidas como divergências do aprender a dividir e, a necessidade de lidar com elas que se apresentava aos/as educadores/as, possibilitou a decorrência de processos educativos relacionados ao estabelecimento de condutas na organização das atividades.

Dentre elas estava a que estabelecia a retirada da bicicleta dos/as participantes que insistissem em comportamentos desrespeitosos, violentos com as pessoas ou ainda que pudessem danificar os equipamentos, nos casos em que estes/as insistissem com tais práticas. Além disso, devido ao grande interesse em participar dos passeios, situações de desrespeito ocorridas em outros dias da semana foram tema das atividades com bicicleta, e a recorrência de algumas situações fez com que a equipe educadora estabelecesse como uma das regras gerais para participação nos passeios externos, o que exigia dos/as participantes postura respeitosa para com as pessoas.

Conversei com educador Da Lua sobre a participação de Rodolfo, Messi e Cristiano Ronaldo [...], pois [...] haviam protagonizado situações de desrespeito na terça-feira. Rodolfo e Messi, brincando de Pega-Rasteira com as crianças menores, derrubaram algumas delas que reclamaram deles para as educadoras. Cristiano Ronaldo ofendeu uma garota negra, depreciando o cabelo dela, quando a educadora Hilana tirava fotos dela para a carteirinha. [...] Como eles não estavam, decidimos deixá-los sem autorização até que pudéssemos conversar com eles pessoalmente (DC-XXII, 8d).

Conforme podemos notar, os efeitos de atitudes, como a dos citados garotos, afastam outros/as participantes do projeto. Rone, umas das vítimas, só retornou depois que seu vizinho e colega Júlio César lhe entregou uma autorização em casa o convidando para o passeio ciclístico, ele:

[...] havia faltado por duas semanas, desde o dia em que Rodolfo o derrubou com uma rasteira. Educadora Abayomi disse que [...] Júlio César havia comentado com ela que era por esse motivo que ele não estava mais indo ao projeto. Porém, mediante a possibilidade de ir ao passeio, Rone retornou ao projeto (DC-XXIII, 1d).

Assim como a atenção dedicada pelo participante Júlio César para que seu colega retornasse ao projeto, outras manifestações de cuidado estiveram presentes, tal como a de Hulk que, depois de cair, ao ser socorrido pelo educador, lhe descreve o motivo da queda.

O garoto disse que estava andando na calçada acima da arquibancada, porém Amora que estava em sua frente fez um movimento brusco para lateral e ele, para evitar o choque com a menina, que era menor que ele, desviou para o lado da arquibancada e caiu no primeiro degrau com a bicicleta, felizmente sofreu apenas um ralado superficial na mão (DC-V, 18).

Até mesmo participantes que em algumas ocasiões apresentaram posturas desrespeitosas, em outras, agiram colaborativamente ajudando as crianças menores.

Cristiano Ronaldo se levantou bastante animado e já começou a organizar uma fila para distribuição dos capacetes, pediu ao educador Sandro que o deixasse pegar os capacetes na biblioteca para começar a distribuição. Assim ele ajudou a pegar e distribuir os capacetes, inclusive auxiliando as crianças menores na colocação e ajuste (DC-XII, 4).

O exercício da partilha também se manifestou nas relações com o espaço do clube, por meio de diversos combinados e regras de convivência que eram constantemente retomados pelos/as educadores durante as atividades, buscando respeitar o direito de usufruto dos/as associados/as e preservação das instalações.

Messi e Rodolfo desceram para o campo e ficaram andando nas laterais, dando voltas no campo. Quando retornaram foram questionados pelo educador Eiri sobre a autorização para andar lá. Responderam dizendo que o educador Flávio os havia autorizado, porém, quando Eiri perguntou a Flávio, ele respondeu que apenas havia autorizado que andassem na linha de fundo, atrás do gol, como já tinha sido combinado outras vezes. Eiri comentou que Machado⁸⁰ disse que não queria que eles andassem nas laterais e educador Da Lua comentou sobre a necessidade de enfatizar isso para os/as participantes outras vezes (DC-XI, 7d).

As orientações dos/as educadores/as, além da manutenção do espaço, buscava trazer para reflexão do grupo o respeito e o cuidado para com os/as funcionários/as que garantem o bom funcionamento do clube. Um bom exemplo disso ocorreu logo após uma brincadeira organizada pelas crianças e adolescentes.

Ao final da atividade, educador Eiri notou que a área em que estávamos tinha muitos potes, copos e garrafas plásticas jogadas pela grama, estes eram os materiais que os/as participantes haviam pegado do lixo para colocar nos pneus. Eiri e eu reunimos os/as participantes e, após se agruparem, o educador Eiri pediu para que encostassem as bicicletas em algum local e tirassem os capacetes. Eiri aguardou que todos se reunissem novamente e disse que não se importou quando eles pegaram esses materiais para fazerem a brincadeira, pois sabia que eles, ao brincar, se sentiam felizes e contentes, porém complementou dizendo que a felicidade deles não poderia prejudicar a felicidade dos outros usuários e dos funcionários que fazem a limpeza do clube. Ele apontou para os resíduos jogados no chão e disse que nenhum deles estava lá e que haviam sido jogados pelos participantes do projeto durante atividade com bicicleta. Eiri disse que não queria que ninguém acusasse ninguém e sugeriu que todas as pessoas, independente de ter ou não usado as garrafas e copos, ajudassem a recolhê-los e também recolher qualquer lixo que observasse jogado durante a coleta. Após alguns minutos terminamos de recolher todo o lixo, foram recolhidas inclusive diversas tampinhas e papéis de bala que não haviam sido jogados pelo grupo. Quando terminamos a limpeza da área Eiri disse que poderiam fazer uma última volta com as bicicletas desde que parassem para pegar outros resíduos encontrados pelo caminho. As crianças e adolescentes fizeram então uma última volta e muitas delas pararam para pegar lixo pelo caminho (DC-XIV, 9).

⁸⁰ Treinador de futebol que atua na escolinha de futebol mantida pela ADSM, ele utiliza diariamente o campo de futebol em suas atividades.

Nesse contexto de preservação das estruturas do projeto também estava a determinação de não derrapar com as bicicletas, pois acarretava em desgaste prematuro dos pneus, para os quais não possuíamos recursos para arcar com a reposição constante. Somado a isso, as derrapagens frequentes prejudicavam também a manutenção da grama do clube, assim, para garantirmos a continuidade das atividades com bicicleta, estas passaram a ser controladas pelos/as educadores/as, porém conter essa forma de divertimento foi motivo de conflitos e conversas entre educadores/as e participantes, como na ocasião em que:

[...] eu vejo Francisco subindo a pé falando para Cristiano Ronaldo enquanto caminhava: “aquele professor é um filho da puta, folgado!”. Eu então perguntei a Cristiano Ronaldo o que havia acontecido. Cristiano Ronaldo disse que Francisco estava bravo com o educador Merlau que tinha tirado a bicicleta de Francisco sob a justificativa de que ele estava derrapando, no entanto, segundo Francisco e Cristiano Ronaldo, só houve a derrapada em uma tentativa de desviar de um dos garotos que entrou na frente de Francisco com a bicicleta. Já Merlau disse que tirou a bicicleta do garoto, pois ele estava derrapando constantemente e, mesmo ele tendo pedido diversas vezes para que parasse, pois estava desgastando os pneus, Francisco continuou derrapando e ele então retirou a bicicleta do menino, conforme já o havia alertado anteriormente (DC-I, 7d).



Figura : Participantes recebendo orientações sobre o cuidado necessário para circulação no espaço do clube e sobre o desgaste prematuro nos pneus provocados pelas derrapagens (Acervo VADL).

Mas os constantes alertas e esclarecimento por parte dos/as educadores/as sobre essa questão, aos poucos, foram surtindo efeitos.

Antes de entregar as bicicletas, educador Flávio também enfatizou para os/as participantes não derraparem com as bicicletas, pois os pneus já estavam ficando carecas e logo algumas ficariam sem uso, pois não tínhamos pneus para reposição. Flávio comentou que pouco tempo depois Ronalinho foi falar com ele durante a atividade. O garoto disse a ele que sem querer foi parar a bicicleta e ao usar apenas o freio traseiro a bicicleta havia derrapado. Flávio comentou que teve a impressão que o garoto estava preocupado com o combinado de não derrapar com as bicicletas, feito no início da atividade (DC-XIII, 9).

O cuidado com o outro e exercício da partilha não se restringiu ao universo dos/as participantes e educadores/as do projeto, pois a presença das crianças e adolescentes do VADL no clube, ocupando um espaço que grande parte do tempo ficava ocioso, causou incômodos nos/as frequentadores/as, exigindo constantes esclarecimentos da diretoria do clube, na ocasião da chegada do projeto, que exigiu dos/as associados/as que aprendessem a dividir, conforme informa mãe de Lili, que é funcionária da ADESM, instituição mantenedora do clube.

Mas infelizmente, [...] teve alguns que reclamaram no clube, porque as crianças estavam na piscina, porque as crianças estavam utilizando o campo, porque as crianças.... Mas aí a pessoa nunca olha pra frente, [...] muita das vezes as crianças estão na rua, mas aí a pessoa não olha com essa visão de mundo, só vê o seu mundinho ali, o seu umbigo ali: Eu estando bem, tá tudo bem. E não olha que, de repente, essas crianças tendo a oportunidade de tá aqui, por exemplo. Ficava esse espaço quase que vazio [...] agora as crianças vêm aí e ocupam e... E como o presidente do clube fala, é como se fosse um crime essas crianças aqui em volta vendo todo esse espaço e não poder, muitas vezes, aproveitar (RC-II, 23).

Fora do universo do projeto também pudemos contar com a contribuição de pessoas e entidades que, simpáticas às ações do VADL, auxiliaram com doações. Dentre os itens recebidos estão, principalmente, bicicletas, tênis, peças de bicicletas usadas, bem como de mão de obra para reparo das bicicletas, todos angariados a partir de campanhas realizadas pelos/as educadores/as do projeto nos espaços em que convivem.

[...] chegou educador Da Lua com uma bicicleta vermelha [...] os/as participantes perguntaram sobre a bicicleta e Da Lua disse que aquela bicicleta, assim como as outras bicicletas coloridas que tínhamos, havia sido doada ao projeto. Dissemos que com ela chegamos a um total de dezesseis bicicletas arrecadadas de diferentes pessoas ou entidades. Da Lua comentou que nós recebemos essas doações por que nós fazemos campanha na cidade, inclusive, na revista Kappa quando o grupo de cicloturismo do PEDAL foi entrevistado em uma matéria. Peppa disse que se lembrava da reportagem que havíamos mostrado em outra ocasião (DC-XXII, 4).

Encerrando esta categoria temos um expressivo momento de diálogo com os/as participantes do período da manhã, que transparece a importância das relações que se estabeleceram durante o tempo de convivência que tivemos no projeto.

Ao final da conversa notei que, além de Katlen, também Renata, Frynkin, David Luiz e Maria Joaquina estavam com os olhos avermelhados e cheios de lágrimas [...] Não sei exatamente o motivo dessa emoção, talvez por saberem de minha viagem para o exterior, que me afastaria do projeto por sete meses e que ocorreria em duas semanas, ou talvez a recordação das coisas que foram feitas [...], diante da situação, também me senti bastante emocionado, pois considereei que seja qual for o motivo, a convivência em torno da bicicleta foi algo bastante significativo para as crianças e adolescentes (DC-XXV, 19).

Essa situação desencadeou, na semana seguinte, uma grande festa de despedida surpresa, que foi organizada pelo/as participantes do período da manhã com auxílio dos/as demais educadores/as, com bolo, salgadinhos, suco, bombons e refrigerantes providenciados por eles/as, além de cartazes uma grande carta desejando boa viagem e agradecendo pelos passeios, ensinamentos e dizendo que sentiriam falta de nosso convívio.

C) Nós fomos cada dia mais longe: agora ela pega a bicicleta do irmão dela que é grande e já sai...

A presente categoria expressa a ampliação de horizontes decorrente das atividades com bicicleta realizadas no projeto VADL, a qual foi vivenciada de forma distinta por participantes, educadores/as e familiares. As unidades de significado que a compõe são provenientes, principalmente, das ocasiões de passeios externos realizados nas imediações do clube.

Como pudemos observar no decorrer da primeira categoria apresentada, as crianças e adolescentes tinham grande interesse em andar de bicicleta. Isso se intensificou com os passeios, no entanto, cabe salientar que, desde o início das atividades com bicicleta, os/as participantes expressavam uma necessidade de sair para a rua, em alguns casos, isso se deu antes mesmo da realização dos primeiros passeios. Essa necessidade foi manifestada verbalmente em diversas ocasiões, como podemos observar nos trechos que seguem.

Ao começarmos, Helena pergunta se iríamos montar o circuito e também quando sairíamos do clube de bicicleta. Dissemos que hoje não teríamos circuito e que a saída com bicicletas do clube ainda iria demorar um pouco (DC-VI, 4).

Educador Helder perguntou se andar dentro do clube era igual andar na rua. Rodolfo e Cristiano Ronaldo disseram que na rua é bem mais legal (DC-XIII, 15).

Outra situação bastante significativa ocorreu com um participante que havia acabado de retornar ao projeto, ele, sem saber das regras e combinados das atividades, segue à vontade com a bicicleta até que:

Oscar saiu com a bicicleta pela portaria do clube, educador Flávio, que estava organizando o circuito ali por perto, viu e foi atrás dele para chamá-lo. Oscar disse que iria dar uma volta na rua, Flávio conversou com ele e explicou que os/as participantes do projeto não podem sair sozinhos para a rua. Inclusive, ao final do dia, Flávio reforçou a orientação de não sair do clube aos/as demais participantes (DC-IX, 15d).

Embora as saídas de bicicleta já estivessem entre as intenções de atividades do VADL, estas demoraram a ocorrer, devido à preocupação com a segurança e com a forma de organizá-las, uma vez que, este tipo de atividade era uma novidade também para a equipe de educadores/as, tanto que elas começaram somente um ano depois das primeiras atividades com bicicleta realizadas no interior do clube.

Mesmo sendo as saídas em bicicleta um momento muito esperado pela maioria dos/as participantes, também houve quem, mesmo depois de ir a um dos passeios, não tenha se interessado em frequentá-los mais, como foi o caso da participante Lili que, em conversa com educador revela sua falta de interesse.

Educador Kenobi perguntou para Lili se ela iria ao passeio de bicicleta, ela disse que não tem gostado muito de andar de bicicleta, ela disse que não tem bicicleta em casa para andar. Kenobi disse que ela não deixou claro o motivo, mas ele disse que aparentemente ela não estava gostando de participar das atividades com bicicleta (DC-XXVI, 1).

Mas, para a maior parte do grupo, mesmo com a realização dos passeios, a necessidade de ampliação de horizontes foi expressa pelos/as participantes, porém essa possibilidade foi limitada diante da necessidade de organização por parte dos/as educadores/as que deveria considerar os riscos envolvidos em novos trajetos, as pessoas que sairiam pela primeira vez, bem como condicionamento do grupo para cumprir tais distâncias dentro do horário de atendimento do projeto.

Enquanto estava nessa tarefa, Rodolfo se aproximou e perguntou para onde seria o passeio da semana seguinte e eu respondi que iríamos para a USP novamente, pois havia muitas pessoas que iriam pela primeira vez ao passeio. Ele disse que tínhamos combinado que no próximo passeio só iriam os mais velhos para um lugar mais longe. Eu disse a ele que ele havia feito essa sugestão para mim e para educador Da Lua, porém não havia sido acordado isso naquela ocasião e que ainda estávamos avaliando essa possibilidade (DC-XX, 6d).

Situações como essa foram compreendidas como divergências, pois revelam também o medo manifestado nas preocupações dos/as educadores/as com as saídas das crianças e adolescentes nos passeios, que se apresentava diante do anseio demonstrado pelos/as participantes em sair e ir cada vez mais longe.

Essa motivação em participar dos passeios pôde ser notada na chegada antes do horário habitual e na organização do lanche, preocupações espontaneamente apresentadas pelos/as participantes em dias que haviam saídas programadas.

Cheguei ao clube por volta de 7h50min, lá já estavam os três garotos que iriam fazer o primeiro passeio de bicicleta fora das dependências do clube, Aduino, Rodolfo e Cristiano Ronaldo. Aduino, que mora na região do Jardim Gonzaga e normalmente vem no ônibus que faz o transporte dos/as participantes do projeto, optou por vir de ônibus de linha, pois estava preocupado em chegar no horário. Os três pareciam bastante ansiosos com o passeio, pois perguntavam constantemente: “Que hora nós vamos sair?”. Eu os informei que deveríamos aguardar os outros educadores chegarem, pois deveríamos sair em três educadores para melhor garantir a segurança dos participantes durante o percurso. Aduino e Cristiano Ronaldo informaram que estavam levando um lanche, Aduino mostrou um pacote de batata frita e uma garrafa de água e Cristiano Ronaldo disse que também estava levando um salgadinho e um refrigerante (DC-XV, 1).

Em muitas dessas ocasiões a animação era tanta que os/as participantes tinham dificuldades em integrar as atividades ocorridas nos momentos anteriores às saídas, ou ainda, se entristeciam quando, por algum motivo, não podiam participar.

Sardinha e Duarte ficaram comigo na biblioteca, pois estavam tão animados com o passeio que nem participaram da conversa inicial. Roberta, nesse momento inicial, mostrou-se bastante entristecida por não poder ir ao passeio ciclístico, pois havia perdido a autorização assinada pela mãe (DC-XVII, 20).

O grande interesse demonstrado pelas crianças e adolescentes, motivou a frequência nos passeios e, com eles, emerge a ampliação do horizonte sensível dos/as participantes. As experiências originadas a partir dos passeios ganham destaque na presente categoria, pois o estar em bicicleta em distintos espaços possibilitou a fruição da capacidade perceptiva. Sentir a distância e, mais que isso, reconhecer a própria capacidade ao percorrê-la foi motivo de surpresa.

Quando passamos por uma rua localizada no ponto mais alto do campus, Roberta, vendo um brinquedo do parque de diversões que estava instalado próximo ao clube, disse: “Nossa como nós estamos longe!” Ela então chama a atenção de Sofia dizendo: “Você viu o quanto a gente andou?” Ela apontou o parque de diversões e disse para Sofia: “Olha lá o parque como está longe!”. Ela e Sofia aparentemente ficaram impressionadas com a distância que haviam percorrido em bicicleta (DC-XIX, 39).

A percepção dos avanços no condicionamento decorrente da materialização da dimensão geográfica nos músculos também retrata o contato com esse horizonte ampliado, tal como podemos observar nas falas registradas nos diários durante os passeios apresentadas a seguir:

Rodrigo comentou que suas pernas estavam mais fortes e que não estava tão cansado. Quando questionado como tinha notado o aumento de força nas pernas ele respondeu que percebeu que seus chutes estavam mais fortes (DC-XXIV, 12).

Passamos por uma pequena trilha de terra e neste trecho Roberta comentou que não estava tão cansada como no primeiro passeio, mas disse que quando chega a sua casa está acabada, que toma um banho e vai dormir (DC-XXIII, 24).

No entanto, o cansaço relatado normalmente se associava ao prazer de estar no passeio, brincando e se divertindo em novos lugares, tal como afirmam as participantes:

Roberta e Sofia comentaram que gostaram muito de sair. Roberta disse que estava sentindo dor nas pernas, mas que valeu a pena ter ido. Sofia disse que sua mãe estava com medo de deixá-la ir e também que iria contar para ela que havia andado bastante de bicicleta, que não tinha caído e que ainda havia utilizado uma bicicleta grande (DC-XIX, 38).

A possibilidade de andar longas distâncias⁸¹ foi relatada pelas crianças e adolescentes quando, na ocasião dos diálogos com elas estabelecidos, questionamos sobre o que significou para elas participarem das atividades com bicicleta. A primeira frase que intitula esta categoria é oriunda do citado momento e representa a significação dada por parte do grupo, ela emerge precisamente da fala de David Luiz que afirma: “eu gosto muito do passeio. Da parte que eu gostei é que *nós fomos cada dia mais longe*” (DC-XXV, 13). Além dele, outros/as participantes responderam de modo similar, por exemplo, Júlio César justifica seu gosto pelo passeio afirmando: “é que nós vai longe...” (DC-XXV, 11). No diálogo com os participantes do período da tarde Pica-Pau diz: “Foi muito bom. Da hora!” e, quando indagado sobre o que ele havia achado “da hora”, e então ele conclui: “A bicicleta, que na hora que nós foi lá pra... perto de Ibaté” (DC-XXVI, 34). Guerreiro exprime sua opinião sobre o assunto dizendo: “Ah! Foi muito legal, participei quase de todos” (DC-XXVI, 36).

No diálogo com os/as participantes sobre o passeio, algumas falas nos dão pistas sobre aquilo que motivava o interesse em participar, abordando um momento que achou significativo, Pica-Pau comenta: “Teve aquela hora que nós viu o buraco... quando a gente tava pra Ibaté, vindo” (DC-XXVI, 37). Em conversa com outro grupo, Sofia e Roberta fazem comentário semelhante, Roberta inicia: “Tinha aquele buraco...” e Sofia continua: “Ah! Aquele quando a gente tava...” e logo a amiga retoma a fala: “Indo na estradinha lá, aquele buracão” (RC-I, 16).

O andar de bicicleta ampliou os horizontes dentro do próprio clube. O fato de pedalar pelo espaço e percorrer os locais mais distantes permitiu uma vivência distinta de um espaço, aparentemente, já conhecido. Como ocorreu com Raiane e Sardinha que “[...] pararam as

⁸¹ As maiores distâncias por nós alcançadas nos passeios foram de 13 km considerando trajeto de ida e volta, registradas nos últimos passeios constantes nos diários de campo.

bicicletas ao lado de um pé de amora e lá ficaram por um bom tempo pegando amoras no fundo do clube” (DC-XIV, 16).

Com as saídas às ruas se ampliou ainda mais os horizontes e, a velocidade de deslocamento da bicicleta, permitiu dar atenção aos detalhes do caminho tal como a erosão citada pelos participantes e sobre a qual o interesse por ela está manifesto em diversos diários de campo. A atenção a ela permitiu notar seu aumento de tamanho com o passar do tempo.

Quando passávamos pelo bosque a caminho do clube, Júlio César e David Luiz comentaram que a erosão estava aumentando cada vez mais e disseram que logo tomariam a trilha pela qual passávamos com as bicicletas. Júlio César também comentou que os formigueiros estavam muito grandes e chamou a atenção dos colegas para que olhassem (DC-XXIV, 13).

Assim como os citados formigueiros, outros pequenos detalhes também foram admirados pelos/as participantes.

Seguimos no sentido da portaria de saída da USP por um trecho ainda em terra, passamos próximos a um conjunto de pinheiros e os/as participantes comentaram sobre as pinhas caídas pelo chão (DC-XXIII, 6).

Quando estávamos nos aproximando da entrada da trilha do bosque, Roberta chamou nossa atenção dizendo algo como: “Olha que lindas aquelas flores amarelinhas!”. Olhei para o arbusto e notei muitas flores amarelas que lembravam o formato de Margaridas (DC-XXIII, 36).



Figura : Participantes observando erosão e percorrendo lateral do bosque de pinheiros (AcervoVADL).

Os detalhes do caminho muitas vezes não eram visíveis e nem sempre agradáveis. Os cheiros, aromas e odores estiveram presentes no conteúdo das conversas entre os/as participantes durante os passeios, como podemos observar nos trechos transcritos a seguir:

Quando circulávamos por um calçamento que circundava uma área de proteção permanente que fica próxima ao restaurante, Rodolfo falou que estava sentindo “cheiro de mata ciliar”. Comentei com ele que estávamos próximos a uma área de preservação e ele disse que deveria ser proveniente dali o cheiro de mata fechada (DC-XXI, 14).

Com o grupo reunido saímos todos em direção ao campus dois da USP. Logo que saímos do posto sentimos um mau cheiro que não soubemos identificar, Cristiano Ronaldo reclamou, disse que parecia peixe podre. Comentou que odeia comer peixe, mas que adora pescar e gosta de ir com seu pai no pesque-pague. Cristiano Ronaldo perguntou a Rodolfo se ele gostava de pescar e Rodolfo disse que nunca havia pescado (DC-XIX, 10).

Andar de bicicleta expostos ao sol encheu os espaços sombreados de sentido e significação, conforme expressão de dois dos/as participantes em um mesmo local, porém em ocasiões distintas e, inclusive, em períodos e dias diferentes.

Quando o grupo adentrou a trilha do bosque, escutei Roberta dizer ao entrar na sombra: “Nossa que gostoso andar nessa sombrinha!” Logo em seguida passamos pela grande erosão que existe na trilha do bosque e ouvi burburinhos entre as crianças e adolescentes que pareceram estar surpresas com o grande buraco que avistavam (DC-XIX, 33).

Quando percorríamos o trecho que dava acesso à trilha do bosque, Cristiano Ronaldo pediu para pararmos a sombra, próximos ao local de erosão do bosque. Chegando lá, paramos para descansar e Cristiano Ronaldo comentou “nossa que da hora seria fazer um piquenique aqui!” (DC-XVII, 17).

Quando as coisas despertam o interesse, às vezes, dá vontade de levar para casa, nem que seja em fotos para compartilhar com os familiares, algo que ocorreu com Roberta que pediu para levar seu celular ao passeio para tirar fotos e levar para sua mãe ver. Além das fotos, as curiosidades do caminho despertavam diálogos e a aprendizagem de novos conhecimentos, tal como ocorreu quando encontramos no caminho a composteira do restaurante da USP:

Sardinha avistou a composteira na qual já havíamos parado em outro passeio. Ele então sugeriu que fizéssemos o lanche lá, assim os/as outros/as participantes poderiam conhecer o local e também que poderíamos jogar na composteira as cascas das frutas para que virassem adubo. Na composteira Roberta tirou fotos e o educador Da Lua comentou com o grupo sobre como ela funcionava. Entregamos uma mexerica para cada participante, que ao descascar a fruta jogavam na composteira as cascas. Quando terminaram de comer, Duarte [...] lembrou-se das balas [...] Depois de desembulhar a bala Roberta perguntou se poderia jogar o papel na composteira. Da Lua disse que não e explicou a ela que na composteira só podem ser jogados resíduos orgânicos, que apodrecem. Roberta então guardou em sua bolsa o seu papel e também os demais colegas para depois jogar no lixo (DC-XXI, 26).

O estar em bicicleta permitiu aos/as participantes explorar e conhecer o ambiente por meio da fruição de brincadeiras que emergiam conforme o conteúdo. Essas situações foram relatadas diretamente pelas crianças e adolescentes nos diálogos estabelecidos, sendo também fonte de motivação, pois constituem momentos muito valorizados nos passeios. Tal como afirma Ronaldo: “Assim oh! Eu achei interessante que a rua que nós descemo, subimo, é... a estrada que aí foi... é...” e Pica-Pau concorda: “É memo, foi da hora!” (DC-XXVI, 32). Guerreiro comenta sobre o que ele achou legal no passeio, ele diz: “[...] que nós brincava, naquela rampona...” e, gesticulando com as mãos sua passagem pela rampa, ele complementa: “É. Na hora que nós fez vum...” e Ronaldo finaliza: “É! Mó da hora fessor! Curti (DC-XXVI, 36). Ronaldo continua e expressa sua opinião sobre o passeio: “Nossa! Fessor, eu quase caí na lama (risos). Eu fiz vum, bum, vum. Aí eu aiiii! E na hora que eu tava subindo eu ohhh! Vum!” (DC-XXVI, 38).



Figura : Participantes brincando em monte de terra e em via com poças de lama (Acervo VADL).

Nas descrições dos diários de campo esses momentos de fruição estão muito presentes e, além do divertimento, podemos considerar que essa experimentação da bicicleta contribuiu com processos educativos relativos às habilidades de condução da bicicleta, conforme exploram diferentes tipos de terrenos e situações.

Em um trecho de terreno irregular Renata, ao passar por uma pequena vala com a bicicleta, teve um deslizamento com a roda dianteira que a desequilibrou e fez com que caísse. A queda foi leve e a menina não se machucou. Assim que ela se levantou verificamos se estava tudo bem e eu a levei até o ponto do acidente e a orientei dizendo para evitar passar pelas valas em seu sentido longitudinal, pois suas paredes inclinadas fazem os pneus deslizarem, disse a ela que, caso tenha que passar por uma, ela deve optar em passar sempre no ponto mais fundo, evitando assim que o pneu escorregue. Perguntei se ela queria continuar ou se preferia retornar e ela disse que estava bem e que queria prosseguir. Seguimos pela estrada de terra, no caminho Rodrigo disse que não gostava da areia fofa por que o fazia cair, já Rone disse que achava legal. Rodrigo comentou que só acha legal quando ele brinca com ela ao

passar de bicicleta. Mais a frente Rodrigo comentou que não gostava de andar nas pedras porque tremia muito a bicicleta, no mesmo trecho observei que David Luiz andava se divertindo ao fazer ruídos com a boca enquanto passava pelo trecho com pedras (DC-XXIV, 7).

O caminho se apresentava como um divertido parque, cada elemento possibilitava sua exploração lúdica e divertida, que variava em forma e intensidade de acordo com a habilidade de cada participante com a bicicleta.

Na entrada do bosque Sardinha pediu para irmos rápido para ele pular os troncos, assim fui mais rápido nesse trecho, inclusive desviei para passar por um pequeno morro para pular, ele e os/as demais participantes me acompanharam. Na saída do terreno Sardinha quis passar sobre um grande monte de terra e eu fui até a rua verificar a presença de carro. Como não vinha carro sinalizei para que ele pudesse ir. Nesse os/as outros/as participantes não quiseram se arriscar (DC-XXIII, 20).

Todo o caminho estava aberto à exploração lúdica, a areia, o trem que passava ocasionalmente na região e até as pegadas de animais presentes na estrada de terra, as quais “transformaram” o educador Kenobi em uma onça.

Educador Kenobi disse que durante o passeio brincou com o grupo, mostrando uma pegada no chão e dizendo a elas que era uma pegada de onça. Após esse comentário dele Júlio César e David Luiz começaram a brincar com ele apostando pequenas corridas fugindo de Kenobi e dizendo que ele era a onça que os estava perseguindo (DC-XXVI, 10).

[...] no momento em que retornávamos, passou um trem que seguia sentido a USP e os garotos apostaram corrida com o trem por um tempo, até que se cansaram e o trem os ultrapassou. Eles se divertiram bastante com a corrida e Hulk continuou a se divertir com a areia passando com a bicicleta na areia fofa (DC-XXIV, 21).

Em meio a essas brincadeiras, aprender a fazer o uso adequado das marchas fazia mais sentido e, mesmo aquelas pessoas que dentro do clube pareciam saber utilizá-las corretamente, nas ocasiões de passeio necessitaram de auxílio, como foi o caso de Cristiano Ronaldo, pois a variação de relevo do solo exigia maior frequência no uso das marchas, o que favoreceu a problematização e desenvolvimento dessa habilidade, principalmente nas situações de subida.

No retorno, na última subida que fizemos para sair do campus, devido à troca de marchas muito rápida feita por Cristiano Ronaldo, a corrente de sua bicicleta saiu e ele teve que descer dela. Comentamos então que não adiantava correr tanto e trocar de modo inadequado a marcha, pois se estivesse em uma corrida de verdade, conforme estava brincando, acabaria perdendo mesmo sendo bastante veloz, pois quem estivesse mais lento, ganharia a corrida por estar fazendo as trocas de marcha corretamente. Ele, brincando, disse que ganharia de qualquer jeito, pois pegaria a bicicleta e a empurraria até a linha de chegada. Educador Da Lua comentou que em

uma corrida de bicicleta ou de automóvel, não é possível ganhar empurrando a bicicleta ou carro, devido às regras do evento. Inácio, colocando a corrente no lugar, pediu para Cristiano Ronaldo trocar a marcha e girou o pedal para que a corrente voltasse ao lugar (DC-XXVII, 16).

As descidas eram momentos bastante esperados pelo grupo e os/as participantes vivenciavam a velocidade por elas produzida de acordo com seus desejos e medos, alguns de modo comedido, outro/as divertiam-se na experimentação da máxima velocidade possível.

Logo que entramos na USP, ao ver a descida, Cristiano Ronaldo me disse: “vamos rasgar essa descida professor!” indicando o interesse em deixar a bicicleta embalar na descida. De modo geral, durante todo trajeto as crianças e adolescentes comentaram gostar das descidas pelas quais passamos, mas a atenção delas dirigia-se principalmente a que estava localizada na entrada principal do campus, que era a mais íngreme do percurso. Cristiano Ronaldo, inclusive, comentou sobre a sensação agradável ocasionada pelo contato do vento que vem em direção ao corpo. Ao final, antes de irmos embora, os participantes pediram para que nós repetíssemos novamente a descida da entrada principal (DC-XV, 9).

A fruição nos ambientes sem a presença de automóveis foram mais presentes, a sensação de segurança e a menor necessidade de orientação dos/as educadores/as permitia que todos e todas desfrutassem com mais tranquilidade o passeio, tal como notamos a seguir:

[...] atravessamos a cerca e seguimos pela estrada de terra. Como quase não passam carros por esse local, os/as participantes ficaram mais à vontade ao pedalar, podendo se deslocar de um lado para o outro da via sem preocupação. Senti que com a menor tensão, devido a menor preocupação com a segurança do grupo com relação à circulação de automóveis, eu e os demais educadores/as pudemos desfrutar do passeio juntamente com os/as participantes (DC-XXVI, 6).



Figura : Participantes aprendendo sobre o uso das marchas durante o passeio e grupo pedalando descontraído em via com pouca circulação de veículos motorizados (Acervo VADL).

Por outro lado, a experiência na rua contribuiu com processos educativos distintos, pois as orientações sobre circulação no trânsito se intensificaram a partir do início da realização dos passeios externos. Isso ocorreu devido à maior preocupação dos/as educadores/as com a segurança dos/as participantes, fazendo com que, antes de cada saída, retomassem algumas normas de circulação no trânsito:

[...] seguimos para a portaria do clube para fazer as orientações ao grupo, pois três pessoas estavam saindo pela primeira vez para um passeio. Educador Da Lua encaminhou a orientação, ele combinou com o grupo que ele faria algumas perguntas para que as pessoas que já haviam ido a outros passeios respondessem, assim Rone, Kika e Renata conheceriam as regras e combinados para circular na rua. Da Lua perguntou sobre a mão de circulação e os/as participantes responderam corretamente. Depois perguntou em que lugar deve circular as pessoas em bicicleta, o grupo respondeu que seria pela rua. Perguntamos se era para andar no meio da rua, na calçada ou no cantinho da guia, os/as participantes responderam que deveríamos andar a um metro da guia, mais ou menos, a um braço de distância dela. Comentei com os/as iniciantes sobre a importância disso para segurança, risco de desequilíbrio caso ocorra uma fechada de automóvel, bem como areia e bueiros abertos. Sobre a sinalização nas conversões, Rodrigo se confundiu com os lados [...] Da Lua disse que é necessário fazer o sinal para o lado que se pretende virar independente de ser esquerdo ou direito. [...] Maria Joaquina disse que nós iríamos em comboio, Da Lua complementou dizendo que eu iria à frente, Joana ficaria no meio e ele ficaria por último acompanhando o grupo (DC-XXIII, 6C).



Figura : Participantes circulando pelas ruas em passeios de bicicleta (Acervo VADL).

Além do maior número de orientações, processos educativos decorreram da maior exposição ao trânsito, em que, a vivência concreta da mobilidade em bicicleta, possibilitou exemplos que suscitaram diálogos sobre o cuidado e a atenção necessária ao nos deslocarmos pelas ruas da cidade, como situação a seguir:

Sáímos em direção do posto de combustíveis para calibrar os pneus. No caminho um senhor parou com seu carro para nós passarmos, mesmo estando ele na rua preferencial. Agradei a ele e sinalizei que estávamos com um grande grupo e lhe disse que ele poderia continuar, ele então sorriu e seguiu seu caminho. Logo depois,

quando estávamos chegando ao posto, uma senhora virou sem sinalizar e entrou na rua, a qual nós estávamos atravessando para acessar o posto. A mulher, mesmo notando a presença das bicicletas, continuou seu caminho obrigando Roberta a interromper a travessia da rua quando estava no meio, para que o carro passasse. Quando chegamos ao posto, comentei com os/as participantes que na rua deveríamos sempre ter muito cuidado, pois encontramos com motoristas de todos os tipos, os gentis, como o senhor que havia parado o carro para nós passarmos e outros nem tanto, como a mulher que, conforme comentou Roberta indignada, agiu como se fosse dona da rua e não respeitava as leis de trânsito (DC-XXIII, 19C).

Outra ocasião bastante significativa vivenciada pelo grupo ocorreu logo após uma orientação feita no decorrer de um dos nossos passeios, ela serviu para ilustrar que é importante controlar a velocidade nas descidas, principalmente quando elas possuem cruzamentos de vias, mesmo que sejam vias preferenciais.

Cristiano Ronaldo e Messi sempre queriam seguir em velocidade nas descidas. Em diversas delas eu controlava a velocidade do grupo e, em um dos momentos, ao nos aproximarmos de uma rotatória, a qual os dois garotos queriam atravessar em velocidade, eu comentei sobre a necessidade de ter cuidado nos cruzamentos e rotatórias, pois um carro poderia virar sem dar seta e cruzar a frente. Eu então combinei que iríamos devagar até cruzar a rotatória e depois poderíamos acelerar e aproveitar a descida. Ao chegarmos a rotatória um carro virou sem fazer a sinalização adequada e eu aproveitei o ocorrido para reforçar a orientação dada anteriormente. Comentei que se nós estivéssemos em velocidade poderíamos ter sofrido um acidente. [...] Após cruzarmos a rotatória acelerei e descemos bem rápido o trecho que não possuía cruzamentos (DC-XVII, 11).

Algumas situações vivenciadas pelo grupo durante o passeio ampliaram a preocupação dos/as educadores/as com a questão de segurança. Nessas ocasiões os/as participantes tiveram a atenção chamada constantemente durante o percurso, na maioria das vezes, elas surtiam efeitos, mas eventualmente algum participante exigia mais intervenções, como podemos notar no fragmento que segue:

Iniciamos a descida devagar e aos poucos o grupo foi ganhando velocidade. Olhei para trás e vi que Sardinha, Duarte, Guerreiro e Pica-Pau ficavam ultrapassando os colegas e circulavam bem no meio da via, que era de pista dupla. Reduzi a velocidade e nesse momento escutei os educadores Da Lua e Inácio chamando a atenção dos garotos. Assim que terminou a descida, parei a bicicleta e pedi para que o grupo encostasse à beira da via. Da Lua, Inácio e eu chamamos a atenção dos quatro garotos sobre o ocorrido e dissemos que eles não poderiam ficar circulando no meio da via. Eu comentei que ali ainda circulavam poucos carros, mas aquela atitude do trânsito era extremamente arriscada. Disse que diversos ciclistas já morreram atropelados por carros, caminhões e ônibus nas ruas. Após essa conversa Sardinha e Guerreiro pararam de fazer isso, porém Duarte e Pica-Pau tiveram que ser advertidos mais algumas vezes (DC-XIX, 34).

Também teve ocasiões em que os/as educadores/as se questionaram sobre a possibilidade e os riscos de sair para a rua com determinados/as participantes. Além do risco

de acidente, parte do grupo se sentia incomodado com a presença destes, principalmente as meninas, que muitas vezes foram alvo de provocações. Isso pode ser notado no trecho seguinte que dá continuidade à descrição anterior e nos mostra a necessidade de adoção de posturas mais incisivas por parte dos/as educadores/as.

Pica-Pau, inclusive, repetiu a ação diversas vezes desconsiderando as orientações feitas por nós. Em uma das últimas paradas dentro do campus, educador Da Lua disse que pensaria muito bem para decidir se iria permitir a participação dele no próximo passeio. Sardinha teve sua atenção chamada outras vezes durante o passeio, pois ficava ultrapassando, tirando finas e ameaçando Sofia e Roberta que reclamaram constantemente da postura do colega. Em uma das paradas que fizemos comentei com o grupo que nós havíamos iniciado os primeiros passeios com os/as participantes com maior idade pensando que poderiam nos ajudar a orientar as pessoas mais novas, porém que estávamos sentindo que isso estava na verdade atrapalhando o aprendizado dos mais novos. Da Lua concordou e disse que aqueles que já haviam feito outros passeios anteriores estavam sendo mau exemplo aos colegas (DC-XIX, 35d).

Nesse caso, a unidade é considerada divergente, pois o interesse em expandir os horizontes era prejudicado pelas ações de alguns participantes, ampliando o receio dos/as educadores/as em sair à rua com parte do grupo, bem como incomodando as participantes mulheres, o que poderia desestimulá-las a frequentar a atividade.

Outra divergência emerge de problemas como o atraso no ônibus que fazia o transporte dos/as participantes para os bairros Jardim Gonzaga, Antenor Garcia e Cidade Aracy no período da tarde, o qual deveria partir do projeto às 17h30min e, em determinada ocasião, gerou uma situação de mau exemplo, no que diz respeito ao cumprimento das leis de trânsito tanto enfatizadas por educadores/as, pois:

Educador Flávio e eu ficamos até às 19h30min no clube aguardando o ônibus. Um funcionário do clube que estava na secretaria ligou para um dos diretores do clube para informar do atraso e Flávio ligou [...] para a garagem da empresa, a qual informou que enviaria um transporte. Familiares ligaram preocupados para a secretaria do clube, bem como alguns/as participantes quiseram ligar para informarem seus familiares sobre o atraso. Por fim, Flávio e cinco participantes foram transportados no carro pessoal de um dos diretores do clube que, diante do impasse [...] levou inadequadamente sete pessoas (DC-I, 9d).

Embora situações como as descritas tenham ocorrido, também é preciso destacar a fala das crianças e adolescentes que participaram dos passeios, ao tratarem sobre seus aprendizados, uma delas foi registrada no final do período quando:

[...] o educador Flávio perguntou para os participantes que haviam saído para pedalar, o que haviam achado do passeio. Aduato respondeu que havia gostado, que

eles foram até a USP, que aprenderam sobre sinalização, respeitar o trânsito, o pedestre e a dar os sinais com os braços para virar as ruas [...] (DC-XV, 19).

Para Maria Joaquina, depois dos passeios externos, aprender a usar as marchas passou a ser uma necessidade e, portanto, exercitar isso no espaço do clube fazia sentido, tanto que ela afirma: “[...] eu gostei de andar de bicicleta aqui no clube que eu também aprendi a usar as marchas e no passeio não vai ficar tão cansativo” (DC-XXV, 17). Em conversa sobre as atividades do projeto Frynkin diz: “Ah! Eu gostei que eu aprendi várias coisas, aprendi também... Por exemplo, eu não sabia que precisava usar seta, que tem uma distância exata da calçada” (DP, 1) e seu irmão David Luiz afirma algo semelhante dizendo: “Então, eu aprendi muito... A dar seta também e... E... Sempre andar na cal... Rua... Do lado da calçada, nunca no meio da rua e nunca na calçada. E sempre usando capacete, luva para sua segurança” (DP, 1).

Na ocasião dos passeios realizados fora das dependências do clube, o uso de equipamentos era ampliado, pois, além dos itens relacionados à segurança, como luvas, capacetes e coletes refletivos, também existia a necessidade de ferramentas para eventual manutenção da bicicleta, alimento para repor as energias e água para garantir a hidratação durante o exercício.

Junto com os participantes separamos os coletes, capacetes, caramancholas e luvas. Cristiano Ronaldo se lembrou do kit de ferramentas e o pegou. Eu coloquei a bomba em uma das bicicletas e separei algumas barrinhas de cereal. Cristiano Ronaldo e Messi foram lavar e abastecer as caramancholas. Os educadores Da Lua e Inácio auxiliavam os participantes no ajuste adequado dos capacetes (DC-XVII, 5).

Por isso compreendemos que a ampliação de horizontes se deu também com a questão dos equipamentos de segurança, embora, durante um dos passeios, tenhamos percebido também que destes equipamentos gerava desconforto e vergonha nos participantes, revelando o valor negativo atribuído a eles por parte de um dos participantes.

Ainda no caminho de retorno, ao passarmos pelo mercadinho, Cristiano Ronaldo chamou atenção de Rodolfo novamente e comentou que a Gabi estaria por ali, Rodolfo demonstrou preocupação. Perguntei o que estava acontecendo ali. Cristiano Ronaldo comentou que Rodolfo sentia vergonha de andar de capacete e colete, e ficava preocupado que as pessoas o vissem assim. Lembrei nesse instante de situação semelhante ocorrida na semana anterior. Comentei com Rodolfo que se ele observasse as provas de ciclismo, tanto de rua, quanto em circuitos fechados, ele notaria que todos os atletas usam capacetes e roupas coloridas e que isso não era motivo para se envergonhar. Cristiano Ronaldo disse que não se importava com isso, pois ele estava brincando e se divertindo (DC-XIX, 22d).

Essa representação negativa que influencia as pessoas a não usar tais equipamentos, em alguma medida, pode ser modificada, conforme podemos notar em uma fala do mesmo participante registrada em passeio posterior. Ela retrata a mudança de posicionamento do participante com relação à necessidade de sinalizar as conversões.

Quando estávamos a caminho do posto, Rodolfo disse que havia perdido a vergonha de “dar seta” com as mãos para sinalizar suas manobras de conversão. Eu disse que quando ele andasse de bicicleta em situações de trânsito mais intenso ele iria sentir necessidade de “dar seta” para garantir sua segurança (DC-XXI, 9).

O uso constante dos equipamentos de segurança nas atividades do projeto possibilitou a alguns dos/as participantes reconhecer a necessidade do uso e até estranhar o não uso nos momentos em que passeávamos pelas ruas, como se pode notar no fragmento a seguir:

Ainda quando estávamos parados na ponte, um jovem, possivelmente um estudante da USP, passa de bicicleta com uma mochila e um capacete pendurado nela. Ele seguia na avenida principal de entrada pela contra mão da via. Quando o jovem passou pela ponte Hulk, espantado, apontou para o capacete pendurado e comentou: “Ele está sem o capacete!”. As outras crianças e adolescentes também observaram o ocorrido. Eu comentei que, além disso, ele também estava trafegando na contramão (DC-XIX, 41).

Cabe salientar que, além das vivências possibilitadas pelas nossas saídas em bicicleta, os/as participantes possuem experiências da rua oriundas de outras situações, como deslocamentos pelo bairro e região, como as expressadas na fala de dois participantes quando:

[...] foram comentando ao longo do caminho sobre os passeios e trilhas em bicicleta que já realizaram indo ao Cedrinho pelo bosque ou indo até uma cachoeira. Disse que uma vez estavam passando pelo bosque e um senhor chamou para ir ao mato e eles saíram pedalando rapidamente (DC-XVII, 8).

Alguns participantes possuíam, inclusive, experiência conduzindo veículos motorizados, mesmo sendo menores de idade, conforme revelado no diálogo que se deu no momento em que um educador dava as orientações de mobilidade no trânsito para Duarte, um participante de dez anos de idade que iria pela primeira vez ao passeio com o grupo.

Sardinha disse que Duarte andava de mobilete pela rua e que ele já sabia de tudo isso. Perguntamos sobre a mobilete e Duarte disse estar na cidade de Santos, na casa dos avós. Comentou que quando morava lá andava bastante nela, mas que agora só anda quando vai visitar os avós em Santos (DC-XVII, 24).

Essas situações desafiam a atuação dos/as educadores, pois conduzindo o grupo, necessitam lidar com essa diferença entre os/as participantes, garantindo ao mesmo tempo segurança e motivação para as saídas em bicicleta.

Nas conversas com essas crianças e adolescentes durante os passeios, os educadores/as também se aproximavam de suas opiniões, por meio dos comentários que faziam sobre as coisas que viam e das falas que comunicavam aquilo que desejavam.

No caminho passou ao longe uma pessoa com uma moto. Ao escutar o ronco do motor Cristiano Ronaldo comentou “Oh lá professor, aquele é meu sonho!” Perguntei o que era e ele disse que era a moto. Perguntei a ele que moto era aquela e ele disse que era uma *Hornet* (DC-XXI, 10d).

Dialogando sobre as coisas que haviam feito ou que pretendiam fazer, bem como dos gestos e acessórios usados, as crianças e adolescentes do projeto também expressavam gostos e valores. Como exemplo, podemos citar a seguinte situação ocorrida em uma das saídas:

Sardinha estava com uma camiseta branca cheia de pequenas folhas verdes de maconhas estampadas. O garoto disse que trocou sua bicicleta rebaixada por duas bermudas de marca e que agora seu pai iria comprar uma BMX para ele. Sardinha, no momento de uma das fotos solicitado pelos/as participantes, fez pose com sua mão fazendo gestos de revólver e o educador Da Lua disse que não fazia fotos com sinais de armas e disse também que revólver representa a morte. Então Sardinha disse que faria o gesto de paz e amor (DC-XXIII, 31d).

Seus valores também se manifestam nas músicas que ouvem, gostam e reproduzem, cantando-as durante o passeio. Como exemplo, transcrevemos a seguir, a letra de uma delas que, em nossa opinião, se relaciona com as duas citações anteriormente apresentadas e com o contexto cultural consumista no qual estamos imersos.

Quando seguíamos no sentido da portaria da USP, Sardinha cantava um Funk com a seguinte letra: “[...] A história começou assim/Vi os vida louca contando dindim /Um rapper gringo embaçar no plim plim/ Vou escrever uma história pra mim assim/Vou visitar esse shopping, adquirir umas peças da Oakley / Lança um carro nome Amarak, um tênis Nike de modelo Shox / Adquirir Calvin Klein, a Tommy, a Lacoste e as nota que vai /E antes que o bronze sai, o ouro e a prata e a benção do pai /Anota aí, e pode escrever os humilhados sempre vão vencer / E se você paga pra ver, estou aqui ao vivo pra te dizer / Paparazzi ta de olho em nós / Boa fase, pré, ao vivo e pós [...]”. Perguntei a ele quem cantava a música e ele disse que era a música “Os moleque é Liso” do MC Rodolfinho (DC-XXIII, 33d).

A música traz uma série de marcas famosas e o consumo delas como principal objetivo, no entanto, mesmo que timidamente, os passeios nos permitiram observar a emergência de outros valores, possibilidades que também foram expressas pelos/as participantes.

Saímos da composteira e pegamos uma trilha de terra que beirava a cerca e seguimos até chegarmos a uma passagem que nos permitiu atravessá-la. Durante o caminho Roberta comentou comigo que seu pai havia vendido uns materiais recicláveis, o que lhe havia rendido algum dinheiro e, por isso, sua mãe queria que ela faltasse no projeto naquele dia para que pudesse acompanhá-la ao centro da cidade para comprar calças *legging*, pois ela estava precisando. No entanto, Roberta disse para sua mãe que não queria faltar ao projeto, pois teria passeio de bicicleta e pediu para que escolhesse outro dia para ir ao centro comprar as roupas (DC-XXIII, 27).

O citado fragmento sinaliza que, um passeio de bicicleta com os/as amigos/as, se apresentou para a menina como uma vivência mais agradável e atrativa do que uma tarde de compras no centro da cidade.

Esse e outros comportamentos das crianças e adolescentes que refletem o interesse pelas atividades com bicicleta, principalmente pelos passeios, são o ponto central desta categoria, pois, por meio deles, a questão do uso da bicicleta adentrou aos lares e passaram a compor os horizontes também dos/as familiares, ampliando-os.

Embora entre os/as familiares a bicicleta possua uma imagem positiva considerando a possibilidade de diversão, as aprendizagens do projeto e talvez a diminuição do sedentarismo, em verdade, nas conversas, aos poucos, o medo da bicicleta foi se revelando. As atividades com bicicleta são vista como um bom incentivo, o qual as mães justificam com o gosto apresentado pelos/as participantes em frequentá-las, como podemos notar no terço extraído da roda de conversa.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: É bom que incentiva mais, né? Incentiva eles a participar mais da bicicleta assim... Eles fica tudo dentro de casa ou jogando pipa na rua e esquece a bicicleta do lado... Eles não anda de bicicleta... Então eu acho assim, como tem dia que vocês vão lá fazer essa volta de bicicleta, o Júlio César sempre fala pra mim: Mãe, tal dia vai ter a bicicleta você assinou o papel? Eu falei: assinei!
Mãe de Maria Joaquina: A Maria Joaquina também! (RC-II, 10).

O fato de as crianças e adolescentes participarem dessas atividades do projeto era visto com algo positivo pelas mães, pois tiravam os/as participantes da rua. A Mãe de Raiane comentando sobre isso afirma: “É uma coisa boa também que tira eles da rua, né? Incentiva muito eles” e a mãe de Roberta, Robinho e Lupita concorda, dizendo: “Eu gostava do projeto por causa disso, eles ficavam o dia inteiro lá e aprendiam bastante coisa” (RC-I, 7).

A questão “tirar as crianças da rua” esteve muito presente na fala das mães, inclusive, foi uma queixa comum às duas rodas de conversa o fechamento de projetos sociais na cidade de São Carlos devido à mudança na administração municipal ocorrida no ano de

2013. Isso fica evidente no diálogo entre as mães que se organizam durante a roda de conversa para fazer a divulgação do projeto no bairro em que moram.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Eu acho que também o projeto... Tudo bem que é de terça e quinta, né? Mas nessa terça e quinta as crianças não tá na rua, né? Eles estão aqui é... Aprendendo, né? [...] Chega aqui tem vocês pra olhar... Agora, tem mãe que prefere o filho na rua lá do que num projeto. Eu conheço bastante mãe assim viu? Trabalhei um ano no CAIC⁸² lá e o projeto do CAIC mesmo não tem mais. A prefeitura cortou. Agora, tem um monte de criança que eu conheço que eu acho na rua, fica o dia inteiro na festa na rua, e a mãe?... Nada! (RC-II, 25C). [...]

Mãe de Lili: Se você conhece essas pessoas, até porque eu tô na condição de diretora desse projeto também e aí se tiver condições de reunir essas pessoas, se quiser um dia reunir pra gente falar, mostrar slide e tal. Apresentar o projeto pra elas, de repente também talvez porque elas não conheçam [...] **Mãe de Rodrigo e Júlio César:** Ali na rua mesmo, assim pra baixo ali, pra baixo de casa ali tem bastante criança que eu conheço que tava num projeto e saíram porque o projeto acabou, né? Não existe mais. Aí se elas quisessem ir e se interessar eu converso com elas. Sempre eu vejo você passando lá na rua de casa e se elas se interessar eu já falo pra você [...] **Mãe de Lili:** A gente pode levar ficha, imprime as fichas a gente leva se quiserem. [...] **Mãe de Frynkin e David Luiz:** Junta lá em uma das casas. Minha casa está de portas abertas se quiserem fazer lá (RC-II, 27).

As falas também abordam a falta de tempo dos familiares para ensinar as crianças e adolescentes a andarem de bicicleta devido aos compromissos de trabalho, o que mostra o importante papel cumprido pelo projeto VADL ao possibilitar esse aprendizado às pessoas que dele participam, conforme mostra a fala de uma mãe.

Ah! A Fiorella, ela tá andando com rodinha... Assim, mas eu achei interessante o jeito que vocês ensinam. Tiram as rodinhas e tiram o pedal, né? Pra ensinar eles, assim... E ela tá aprendendo. E também tem o tempo da gente que trabalha fora, né? Que é corrido e ela está aprendendo bem aqui. E ela gosta hein! (RC-II, 2).

Além da falta de tempo, a ausência de bicicleta em casa e, em certa medida, o medo da rua estiveram presentes nas falas das mães, uma delas até deixou de consertar a bicicleta que havia em casa para que seu filho não andasse mais.

Mãe de Lili: Bom, pra mim em casa, na realidade a Lili não sabia andar de bicicleta até então, por que... Uma que não tinha bicicleta em casa e também... Quer dizer não tinha nem quem andasse com ela na rua, né? Ainda mais que minha rua é ladeira a baixo, o negócio é meio complicado. E aqui ela acabou aprendendo a andar de bicicleta. Eu não tinha a mínima preocupação porque eu sabia que ela ia estar toda equipada aqui, capacete e tal... Então eu não tinha, por exemplo, questão de medo do que poderia acontecer, do contrário... Se fosse na rua, por exemplo. Tanto é que eu nem incentivava ela e nem comprei uma bicicleta para ela porque tinha um pouco de medo e não tinha quem acompanhasse ela nessa aprendizagem, diferentemente daqui, né? Que aí teve quem estava ali o tempo inteiro com ela ensinando e tal... Foi isso (RC-II, 2).

⁸² Escola municipal de ensino básico localizada no bairro Cidade Aracy, na cidade de São Carlos.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Já o Júlio César ele é meio tranquilão, ele vem mais também pra andar de bicicleta porque ele gosta. Até que quando quebrou a bicicleta dele e eu não arrumei mais, fiquei meio com medo (risos). Aí ele falou: então eu vou no projeto andar de bicicleta! (RC-II, 7).

Esse medo da rua apresentado pelas mães começou a entrar em conflito com o interesse das crianças e adolescentes em participar das atividades do projeto, principalmente dos passeios externos. Diante disso, novas situações se configuraram nos lares, tal como a citada pela mãe de Cristiano Ronaldo, ao falar sua impressão sobre as atividades com bicicleta:

[...] eu achei muito interessante porque, na verdade, eu sempre tive medo de bicicleta e aqui ele desenvolveu que eu tive até que comprar uma bicicleta, né? Na verdade (risos das pessoas participantes da roda). Porque o medo da bicicleta é demais, né? Eles aprendem muita coisa... Aí eu falei assim: vou comprar. Tive que comprar e desenvolveu aí também porque ele não andava (RC-II, 5).

O interesse das crianças e adolescentes foi fortemente percebido pelas mães, como a de Frynkin e David Luiz que, tratando sobre como percebeu no dia a dia de sua casa a influência das atividades com bicicleta nos comportamentos dos garotos, ela diz: “[...] eu achei interessante foi o interesse deles, né? E ainda mais para andar de bicicleta, fora o instinto de menino que já gosta de pedalar, jogar bola... Mas, assim, o prazer de estar levantando cedo e estar vindo, principalmente, quando tem a pedalada na rua” (RC-II, 3C).



Figura : Foto na portaria da USP e na via de terra que dá acesso à cidade de Ibaté (Acervo VADL).

Embora a fala da mãe anteriormente citada remeta à ideia de que o interesse pela bicicleta é um instinto de menino, podemos notar, pelas falas das mães de Roberta e Sofia que as meninas também se interessam bastante pela bicicleta, elas comentam o gosto de suas filhas pelos passeios em bicicleta. A mãe de Roberta diz: “Em dia de ciclismo a Roberta

ficava doida, às vezes eu falava que ela não ia e ela chorava. Ela tirava foto. Tem fotos no celular dela até hoje do ciclismo que ela ia e tirava foto, divertiu” e a mãe de Sofia complementa: “É. Eram os dias atividades que eles mais gostavam” (RC-I, 8C).

Mesmo que, de modo geral, as mães considerassem o uso da bicicleta como um incentivo, os passeios externos, ao menos inicialmente, não foram bem recebidos por parte das mães, elas afirmaram ter sentido bastante medo quando souberam que os/as participantes sairiam de bicicleta na rua, algumas até cogitaram não permitir a participação de seus filhos/as. Buscando vencer o medo e resistência das mães, os/as participantes utilizaram-se dos mais diversos recursos para persuadi-las. Isso pode ser notado no trecho extraído da roda de conversa realizada no bairro Jd. Gonzaga, no qual mães e filhas tratam sobre as repercussões que os passeios de bicicleta tiveram em suas casas.

Mãe de Sofia: Eu fiquei preocupada!

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Eu também fiquei muito preocupada.

Roberta: No passeio de Ibaté minha mãe não deixou eu ir.

Mãe de Sofia: O dia que ela falou pra mim que eles iam pegar né, pra sair assim...

Sofia: A minha mãe não queria deixar, eu comecei chorar, fiz maior birra lá na cama.

Mãe de Sofia: ...assim que tinha uma pista que ia para Ibaté, mas ela falou que era rua de terra tudo. A eu fiquei preocupada.

Sofia: ...que a gente ia pelo cantinho assim...

Mãe de Sofia: Ah! Eu fiquei preocupada.

Sofia: A minha mãe não queria deixar, eu comecei chorar e aí eu conversei com meu pai e meu pai deixou.

Mãe de Sofia: É porque é que nem eu falei, ela não sabia quase andar de bicicleta e...Ah, eu ficava preocupada, falava: Nossa é muito ruim. Ela não vai saber desviar se vier carro, eu ficava preocupada com isso aí. Depois quando ela chegava ela falava, né, como que era o projeto, que iam os professores, que eles vestiam os equipamentos. Aí eu falei: Ah, então não tem tanto perigo, né?.

Sofia: A gente vestia luva!

Roberta: Capacete!

Sofia: É! Capacete.

Roberta: Colete... É aquele lá que põe assim... (RC-I, 15).

Podemos perceber que os/as participantes argumentavam sobre a segurança, enfatizando o uso do capacete, luvas, coletes, deslocamento pelo bordo direito da via e a presença dos/as educadores. A questão da segurança também foi apontada pela mãe de Lili como um fator que a fez, desde o início, ficar tranquila com a participação de sua filha.

[...] Era tipo, vai andar de bicicleta, mas vai todo mundo de capacete, todo mundo uniformizado. Então acho que é isso que dava essa tranquilidade também. Você entendeu? E a questão de sair pros lugares fora é... Essa segurança de ter essa certeza de ter pessoas responsáveis cuidando, né? Olhando... E que ia procurar talvez o local melhor possível para que eles passassem e tal... Ainda mais no caso a Lili que nem sabia andar, aí eu nunca tive a mínima preocupação. Até se também

levasse um tombinho também, tipo, seria meio que normal também, né? Porque não tem como (RC-II, 13).

Assim como aspectos de segurança, a confiança na equipe de educadores/as foi fator determinante para que as mães permitissem a participação de seus filhos/as, isso apareceu principalmente nas falas das mães do bairro Cidade Aracy, das quais duas são funcionárias da instituição que mantém o clube e o projeto e a outra é funcionária do próprio clube. Isso as permitiu conhecer a equipe de educadores/as, diferente do que ocorreu com as mães do Bairro Jd. Gonzaga que nunca haviam estado no clube. A mãe de Frynfin e David Luiz disse: “[...] eu acho que só por a gente estar ciente, vou falar por mim, só por eu estar ciente que tem uma equipe, né? Os educadores que estão indo junto vão estar cuidando, então pra mim eu fiquei bem tranquila” as outras mães presentes na ocasião concordaram afirmando: “Pra mim também!” (RC-II, 9).

Fator que também motivou a preocupação de um dos pais foi o cansaço apresentado por sua filha após um dos passeios, porém a insistência da menina que expressava seu prazer em participar da atividade o convenceu a deixá-la ir, conforme as palavras da garota registrada em diário.

Em um momento do passeio Roberta me disse que chegou a sua casa bastante cansada, que tomou banho e foi dormir, disse que seu pai chamou-a para jantar e que ela não quis levantar. Disse que por isso seu pai ficou receoso em deixá-la vir novamente, mas ela insistiu que queria vir no passeio novamente, pois havia gostado muito (DC-XXI, 27).

O fundamental de observarmos é que, mesmo as mães e pais que apresentaram medo e preocupação, aos poucos, foram adquirindo confiança e se tranquilizando com a saída de seus filhos/as na rua nos dias de passeio. Os/as participantes retornavam e contavam a experiência para elas e isso as acalmava, tal como podemos notar na fala da mãe de Sofia: “Não, depois que ela explicou certinho como que era eu fiquei mais tranquila [...] Tanto que hoje eu até deixo ela sair na rua de bicicleta, porque ela aprendeu, né? Então não é mais tão preocupante” (RC-I, 18).

Preocupações como a inabilidade em se deslocar de bicicleta em meio ao trânsito de automóveis, anteriormente apresentada, em um dos relatos da mãe de Sofia foram sendo superadas com o passar do tempo, por meio da percepção dos aprendizados demonstrado por sua filha. A segunda frase presente no nome desta categoria, provém exatamente de uma das falas dessa mãe que expressa transformação vivenciada por ela em contato com o projeto por meio da participação de sua filha, ela disse: “E aí quando ela foi nesse projeto lá ela gostou

muito, foi lá que ela realmente aprendeu a andar de bicicleta. Aí, depois daí *ela já pega a do irmão dela que é grande e já sai...*” (RC-I, 4).

Percepção semelhante foi destacada por mãe de Roberta, em suas palavras: “A Roberta eu percebo que ela criou mais responsabilidade para andar de bicicleta, por que lá tinha... tem que andar pelo canto, hoje ela vai andar, vai sair para algum lugar de bicicleta ela vai pelo canto” (RC-I, 11).

O diálogo com as mães na roda de conversa também revelou o medo da equipe de educadores/as, mesmo estando esta convencida sobre a necessidade de sair com as crianças e adolescentes à rua para que aprendessem a se deslocar com segurança. Esse medo pode ser identificado no trecho a seguir, o qual também indica que o diálogo com os familiares é uma importante ferramenta para reduzir esse sentimento em ambos os grupos e ampliar os horizontes de atuação da equipe.

[...] a gente tinha uma preocupação muito grande com isso e... E... E tinha medo, preocupação de estar com as crianças lá na rua, achava importante eles saberem andar direito, pra quando eles saíssem para andar na rua sem ter ninguém olhando, mas também a gente tava preocupado com os pais, com essa reação e tal, então a gente fica bastante contente em saber que isso foi passando. Então uma coisa que eu aprendi lá, trabalhando com as crianças e fazendo essas coisas, foi organizar um pouco isso. Então fiquei contente em saber disso (RC-I, 18).

Tratando sobre a atuação da equipe de educadores/as, as mães discorreram sobre a importância da ação desenvolvida para as crianças e adolescentes do projeto, elas comentam sobre como conhecem cada um dos/as educadores sem necessariamente ir ao projeto, tamanha é a influência que exercem na vida dos/as participantes.

E eu não sei as outras, as mães que não tá aqui. Mas acaba que a gente conhecendo os educadores através deles, né? Eles chegam e falam: É educador tal. Às vezes você não sabe nem quem que é, mais aí eles falam, né? (as mães presentes concordam rindo). Ai foi o educador tal! Foi o Clayton! Foi o Eiri! Foi não sei quem! Foi o Helder! Foi não sei quem!... A Abayomi! Tem vários, teve vários. E aí a gente sabia todo mundo, quem era todo mundo porque eles falam em casa e tal. Mas e aí eu acho que, de repente, vocês não têm talvez tanta noção do quanto, às vezes, a importância que vocês têm na passagem da vida dessas crianças assim, né? (RC-II, 30).

Essa conversa com as mães revelou o potencial das atividades realizadas, mas também nos permite reconhecer as limitações e dificuldades vivenciadas pela equipe do VADL no dia a dia. Dentre elas, citam a necessidade de levantamento de recursos financeiros para manutenção do projeto e a necessidade de melhor divulgação das ações, bem como a frequência irregular das crianças e adolescentes, interesses voltados para as mídias e

tecnologias e alternativas presentes no mundo-vida de cada um, nem sempre consideradas boas, mas que compõe a diversidade que se expressa entre os/as participantes.

Não sei se também se por uma questão da mídia, da televisão que às vezes acaba tirando as crianças também de vim aprender um pouco mais desse... Desse relacionamento humano também que são... Que é bem trabalhado aqui com vocês do projeto, é... E aí a gente não sabe se, de repente, quem... O que é que peca também, né? Se é o projeto em si, se é a questão da divulgação, se as famílias também as vezes não...Num... Não se interage muito, Não dê muita importância pra isso, entendeu? Não cultiva. Às vezes as crianças vêm e, de repente, para de vir, a gente, né? Não sabe de repente o que acontece. E que também é um desafio pra educadores nesse campo da questão social, né? Porque você debater com celular, com a televisão, com joguinhos lá, entendeu? São verdadeiros, assim, heróis que lidam com esse tipo de situação, porque a diversidade é muito grande e a questão de... De... Como posso falar?... De alternativas pra eles fora isso daí é... É enorme, assim, se entendeu? (RC-II, 22).

Encerrando a apresentação desta categoria, destacamos que apesar das dificuldades e limitações enfrentadas, além de tudo que foi apresentado até aqui, outras situações vivenciadas sinalizam que o esperar que se manifesta por meio da continuidade das ações do projeto VADL, tem rendido alguns frutos. Apesar de locais, podemos notar o extrapolar das ações, ampliando seus horizontes de alcance por meio das crianças e adolescentes, dos/as educadores/as e também dos/as familiares que levam consigo um pouco dos saberes oriundos da convivência estabelecida em torno da bicicleta.

A partilha de saberes promovida pelos/as participantes estende o projeto para outros lares convidando os/as amigos a participar, como foi o caso de Rodrigo e Júlio César que iniciaram sua participação no VADL por meio da ação do participante David Luiz, segundo a mãe dos garotos, na ocasião em que foi feito o convite a seus filhos: “os dois acho que estavam juntos e eles já começaram: Mãe, terça-feira eu vou no projeto. Aí eles começaram vir” (RC-II, 19).

Além disso, a ação dos participantes se multiplica, observando a fala da mãe dos irmãos anteriormente citados, notamos que eles ensinam para outras pessoas que não frequentam o projeto as coisas que lá aprendem, ela diz: “O Rodrigo mesmo, nós vai na chácara. Tem duas sobrinhas lá e não tem condições de vim no projeto e ele vai lá e ensina elas. A brincadeira que ele faz aqui, ele faz lá na chácara” (RC-II, 26).

A participante Lili, ao responder sobre o que foi possível aprender com as atividades com bicicleta no projeto, afirma: “A gente pode ensinar outras a tentar andar de bicicleta, tipo, usar o jeito que vocês usaram para a gente aprender a andar, com outras pessoas que não vêm para o projeto pra ver que elas também conseguem” (RC-II, 15C).

Os conhecimentos de mecânica e manutenção também foram multiplicados pelos/as participantes, ajudando outras pessoas a consertar suas bicicletas no bairro, conforme afirma a mãe de Frynkin:

E eu vi assim, que o Frynkin, o interesse que ele teve em aprender a consertar. Eu achei até interessante que teve uma época que os meninos lá da rua batiam no portão em casa pra ele poder ir consertar a bicicleta dos meninos lá. Olha lá, que legal! Então assim, tá sendo assim bem proveitoso o que ele vem aprendendo também, essa curiosidade dele e ajudando a molecada lá da rua também. Achei muito legal, bem interessante (RC-II, 4).

A participação no projeto também repercutiu na retomada da bicicleta em alguns lares, tal como podemos notar no fragmento de diário que traz o diálogo de um educador com a participante Super Mário, em que ela comenta que: “[...] seu irmão havia abandonado a bicicleta e que ela enferrujou muito e estragou a corrente. Disse que, depois que ela começou a andar de bicicleta, ele se empolgou e começou a usar a da mãe deles, porém agora ele estava querendo que o pai reparasse a bicicleta dele” (DC-XIV, 27).

Situações como estas também ocorreram entre os/as educadores/as:

A educadora Joana comentou com educador Da Lua que havia gostado de aprender a mexer na bicicleta. Disse que andava de bicicleta na companhia de seu pai durante a adolescência e que há muitos anos ela não pedalava. Disse que estava pensando em recuperar a bicicleta dela que estava parada e perguntou para Da Lua se ela teria que trocar muitas peças. Da Lua disse a ela que certamente ela deveria fazer uma boa limpeza e lubrificação na transmissão e, possivelmente, trocar câmaras e pneus [...] (DC-XXI, 17).

Inclusive alguns dos/as educadores/as que atuam no projeto, decorrente do convívio com a temática e com outros/as educadores/as que utilizavam a bicicleta diariamente, também adquiriram bicicletas e passaram a utilizá-la como principal meio de transporte. Por isso, essa categoria nos remete à possibilidade, à potencialidade das ações ao mundo, ela alimenta nosso esperançar, e nos faz concordar com uma das mães quando afirma que o resultado: “[...] não é talvez tão imediato, tão já. Eu espero que eles continuem, né? Cultivando a vontade de continuar andando de bicicleta cada vez mais” (RC-II, 18).

7. Considerações

Compreendemos que a presente tese situa-se em uma zona de contato epistemológico entre o saber acadêmico em Educação e o saber oriundo da prática do uso da bicicleta, na qual a interface que deu suporte foi a ação promovida pelo projeto VADL. Nesse sentido, cabe a nós nessas considerações, finalizar nosso trabalho de tradução que, conforme vimos com Santos (2002), visa tornar o conhecimento de determinada prática inteligível para outros campos epistemológicos e vice-versa.

Vale recordar que nossa investigação buscou contribuir com o processo de construção de um paradigma contra-hegemônico que, orientado pela premissa da diversidade epistemológica do mundo, reconhece e assume a existência de diversas formas de conhecimento, ou seja, se constitui em uma contra epistemologia que afirma a impossibilidade de uma epistemologia geral, tal como vimos com Santos (2010). Esse novo paradigma deve dirigir-se por um conhecimento prudente e promover uma vida decente para todos e todas.

Nesse contexto, nossas reflexões se concentram no campo da Educação em sua relação com os conhecimentos produzidos na prática social do pedalar, em outras palavras, convergimos nossos esforços para compreender quais conhecimentos que se desenvolvem na epistemologia da bicicleta poderiam contribuir com a pedagógica emergente, que é o processo pedagógico do qual depende a emergência desse novo paradigma.

Deste modo, voltados ao que Santos (2000) apresenta como conhecimento-emancipação e que permite nos conduzir desde o estado de saber *colonialismo* ao estado de saber *solidariedade*, observamos dentre os conhecimentos presentes no uso da bicicleta aqueles emancipadores, que podem nos auxiliar a superar a primazia do conhecimento-regulação atualmente posto.

Nesse caminho, inspirados na sociologia das ausências, inciamos nosso processo de investigação pela busca de referenciais que nos permitisse, tal como propõe Santos (2002), romper com a racionalidade assente na dominância epistemológica do conhecimento científico e afirmar a contemporaneidade e paralelismo em que se desenvolvem as mais diversas epistemologias oriundas de práticas sociais marginalizadas, intencionalmente negadas, tornadas motricidades ausentes, dentre as quais situamos o uso da bicicleta. Nesse primeiro movimento, desvelamos o potencial alternativo presente na prática do pedalar que pode contribuir para fazer frente à hegemonia do modelo econômico capitalista.

Apoiados em textos acadêmicos, relatos e experiências existentes, que nos deram pistas sobre o desenvolvimento epistemológico da prática do pedalar e, orientados desde a sociologia das emergências, procuramos, ampliar simbolicamente esse potencial, levantando expectativas, radicalizando as possibilidades a fim de torná-la uma alternativa credível. Esse segundo momento nos permitiu observar o uso da bicicleta para o deslocamento como uma prática *ética* e responsável, pois ela se mostra como uma possibilidade de transporte individual eficiente, materialmente sustentável e generalizável e, por isso, socialmente justa e democrática. Se inserida nas ações organizadas das pessoas ela assume uma dimensão *política*, amplia a possibilidade de participação cidadã, já que, se intencionalmente posta nas ruas como meio de transporte ou em manifestações que, tal como o movimento cicloativista, reivindicam seu reconhecimento e validade, ocasiona transformações sociais profundas e eticamente orientadas. O pedalar também apresenta uma dimensão *estética*, podendo trazer a quem utiliza a bicicleta o prazer da experiência lúdica do brincar e da proximidade proporcionada pelas sensações nela vivenciadas, ponto do qual emerge uma afetividade pelo *espaço* que o torna *lugar*, sejam esses espaços urbanos, áreas verdes ou rurais. Tais espaços passam a ser *lugares de convivência* e, portanto, habitados de aprendizagens potencialmente carregadas de valores ético-políticos.

Sensibilizados por esse potencial emancipatório que identificamos nos conhecimentos relativos ao pedalar, nos debruçamos na investigação da prática do uso da bicicleta desenvolvida no VADL, buscando identificar e destacar os processos educativos dela decorrentes, visando contribuir com o processo de tradução empreendido e, por meio deste, a promover a intensificação dos sinais que se apresentam a nós e que nos fazem crer nas capacidades reais que as experiências de utilização da bicicleta carregam no que tange às suas possibilidades de construção de uma pedagogia emergente.

Assim, a partir da investigação realizada, percebemos aportes em duas vertentes. Um deles está relacionado à potencialidade do uso pedagógico da bicicleta em projetos educativos, sejam eles oferecidos em momentos de lazer, em atividades curriculares e/ou extracurriculares inseridas no contexto escolar, ou em outros tempos-espaços. A segunda vertente trata dos possíveis reflexos da prática do pedalar na pedagogia, ou seja, retroalimentando a dinâmica da vida cotidiana com uma prática carregada de conjunto de sentidos e valores distintos, oriundos da epistemologia da bicicleta.

O primeiro ponto que merece destaque é a abertura para a bicicleta, manifestada pelo interesse dos/as participantes, o que, em alguma medida, reverbera o que foi indicado por

Delabrida (2004), quando afirma que uma das principais vantagens indicadas por quem usa a bicicleta é o prazer de pedalar.

O prazer, como vimos, é algo que nos vincula a pessoas, espaços e práticas, ele é promovido pela convivência ao mesmo tempo em que age como promotor desta e, sobretudo, o prazer, tal como apontado por Duarte Junior (1998), é um ato de conhecimento.

Trazemos isto à tona, pois, como pudemos observar nas categorias apresentadas, as crianças e adolescentes valorizavam a oportunidade de interação com a bicicleta, manifestando isso por meio do constante questionamento “vai ter bicicleta?”, mas também citando os momentos de brincadeiras, jogos e fruição, bem como, destacando a importância do apoio dos colegas e a oportunidade de convivência com o grupo.

Destarte, compreendemos que o prazer de pedalar motivou a participação das crianças e adolescentes nas atividades com bicicleta do VADL e, para nós, a dimensão pedagógica da bicicleta se revela justamente pelo caráter sensível do conhecimento adquirido, vivenciado de modo lúdico e espontâneo. Dentre as aprendizagens tivemos o aprender a pedalar, o deslocar-se com segurança no trânsito, bem como, a ampliação das habilidades na condução da bicicleta. Em princípio essas aprendizagens podem parecer banais, pois, por si só, não garantem grandes transformações sociais. No entanto, sendo elas socialmente negadas, a prática do pedalar torna-se ausente e é justamente esse o motivo que nos faz compreendê-las como aprendizagens básicas, afinal, elas são fundamentais para que as pessoas, no decorrer de suas vidas, tenham efetivamente a possibilidade de optar por esse modo de transporte individual sustentável e democrático, opção esta que, se assumida, transbordará seus valores para outros âmbitos da vida cotidiana. Pois, conforme afirma Horta-Tricallotis (2016), a bicicleta é uma potente geradora de mudança perceptual e, quando ela passa a ser utilizada e valorizada como um modo de transporte, é capaz de promover transformações em nosso modo de estar ao mundo.

A importância que damos a promoção desses saberes, relacionados ao pedalar, decorre da potencialidade que tal gesto possui frente à força hegemônica que constantemente o proclama como ausência, tal como aparece nos trabalhos de Carlsson (2014) e de Machado (2014), onde ambos afirmam a relevância do tempo-espaço-apoio proporcionado pelas Bicicletadas do movimento Massa Crítica que deram para muitas pessoas a oportunidade de se reconectarem com a bicicleta de modo seguro e agradável, aprendendo a pedalar no trânsito, superando medos e criando vínculos afetivos, experiências essas que as motivaram a usar a bicicleta diariamente como manifestação da opção política engajada na transformação

das cidades em locais de valorização das relações humanas e de cuidado com o meio ambiente.

A habilidade de pedalar com segurança, para ser aprendida, necessita de tempo-espaco para ação, ou seja, para uma experimentação segura e agradável do deslocar-se em bicicleta. No entanto, essas práticas de iniciação têm se reduzido diante da falta de espaço e de tempo para que as pessoas se dediquem a elas, ocasionando o apagamento do pedalar. Como vimos durante a apresentação dos dados, algumas mães queixam-se da falta de tempo oriunda da grande quantidade de afazeres, que acabam por impossibilitar o acompanhamento de seus filhos e filhas para que se dediquem a experimentação da bicicleta. A falta de espaço revela-se nas falas das mães quando expressam o medo da utilização das bicicletas nas ruas o que, em alguns casos citados, envolveu a não aquisição ou não manutenção da bicicleta para evitar o risco de seus filhos e filhas se dedicarem a essa prática nas ruas. Poder brincar com as bicicletas no espaço das ruas exige tempo dos familiares para o acompanhamento ou, para evitá-las, é necessário deslocar-se a parques ou outras áreas com condições de menor risco para a iniciação.

Esse apagamento do pedalar, decorrente da ausência de tempo-espaco-apoio para a aprendizagem, já há algum tempo foi percebido pelo movimento cicloativista que possui, dentre as ações presentes na agenda do movimento, a organização e promoção de programas educativos. Diante das questões ambientais e de mobilidade que se apresentam, essa necessidade de tempo-espaco-apoio de experimentação torna-se fundamental, ao mesmo tempo em que ficam cada vez mais escassos esses momentos decorrentes da intensa urbanização, aumento da violência urbana e redução de espaços públicos de convivência, por isso, a implementação de ciclofaixas de lazer aos finais de semana nos grandes centros, tem sido basilares, tal como os diversos projetos educativos desenvolvidos em escolas como “Oficina de Ciclismo”, “Transportes Limpos + Materiais Radicais”; “Oficinas de Aprendizagem em Escolas”; “Bicicleta e Mobilidade Urbana”; “Bicicleta na Escola”, já citados na introdução, ou o apoio oferecido pela organização Bike Anjo e outras tantas que se desenvolvem pelo Brasil. Nesse contexto, entendemos que as atividades do projeto VADL configuraram um espaço de convivência em torno da prática do pedalar, no qual muitas crianças e adolescentes tiveram seu primeiro contato com a bicicleta ou intensificaram sua relação com essa prática.

Questões afetas ao aprender a pedalar se tornam mais alarmantes quando recordamos o estudo de Carrasco (2009), o qual indica que, dentre os fatores que restringem o uso da bicicleta entre as mulheres, está a segurança pessoal, a pouca destreza no uso e a falta de

condicionamento físico. Em nossos dados, embora tenhamos observado atitudes de cuidado e respeito de meninos para com meninas, auxiliando-as com dicas e orientações quando apresentavam dificuldades nas primeiras ocasiões de passeio, também foi possível perceber, em certos casos, a violência de gênero, expressa na postura agressiva e/ou desqualificativa de alguns garotos com relação às meninas durante as atividades, postura essa que nos remete ao contexto histórico que vimos em Connolly (2008), onde mulheres que utilizavam bicicletas eram ridicularizadas e atacadas verbalmente ou com objetos, devido às vestes usadas e a dedicarem-se à prática do pedalar.

Além da citada postura dos participantes do projeto, a diferenciação de gênero também esteve presente na fala de uma das mães ao afirmar ser o gosto pela bicicleta algo natural dos meninos, ao mesmo tempo em que os dados, em sentido oposto, indicaram grande interesse e entusiasmo também por parte das meninas em participar das atividades com bicicleta. Isso nos remete ao que sinalizou Noguchi (2014) sobre a questão da fragilidade cotidiana imposta às mulheres por meio da demarcação social de certos limites que as oprimem sob a justificativa da proteção.

Ao observarmos as manifestações dessas questões de gênero presentes nos dados, concordamos com o que vimos em Carlsson (2014), quando afirma que as mulheres ciclistas assumem a continuação de uma luta histórica pela libertação da mulher e, ao pedalar, contestam a cultura machista imperante que tenta impor-lhes aquilo que devem ou não fazer. Se nos atentarmos para as ações de coletivos femininos como o MACLETA, perceberemos que dentre suas vertentes de luta existe uma que se preocupa em ensinar outras mulheres a andar de bicicleta e a deslocar-se com segurança no trânsito, bem como técnicas avançadas de condução, mecânica de bicicleta e escolha das melhores rotas urbanas, o que nos mostra a importância desses conhecimentos para o processo de luta pela emancipação feminina. Efeitos que, em certa medida, pudemos observar quando uma das mães afirma que tinha medo que sua filha andasse na rua com a bicicleta e depois, percebendo que havia aprendido pedalar no projeto, ficava mais tranquila e permitia que ela saísse com a bicicleta do irmão na rua.

Essa singela mudança de postura nos revela a dimensão política dos processos educativos decorrentes da prática do pedalar vivenciada no projeto VADL, pois promove um movimento de ruptura no que tange à fragilidade imposta às mulheres no âmbito do uso da bicicleta e o faz a partir da ação da própria mulher que, sabendo deslocar-se em bicicleta com propriedade e segurança, se afirma, insiste e argumenta sobre a sua escolha por ir de bicicleta.

Em sentido semelhante, a dimensão política também se desvela quando os aprendizados relativos ao pedalar e o interesse dos/as participantes em ir cada vez mais longe,

colocaram em xeque o medo da rua apresentado por suas mães e, de algum modo, acabou por questioná-las quanto à visão positiva que elas possuíam da bicicleta, que era restrita ao uso como brinquedo ou como possibilidade de atividade física, visão essa imperante socialmente, segundo encontramos em Pezzuto (2002), ao afirmar que a bicicleta possui uma aceitação mais ampla quando se insere no contexto de lazer, devido à imagem de vigor e juventude a ela associada, decorrente de sua aproximação com o esporte e o condicionamento físico. Embora tenhamos ciência de que o questionamento posto às mães não tenha apresentado uma dimensão de profundidade que as possibilitasse um reconhecimento da bicicleta como possibilidade de transporte, devemos considerar que a abertura e aceitação das mães, ao romper com o medo inicialmente posto e permitir a participação das crianças e adolescentes nas saídas às ruas, realizadas pelo projeto e, em alguns casos, vindo a adquirir bicicleta para eles/as, foi um significativo avanço nesse sentido. Dizemos isso porque, o medo da rua, por elas expresso também quando afirmaram o projeto como algo positivo justamente por tirar as crianças e adolescentes da rua, reverbera em fatores que, segundo estudo de Delabrida (2004), restringem o uso da bicicleta entre as pessoas, tais como: o medo do trânsito, não possuir bicicleta e não saber andar, todos intimamente relacionados.

Além disso, Delabrida (2004) apresenta outras limitações, elas se relacionam ao “não gostar” e ao “não gostar mais” de bicicleta, que, se somadas às anteriormente citadas, correspondem aos principais fatores para o não uso da bicicleta, indicados por 91% da população de seu estudo que não a utiliza como transporte e nem como lazer. Isto nos chama a atenção, pois, frente ao grande interesse pela bicicleta demonstrado pelas crianças e adolescentes no decorrer das atividades do projeto, é perceptível que socialmente algo tem sido feito para que esse gosto se perca ou não frutifique, o que implica em uma desvalorização social da bicicleta, principalmente na vida adulta e mais recorrente entre as mulheres e, como consequência, o baixo índice de utilização como meio de transporte nas cidades brasileiras, algo que tem sido visto como uma problemática frente às questões ambientais e de mobilidade que se impõem ao nosso modo de vida atual.

Do mesmo modo, a equipe educadora do VADL também revelou limitações que se relacionavam com o medo da rua, pois apesar de estar convencida da necessidade de propiciar vivências com bicicletas na rua, sentiam dificuldades para organizar tais atividades e, preocupados e responsáveis pela integridade das crianças e adolescentes, limitaram as saídas com bicicletas sempre para a mesma região, pois possuía menor tráfego de veículos motorizados e, portanto, menos riscos para a realização das vivências. No entanto, as crianças e adolescentes desejavam e demandavam dirigir-se a outros destinos, mas infelizmente, até a

finalização desta investigação a equipe não havia conseguido coordenar saídas para outros destinos.

Enquanto possibilidades levantadas pela equipe educadora estão visitas em bicicleta a pontos de interesse da cidade de São Carlos, atividades em que a bicicleta se insere como meio de transporte, além de passeios em outras trilhas e regiões da cidade que envolve a bicicleta como possibilidade de fruição de lazer, tal como a realização de pequenas ciclovagens, mas com isso amplia-se o risco devido à necessidade de circular por vias de tráfego intenso, além de exigir condicionamento para cobrir distâncias maiores e a organização de um acampamento para pernoite com os/as participantes, no caso das ciclovagens. Uma possibilidade para enfrentamento dessas dificuldades nos surgiu após a realização das rodas de conversas com familiares decorrente do processo de investigação, a partir delas, entendemos que um possível caminho para a efetivação desses planos de atividade é a aproximação presencial entre a equipe educadora e os familiares, a fim de apresentar, tematizar e verificar a viabilidade das atividades, bem como planejar a execução, compartilhando assim os medos, anseios e responsabilidades que envolvem a ação. Entendendo que tais vivências são coerentes com os ideais educacionais do projeto VADL e a aproximação de familiares e ampliação do debate pode ser também espaço fortalecedor de convivência e promotor de processos educativos.

Essas vivências com bicicleta que foram idealizadas intensificariam o desencadeamento de processos educativos, uma vez que ampliaria o horizonte de convivência com o pedalar já inaugurado pela equipe educadora do VADL, tempo-espaço no qual a dimensão ética do processo educativo delinea seus primeiros contornos no horizonte, pois como vimos com Varela (2010), Varela, Thompson e Rosch (2005), Maturana-Romesín (2014) e Maturana-Romesín e Dávila-Yáñez (2015), as estruturas cognitivas se organizam a partir de padrões recorrentes de atividades sensomotoras, motivo pelo qual os permitem afirmar que o conhecimento se constrói nos domínios de ações que fazem parte de nossos mundos e identidades. Com isso podemos compreender que os hábitos que compõem nossos domínios de existência e que se revelam em nosso confronto imediato com o mundo, são mais do que um simples reflexo, uma vez que, considerando o tempo que levam para serem incorporados, podemos facilmente perceber que eles emergem de um difícil, complexo e histórico processo formativo. Deste ponto de vista, recordar a diferença entre *conhecer* e *conhecer sobre* sinalizada por Tuan (2013), bem como lembrar com Quintás (1992) e Duarte Junior (1998) que é a experiência sensível que funda nossos vínculos com o mundo e que estes são imbuídos de valores éticos e políticos, se faz necessário nesse momento a fim de

destacarmos a complexidade da estrutura dos processos educativos que observamos no âmbito das atividades com bicicleta do projeto VADL.

De acordo com o que vimos em Moraes (1992), estamos imersos em uma ditadura do hiperconforto, todo e qualquer esforço é interpretado como desconfortável, isso pode nos ajudar a compreender porque deslocar-se alguns quilômetros em bicicleta torna-se um martírio para muitas pessoas, principalmente em situações climáticas adversas. Porém, em nossas atividades, observamos entre as crianças e adolescentes o gosto por ir cada dia mais longe nos passeios, reconhecendo o esforço e o cansaço como algo prazeroso, tal como vimos nas afirmações das participantes Sofia e Roberta, que diziam estar cansadas, mas que valeu muito a pena ir pedalar, ou mesmo reconhecendo a menor necessidade de esforço a cada novo passeio, como ocorreu com elas e outros/as participantes.

Conforme vimos em Tuan (2013), a liberdade implica necessariamente espaço e poder para atuar e, uma das formas mais simples, é o locomover-se. Assim mover-se cada vez mais longe e sentir que o poder de fazê-lo com a própria energia evoca uma sensação de liberdade e o prazer decorrente dela, principalmente em um contexto em que temos poucas vivências que nos permite experienciá-la.

Isso nos faz compreender que as possibilidades de experimentação da bicicleta com deslocamentos mais longos e realizados de modo que seja agradável para quem deles participa, pode promover uma compreensão que nos permita distinguir entre esforço e desconforto, reconhecendo que não necessariamente devem ser interpretados como sinônimos. No mesmo sentido, temos a vontade de pedalar mesmo em dias de chuva, expressa por parte das crianças e adolescentes e limitada pela equipe educadora. A experiência de pedalar na chuva, desde que tomado os devidos cuidados, é uma excepcional oportunidade de aprendizado, pode ser prazeroso e divertido, ao mesmo tempo em que exigirá mais atenção e cuidado ao se vestir e pedalar. No entanto, esses saberes são fundamentais para que as pessoas possam, com propriedade, optar ou não pela bicicleta como transporte diário, reconhecendo que pedalar na chuva pode não ser algo necessariamente ruim. Mas, normalmente nessas situações, as medidas excessivamente protetivas acabam por inibir as possibilidades de aprendizado, ou melhor, nos permite aprender a agir de acordo com as representações que as mantêm, ou seja, a de que não se pode pedalar na chuva ou de que isso é desconfortável sem que se tenha efetivamente experimentado.

Nesse sentido, concordamos com Rodrigues (2015) quando afirma que uma desconstrução fenomenológica dessas representações se dá em vivências que permitem

romper com o ideal de segurança anestésica que, pela proteção excessiva contra os “desconfortos” necessários para ampliação de vivências estéticas, privam nossa sensibilidade.

Em sentido semelhante, vimos, com Maturana-Romesín (2014), que temos perdido a sensibilidade sistêmica ao suprimirmos de nosso cotidiano as práticas que nos possibilitam vivenciá-la de modo espontâneo e, sem ela, sucumbimos à razão linear causal que, apesar de grande efetividade local, tem como resultado a atual cegueira ecológica que nos permitem conviver com os progressivos danos ambientais ocasionados por nosso atual modo de vida.

Em nosso ver, em uma pedagógica emergente, reaprender a noção de conforto é algo fundamental para que possamos alterar nosso modo de vida com vistas a um modelo mais sustentável e democrático. Apesar das limitações, podemos considerar que o uso da bicicleta se mostrou algo positivo nesse sentido, pois os dados analisados nos trouxeram indícios de que, em experiências como a relatada, decorrem processos educativos que podem nos auxiliar a resistirmos à ditadura do hiperconforto e do consumismo.

A ação de pedalar exige engajamento, ou seja, a presença, atenção e o esforço constante da pessoa que o faz, ao mesmo tempo em que não possui um invólucro protetivo e nem atinge grandes velocidades de deslocamento. Tais condições favorecem sentidos como o olfato e o tato que, como afirma Tuan (2012), requerem proximidade e ritmo lento e favorecem o despertar de emoções mais intensas. Com eles ampliamos nossa sensação de espaço, pois a afetividade decorrente destes promove nosso envolvimento geográfico com o mundo, no qual o sentido de lugar emerge da materialização do espaço em nossos músculos e ossos. Foi possível observar esse movimento no decorrer das atividades, o reconhecimento do nível de esforço e sensações vivenciados nas diferentes partes dos caminhos percorridos, o gosto pelas descidas, a necessidade de atenção ao circular em meio aos veículos motorizados, o prazer de passar por uma área sombreada, a diversão ou tensão de passar pelos bancos de areia e outras irregularidades do terreno, a admiração da fauna e flora presente nos locais percorridos, o sabor agradável da cana de açúcar, a repulsa pelos cheiros desagradáveis e o deleite dos aromas aprazíveis que compuseram o percurso.

Tais experiências nos parecem relevantes, pois permitem reconhecer a rua e tudo que a envolve, como lugar para estar com a bicicleta, seja em momentos de lazer ou utilizando-a como transporte. Percebendo os detalhes do caminho, familiarizando-se com ele e descobrindo a existência dos riscos decorrentes da postura agressiva e imprudente de motoristas, com as quais se deve estar atento, mas também observando que o trânsito é mais agradável quando manifestações de gentileza e cuidado com outrem estão presentes, assim

como muitas outras coisas, conforme expresso nas situações de aprendizagens citadas no decorrer da terceira categoria.

Outra contribuição da sensação de espaciosidade proporcionada pelo uso da bicicleta relaciona-se com as vivências que tivemos em espaços não urbanos, como algumas áreas verdes presentes no campus dois da USP e nas plantações de cana e outras vegetações existentes na estrada rumo à cidade de Ibaté. A convivência do grupo durante os passeios por esses lugares, as brincadeiras realizadas com a geografia do terreno, os lanches e saberes compartilhados à sombra das árvores, apanhar amoras ou cana e saboreá-las com os/as amigos, todas essas situações geram vínculo afetivo que termina a nos afeiçoar ao lugar e essa memória afetiva nos acompanha por toda a vida e nos permite sentir prazer estético em lugares semelhantes. Tal como vimos em Iared (2015), em seu estudo que apresenta que o vínculo afetivo com espaços de áreas naturais como a vegetação do cerrado está intimamente relacionado a vivências agradáveis como caminhar, brincar, passear e fazer piqueniques, realizadas, sobretudo em momentos de lazer, em áreas verdes com presença de amigos, amigas e ou familiares. Esses vínculos afetivos estabelecidos com áreas verdes são pontos fundantes para o engajamento das pessoas em mudanças de comportamento com vistas à sustentabilidade e em movimentos em defesa do meio ambiente.

Compreendemos que tal vinculação também se estende ao objeto bicicleta utilizado no contexto do VADL, como foi possível notar nas falas das crianças e adolescentes apresentadas na segunda categoria, as quais, ao tratar sobre as experiências com a bicicleta, enfatizaram a possibilidade de estar com os/as amigos, a oportunidade de fazer novas amizades, a confiança para aprender manobras difíceis e as coisas engraçadas vivenciadas quando estavam juntos andando de bicicleta. Também a vinculação afetiva pode ser interpretada como um ponto de ancoragem para futuras mudanças de hábito, uma vez que, pudemos observar o efeito do vínculo afetivo estabelecido entre pessoas em momentos de convivência relacionados com a bicicleta nas falas de mães, participantes e educadores/as, quando tratam sobre a aquisição de bicicletas para as crianças e adolescentes, sobre o irmão mais velho de uma das participantes que retomou o contato com a bicicleta e também na fala da educadora Joana que, durante as atividades com bicicleta no projeto, ao rememorar a experiência afetiva de pedalar com o pai na infância e adolescência, manifesta o interesse em consertar e retomar o uso da bicicleta que está parada em sua casa.

Do mesmo modo, o dia a dia da equipe educadora, no qual a convivência incluía debates sobre as questões de mobilidade e sustentabilidade, bem como a vinculação com pessoas que utilizavam a bicicleta diariamente na equipe, terminou por influenciar parte

dos/as educadores/as, de modo que, além do interesse manifestado pela educadora Joana, posteriormente ao período em que realizamos registro em diários de campo, percebemos que mais cinco educadores/as do VADL passaram a utilizar a bicicleta como meio de transporte diário, expressando o extravasamento dos valores ético-políticos presentes no uso da bicicleta para o dia a dia das pessoas envolvidas.

Apesar de considerarmos que as transformações observadas entre participantes e educadores/as foram significativas, devemos esclarecer que não há indícios que nos permitam afirmar que as crianças e adolescentes participantes se tornarão utilizadores da bicicleta como meio de transporte, pois este seria apenas um dos possíveis desdobramentos futuros que podem ser desencadeadas pelas ações do VADL. O foco em um objetivo como o citado acarretaria em uma ação moralizante, antidemocrática e reguladora, na qual não caberia a fruição, a espontaneidade, o lúdico e nem o prazer, elementos que compõe a dimensão estética do processo de construção do conhecimento-emancipação ao qual nos dedicamos, e que possuem o lazer como terreno frutífero para seu desenvolvimento.

Essas mudanças que, diante da investigação empreendida, compreendemos como transformações, certamente poderão ser interpretadas a partir de um olhar que as relacione a uma simples alteração na rotina, ou seja, desvinculando os processos educativos identificados da experiência de uso da bicicleta, afirmando que a rotina transformaria essa experiência em algo comum, pouco atrativo, o que comprometeria o desencadeamento dos processos educativos. É certo que a presente investigação não nos permite afirmar o efeito da rotina nos processos educativos que identificamos, mas do mesmo modo, podemos orientar nossas reflexões para aquilo que ocorre com quem utiliza constantemente o automóvel. Para muitas pessoas se torna uma rotina agradável pegar o carro na garagem e ir para o trabalho ou para algum outro destino diariamente, tanto que insistimos nesse modelo que é socialmente mantido e valorizado. Sendo assim, podemos afirmar que não necessariamente uma rotina que envolva o uso da bicicleta irá desencadear em uma prática desestimulante ou desagradável, essa possibilidade apenas indica que devemos nos atentar e cuidar do processo de constituição dessa nova rotina e de uma outra epistemologia, que de ausente se torne emergente.

Assim, nos contextos de uso pedagógico da bicicleta, tal como foi o do projeto VADL, os processos educativos vivenciados pela equipe educadora são pontos importantes a serem abordados, pois oferecer as atividades com bicicleta para crianças e adolescentes, de acordo com os referenciais orientadores do projeto, significa muito mais do que uma escolinha de ciclismo (que visa exclusivamente o ensinar a andar de bicicleta) ou o oferecimento de mais uma modalidade de prática esportiva.

O comprometimento da equipe em proporcionar uma vivência crítica com a bicicleta, necessitava de ações coerentes com a epistemologia da bicicleta da qual falamos. Isso envolveu aprender a gerenciar conflitos de interesses para fortalecer a convivência do grupo, respeitando a necessidade de cada pessoa, como na distribuição das bicicletas e na partilha dos lanches. Também na diversificação das atividades possíveis de serem realizadas no clube e preservando seu caráter lúdico, atentando às situações de interesse/desinteresse do grupo e cuidando para que fossem seguras, divertidas e também geradoras de vínculos afetivos entre os/as participantes e respeitadas para com a preservação dos equipamentos e espaços utilizados. Exigiu a organização dos passeios em diferentes tipos de espaço urbanos e não urbanos, promovendo experiências estéticas diversas, favorecendo a integração entre as pessoas com os momentos de lanche e deslocando-se respeitando os limites das pessoas com maior dificuldade ou menor condicionamento, fazendo paradas para descanso e aguardando quando necessário, construindo nesse espaço de convivência uma coletividade com foco em realizar um passeio agradável e respeitoso para com as necessidades apresentadas por cada participante. Sem esses cuidados o uso da bicicleta se esvazia de sua epistemologia e, sem ela, se esvai todo o potencial educativo e libertador, tal como assumimos nesse estudo.

Também não podemos deixar de salientar o potencial contra-hegemônico das atividades realizadas nos momentos de lazer, campo de intervenção pedagógica que, como afirmam Marcellino (2004) e Melo (2003), possibilitam a transformação no plano cultural por meio da construção de um novo conjunto de valores sociais, pois notamos pequenas, mas expressivas, transformações no decorrer de nossa atuação no projeto VADL, mudanças na concepção das mães, motivação de grande número de crianças e adolescentes na participação das atividades, reflexos das ações fora do espaço do projeto decorrente das ações dos/as participantes e a adoção da bicicleta como transporte de educadores/as.

Dizemos isso, pois, apesar de o lazer ser o tempo-espaço ao qual a bicicleta fica restrita na visão da classe dominante e de boa parcela da população que é por ela influenciada, nele também está preservado o elemento lúdico relacionado à bicicleta que dá a ela o caráter de brinquedo e, concordando com Liberato (2004), entendemos que o fato de colocarmos os “brinquedos” na rua pode significar, no dia a dia de cada pessoa, a reivindicação da promessa de vida contida e separada no lazer, pois a bicicleta, ao romper seu isolamento nos parques, pode levar junto consigo o clima de relaxamento e despreocupação dos passeios de fim de semana no parque para toda a cidade. Na perspectiva apresentada por Liberato (2004), os brinquedos liberados do confinamento do lazer farão com que a pressa, a concorrência e a

violência do trânsito das cidades se dissolvam pela ludicidade de um objeto que continua sendo brinquedo.

Entendemos que dentre as principais contribuições que o presente estudo pode trazer para o âmbito da Educação está a compreensão de que a experiência humana constitui-se em currículo, o que nos faz destacar a necessidade de, conforme encontramos em Martínez-Bonafé (2013), romper com imaginário que detém o currículo entre as paredes da sala de aula, apartado do mundo e fragmentado em disciplinas. Nesse contexto, não cabe um ir à escola para *conhecer sobre* sustentabilidade, mobilidade e meio ambiente, é necessário *conhecer* efetivamente e isso implica, necessariamente, a vinculação às práticas que nos permitam vivenciar esses temas, senti-los. Algo que o presente estudo trouxe à tona foi que a prática do pedalar pode ser também uma excelente prática pedagógica para a abordagem desses temas nos âmbitos institucionais, com vivências com utilização da bicicleta, sejam elas inseridas nas aulas de Educação Física ou, preferencialmente, em abordagens transdisciplinares envolvendo saídas orientadas no entorno da escola, visitas a lugares de interesse na cidade ou organizando, mesmo que eventualmente, rotinas que envolva o ir para escola em bicicleta, atividades essas que devem considerar o envolvimento de toda a comunidade escolar. Além disso, temos o efeito pedagógico da inserção de práticas como esta no dia a dia das pessoas e, portanto, das cidades, pois reverbera na constituição de um novo currículo urbanístico, um espaço de convivência onde o uso da bicicleta desponta como um domínio de existência que carrega muitos conhecimentos que são necessários para superar nosso atual e problemático modo de vida.

Experiências como estas são necessárias, pois como vimos, socialmente, temos uma grande valorização da bicicleta nos contextos de lazer e esporte, e o apagamento desta prática como meio de transporte. Recordamos com Xavier (2011) que a classe social possuidora de poder e influência nas políticas públicas não utilizam a bicicleta como transporte, com isso, desconsideram uma imensa quantidade de pessoas, especialmente de classes populares, ou no dizer da Valla (1996) classes subalternas, que diariamente pedalam para ir ao trabalho ou para o local de estudo e nos deveriam servir de exemplo. Estas pessoas que deveriam sentir-se bem, por estarem deslocando-se com um modo de transporte individual que é material e socialmente ético, sofrem com a opressão e marginalização que vivenciam no dia a dia das ruas e, conforme apresentado por Pacheco (2015), “acostumam-se” com situações de xingamento, buzinas, fechadas e risadas que se tornam normalidades e as fazem se sentirem “pequenas”, “menos”, “um lixo”. Esse contexto desvaloriza quem utiliza a bicicleta e também seu uso, acarretando na prevalência de um imaginário social em que a bicicleta é um

meio de transporte inadequado que só serve para aquelas pessoas que não podem comprar um carro.

Transformar esse imaginário exige a reinserção da bicicleta nos espaços de convivência e, nesse sentido, compreendemos que a experiência vivenciada no projeto VADL e aqui apresentada, traz subsídios prático-teóricos que podem contribuir para os estudos da Educação e também com outros projetos educacionais que possuam como eixo do processo educativo a promoção do uso da bicicleta, sejam eles em instituições educacionais ou em momentos de lazer.

Cabe aqui recordar com Maturana-Romesín (2014) que nenhuma experiência humana é trivial e, justamente por isso, a educação envolve a produção de determinado âmbito experiencial que nos permite conviver em um tempo-espaço com algumas características e exclusão de outras, organizadas segundo um determinado projeto de mundo. Por esse motivo, orientados desde uma pedagógica emergente, compreendemos que a criação de vínculos afetivos com o meio ambiente natural e com modos de transporte sustentáveis como a bicicleta são processos educativos básicos, sobre o qual o engajamento das pessoas no cuidado com o planeta pode se desenvolver e promover ações políticas com vistas a combater o consumismo promovido pela pedagógica do capital mantida em um sistema econômico que destrói os recursos naturais e amplia, cada vez mais, a desigualdade social.

Essa desigualdade é necessária à pedagógica do capital, como vimos em Harvey (2005), sobre ela atua os mecanismos de expansão, intensificando desejos e necessidades ao negar os direitos sociais e vendê-los como uma exclusividade a quem pode pagar. Nesse contexto, a presença de um veículo como a bicicleta causa muito incômodo, pois, se priorizada como opção de transporte individual, ela coloca em risco uma significativa parcela dos mecanismos de dominação, exigindo melhor qualidade do transporte coletivo e de uso e ocupação do solo, o aumento da segurança nas ruas, a democratização do espaço público, a redução dos lucros das empresas petrolíferas, esvaziamento dos grandes centros de compra com o fortalecimento do consumo local, entre outros.

Por isso, consideramos que a epistemologia da bicicleta se dá na ação de utilizar a bicicleta e não na de consumi-la, seja por meio da aquisição de artigos esportivos, acessórios caros ou pela adesão às práticas em moda relacionadas a ela. Sua potência educativa está no uso constante e prazeroso no contexto de lazer, reconectando as pessoas ao convívio social e com as paisagens, substituindo práticas anestésicas de consumo e, principalmente, como opção de transporte, nos desvencilhando do uso massivo e desnecessário do automóvel e de toda cadeia de problemas que o envolve. Nessa forma de uso, a sensação de prazer não advém

da satisfação de ostentar um belo e caro equipamento ou por ser mais rápido e hábil que as outras pessoas, mas da admiração estética diante do sentir-se em harmonia com o meio ambiente, com as pessoas e consigo mesmo, prazer este que certamente refletirá em outras dimensões da vida.

Por fim, nessa investigação a bicicleta se revela como meio de transporte lúdico, materialmente ético, promotor de convivência e, por isso tudo, quando o transportar-se com ela é uma opção assumida, transforma-se também em um instrumento de luta política que, pela epistemologia que comporta, pode auxiliar a sociedade a reintegrar na vida cotidiana experiências, emoções e sentimentos atualmente relegados somente ao campo do lazer, mas que, em nossa compreensão, devem encharcar nosso dia a dia e por isso são tão fundamentais para o processo de construção de uma pedagogia emergente.

Iba por el camino crepitante:

*el sol se desgranaba
como maíz ardiendo
y era*

*la tierra calurosa
un infinito círculo
con cielo arriba
azul, deshabitado.*

*Pasaron
junto a mí
las bicicletas,
los únicos
insectos
de aquel
minuto*

*seco del verano,
sigilosas,
veloces,*

*transparentes:
me parecieron
sólo*

*movimientos del aire.
Obreros y muchachas
a las fábricas*

iban

entregando

los ojos

al verano,

*las cabezas al cielo,
sentados*

en los

élitros

de las vertiginosas

bicicletas

que silbaban

cruzando

*puentes, rosales, zarza
y mediodía.*

Pensé en la tarde cuando los

muchachos se laven,

canten, coman, levanten

una copa

de vino

en honor

del amor

y de la vida,

y a la puerta

esperando

la bicicleta

inmóvil

porque

sólo

*de movimiento fue su
alma*

y allí caída

no es

insecto transparente

que recorre

el verano,

sino

esqueleto

frío

que sólo

recupera

un cuerpo errante

con la urgência

y la luz,

es decir,

con

la

resurrección

de cada día.

(NERUDA, 1972, p.50-52, *Oda a la bicicleta*)

8. Referências

- ALCORTA, Arturo. A história da bicicleta no mundo. In: _____. **Escola de bicicleta**. 2015. Disponível em: <<http://www.escoladebicicleta.com.br/historiadabicicleta.html>>. Acesso em: 03 mar. 2015. (livro on-line).
- ALVARENGA, Darlan. Para competir com importados, Caloi aposta em bicicleta 'com status'. **G1**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2011/07/paracompetircomimportadoscaloiapostaembicicletacomstatus.html>>.-Acesso em: 19 mai. 2015.
- ALVES, Rubem. A utilidade e o prazer: um conflito educacional. In: DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2 ed. Campinas: Papirus, p.11-13, 1998.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda J. O método nas Ciências Sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GERWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ed. São Paulo: Thompson, 2002, p.109-187.
- AMARAL; João P.; TAMPIERI, Guilherme. Transformando as cidades por meio da bicicleta. In: SOARES, André G.; GUTH, Daniel; AMARAL, João P.; MACIEL, Marcelo (Orgs.). **A bicicleta no Brasil 2015**. São Paulo: D. Guth, 2015, p.13-15.
- AMENDOLA, Giandomenico. **La ciudad postmoderna**. Madrid: Celeste Ediciones, 2000. 374p.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 14ed. Campinas: Papirus, 1995. 128p.
- ANTP. **Contramão**. Disponível em: <http://www.antp.org.br/noticias/editorial-e-destaques-da-semana/contramao.html>>. Acesso em: 30 set. 2016.
- ARROYO, Miguel G. O aprendizado do direito à cidade: Belo Horizonte – a construção da cultura pública. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.26, p.23-38, 1997.
- AUGÉ, Marc. **Elogio de la bicicleta**. Barcelona: Gedisa, 2009. 107p.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012. 149p.
- BARBOSA, Jorge L. Conhecer o território, viver a cultura. In: BRASIL. **Salto para o Futuro: Cultura urbana e educação**. Brasília: MEC, 2009, p.20-25.
- BELMONTE, Maurício M. **Vivências em atividades diversificadas de lazer: processos educativos decorrentes de uma práxis dialógica em construção**. 2014. 313f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- BIANCO, Sergio Luiz. **O papel da bicicleta para a mobilidade urbana e a inclusão social**. Disponível em: <<http://transporteativo.org.br/wp/banco-de-dados/artigos/>>. Acesso em: 17 out. 2014.

BICICULTURA. **Pedaladas - a bicicleta na educação.** Disponível em: <bicicultura.org.br/events/pedaladas-a-bicicleta-na-educacao/>. Acesso em: 27 mai. 2016.

BICICULTURA.CL. **Centro de bicicultura, un lugar de encuentro y trabajo.** Disponível em: <<http://bicicultura.bligoo.cl/content/view/768958>>. Acesso em: 17 out. 2014.

BICUDO, Maria A. V. (org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica.** São Paulo: Cortez, 2011.150p.

BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico.** 2ed. São Paulo: UNIMEP, 1997. 231p.

BOARETO, Renato. A política de mobilidade urbana e a construção de cidades sustentáveis. **Ciência&Ambiente**, Santa Maria, v.1, n.1, p.74-92, 2008.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari K. Notas de Campo. In: _____. **Investigação Qualitativa em educação.** Porto: Porto Editora, 1994, p.149-175.

BOUFLEUER, José P. Conhecer/conhecimento. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.85-86.

BRANDÃO, Carlos R. **A canção das sete cores: educando para a paz.** São Paulo: Contexto, 2005. 220p.

_____. **A educação como cultura.** 2 ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1986. 196p.

_____. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In: SILVA, René M. da C. (Org.). **Cultura Popular e Educação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. p. 25-38. Disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/livro_salto_cultura_popular_e_educacaoi.pdf>. Acesso em 25 mar. 2015.

BRASIL. Empresa Brasileira de Planejamento de Transportes. **Planejamento Cicloviário: Diagnóstico Nacional.** Brasília: Ministério dos Transportes, 2001. 196p.

_____. Ministério da Justiça. Lei nº. 9.503, de 23 de setembro de 1997. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 24 set. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9503.htm>. Acesso em: 20 mar. 2015.

_____. Ministério das Cidades. **Programa brasileiro de mobilidade por bicicleta-Bicicleta Brasil.** Caderno de referência para elaboração de plano de mobilidade por bicicleta nas cidades. Brasília: Secretaria Nacional de Transporte e da Mobilidade Urbana, 2007.

BRENNER, Neil. Teses sobre a urbanização. **e-metropolis**, Rio de Janeiro, n.19, ano 5, p.06-26, 2014.

BUSTOS, Valter. A História da Bicicleta, por Valter Bustos. In: ALCORTA, Arturo. **Escola de bicicleta.** 2015. Disponível em: <<http://www.escoladebicicleta.com.br/historiabicicletaW.html>>. Acesso em: 03 mar. 2015. (livro on-line)

CAMPOS, Silmara Elena Alves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MAIA, Maria Aparecida; VASCONCELOS, Valéria Oliveira de; SILVA JUNIOR, José Adônis da; LIMA, Mônica dos Santos. O lazer cotidiano do Jardim Gonzaga - São Carlos. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER - LAZER E TRABALHO: NOVOS SIGNIFICADOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2003, Santo André. **Anais...** Santo André: 2003.

CAPPELLETTI, Isabel F. A rede de significados como instrumental num processo de avaliação de currículo. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (orgs.) **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2ed. São Paulo: UNIMEP, 1997, p.101-106.

CARLSSON, Chris. Cicloativismo. In: _____. **Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p.143-184.

CARRASCO, Sofía L. **Mujer, Bicicleta y Ciclorutas: resultados de una investigación Participativa**. Apresentação em Power Point, Chile: Santiago, out. 2009.

CAVALCANTE, Aline. **Grupos de pedal feminino se espalham pelo Brasil**. 2012. Disponível em: <<http://vadebike.org/20/12/05grupos-de-pedal-feminino-se-espalham-pelo-brasil/>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

CONNOLLY Christopher. Mental Floss. **Escola de bicicleta**. 2008. Disponível em: <<http://www.escoladebicicleta.com.br/historiabicicletamulher.html>>. Acesso em: 17 mai. 2015.

CORRÊA, Denise A.; CARMO, Clayton da S.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Diários de bicicletas: processos educativos vivenciados na Rota das Emoções. In: Congresso Nacional de Educação-EDUCERE, 11., 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCR, 2013.

COTA, Maria C. De professores e carpinteiros: encontros e desencontros entre teoria e prática na construção da prática profissional. **Educação e Filosofia**, v.14, n.27/28, p.203-222, 2000.

CRUZ, Willian. Partidarizar as ciclovias em São Paulo incentiva agressões a ciclistas. **Vá de Bike**. 2015. Disponível em: <<http://vadebike.org/2015/03/ciclovias-ciclofaixas-vermelhas-partido-pt-haddad-prejudica-sao-paulo/>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

CUNHA, Antônio Geraldo Da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 101 p.

DELABRIDA, Zenith N. C. **A imagem e o uso da bicicleta: um estudo entre moradores de Taguatinga**. 2004. 67f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

DINIZ, Ilca M. S. **Deslocamento para o trabalho de industriários: avaliação de uma intervenção educativa para promoção do uso de bicicleta**. 2014. 115p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

DUARTE JÚNIOR, João F. **Fundamentos estéticos da educação**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1998. 150p.

_____. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUARTE, Júlio C. D. **Cicloturistas e suas percepções ambientais:** um estudo na Estrada Real. 2008. 141f. Dissertação (Mestrado) Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2008.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação:** na idade da globalização e da exclusão. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 682p.

_____. **Hacia una filosofía política crítica.** Bilbao: Desclée, 2001. 452p.

_____. **Materieles para una política de la liberación.** Madrid: Plaza y Valdes, 2007. 374p.

_____. **Para uma ética da libertação latino-americana:** III erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola, 1977. 284p.

ESPÓSITO, Vitória H.C. Pesquisa Qualitativa: Modalidade Fenomenológico-Hermenêutica. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. 2 Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1997, p.81-93.

FINI, Maria I. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H.C. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. 2 Ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1997, p.23-33.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. In: FIORI, E. M. **Texto escolhidos:** v. 2: Educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1991a. p.65-82.

_____. Educação libertadora. In: FIORI, Ernani M. **Texto escolhidos:** v. 2: Educação e política. Porto Alegre: L&PM, 1991b. p.83-88.

FOGANHOLI, Cláudia. **Educar e educar-se na diversidade:** uma relação com as danças das culturas populares no Brasil e em Moçambique. 2015. 366f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências:** introdução à filosofia e a ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995, 319p.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005b. 144p.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23ed. São Paulo: Autores Associados - Cortez, 1989. 49p.

_____. **Cartas a Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 334p.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 158p.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. Guarulhos: Editora UNESP, 2000. 134p.

_____. **Pedagogia do compromisso:** América Latina e educação popular. Indaiatuba: Vila das Letras, 2008. 144p.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a. 216p.

_____. **Política e educação.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001. 119p.

G1. **Sem dinheiro, menino encara bicicleta velha do amigo e conquista pódio.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/06/sem-dinheiro-menino-encara-bicicleta-velha-do-amigo-e-conquista-podio.html>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

G1. **Implantação de ciclovia diminui em 88% acidentes em Ubatuba.** 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL355882-5605,00-IMPLANTAÇÃO+DE+CICLOVIA+DIMINUI+EM+ACIDENTES+EM+UBATUBA.html>>. Acesso em: 08 set. 2015.

GALEANO, Eduardo. A impunidade do sagrado motor. In: _____. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso.** Porto Alegre: L&M, 2011, p.236-251.

GARNICA, Antônio V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**, Botucatu, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GIMENO-SACRISTÁN, José. O que significa o currículo? In: _____ (Org.). **Saberes e Incertezas sobre o Currículo.** Porto Alegre, Artmed Editora, p.16-35, 2013.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton da S.; CORRÊA, Denise A. Cicloviagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4, p.173-208, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz.; PENA JUNIOR, A. de A.; FELIPE, A. G.; ZAMBONI, D. F.; GALLI, E. F.; SARTORI, G. D.; JOLY, I. Z. L.; MAIA, M. A.; SANTOS, M. O.; BELMONTE, M. M.; MACHADO, R. dos S. A.; SANTOS, T. L. dos. **Relatório parcial do projeto vivências em atividades diversificadas de lazer.** Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2009.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, 6, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. p.1902-1915.

GONÇALVE JUNIOR, Luiz. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVE JUNIOR, Luiz. (org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização.** São Paulo: Novo Autor, 2008, p.54-108.

_____. **Editais de atividades de extensão – Projeto de educação ambiental e lazer consciente (PEDAL-Consciente).** São Carlos: ProEx/UFSCar, 2014.

_____. **Editais de atividades de extensão - Vivências em atividades diversificadas de lazer.** São Carlos: ProEx/UFSCar, 2013.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. 1996. 275f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GRANIER, Caroline. Abaixo o carro... viva a bicicleta! In: LUDD, Ned. (Org.). **Apocalipse motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído**. 2ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p.119-121.

GROSSMANN, Igor. Motorista é condenado a mais de 12 anos de prisão por atropelar ciclistas. **G1**, Rio Grande do Sul, s/p, 24 nov. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/11/motorista-e-condenado-a-mais-de-12-anos-de-prisao-por-atropelar-ciclistas>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura**. São Paulo: Conrad, 2001. 175p.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. 252p.

_____. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294p.

_____. **Espacios del capital: hacia una geografía crítica**. Madrid: Akal, 2007. 448p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** (parte I). 12ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 325p.

HORTA-TRICALLOTIS, Amarilis. **Energia humana, poder cidadão** (palestra). In: Bicultura: que elo te move, São Paulo (capital), proferida em 28 de maio de 2016.

HURTADO-HERRERA, Deibar R. Algunas consideraciones ante la emergencia de programas de formación avanzada en motricidad humana. **Revista Consentido**, Popayán, v.1, n.1, p.63-72, 2005.

IARED, Valéria G. **A experiência estética no Cerrado para a formação de valores estéticos e éticos na educação ambiental**. 2015. 173 p. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

ILLICH, Ivan. **La convivencialidad**. México: Morelos, 1978. 81p.

_____. Energia e equidade. In: LUDD, Ned. (Org.). **Apocalipse motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído**. 2ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. p.33-85.

JARAMILLO-ECHEVERRI, Luis G. **Investigación y subjetividad: la complementariedad como posibilidad para investigar en educación**. 2006. 232p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2006.

KIENTEKA, Mailson. Aspectos individuais e ambientais associados ao uso de bicicleta no lazer e no transporte em adultos de Curitiba-PR. 2012. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

KLUTH, Verilda E. Rede de significação: um pensar metodológico de pesquisa. In: BICUDO, Maria A. V. (org.). **Pesquisa qualitativa: segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011, p.75-98.

LAGONEGRO, Marco A. A ideologia rodoviarista no Brasil. **Ciência&Ambiente**, Santa Maria, v.1, n.1, p.39-50, 2008.

LANDER, Edgardo. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. 280p.

LEFEBVRE, Henri. Da cidade à sociedade urbana. In: _____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p.15-32.

LEITE, Mário S.; FERREIRA, Eric A. Estudo da velocidade efetiva para diferentes níveis de renda e modos de transporte. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO EM TRANSPORTE, 28., 2014, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPET, 2014. p.1-13.

LIBERATO, Léo Vinícius Maia. Bicicleta e tempo de contestação. **Revista Xaman**, Finlândia, n.1, 2004. Disponível em: <http://www.elnorte.fi/archive/xaman/2004_1/bicicleta_tempo_contestacao.pdf/download>. Acesso em: 25 out. 2014.

LOBO, Renato. **Pré-candidatos a prefeitura de SP criticam implantação de ciclovias**. Disponível em: <<http://viatrolebus.com.br/2016/05/pre-candidatos-a-prefeitura-de-sp-criticam-implantacao-de-ciclovias/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

LOBO, Zé; BINATTI, Gabriela. O início da história das bicicletas no Brasil passou pelo Rio de Janeiro. In: SOARES, André G.; GUTH, Daniel; AMARAL, João P.; MACIEL, Marcelo (Orgs.). **A bicicleta no Brasil 2015**. São Paulo: D. Guth, 2015. p.92-101.

LUCHETE, Felipe. TJ-SP reduz pena de motorista que jogou braço de ciclista em córrego. **Revista Consultor Jurídico**, São Paulo, s/p, 13 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-mar-31/tj-sp-reduz-pena-motorista-jogou-braco-ciclista-corrego>>. Acesso em: 15 out. 2016.

LUDD, Ned. (Org.). **Apocalipse motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído**. 2ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005. 157p.

LÜHRS, Otto. Pedagogía ecológica en la gestión urbana. In: SEMINARIO EN GESTIÓN URBANA, 1., 2012, Bogotá. **Anais...** Bogotá: Universidad Piloto de Colombia, 2012. p.01-24.

MACHADO, Antônio. **Proverbios y cantares**. Buenos Aires: Editorial del Cardo, 2010. 11p. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/158144.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2016.

MACHADO, Fernanda R. **Quando as Bicicletadas invadem as cidades: encontros e aprendizados**. 2013. 126f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

MACHADO, Ozeneide V. de M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H.C. (orgs.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2 ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1997, p.15-22.

MARCELLINO, Nelson C. Elementos para o entendimento do uso do tempo na infância, nas suas relações com o lazer. **Motrivivência**. Florianópolis, ano VIII, n. 9, p.78-88, dez. 1996.

_____. **Lazer e educação**. 11 ed. Campinas: Papirus, 2004. 164p.

MARICATO, Erminia. O automóvel e a cidade. **Ciência&Ambiente**, Santa Maria, v.1, n.1, p.05-12, 2008.

MARTÍNEZ-BONAFÉ, Jaume. A cidade no currículo e o currículo na cidade. In: GIMENO-SACRISTÁN, José (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p.442-458.

MARTINS, Joel. A ontologia de Heidegger. In: MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. 2ed. São Paulo: Centauro, 2006, p.43-56.

_____. Psicologia da cognição. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria F. (orgs). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984, p.75-88.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 5ed. São Paulo: Centauro, 2005. 110p.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática da liberdade: uma proposta educativa para a juventude**. 2ed. Goiânia: Editora UFG, 2004. 112p.

MATURANA-ROMESÍN, Humberto. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA-ROMESÍN, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004, p.25-116.

_____. **Transformación en la convivencia**. Argentina: J. C. Sáez, 2014. 283p.

MATURANA-ROMESÍN, Humberto; DÁVILA-YÁÑES, Ximena. **El árbol del vivir**. Santiago: MVP, 2015. 569p.

MELO, Victor A.; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.17, p. 111-134, 2009.

MELO, Victor A. **Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas: Autores Associados, 2007. 166p.

_____. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ibrasa, 2003. 224p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 662p.

_____. **O visível e o invisível**. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 271p.

MORAIS, Regis de. **Estudos de filosofia da cultura**. São Paulo: Loyola, 1992.115p.

MUJICA-CORDANO, José A. Depoimento. In: ARTHUS-BERTRAND, Yann. **Human: extended version vol.1**. Paris: Goodplanet Foudation; 2015. Filme *on-line* (83min). Disponível em: <<https://youtube.com/watch?v=vdb4XGVTHkE>>. Acesso em: 02 set. 2016.

NERUDA, Pablo. **Tercer libro de las odas**. Losada: Buenos Aires. 2 ed. 1972. 237p.

NOGUCHI, Talita. Mulher, bicicleta e autonomia. **Revista Geni**, São Paulo, n.15, s/p, 2014. Disponível em: <<http://revistageni.org/09/mulher-bicicleta-e-autonomia/>>. Acesso em: 25 set. 2016.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G. e; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aínda V. G.; JOLY, Ilza Z. I. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUZA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.29-46.

OLIVEIRA, Rafael. **Ciclista com uma caloi 1966 de 17kg participa do desafio na serra da graciosa e chega em 3º lugar**. Disponível em: <<https://revistaridebike.com.br/2016/09/20/ciclista-com-uma-caloi-1966-de-17kg-participa-de-desafio-em-serra-e-chega-em-3o-lugar/>>. Acesso em: 20 set. 2016.

OLIVEIRA, Milena F. A teoria do desenvolvimento e a problemática da urbanização na América Latina: uma primeira aproximação. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v.16, n.2, p.167-184, 2014.

PACHECO, Carla V. **Corpos em trânsito: O uso da bicicleta como meio de locomoção entre trabalhadores da cidade de Irati – PR**. 2015. 97f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2015.

PATRICIO, Luis. **Minha garagem é uma sala de estar**. Curitiba: Inverso, 2013.162p.

PEDALADAS divertidas têm feito a diferença no Sul. **Revista Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XIV, n.57, p. 5-6, 2015.

PEQUINI, Suzi M. **Ergonomia aplicada ao design de produtos: um estudo de caso sobre o design de bicicletas**. 2005. Tese (Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

PEREIRA, Pablo. **50 é o limite: OAB-SP ameaça recorrer à justiça contra redução de velocidade nas pistas marginais do Tiête e do Pinheiros**. São Paulo, 2015, Disponível em: <www.infonográficos.estadão.com.br/cidades/para-onde-vai-sao-paulo/capitulo-3.php> Acesso em: 18 ago. 2016.

PEZZUTO, Cláudia C. **Fatores que influenciam o uso da bicicleta**. 2002. 161f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

PIRES, Camila de Carvalho. **Potencialidade cicloviárias no plano piloto**. 2008. 194f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, 2008.

PLÁ. **Biciclopédia 2**. Curitiba: Produção independente, 2011. 1 CD.

_____. **Biciclopédia**. Curitiba: Produção independente, 2010. 1 CD.

PROVIDELO, Janice K.; SANCHES, Suely P. Percepções de indivíduos acerca do uso da bicicleta como modo de transporte. **Transportes**, São Paulo, v. XVIII, n. 2, p. 53-61, 2010.

PUCHER, John; BUEHLER, Ralph. Making Cycling Irresistible: Lessons from The Netherlands, Denmark and Germany. **Transport Reviews**, v.28, n.4, p.495-528, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, p. 84-130, 2010.

QUINTÁS, Afonso L. **Estética**. Petrópolis: Vozes, 1992. 266p.

RAQUEL, Roberta. **Espaço em transição**: a mobilidade ciclística e os planos diretores de Florianópolis. 2010. 163f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

REBRINC. **Projeto Bicicleta na Escola**. Disponível em: <rebrinc.com.br/noticias/educação/projeto-bicicleta-na-escola/>. Acesso em: 27 mai. 2016.

RECIO, Albert. Empleo y medio ambiente: necesidad y dificultad de un proyecto alternativo. **Mientras Tanto**, Barcelona, n.95, p.45-70, 2005.

REHFELD, Ari; DICHTCHEKENIAN, Maria F. Fenomenologia do conhecimento científico. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria F. (orgs). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984, p.89-94.

RIBEIRO, Bruno. **A disputa por espaço**: Haddad já tirou dos carros até 716 km nas vias da capital para ampliar faixas de ônibus à direita e criar rede de ciclovias. São Paulo, 2015, Disponível em: <www.infonográficos.estadão.com.br/cidades/para-onde-vai-sao-paulo/capitulo-2.php> Acesso em: 18 ago. 2015.

RIECHMANN, Jorge. **El socialismo puede llegar sólo em bicicleta**. Madrid: Catarata, 2012. 255p.

_____. **Un buen encaje em los ecosistemas**. 2ed. Madrid: Catarata, 2014. 383p.

RODRIGUES, Cae. Limites da mudança e propostas vagabundas: perspectivas práticas da educação ambiental. In: ARAÚJO, Maria I. O.; NEPOMUCENO, Aline L. O.; SANTANA, Camila G. (orgs). **Educadores Ambientais**: caminho para a práxis. Aracajú: Criação Editora, 2015. p.15-31.

RODRIGUES, Cae; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Ecomotricidade: sinergia entre educação ambiental, motricidade humana e pedagogia dialógica. **Motriz**, v.15, n.4, p.987-995, out./dez. 2009. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/viewFile/3252/2759>. Acesso em: 14 jun. 2010.

RODRÍGUEZ, Alfredo; RODRÍGUEZ, Paula; OVIEDO, Alejandro; HORTA, Amarilis; ROMO, Victor. Bicicultura: Cambiar el transporte urbano para cambiar la sociedad. In:

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA LOS ASENTAMIENTOS HUMANOS. **Transfiriendo Mejores Prácticas**. Rio de Janeiro: ONU-Habitat, p.73-85, 2013. Disponível em:

<http://www.onuhabitat.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=997&Itemid=71>. Acesso em: 17 out. 2014.

SAKURABA JUNIOR, Celso M.; ALVES, Felipe A. M. Fortaleza de bicicleta. In: SOARES, André G.; GUTH, Daniel; AMARAL, João P.; MACIEL, Marcelo (Orgs.). **A bicicleta no Brasil 2015**. São Paulo: D. Guth, 2015, p.66-71.

SANTOMAURO, Beatriz. Agora, a aula é no banco da bike: estudar sobre sustentabilidade e segurança no trânsito ajuda a aprimorar a pedalada. **Nova Escola**, São Paulo, ano 30, n.279, p.32-35, 2015.

SANTOS, Ana. **Volta a Portugal em bicicleta: territórios, narrativas e identidades**. Lisboa: Mundos Sociais, 2011. 302p.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000. 415p.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, p. 31-83, 2010.

_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, n.63, p.237-280, 2002.

SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. 637p.

SANTOS, Matheus O. **Ludicidade, animação cultural e educação: um olhar para o projeto “Vivências em atividades diversificadas de lazer”**. 2008. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

SANTOS, Milton. O lugar e o cotidiano. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010b. p.584-602.

SCHETINO, André M. **Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris na transição dos séculos XIX-XX**. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003. 362p.

SÉRGIO, Manuel. A ciência da motricidade humana e a sua lógica do social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.17, n.3, p. 252-259, 1996.

_____. A racionalidade epistêmica na educação física do século XX. In: SÉRGIO, M. et al. **O sentido e a acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999, p.11-30.

_____. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** 2ªed. Campinas: Papirus, 1991. 104p.

SÉRGIO, Manuel; TORO, Sergio. La motricidade humana, un corte epistemológico de la educación física. **Revista Consentido**, Popayán, v.1, n.1, p.101-109, 2005.

SHALON, David. **Prefeitura de São Paulo: pré-candidatos falam em revisar bandeiras de Haddad.** Disponível em: < <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2015-12-28/prefeitura-de-sao-paulo-pre-candidatos-falam-em-revisar-bandeiras-de-haddad.html>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

SHOR, Tatiana. Da rabetá ao 4x4. **Ciência&Ambiente**, Santa Maria, v.1, n.1, p.61-72, 2008.

SILVA, Eduardo B. de S. **O uso da bicicleta como forma sustentável de mobilidade urbana e promoção da qualidade de vida: um olhar sobre a cidade de Atibaia (SP).** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2014.

SILVA, Robson A. **Lazer e processos educativos no contexto de trabalhadores/as Rurais do MST.** Dissertação (Mestrado em Educação). 2010. 212p. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

SILY, Paulo R. M. A cidade como espaço de formação da cidadania. In: BRASIL. **Salto para o Futuro: A cidade como espaço educativo.** Brasília: MEC, 2008, p.07-14.

SOARES, André G.; GUTH, Daniel; AMARAL, João P.; MACIEL, Marcelo (Orgs.). **A bicicleta no Brasil 2015.** São Paulo: D. Guth, 2015. 114 p. Disponível em: <<http://www.redbull.com/br/pt/bike/stories/1331721737129/fa%C3%A7a-o-download-do-livro-a-bicicleta-no-brasil>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

SOARES, Carmem L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil.** 5ed. Campinas: Autores Associados, 2012. 119p.

SOUSA, Antônio C. Prefácio. In: BRANDÃO, Carlos R. **A questão política da educação popular.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.7-10.

SOUZA, Paulo C. A. **Lazer e processos educativos: mergulhos culturais na bacia do salto.** 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010.

_____. **O mundano e o promíscuo na arte latinoamericana: a prática social de pintores populares.** 2014. 311f. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014.

TÁPIA, Luiz E. R. Método em fenomenologia. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria F. (orgs). **Temas fundamentais de fenomenologia.** São Paulo: Moraes, 1984, p.69-74.

TRANSPORTE radical e sustentável. **Revista Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XIV, n.58, p. 6-7, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Londrina: Eduel, 2013. 248p.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012. 342p.

UCB, União dos Ciclistas do Brasil. **Cicloativismo no Brasil e a UCB.** São Paulo: UCB, 2016. Folder distribuído durante o Bicultura 2016, colorido. 2p.

VALENÇA, Daniel; LIMA, Lígia; BRANDÃO, Lourenço. A cultura da bicicleta no Recife. In: SOARES, André G.; GUTH, Daniel; AMARAL, João P.; MACIEL, Marcelo (Orgs.). **A bicicleta no Brasil 2015.** São Paulo: D. Guth, 2015, p.80-91.

VALLA, Victor V. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. **Educação e Realidade**, v.21, n.2, 1996, p.177-190.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **De cuerpo presente:** las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Barcelona: Gedisa, 2005. 318p.

VARELA, Francisco. **El fenómeno de la vida.** Chile: J.C.Sáez, 2010. 474p.

VON ZUBEN, Newton A. Fenomenologia existencial: uma leitura de Merleau-Ponty. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria F. (orgs.). **Temas fundamentais de fenomenologia.** São Paulo: Moraes, 1984, p.55-68.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro:** uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. 235p.

_____. **Rodas em rede:** oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 378p.

WERNECK, Christianne. **Lazer, trabalho e educação:** relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CELAR-DEF/UFMG, 2000. 157p.

XAVIER, Giselle N. A. **O desenvolvimento e a inserção da bicicleta na política de mobilidade urbana brasileira.** 2011. 306p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

9. Apêndices

Apêndice 1 – Diários de Campo

Diário de Campo I

Período da Manhã

Neste dia não houve atividade com bicicleta no período da manhã.

Período da Tarde

Educadores/as: Ana Lia, Kenobi, Flávio, Merlau, Pamela.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Rodolfo, Francisco, Elias, Thor, Patrik, André, Super Mário, Pica-Pau, Roger.

No final do futebol americano, Cristiano Ronaldo, Rodolfo e Francisco me perguntaram: “Vai ter bicicleta?”. Eu respondi que sim, eles saíram do jogo e solicitaram que eu começasse a atividade com as bicicletas. Eu lhes disse que em dez minutos começaria a atividade. Eles perguntaram se poderiam esperar próximos à biblioteca pela atividade. Eu concordei, porém alertei-os dizendo que só iria lá pegar as bicicletas depois que o jogo terminasse. Os três então foram para o local combinado. Elias, Thor e Patrik que não estavam participando do futebol americano e que também não haviam participado da atividade de música, ao observarem a situação seguiram os demais garotos até a biblioteca. Cristiano Ronaldo contrariando entrou na biblioteca sem autorização e foi pegando os capacetes. Ana Lia o repreendeu e pediu para que ficassem do lado de fora da sala e solicitassem o capacete para os educadores conforme combinado. Os outros três garotos, que chegaram logo depois, se aproximaram gritando pedindo capacetes. A educadora Pamela chamou a atenção dizendo que não os entendia falando daquela forma. Elias começou a gritar mais alto. Eu disse que seria melhor eles pedirem educadamente e então eles baixaram o tom da voz e pediram novamente os equipamentos. Eu respondi a solicitação entregando capacetes a cada um deles. O grupo ficou sentado em frente à gaiola de bicicletas aguardando as demais pessoas (1A). Antes de começar a distribuição das bicicletas eu fui chamar as crianças e jovens que estavam jogando futebol americano com Kenobi, Flávio e Merlau. Kenobi comentou que elas queriam ficar jogando mais um pouco. Eu disse que iria começar a atividade com as outras crianças enquanto eles terminavam o jogo. Flávio voltou comigo para auxiliar na atividade com as bicicletas.

Eu abri a gaiola de bicicletas e fui retirando-as uma a uma, as crianças que estavam esperando já tinham escolhido a bicicleta que queriam usar e ficavam amontoadas perto de mim repetindo: “Eu quero aquela branca!”, enquanto eu retirava as bicicletas. Eu pedi para que as crianças me ajudassem colocando as bicicletas que não seriam usadas em outro local para que eu pudesse retirar as brancas que eram de interesse de todos. Após todos terem pegado as bicicletas, chegaram as três crianças que estavam com Kenobi, porém todas as bicicletas brancas já estavam emprestadas, então eu emprestei para André a bicicleta cinza, Super Mário quis uma bicicleta BMX, assim como Pica-Pau (2B).

Kenobi colocou um capacete e destrancou sua bicicleta pessoal para acompanhar as crianças. Merlau também saiu em uma das bicicletas para acompanhá-las. Flávio e Álvaro pegaram alguns materiais como cones, elásticos, garrafas e montaram um circuito de obstáculos próximo à portaria do clube, local no qual ficaram observando e orientando a passagem das crianças pelos obstáculos (3A).

Kenobi foi solicitado por Super Mário para encher o pneu da bicicleta que ela estava, ele pegou a bomba e emprestou a Super Mário para que ela enchesse o pneu, auxiliando-a nesse processo. Super Mário comentou que sua bicicleta pessoal estava com o pneu murcho e que ela não tinha ido até o posto encher, pois estava com preguiça. Kenobi e eu comentamos que ela poderia ter uma bomba em casa assim poderia encher em casa mesmo. A menina questionou sobre o custo de uma bomba como aquela que estava usando e eu respondi que uma bomba de Bicicleta, dependendo da marca e do material (plástico ou alumínio), poderia variar entre 15 e 35 reais. Comentei também que possuía uma de plástico que havia pagado 12 reais e que funcionava muito bem, apesar de dar um pouco mais de trabalho para encher por ter pequeno volume. André também precisou encher os pneus então eu peguei outra bomba para acelerar o processo e auxiliiei o garoto na tarefa. Com todas as bicicletas prontas saíram Kenobi, André e Super Mário para se juntar aos demais que já estavam pedalando pelo clube (4A).

Eu peguei um capacete e uma bicicleta que havia sobrado para acompanhar as crianças. As crianças pedalavam em grupo pelo clube, principalmente, Elias, Thor, Patrik, Roger, Pica-Pau. Super Mário andou com o grupo inicialmente, porém pouco tempo depois saiu sozinho pelo clube. Eu tive que chamar a atenção do grupo de garotos, pois havia crianças no grupo que estavam andando pelo gramado do campo de futebol e também passando pela lateral da quadra, local onde havia muitas pessoas que estavam assistindo a um jogo de futebol. Eu desci até o campo e solicitei que eles saíssem de lá. O grupo então saiu do campo e retornou para parte de cima do clube (5B). André, que estava por último ao tentar subir a rampa do campo teve a corrente de sua bicicleta arrebentada. Eu comentei com o garoto que aquela corrente estava muito velha e por isso havia se rompido. Pedi para que o garoto levasse a bicicleta empurrando-a cuidadosamente para guardá-la. Lá chegando procurei outra bicicleta para emprestar ao garoto, porém das duas aro 26 disponíveis nenhuma tinha quadro compatível com a estatura do garoto, então ele pegou uma bicicleta de aro 20 que, apesar de certo desconforto pelo tamanho reduzido, foi a única que ele conseguiu utilizar. Eu o alertei para que ele andasse com cuidado, pois a bicicleta era bem menor, o que torna diferente a maneira de pilotar e nas curvas ele poderia sentir grande diferenças. Quando retornaram para atividade André saiu na frente e eu o segui observando para ver se ele adaptaria a bicicleta (6A). No caminho eu vejo Francisco subindo a pé falando para Cristiano Ronaldo enquanto caminhava: “aquele professor é um filho da puta, folgado!”. Eu então perguntei a Cristiano Ronaldo o que havia acontecido. Cristiano Ronaldo disse que Francisco estava bravo com o educador Merlau que tinha tirado a bicicleta de Francisco sob a justificativa de que ele estava derrapando, no entanto, segundo Francisco e Cristiano Ronaldo, só houve a derrapada em uma tentativa de desviar de um dos garotos que entrou na frente com a bicicleta de Francisco. Já Merlau disse que tirou a bicicleta do garoto, pois ele estava derrapando constantemente e, mesmo ele tendo pedido diversas vezes para que parasse, pois estava desgastando os pneus, Francisco continuou derrapando e ele então retirou a bicicleta do menino, conforme já o havia alertado anteriormente (7dB).

Observei que um grupo de crianças estava reunido sob a sombra de um pé de manga que fica ao fundo do campo de futebol e fui até lá, pois não tinha visto a presença de outro educador por perto. Antes de chegar lá encontrei Kenobi que também seguia para lá, e seguimos juntos. Chegando lá notamos que as crianças não estavam apanhando manga e sim brincando na cerca, fazendo uma corrente de pessoas e brincando de dar choque umas nas outras, o que dava a entender que a cerca estava eletrificada. Kenobi e eu observamos por alguns instantes e, diante da possibilidade de risco, Kenobi juntou-se ao grupo de crianças para certificar-se se a cerca estava realmente eletrificada e, logo que chegou, me chamou e eu, ao me juntar ao grupo, também senti um leve choque. Nós solicitamos para que as crianças se afastassem daquela cerca, pois devido a presença da corrente elétrica poderia ser perigoso

brincar ali (8C). As crianças foram saindo e eu disse a elas que poderiam seguir direto para a gaiola de bicicletas para guardá-las, pois o tempo da atividade estava encerrando. Na gaiola as crianças entregavam as bicicletas e Kenobi as guardava enquanto Flávio e Merlau faziam a roda final de conversa juntamente com as crianças e eu fui informar o funcionário responsável pela manutenção do clube sobre a cerca eletrificada.

Educador Flávio e eu ficamos até as 19h30min no clube aguardando o ônibus. Um funcionário do clube que estava na secretaria ligou para um dos diretores do clube para informar do atraso e Flávio ligou para um dos motoristas para solicitar o telefone da garagem e logo em seguida ligou para a garagem da empresa, a qual informou que enviaria um transporte. Familiares ligaram preocupados para a secretaria do clube, bem como alguns/as participantes quiseram ligar para informarem seus familiares sobre o atraso. Por fim, Flávio e cinco participantes foram transportados no carro pessoal de um dos diretores do clube que, diante do impasse, veio para buscar as crianças, porém este possuía apenas cinco lugares e levou inadequadamente sete pessoas (9dC).

Diário de Campo II

Período da Manhã

Educadores/as: Ana Lia, Max, Flávio, Pamela, Olga.

Educandos/as: Tito, Yan, Ronaldo, David Luiz, Neymar, Valmir, Francisco, Helena, Pietra, Cristiano Ronaldo.

Todos/as saíram do jogo My God aparentemente ansiosos/as para andar de bicicleta, principalmente Tito, Yan e Ronaldo, pois estes saíram correndo em direção ao local onde ficam guardadas as bicicletas (1A). Ronaldo, Tito, Yan, David Luiz e Frynkin ficaram em volta da gaiola de aço que guarda as bicicletas dizendo uns para os outros a bicicleta que pretendiam usar, Ronaldo dizia: “Eu vou usar a branca!”, eventualmente, até disputando verbalmente uma ou outra bicicleta. Isso ocorreu entre Tito e David Luiz, pois ambos queriam uma bicicleta tipo BMX Azul (2B). Eu lembrei a todos que era necessário pegar primeiro os capacetes e, na porta da biblioteca, eu distribuí os capacetes um a um e os auxiliei na regulagem e na colocação, pois muitas crianças apresentaram dificuldade em colocá-los corretamente (3A). Enquanto eu terminava a distribuição dos capacetes, Flávio foi destrancando as bicicletas e as tirando da gaiola. As crianças que já estavam com capacete aguardavam em volta, ansiosas. Eu terminei de entregar os capacetes e fui auxiliar Flávio na distribuição das bicicletas. Tito e David Luiz que estavam disputando verbalmente a bicicleta se aproximaram de mim em busca de uma solução. Tito dizia que ele era quem andava com aquela bicicleta e David Luiz dizia que era ele quem sempre andava com aquela bicicleta e que Tito andava na bicicleta amarela pequena. Eu disse a David Luiz que Tito estava começando a andar na bicicleta maior e por isso precisava andar naquela bicicleta, pois só havia duas bicicletas BMX em funcionamento, porém uma delas estava apenas com um dos freios. Eu argumentei com David Luiz que ele já sabia andar bem com aquelas bicicletas e que ele poderia usar a que estava com apenas um freio e deixar a outra que estava com os dois freios em ordem para Tito que estava começando. David Luiz concordou com minha sugestão e pegou a outra BMX. Neymar optou pela bicicleta amarela pequena, pois ainda não sabe andar e ela permite que ele facilmente coloque os pés no chão (4B).

Flávio pediu para as pessoas que já estavam com bicicletas aguardarem até que terminasse a distribuição das demais bicicletas para que pudesse dar as orientações iniciais da atividade. Com todos prontos e aguardando, Flávio disse para que tomassem cuidado com os pedestres que estavam pelo clube, não ultrapassassem entre os trechos com corrimões. Flávio

também pediu que parassem a bicicleta e chamassem algum dos educadores caso percebessem algo estranho com as bicicletas para evitar danos, lembrou as crianças do ocorrido em outro dia em que um dos garotos continuou a pedalar com o câmbio fazendo barulho, até que a peça tocou na roda e arrancou os raios, estragando a roda traseira da bicicleta. Eu aproveitei o momento para pedir que tomassem bastante cuidado ao subir as guias, pois já ocorreram diversos casos em que os pneus da bicicleta foram danificados e algumas dessas bicicletas estão até hoje com uso comprometido por conta do dano. Eu disse também para não passarem muito próximos um dos outros e nem brincassem de encostar o pneu na bicicleta do colega, pois esse tipo de brincadeira poderia causar acidentes. Ronaldo perguntou se poderia brincar de motoqueiro fantasma. Eu perguntei a ele como se brincava e ele respondeu que era só passar pelas pessoas e assustá-las. Eu disse que poderia brincar desde que o fizesse apenas com as pessoas que concordassem em participar daquela brincadeira e que ele não encostasse nem nos colegas, nem em suas respectivas bicicletas ao assustá-las e ele concordou. Ana Lia disse para as crianças que não poderiam descer para a área do campo naquele dia, pois um funcionário do clube estava cortando a grama e havia pedido a ela que não deixasse ninguém descer lá, pois havia risco de voar pedaços de madeira ou pedra e machucar. Eu reforcei o comunicado lembrando que não poderiam descer além do caminho de concreto. Tito perguntou se poderia descer próximo à quadra e eu disse que poderia descer até o gramado próximo à portaria, mas não poderia andar em volta da quadra, pois naquele local as passagens são estreitas e possuem muitos bancos de concreto(5A).

Flávio perguntou se eles gostariam que fosse montado um circuito de obstáculos e algumas crianças disseram que sim. Diante disso eu peguei materiais para fazer o circuito, coloquei em uma caixa e desci para a portaria para montar os obstáculos no calçamento amplo que existe no local. Eu montei um circuito de obstáculos com cones, elásticos e garrafas pet (6A).

As crianças andavam pelo clube e Max as acompanhava também em bicicleta, Ana Lia ficou próxima a portaria observando e Olga ficou ajudando Neymar que estava aprendendo a andar de bicicleta (7A). Flávio ajustou o banco de uma das bicicletas mais velhas e disse que iria andar com ela para fazer propaganda, pois as crianças nunca querem pegá-la para usar (8B).

Enquanto eu montava o circuito Valmir se aproximou e disse que as marchas de sua bicicleta ficavam mudando sozinhas. Eu observei-a e disse ao menino que ele estava utilizando as marchas com a corrente cruzada e lhe expliquei, apontando para os componentes da bicicleta, que não é aconselhado utilizar a coroa 3, que é a maior, com os pinhões 1, 2, 3 e 4 da catraca, que são os menores, assim como não é recomendado usar a coroa 1 com os pinhões 6, 7, 8 e 9. Comentei também que a coroa 2 deveria ser usada com os pinhões 2, 3, 4,5, 6, 7 e 8, evitando os últimos localizados em ambas extremidades. Eu disse a ele que utilizar a corrente daquele modo compromete o funcionamento do câmbio e também desgasta a corrente mais rapidamente. Eu fiz a mudança das marchas explicando ao garoto. O garoto pegou a bicicleta e saiu andando novamente e, pouco tempo depois, gritou de longe avisando que a bicicleta estava boa. Eu continuei a montar o circuito e pouco tempo depois se aproximou Helena, queixando-se que sua bicicleta fazia um barulho estranho quando ele pedalava em pé. Solicitei que ela pedalasse em pé e, quando ela o fez, foi possível ouvir um estalido vindo dos pedais. Eu disse a ela que aquilo era apenas pouca lubrificação no pedal e disse que poderia andar tranquilamente e que, na semana seguinte, eu levaria óleo e faria a lubrificação dos pedais (8A).

Assim que terminei de montar o circuito, peguei uma bicicleta para acompanhar as crianças e Olga, que estava com Neymar, veio acompanhar a passagem das crianças pelo circuito e Max ficou com Neymar auxiliando-o a aprender a andar de bicicleta (9A).

Ao passar de bicicleta ao lado de Cristiano Ronaldo, fui convidado pelo garoto a brincar de Polícia e Ladrão com eles. Eu perguntei como eles faziam para prender os ladrões. Cristiano Ronaldo disse que ele tinha prendido outro menino encurralando-o na passagem dos corrimões. Eu disse que iria acompanhá-lo para entender a brincadeira e depois entraria para brincar. Então Cristiano Ronaldo deu continuidade à brincadeira e eu acompanhei o garoto que saiu imitando o som de uma sirene bem alto com a boca. Ao passar por Flávio, que notei estar brincando com eles, perguntei como estava sendo feito para pegar os ladrões e Flávio disse que ele ultrapassava e quando estava bem ao lado dizia: “Está preso!”. Flávio disse que ele fazia isso, porém comentou também que isso não funcionava com Frynkin, pois ele nunca parava. Flávio comentou que estava difícil aprender a brincadeira com as crianças, pois não haviam regra definidas e cada um fazia de uma forma. Eu perguntei quem havia começado com a brincadeira e Flávio disse que parecia ter sido Ronaldo, David Luiz, Francisco e Frynkin. Diante do grupo eu avisei a todos que também estava brincando e as crianças disseram que então eu seria o policial. As crianças fugiram e eu saí com a bicicleta fazendo som de sirene em perseguição para prender David Luiz, ultrapassei o garoto dando-lhe voz de prisão, o garoto parou a bicicleta. Segui imediatamente atrás de Frynkin que acelerou ao notar minha aproximação. Eu também acelero e me aproximo do garoto que freia a bicicleta bruscamente, se desequilibra e pára, botando os pé no chão, momento no qual eu consigo parar em frente à bicicleta dele impedindo-o de fugir e dou voz de prisão ao garoto que lamenta sorrindo. Os garotos pegos me auxiliam a prender os demais (10A).

Depois segui até o local em que Neymar estava aprendendo a andar com ajuda de Max. Eu observo o garoto pedalando e dou algumas orientações a ele. Max também dá orientações e incentiva bastante o garoto que já estava treinando sozinho, sem que ninguém precisasse segurá-lo. Percebendo que o garoto estava com a perna muito flexionada o que dificultava o momento de partida e o equilíbrio do menino. Então eu peguei uma chave de boca e elevei ligeiramente o banco da bicicleta do garoto, com isso o desenvolvimento, principalmente da partida, melhora, porém as pedaladas ainda não avançam além de 4 ou 5 metros (11A).

Pamela estava perto da saída do banheiro observando as crianças na atividade de bicicleta quando Tito se aproxima em velocidade. Ela preocupada avisa de sua presença diversas vezes dizendo: “Eu estou aqui Tito!”. No entanto Tito continuou em velocidade e em sua direção ela tenta desviar, mas o garoto acaba trombando no ombro dela e quando ela chamou atenção do garoto pelo acidente ele se justificou dizendo não a ter visto.

Eu retorno para a brincadeira de Polícia e Ladrão e persigo Helena e Pietra, porém sem saber que elas não estavam brincando de Polícia e Ladrão. Enquanto as seguia notei que Pietra subiu a calçada com a bicicleta atingindo o degrau, formado entre a calçada e o gramado, em ângulo diagonal com risco de queda, pois o pneu deu uma pequena raspada no momento que subiu a calçada. Eu então chamei a garota e disse que ela deve sempre aproximar-se dos obstáculos com a bicicleta o mais perpendicular possível para que não corra risco de cair e demonstro, com a bicicleta, as duas situações para que ele visualizasse a diferença entre fazer de uma forma e de outra (12A).

As crianças continuaram andando por mais algum tempo até que os educadores começaram a chamá-las para recolherem as bicicletas e dar início a atividade de música que já estava organizada por Ana Lia e Pamela. As crianças foram trazendo as bicicletas e entregando a Flávio que as guardava.

Ao final do período, quando questionados por Ana Lia sobre o que eles queriam deixar registrado no diário de campo, Ronaldo disse que gostou da bicicleta, pois saiu arregaçando tudo com ela. Neymar disse que também gostou muito da atividade com bicicleta, pois ele ficou aprendendo a andar de bicicleta. Tito e Cristiano Ronaldo também disseram ter gostado

da atividade com bicicleta (13A). Cristiano Ronaldo disse que também gostou de jogar My God. Tito comentou ter gostado da atividade de música.

Período da Tarde

Educadores/as Presentes: Max, Olga, Álvaro e Ana Lia

Participantes Presentes: Amora, Mel, Roberta, Elias, Bira, Hulk, Francisco, Cristiano Ronaldo, Alberto, Robinho, Diego, Sofia.

A atividade de Polícia e Ladrão terminou antes do previsto, pois muitas crianças haviam abandonado a brincadeira logo após o início. Os educadores então resolveram reunir as crianças que brincavam no parque para iniciarmos a atividade com a bicicleta. Quando os educadores anunciaram a atividade, as crianças correram para o espaço em que são guardadas as bicicletas e se amontoaram em volta da gaiola de bicicletas, havia 16 crianças e 14 bicicletas. As crianças estendiam o braço pela grade da gaiola e seguravam o guidão das bicicletas brancas pelas quais tinham preferência, na tentativa de garantir a posse na atividade (14B).

Eu disse às crianças e adolescentes que a primeira coisa que deveriam fazer era pegar e colocar os capacetes. O grupo correu para a porta da biblioteca e se enfileirou para pegar os capacetes que educadora Pamela distribuía. Algumas crianças e adolescentes pediram ajuda para ajustar as cintas de fixação e eu as auxiliiei no ajuste (15A). Logo após as crianças pegarem o capacete, elas retornavam para perto da gaiola de bicicletas e falavam “a branca é minha!”, “eu vou ficar com a branca!” tentando garantir a bicicleta de preferência. Diante do tumulto, eu também não conseguia acessar à porta da gaiola de bicicletas, por isso solicitei que o grupo se sentasse nas cadeiras e, aos poucos, as pessoas foram se afastando da gaiola. Eu disse que antes de iniciar a atividade com bicicletas seria necessário combinar algumas coisas. Informei que não havia uma bicicleta para cada criança e que para realizar a atividade seria preciso fazer um revezamento das bicicletas entre as pessoas. A notícia não foi muito bem recebida e algumas crianças reclamaram. Eu comentei que não havia bicicletas suficientes para o número de pessoas e o revezamento teria que ser realizado por algumas pessoas para que todos pudessem andar de bicicleta. Comentei que deveríamos considerar a estatura e a preferência de cada um, e fazer um revezamento quando mais de uma pessoa quisesse a mesma bicicleta ou necessitasse usar a mesma pela compatibilidade de tamanho. Então eu comecei a retirar as bicicletas e ao retirar as primeiras, que eram as infantis, perguntei quem estava interessado ou necessitava usar aquelas bicicletas menores e as crianças responderam que havia quatro crianças pequenas, mas Lupita, que era uma delas, falou que não iria andar de bicicleta naquele dia porque achava que iria chover. As outras crianças argumentaram com ela dizendo que não iria chover, porém ela não se convenceu. Diante disso eu disse que aquelas pessoas não precisariam revezar, pois havia uma bicicleta para cada uma. Então retirei a primeira bicicleta infantil que era rosa e Amora disse que andaria nela, na sequência retirei a de cor amarela e Robinho e Bira disseram querer a mesma bicicleta. Diante desse impasse eu disse que então eles teriam que revezar o uso dela dando uma volta no clube cada um. Frente a essa informação Bira reclamou dizendo que queria andar naquela. Eu esclareci que ele iria andar nela, porém que ele deveria revezar com Robinho. Nenhum dos dois queria usar a outra bicicleta que também era rosa. Frente ao impasse e a insatisfação dos dois em revezar uma bicicleta eu sugeri que eles iniciassem a atividade um andando na rosa e outro na amarela e a cada volta eles fariam a troca de bicicletas, de modo que não precisariam ficar esperando o revezamento sem andar de bicicleta. Ambos, demonstrando insatisfação, concordaram com a proposta e Robinho iniciou com a amarela e Bira com a rosa. Na sequência retirei as duas bicicletas mais antigas e perguntei se alguma criança gostaria de utilizá-las e nenhuma das

crianças demonstrou interesse. Eu lembrei ao grupo que se ninguém utilizasse aquelas bicicletas, as outras bicicletas teriam que ser revezadas por mais pessoas, porém esse argumento não convenceu nenhuma criança. Nesse momento as crianças já estavam amontoadas em torno da gaiola de bicicletas novamente, inclusive, dificultando a retirada das bicicletas. Na sequência eu retirei as duas BMX e uma infantil média que tinham apenas uma pessoa interessada por cada uma delas. Continuei o processo de distribuição e iniciei a retirada das bicicletas brancas novas, com uma Soul tamanho 17 e diversos/as participantes quiseram utilizá-la. Eu então, analisando a estatura das pessoas do grupo, entreguei para Diego e disse a ele que revezaria com Mel que também queria aquela bicicleta, pois possuíam estatura similar. Embora não tenham se mostrado muito satisfeitos, ambos concordaram em revezar. Continuei e na sequência retirei uma Soul tamanho 19 que era de interesse de Cristiano Ronaldo e Francisco e sugeri que revezassem, porém Francisco disse que iria até a casa dele, que era ao lado, pegar sua bicicleta própria e Cristiano Ronaldo ficou com aquela só para seu uso. Outra bicicleta que necessitava de revezamento era a outra Soul tamanho 17 e eu sugeri que Elias revezasse com Roberta, porém diante da necessidade de revezamento Elias demonstrou irritação retirando o capacete e dizendo: “Então eu não vou mais andar!”. Ele deixou o capacete sobre a mesa e sentou-se em uma das cadeiras com os braços cruzados. Confirmei com o garoto se realmente ele não iria mais querer andar de bicicleta e ele respondeu novamente que não. Assim Roberta ficou com a bicicleta para seu uso. Depois disso não foi mais necessário revezar as bicicletas restantes, assim eu distribuí as demais bicicletas uma para cada participante, porém quando fui entregar a última para Rodolfo que havia sido o único a demonstrar interesse pela bicicleta Soul tamanho 21, Rodolfo estava longe e eu fiquei segurando-a esperando o garoto vir buscar. Elias que não tinha avistado Rodolfo achou que a bicicleta estava sobrando e levantou para pegá-la, mas Rodolfo chegou e retirou a bicicleta antes que Elias se aproximasse. Elias reclamou comigo que só não tinha bicicleta para ele. Eu lembrei ao garoto que ele havia me dito que não iria mais andar de bicicleta. Ele sentou-se novamente em uma das cadeiras e disse que ele não iria mais andar mesmo. Eu disse a ele que poderia andar, porém teria que revezar com alguém, mas o garoto, irritado, saiu andando em direção ao campo de futebol. Com todas as crianças andando, Álvaro e eu pegamos as duas bicicletas antigas que sobraram e começamos a encher os pneus, pois estavam um pouco vazios. Quando Álvaro havia terminado a que estava com ele chegou uma criança reclamando que o banco da bicicleta estava muito alto. Eu disse a ela que aquela bicicleta não tinha como baixar mais o banco e sugeri que ele usasse a que estava com Álvaro, ele aceitou e saiu com a bicicleta. Álvaro então decidiu usar a bicicleta que estava com o garoto, porém notou que era necessário encher os pneus também e começou a encher. Amora que estava pedalando, retornou dizendo que não iria mais andar, deixou a bicicleta e foi para o parquinho. Mel, que aguardava o revezamento, disse que iria com aquela bicicleta deixada por Amora, mesmo sendo pequena. Eu disse a Mel que Diego já estava voltando e ela poderia usar a bicicleta grande, porém a garota preferiu a bicicleta pequena e saiu (16B).

Quando eu estava enchendo os pneus da bicicleta azul notei que havia um raio quebrado na roda traseira e decidi retirar para evitar acidentes, conforme estava retirando notei que haviam mais cinco raios quebrados na mesma roda, assim retirei também esses e guardei a bicicleta para evitar danificar a roda bem como possíveis acidentes. Eu avisei aos demais educadores para não utilizarem mais aquela bicicleta, pois a roda estava comprometida e exigia reparos, que demoraria a ser feito, uma vez que não possuíamos as ferramentas necessárias para tal manutenção.

Álvaro, assim que terminou, saiu para pedalar com as crianças. Eu estava saindo a pé para observar as crianças quando Roberta chegou com sua bicicleta, encostou-a na parede e me disse que não iria mais andar. A menina foi brincar no parquinho junto com Amora. Eu então peguei a bicicleta que estava com a garota, coloquei um capacete e saí para andar junto

com as crianças. Logo após algumas voltas eu notei que Bira e Hulk também pararam de andar com as bicicletas para brincar no parquinho, posteriormente Robinho e Sofia fizeram o mesmo (17A).

Eu estava andando perto da quadra e vi Francisco colocando uma garrafa PET entre o quadro e a roda para fazer ruído, algo parecido com um motor, porém a garrafa não ficava lá fixada por muito tempo. Eu o chamei para perto do cesto de lixo reciclável, porém apenas Rodolfo me acompanhou. Procurei uma garrafa que se encaixasse na bicicleta para fazer ruído como eles queriam, porém encontrei copinhos descartáveis e coloquei um na roda dianteira entre o pneu e o garfo da suspensão. A ideia funcionou, Rodolfo gostou bastante e saiu com a bicicleta fazendo ruído pelo clube. Logo outras crianças me procuraram querendo fazer o mesmo, inclusive Francisco, porém não havia mais copos descartáveis disponíveis no lixo reciclável. Cristiano Ronaldo foi até a portaria e pediu um copo descartável. Francisco também estava indo e eu solicitei que trouxessem um para mim também, porém disse para pegar os copos usados do cesto lixo. Eu tentei colocar na bicicleta de Francisco, porém ela era diferente das outras e não deu certo, então Francisco foi até o cesto de recicláveis para tentar achar uma garrafa que se encaixasse. Eu coloquei o copinho em minha bicicleta e saí andando pelo clube, ao passar perto do campo, vi Elias, parei em sua frente e disse que havia bicicletas sobrando e perguntei se ele realmente não queria andar. O garoto pareceu gostar da bicicleta com barulho e disse que queria andar de bicicleta, então eu passei a bicicleta que estava comigo para o menino que rapidamente saiu para andar. Outras crianças quiseram colocar copinhos, porém não havia mais copos usados para reutilizarmos então eu fui até a biblioteca, peguei uma tesoura e fui até o cesto de recicláveis. Nesse momento Francisco e Cristiano Ronaldo já havia conseguido uma garrafa menor que se encaixou perfeitamente na bicicleta e que, inclusive, fazia um barulho mais grave que os agradou ainda mais. Outras crianças me cercaram e ficaram esperando que eu fizesse o mesmo na bicicleta que estava com elas, então eu recortei mais algumas garrafas e encaixei os pedaços nas bicicletas dessas crianças que saíram animadas para andar pelo clube (18A).

As crianças continuaram andando por algum tempo, com exceção de Roberta, Sofia, Amora, Hulk e Bira, que ficaram quase o tempo todo no parquinho e Robinho que alternava a brincadeira com voltas de bicicleta. Com o tempo da atividade esgotado os educadores chamaram as crianças para recolher as bicicletas, estas foram entregues, uma a uma para mim que as guardava.

Ao final, quando questionadas sobre as atividades do dia, Valmir disse que gostou da atividade de bicicleta (19A). Roberta disse que não gostou de nada, apenas de brincar no parquinho.

Diário de Campo III

Período da Manhã

Educadores/as: Pamela, Flávio, Ana Lia.

Educandos/as: Lili, Tito, Yan, Helena, Pietra.

As crianças realizavam o ensaio musical e a próxima atividade a ser realizada seria com bicicletas, por isso, eu fui até a biblioteca para consertar o pneu da bicicleta infantil que o projeto havia conseguido recentemente por meio de doação, pois ela estava em melhor estado que as demais e ajudaria as crianças que estavam aprendendo a andar. O pneu dianteiro estava furado, por isso o desmontei e reparei a câmara de ar (1B). Enquanto terminava de montar a bicicleta, Pamela veio me informar que o ensaio já estava no final. Eu pedi a ela que pedisse a Flávio para que ele desse início a atividade e avisasse que eu já estava terminando o reparo.

Eu fiz a distribuição dos capacetes para as crianças. Flávio abriu a gaiola de bicicletas e as destrancou. Eu me aproximei com a bicicleta recém-doadada que havia acabado de reparar e disse a Tito que poderia andar nela, pois estava com o freio melhor do que as outras. Tito pareceu ficar contente e foi pegar um capacete. Flávio foi distribuindo as bicicletas para as demais crianças. Com exceção de Tito, que por conta do tamanho, utilizou a bicicleta pequena, as demais fizeram questão de utilizar as bicicletas grandes brancas, que são mais novas (2B).

Antes de começarem a andar com as bicicletas as crianças foram lembradas por Ana Lia para não irem ao campo de futebol. Eu reforcei o recado dizendo que passar por perto do campo poderia ser perigoso, pois devido aos treinos de futebol, correia-se o risco de ser atingido por uma bola durante a passagem. Antes que saíssem, Lili disse que sua bicicleta estava com as marchas erradas, observei sua bicicleta e disse que estava tudo correto, porém ela me respondeu dizendo que os mostradores não estavam na mesma posição, comentei que eles não têm que estar exatamente na mesma posição. Observando as demais bicicletas notei que algumas estavam com a corrente cruzada. Perguntei às crianças e adolescentes se sabiam utilizar corretamente as marchas e me responderam que sim, mas as educadoras Ana Lia e Pamela disseram não saber. Perguntei então se sabiam quais combinações de marcha poderiam ser usadas, Helena, Pietra e Lili disseram que não, acompanhadas pelas educadoras Pamela e Ana Lia que também disseram não conhecer. Peguei a bicicleta que estava com Lili para usar de exemplo e mostrei as coroas dianteiras mostrando que são três e o cassete, na roda traseira, mostrando os nove pinhões que o compõe, assim demonstrei as combinações adequadas. Pamela comentou que nunca tinham feito isso em suas bicicletas, e que simplesmente iam mudando as marchas (3A).

Flávio e Pamela foram até a portaria com materiais (elásticos, cordas, fitas, garrafas PET) para elaborar um circuito de atividade. Lili, Yan e Helena criaram um circuito com a ajuda dos educadores e educadoras presentes. Elas montaram um pequeno labirinto de duas vias paralelas com entradas e saídas contíguas, porém com sentido contrário. Tito estava passando pelo labirinto durante sua montagem, assim como Yan e, durante uma dessas ocasiões, eles se encontraram em um corredor e Lili chamou a atenção de Tito alertando-o que deveria entrar pelo outro lado. Isso veio a ocorrer novamente, mesmo depois do alerta de Lili. Eu então auxiliiei lembrando as regras de trânsito e sugeri adotarmos tais regras no circuito. Comentei que no trânsito os carros sempre devem se manter a direita da rua e dei um exemplo mostrando a mão direita e girando o corpo em diversos sentidos para demonstrar o lado em que deveríamos entrar sempre que encontrássemos duas opções, assim evitaríamos trombar no meio do labirinto. Lili e Helena concordaram e sugeriram demarcar melhor as vias nos pontos de entrada e saída, fazendo uma divisão da calçada com garrafas PET, como se fossem faixas amarelas das rodovias de duplo sentido, em pontos antes das entradas do labirinto para direcionar o trânsito das bicicletas. Flávio, percebendo a dificuldade de Tito em entrar pelo lado direito, demarcou no solo com pequenos gravetos formando uma seta, o sentido que deveria manter-se para entrar no local correto. Desse modo, quem chegava deveria, independente do ponto de chegada, entrar pela via da direita sinalizada por Flávio. Enquanto montávamos o circuito, Pamela saiu de bicicleta para acompanhar Tito, Cristiano Ronaldo e Pietra que já estavam pedalando pelo clube. Terminado o circuito, Flávio e eu pegamos bicicletas para andar junto com as crianças e percorremos diversas vezes o labirinto que possuía alguns pontos desafiadores para superar. Uma curva bastante fechada que desafiava a todos a completá-la sem colocar os pés no chão e as saídas e entrada do labirinto que eram estreitas e separadas por garrafas que caíam ao menor toque da bicicleta. Tito derrubou garrafas diversas vezes ao passar, Lili e Helena normalmente paravam a bicicleta antes que se chocassem com as garrafas ou mesmo com os elásticos que delimitavam o labirinto. Helena tinha dificuldades para passar na curva mais fechada do labirinto sem pôr os

pés no chão e eu notei seu esforço em uma das passagens. Quando ela saiu do labirinto eu disse que se ela abrisse mais a curva logo no começo, passando perto do elástico do lado oposto ao que ela iria virar, ficaria mais fácil completar a curva. Comentei também que o uso dos freios e do pedal poderia ajudá-la a manter-se equilibrada enquanto fazia a curva, diminuindo a necessidade de por o pé no chão. Posteriormente, após algumas tentativas, pude observá-la fazendo a curva sem ter que colocar o pé no chão. Algo parecido ocorreu com Lili, a quem também dei orientações semelhantes. Pouco depois Lili me chamou e disse que já havia conseguido passar pela outra curva que, apesar de um pouco menos fechada, também a desafiava. Eu respondi dizendo que só estava faltando passar a outra curva, ela continuou o circuito e na saída derrubou uma garrafa que estava ao lado de um cone, formando um vão por onde deveriam passar. Sugeri a ela que passasse pela garrafa com o pedal levantado, pois assim ele não esbarraria. Demonstrei o movimento utilizando a bicicleta que estava com ela. Ao tentar passar novamente ela teve sucesso em passar pela garrafa que estava ao lado do cone, porém sua preocupação com o pedal a fez derrubar a garrafa que estava mais a frente. Ela continuou suas tentativas, mas Tito cruzou sua frente em um dos momentos em que ela estava prestes a sair do labirinto sem tocar nas garrafas, e isso fez com que ela se desequilibrasse e derrubasse uma das garrafas ao parar a bicicleta para não chocar-se contra o garoto. Lili reclama e chama a atenção do menino (4A).

O tempo, de aproximadamente 50 minutos, destinado para a atividade estava acabando e tivemos que encerrá-la para que tivéssemos tempo para realizar a conversa final e o lanche. As crianças foram levando as bicicletas para guardar e Flávio foi arrumando-as na gaiola. Eu iniciei a conversa final com as crianças informando-as que a partir da semana seguinte teríamos atividades com bicicletas todas as terças-feiras, pois gostaríamos de aprofundar o desenvolvimento dessas atividades para as pessoas que se interessassem, e as demais pessoas do projeto poderiam escolher outra atividade para ser realizada no mesmo período. Perguntei quem gostaria de participar das atividades com bicicletas na semana seguinte, Helena, Pietra e Tito demonstraram interesse (5A), já Cristiano Ronaldo e Lili disseram preferir outra atividade.

Período da Tarde

Educadores/as: Álvaro, Flávio, Ana Lia

Educandos/as: Robson, Lobão, Roberta, Super Mário, André, Sofia, Robinho, Hulk, Diego, Jorge, Rodolfo, Elias, Lupita

Os/as participantes estavam ensaiando para a apresentação do festival *Sons e Movimentos*, porém antes que o ensaio terminasse, muitos/as perguntaram: “Vai ter bicicleta?”. Eu disse que andaríamos de bicicleta logo após o ensaio. Parte do grupo então começou a pedir para mudar para a atividade com bicicletas. Com mais algum tempo de ensaio esse número aumentou com outras pessoas solicitando mudança de atividade. Diante da situação, as educadoras Pamela e Ana Lia decidiram terminar o ensaio e Rodolfo, Robson, Jorge, Robinho, Hulk, Lobão e André foram os primeiros a solicitar que começássemos com a bicicleta. Eu disse às crianças que, conforme havíamos combinado, realizaríamos ao mesmo tempo a atividade com bicicletas e a brincadeira Polícia e Ladrão, pois na reunião da semana anterior algumas pessoas disseram não querer realizar a atividade com bicicletas. Jorge comentou, aparentemente sem ser ouvido pelas demais pessoas, que poderiam brincar de Polícia e Ladrão com as bicicletas. Diante do tumulto formado pelas crianças, Flávio solicitou que todos sentassem novamente. Com as crianças acomodadas ele perguntou quem iria fazer atividade com bicicletas e todas, com exceção de Lupita, responderam positivamente. Eu e Flávio lembramos a Roberta, Sofia e Elias que elas foram algumas das pessoas que

escolheram a brincadeira Polícia e Ladrão na semana anterior, porém eles responderam negativamente. Comentei que poderiam andar de bicicleta, mas seria importante manter os combinados para não prejudicar o planejamento dos educadores. Lupita, por não tem mais companhia para brincar de Polícia e Ladrão decidiu andar de bicicleta também (6A).

Pedimos então para que as crianças apanhassem os capacetes (7A). Enquanto isso Super Mário e Álvaro vieram me perguntar se ela poderia ficar ensaiando o toque do agogô para a apresentação no festival, respondi que se fosse do interesse dela fazer isso não teria problema.

As crianças retornaram para perto da gaiola para pegar as bicicletas e o primeiro a chegar foi Robinho. Eu disse a ele que tinha uma bicicleta recém-chegada ao projeto que ele iria gostar de usar e pedi para ele pegá-la na biblioteca, pois havia deixado lá. Robinho foi pegar a bicicleta e ficou bastante animado com ela. Depois fui distribuindo as bicicletas de acordo com os interesses e compatibilidade dos tamanhos, assim primeiro foram entregues as pequenas para Lupita e Hulk. Posteriormente, entreguei as de tam. 17 para Roberta, Sofia, André. Depois as tam.19 para Robson, Lobão e Jorge. Por último ficou Rodolfo com a tam.21. Porém Elias e Diego haviam ficado sem bicicletas pelas quais tinham interesse, a saber: as brancas mais novas. Flávio orientava as crianças antes que saíssem com as bicicletas e aproveitei para solicitar a atenção de todos, pois seria necessário revezar as bicicletas. Disse que Diego revezaria as bicicletas de tam.17 e Elias as de tam.19, assim as pessoas que estavam nessas bicicletas deveriam emprestá-la quando solicitado pelos educadores. As crianças saíram com as bicicletas e antes que Diego e Elias saíssem, eu os chamei e perguntei se não queriam usar uma das bicicletas das mais velhas que estavam sobrando até o momento da troca para não terem que ficar esperando. Diego disse que não iria revezar, pois preferia pegar uma das bicicletas infantis para experimentar. Elias optou por sair com a bicicleta mais velha que estava disponível (8B). Flávio acompanhou as crianças em uma bicicleta BMX que havia sobrado. Eu acompanhei Lupita que ainda não sabia andar de bicicleta. Antes de sair Lupita solicita para que eu abaixe o banco de sua bicicleta, então pego a chave e o abaixo. Saímos para pedalar e ela disse não saber montar na bicicleta, eu disse a ela que já a havia visto em cima daquela bicicleta em outro dia. Ela disse que iria cair e eu então disse que poderia subir que eu seguraria a bicicleta. Com ela já em cima da bicicleta e os dois pés no pedal, solicitei para que pedalasse e ela seguiu andando bem até que eu aliviei o suporte dado por minhas mãos, quando ela assustada se desequilibrou. Parei a bicicleta e disse que ela poderia pedalar que eu não a soltaria e, então, ela seguiu pedalando com meu auxílio. Ela estava pedalando muito bem, meu suporte seria desnecessário se não fosse sua insegurança. Perguntei a ela se ela sabia usar os freios e ela disse que não conseguia. Parei a bicicleta e pedi para ela apertar os freios e notei que suas mãos não tinham nem tamanho e nem força suficientes para acioná-los de modo adequado. Seguimos praticando com meu auxílio até que, em poucos minutos, ela disse que não queria mais andar. Sugeri a ela que voltasse pedalando com meu auxílio até a biblioteca para guardarmos a bicicleta e ela concordou (9A).

No tempo em que estava com Lupita, notei que as crianças revezavam as bicicletas. André foi até a biblioteca e perguntou se alguém precisava de bicicleta para revezar. Elias disse que sim e pegou a bicicleta que estava com André. Alguns minutos depois, Hulk, que estava de BMX, veio trocar de bicicleta e pegou a bicicleta infantil que estava com Lupita. Quase no mesmo instante veio Sofia e trocou de bicicleta pegando a BMX deixada por Hulk e entregando a outra bicicleta em que estava para André (10B).

Durante a atividade o educador Flávio comentou com Lobão que, a partir da semana seguinte, o projeto teria bicicleta todas as terças e ele, aparentemente, fica animado, pois rapidamente procurou os colegas Robson e Jorge para comentar a notícia (11A).

Lupita ficou com Ana Lia na biblioteca. Eu peguei uma bicicleta pequena, enchi os pneus, e fui andar com as crianças. Quando encontrei Lobão ele riu de minha situação na

bicicleta pequena e me desafiou para uma corrida, eu aceitei e saí em disparada e outras crianças me perseguiram até onde pude aguentar, porém fui pego por eles quando me cercaram próximo da lanchonete. Jorge, que estava perto, sugeriu que brincássemos de *Polícia e Ladrão* de bicicleta e Lobão, Diego e Robson se animaram. Flávio que estava passando por perto perguntou o que estávamos fazendo e também se animou quando lhe informamos. Eu disse ao grupo que, durante a brincadeira de *Polícia e Ladrão*, teríamos que ter cuidado para tocar no colega para não derrubá-lo, que não poderíamos bater na bicicleta um do outro e que os bandidos em fuga deveriam dar prioridade aos pedestres e também às crianças menores que estavam pedalando. Combinamos que quem fosse pego ajudaria os policiais a prender o restante. Todos concordaram e iniciamos o jogo começando Flávio e eu como policiais. Com o início da brincadeira as demais crianças se animaram e quiseram participar, diante disso chamei os interessados e todas as crianças que estavam de bicicleta vieram para participar. Comentei novamente as regras acordadas pelo grupo e reiniciamos a brincadeira novamente, sendo Flávio e eu os policiais. Hulk solicitou para que eu o auxiliasse a encher o pneu e nos encaminhamos para a biblioteca, no percurso vejo Robson distraído e aproveito para prendê-lo. Ele saiu em captura dos colegas e eu prossegui com Hulk. Finalizado o enchimento dos pneus retornamos à brincadeira. Quase todos já haviam sido presos, com exceção de Elias e Rodolfo que, depois de alguma perseguição, conseguimos prendê-los. Brincamos outras vezes e Rodolfo sempre era o último a ser pego. Em uma das rodadas uma das crianças sugeriu que ele fosse policial, pois ele era bom na brincadeira. Iniciamos outra rodada de fugas e perseguições que passava pelo clube e depois dessa rodada decidimos parar de brincar, pois estávamos cansados, ficamos então pedalando devagar pelo clube. Robson e Lobão brincavam de empinar as bicicletas (12A). Rodolfo e Jorge passearam perto da quadra. Flávio e outras crianças descansavam ao lado do campo sob a sombra do pé de manga. Perguntei a Super Mário se ela gostaria de andar e ofereci a bicicleta pequena que estava comigo e uma grande que estava por perto e sem uso, ela preferiu a pequena, emprestei o capacete que estava comigo e ela seguiu com a bicicleta para junto do pessoal que estava no pé de manga e lá o grupo ficou conversando um tempo, descansando na sombra (13C). Eu retornei para guardar a bicicleta empurrando e junto comigo foi Roberta que também ia guardar a bicicleta, ela estava mancando por conta de um tombo que sofreu na grama. Diego e Sofia andavam em dois em uma BMX que possuía pedaleiras traseiras. Eles revezavam as posições e ao passar por Roberta, chamaram sua atenção gritando animados. Roberta gritou dizendo que ela seria a próxima a ser levada na pedaleira e se apressou em guardar a bicicleta que estava. Guardamos a bicicleta e Roberta seguiu para brincar com seus colegas (14A) e as demais pessoas passearam mais um pouco pelo clube. Encerramos a atividade para dar prosseguimento à programação do dia. A atividade teve a duração de aproximadamente 80 minutos.

Quando nos encaminhávamos para a roda de conversa final Robson disse que a única coisa legal do dia foi andar de bicicleta. Na roda de conversa dissemos que teríamos atividade de bicicleta todas as terças-feiras, para as pessoas que tivessem interesse e outras atividades para as demais. Perguntei quem gostaria de participar da atividade com bicicleta na semana seguinte e todas as crianças, com exceção de Lupita, disseram que participariam da atividade (15A).

Diário de Campo IV

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Olga, Merlau, Ana Lia, Max, Pamela.

Educandos/as: Lili, Yan, Frynkin, David Luiz, Neymar.

Ao término do bets e dos jogos de tabuleiro (aproximadamente 09h40min) fomos (educadores/as e crianças) para o lado da sala do VADL. Flávio ia começar a separar as bicicletas, porém Ana Lia e Pamela falaram que precisariam passar o último detalhe da música. Dessa forma esperamos mais um tempo para começarmos a atividade.

Enquanto a música se desenvolvia, Flávio e Olga separavam as bicicletas para adiantar a atividade. David Luiz já perguntava se poderia andar de bicicleta quando terminasse de passar a música. Quando acabou esta atividade, perguntamos para Lili e Yan que atividades gostariam de fazer, uma vez que na semana anterior eles haviam dito que não queriam andar de bicicleta, Lili quis ler um livro na biblioteca e Yan disse que queria andar de bicicleta (1A). Merlau então distribuiu os capacetes para as crianças (2A). David Luiz pediu ao Flávio a bicicleta BMX azul e as outras crianças foram pegando as bicicletas que já estavam separadas, como havia poucas crianças cada um conseguiu utilizar a bicicleta quis (3B).

Ao todo eram quatro crianças andando de bicicleta (Neymar, David Luiz, Frynkin e Cristiano Ronaldo), dois educadores e uma educadora acompanhando-as (Merlau, Flávio e Olga). Olga ficou com Neymar, pois este falou que preferia andar separado e que não estava confiante para andar com o grupo. Quando estava acabando a atividade, Olga falou para Flávio que ele não progrediu muito e que ele mais andou do que pedalou, estava com medo e pensava que ia cair na piscina. Olga disse a ele que não iria cair na piscina, pois estava longe e, além disso, havia uma grade protegendo a piscina. Olga comentou posteriormente com o grupo de educadores que em outra ocasião, acompanhado pelo educador Danilo, ele havia andado melhor (4A).

Educador Flávio desenvolveu com os/as demais participantes uma brincadeira de Siga o Mestre, na qual ele era mestre e buscava circular com a bicicleta por lugares difíceis procurando desafiar as crianças e adolescentes tecnicamente na condução da bicicleta. Durante o Siga o Mestre, educador Flávio passou pela área da lanchonete ziguezagueando entre os pilares e algumas mesas, bem como desceu a rampa que dá acesso ao campo de futebol e desafiou os/as participantes a pedalar em cima da linha que demarca a lateral do campo desde o escanteio até a trave do gol. Depois ele retornou e em velocidade desafiou o grupo a subir a rampa só com o impulso, sem pedalar durante a subida de rampa. David Luiz disse que não ia conseguir e de fato não conseguiu, Flávio falou que talvez fosse por causa do tamanho da bicicleta, pois ele estava com uma BMX que não possibilitava mudar as marchas. David Luiz disse que não conseguia andar nas bicicletas brancas com marcha. Flávio disse a ele que poderia tentar andar nelas algumas vezes que logo ele se acostumaria a andar, mesmo sendo um pouco grande para ele. Assim como David Luiz, nenhuma outra criança teve sucesso na primeira tentativa. Fizeram todos então uma segunda tentativa na qual Flávio sugeriu que tomassem maior distância da rampa para que pudessem pegar mais velocidade antes de chegarem na rampa. Nesta segunda tentativa apenas Frynkin conseguiu, os outros dois conseguiram, porém pedalando até a metade da rampa. Flávio os chamou para fazer outra experimentação, mas Cristiano Ronaldo e David Luiz quiseram fazer mais uma vez. Depois disso Flávio seguiu e fez uma volta pelo clube fazendo zig-zag em diversas árvores. Flávio parou no gramado perto da arquibancada das quadras e disse para que as crianças subissem pela grama e descessem pela calçada durante algumas voltas e depois pediu para que invertessem o trajeto, subindo pela calçada e descendo pela grama. Depois disso, Flávio continuou com o grupo até a quadra de areia que fica próxima à lanchonete e lá ele atravessou a areia com a bicicleta e o grupo o seguiu. Os/as participantes não conseguiram percorrer pedalando toda a extensão da quadra devido à dificuldade imposta pela areia. Após diversas tentativas apenas Frynkin conseguiu atravessar a quadra inteira. Educador Flávio reuniu os/as participantes e perguntou se tinham percebido alguma diferença e algumas pessoas disseram

que na areia era muito mais difícil do que na grama ou no cimento. Frynkin falou que é preciso uma técnica muito maior para andar na areia, falou que é preciso jogar o pneu contra a areia para retirar um pouco dela do caminho e para manter o equilíbrio da bicicleta. Flávio explicou sobre a presença maior e menor de atrito nos diferentes solos e por isso a dificuldade ou facilidade de andar neles (5A).

Pediu para que fossem guardar, porém quiseram dar uma última volta livre no clube. Depois disso me ajudaram a guardar as bicicletas e fomos para a roda final. Na roda final Lili comentou que gostou de ficar lendo o livro enquanto os demais andavam de bicicleta.

Período da Tarde

Educadores/as: Flávio, Merlau, Danilo, Leandro, Max, Álvaro.

Educandos/as: André, Super Mário, Roberta, Lupita, Diego, Robinho, Jhony, Amora, Cristiano Ronaldo, Francisco.

Enquanto as crianças terminavam de brincar e guardar as massinhas e os instrumentos musicais, Flávio já retirava as bicicletas da gaiola para adiantar. As crianças que chegaram primeiro foram direto pegar as bicicletas, porém Flávio as interrompeu e lembrou sobre a necessidade de pegarem primeiro os capacetes, os quais Merlau ajudou a distribuir (6A).

Diego pediu a bicicleta tipo BMX azul. Flávio comentou que provavelmente Diego quis a azul por conta da pedaleira, pois na semana anterior ele, Sofia e Roberta ficaram transportando um ao outro de carona na pedaleira. Amora utilizou a rosa infantil e as demais crianças quiseram utilizar as bicicletas Brancas, sendo que André, Roberta e Francisco ficaram com as de tamanho 17, enquanto Cristiano Ronaldo, Jhony e Super Mário utilizaram as de tamanho 19 (7B).

Lupita foi a única criança que não quis andar de bicicleta neste dia, porém não quis brincar no parquinho como já havia ocorrido em outros dias, ela preferiu ficar brincando com sua massinha de modelar (8A). Os/as demais participantes queriam brincar de Polícia e Ladrão em bicicleta, brincadeira esta sugerida por Roberta (9A). Super Mário disse que não iria brincar. Robinho foi o primeiro a sair com a bicicleta, porém foi chamado por Flávio, pois ela estava com os pneus vazios. Antes que as demais crianças saíssem Flávio alertou a todos/as sobre a necessidade de verificarem a calibragem dos pneus, se a altura do banco estava adequada e se não estavam utilizando as marchas cruzadas. As crianças disseram estar tudo em ordem, porém aparentemente não fizeram uma conferência rigorosa dos itens citados por Flávio (10A).

Flávio disse que iria começar a brincadeira sendo polícia, lembrou com as crianças as regras da brincadeira acordadas na semana anterior e começou contar o tempo para que elas pudessem fugir. Depois de algumas voltas pelo clube Flávio conseguiu pegar Robinho que passou a ajudá-lo como polícia. A brincadeira seguiu e foram pegando um a um os demais ladrões. Flávio pegou Roberta enquanto andava sem bicicleta. Roberta estava sendo transportada por Diego, na pedaleira de sua bicicleta. Roberta desceu da pedaleira e foi buscar uma bicicleta para ela. Nesse momento Flávio a prendeu, porém ela não aceitou argumentando com Flávio que naquele momento não estava valendo. O educador Flávio se convenceu e permitiu que ela fugisse novamente. Um pouco depois Flávio a prendeu novamente, em um momento em que ela havia parado após um choque com Diego, Roberta novamente não aceitou e tentou argumentar com Flávio que desta vez afirmou sua prisão e continuou a perseguir os demais. Quando todas as pessoas foram pegas o grupo se reuniu para combinar o que seria feito. As crianças queriam brincar de Polícia e Ladrão novamente (11A). Antes de recomeçar o jogo Flávio lembrou-as das regras combinadas e da importância de dirigir com cuidado, usando como exemplo o acidente ocorrido com Roberta e Diego em que ambos bateram por estar andando muito rápido e sem atenção aos colegas. Flávio comentou

também sobre a quantidade de pedestres que havia no clube e a necessidade de atenção e respeito a eles (2B). Após essa conversa o grupo decidiu que quem iniciaria a brincadeira pegando seria a primeira pessoa a ser pega na rodada anterior. No caso Robinho iniciaria o jogo pegando, porém ele pediu ajuda, pois disse que seria difícil pegar as pessoas se começasse sozinho. Diego, que havia sido o segundo a ser pego, ofereceu-se para ajudar e assim os dois começaram a marcar o tempo para que as outras pessoas pudessem fugir (13A). Durante a contagem, enquanto Flávio fugia dos policiais, ele notou que havia uma criança que estava no clube correndo a pé junto com eles. Flávio perguntou ao menino se ele sabia andar de bicicleta sem as rodinhas e o garoto respondeu que sim. Flávio perguntou quantos anos ele tinha e o menino mostrou seis dedos com as mãos. Flávio perguntou se ele queria uma bicicleta para andar com eles, porém o menino respondeu negativamente dizendo: “Ah, é melhor não”, Flávio comentou que parecia que o garoto queria brincar com eles, porém achou que ele não quis porque estava tímido (14A).

Os dois meninos não tiveram sucesso em prender as outras pessoas e muitas delas desistiram de andar de bicicleta, tais como: Amora, André, Super Mário e Robinho. Amora e Robinho disseram que a brincadeira estava chata e que queriam brincar de ioiô. Super Mário disse que estava cansada e ficou conversando com Olga próxima a arquibancada do campo de futebol. André também falou que estava cansado, porém concordou com Flávio quando o mesmo perguntou se ele estava assistindo o treino de futebol (15A).

Cristiano Ronaldo e Francisco que haviam acabado de entrar na atividade, queriam brincar de Polícia e Ladrão, porém ninguém mais queria brincar, assim os garotos disseram que iriam ficar pedalando livremente pelo clube. Flávio, em tom de desafio, perguntou se eles iriam ficar empinando e disse que caso quisessem fazer isso teriam que treinar muito ainda para aprender. Os meninos então saíram para pedalar e começaram a empinar as bicicletas para mostrar a Flávio suas destrezas. As demais crianças deram mais algumas voltas pelo clube com as bicicletas até que Flávio e os demais educadores/as solicitaram para que fossem guardar as bicicletas. Todas as crianças, com exceção de Cristiano Ronaldo e Francisco, atenderam a solicitação, os dois queriam andar mais tempo e só guardaram as bicicletas depois que Flávio os chamou novamente (16A).

Diário de Campo V

Período da Manhã

Educadores/as: Max, Pamela, Danilo, Flávio, Merlau, Ana Lia.

Educando/as: Frynkin, Neymar, Yan, David Luiz, Helena, Cristiano Ronaldo.

As crianças encerraram a confecção do jornal e seguiram para a atividade com bicicletas, com exceção de Lili que optou por realizar leitura na biblioteca (1A). Flávio e eu tiramos as bicicletas da gaiola conforme as crianças solicitavam. Como havia poucas crianças, todas conseguiram utilizar a bicicleta de interesse. Neymar pegou a infantil amarela, David Luiz pegou a BMX azul e as demais pegaram as brancas novas tamanho 17 (2B).

Antes que as crianças saíssem para andar com as bicicletas Merlau, notando que havia alguns pneus murchos, pegou uma bomba de ar e começou a encher os pneus de algumas bicicletas. Enquanto ele enchia, outras crianças observaram que os pneus de suas bicicletas também estavam murchos e solicitaram que Merlau enchesse. Max, percebendo que havia muitos pneus para encher, também pegou uma bomba e auxiliou Merlau a calibrar os pneus. Flávio, com uma chave inglesa, reparava o suporte do selim da bicicleta de Helena, pois ela informou que o banco estava solto, necessitando de um reaperto dos parafusos de fixação. A bicicleta de Neymar também necessitou de reparo, pois notei que o protetor de corrente estava

solto e comentei com Flávio que havia terminado de reparar a bicicleta de Helena. Flávio pegou a bicicleta do menino e consertou provisoriamente prendendo o protetor novamente ao quadro da bicicleta com fita adesiva. Enquanto isso eu fazia a distribuição dos capacetes e auxiliava as crianças nos ajustes, comentei com as crianças sobre a necessidade de deixar a fivela próxima ao lóbulo da orelha e a cinta ajustada no pescoço, demonstrando enquanto ajustava o capacete de Helena (3A).

Flávio havia solicitado que as crianças aguardassem, porém algumas delas, depois de encherem os pneus, já haviam saído. Helena perguntou se poderia sair e Flávio disse para aguardar para decidirmos o que iríamos fazer. Cometei com Flávio que as outras crianças já haviam saído e ele tentou chamá-las, porém, já estavam distantes. Flávio disse que queria falar com eles sobre o circuito. Eu perguntei Helena e Cristiano Ronaldo, que ainda estavam lá, se gostariam de passar pelo circuito de obstáculos e ambos responderam positivamente, Cristiano Ronaldo respondeu e logo saiu com a bicicleta. Eu pedi que me ajudassem a elaborar e montar o circuito de acordo com o interesse. Helena decidiu então acompanhar Flávio e eu na elaboração do circuito. Flávio e eu pegamos as caixas com materiais para a tarefa e fomos até a área cimentada próxima à portaria do clube. No caminho, Helena chamou as outras crianças para ajudar, elas nos acompanharam, porém apenas Helena e Cristiano Ronaldo fizeram sugestões de como queriam o circuito, depois de alguma conversa Helena sugeriu que fizéssemos um caracol e Cristiano Ronaldo concordou bastante animado. Apenas Helena nos auxiliou na montagem, pois Cristiano Ronaldo logo saiu para andar de bicicleta com o restante do grupo. Helena estava com dificuldade para montar o caracol, pois não conseguia organizar o material espacialmente de forma a construí-lo. Os educadores Flávio, Max e eu a auxiliamos na montagem. Construímos um grande caracol com cones e elásticos e o dividimos no meio com garrafas PET, assim teriam que entrar por um dos lados, percorrer o caminho até o centro do caracol pela mão direita do caminho e, chegando ao centro, teriam que fazer uma curva bastante fechada e retornar o percurso no sentido inverso para fora do caracol mantendo-se sempre à direita da via construída. Enquanto montávamos o caracol, David Luiz e Frynkin apostavam corrida. Eles partiam de um ponto próximo ao vestiário masculino e avançavam em disputa até o local onde nós estávamos e depois retornavam devagar e reiniciavam a disputa. Cristiano Ronaldo também participou de uma dessas disputas. Neymar ficou pedalando pelo cimentado ao lado dos garotos que apostavam corrida, ele parecia os acompanhar na atividade, porém não participou de nenhuma das corridas, possivelmente porque ainda estava aprendendo a pedalar, necessitando pôr os pés no chão com frequência (4A).

Assim que terminamos a montagem do circuito, Helena disse que seria difícil passar. Max concordou com ela e sugeriu que facilitássemos a curva de retorno tornando-a mais aberta. Eu disse que faria um teste para ver se estava realmente muito difícil e que caso estivesse alteraríamos a curva central. Passei pelo caracol sem grandes dificuldades, porém notei que exigiria bastante habilidade das crianças. Quando saí todas as crianças estavam aguardando ansiosas para passar pelo caracol. Comentei com as crianças que era possível passar, porém disse que seria difícil e que, possivelmente, tivessem que tentar algumas vezes para conseguir. Disse que poderíamos deixar como estava para elas praticarem ou poderíamos deixar um pouco mais fácil o trajeto. Sugeri começar como estava e, caso achassem muito difícil, mudaríamos o percurso. Os/as participantes aceitaram manter o desafio e, uma a uma, foram fazendo suas tentativas de passar pelo caracol, porém todos/as, inclusive o educador Max, tiveram que colocar o pé no chão em algum momento. Eu então comentei que, para fazer as curvas fechadas, precisávamos controlar a velocidade da bicicleta, fazer as curvas bem abertas, passando rente ao elástico que delimitava o lado externo do caracol. Comentei também que, para manter o equilíbrio nas curvas muito fechadas, quando estávamos devagar, poderiam utilizar simultaneamente o freio e o pedal, pedalando e freando a bicicleta, evitando

assim colocar o pé no chão. Mais uma rodada de tentativas se passou e novamente todos necessitaram, em algum momento, colocar o pé no chão. Eu então peguei algumas vagens de semente que haviam caídas pelo local e coloquei para marcar os pontos pelos quais a roda dianteira da bicicleta teria que se aproximar para que as bicicletas, principalmente as maiores, conseguissem efetuar a curva sem tocar nos obstáculos. Com esse auxílio Cristiano Ronaldo, Frynkin e David Luiz quase conseguiram passar com sucesso logo na primeira tentativa, e com mais uma ou duas tentativas todos eles já estavam passando perfeitamente pelo obstáculo. Já Helena, mesmo com as dicas, apresentou alguma dificuldade, mas ela aparentava estar animada com o desafio e não desistiu de tentar. Tentou diversas vezes e avançou bastante, reduzindo o número de toques com o pé no chão, conseguindo até passar uma vez sem tocar os pés. Neymar também apresentou dificuldades em percorrer o circuito, porém ela estava mais relacionada ao manter-se pedalando do que efetuar as curvas, pois ele ainda não consegue percorrer grandes distâncias sem tocar o solo, mesmo em linha reta. Embora apresentasse dificuldades, o garoto passou diversas vezes pelo caracol, e normalmente era incentivado pelos colegas e educadores quando estava percorrendo o circuito, principalmente por Cristiano Ronaldo e David Luiz. Isso pareceu motivá-lo bastante a continuar suas tentativas (5A).

Passado esse momento inicial, as crianças começaram a intercalar as passagens pelo caracol com voltas de bicicleta pelo clube, ou mesmo disputa de corridas entre elas. Inclusive Danilo disputou algumas corridas com Cristiano Ronaldo. David Luiz, Frynkin e Cristiano Ronaldo perguntaram para mim se poderiam descer a rampa próxima ao campo. Perguntei a eles se o campo não estava sendo usado. Frynkin respondeu que estavam usando apenas o lado oposto ao da rampa e que a rampa estava livre. Notei que Danilo estava de bicicleta, próximo a rampa, e disse a eles que chamassem Danilo para acompanhá-los na rampa e lembrei-os de terem atenção, verificando se não estavam chutando bolas em direção a rampa antes de descer. Os garotos seguiram na direção de Danilo e o chamaram para acompanhá-los e efetuaram diversas decidas pela rampa em companhia dele (6A). Apenas Neymar não desceu a rampa, nesse momento ele ficou comigo, eu o acompanhava e motivava enquanto ele praticava, tentando pedalar em linha reta, para manter-se sobre a calçada que percorria, ao lado do campo (7A).

Posteriormente, quase ao final da atividade, todas as crianças reuniram-se novamente na passagem pelo caracol. Nas suas passagens pelo caracol Cristiano Ronaldo testou várias bicicletas, utilizou a BMX que estava com David Luiz e também uma infantil média que estava sem uso. Chegou a comentar que a pequena era boa para passar. Comentei com eles que as bicicletas menores são mais ágeis e tornam a passagem mais fácil. Danilo, que estava aguardando na fila para passar no caracol, solicitou a mim que trocássemos de bicicleta, pois queria tentar passar o obstáculo com a que eu estava, uma bicicleta mais antiga. Trocamos as bicicletas e notei, ao passar no caracol, que as bicicletas brancas eram ligeiramente maiores do que a que eu estava e então eu sugeri a Helena que utilizasse a bicicleta mais velha que agora estava com Danilo. Enquanto passavam, a secretária do clube que estava ali perto, bem como um garoto que aguardava para treinar futebol, assistiam as tentativas de passagens e, aparentemente, vibravam com a movimentação das crianças. Em certo momento os convidei para fazerem uma tentativa, porém não se animaram ou não se sentiram à vontade para tentar. O tempo da atividade estava esgotado então Danilo combinou que encerraríamos a atividade e que cada um teria direito a mais uma passagem pelo caracol. Helena desta vez experimentou outra bicicleta e, embora tenha colocado o pé no chão em um momento, comentou que com aquela bicicleta estava mais fácil passar. Eu disse a ela que em outro dia em que fizermos o caracol ela poderia utilizar aquela bicicleta. Conforme as crianças iam passando já se encaminharam para guardar a bicicleta. Flávio subiu para ajudar a organizar as bicicletas na

gaiola e Max e eu, com ajuda de algumas crianças, desfizemos o caracol e guardamos os materiais (8A).

Ao final da atividade Max e Merlau conversaram comigo. Max comentou que notou um grande avanço em Neymar desde o último encontro, pois hoje ele estava conseguindo andar sem necessidade de auxílio dos educadores. Comentou também que Frynkin foi muito bem e se destacou na passagem pelo obstáculo. Já Merlau disse que a ideia do caracol foi muito boa, pois todos dedicaram muito tempo à atividade por conta do desafio que ele impunha. Ele também disse que gostou da forma autônoma que as crianças se organizaram para passarem pelo caracol, bem como se organizaram durante a atividade, hora passando pelo caracol, hora dando voltas pelo clube (9A).

Período da Tarde

Educadores/as: Flávio, Max, Pamela, Álvaro, Ana Lia.

Educando/as: Elias, Sofia, Mel, André, Rodolfo, Cristiano Ronaldo, Hulk, Gustavo, Amora, Sérgio, Francisco.

Na reunião inicial algumas crianças e adolescentes me perguntaram: “vai ter bicicleta?”. Eu respondi afirmativamente. Posteriormente, quando íamos organizar a atividade e perguntamos quem iria andar de bicicleta, todas as crianças e adolescentes presentes até o momento (Elias, Sofia, Mel, André, Rodolfo, Cristiano Ronaldo, pois o restante foi chegando aos poucos) demonstraram interesse em participar das atividades com bicicleta. André, Rodolfo e Cristiano Ronaldo sugeriram inclusive que todo o período fosse ocupado por tal atividade, já Elias, Sofia e Mel disseram que gostariam de fazer pintura também, assim ficou combinado que, em determinado momento, parte do grupo mudaria de atividade e o restante continuaria a andar de bicicleta. Os educadores chegaram a argumentar que seria muito tempo, porém as crianças mantiveram a opinião (10A). Assim que terminamos essa conversa inicial as crianças já foram pegar os capacetes com Flávio que fazia a distribuição e ajuste destes com as crianças, conforme iam chegando (11A). Já com os capacetes, as crianças começaram a escolher as bicicletas e eu fui destrancando e entregando conforme iam solicitando. Como a principio só havia seis crianças a distribuição das bicicletas foi bastante tranquila e foi possível atender o interesse de todos/as. Porém, quando tínhamos acabado de distribuir as bicicletas, começaram a chegar outras crianças dentre elas estava Amora e Hulk, que haviam se atrasado, (12B) e também os garotos que aguardavam pelo horário do treino de futebol do clube e, vendo as bicicletas com as outras crianças, se aproximaram e pediram para participar da atividade (13A). As bicicletas foram entregues às crianças conforme iam chegando. A distribuição das bicicletas se configurou da seguinte maneira: Sofia optou pela BMX azul, Mel optou pela bicicleta infantil média. Hulk quis a infantil amarela, Gustavo quis a BMX vermelha e Amora optou pela infantil rosa com bagageiro. As demais optaram pelas bicicletas brancas novas, sendo que André e Elias pegaram as de tamanho 17, Cristiano Ronaldo e Sérgio as de tamanho 19 e Rodolfo a de tamanho 21. Eu fiquei com uma bicicleta tamanho 17 que havia sobrado e Francisco, que foi o último a chegar, ficou com uma bicicleta mais antiga, pois todas as demais já estavam ocupadas (14B).

Algumas bicicletas que não haviam sido utilizadas pela manhã necessitaram de calibragem nos pneus, por isso Max ficou com uma bomba ajudando as crianças a calibrar os pneus quando era solicitado (15A).

Flávio havia pedido para as crianças aguardarem, porém a maioria delas saiu com as bicicletas logo que as pegaram, enquanto os educadores se ocupavam da distribuição e ajustes dos equipamentos. Eu perguntei aos que ainda estavam por perto, se algum deles queria circuito de obstáculos para passar. Sofia e Mel, que ainda estavam ali, disseram que sim. Perguntei a elas se não queriam me ajudar a montar o circuito do jeito que elas queriam e elas

concordaram. Quando desci com os materiais para o cimentado próximo a portaria, Sofia e Mel me acompanharam para auxiliarem na montagem do circuito. Lá elas foram dando sugestões e distribuindo os cones indicando o local por onde queriam que as bicicletas passassem. Disseram também que queriam a corda batendo para que as bicicletas passassem por ela logo na saída da pista de cones. Argumentei com elas que o local de início da pista era ruim, pois havia um degrau muito alto de cimento por onde as bicicletas teriam que circular e isso poderia danificar os pneus como já havia ocorrido e outra ocasião. Assim elas mudaram a entrada da pista de cones para uma calçada de cimento que vinha da lanchonete. Porém, com essa mudança, o espaço para a corda que elas queriam era insuficiente, e eu sugeri que fizéssemos uma curva com pista de cones para que o final dela ficasse em um local que permitisse a utilização da corda como elas queriam inicialmente. Por fim sugeri às meninas que colocássemos algumas garrafas PET para impedir que as pessoas passassem com as bicicletas de modo perpendicular a trajetória das pessoas que estivessem se encaminhando para passar pela corda, pois isso poderia provocar acidente. Montada a barreira de PET Sofia passou pelo circuito para testar e voltou animada dizendo que estava bem difícil, após isso eu e Mel também testamos o circuito e outras crianças também começaram a passar. Flávio e Max ficaram batendo a corda no circuito para que as crianças passassem (16A). Amora inicialmente ficou com medo de passar, achou difícil percorrer a curva na pista de cones e também hesitou diversas vezes antes de passar pela corda, só se arriscava depois de diversos incentivos de Flávio e Max, porém a garota passou por diversas vezes. Elias passou algumas vezes pelo circuito, sempre em velocidade, porém, nas primeiras vezes, tocou e até derrubou o cone que ficava na parte interna da pista de cones. No momento em que ele derrubou o cone, eu chamei sua atenção dizendo para tomar cuidado e o garoto respondeu dizendo que não dava para passar sem tocar o cone. Respondi dizendo que ele sabia andar bem de bicicleta e que certamente conseguiria passar ali com facilidade se tivesse cuidado. O garoto riu, continuou andando e na passagem seguinte, que fez ainda em velocidade, não tocou o cone. Eu então disse ao menino: “Viu só como consegue!” (17A).

Hulk saiu de perto da quadra e foi com sua bicicleta até Flávio e disse a ele que havia caído, mostrou a mão ralada e disse que o guidão havia entortado. Flávio, ao alinhar o guidão da bicicleta, perguntou o que havia ocorrido. O garoto disse que estava andando na calçada acima da arquibancada, porém Amora que estava em sua frente fez um movimento brusco para lateral e ele, para evitar o choque com a menina, que era menor que ele, desviou para o lado da arquibancada e caiu no primeiro degrau com a bicicleta, felizmente sofreu apenas um ralado superficial na mão. O cuidado com a colega chamou a minha atenção, depois disso notei que em diversos momentos ele a acompanhava enquanto pedalava pelo clube. Em outro momento escutei Amora comentar que conhecia Hulk da escola de seu irmão, ela disse que ele estudava na mesma escola que seu irmão mais velho e que ela também iria estudar (18B).

Sérgio guardou a bicicleta e foi para o treino de futebol. Enquanto algumas crianças passavam pelo circuito. Rodolfo, Francisco, André e Gustavo brincavam de alguma coisa juntos pelo clube. Em certo momento notei uma cena aparentemente violenta entre Rodolfo e Francisco, eles pareciam se empurrar mutuamente. Me aproximei para perguntar o que estava ocorrendo. Ambos disseram estar brincando de Polícia e Ladrão. Rodolfo comentou que André e ele eram policiais e que tinha que parar os outros ciclistas, fazê-los descer da bicicleta e revistá-los. Rodolfo me convidou para brincar com eles e disse que eu poderia ser policial. Perguntei como faziam para que o outro descesse da bicicleta e ele disse que tinha que cercar. Perguntei depois como fazia para que o outro descesse e fosse revistado e ele não conseguiu me explicar. Ele insistiu para que eu brincasse e eu disse que acompanharia a brincadeira deles para entender a dinâmica e se eu achasse legal eu brincaria com eles. Rodolfo insistiu dizendo para eu começar a brincar e eu perguntei por que ele estava com tanta pressa e ele respondeu dizendo que se eu entrasse ele poderia deixar de ser polícia. Comentei com ele que

em outro dia ele havia me dito que gostaria de trabalhar como policial e perguntei por que ele não queria ser policial na brincadeira. Ele respondeu dizendo que o André, que era seu parceiro, não conseguia correr para prender os outros. Os outros participantes da brincadeira nos viram conversando e se aproximaram. Cristiano Ronaldo e Francisco também me convidaram para brincar e eu repeti a pergunta que Rodolfo não havia me respondido. Francisco disse para que brincássemos como no outro dia, apenas tocando o outro. Cristiano Ronaldo reclamou e disse que revistando seria mais legal. Perguntei o que acontecia durante a revista e eles comentaram que verificavam se tinha ou não armas. Perguntei como faziam para saber se estavam ou não com armas se na verdade ninguém possuía arma. Rodolfo disse que, independente de ter ou não arma, quem fosse revistado viraria policial e ajudaria a pegar os outros. Perguntei se as pessoas estavam aceitando serem revistadas, pois havia notado uma resistência por parte de Francisco na cena que havia presenciado entre ele e Rodolfo. As crianças combinaram que, quando algum ladrão fosse tocado, teria que descer da bicicleta pra ser revistado. Comentei que iria brincar e que ajudaria Rodolfo e André a prender os ladrões. Contamos os três até trinta para que os outros fugissem. Notamos que os fugitivos haviam saído em direção à quadra e assim que o tempo se esgotou seguimos para lá (19A). Vimos Cristiano Ronaldo fugir de perto do banheiro e notamos que a porta do banheiro masculino estava fechada, sendo que normalmente fica aberta. Aproximamo-nos e escutamos barulho. Cristiano Ronaldo de longe gritava para os colegas alertando de nossa presença na porta. Eu fiquei próximo da porta para aguardar os outros dois. Pedi para que saíssem, pois não poderíamos fazer a brincadeira no banheiro, pois era perigoso alguém se machucar, porém não fui atendido. Eu disse a André e a Rodolfo que nós não iríamos entrar no banheiro. Então Rodolfo e André, um em cada direção, saíram para tentar cercar e prender Cristiano Ronaldo que passava por trás da quadra de areia. Rodolfo foi por um lado e André pelo outro para cercá-lo, porém André não conseguiu chegar a tempo para cercar Cristiano Ronaldo e Rodolfo gritou para ele: “corre seu gordo!”. Rodolfo se aproximou da porta enquanto André continuou seguindo Cristiano Ronaldo. Rodolfo se aproximou de mim e eu disse que ele devia um pedido de desculpas para André por tê-lo ofendido. Rodolfo perguntou qual seria o motivo do pedido e eu o lembrei que ele o havia acabado de chamar André de gordo. Rodolfo abaixou o olhar e eu perguntei: “Ele não é seu amigo?” O garoto respondeu positivamente com a cabeça. Disse então que ele deveria pedir desculpas, pois certamente ele o ofendeu com tal xingamento. Aproximamo-nos novamente da porta e escutamos os garotos se trancarem nos boxes do banheiro, nós abrimos a porta e vimos as bicicletas no chão. Pedi novamente para que saíssem, porém eles não saíram e antes que eu conseguisse argumentar, Rodolfo entrou e empurrou as portas de um dos boxes pegando Gustavo que saiu do banheiro. Pedi para Rodolfo sair do banheiro, mas ele foi atrás de Francisco, no entanto este se manteve trancado e Rodolfo tentava se pendurar na parede do box do banheiro para pegá-lo. Entrei no banheiro e pedi a Rodolfo para que saísse e levasse a bicicleta de Francisco que estava lá dentro. Disse às crianças que não podiam entrar com a bicicleta e nem brincar de Polícia e Ladrão no banheiro. Rodolfo pegou a bicicleta e disse que estava confiscando o veículo. Francisco gritou de dentro do box argumentando que não valia pegar a bicicleta. Pedi novamente que Francisco saísse do banheiro, mas ele não atendeu (20dB). Deixamos a bicicleta do lado de fora, Rodolfo e André foram novamente atrás de Cristiano Ronaldo e eu, escondido próximo ao banheiro, aguardei a saída de Francisco. De longe Rodolfo e André gritavam um com outro para despistar Francisco que logo saiu do banheiro e foi surpreendido por mim. Ele desistiu de tentar pegar a bicicleta e fugiu a pé. Cercamos o garoto e eu consegui prendê-lo, porém ele não deixou Rodolfo revistá-lo. Diante disso comentei que quem fosse pego já viraria policial. Dissemos a Francisco que pegasse a bicicleta e nos ajudasse a prender Cristiano Ronaldo, porém o garoto disse que iria treinar futebol e não iria mais brincar. Comentei com ele que então deveria pegar a bicicleta que estava usando e levá-la à biblioteca

para guardá-la juntamente com seu capacete e o garoto seguiu. Seguimos então atrás de Cristiano Ronaldo e o pegamos próximo à portaria. O menino também disse que iria treinar e a recomendação para guardar a bicicleta também foi feita para ele (21A). André, Hulk e Rodolfo também guardaram a bicicleta e sentaram-se para descansar, nesse momento perguntei a Rodolfo se ele já havia se desculpado com André e ele disse que sim, perguntei então a André se realmente ele havia pedido desculpas e o garoto confirmou positivamente. Eu disse a André que, caso Rodolfo o ofendesse novamente, ele poderia chamar sua atenção na hora, para que ele saiba que está agindo errado (22B).

Quando a brincadeira de Polícia e Ladrão acabou, Elias, Amora, Mel e Sofia já haviam ido para atividade de pintura, apenas Gustavo ainda andava de bicicleta. Diante disso Flávio, Max e eu desfizemos o circuito e guardamos os materiais. Reunimos André, Rodolfo e Hulk e Álvaro os convidou para afazer uma atividade de música, pois diferente do que falaram não iriam andar o período todo de bicicleta. Os garotos aceitaram e pegaram alguns instrumentos na sala. Nesse momento Cristiano Ronaldo e Francisco retornaram e disseram que o treino já estava no fim e por isso eles voltaram. Eles se juntaram aos demais e entraram na sala e pegaram instrumentos. Estavam batucando de qualquer maneira e Álvaro tentou organizar a atividade de música orientando sobre a forma adequada de usar a baqueta. As crianças não paravam de batucar e conversar mesmo com os apelos de Álvaro. Rodolfo então disse que não queria mais fazer a atividade de música e pediu para voltar a andar com as bicicletas, Cristiano Ronaldo, Francisco e André o acompanharam no pedido. As bicicletas estavam trancadas e eu disse para que usassem as BMX que ainda estavam soltas. Eles pegaram as bicicletas e se juntaram a Gustavo. Em poucos e minutos o grupo que estava na pintura retornou e também quis continuar a andar de bicicleta. Assim destrancamos novamente as bicicletas e chamamos Cristiano Ronaldo, Francisco e André para trocar de bicicletas Amora disse que gostou bastante do circuito e insistiu para que eu o montasse novamente, assim remontamos o circuito e ela, Sofia, Mel, Alexsanter e Gustavo ficaram passando por um bom tempo, até que Sofia, Elias, Mel e Amora resolvem pular corda ao invés de passar com ela com a bicicleta (23A).

Cristiano Ronaldo, André, Rodolfo, Gustavo e Hulk continuaram andando pelo clube. Sérgio, que terminou o treino, se aproximou e pegou uma das bicicletas e um capacete que as meninas não estavam mais usando e saiu com os demais colegas. Outros dois garotos, que estavam no treino de futebol, se aproximaram e pediram para andar com as bicicletas. Eu disse a eles que a atividade já estava encerrando e na terça-feira seguinte teríamos novamente. Comentei que eles poderiam participar até a hora do treino, pois normalmente a atividade com bicicleta ocorre entre 14h30m e 15h30m. Começamos a recolher as coisas e chamamos as crianças para guardar as bicicletas. A bicicleta que eu estava usando havia ficado por lá, pois eu ainda guardava os materiais, um dos garotos do futebol pediu para dar uma volta antes de ir embora, disse a ele que poderia dar uma volta rápida e deixar a bicicleta e o capacete perto da biblioteca para que depois eu os guardasse, o garoto concordou, colocou rapidamente o capacete e saiu. Cristiano Ronaldo, Francisco, Sérgio e Rodolfo não apareceram para guardar as bicicletas, Flávio e eu fizemos uma volta pelo clube e não os avistamos, ficamos preocupados com a possibilidade de eles terem saído do clube, porém não entendíamos como isso pudesse ter ocorrido, pois estávamos próximos à saída. Quando estávamos indo para a portaria verificar a rua notamos uma movimentação em um arbusto e vimos os garotos escondidos. Tivemos a impressão de que eles não queriam guardar as bicicletas. Chamamos a atenção deles, pois já os estávamos procurando há algum tempo. Eles retornaram com as bicicletas para guardar e encerramos a atividade (24A).

Diário de Campo VI

Período da Manhã

Educadores/as: Olga, Danilo, Merlau, Ana Lia.

Educandos/as: Natália, Neymar, Yan, Ronaldo, Thor.

Logo que chegou ao clube Ronaldo perguntou: “Vai ter bicicleta?”. Danilo e eu comentamos com ele que neste dia as atividades jornal e capoeira haviam sido planejadas para ocorrerem antes, e lhe informamos que a bicicleta viria logo após estas. Assim que terminou o jornal o garoto tornou a perguntar se iriam andar de bicicleta, e foi informado por Danilo que primeiro seria realizada atividade de capoeira. Terminada a capoeira, o garoto foi o primeiro a retornar e logo que chegou perguntou se já poderia andar de bicicleta. Eu o orientei a aguardar as demais crianças para começarmos (1A).

Enquanto isso eu destrancava as bicicletas e, conforme eu ia destrancando as primeiras, que não seriam usadas por serem muito pequenas, Ronaldo e Thor me auxiliavam pegando as bicicletas que eu retirava, levando-as para outro local e acomodando as encostadas na parede.

Assim que Danilo retornou com as outras crianças solicitei que quem fosse andar de bicicleta pegasse os capacetes com ele. As crianças foram até ele e assim que pegaram os capacetes elas retornaram para pegar as bicicletas (2A).

Havia poucas crianças, por isso todas conseguiram utilizar a bicicleta pela qual tinham interesse. Yan, Helena, Ronaldo e Natália pegaram as brancas de marca Soul de quadro tamanho 17, Helena optou por uma Canadian com manoplas vermelhas que, dentre as bicicletas brancas, é mais antiga e isso chamou minha atenção por não ser uma opção comum entre as crianças que ultimamente tem preferido às bicicletas mais novas. Neymar pegou a infantil amarela que tem usado há algum tempo e Thor optou pela BMX azul que lhe pareceu adequada a seu tamanho (3B).

Ao começarmos, Helena pergunta se iríamos montar o circuito e também quando sairíamos do clube de bicicleta. Dissemos que hoje não teríamos circuito e que a saída com bicicletas do clube ainda iria demorar um pouco (4C).

Antes de começar a andar com a bicicleta Helena notou que as marchas de sua bicicleta estavam com problemas e me avisou, eu, de longe, observei e notei que um dos câmbios estava em marcha que não correspondia ao mudador, indicando que a bicicleta devia ter esbarrado em outra no momento que foi guardada alterando a posição do mudador com a bicicleta parada, então eu a orientei a retornar o mudador na posição correta (5A).

Saímos com as bicicletas e logo no começo notei que Neymar estava pedalando muito melhor, pois demonstrava melhor controle da bicicleta e equilíbrio (6A).

Andamos pelo clube com as bicicletas. Yan e Thor pediram para irmos à rampa do campo para brincar de subir sem pedalar, Helena e Natália se interessaram pela ideia e foram junto conosco. Notei que Natália estava com dificuldades para pedalar e vi que a combinação de marcha que utilizava estava demasiadamente pesada. Diante disso, a orientei para fazer as mudanças das marchas e a avisei que com aquela combinação não conseguiria subir a rampa. Ela disse que não conseguiria mudar as marchas com a bicicleta andando. Insisti para que tentasse e após algumas duas tentativas ela obteve sucesso mudando as marchas diversas vezes sob minha orientação até atingir uma marcha adequada que a favorecesse no momento de subir a rampa. Em sua tentativa seguinte faltou aproximadamente um metro para que atingisse o topo da rampa pedalando. Ela teve que descer e empurrar o restante. Perguntei a ela se ela sabia pedalar de pé. Ela disse que sabia um pouco. Pedi para que ela pedalasse de pé em um trecho plano. Ela pedalou de pé muito bem. Comentei com ela que na ocasião da rampa ou outras subidas, eventualmente, no final o pedal fica mais pesado exigindo de nós

mais potência para subir. Complementei dizendo que nessas ocasiões podemos pedalar de pé até terminar a subida, pois de pé temos mais força para pedalar. Sugeri que ela tentasse subir a rampa novamente, porém ela disse que não queria e continuou pedalando pelo clube (7A).

Depois de algumas voltas Yan, Danilo e eu retornamos a biblioteca para calibrarmos os pneus das bicicletas, pois estavam murchos. Yan inclusive trocou de bicicleta após isso, porém também teve que calibrar os pneus desta outra (8A).

Com pouco tempo de atividade Natália disse que estava cansada e que iria parar. Ela se encaminhou para o lado da biblioteca e sentou-se. Ela ficou lendo um livro da biblioteca. Educadora Olga disse que ela ficou bastante concentrada nessa leitura. Minutos depois, Helena comentou que também queria parar. Perguntei a ela como ela queria pedalar fora do clube se já estava cansada com apenas uma voltinha. Ela respondeu que na rua é diferente porque é mais legal e não fica andando no mesmo lugar (9A). Diante disso sugeri as crianças que brincássemos de Polícia e Ladrão de bicicleta, brincadeira que havia sido sugerida pelas crianças da tarde, mas que nunca havia sido feita de manhã. Helena gostou da ideia e então fomos ela e eu convidar as outras crianças. Natália quis continuar sentada e as demais brincaram conosco. Eu iniciei como policial e fiz uma contagem de tempo para que as crianças fugissem. As crianças se espalharam pelo clube, algumas foram com as bicicletas para trás do Cristo e outras tentaram se esconder em uma depressão que existe ao final do campo de futebol. Eu saí para pegá-las e pouco a pouco fui capturando as crianças (10A). Durante a brincadeira Ronaldo e Yan foram pegos por mim, porém alegam que eu não os toquei. No caso de Yan, sua irmã Helena que estava próxima, vê o momento em que toco nas costas dele e chama sua atenção reforçando sua prisão falando com ele que acaba aceitando. Já Ronaldo continua fugindo e termina a rodada dizendo que não havia sido preso. Neymar, que estava próximo, disse que me viu tocá-lo no braço. Fizemos duas rodadas dessa brincadeira e encerramos, pois o tempo da atividade já havia se esgotado. As crianças pareciam animadas com a brincadeira (11B).

Durante a atividade Ronaldo ficou assustando as outras crianças que estavam andando de bicicleta, ele tirava finas e gritava no momento que as ultrapassava. Danilo teve que chamar a atenção do garoto mais de uma vez dizendo que ele poderia provocar um acidente fazendo aquele tipo de brincadeira (12dB).

Na roda final, comentando sobre as atividades do dia, Helena nos contou que gostou de brincar de Polícia e Ladrão em bicicleta. Ronaldo também comentou que gostou da bicicleta, afirmou que foi legal, pois conseguiu fugir desviando das outras pessoas na brincadeira de Polícia e Ladrão. Neymar disse ter gostado apenas da atividade com bicicleta, afirmou que gostou dessa atividade porque não foi pego (13A).

Período da Tarde

Educadores/as: Danilo, Flávio, Álvaro, Merlau, Ana Lia.

Educandos/as: Super Mário, Roberta, Lupita, Regina, Diego, Robinho, Moranguinho, Drica, Melissa, Juliana, Gustavo, Francisco, Cristiano Ronaldo, Rodolfo, Jhony, Mirna, Amauri, Amélia, Doug, Sérgio, Rosângela.

Nesse dia tivemos a presença de 21 crianças, todas querendo participar da atividade com bicicletas, por isso houve necessidade de fazer revezamento (15A).

Em alguma medida o revezamento foi prejudicado pelos/as participantes que fugiram para não fazer a troca das bicicletas, Roberta e Diego, por exemplo, ficaram andando de bicicleta nos fundos atrás do vestiário para evitar o revezamento e só passaram pelo ponto de revezamento quando Flávio os chamou. Durante a atividade diversas crianças permaneceram andando com a bicicleta no fundo do clube para evitar o revezamento que estava sendo feito

conforme passavam perto da portaria. Cristiano Ronaldo passou a bicicleta para outra criança e logo em seguida ficou insistentemente questionando os educadores Leandro e Flávio e reclamando que a vez dele pegar a bicicleta estava demorando muito, por isso os educadores ficaram atentos principalmente ao revezamento procurando manter equitativa a distribuição do tempo na bicicleta entre os/as participantes (16B).

As crianças que, inicialmente, ficaram sem bicicletas auxiliaram os educadores na elaboração do circuito de obstáculos, pelo qual transitaram as pessoas que estavam andando de bicicleta, a passagem pelo circuito era de livre escolha, assim passavam pelo circuito aquelas que se sentiam à vontade ou mesmo curiosas. As meninas que estavam pela primeira vez no projeto ficaram bastante animadas em passar no circuito, tanto que repetiram a passagem muitas vezes (17A). Durante a atividade Amélia desequilibrou e arranhou a panturrilha na coroa da bicicleta, porém seguiu brincando com o restante da turma.

Em alguns momentos notei, durante as passagens pelo circuito de obstáculos, que as meninas que vinham pela primeira vez ao projeto ajudavam umas as outras, dando dicas para auxiliar as amigas na superação dos obstáculos (18B).

Sérgio saiu da atividade quando um dos educadores chamou sua atenção dizendo que ele era muito grande para estar utilizando a bicicleta infantil, o garoto não quis aguardar o revezamento que estava acontecendo com as bicicletas maiores e decidiu ir para o treino de futebol que acontecia no campo. Francisco também saiu da atividade quando deu o horário do treino, assim como Cristiano Ronaldo. Quase ao final da atividade com bicicletas Rosângela, Regina, Juliana e Drica foram também para atividade de massinha. Aparentemente, o grande número de participantes e a necessidade de revezamento desmotivou parte do grupo em continuar com a bicicleta, principalmente diante de outras opções de atividade (19dB).

Ao final do dia perguntei a Cristiano Ronaldo e Rodolfo se eles gostavam de desmontar e consertar bicicletas e eles disseram que gostavam e, aparentemente ficaram animados com a ideia. Cristiano Ronaldo perguntou se começaríamos a fazer isso e eu respondi que estávamos comprando algumas ferramentas e logo começaríamos a reparar as bicicletas do projeto que estavam danificadas. Diante disso Rodolfo disse para chamá-lo quando fôssemos fazer isso, pois gostaria de ajudar (20A).

Também ao final do dia, quando os pais vieram buscá-la, Mirna comentou com eles que o dia havia sido bastante legal e que ela tinha andado de bicicleta pelo clube e tiveram que passar um circuito montado por ali, disse isso apontando o local (21A).

Diário de Campo VII

Período da Manhã

Educadores/as: Merlau, Max, Flávio.

Educando/as: Frynkin, Marli, Yan, David Luiz, Helena, Emília, Lili, Mauro.

O tempo estava nublado e com garoa esporádica, David Luiz e Frynkin Marques logo que chegaram me perguntaram: “vai ter bicicleta?” (1A). Eu disse que como naquele momento não estava chovendo nós poderíamos andar de bicicleta. As crianças se animaram bastante com a notícia, combinamos então que iniciaríamos a atividade e a interromperíamos caso começasse a chover (2dC). Perguntamos então quem gostaria de participar. Das crianças presentes apenas Lili, Cristiano Ronaldo e Helena não quiseram participar. Diante disso Merlau iniciou a distribuição dos capacetes (3A). Eu iniciei a distribuição das bicicletas, David Luiz quis usar a BMX azul como de costume. Marli e Frynkin optaram pelas brancas de tamanho 17. Emília tentou utilizar uma bicicleta branca tamanho 17, porém esta era muito grande para ela que por fim optou pela BMX vermelha. Mauro optou pela bicicleta infantil

média. Devido ao número de participantes, todos, na medida do possível, foram atendidos em seus interesses na escolha das bicicletas (4B).

Antes de saírem com as bicicletas Merlau e eu alertamos para terem cuidado ao andar com as bicicletas, pois a grama estava molhada e muito escorregadia. Dissemos que deveriam ter atenção na utilização dos freios e nas curvas, pois a grama molhada não oferece uma boa superfície para a aderência dos pneus. Mauro solicitou a Flávio que elevasse o banco da bicicleta que iria utilizar. Flávio então me pediu a para que eu levantasse o banco para o garoto, pois ele estava auxiliando outras crianças a ajustar o capacete eu elevei o banco da bicicleta do garoto. Enquanto isso, Merlau pegou uma bicicleta para acompanhar as crianças que já estavam de saída e, antes que elas saíssem, ele, reocupado com o solo escorregadio e vislumbrando uma ambientação controlada das crianças neste, sugeriu brincarem de siga ao mestre e saiu à frente do grupo que o seguiu. Assim que terminei de ajustar o banco, Mauro se juntou ao grupo. Eu peguei um capacete e destranquei uma bicicleta para acompanhá-los também, porém quando me juntei a eles já haviam feito algumas rodadas da brincadeira e estavam pedalando à vontade pelo clube. Em determinado momento, Marli e Emília perguntam a Merlau se elas poderiam descer a rampa do campo, mas antes mesmo que o educador respondesse as garotas desistiram da ideia, dizendo que o solo estava molhado e poderia ser perigoso (5A).

Fizemos algumas voltas e a garoa fina deu lugar à chuva que iniciou bem fraca, porém, em questão de minutos, ficou mais intensa e nos obrigou a interromper a atividade. Merlau e eu chamamos as crianças para guardarem as bicicletas. Elas pediram mais uma volta e concordamos. Fizemos uma última volta mais rápida e fomos todos guardar as bicicletas (6dC).

Primeiro chegaram educador Merlau, Emília e Marli. Logo depois Mauro e eu. Por último vieram David Luiz e Frynkin, ambos em alta velocidade, em direção a nós. David Luiz freou com bastante antecedência e parou logo que chegou. Já Frynkin fez uma frenagem brusca e a bicicleta seguiu deslizando pela grama até chegar ao piso cimentado da área coberta em que estávamos. Nesse momento a roda dianteira ganhou aderência e parou repentinamente a bicicleta projetando o garoto à frente. Eu estava bem próximo e o auxiliiei nesse momento evitando que ele caísse. O garoto ficou um pouco sem graça e assustado, mas não se machucou. Chamamos a atenção dele e dissemos a ele que poderia ter machucado alguém, pois havia diversas pessoas no local. Aproveitamos o exemplo para lembrar a todos que já havíamos falado sobre a necessidade de cuidado com a grama molhada e mesmo outros pisos molhados. Comentei que realizar uma frenagem como aquela na rua em um dia de chuva poderia provocar um acidente com a bicicleta acertando a traseira de um carro ou coisa parecida, podendo machucar gravemente (7A). Após o incidente comecei a guardar as bicicletas e as crianças foram se juntando as demais crianças do projeto que jogavam Detetive com educador Max.

Período da Tarde

Educadores/as: Álvaro, Max, Flávio.

Educando/as: Gustavo, Lupita, Moranguinho, Melissa, Doug, Drica, Hulk, Rodolfo, Mel, Amauri, Tito, Super Mário, André, Jhony, Cristiano Ronaldo, Roberta, Patrik, Francisco, Amélia, Mirna, Luciane, Rosângela, Pudim, Empadinha, Diego, Robinho, Tchar, Sofia.

Neste dia tivemos um grande número de participantes que foram ao projeto pela primeira vez, a maioria de uma escola próxima ao clube, na qual foi feita uma divulgação do projeto na semana anterior. Das vinte e oito crianças e jovens presentes, apenas quatro não quiseram participar da atividade com bicicletas (8A). Diante do grande número de pessoas foi

necessário conversar sobre a necessidade de realização de um revezamento, uma vez que não teríamos bicicletas para que todos pedalassem ao mesmo tempo. Explicitada essa necessidade, solicitei que as crianças se organizassem em duplas ou trios, buscando parceria com pessoas de estatura aproximada, pois essas pessoas iriam fazer o revezamento da bicicleta e, se fossem de diferentes tamanhos, a bicicleta serviria para uma pessoa, porém não para outra. Também foi considerada na organização do grupo a afinidade e o interesse pelo modelo de bicicleta pelo qual tinham predileção (9B). Com os grupos elaborados solicitei que as crianças fossem pegar os capacetes com Flávio e Max (10A).

Com as crianças já com capacetes comecei a distribuir as bicicletas nos grupos. Os grupos estavam bem organizados e a distribuição foi tranquila. Inclusive, mais tranquila do que a que havíamos feito na semana anterior quando não dividimos em grupos.

C.O. Acho que a divisão em pequenos grupos por tamanho e afinidade favoreceu o gerenciamento do rodízio pelas próprias crianças e, conseqüentemente, possibilitou melhor organização para realização da atividade (11B).

Com todos os grupos com bicicletas nos reunimos em uma grande roda e informamos os cuidados necessários e regras de conduta para as crianças, pois muitas delas estavam pela primeira vez no projeto. Falamos sobre o cuidado com os pedestres e com os colegas de bicicleta, com a bicicleta e informamos as áreas em que não se podia circular. As crianças saíram com as bicicletas e como os educadores não tinham bicicletas disponíveis para acompanhá-las, eles se espalharam pelo espaço do clube para observar as crianças durante a atividade. Diante do grande número de participantes que vinha pela primeira vez ao projeto, foi necessário que os/as educadores/as insistissem na obrigatoriedade do uso de capacete para participar da atividade, pois muitas crianças e adolescentes disseram que não era necessário usá-lo (12A). Educador Álvaro e eu fomos para a grande área cimentada que fica em frente à portaria, local onde montamos um circuito de obstáculos com cones, cordas, garrafas PET, elásticos e a rampa-gangorra. Com o circuito montado os/as participantes começaram a circular por ele e a permanecer por mais tempo nessa região, assim os educadores Flávio e Max puderam se aproximar do grupo. Flávio e eu ficamos no Zerinho, ou seja, batendo corda para que as pessoas passassem com as bicicletas sem serem tocadas. Eventualmente as crianças derrubavam algum obstáculo do circuito e Álvaro reorganizava os obstáculos sempre que era necessário, assim como Max que também o auxiliou em alguns momentos (13A).

Mesmo que as crianças estivessem se organizando no revezamento das bicicletas, e em alguns momentos necessitaram de auxílio dos educadores, por isso Flávio e Álvaro ajudavam a controlar o tempo para que todos participassem igualmente da atividade (14B). Embora o revezamento tenha se dado de maneira tranquila, foi necessário chamar a atenção dos/as participantes para o uso do capacete, pois principalmente alguns meninos retiravam o capacete ou circulavam com ele com as alças soltas (15A).

Durante a atividade notei que Mirna, que na semana anterior havia comentado ter gostado muito de participar do projeto e de ter andado de bicicleta no circuito que, inclusive, havia mostrado a seus familiares, havia trazido seu irmão que estudava no período da tarde, mas que havia faltado na aula nesse dia. Ela comentou que ele queria vir, porém tinha aula naquele horário. Eu disse a ela que o projeto funcionava também pela manhã e que ele poderia frequentar, ela disse que conversaria com sua mãe para verificar a possibilidade (16C).

Depois de algum tempo de atividade com as crianças percorrendo o clube, passando pelo circuito e revezando as bicicletas com os colegas, algumas que esperavam pelo revezamento aproveitavam o momento de espera para pular corda, utilizando a corda que estava sendo batida pelos educadores para passagem das bicicletas. Muitas crianças se juntaram nessa brincadeira, algumas até faziam uma parada e desciam da bicicleta para pular. A atividade permaneceu assim até que o tempo destinado a ela se esgotou, aproximadamente 1 hora. Chamamos as crianças para guardarem as bicicletas e enquanto alguns educadores

guardavam bicicletas e materiais do circuito com ajuda de algumas crianças, o restante das crianças se dirigiram para o espaço em que seria realizada a atividade seguinte.

Diário de Campo VIII

Período da Manhã

Educadores/as: Merlau, Olga, Abayomi, Ana Lia, Max, Flávio.

Educando/as: Frynkin, David Luiz, Helena, Cássia, Marli, Yan, Mauro, Lili, Vanda, Lara, Márcia.

Cheguei ao clube trazendo uma bicicleta que recebemos como doação para o projeto PEDAL, ela estava com a roda dianteira desmontada e por isso tive que carregá-la equilibrando-a apenas sobre a roda traseira. Levei a bicicleta para a biblioteca e chegando lá notei que já havia várias crianças e também estavam os demais educadores que atuaram no dia. Eles organizavam a roda de conversa inicial do VADL. Enquanto isso, eu aproveitei para reparar a bicicleta que havíamos ganhado, montei a roda dianteira, calibrei os pneus e depois peguei um capacete e dei uma voltinha pelo clube para verificar o funcionamento das marchas e freios. Verificando que estava tudo funcionando adequadamente, retornei a biblioteca, encostei a bicicleta e me juntei as demais pessoas que estavam na roda inicial (1B).

Assim que cheguei à roda os outros educadores estavam verificando quais das crianças iriam participar das atividades com bicicleta naquele dia. Das doze crianças presentes apenas Lili, Frynkin e David Luiz optaram por não participar, dando preferência aos jogos de tabuleiro.

Depois de recolherem suas cadeiras a pedido de Abayomi, as crianças que iriam andar de bicicleta logo se aglomeraram ao redor da gaiola de bicicletas. Quando me aproximei para destrancar as bicicletas as crianças já me diziam coisas como “A primeira branca é a minha!” e “A branca 17 é minha!”, expressando seus interesses pelas bicicletas mais novas (2B). Antes que eu tirasse qualquer bicicleta eu os lembrei de primeiro pegar os capacetes com o educador Flávio. As crianças rapidamente se aglomeraram na porta da biblioteca para pegarem os capacetes (3A). Já com os capacetes em mãos retornaram à gaiola e algumas meninas começaram a me ajudar a retirar as bicicletas menores que estavam na frente das outras que pretendíamos usar. Conforme fui retirando as bicicletas, as crianças foram distribuindo entre elas. Sugerí que as pessoas de maior estatura utilizassem as bicicletas maiores, para que todos pudessem utilizar as bicicletas novas. Helena, que era a pessoa mais alta, concordou em utilizar a bicicleta de tamanho 21, porém solicitou que eu abaixasse o banco o máximo possível. Yan e Marli que eram os menores, ficaram com as bicicletas de tamanho 17, e as demais crianças distribuíram as outras bicicletas entre elas. Mauro, que possuía estatura menor, quis experimentar uma bicicleta das grandes, porém logo desistiu e solicitou a BMX azul que era mais adequada à sua estatura (4B).

As crianças queriam andar com as bicicletas, porém algumas ainda estavam pegando as suas, e os educadores se ocupavam auxiliando na calibragem dos pneus e ajustes dos bancos. Eu pedi para que aguardassem um pouco antes de saírem e aproveitei para solicitar que todas as pessoas verificassem se os pneus estavam devidamente calibrados, comentando que se estes estivessem murchos poderiam furar quando subissem com a bicicleta nas calçadas do clube. As crianças me responderam que suas bicicletas estavam com os pneus bons. Flávio lembrou alguns combinados dizendo que elas que não poderiam andar no campo de futebol e pedindo para que evitassem derrapar, pois isso acarretaria em desgaste dos pneus. As crianças saíram para andar com as bicicletas após as orientações do educador Flávio. Os educadores Flávio e Max pegaram duas bicicletas restantes e acompanharam as crianças. Eu

procurei uma bicicleta disponível para acompanhá-las também e a única que estava funcionando era a BMX vermelha que era bastante pequena, fui com ela mesmo (5A). Notei que as crianças estavam no fundo do clube então fui até lá. Chegando lá elas brincavam de descer e subir a rampa próxima ao campo de futebol. Márcia, Marli, Vanda e Mauro apresentaram medo na hora de descer a rampa do campo tanto que nas primeiras tentativas apenas Vanda e Mauro desceram após alguma hesitação. Já Marli só desceu a rampa após observar algumas tentativas das colegas. Antes de descer ela perguntou para mim se não teria perigo de cair. Respondi dizendo que se ela fosse em linha reta não teria problemas, tinha apenas que manter-se em linha reta e não se assustar com o pequeno tranco que ocorre no momento em que a bicicleta chega na grama ao final da descida. A garota posicionou a bicicleta mais ao centro da rampa, tomou coragem e desceu.

C.O. Fiquei surpreso com o avanço de Marli, pois lembrei que em outra ocasião ela ficou olhando, porém não teve coragem de tentar.

Márcia não teve a mesma coragem, ficou bastante tempo olhando suas colegas descerem e subirem a rampa. Notando sua dificuldade sugeri que descesse a rampa pela lateral de fora que era gramada e muito menos íngreme. Disse a ela também que depois ela poderia tanto tentar subir pela rampa quanto retornar pelo mesmo caminho. Ela então desceu pelo gramado e juntou-se as colegas que nesse momento descansavam a sombra de uma árvore (6A).

Enquanto isso Yan, educador Flávio e algumas meninas brincavam de tentar subir a rampa sem pedalar, ou seja, apenas utilizando o embalo que conseguiam pedalando até um ponto determinado, posicionado a aproximadamente 15 metros da rampa. Marli, Vanda, Mauro, educador Max e outras meninas brincavam de tentar subir a rampa, pois isso parecia um desafio, visto que, em grande parte das vezes, tinham que descer da bicicleta no meio da rampa por não conseguirem terminar de subir pedalando. Em uma das tentativas de subir a rampa, Mauro caiu, pois não conseguiu apoiar o pé no chão quando a bicicleta parou na subida, felizmente não se feriu gravemente, teve apenas uns arranhões no cotovelo. Eu e as meninas que estavam comigo no final da subida socorremos o garoto. O garoto foi lavar o arranhão e retornou em seguida. Comentei com ele que foi importante ele estar com capacete e mostrei o capacete que ele estava usando no momento da queda indicando que havia um ralado na parte de trás, local em que este bateu no chão no momento da queda (7A).

As crianças ficaram praticamente o tempo todo da atividade brincando na rampa, algumas crianças fizeram voltas pelo clube, porém poucas vezes. Conforme o horário da atividade foi chegando ao fim, o educador Flávio começou chamar as crianças para guardarem as bicicletas, algumas delas pediram para que ele as deixasse dar mais uma volta antes de guardar e ele concordou (8A).

Quando um grupo de meninas retornava com a bicicleta para guardá-las, antes que subissem a rampa perguntaram para mim se poderiam dar a volta no campo de futebol. Eu respondi dizendo que não era permitido andar pelo campo. Elas insistiram e perguntaram se não poderiam andar pela lateral do campo. Eu disse que o campo estava sendo usado pelo pessoal do futebol e por isso não poderiam passar pela lateral. Uma das garotas respondeu: “Eu sei. É que nós queremos passar lá para desfilarmos com as bicicletas!”. Respondi informando que teriam que desfilarem passando pela parte de cima do campo (9B).

Depois disso as garotas subiram e levaram as bicicletas para serem guardadas. Lá chegando uma a uma foram entregando as bicicletas a Flávio que as arrumava dentro da gaiola enquanto Abayomi recolhia os capacetes. As crianças foram se dirigindo para a próxima atividade do dia enquanto Flávio e eu terminávamos de guardar as bicicletas. A atividade durou aproximadamente uma hora.

Período da Tarde

Educadores/as: Merlau, Olga, Leandro, Ana Lia, Max, Álvaro.

Educandos/as: Elias, Doug, Hulk, Ronaldo, Ronaldinho, Gabi, Amauri, Super Mário, Jhony, Patrik, Pablo, Amora, Jéssica, Empadinha, Pudim, Diego, Abelardo, Nicolas, Dionísio, Raiane, Luluzinha, Tchar.

Na atividade de bicicleta de hoje, das vinte e duas crianças e adolescentes presentes no projeto, onze optaram por realizar a atividade, as demais optaram por jogar *Fútbol Callejero* (10A).

Eu e Max fomos com as crianças para a gaiola para pegarmos as bicicletas, Max distribuiu os capacetes enquanto eu destrancava as bicicletas (11A). As crianças e adolescentes solicitavam as bicicletas brancas, todas aglomeradas ao redor da gaiola de aço que as armazenava dizendo: “a branca é minha!” ou “eu vou usar a branca!”. Comentei que haveria bicicletas para todas, sendo necessário apenas distribuir adequadamente pelo tamanho. Ronaldo entrou na frente das pessoas e disse que iria usar a bicicleta branca de tamanho 17, nas palavras dele: “aquela rebaixadinha!”. Como só tinham três bicicletas daquele tipo e havia duas meninas e um menino com estatura menor que Ronaldo, solicitei a ele que usasse a de tamanho 19, pois ele conseguiria andar e assim sobrariam as outras três para os colegas menores. Ele reclamou e disse que iria usar aquela mesmo. Eu então disse a ele que se ele insistisse em usar aquela bicicleta teríamos então que fazer um sorteio da bicicleta entre os quatro interessados e ver quem ficaria com ela. Expliquei que se ele utilizasse a 17, um dos três colegas iria ficar sem bicicleta, pois nenhum deles conseguiria usar a 19. Ele então aceitou utilizar a bicicleta de tamanho 19, resolvendo o problema de distribuição das bicicletas (12B).

As crianças estavam agitadas e ansiosas, queriam sair logo com as bicicletas. Eu solicitei que aguardassem o educador Álvaro que estava calibrando o pneu da bicicleta que usaria para acompanhá-las, porém as crianças insistiram em sair. Álvaro então disse que eu poderia os deixar sair, pois já estava terminando. Antes que saíssem solicitei às crianças para que não derrapassem com as bicicletas para não desgastarem os pneus pois não tínhamos recursos para repô-los, também pedi para conferirem se os pneus estavam cheios e por último disse que só poderiam descer a rampa do campo quando educador Álvaro estivesse com eles.

Enquanto as crianças saíam com Álvaro, eu fiquei abaixando o banco da bicicleta de Gabi. Ela disse que não sabia andar de bicicleta e eu fiquei responsável por ajudá-la a aprender. A educadora Olga comentou que no evento que havia ocorrido no sábado anterior ela a havia ajudado, porém a menina ainda não havia aprendido. Antes de sairmos peguei um capacete para ela e retirei os pedais da bicicleta. Solicitei que ela andasse com a bicicleta patinando com os pés no chão e a ensinei a usar os freios para parar a bicicleta quando precisasse. Após algumas tentativas ela conseguiu embalar a bicicleta e até tirar os pés do chão por alguns segundos. Depois de um pouco de prática nesse exercício recoloquei os pedais e ensinei a posicioná-los para dar o impulso de saída. Foram diversas tentativas de saída com meu auxílio segurando-a para que não caísse. No momento em que a ensinava, Raiane, que estava no *Fútbol Callejero*, apareceu e disse que também queria aprender. Comentei que agora só havia aquela bicicleta, mas disse que poderia revezar, assim quando uma descansava um pouco a outra praticava. Continuei com Gabi, e ela estava melhorando seu movimento de saída. Depois foi a vez de Raiane que ajudei a partir com a bicicleta repetindo as orientações dadas a Gabi. Eu a ajudei nas primeiras saídas e notei que, depois que saía, ela já possuía um bom equilíbrio na bicicleta, porém tinha dificuldades de acionar os freios. Expliquei para ela sobre a necessidade de utilizar os freios para evitar se machucar, pois quando colocamos o pé no chão com a bicicleta andando ele acaba enroscado no pedal e nos derrubando. Após algumas tentativas isso melhorou, porém eventualmente ela se esquecia de usar os freios. Novamente foi a vez de Gabi e, nessa ocasião, disse a ela que a deixaria

praticar a saída sem meu apoio, apenas ficaria do lado caso ela se desequilibrasse. Gabi fez diversas tentativas, algumas muito boas, pois conseguiu se deslocar e colocar o outro pé no pedal, apenas não conseguia manter o equilíbrio. Foram muitas tentativas para praticar essa saída e que melhorava cada vez mais. Depois foi a vez de Raiane fazer suas tentativas sozinhas. Notei que ela tinha mais dificuldade que Gabi na saída. Eu a ajudei em mais algumas vezes e depois novamente solicitei que tentasse sozinha novamente. Em uma das tentativas ela até conseguiu sair e pedalar por alguns metros sem que eu precisasse segurá-la, porém quando se desequilibrou se esqueceu de utilizar os freios e eu tive que segurá-la para que não se machucasse (13A).

Enquanto fazíamos esse treinamento as demais crianças ficaram andando fazendo voltas pelo clube e também descendo a rampa ao lado do campo isso foi feito maior parte do tempo e nesses momentos as crianças foram acompanhadas pelo educador Álvaro.

Álvaro comentou comigo que Ronaldo jogou a bicicleta em cima da bicicleta do Pablo e trombou com ele derrubando-o. Nesse momento o chinelo de Ronaldo quebrou, ele ficou nervoso com isso e ameaçou Pablo dizendo que iria bater nele caso ele não comprasse um chinelo novo para ele. Álvaro acalmou Ronaldo e depois conseguiu um tênis usado para que pudesse utilizar e não voltar descalço para casa. Algum tempo depois Ronaldo foi visto fazendo derrapagens com a bicicleta e foi alertado diversas vezes pelo educador Álvaro e pela educadora Ana Lia que diziam a ele que não deveria ficar derrapando, pois desgastava demasiadamente os pneus da bicicleta. Ronaldo insistiu na prática e, em certo momento, fez uma grande derrapagem em frente à educadora Ana Lia que o colocou de castigo retirando a bicicleta e Ronaldo, contrariado, foi para a atividade de futebol que ocorria simultaneamente (14dB).

Enquanto eu ajudava Gabi e Raiane, eventualmente, algumas das outras crianças que estavam de bicicleta passavam pelo local em que Gabi, Raiane e eu estávamos praticando e algumas perguntaram se elas já sabiam andar, eu respondi que elas estavam aprendendo. Posteriormente, em outras passagens, perguntavam se já tinham conseguido andar, se reiterando das notícias a cada passagem (15B). Também notei que Ronaldinho, irmão de Gabi, passou algumas vezes por nós em bicicleta. Em uma das passagens o vi caindo, porém sem consequências graves o menino levantou e continuou. Posteriormente, quando o tempo da atividade estava quase acabando, vi o educador Álvaro chegar com Ronaldinho na região onde eu estava ensinando as outras meninas para ajudá-lo a aprender também. Comentei com Álvaro que o menino havia passado por mim várias vezes e ele disse que foi ajudá-lo, pois o havia visto cair diversas vezes pelo clube. Enquanto Álvaro ajudava Ronaldinho eu continuei os exercícios com Gabi e Raiane. Como o tempo já estava acabando disse a elas que iriam pedalar um pouco com minha ajuda para que sentissem como é equilibrar a bicicleta em movimento e que na semana seguinte continuaríamos praticando a saída. Assim, Raiane foi a primeira a percorrer uma grande distância com meu apoio, que a ajudava a se equilibrar enquanto pedalava e por último foi a vez de Gabi que pedalou com meu apoio até o local onde são guardadas as bicicletas. Ambas em alguns momentos da pedalada conseguiram manter-se sozinhas, porém notei que com a bicicleta em movimento Raiane conseguia manter-se mais equilibrada (16A).

Álvaro chamou as outras crianças para guardarem as bicicletas, pois o tempo da atividade já havia se esgotado. Eu guardei as bicicletas e os educadores e educadoras que estavam ali guardaram os capacetes. Quando estava guardando uma das bicicletas Álvaro me informou que uma bicicleta havia saído a corrente e, esta última, caído entre aos raios e a catraca. Ele já havia retirado a corrente, porém disse que não pedalou, pois seria bom ver se estava tudo certo. Verifiquei a bicicleta e notei que, além disso, havia um raio quebrado e outros danificados, o que indicava que tal problema provavelmente havia ocorrido mais vezes. Diante disso verifiquei as regulagens dos batentes do câmbio traseiro e observei que uma

delas estava inadequada e isso permitia que, na mudança de marcha para a última catraca, a corrente caísse para fora desta. Fiz a regulagem adequada com a ajuda de Álvaro e Merlau (17A). Terminada a regulagem eu e Merlau terminamos de Guardar as bicicletas enquanto as crianças se dirigiam para outra atividade. A atividade durou aproximadamente 1h10min.

Diário de Campo IX

Período da Manhã

Educadores/as: Merlau, Abayomi, Max, Flávio, Olga.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Ronaldinho, Cássia, Ibrahimovic, Neymar, Guga, Richard, Beбето, Jonas, Gilberto, David Luiz, Frynkin, Rodrigo, Lili, Júlio César, Oscar.

As crianças realizavam outra atividade com os educadores do projeto, enquanto isso eu fui destrancando as bicicletas e tirando-as da gaiola para facilitar a organização da próxima atividade que seria com bicicletas. Notei nesse momento que as bicicletas necessitavam de uma revisão com limpeza, lubrificação e ajustes, bem como reparos em algumas que estão com pneus furados e outras que necessitam de restauro. Notei também que no período de recesso roubaram uma pedaleira da bicicleta BMX azul, pois mesmo dentro da gaiola de aço, um dos lados da bicicleta ficou ao alcance de um braço.

C.O. Pensei em fazer a revisão e limpeza das bicicletas juntamente com os participantes e, embora tivesse dúvidas sobre o interesse destes na tarefa, comentei com Flávio sobre a possibilidade de trazer algumas de minhas ferramentas e de convidá-los para participar na revisão no próximo encontro.

Conforme fui retirando as bicicletas notei que algumas estavam com pneu murcho devido ao período de recesso, porém outras já haviam sido calibradas na semana anterior quando algumas bicicletas haviam sido utilizadas, aproveitei o momento para calibrar os pneus vazios. Notei também que havia duas bicicletas com o pneu furado, uma rosa infantil que esta vazando no bico e que provavelmente necessitaria de substituição da câmara de ar e a infantil grande verde. Deixei ambas de lado para tentar reparar ao final do período.

Quando estava terminando de retirar as bicicletas da gaiola, as crianças começaram a chegar. Elas foram diretamente em direção às bicicletas, várias crianças seguraram as bicicletas brancas que são mais novas, inclusive entraram para tentar pegar as que ainda estavam na gaiola. Abayomi e eu pedimos para que esperassem (1B), e Abayomi organizou uma fila com as crianças dizendo que primeiro teriam que pegar os capacetes (2A). Abayomi e outros educadores distribuíram os capacetes. Eu organizei a distribuição das bicicletas, inicialmente perguntei ao grupo quem teria interesse em andar nas bicicletas brancas, pois pelo que vi quando chegaram elas seriam disputadas. Nove crianças levantaram a mão, Cristiano Ronaldo, Ibrahimovic, Guga, Beбето, Jonas, Rodrigo e Oscar. Comentei com elas que não tínhamos nove bicicletas brancas e perguntei se nenhuma delas gostaria de utilizar uma das outras bicicletas, porém disseram que não queriam. Disse que então primeiro eu distribuiria as demais bicicletas aos interessados e depois nós decidiríamos como faríamos a divisão das bicicletas (3B).

Das dezesseis crianças presentes apenas Lili e Cássia não quiseram andar de bicicleta e ficaram realizando outra atividade com alguns educadores (4A). Iniciamos então a distribuição das bicicletas pelas menores e Ronaldinho demonstrou seu interesse pela bicicleta infantil amarela e ficou com ela. Gilberto, que ainda não sabia andar, ficou com a bicicleta infantil pequena verde, pois já havia iniciado seu aprendizado com ela na semana anterior. Já Neymar optou pela BMX azul e disse que agora ele já estava conseguindo andar naquela bicicleta que era maior, porém Richard também queria essa BMX, no entanto, diante do

argumento de Neymar, ofereci a ele a BMX vermelha e lhe disse que Neymar ainda estava aprendendo a andar e a bicicleta azul era aquela com a qual ele estava mais acostumado com os ajustes da altura do banco e guidão. Assim Richard aceitou a proposta ficando ele com a BMX vermelha e Neymar com a azul. David Luiz também quis utilizar uma BMX, assim disse a ele que ele revezaria com Neymar e Richard, assim ele pegaria a bicicleta com eles sempre que completassem uma volta no clube. Prossegui e perguntei se alguém gostaria de utilizar a bicicleta grande azul e Júlio César, que estava inicialmente interessado na bicicleta branca, optou por ficar com a azul. Perguntei se alguém gostaria de usar a bicicleta grade marrom, mas ninguém demonstrou interesse. Quando íamos começar a decidir a divisão entre as bicicletas brancas Flávio informou que havia outra bicicleta branca que não poderia ser utilizada, pois estava com a roda travada, assim tínhamos duas pessoas a mais do que o número de bicicletas. Nesse momento Frynkin disse que ficaria com a bicicleta marrom e ficamos apenas com a diferença de uma pessoa. Propus ao grupo um revezamento para que todos andassem nas bicicletas brancas, assim a cada volta ficaria uma pessoa de fora, porém as crianças não aceitaram essa proposta. As crianças sugeriram então uma disputa de “cinco ou zerinho”, eu perguntei se elas concordavam com aquela maneira de decidir e todas responderam positivamente. Fizemos cinco ou zerinho e quando terminamos a contagem eliminou Oscar, que pareceu bastante desapontado por não ficar com a bicicleta que queria. Enquanto as crianças saíam para andar com as bicicletas Flávio e eu fomos ver o que estava travando a roda da bicicleta e notei que o freio estava desregulado e por isso estava prendendo a roda, assim rapidamente fiz o ajuste do freio e a bicicleta ficou pronta para que Oscar usasse, ele aparentou ter ficado bastante contente por poder pedalar na bicicleta branca nova (5B).

Os/as participantes ficaram dando voltas livremente pelo clube, alguns/as apostaram corrida em alguns trechos, outros ficaram empinando a bicicleta (6A). Gilberto que ainda não sabia andar ficou o tempo todo com Danilo. O educador o acompanhava e dava orientações o auxiliando no aprendizado do andar de bicicleta. Durante a atividade Danilo comentou que Gilberto, mesmo não sabendo andar, ficou muito empolgando com a bicicleta (7A). Danilo comentou que Jonas, que é irmão de Gilberto, disse a ele que não conseguia andar de bicicleta direito no bairro em que mora, pois as ruas são muito esburacadas e que, inclusive, teve uma ocasião em que o pai de seu amigo Bebeto caiu de bicicleta carregando Bebeto ainda pequeno por conta disso (DC-IX, 8D).

Enquanto eles pedalavam notei que Ibrahimovic estava utilizando a corrente cruzada e o avisei, porém ele passou com a bicicleta e não sabia do que eu estava falando, pedi a Cristiano Ronaldo que vinha logo depois que o alcançasse e explicasse ao colega o que era “corrente cruzada” e o auxiliasse na mudança de marcha. Cristiano Ronaldo seguiu e conversou com garoto (8A).

Flávio montou um pequeno circuito próximo à entrada do clube e as crianças ficaram passando com as bicicletas, principalmente Guga e Oscar que aparentaram estar bastante desafiados a passar, pois ficaram passando diversas vezes seguidas tentando superar a o obstáculo sem derrubar as garrafas e cones que o compunham (9A).

Com poucos minutos de atividade Ibrahimovic disse estar cansado, encostou a bicicleta e sentou-se próximo ao circuito e ficou observando os colegas. Cristiano Ronaldo passou e disse em tom de desafio: “Aí Clayton! O Leo não vai andar mais pega a bicicleta dele e vamos ver quem é bom de empinar”. Peguei a bicicleta e empinei algumas vezes com ele (10A). Logo depois abaixei ao máximo o banco da bicicleta Soul tam.17 que eu estava utilizando e perguntei a David Luiz que estava revezando a BMX com os colegas se não queria tentar andar naquela bicicleta maior, ele topou e conseguiu andar muito bem, apenas apresentava certo desconforto ao parar, devido ao tamanho do quadro. Depois de algum

tempo observei que ele também estava usando a corrente cruzada e o parei e orientei sobre as trocas de marcha adequadas (11A).

As crianças pediram para descer a rampa, assim desceram Cristiano Ronaldo, Guga, Oscar e Jonas. Eles ficaram divertindo-se descendo a rampa e subindo várias vezes, em alguns momentos pareciam apostar corrida na descida (12A). Porém Oscar e Guga andaram com a bicicleta no meio do campo de futebol, chamei a atenção deles à distância pedindo para que não andassem no meio do campo, apenas em volta. Quando retornaram informei-os que não poderíamos pedalar no meio do campo para não estragar a grama e disse que isso era uma determinação da direção do clube (13B). Educador Max comentou que Neymar estava com medo de descer a rampa e pediu ajuda a ele. Max o orientou na primeira descida e disse que Neymar disse ter gostado, tanto que, segundo Max ele repetiu a descida por mais duas vezes. Max comentou também que durante a atividade ele também ajudou Frynkin com as marchas, pois estava utilizando a corrente cruzada (14A).

Oscar saiu com a bicicleta pela portaria do clube, educador Flávio, que estava organizando o circuito ali por perto, viu e foi atrás dele para chamá-lo. Oscar disse que iria dar uma volta na rua, Flávio conversou com ele e explicou que os/as participantes do projeto não podem sair sozinhos para a rua. Inclusive, ao final do dia, Flávio reforçou a orientação de não sair do clube aos/as demais participantes (15C).

Durante a atividade também tivemos alguns acidentes. Jonas prendeu a barra de sua calça na coroa da bicicleta, o que fez com que ela rasgasse. Depois do incidente comentei com ele que, ao andar de bicicleta com calça, deve-se prender a barra por dentro da meia, amarrá-la na perna com elástico ou cadarço, ou mesmo dobrá-la até o joelho para evitar que isso aconteça. Comentei com ele que aquilo poderia até derrubar a pessoa da bicicleta. Auxiliei-o a prender sua calça por dentro do elástico da meia para ele continuar pedalando. Outro acidente ocorreu com Richard que caiu, pois os pneus da bicicleta estavam molhados por conta da grama úmida, e quando ele freou a bicicleta derrapou a roda traseira. Quando vi a cena, eu fui caminhando em direção a ele e vi que Jonas se aproximou perguntando se ele havia se machucado, o garoto levantou mancando, porém disse estar tudo bem. Eu cheguei ao local, tirei a bicicleta do caminho por onde passavam outras crianças em bicicleta e perguntei novamente se estava tudo bem e o garoto respondeu positivamente, perguntei se ele continuaria andando de bicicleta e ele disse que sim, levantou e pegou a bicicleta que estava comigo. Eu o alertei para ter cuidado ao frear, pois o piso estava molhado (16A).

O tempo destinado à atividade estava acabando, assim Flávio, Max e eu começamos a chamar as crianças para guardarem as bicicletas. Flávio também começou a desmontar o circuito, recolher e guardar os materiais, Jonas e Bebeto o ajudaram. Eu comecei a guardar as bicicletas e o educador Max ficou chamando os/as participantes. Faltavam duas bicicletas para serem guardadas e eu disse a Max que Guga e Oscar ainda não haviam entregado as bicicletas. Max pegou uma bicicleta e foi até o fundo do clube procurá-los. Lá chegando, ele os encontrou escondidos embrenhados com as bicicletas nos arbustos localizados atrás da estátua do Cristo, pois não queriam guardar as bicicletas e quando Max se aproximou para chamá-los eles fugiram e continuaram fugindo de Max toda vez que ele se aproximava. Eu falei com eles à distância e os informei que caso mantivessem tal comportamento, não poderiam participar das atividades com bicicleta na semana seguinte, pois já haviam atrasado em dez minutos a atividade que seria realizada a seguir. Eles retornaram e Guga novamente fez menção de fugir, mas então ambos retornaram para guardar as bicicletas e seguiram para a próxima atividade com os educadores. Ao final do período, na roda de conversa, educador Flávio retomou o fato e eu comentei não ter gostado de tal atitude, disse a eles que o grupo ficou por mais de dez minutos os esperando, o que fez com que atrasasse a atividade de jogos de tabuleiro, que ao final teve diversas reclamações, pois não foi possível terminar algumas partidas por falta de tempo (17A). Disse a eles também que as bicicletas são emprestadas e

que o projeto possui regras e uma forma de organização que tem que ser respeitadas, comentei que se aquele tipo de comportamento se repetisse eles ficariam sem participar da atividade em outras ocasiões (18dB). Enquanto se encerrava a roda de conversa final eu fiz o reparo do pneu traseiro da bicicleta infantil média verde, para que esta pudesse ser utilizada no período da tarde, pois tinha um grande número de crianças frequentando.

Período da Tarde

Educadores/as: Merlau, Danilo, Max, Flávio, Abayomi, Olga.

Educandos/as: Ronaldinho, Cristiano Ronaldo, Francisco, André, Gabi, Clarice, Luciane, Tais, Hulk, Patrik, Bob Esponja, Ibrahimovic, Gael.

Terminada a atividade de integração, perguntamos quem participaria da atividade com bicicletas. Dos participantes presentes apenas treze quiseram participar, os demais optaram pelo jogo de Bets (19A). Assim subimos Max, Flávio eu e as crianças para pegar as bicicletas, as crianças foram na nossa frente correndo (20A). Abayomi, que já estava próxima às bicicletas, recebeu as crianças, organizou uma fila e começou a distribuir os capacetes (21A).

Assim como no período da manhã havia mais crianças interessadas nas bicicletas brancas do que tínhamos disponíveis, então começamos a distribuição pelas demais, Gabi que ainda estava aprendendo a andar ficou com a infantil verde pequena. Ronaldinho ficou com a infantil amarela. Bob Esponja disse que queria usar a BMX azul, porém ele era a menor das crianças. Perguntei se ele não queria uma das bicicletas menores e ele disse que não, pois conseguia andar naquela. Perguntei se ele tinha certeza disso e ele disse que sim e uma das crianças mais velhas que estava com ele disse que o menino possui uma bicicleta parecida e que ele consegue andar. Assim concordei em deixá-lo utilizar a BMX azul, apesar da discrepante diferença de tamanho. Hulk utilizou a BMX vermelha e uma menina ficou com uma grande azul. As demais crianças queriam utilizar as bicicletas brancas e não concordaram com o revezamento que sugeri, por isso decidiram disputar na sorte em uma disputa de “cinco ou zerinho”. Gael perdeu a disputa e ficou com a bicicleta grande marrom (22B).

Todas as crianças já estavam com as bicicletas, Flávio as orientou e acompanhou juntamente com outros educadores durante a atividade. Notei, enquanto as crianças andavam, que Bob Esponja, apesar da diferença de tamanho entre ele e a bicicleta, andava bem com ela, apenas apresentava um pouco de dificuldade para descer quando parava. Eu fiquei o tempo todo da atividade acompanhando Gabi que ainda não sabia andar de bicicleta, orientando-a e ajudando-a a aprender. Fizemos diversas voltas pelo clube, ora eu a ajudava equilibrar enquanto pedalava, ora eu a incentivava a fazer tentativas solo para aprender a partir com a bicicleta e se equilibrar. Gabi ficou bastante impressionada com Bob Esponja, pois era menor que ela e já conseguia andar na bicicleta BMX. Ela comentou sobre isso diversas vezes, quase sempre quando ele passava por nós. Em uma dessas vezes Bob Esponja passou por nós, ele desviou saindo da calçada e no retorno caiu, pois tentou voltar para a calçada novamente e ao tentar subir o degrau que existia entre a calçada e a grama, os pneus da bicicleta que, estavam quase que paralelos ao degrau, rasparam no degrau e não subiram provocando a queda do garoto, pois o mesmo não alcançava os pés no chão quando estava sobre a bicicleta. Felizmente o menino não se machucou. Eu o ajudei a levantar e disse a ele que deveria sempre tentar subir degraus com a bicicleta de frente para ele e nunca com ele de lado. Demonstrei a ele o movimento que bicicleta havia feito quando ele caiu e depois demonstrei a forma correta de subir para não correr o risco de cair (23A). Retornei ao acompanhamento de Gabi e enquanto treinávamos vimos algumas crianças passar com garrafas pet raspando nos pneus da bicicleta fazendo barulho. Gabi, inclusive reclamou dizendo que aquele barulho era

chato. Posteriormente Flávio comentou comigo que foi Cristiano Ronaldo quem começou com a ideia e havia pedido a ele para colocar garrafas PET no pneu. Comentou também que depois que colocaram na de Cristiano Ronaldo outras crianças tais como: André, Francisco, Ibrahimovic e Ronaldinho também colocaram, porém Ibrahimovic e Ronaldinho não conseguiram encaixar as garrafas na roda, Flávio conseguiu colocar na de Ibrahimovic, mas a bicicleta de Ronaldinho possuía para-lamas que impossibilitaram a colocação da garrafa. Flávio comentou que Ronaldinho ficou chateado por não ter o barulho, porém, depois que Flávio explicou detalhadamente sobre a impossibilidade de colocar a garrafa naquela bicicleta ele entendeu e continuou com os demais (24A).

Hulk saiu durante a atividade para jogar bets com o outro grupo e Ibrahimovic comentou que também iria para lá, pois estava cansado. Os garotos estavam pedalando bem rápido para que a garrafa colocada no pneu fizesse um barulho bem forte. Cristiano Ronaldo o incentivou a continuar e ele insistiu dizendo que estava cansado de pedalar. Cristiano Ronaldo argumentou dizendo que era só ele pedalar mais devagar que não cansaria tanto. O garoto então continuou a andar de bicicleta com os colegas (25A).

Em um momento durante a atividade vi Francisco lavando o pé que estava sangrando em uma das torneiras do clube. Perguntei a ele o que havia ocorrido e ele disse que uma das meninas havia trombado com ele. Disse: “Aquela menina é louca! Eu parei a bicicleta ela veio perto de mim, derrapou e me acertou com a bicicleta!” Eu perguntei se eles haviam caído e ele disse que sim. Falou também que machucou o pé na coroa da bicicleta. Notei que havia um corte pequeno no pé. Disse a ele que ao terminar de lavar ele deveria ir até a biblioteca e pedir para um dos educadores que lá estavam para fazer um curativo. Ele seguiu para lá e logo o vi pelo clube com o curativo no pé. Posteriormente conversei com Ana Lia que viu o acidente e ela disse que as crianças vinham de frente uma para a outra e Francisco parou para que a menina passasse por ele, porém ela continuou em velocidade imaginando que ele fosse desviar e quando viu que ele havia parado ela freou, mas mesmo assim o atingiu quando sua bicicleta derrapou com a frenagem. Ana Lia comentou também que Clarice havia esfolado levemente a perna e parou de andar de bicicleta logo em seguida (26A).

Flávio informou que quase ao final da atividade os meninos pediram para descer a rampa do campo. Flávio disse que autorizou e Francisco e Cristiano Ronaldo desceram, porém Francisco começou a andar no meio do campo de futebol e foi advertido por Flávio à distância. Flávio também os advertiu dizendo para que eles descessem apenas a rampa no fundo, já que havia um funcionário do clube cortando a grama na outra (27B).

Quando terminava uma das voltas com Gabi, Flávio me alertou do final da atividade. Então encerramos a volta e fomos guardar a bicicleta. Flávio recebia as bicicletas e as organizava na gaiola para trancá-las. As crianças deixaram as bicicletas e capacetes com os educadores e seguiram para atividade com música com Álvaro e Ana Lia.

Diário de Campo X

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Abayomi, Teodoro, Ana Lia, Olga.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Ibrahimovic, Richard, Jonas, David Luiz, Frynkin, Rodrigo, Gilberto, Lili, Júlio César, Rone, Clóvis, Messi.

Terminado o jogo de Polícia e Ladrão a educadora Abayomi anunciou a atividade com bicicleta e perguntou quem iria participar. Lili preferiu fazer jogos de tabuleiro e Jonas já havia se dirigido ao treino de futebol (1A). Abayomi disse as crianças para aproveitarem a

troca de atividade para beber água e depois pegar o capacete, assim que as crianças retornaram Abayomi iniciou a distribuição dos capacetes, auxiliando inclusive as crianças a ajustá-los corretamente (2A). Flávio foi destrancar as bicicletas e Abayomi organizou duas filas com as crianças, uma para quem queria utilizar as bicicletas brancas e outra para as demais bicicletas, eu iniciei a distribuição das bicicletas pela fila que não queria as bicicletas brancas, dando preferência para as crianças menores ou que estavam aprendendo a andar. Primeiro foi Gilberto, que ainda estava aprendendo a andar, ficou com a bicicleta verde infantil pequena. Depois Rodrigo optou pelas BMX azul e Tito pela vermelha, porém Tito trocou de bicicleta antes de sair e pegou a infantil verde média. Frynkin pediu para ficar com a bicicleta grande azul. Os demais ficaram com as bicicletas grandes brancas, já que o número de interessados era compatível com a disponibilidade. Assim distribuimos primeiro as de tamanho 17 para os meninos de menor estatura: Messi, David Luiz e Richard e na sequência foram entregues as bicicletas maiores aos participantes de maior estatura (3B).

Antes de iniciar a atividade eu avisei às crianças que no próximo encontro eu traria minhas ferramentas e materiais para fazer a manutenção das bicicletas e que eles poderiam ajudar a limpá-las e lubrificá-las. Também as alertei sobre o risco de queda devido ao piso molhado, lembrei inclusive da queda do colega na semana anterior. Disse para terem bastante cuidado ao frear, pois grama estava molhada e escorregadia e, além disso, os pneus ficam molhados e também escorregam quando freados na calçada. Pelo mesmo motivo Flávio e Abayomi disseram para que não descessem a rampa. Flávio solicitou que verificassem se os pneus estavam cheios e pediu para que não derrapassem com as bicicletas, pois isso desgastava os pneus e não possuíamos dinheiro para reposição destes. Comentei com as crianças que estavam utilizando bicicletas com marchas que deveriam ficar atentas para não andarem com a corrente cruzada. David Luiz me perguntou se a bicicleta dele estava com a corrente cruzada. Eu observei e disse que ela estava correta, também mostrei as coroas e catracas onde a corrente passa quando as deixamos cruzadas para que ele soubesse identificar tal situação. Gilberto perguntou sobre o educador Danilo eu disse que ele não viria. Então ele perguntou se eu ficaria com ele, pois ainda estava aprendendo a andar. Solicitei que aguardasse até todos saírem que eu o acompanharia (4A). Perguntei se gostariam de obstáculos e Cristiano Ronaldo e outros meninos disseram que sim. Flávio então disse que montaria um circuito para eles. Flávio pegou cones e elásticos e montou um circuito com algumas curvas fechadas, num primeiro momento este se apresentou bastante difícil para as crianças, por isso Flávio ampliou ligeiramente as curvas para facilitar a passagem das bicicletas. Assim alguns conseguiram passar logo na primeira tentativa, já outros necessitaram de mais tentativas até conseguirem sucesso (5A).

Com todos já andando, eu saí com Gilberto para auxiliá-lo a aprender a andar. Fiquei o tempo todo da atividade com ele orientando e acompanhando em suas tentativas. Em alguns momentos o segurava enquanto pedalava e em outros o deixava praticar a saída sozinho. Notei que estava com bastante dificuldade para se equilibrar decidi e tirar os pedais para que ele praticasse o equilíbrio deslocando-se com os pés no chão como se estivesse de patinete. Embora essa técnica tenha facilitado o aprendizado de outras crianças do projeto, ela não funcionou muito bem com ele, pois o garoto estava com medo de desequilibrar-se, de sentir o desequilíbrio, assim ele andava em pé com as bicicletas entre as pernas. Insisti algumas vezes para que tentasse fazer o movimento com os pés, porém sentado no banco da bicicleta, para que pudesse aos poucos ir tirando os pés do chão, porém as tentativas não funcionaram. Recolocamos o pedal e retornamos a praticar pedalando com meu auxílio. O garoto disse que o Danilo o levava apoiando a bicicleta para que ele pedalasse. Notei que ele queria andar com a bicicleta mesmo que fosse com alguém o empurrando.

C.O. Senti que o garoto queria andar como os outros e parecia que os insucessos naturais do aprendizado nessa fase o incomodavam.

Diante disso passei a auxiliá-lo a exercitar o equilíbrio dinâmico e combinei com ele que eu o ajudaria enquanto pedalava o apoiando dos lados com a mão e que ele deveria tentar andar sentindo um leve toque das minhas mãos. Disse a ele que toda vez que sentisse minha mão tocar muito forte um dos lados ele deveria tentar corrigir levando seu peso para o outro. Durante as tentativas ele se apoiava demasiadamente em minha mão. Ele também se distraía, prestava atenção nas coisas que ocorriam ao redor e não se concentrava em tentar se equilibrar. Ele se apoiava em mim e pedalava olhando para os lados ou mesmo para os colegas que passavam. Chamei sua atenção diversas vezes para que se concentrasse no equilíbrio ao pedalar.

C.O. Senti que ele queria apenas pedalar e que estava contente em pedalar comigo ajudando, porém não notei esforço no sentido de tentar manter-se equilibrado na bicicleta sozinho.

Insisti para que tentasse pedalar sem se apoiar o tempo todo em mim e que eu estava lá para acompanhá-lo e evitar que caísse, mas ele teria que tentar se equilibrar para poder andar sem auxílio. Fizemos diversas voltas fazendo tentativas. Eu comecei a deixá-lo se desequilibrar e parávamos toda a vez que se apoiava demasiadamente em mim (6A). Durante a atividade Rodrigo passou por nós diversas vezes e, em quase todas, ele parou e deu dicas para Gilberto de como usar o freio na descida, de não virar demasiadamente o guidão, entre outras (7B).

Em determinado momento da atividade, David Luiz pediu ao educador Flávio que o deixasse descer a rampa de acesso ao campo, Flávio falou que iria acompanhá-los até perto dela e que depois poderiam descer. No caminho ele avistou Rodrigo que já tinha descido a rampa e estava andando no campo passando por alguns cones que os meninos do futebol estavam usando para treinar. O educador conversou com a criança alertando que não era permitido andar com a bicicleta no campo para preservar a grama, ele mostrou ter compreendido a regra, porém mostrou-se um pouco chateado com a proibição, mas continuou andando de bicicleta pelo clube. Chegando à rampa, o educador Flávio disse às crianças que o acompanharam que elas poderiam descer e as avisou para não andarem pelo campo, não derraparem na rampa e não pegarem as mangas verdes das árvores. Desceram então Cristiano Ronaldo Ibrahimovic, Clóvis, Messi e David Luiz, e deram a volta no campo pela beirada do gramado, porém passaram por uma região em estava tendo treino de futebol. Chegando à outra rampa do campo, Flávio conversou com eles lembrando que não poderiam andar de bicicleta nas áreas próximas ao campo que estivessem sendo utilizadas para o treino de futebol, pois isso poderia causar acidentes como atropelamentos ou boladas nos ciclistas (8B).

Ao observar as outras crianças descendo a rampa do campo, Gilberto pediu para descer também. Eu disse a ele que ele deveria primeiro aprender a andar para depois descer a rampa. Ele pediu para que eu o levasse segurando a bicicleta. Disse a ele que iria, mas que ele deveria pedalar forte na volta, pois seria muito difícil eu o empurrar na subida. Descemos a rampa e eu o segurei e o orientei no uso dos freios para que a bicicleta não descesse muito rápido. Na subida ele pedalou com bastante força, porém não foi suficiente para subir e eu tive que empurrá-lo para terminar a subida. Depois disso fizemos mais uma volta completa no clube e encerramos a prática quando Ana Lia nos avisou que o tempo da atividade havia se esgotado (9A).

Período da Tarde

Educadores/as: Flávio, Danilo, Abayomi, Olga, Ana Lia, Leandro, Teodoro.

Educandos/as: Ronaldinho, Gabi, Tabata, Ronaldo, Raiane, Roberta, Hulk, Messi, Sofia.

Das vinte e três crianças e adolescentes presentes neste dia oito quiseram participar, as demais preferiram participar do *Fútbol Callejero* (10A). Com as crianças reunidas fomos pegar as bicicletas. Como havia número superior de bicicletas a distribuição delas entre as crianças foi tranquila. Ronaldinho quis a infantil rosa, Gabi, que ainda estava aprendendo a andar, ficou com a infantil amarela, Tabata optou pela BMX vermelha, Raiane que também estava aprendendo ficou com a infantil verde de costume, Sofia ficou com a BMX azul, Hulk optou pela azul grande por possuir pedal plástico que não machucava seus pés descalços, e, por fim, Roberta, Messi e Ronaldo preferiram as brancas novas de tamanho 17 (11B). Enquanto eu distribuía as bicicletas, Ana Lia fazia a distribuição dos capacetes e ajudava as crianças que estavam com dificuldades para colocá-los (12A). Flávio pegou os cones, elásticos, cordas e garrafas PET e foi preparar um circuito de obstáculos para as crianças passarem.

Iniciamos a atividade e Ana Lia e Flávio também pegaram capacetes e bicicletas para acompanharem as crianças de perto durante as atividades. O circuito montado por Flávio foi igual ao da manhã, com curvas fechadas e um pouco difíceis de passar, pois demandavam certo controle de freio e do pedal por parte das crianças. As crianças ficaram passando, porém, diferente do que ocorreu no período da manhã, as crianças logo enjoaram e pararam de utilizá-lo, preferindo apenas andar livremente pelo clube (13A).

Quando as crianças e adolescentes saíram para pedalar pelo clube, eu fiquei com Raiane e Gabi, pois ambas estavam aprendendo a pedalar, porém quando iniciamos a prática notei que Raiane havia avançado e já estava conseguindo pedalar sem ajuda. Elogiei o desempenho da garota e parabeneizei-a pela conquista. Sorrindo ela me disse que fui eu quem a havia ensinado a pedalar. Como ela apresentava certa autonomia a orientei para que ela tivesse muito cuidado com a descida e ficasse atenta aos freios, pois ela já sabia andar, mas ainda estava começando. Chamei Ana Lia que estava pedalando com as crianças e pedi para que ela ficasse atenta e acompanhasse Raiane, principalmente nos trechos de descida. Ana Lia também acompanhou Tabata e Sofia. Sofia possuía maior autonomia e nem sempre ficava por perto de Ana Lia, já Tabata e Raiane sim. Raiane, inclusive pedia para que Ana Lia e Tabata a esperasse quando ficava para trás. De acordo com Ana Lia, Raiane andou bem, embora tenha apresentado alguns desequilíbrios e dificuldades. Enquanto as crianças andavam eu fiquei quase o tempo todo com Gabi a ajudando a aprender a andar de bicicleta. Como ela apresentou muita dificuldade de se equilibrar na semana anterior eu optei por tirar os pedais novamente, para que ela pudesse remar com os pés e praticar apenas o equilíbrio com confiança por conseguir pôr os pés no chão e não ter que se preocupar com os pedais. Assim a orientei para que embalasse a bicicleta remando com os pés e logo tirasse os pés no chão tentando percorrer o maior trecho possível sem tocá-los no chão. Eu a acompanhava de perto enquanto fazia o exercício. Dessa forma ela deu diversas voltas pelo clube. Quando ela conseguiu percorrer alguns trechos sem apoiar os pés eu recoloquei o pedal e ela foi praticando a partida e a pedalada com meu apoio. Notei que ela apresentou evolução, porém ainda não conseguiu partir e pedalar sozinha (14A).

Enquanto estava acompanhando Gabi que aprendia a pedalar, vi que outras crianças e adolescentes colocaram garrafas presas entre o quadro da bicicleta e o pneu para fazer barulho. Fazia um barulho semelhante ao motor de uma moto e os/as participantes corriam bastante para fazer um barulho forte. Gabi gostou daquilo e também quis colocar, porém a bicicleta que ela estava usando possuía para-lamas e ele não permitia a fixação da garrafa, além disso, argumentei com ela que a garrafa no pneu a atrapalharia para pedalar, pois ela prenderia um pouco o pneu e ofereceria resistência à pedalada. Notei que Ronaldinho, que na semana anterior ficou chateado pelo mesmo motivo, passou por mim animado com sua bicicleta fazendo barulho (15A).

Durante a atividade, enquanto acompanhava Gabi que estava aprendendo a pedalar, repreendi Ronaldo duas vezes, pois ele estava intimidando Sofia, Tabata, Roberta e outros/as participantes tirando finas em alta velocidade com a bicicleta. Ele também ficava atrás das pessoas menos habilidosas batendo no pneu traseiro com a roda da frente de sua bicicleta. Quando chamava sua atenção o garoto parava, porém fazia novamente quando estava fora do meu campo visual, pois os/as participantes continuavam reclamando de seu comportamento. Quando estava passando com Gabi pela porta do vestiário, vi a educadora Ana Lia repreendendo Ronaldo pelo mesmo motivo, desta vez ele quase derrubou Raiane que ainda estava aprendendo a andar. Ela disse a ele que caso fizesse aquilo novamente ela iria retirar a bicicleta dele, pois estava pondo a segurança das outras pessoas em risco. O garoto disse que não iria mais fazer. Ana Lia me disse que já havia chamado a atenção do garoto diversas vezes, porém ele não a havia atendido e continuava correndo com a bicicleta indo em direção das crianças menores, freando e desviando em cima da hora para assustá-las. Ana Lia disse que inicialmente, quando ela o repreendia, ele alegava que era policial e estava “prendendo os bandidos”, porém mesmo depois de diversos pedidos ele continuou com a prática que assustava as crianças. Continuei com Gabi e quando cheguei ao outro lado do clube me deparei com Ana Lia novamente chamando a atenção de Ronaldo, desta vez ela pediu que ele lhe entregasse a bicicleta, pois ele já havia sido alertado diversas vezes sobre seu comportamento inadequado. Ele negou-se a entregar a bicicleta para a educadora. Percebendo a situação eu pedi para que Gabi me esperasse um pouco e fui até o local pedir para o garoto entregar a bicicleta e ele novamente se recusou. Eu disse a ele que mesmo que não entregasse não iria andar mais de bicicleta e fiquei em sua frente segurando o guidão da bicicleta para que não saísse. Ana Lia me disse que ele estava correndo atrás de Ronaldinho e este último apavorado com a situação tentou pedalar mais rápido para fugir, porém perdeu o controle da bicicleta, trombou contra a lixeira e caiu. Novamente conversamos com Ronaldo sobre o incidente, porém o garoto ficou parado sem falar conosco e sem entregar a bicicleta. Ana Lia estava bastante nervosa com a situação de constante desrespeito por parte de Ronaldo, por isso, solicitei que ela continuasse acompanhando as meninas, porém como eu precisava continuar a auxiliar Gabi, assim que tive oportunidade chamei o educador Flávio que passava por perto para que me substituísse e expliquei a situação em que nos encontrávamos. Flávio disse que também já havia chamado a atenção de Ronaldo diversas vezes. Flávio e Ronaldo ficaram assim por um bom tempo e o garoto só entregou a bicicleta quando começou a chover e todas as crianças tiveram que guardar as bicicletas (16dB).

Eu que estava com Gabi, assim que começou a chover orientei que ela fosse pedalandando em direção à biblioteca para que pudéssemos guardar as bicicletas. Enquanto percorríamos o caminho eu também chamei as crianças que encontrei para nos acompanharmos. Lá chegando Flávio já estava guardando as bicicletas e as crianças e os demais educadores estavam se organizando para outra atividade.

Diário de Campo XI

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Helder, Teodoro, Eiri, Da Lua, Olga.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Ronaldinho, Gabi, David Luiz, Frynkin, Gilberto, Jonas, Messi, Rodolfo, Rodrigo, Júlio César, Maria Joaquina, Lili, Rone.

Logo na roda de conversa inicial Gabi, Ronaldinho e outras crianças já perguntaram aos educadores: “Vai ter bicicleta?”. Foram lembradas de que a primeira atividade do dia seria o *Fútbol Callejero* e depois teriam a bicicleta. Enquanto as crianças encerravam o jogo de

futebol, Flávio foi destrancando as bicicletas para adiantar as coisas. Assim, quando se iniciou a atividade com bicicleta, às dez horas, todas as bicicletas estavam soltas. Com exceção de Lili, que preferiu ficar na biblioteca lendo, as demais crianças participaram da atividade (1A). Com as crianças já em fila, Flávio realizou a distribuição dos capacetes (2A). Depois de distribuir os capacetes Flávio solicitou que as crianças fizessem duas filas, uma para quem queria andar nas bicicletas brancas e outra para as demais bicicletas. Como o número de crianças e os interesses foram compatíveis com as bicicletas disponíveis foi possível entregar a cada criança a bicicleta de interesse sem ocorrência de conflitos (3B). Depois que todas estavam com as bicicletas Flávio as reuniu e alertou sobre a necessidade de cuidado com as bicicletas, pois não tínhamos material nem recursos financeiros para trocar as peças danificadas. Helder alertou sobre a importância de respeitar e dar preferência a passagem dos pedestres. Depois disso as crianças saíram pedalando pelo clube (4B). Rodolfo e Cristiano Ronaldo foram até a lixeira de recicláveis e pegaram garrafas PET para colocarem nos pneus traseiros para que as bicicletas fizessem barulho semelhante ao motor de uma moto. Depois que eles andaram pelo clube as outras crianças ouviram o barulho e quiseram fazer o mesmo (5A). Gabi e Gilberto ficaram com Flávio, pois ambos ainda estavam aprendendo a pedalar. Flávio acompanhava uma das crianças por vez, auxiliava uma por um trecho, retornava e auxiliava a outra. Pouco tempo depois Teodoro foi auxiliar Flávio, assim Teodoro ficou auxiliando e orientando Gilberto enquanto Flávio continuou com Gabi (6A). As demais crianças andavam pelo clube fazendo barulho. Messi e Rodolfo desceram para o campo e ficaram andando nas laterais, dando voltas no campo. Quando retornaram foram questionados pelo educador Eiri sobre a autorização para andar lá. Responderam dizendo que educador Flávio os havia autorizado, porém, quando Eiri perguntou a Flávio, ele respondeu que havia autorizado que andassem apenas na linha de fundo, atrás do gol, como já tinha sido combinado outras vezes. Eiri comentou que Treinador Machado disse que não queria que eles andassem nas laterais e educador Da Lua comentou sobre a necessidade de enfatizar isso para os/as participantes outras vezes (7dB). Aproximadamente as dez e trinta Olga pediu a Flávio que ele encerrassem a atividade, porém ele pediu para que desse mais dez minutos, para que as crianças pudessem andar um pouco mais.

Ronaldinho, ao tentar subir na calçada com a bicicleta, o fez com a bicicleta quase em paralelo com a calçada, o que fez os pneus derraparem e a bicicleta cair. Ele chorou e as crianças que estavam próximas foram socorrê-lo imediatamente e eu que estava do outro lado do clube atravessei a área da piscina para ajudá-lo. Lá chegando notei que não havia sido grave, porém o menino estava com um leve arranhão no cotovelo. Acalmei o garoto e o levei até uma torneira para lavar o ferimento. Ele parou de chorar, lavou o ferimento e assim que terminou pegou a bicicleta novamente para andar. Antes que ele saísse, eu o chamei e disse que iria explicar porque ele havia caído. Assim levei a bicicleta dele até uma calçada semelhante a que ele havia caído e demonstrei o ocorrido. Depois expliquei a ele como ele deveria fazer quando quisesse subir calçadas. Disse que tinha que tocar a calçada com a bicicleta de frente, pois de lado o pneu derrapa e faz perder o equilíbrio. Ele montou na bicicleta, subiu a calçada da forma por mim recomendada e continuou a andar pelo clube. Rodolfo e Maria Joaquina também caíram, ambos os acidentes sem consequências graves. Nesse caso não presenciamos o acidente, apenas fomos informados por eles na ocasião da queda de Ronaldinho (8A). Cristiano Ronaldo falou comigo sobre a possibilidade de colocar um pedaço de pote de margarina para fazer barulho na roda, ele me entregou um pedaço de pote e um prendedor de roupa e me perguntou se eu consigo colocar no pneu para fazer barulho. Segundo ele, um dos funcionários do clube disse que aquilo fazia mais barulho, porém o funcionário não estava mais lá para ajudá-lo. Fizemos algumas tentativas e, em uma delas, obtivemos sucesso, conseguindo o mesmo barulho com menor resistência ao pedalar (9A). Ao final da atividade notei que Gabi estava conseguindo progresso no pedalar, pois ela

conseguia percorrer alguns trechos grandes sem o auxílio de Flávio um, inclusive, quando retornou de onde estava para guardar a bicicleta ao final da atividade (10A). As crianças trouxeram as bicicletas e Flávio as guardou e trancou.

Período da Tarde

Educadores/as: Danilo, Olga, Helder, Leandro, Teodoro.

Educandos/as: Roberta, Hulk, Messi, Sofia, Diego, Jéssica, Luciane, Vivi, Amora, Dudu, Lupita, Anderson, Alberto, Super Mário.

Enquanto aguardava o término do *Fútbol Callejero* eu fui montando o espaço para a brincadeira de queimada que eu havia planejado no horário do almoço e que eu proporia durante a atividade com bicicletas.

Roberta, Sofia e Diego, que estavam brincando no parque, perguntaram: “Vai ter bicicleta?” Eu disse que sim e eles questionaram quando iríamos começar, respondi dizendo que só estávamos aguardando acabar a atividade de Fútbol Callejero. Fui até a quadra para verificar quanto tempo faltava para o término da atividade e Leandro disse que já estavam acabando o último jogo. Diante da fala de Leandro algumas crianças se manifestaram dizendo que gostariam de continuar jogando futebol. Diante disso, disse que começaria a atividade com as bicicletas com as crianças que estavam no parque ansiosas para andar e que, conforme terminassem o jogo, quem estivesse interessado poderia se juntar a atividade (11A). Assim iniciamos a atividade e nesse momento estavam presentes: Roberta, Sofia, Diego, Amora, Lupita, Jéssica, Luciane, Vivi, Alberto e Dudu. Pedi para que sentassem e informei sobre a possibilidade de sairmos com as bicicletas para passeios na rua, porém disse que esses passeios seriam realizados nas próximas semanas com as crianças que estivessem participando adequadamente das atividades, respeitando as regras de trânsito e segurança. Após o informe, as crianças foram pegando os capacetes (12A) e eu fui destrancando as bicicletas e entregando-as para as crianças de acordo com seus interesses, a distribuição foi tranquila, pois as crianças optaram por bicicletas diferentes (13B). Enquanto distribuía as bicicletas notei que as meninas Vivi, Luciane, Jéssica tiravam foto selfie usando o capacete, possivelmente para postar em alguma rede social (14A).

Posteriormente, Hulk e Messi também se juntaram à atividade e pegaram duas bicicletas, porém Hulk teve que trocar a bicicleta, pois a primeira que havia escolhido possuía pedais de alumínio que machucavam seus pés, que estavam sem calçados, assim ele pegou uma bicicleta azul que possuía pedais plásticos que já havia usado na semana anterior (15B).

No início da atividade reuni as crianças perto da portaria ao lado do espaço que havia montado para a brincadeira que eu proporia. Um retângulo de corda delimitava a área de jogo, espaço pelo qual as crianças passariam com as bicicletas. Disse que faríamos um jogo como queimada. Mostrei a eles um balde com bolinhas de jornal por mim confeccionadas e disse que eu ficaria do lado de fora do retângulo tentando acertá-los com jogando as bolinhas quando eles estivessem passando. Caso eu acertasse alguém, esta pessoa encostaria a bicicleta e me ajudaria a queimar outras pessoas e retornaria ao circuito com a bicicleta assim que queimasse alguém. As crianças se mostraram animadas com o jogo e assim que saíram com as bicicletas começaram a passar pela área demarcada me desafiando a acertá-las. Amora e Sofia, apesar de animadas, se mostraram receosas em atravessar o campo de jogo.

C.O. O receio em passar não sugeria desaprovação da atividade e sim o desafio que ela representava, pois elas pareciam bastante animadas.

A atividade foi bem divertida e embora houvesse as regras inicialmente propostas, no decorrer do jogo algumas crianças continuaram queimando, pois gostavam muito desse papel

e em contra partida, outras que se sentiam mais desafiadas em passar ficavam passando continuamente, mesmo quando eram queimadas.

Da Lua se juntou a nós e também ajudou-nos a queimar algumas crianças durante o jogo. Ao final ele comentou que sentiu que as crianças gostaram bastante de brincadeira de queimada, lembrou que em determinado momento Amora pegou mais bolinhas do que conseguia efetivamente carregar (16A).

Durante a atividade, Lupita ficou com Helder praticando, pois ainda não sabia andar de bicicleta. Enquanto Helder a ajudava notei que ela estava indo bem, pois estava pedalando bem melhor que nas últimas vezes que eu a havia ajudado tempos atrás. Posteriormente, Helder comentou que Lupita disse a ele que nunca havia andado de bicicleta no projeto. Ele também comentou que ela estava com um equilíbrio muito bom e que faltava pouco para que conseguisse andar sozinha (17A).

C.O. Fiquei surpreso com a participação de Lupita, pois ela participou das atividades com bicicleta poucas vezes, normalmente prefere brincar no parque ou fazer massinha (18A).

Vivi, Luciane e Jéssica, que iniciaram conosco a atividade e, inclusive, participaram do jogo de queimada com bicicletas, logo pararam e ficaram do lado de fora da grade da piscina conversando do com um grupo de meninos que treinam futebol e que naquele momento estavam na piscina. Ficaram conversando com eles até que fossem chamadas pelos educadores para o encerramento das atividades (19A).

Próximo ao final da atividade Anderson e Super Mário se aproximaram para participar da atividade. Super Mário não quis andar de bicicleta, porém ficou até o final da atividade brincando no jogo de queimada queimando as crianças que passavam de bicicleta (20A). Anderson estava observando de fora, educador Da Lua e eu o convidamos para participar e ele disse que não queria. Eu disse a Da Lua, em particular, que pegaria uma bicicleta e um capacete e o convidaria para usá-la. Aproximei-me do garoto com a bicicleta, porém ele não aceitou a proposta. Deixei a bicicleta encostada em uma árvore e continuei no jogo de queimada. Da Lua se aproximou do garoto e insistiu convidando-o para andar de bicicleta. O garoto disse que só conseguia andar em bicicletas tipo BMX, que são menores. Da Lua então o chamou para pegar outra bicicleta, uma BMX, e ambos foram para os fundos do clube. De longe notei que o garoto não conseguia andar na bicicleta mesmo com a ajuda de Da Lua. Ambos se aproximaram de mim com a bicicleta e Da Lua perguntou se teria como abaixar o banco da bicicleta. Eu respondi dizendo que havia me esquecido de levar minha ferramenta pessoal que temos utilizado para soltar o parafuso que fixa o canote e que não poderíamos abaixá-lo. O menino era alto e aparentemente a altura do banco era adequada, porém o garoto aparentava medo de subir na bicicleta. Da Lua voltou com o garoto para guardar a bicicleta. Nesse momento, como estava próximo da biblioteca, Da Lua pegou duas revistas Kappa que possuíam reportagens sobre o Projeto de Educação Ambiental e Lazer PEDAL, grupo que realiza viagens em bicicletas e mostrou ao garoto algumas fotos das ciclovagem que estavam nas revistas (21A).

Helder e eu encerramos as atividades, Helder acompanhou as crianças para guardarem as bicicletas e eu recolhi os materiais usados na atividade. Eu e Leandro guardamos e trancamos as bicicletas enquanto Helder guardou os capacetes.

No final, em conversa entre os educadores, Da Lua comentou que Anderson estava bastante obeso e que o garoto tinha dificuldade de mobilidade, aparentemente pelo excesso de peso. Segundo Da Lua, o menino tinha muito medo de cair e não conseguiu realizar nenhuma tentativa de andar nas bicicletas. Da Lua disse que os educadores deveriam ficar atentos durante as atividades e buscar sempre trabalhar com ele cuidando para fortalecer sua autoestima. Leandro comentou que essa situação lembrava um pouco a chegada de André no projeto e que deveríamos fazer trabalho semelhante. Da Lua comentou que na atividade de futebol ele só ficou no gol e logo depois saiu, disse que ele estava parando de fazer as coisas e

que deveríamos ficar atentos com as brincadeiras e reclamações de outras crianças. Sandro disse que sofreu com isso quando criança, pois ele era obeso e disse que essa é uma situação bastante difícil. Da Lua disse a Sandro para conversar sobre o assunto com Anderson quando tiver oportunidade (24B).

Diário de Campo XII

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Max, Hilana.

Eduandos/as: Cristiano Ronaldo, Rodrigo, Júlio César, Rone, Ronaldinho, Thor, Maria Joaquina, Rodolfo, Robson, Gabi.

Terminado o Pé na Lata, Flávio reuniu as crianças em roda e comentou que iniciariamos o dia com a atividade com bicicleta. Das dez crianças presentes apenas Lili e David Luiz informaram que não iriam participar da atividade (1A). Ainda na roda conversamos sobre a necessidade de limpeza e manutenção das bicicletas que já estavam sendo usadas há bastante tempo e estavam sem qualquer tipo de manutenção. Em um primeiro momento Cristiano Ronaldo disse que não iria limpar as bicicletas. Dissemos que tínhamos que manter as bicicletas funcionando e Flávio sugeriu que fizéssemos a limpeza das bicicletas logo no início da atividade. As crianças e adolescentes não gostaram muito da ideia e reclamaram dizendo que assim não iriam andar de bicicleta. Sugeri então que começássemos a andar e depois eu chamaria duas pessoas de cada vez para fazer a limpeza das bicicletas. Argumentei que assim todos poderiam andar e limpar as bicicletas, mesmo porque nós não tínhamos escovas e pincéis para todas as pessoas fazerem a atividade ao mesmo tempo. Os/as participantes concordaram e iniciamos a atividade (2A).

Lembramos as crianças que deveriam primeiro pegar os capacetes (3A). Cristiano Ronaldo se levantou bastante animado e já começou a organizar uma fila para distribuição dos capacetes, pediu ao educador Sandro que o deixasse pegar os capacetes na biblioteca para começar a distribuição. Assim ele ajudou a pegar e distribuir os capacetes, inclusive auxiliando as crianças menores na colocação e ajuste (4B). Enquanto isso, Flávio destrancava as bicicletas e eu fui montar o espaço em que faríamos o jogo de queimada com a bicicleta. Peguei as cordas e bolinhas de jornal e me dirigi até próximo da portaria onde organizei o espaço, demarcando a área de jogo fazendo um retângulo de aproximadamente 7x4 metros com as cordas.

Flávio fez a distribuição das bicicletas, ele disse que o processo foi tranquilo, pois não houve necessidade de revezamento e no geral todos tiveram seus interesses atendidos uma vez que havia mais bicicletas do que crianças. Segundo ele as crianças aguardaram calmamente a distribuição. Flávio entregou primeiro a bicicleta branca de tamanho 21 para o Rodolfo que era o mais alto da turma, na sequência e atendendo aos pedidos das crianças, entregou a BMX azul para Thor, a infantil rosa para Ronaldinho, a infantil amarela para Gabi, a bicicleta branca de tamanho 19 para Cristiano Ronaldo e as brancas de tamanho 17 para Rone e Robson. Rodrigo e Maria Joaquina não quiseram andar nas bicicletas brancas, pois segundo eles são grande demais. Maria Joaquina então pediu a bicicleta grande azul, por achar que esta é menor que as demais. Flávio a ensinou a subir passando o pé por trás da bicicleta, pois ela tinha dificuldades de passar o pé por cima do tubo superior do quadro. Ele também a orientou a descer do banco toda a vez que parasse a bicicleta, para que alcançasse o pé no chão e assim sentisse mais confiança. Ela saiu para dar uma volta e logo retornou pedindo para trocar, pois também achou a bicicleta muito grande. Ela pediu então uma bicicleta BMX e Flávio ofereceu a vermelha que estava sem uso, porém a menina não quis, pois esta bicicleta tinha apenas um

freio. Flávio então conversou com Victor sobre a possibilidade de trocar de bicicleta e ele aceitou e pegou a bicicleta azul grande, porém Thor também não se deu bem com a bicicleta grande azul e trocou, pegando a BMX vermelha que estava sem uso. Assim Maria Joaquina ficou com a BMX azul. Rodrigo, no entanto, não tendo mais bicicletas BMX disponíveis e observando a dificuldade dos colegas com a bicicleta azul grande, optou por utilizar a branca 17 que estava sem uso e, embora ainda fosse um pouco grande para sua estatura, conseguiu pedalar com ela (5B).

Enquanto ocorria a distribuição das bicicletas Cristiano Ronaldo comentou comigo que David Luiz não queria andar, pois na semana anterior ele havia caído de bicicleta e quebrado os dois dentes da frente na queda. Perguntei se ele havia caído no projeto, Cristiano Ronaldo respondeu positivamente e complementou dizendo que ele havia caído ao tentar acompanhar outros meninos que desciam um barranco próximo à quadra, e que caiu quando, ao final do barranco, a roda atingiu um degrau de cimento projetando-o para frente da bicicleta com a boca no avanço. Como eu não estava presente na semana do acidente, eu fui saber mais sobre o acidente com os outros educadores e Hilana me disse que Álvaro organizou a atividade com as crianças na semana anterior e que assim que o acidente aconteceu a mãe foi comunicada e foi buscar o garoto. Posteriormente a mãe do garoto disse aos educadores que o levou ao dentista e que ele faria a restauração dos dentes, comentou que um deles já era restaurado, pois havia quebrado em outra ocasião, apenas ou outro havia lascado no acidente.

C.O. Eu achei estranho quando David Luiz disse que não queria participar da atividade. Também fiquei preocupado com a organização da atividade com bicicleta e necessidade de atenção para não deixar que as crianças se arrisquem em manobras que não são compatíveis com seu grau de habilidade, principalmente porque uma tenta imitar a outra, porém nem sempre estão aptas a tais experiências (6B).

Terminada a distribuição das bicicletas eu reuni as crianças e as acompanhei até a área da queimada para propor e explicar o funcionamento do jogo de queimada que eu havia desenvolvido com as crianças da tarde na semana anterior. Mostrei o retângulo demarcado com cordas e disse que uma pessoa ficaria do lado de fora com bolinhas de jornal para jogar e queimas os ciclistas quando estes passassem com a bicicleta no retângulo demarcado. Caso um ciclista fosse atingido no corpo ele trocava de lugar com a pessoa que o queimou e saíria dessa função assim que queimasse outra pessoa. Após a explicação, iniciamos a brincadeira, as crianças andavam pelo clube e quando passavam pela área em questão fugiam das bolinhas arremessadas (7A).

Assim que a brincadeira se encaminhou eu fui organizar os materiais para a limpeza das bicicletas. Segui até a biblioteca para pegar a mistura de detergente com limão, cujos ingredientes eu havia comprado pela manhã e misturado na ocasião da distribuição das bicicletas, as duas escovas de dente velhas, três potes plásticos e os dois pincéis que eu havia trazido de casa para a atividade. Logo que cheguei com os materiais Cristiano Ronaldo se aproximou e perguntou se ele poderia começar a limpar sua bicicleta. Disse a ele que sim e ele rapidamente convidou Rodolfo, que prontamente o atendeu, acompanhando na atividade. Reunimo-nos em uma sombra próxima a mangueira com esguicho para que pudéssemos lavar as bicicletas. Antes de iniciar expliquei sobre a necessidade de limpeza das correntes da bicicleta para retirar a areia e sujeira que fazem a transmissão se desgastar. Disse a eles que, embora pudéssemos utilizar solventes como gasolina para fazer a limpeza, eu havia optado por utilizar uma mistura de detergente com limão por ser biodegradável e funcionar muito bem. Comentei sobre os cuidados com o uso do limão para não haver queimaduras devido a exposição solar. Disse que inicialmente retiraríamos a sujeira sólida acumulada nas roldanas do câmbio traseiro com alguma haste de material resistente, no caso utilizamos cabo de colheres descartáveis. Demonstrei um pouco do processo e os dois deram continuidade em

suas bicicletas. Depois iniciamos a limpeza da corrente utilizando a escova de dente e a mistura de detergente. Coloquei um pouco da mistura em um pote entreguei a cada um dos garotos juntamente com uma escova. Demonstrei o processo de limpeza esfregando a escova com o produto em todas as faces da corrente, movendo o pedivela para limpar toda a corrente. Os garotos deram continuidade. Posteriormente eu disse que com os pincéis eles fariam a limpeza das coroas do pedivela e do cassete. Finalizada a transmissão disse que deveriam limpar com os pinceis também as articulações do v-brake, bengalas da suspensão e movimento central. Cristiano Ronaldo e Rodolfo quiseram aproveitar para limpar a bicicleta passando o pincel em todo o quadro da bicicleta. Depois pegamos o esguicho e jogamos água para tirar a sujeira removida juntamente com o detergente. Disse a ele para deixar a bicicleta no sol por alguns minutos para que secasse e assim pudéssemos lubrificar a transmissão (8A).

Enquanto limpávamos as bicicletas, Rodolfo e Cristiano Ronaldo disseram que gostavam muito de mexer nas bicicletas e de limpá-las como estavam fazendo. Rodolfo inclusive sugeriu fazer isso todas as semanas. Eu disse a ele que se fizéssemos o que ele sugeriu, nós não teríamos tempo para andar com as bicicletas. Ele então disse que deveríamos ter outro dia da semana para nos reunirmos e fazer a manutenção das bicicletas. Comentei que logo iríamos fazer saídas com as bicicletas e eles ficaram muito animados com a possibilidade.

C.O. Fiquei surpreso com tal interesse, mesmo porque no momento em que anunciamos a atividade Cristiano Ronaldo havia dito que não iria limpar as bicicletas (9A).

Quando Cristiano Ronaldo acabou de lavar sua bicicleta Robson se aproximou e perguntou o que estavam fazendo, Cristiano Ronaldo explicou e disse que depois ele teria que lavar a bicicleta que estava também. Robson perguntou se poderia lavar naquele momento e eu respondi positivamente e solicitei que Cristiano Ronaldo explicasse a ele como fazer enquanto eu ajudava Rodolfo a terminar a limpeza da dele. Cristiano Ronaldo explicou ao garoto cada passo e o garoto seguiu as orientações. Enquanto isso Thor e Maria Joaquina também se aproximaram interessados em limpar as bicicletas BMX que estavam utilizando. Expliquei o processo e demonstrei um pouco em uma das bicicletas. Ambos fizeram a limpeza rapidamente, pois as bicicletas não possuíam marchas. Também perguntaram se poderiam lavar o restante da bicicleta com o pincel e eu disse que sim e eles foram limpando toda a bicicleta. Robson, ouvindo aquilo, me perguntou se também poderia lavar o resto da bicicleta e eu disse que sim, ele então virou a bicicleta de cabeça para baixo esfregou minuciosamente o pincel com detergente por toda a bicicleta, inclusive nos pneus. Eu observando aquilo, disse que não havia necessidade de lavar os pneus, pois para guardar a bicicleta teria que passar com os pneus na terra, porém mesmo assim ele terminou a limpeza. Finalizada o processo de limpeza foi feito o enxague de todas as bicicletas, primeiro a de Maria Joaquina, depois a de Thor, que se divertiu bastante com a rotação que o jato de água provocava nos pedais e, finalmente, enxaguamos a de Robson. Enquanto Robson enxaguava a bicicleta, Cristiano Ronaldo, sob minha orientação, fez a lubrificação da transmissão de sua bicicleta. Utilizamos um óleo lubrificante em aerossol. Na sequência Rodolfo também fez a lubrificação de sua bicicleta (10A).

Rodolfo e Cristiano Ronaldo disseram que iriam dar uma volta com a bicicleta. Cristiano Ronaldo montou na bicicleta e quando ia saindo se lembrou do capacete comentou: “esqueci o capacete!” e retornou para pegá-lo (11A).

Rodolfo saiu animado com sua bicicleta comentando comigo como ela havia ficado bonita limpa. Quando Cristiano Ronaldo e Rodolfo saíram, se aproximaram sem que eu chamasse, Ronaldinho e Rodrigo, eles vieram para lavar as bicicletas e eu comentei com eles que o tempo havia acabado e que poderíamos fazer isso na semana seguinte.

C.O. Fiquei surpreso com o interesse de Rodrigo em lavar a bicicleta, pois eu já o havia chamado em outro momento, antes de Victor e Maria Joaquina aparecerem, e ele disse

que não queria, talvez o interesse e comentários das outras crianças o tenham motivado (13A).

Enquanto eu auxiliava na limpeza das bicicletas as crianças permaneceram brincando no jogo de queimada e andando pelo clube. Em um dos momentos que observei a brincadeira notei que Rodrigo, Júlio César e Rone não queriam passar na queimada. Houve reclamações das pessoas que estavam queimando por esse motivo. Flávio, percebendo a situação, orientou as crianças dizendo que ninguém era obrigado a passar pela área da queimada, somente passariam aqueles que quisessem. Nesse momento Maria Joaquina disse que ela iria passar pela queimada porque era mais legal (14A).

Também durante a atividade de bicicleta Gabi, que ainda estava aprendendo a pedalar, ficou treinando com a ajuda de Flávio. Ela precisava de pouco apoio no começo e notei que no final da atividade estava conseguindo pedalar trechos de aproximadamente dez metros sem ajuda, porém sob orientação e os estímulos do educador Flávio. Durante o treino ela sofreu pequenas quedas sem gravidades na grama. No final da atividade Flávio a deixou sozinha e ela seguiu fazendo trechos pedalando sem qualquer tipo de ajuda (15A).

Encerramos a atividade eu recolhi os materiais utilizados na limpeza das bicicletas e também os utilizados no jogo de queimada. As crianças foram para o *Fútbol Callejero* juntamente com Max. Flávio guardou as bicicletas.

Ao final da atividade Flávio comentou que durante o treino de Gabi ela parava de pedalar e deixava-o empurrando a bicicleta, ele comentou que chamou sua atenção algumas vezes para que ela pedlasse e prestasse atenção no caminho. O educador Flávio também disse que Cristiano Ronaldo foi bastante animado mostrar para ele a bicicleta que havia limpado (16A). Flávio comentou também que quando foi chamar Rodolfo para encerrar a atividade, o garoto reclamou, pois havia acabado de limpar a bicicleta e já estava tendo que guardar antes que pudesse andar mais.

Período da Tarde

Educadores/as: Leandro, Max, Helder, Eiri, Maria Luiza (NUMI).

Educandos/as: Ronaldo, Raiane, Sofia, Sardinha, Roberta, Diego, Robinho, Lupita, Super Mário, Dudu, Peppa, Duarte, Ben10, Guerreiro, MC'Gui, Alberto.

Encerrado o jogo de Polícia e Ladrão as crianças já perguntaram se a próxima atividade seria com bicicleta, dissemos que sim e logo todos se dirigiram para a garagem próxima a biblioteca (17A). Enquanto caminhávamos perguntei a Robinho se ele já podia andar de bicicleta, pois havia acabado de se recuperar de uma fratura no cotovelo. Ele disse que sua mãe havia dito que ele já poderia andar de bicicleta. Para confirmar a informação perguntei também para sua irmã Roberta e ela também respondeu positivamente

Chegando lá peguei as chaves para destrancar as bicicletas e Eiri reuniu as crianças e realizou um alongamento com elas. Ele perguntava quais partes do corpo usava para andar de bicicleta e perguntava se alguém conhecia algum movimento de alongamento para fazer, com a sugestão feita pelas crianças ele e as demais crianças repetiam o movimento sugerido e faziam uma contagem de quinze segundos. Enquanto isso eu destrancava as bicicletas e as tirava da gaiola e assim que terminei Eiri encerrou o aquecimento perguntando para as crianças se elas estavam preparadas para andar de bicicleta e elas responderam em coro negativamente e disseram que ainda estava faltando os capacetes. Helder e Leandro iniciaram a distribuição dos capacetes (18A).

Eu solicitei que as crianças fizessem duas filas, uma para quem queria as bicicletas brancas novas e outra para as demais bicicletas. Comecei a distribuição das bicicletas brancas,

pois havia apenas quatro crianças e seria possível atender a todas sem necessidade revezamento. Assim Ronaldo ficou com a branca de tamanho 19, e Roberta, Duarte, Sardinha e Guerreiro ficaram com as brancas de tamanho 17. Sofia ficou com a BMX azul, MC'Gui com a BMX vermelha, porém foi necessário abaixar o banco e inclinar o guidão para trás para que ele alcançasse o manete de freio. Alberto ficou com a verde infantil média. Neste dia haviam mais crianças pequenas e uma das bicicletas infantis estava sem uso por falta de peça para manutenção, assim Raiane, Robinho, Peppa, Lupita e Dudu tiveram que revezar as três bicicletas infantis disponíveis, porém Raiane reclamou e disse que não iria revezar a bicicleta. Conversei com ele e disse que se ela não revezasse com os colegas não poderia andar, pois seus colegas não iriam poder andar se a bicicleta ficasse apenas com ela. Ela continuou reclamando e disse que iria revezar apenas uma vez. Assim Raiane iniciou com a infantil verde, Robinho com a amarela e Peppa com a rosa. Diego ficou fora da atividade no início, pois Eiri o havia deixado de castigo devido ao seu mau comportamento na atividade anterior, após cinco minutos ele começou a participar (19B).

Quando todos estavam com a bicicleta os chamei para seguirem até perto da portaria onde faríamos um jogo de queimada com as bicicletas, levei comigo as cordas para fazer a demarcação do espaço e com a ajuda de Eiri e Maria Luiza montamos a área de jogo. Reunimos as crianças para apresentar o jogo. No momento que eu ia iniciar explicação do funcionamento e regras do jogo, Sofia e Roberta, que participaram da atividade na semana anterior, quiseram explicar o jogo para os colegas. Disse a elas que aguardassem as demais crianças. Ronaldo que foi o último a se juntar ao grupo, novamente começou a se afastar, pedi para que ficasse para que pudéssemos iniciar ele disse que queria tomar água e eu pedi que aguardasse a explicação da atividade e depois fosse beber água mesmo assim o garoto foi tomar água. As outras crianças estavam ansiosas para começar então pedi para que as garotas explicassem. Roberta iniciou a explicação da queimada com bicicletas e Sofia a auxiliou dando mais detalhes. Antes que comessem lembrei que a pessoa só estaria queimada quando fosse atingida no corpo, ou seja, não valendo, portanto, boladas na bicicleta ou capacete. Disse também que quem fosse atingido deixaria a bicicleta e nesse momento quem estivesse esperando para revezar poderia utilizar a bicicleta. Ronaldo chegou algum tempo depois reclamando que não sabia como jogar e eu disse a ele que no momento em que pedi para que ouvisse a explicação ele havia optado por ir tomar água e que ele poderia perguntar as regras para algum dos colegas que estavam brincando, então ele foi falar com Sardinha que explicou para ele o jogo.

Eu iniciei a brincadeira atirando a primeira bola e queimando a primeira criança que passou. Educador Eiri e educadora Maria Luiza também entraram no jogo. No início do jogo algumas crianças e adolescentes não quiseram passar pela área da queimada, pouco tempo se passou e todas as pessoas estavam passando animadas. Eu também peguei uma bicicleta para participar da atividade e brinquei com o grupo por algum tempo. Maria Luiza e Eiri participaram da atividade, tanto queimando aqueles que passavam quanto tentando passar com a bicicleta e sendo queimados.

C.O. Tive a impressão que Raiane não queria passar por medo de ser queimada e ter que passar a bicicleta para outra criança. Notei que depois de algum tempo na brincadeira ela passou a não se importar com isso (20A).

Notei que Ben10, irmão de Peppa, não havia participado da atividade por preferir ficar no parquinho, se aproximou do jogo de queimada quase no final da atividade. Ele quis jogar bolinhas para queimar as outras crianças que passavam e eu lhe entreguei algumas bolinhas. Notando que Ben10 entrava na área de jogo para pegar as bolinhas sem olhar se vinha bicicletas, eu o chamei disse para que tivesse cuidado quando fosse pegar as bolinhas no chão na área em que as bicicletas passam. Também orientei Robinho e Raiane sobre o risco de serem atropelados se entrassem correndo na frente das bicicletas para pegar as bolinhas.

Lembrei-os de que era necessário olhar antes para verificar se não estava vindo nenhuma pessoa em bicicleta. Enquanto brincávamos perguntei a Ben10 se ele sabia andar de bicicleta e ele disse que não, perguntei se ele queria aprender a andar e ele não respondeu. Em uma das voltas pelo clube Ronaldo se acidentou, estava pedalando de chinelo e em determinado momento cortou o pé na coroa do pedivela. Helder o socorreu, o levou para lavar o ferimento e fez um curativo. Helder o orientou a vir sempre de tênis. O ferimento não foi grave e o garoto começou a pedalar assim que Helder terminou o curativo (21A).

Neste dia Lupita conseguiu andar sozinha grandes distâncias, porém sempre acompanhada por Roberta que a auxiliava a apoiando na partida e a acompanhava ao lado para que não caísse. Além disso, Roberta cuidava para que as outras crianças revezassem a bicicleta com Lupita (22B). Durante a atividade noto que Peppa também não sabia andar de bicicleta, ela deslocava a bicicleta remando com os pés no chão. Eiri a orientou em alguns momentos ajudando a andar equilibrando a bicicleta. Quase no final também a orientei por alguns minutos e ajudei a pedalar. Noto que Peppa estava muito nervosa e um tanto afobada, pedi para que ficasse calma e repetia tal pedido antes do início de cada nova tentativa. A garota mantinha um bom equilíbrio, porém se desesperava quando notava que eu soltava a bicicleta (23A). Leandro sinalizou que o tempo da atividade havia acabado. As crianças foram guardar as bicicletas e eu acompanhei Peppa até a gaiola das bicicletas. Chegando fui guardando as bicicletas que as crianças deixavam e Sardinha quis me ajudar. Ele me ajudou a guardar todas as bicicletas colocando-as uma a uma na gaiola. Peppa e Raiane queriam continuar a andar de bicicleta e insistiram nos pedidos. Eu então disse a elas que poderiam andar até que eu guardasse as bicicletas maiores, assim elas andaram de bicicleta por mais cinco minutos. Ao final do dia Eiri comentou entre os educadores que gostou da brincadeira de queimada e disse que ela promoveu uma dinâmica desafiadora e divertida que auxiliou no revezamento das bicicletas (24A). Leandro comentou que enfrentou dificuldades para encontrar capacetes para todas as crianças pequenas e eu disse a ele que existem alguns que são um pouco menores, porém que precisam ser ajustados, pois não possuímos capacetes especificamente infantis (25A).

Diário de Campo XIII

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Helder, Eiri, Hilana.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Rodrigo, Júlio César, Rone, Ronaldinho, Thor, Maria Joaquina, Rodolfo, Gabi, David Luiz, Frynkin, Ibrahimovic, Lili.

O jogo de *Fútbol Callejero* precedeu a atividade de bicicleta e demorou um pouco mais tempo do que estava programado. Como notamos que o jogo ainda iria demorar a acabar, Flávio e eu preparamos os materiais para a atividade com bicicletas, eu destranquei as bicicletas, as tirei da gaiola e separei-as por tamanho e Flávio foi separando capacetes de acordo com o número de participantes e os colocando sobre uma mesa para facilitar a distribuição. Eu aproveitei o momento para calibrar os pneus de uma das bicicletas que percebi estavam vazios, pois não teríamos muito tempo para atividade. Antes que a atividade começasse Lili perguntou para educadora Hilana o que as pessoas que não iriam andar de bicicleta iriam fazer. Hilana comentou que ainda iriam decidir e a questionou sobre o motivo da pergunta. Lili disse que não queria andar. Hilana comentou que antes ela sempre andava e perguntou se havia acontecido alguma coisa. Lili respondeu que não, apenas disse que não gostava muito. Posteriormente Hilana comentou comigo que achava estranha a atitude de Lili, pois antes ela sempre participava. A educadora comentou ainda que ela também não tem se

envolvido em outras brincadeiras que exigem maior movimentação, preferindo sempre atividades de leitura, escrita e jogos de tabuleiro. Comentei com Hilana que anteriormente ela estava empolgada, pois estava aprendendo, mas agora não se interessava como os/as demais, talvez por não possuir uma relação com a bicicleta como as outras crianças e adolescentes. Hilana levantou a hipótese de que Lili não se interessava pela atividade, pois a grande maioria dos participantes do período da manhã é do sexo masculino, e apenas eventualmente participava outra menina (1dB)

Frynkin, Rone e Rodrigo não estavam participando do futebol, eles encontravam-se envolvidos com a produção do jornalzinho, porém esta já havia terminado e eles solicitavam repetidamente para andar de bicicleta (2A). Dissemos a eles que estávamos aguardando os colegas do futebol para começar a andar com as bicicletas. Comentei com eles que na semana anterior havíamos iniciado a limpeza das bicicletas e perguntei se gostariam de ajudar hoje, assim poderíamos ir fazendo a limpeza enquanto aguardávamos os demais. Os garotos toparam. Então Rone, Frynkin, Rodrigo e eu pegamos três bicicletas e também potes plásticos, escovas, pincéis e detergente para fazer a limpeza. Encostamos as bicicletas no muro em uma sombra próxima a uma torneira que possuía uma mangueira com esguicho. Expliquei o processo de limpeza, demonstrando brevemente em uma das bicicletas. Comentei sobre a importância de manter a transmissão da bicicleta limpa para que dure mais tempo e sobre os pontos que deveriam ser limpos como: corrente, cassete, coroas e roldanas do câmbio. Comentei a possibilidade de utilizar solventes como gasolina e que optamos por usar detergente por ser biodegradável e menos poluente. Eles perguntaram se poderiam lavar o resto da bicicleta e eu disse que sim. Os garotos iniciaram a limpeza e eu fiquei orientando e tirando dúvidas das crianças durante o processo. Quando estávamos próximos ao final do processo notei que as outras crianças estavam saindo do futebol (3A). Flávio as acompanhou e organizou a distribuição das bicicletas e capacetes. Cristiano Ronaldo e Rodolfo logo apareceram com as bicicletas brancas, exatamente aquelas que haviam limpado na semana anterior. Ronaldinho e Gabi vieram logo depois com as bicicletas infantis, verde e amarela respectivamente (4B). Notei que Gabi já estava conseguindo pedalar sem ajuda (5A). Assim que terminaram de enxaguar, comentei que esperaríamos a corrente secar e, no momento em que fôssemos guardar as bicicletas, lubrificaríamos as correntes das bicicletas, no entanto Frynkin, Rone e Rodrigo disseram que queriam andar com as bicicletas. Disse aos três que faltava pouco tempo para acabar a atividade e que poderiam andar um pouco, então eles rapidamente se juntaram ao demais com as bicicletas brancas de tamanho 17 que haviam acabado de limpar (6A).

Posteriormente educador Flávio comentou que, no momento que os/as participantes chegaram do futebol já eram 10h23min e que disse ao grupo que haveria pouco tempo, pois a atividade terminaria às 10h30min. As crianças e adolescentes insistiram dizendo que queriam andar de bicicleta ao menos um pouco. Assim, Flávio, em conversa com educadora Hilana, decidiu ampliar o horário de encerramento para 10h40min. Informaram os/as participantes sobre a ampliação do horário, porém informaram sobre a necessidade de retornarem imediatamente quando fossem chamadas ao final da atividade e o grupo concordou (7A). Flávio informou que não poderiam andar no campo quando Rodolfo perguntou sobre essa possibilidade. Flávio lembrou as crianças que também não poderiam ir atrás das quadras e deveriam ter cuidado com os pedestres sempre dando preferência a eles. Flávio também pediu para as crianças verificarem os pneus, porém notou que as crianças responderam que não precisava sem verificar adequadamente, tanto que Gabi teve que retornar para calibrar o pneu de sua bicicleta logo que saiu (8A).

Antes de entregar as bicicletas, educador Flávio também enfatizou para os/as participantes não derraparem com as bicicletas, pois os pneus já estavam ficando carecas e logo algumas ficariam sem uso pois não tínhamos pneus para reposição. Flávio comentou que

pouco tempo depois Ronaldinho foi falar com ele durante a atividade. O garoto disse a ele que sem querer foi parar a bicicleta e ao usar apenas o freio traseiro a bicicleta havia derrapado. Flávio comentou que teve a impressão que o garoto estava preocupado com o combinado de não derrapar com as bicicletas, feito no início da atividade (9B).

Flávio também comentou que ficou surpreso com Gabi, pois ele havia pedido para que ela o esperasse para que pudesse acompanhá-la, pois ainda estava aprendendo, porém ele disse que quando se virou para entregar outra bicicleta notou que Gabi já estava andando sozinha e já estava longe dele. Helder disse que observou que a avó e o tio de Gabi, que estavam no clube naquele dia, ficaram incentivando-a e dando parabéns para a garota quando ela passava de bicicleta por eles (B).

Enquanto as crianças andavam notei que Cristiano Ronaldo colocou garrafas nos pneus e convidou Rodolfo a fazer o mesmo. Ambos ficaram andando pelo clube fazendo barulho ao pedalar bem rápido. Hilana achou estranho Cristiano Ronaldo colocar a garrafa no pneu, ela me perguntou por que ele estava fazendo aquilo e eu disse que eles gostavam, pois fazia um barulho que se assemelhava ao de um motor. Ela disse que nunca tinha visto aquilo (11A).

Ibrahimovic, que foi um dos últimos a chegar do futebol, queria uma bicicleta branca, porém todas estavam ocupadas. Ofereci outra e ele não quis, decidiu esperar. Pouco tempo depois ele foi falar com educador Flávio que o alertou que o tempo da atividade estava acabando e o garoto desistiu de participar (12dB). Eu continuei na limpeza das bicicletas e fiz a limpeza de mais uma delas. A lubrificação das bicicletas limpas foi feita por mim no momento em que as guardei ao final da atividade. As crianças e adolescentes foram chamadas pelo educador Flávio para iniciarem a roda de conversa final, no geral os/as participantes reclamaram da curta duração da atividade de bicicleta neste dia (13A).

Na roda de conversa, Helder perguntou de que tinham gostado e Rone disse que tinha gostado de andar de bicicleta. Gabi também disse que gostou, Helder perguntou se ela havia achado o tempo suficiente e ale disse que sim. Porém Flávio comentou comigo posteriormente que parecia que ela queria andar mais tempo, pois quando parou para calibrar o pneu dela, ela queria terminar rápido e estava muito ansiosa para continuar andando, assim como quando chegou a momento de guardar e ela queria ir de bicicleta chamar as outras crianças (14A).

Educador Helder perguntou se andar dentro do clube era igual andar na rua. Rodolfo e Cristiano Ronaldo disseram que na rua é bem mais legal (15C). Helder perguntou se eles seguiam as regras e respeitavam os pedestres quando andavam na rua. As crianças responderam que sim. Ele então perguntou se todos usavam capacetes quando andavam de bicicleta na rua. Diversas crianças disseram que não usavam, dentre eles Rodolfo e Cristiano Ronaldo, este último inclusive disse que não possuía um capacete. Helder comentou que é importante seguir as regras dentro do clube e também na rua, pois as regras de segurança que utilizamos para andar no clube servem para ajudar quando andamos na rua (16A). Antes de encerrarem a conversa perguntei para as pessoas que haviam feito a limpeza da bicicleta como havia sido a experiência. Os garotos responderam que acharam legal. Perguntei se seria possível fazer outras vezes. Eles responderam que sim. Eu disse ao grupo que isso era importante para manter as bicicletas funcionando adequadamente. E que seria importante estabelecer uma rotina para isso (17A). Rodolfo perguntou que dia que sairíamos para andar na rua e eu disse que os educadores estavam combinando um dia para sair, porém ainda não havia nenhuma data especificada (18C).

Período da Tarde

Educadores/as: Leandro, Max, Helder, Eiri.

Educandos/as: Raiane, Lindinha, Mel, Tabata, Sofia, Sardinha, Roberta, Diego, MC'Gui, Guerreiro, Duarte, Peppa, Ben10, Robinho, Lupita, Dudu, Hulk

As crianças estavam brincando de pega-pega com Leandro, enquanto isso eu montei o jogo de queimada para bicicleta que Guerreiro havia solicitado no momento que chegou ao clube. Neste dia também montei a rampa gangorra de bicicletas que fazia tempo que não usávamos, também montei um elástico para passar no caminho de cimentado e a corda para passar com a bicicleta, de modo a formar um grande circuito para aqueles que optassem por passar por todos os obstáculos (19A). Ao terminar a montagem, aproveitei para destrancar as bicicletas e separar os capacetes de acordo com o número de crianças para facilitar a distribuição.

Leandro encerrou o Pega-Pega e reuniu as crianças. Leandro organizou dois grupos, um com as crianças interessadas em utilizar as bicicletas brancas e outro com as crianças interessadas nas demais bicicletas. Ele orientou que o grupo das bicicletas brancas fosse primeiro pegar a bicicleta, a saber: Roberta, Mel, Duarte, Guerreiro, Sardinha, Hulk. Teve uma bicicleta para cada um segundo interesse e não tivemos conflitos na distribuição. Depois chegou o segundo grupo, e Sofia manifestou seu interesse pela BMX azul e MC'Gui pela BMX vermelha. Perguntei se algumas das outras crianças tinham interesse naquelas bicicletas e como mais ninguém se manifestou eu entreguei as respectivas bicicletas aos dois. Depois Robinho, Dudu, Tabata, Raiane, Peppa e Lupita tinham interesse e necessidade de utilizar as bicicletas infantis, porém só havia três disponíveis, diante disso os informei que haveria necessidade de revezamento. Leandro já havia falado com eles sobre isso e as crianças se mostraram muito resistentes em compartilhar as bicicletas, Raiane, Peppa e Robinho disseram que não iriam revezar as bicicletas. Leandro argumentou novamente sobre a necessidade de compartilhar as bicicletas e formou duplas para isso. Ficando, depois de muito tempo de conversa, assim determinado o revezamento: Peppa e Robinho, Raiane e Dudu, Tabata e Lupita. Embora tenham conseguido determinar as duplas que fariam o revezamento de cada bicicleta, Leandro não conseguiu organizar e estabelecer quem da dupla começaria andando, posto que as crianças correram para pegar as bicicletas antes dessa resolução.

C.O. Isso nos fez pensar que estamos com poucas bicicletas infantis e que tínhamos necessidade de conseguir peças para reparar uma que esta sem câmara de ar. Também trouxe à tona a dificuldade de organizar e planejar as atividades sem saber o correto número de crianças, e isso se agravava diante no momento da organização que se dá na hora, com pouca possibilidade de dialogar sobre a melhor forma. Já havíamos tido uma experiência positiva com revezamento utilizando o jogo de queimada, porém Leandro organizou com as crianças de outra maneira, pois não tivemos tempo para dialogar sobre isso no momento.

Como as bicicletas estavam destrancadas as crianças menores, que teriam que revezar, foram segurando a bicicleta na tentativa de garantir a sua, porém tivemos que organizar novamente o revezamento. Embora tenha sido necessária muita conversa, conseguimos depois de algum tempo que as duplas chegassem a um acordo de quem começaria andando. No entanto, durante toda a atividade, os educadores tiveram que ficar atentos ao revezamento, pois as crianças resistiam para não entregar a bicicleta ao próximo no revezamento (20dB).

Durante a atividade observei que Lupita conseguiu andar grandes trechos em linha reta. Roberta e Mel saíram com as bicicletas, mas logo as guardaram e ficaram ajudando Lupita a praticar. Uma a auxiliava na partida e a outra ficava distante e aguardava Lupita chegar e a ajudava a parar e descer da bicicleta (21B). Tabata revezou algumas vezes com Lupita, porém também revezou a BMX azul com Sofia (22B).

Também notei que Peppa estava afobada, porém estava andando bem melhor que na semana anterior, principalmente depois que, percebendo sua dificuldade de se manter no estreito trecho de calçada, solicitei que ele experimentasse andar pela grama. Assim, sem ter a

necessidade de se manter em uma linha reta determinada, a garota conseguiu percorrer maiores trechos sem ajuda e ficou bastante animada (23A).

Robinho ficou apreensivo nos momentos de espera e Peppa toda vez se recusava a entregar a bicicleta exigindo sempre a intervenção de um educador. Leandro e Eiri ficaram administrando esses conflitos durante a atividade, Eiri inclusive em certo momento foi buscar Peppa que não estava mais passando pelo local combinado para troca. Eles ficaram atentos com as crianças para garantir o revezamento (24dB).

Eiri comentou que em determinado momento tentou ajudar Peppa quando retornava com ela para entregar a bicicleta para Robinho que a aguardava ansiosamente. Ele notou que ela tinha dificuldade na subida e que ficava olhado constantemente para os pedais e perdia o equilíbrio. Ele a orientou a pedalar mais forte para conseguir sair com a bicicleta na subida e também disse que ela não poderia ficar olhado para os pedais, que ela tinha que achá-lo tateando com os pés (25A).

Fizemos novamente a queimada com bicicletas e diferente da semana anterior em que a troca era feita quando a pessoa era queimada, combinamos que faríamos as trocas sempre que as pessoas passassem por aquele local. A dinâmica da queimada foi semelhante à realizada nas semanas anteriores, era considerado queimado aquele que fosse atingido pelas bolinhas no corpo, eram “frios” o capacete e a bicicleta. Porém diferente da semana anterior não havia a necessidade de revezar a bicicleta quando fosse queimado, pois o revezamento estava organizado por duplas desta vez. Em determinado momento notei que grande parte das crianças não estava passando pela área de jogo local em que também fazíamos o revezamento. Fiquei preocupado que estivessem fugindo do revezamento e fui verificar o que ocorria, pois as crianças que estavam aguardando já estavam reclamando da espera. Saí à procura das crianças e segui para os fundos do clube, lá observei que as crianças haviam deixado às bicicletas no chão e estavam entretidas pegando amoras. Ao verem eu me aproximar, elas rapidamente se dispersaram pegando as bicicletas e retomando a pedalada (26dB).

Lupita continuava seu treinamento de pedalada com ajuda de Mel e Roberta. Enquanto elas me acompanhavam no retorno em direção à portaria do clube Lupita pedalava ao nosso lado e Mel correu na frente para auxiliar caso ela viesse a parar. Roberta disse que ela estava andando muito bem, mas ainda não conseguia fazer curvas. Eu disse a Roberta que levasse Lupita para praticar no gramado próximo a quadra, pois lá ela poderia pedalar fazendo círculos grandes e isso a ajudaria a aprender a fazer curvas. Ela poderia ir diminuindo o tamanho do círculo conforme Lupita fosse melhorando. Após algum tempo desta orientação, Roberta chamou minha atenção e animada apontou para Lupita que já estava conseguindo completar o círculo sozinha. Elogiei os avanços de Lupita em voz alta (27B).

Durante a atividade, ao ver Sardinha pulando a Rampa-Gangorra, eu modifiquei a montagem desta deixando-a como uma rampa fixa para que Sardinha pudesse pular. Com isso outras pessoas se interessaram pela rampa. Sofia, Dudu, Guerreiro e MC'Gui começaram a passar pela rampa e fizeram isso por ela diversas vezes. Observando as passagens delas, orientei Sofia, Dudu e MC'Gui, sobre a forma adequada de pular a rampa, ou seja, com o peso do corpo nos pedais, como se estivesse de pé, mas sem necessariamente ficar de pé. Comentei com eles que passar pela rampa estando sentado no banco pode fazer perder o equilíbrio e escapar os pés dos pedais ao pular a rampa, pois, o impacto com o solo, pode nos fazer saltar do banco se estivermos nele apoiado. As crianças e adolescentes começaram a experimentar a rampa conforme a orientação e eu as motivava comentando suas passagens (28A).

Ben10 não quis andar de bicicleta. Ele novamente nos informou que não sabia andar e, embora eu tenha o convidado algumas vezes a tentar aprender, ele optou por participar da atividade apenas ajudando a queimar os demais ciclistas que passavam (29A). Tabata levou Raiane pedaleira da BMX algumas vezes durante a atividade (30A).

Em uma das ocasiões de revezamento Eiri chamou Peppa e fez com que ela entregasse a bicicleta para Robinho. Algum tempo depois era vez de Peppa andar novamente, porém Robinho não quis parar, quando ele passou novamente pelo jogo de queimada ele foi acertado por uma bola, e Leandro o avisou que estava na hora de entregar a bicicleta para Peppa. Robinho chorou dizendo que a bola o havia atingido no capacete e por isso ele não deveria entregar a bicicleta. Argumentamos que ele deveria entregar a bicicleta para ela porque era vez dela andar e que isso não tinha relação com a queimada, como havia ocorrido na semana anterior. Exemplificamos, inclusive, lembrando que ele quando havia pegado a bicicleta com Peppa ela também não havia sido queimada no jogo, apenas entregou a bicicleta porque era a vez dele. Ele não se convenceu e ficou chorando. Deixamos o garoto chorando e as crianças fizeram a última volta, pois já iriam guardar as bicicletas. Robinho ficou chorando por muito tempo (31dB).

Ao final da atividade teve um grupo de crianças que não quis participar do futebol e eu sugeri que me auxiliassem na limpeza das bicicletas. Eiri insistiu para que elas fizessem alguma outra atividade e disse que elas não poderiam ficar simplesmente andando pelo clube, assim, diante do impasse minha sugestão foi aceita pelas crianças. Assim, Sardinha, Duarte, Tabata, Lindinha e eu iniciamos a limpeza da última bicicleta branca que havia restado sem limpeza e pegamos também as grandes mais antigas e todas as infantis (32A). Sardinha e Duarte discutiam, pois ambos queriam limpar apenas a bicicleta branca. Eu os convenci a trabalhar em dupla, porém tive que ficar acompanhando de perto para garantir que Sardinha deixasse Duarte participar, pois sempre que eu me afastava notava que ele afastava Duarte da atividade de alguma maneira (33dB). Sardinha, em um momento que me afastei para pegar outra bicicleta, gastou todo o detergente que tínhamos, colocando todo ele em seu pote e usando de maneira concentrada, desrespeitando meus pedidos para diluir o produto e economizar, pois só tínhamos aquela quantidade. Assim que enxaguou a bicicleta branca desistiu da atividade. Eu e as demais crianças tivemos que diluir excessivamente o restante de detergente que havia nos potes para que pudéssemos terminar a limpeza das bicicletas (34dB). Conforme íamos enxaguando, colocávamos as bicicletas ao sol para que secassem antes de lubrificarmos as correntes.

Durante todo o tempo de limpeza das bicicletas Robinho ficou chorando. Por isso Da Lua ficou com ele juntamente com Diego, Peppa e Roberta. Robinho chorava muito e as outras crianças citadas argumentavam com Da Lua que Robinho teria uma convulsão e morreria se continuasse chorando daquele jeito. Elas queriam que ele deixasse Robinho andar com a bicicleta. Da Lua informou que a atividade já havia se encerrado e que já estávamos inclusive fazendo a limpeza das bicicletas. Da Lua pediu para que deixassem Robinho chorando e ficasse longe dele para ele se acalmar, mas as crianças queriam ficar consolando Robinho. Da Lua insistiu e consegui levá-las para perto da quadra onde ocorria o jogo de futebol, porém Robinho, observando que estavam longe, começou a chorar extremamente alto e isso apavorou as crianças que rapidamente seguiram para socorrê-lo. Da Lua as acompanhou. Elas argumentaram que teriam que ficar com Robinho e Da Lua insistia dizendo que deveriam ficar longe e deixá-lo sozinho para que ele se acalmasse. Da Lua conseguiu que elas ficassem sentadas em uma mureta, a aproximadamente seis metros de Robinho. Eventualmente uma criança tentava se aproximar de Robinho e era chamada por Da Lua. Aos poucos Robinho foi se acalmado. Enquanto estavam sentadas com Da Lua, as crianças começaram a tecer críticas ao projeto, principalmente Peppa e Roberta. Diziam que não voltariam mais para o projeto. Elas criticaram a piscina dizendo que nós achávamos que eles viriam para o projeto por que ali havia piscina e que elas não podiam fazer nada que queriam, pois ficariam sem poder ir à piscina. Peppa reclamou do lanche dizendo que só tinha fruta e que em outros projetos sempre havia comida. Peppa falou da escola, dizendo que ela, na escola, quando não quer fazer nada, pode deitar na carteira e ficar quieta que ninguém a

obriga a fazer lição, desde que ela não esteja atrapalhando. Disse que vem no projeto para ficar feliz e não fica feliz, pois tem que fazer outras coisas que não somente o que ela quer (35B).

Encerrada a limpeza das bicicletas as crianças se juntaram às demais na roda de conversa final. Eu terminei de guardar as bicicletas, e enquanto fiz isso aproveitei para lubrificar as correntes das bicicletas que havíamos limpado. As crianças terminaram a conversa, fizeram o lanche e foram embora.

Ao final, quando estávamos indo embora Eiri comentou comigo que MC'Gui estava bastante desenvolvido com a bicicleta, principalmente considerando sua idade, e que a bicicleta que ele estava utilizando possuía um tamanho superior ao adequado para o garoto (36A).

Diário de Campo XIV

Período da Manhã

Educadores: Flávio, Eiri.

Educandos/as: David Luiz, Rodrigo, Gilberto, Júlio César, Ronaldinho, Thor, Gabi, Lili, Adauto, Cristiano Ronaldo, Guto, Edson.

As crianças estavam jogando futebol com o educador Eiri. Flávio ficou com Lili elaborando o jornalzinho do bimestre. Eu, antecipadamente, fui montar o circuito de ciclismo que utilizaríamos logo após o futebol.

As crianças chegaram do futebol e organizaram uma fila para pegar os capacetes que Flávio foi distribuindo (1A). Eu organizei a distribuição das bicicletas por ordem da fila e priorizando as crianças menores. Gabi quis a amarela, com a qual aprendeu a andar. Ronaldinho quis a verde, porém Gilberto também queria a verde. Perguntei se algum deles poderia ficar com a rosa e Gilberto disse que ficaria e eu disse a ele que eles poderiam trocar um pouco durante a atividade. Quando ia entregar a bicicleta rosa a Gilberto, Ronaldinho veio e ofereceu a bicicleta verde par Gilberto dizendo que ficaria com a rosa. Gilberto ficou feliz. Um participante perguntou se ele não queria ficar com a verde e ele disse que era para Gilberto não chorar. Argumentei que utilizar aquela bicicleta seria importante para Gilberto, pois ele ainda não sabia pedalar e em semanas anteriores esteve praticando sempre com a bicicleta verde que possui o banco ligeiramente mais baixo.

C.O. Fiquei bastante surpreso e feliz com a atitude de Ronaldinho, pois não necessitou de argumentação alguma para convencê-lo, ele apenas percebeu a situação e agiu solidariamente à dificuldade do colega.

Quanto às bicicletas brancas, distribuí de acordo com o tamanho dos participantes, priorizando as crianças menores. Assim, após avisar às crianças sobre isso, entreguei as quatro de tamanho 17 para Maria Joaquina, David Luiz, Edson e Rodrigo. A de tamanho 21 ficou com Adauto, que era o maior da turma. As de tamanho 19 ficaram com Cristiano Ronaldo e Júlio César. Guto, que havia chegado por último, estava no final da fila e não havia mais bicicleta branca disponível, assim ofereci a ele a azul grande, porém ele preferiu a marrom que possuía um guidão mais alto. Disse a ele que poderia revezar a bicicleta com seu amigo Edson para que ele também pudesse andar na bicicleta branca como havia indicado interesse. Edson imediatamente se dispôs a fazer a troca com ele durante a atividade. Thor ficou com a BMX azul (2B).

Elaborei um circuito com cones e elástico, construindo curvas bastante fechadas para desafiar as crianças, coloquei também a rampa gangorra para que eles passassem, pois já havia algum tempo que não a utilizávamos. Orientei para que andassem em apenas um sentido e desviassem caso não sentissem segurança para passar no circuito ou na rampa gangorra.

Disse também que seria importante para aqueles que estão com dificuldades, observar os colegas e eventualmente experimentar passar mesmo que necessitassem parar ou pôr os pés no chão. Durante a atividade as crianças e jovens passavam pelos obstáculos quando se sentiam à vontade. Noto que algumas crianças sentiram-se desafiadas e repetiam a passagem até conseguirem completar sem por o pé no chão, outras faziam apenas passagens esporádicas. Observei que, apesar das diversas tentativas, David Luiz não conseguiu nesse dia completar o circuito sem ter que colocar os pés no chão (3A).

Notei que mesmo com as bicicletas brancas de tamanho 17, David Luiz, Rodrigo e Maria Joaquina tinham dificuldades para descer e subir na bicicleta devido à estatura. Tanto que Maria Joaquina em determinado momento deixou a bicicleta em que estava com Guto e andou com a BMX que estava com Thor. E esse último pegou a BMX vermelha que estava parada (4B).

Cristiano Ronaldo, Júlio César, Guto, Edson e outras crianças pegaram no latão de recicláveis, a partir de uma sugestão de Cristiano Ronaldo, copos plásticos e garrafas PET para colocar nos pneus das bicicletas para que fizessem barulho. Eles andaram por todo o tempo com esses objetos fazendo barulho, eventualmente paravam para ajustar ou trocar, visando manter um ruído que os agradasse (5A).

Durante a atividade de circuito, Gilberto que ainda estavam aprendendo a andar de bicicleta ficou aos cuidados de Flávio. Gabi já estava conseguindo andar sozinha, mas observamos que ela sofreu várias pequenas quedas e sugerimos que ela ficasse também aos cuidados de Flávio que já estava auxiliando Gilberto. Por minha sugestão, Flávio foi com os dois para a quadra, pois por ser mais lisa, ter menos obstáculos e menos trânsito de pessoas seria mais fácil andarem lá. Gabi ficou mais independente e conseguiu andar sozinha, o piso da quadra facilitava muito para ela e até comentou que na quadra era muito mais fácil andar com a bicicleta do que nos outros lugares. Gilberto estava muito inseguro, Flávio pediu para que ele fizesse o exercício de remar para tentar ganhar um equilíbrio na bicicleta, porém ele tinha medo de tirar os dois pés do chão e cair. Eu, que estava observando de longe, me aproximei e auxiliiei explicando para o garoto algumas técnicas para facilitar o processo de aprendizagem como: onde colocar o pé, posicionar os pedais. Flávio seguiu o exercício com Gilberto oferecendo um leve apoio para facilitar o equilíbrio enquanto ele pedalava. Enquanto Flávio, Gabi e Gilberto estavam na quadra, várias crianças como Thor e Maria Joaquina quiseram pedalar dentro da quadra, mas Flávio explicou para elas que era apenas para facilitar o aprendizado de Gabi e de Gilberto. Enquanto estavam na quadra, Gabi ficava pedalandando fazendo voltas ao lado deles. Flávio falou várias vezes para ela pedalar com mais cautela e ir mais devagar, pois não tinha um controle muito bom dos freios e do próprio equilíbrio, mas ela insistiu em andar rápido, até o ponto que ela caiu da bicicleta e cortou muito sutilmente o dedão do pé. Diante disso Flávio levou Gabi para fazer um curativo no machucado, deixando Gilberto treinando sozinho. Gilberto aguardou Flávio retornar e nesse momento de espera Thor e Maria Joaquina ficaram conversando com ele. Gabi e Flávio retornaram e ela logo voltou a pedalar, porém continuou pedalandando rapidamente, mesmo Flávio insistindo para que fosse mais devagar e com mais cautela. Eles ficaram nesse espaço até que eu os chamei avisando que o tempo da atividade havia acabado. Flávio comentou que Gabi estava muito afoita e gostando muito de andar de bicicleta, principalmente nessa fase de aprendizado. Ela pedalava muito forte e rápido, talvez para tentar mostrar que ela já era capaz de andar (6A).

No decorrer da atividade, comentei com Eiri sobre a insegurança para decidirmos a faixa etária para fazer o primeiro passeio ciclístico fora do clube. Comentei que em conversa com Da Lua falamos sobre a idade de 12 anos, a fim de observar, num primeiro momento, como seria a experiência de sair nas ruas com bicicleta com as crianças maiores e se sentíssemos segurança poderíamos reduzir a idade dos participantes no próximo passeio ciclístico. Eiri comentou sobre sua preocupação com a possível frustração das crianças

menores, por não irem ao passeio fora do clube. Sugeriu que fizéssemos a conversa com as crianças mais velhas ao final e individualmente, nesse primeiro momento (7C).

Quando o tempo da atividade estava acabando organizamos com as crianças e adolescentes a brincadeira da corrida maluca, uma corrida de bicicleta em que ganha a pessoa que chega por último a um ponto determinado, sem voltar para trás e sem pôr os pés no chão durante o percurso. Fizemos várias rodadas da corrida, pois os/as participantes se animaram bastante e quiseram repetir diversas vezes. Uma o Cristiano Ronaldo perdeu, pois pensou que tinha acabado quando quase todos os outros participantes já haviam colocado o pé no chão, assim ele empinou para comemorar e colocou os pés no chão antes de cruzar a linha de chegada, dando a vitória a David Luiz que havia chegado primeiro que ele. Em outra ocasião Cristiano Ronaldo também se desequilibrou na comemoração antes de passar a linha de chegada e colocou o pé no chão, dando a vitória a Júlio César. Maria Joaquina e Ronaldinho, embora animados com a brincadeira Corrida Maluca, mostraram-se um pouco frustrados por não conseguirem andar tão devagar com a bicicleta. Disse a eles que isso era difícil e que necessitava treinar. Sugeri que no intervalo entre as corridas eles treinassem um pouco pedalando o mais devagar possível e os orientei a utilizar os freios e meias-pedalas, voltando ligeiramente o pedal para trás para não ter que fazer a volta completa do pedal, pois isso deixa o pedal sempre na posição de maior torque e nos ajuda a manter o equilíbrio, principalmente quando precisamos pedalar com os freios ligeiramente acionados. Ambos treinaram em alguns momentos e foi possível notar uma melhora no momento da prova, percebi que já estavam conseguindo fazer a técnica que eu havia explicado e que estavam conseguindo ir mais devagar permanecendo por mais tempo na disputa da corrida maluca (8A).

Ao final da atividade, educador Eiri notou que a área em que estávamos tinha muitos potes, copos e garrafas plásticas jogadas pela grama, estes eram os materiais que os/as participantes haviam pegado do lixo para colocar nos pneus. Eiri e eu reunimos os/as participantes e, após se agruparem, o educador Eiri pediu para que encostassem as bicicletas em algum local e tirassem os capacetes. Eiri aguardou que todos se reunissem novamente e disse que não se importou quando eles pegaram esses materiais para fazerem a brincadeira, pois sabia que eles, ao brincar, se sentiam felizes e contentes, porém complementou dizendo que a felicidade deles não poderia prejudicar a felicidade dos outros usuários e dos funcionários que fazem a limpeza do clube. Ele apontou para os resíduos jogados no chão e disse que nenhum deles estava lá e que haviam sido jogados pelos participantes do projeto durante atividade com bicicleta. Eiri disse que não queria que ninguém acusasse ninguém e sugeriu que todas as pessoas, independente de ter ou não usado as garrafas e copos, ajudassem a recolhê-los e também recolher qualquer lixo que observasse jogado durante a coleta. Após alguns minutos terminamos de recolher todo o lixo, foram recolhidas inclusive diversas tampinhas e papéis de bala que não haviam sido jogados pelo grupo. Quando terminamos a limpeza da área Eiri disse que poderiam fazer uma última volta com as bicicletas desde que parassem para pegar outros resíduos encontrados pelo caminho. As crianças e adolescentes fizeram então uma última volta e muitas delas pararam para pegar lixo pelo caminho (9B).

As crianças fizeram a última volta e entregaram as bicicletas para que eu guardasse na gaiola. Elas foram se sentando na roda de conversa final que estava sendo iniciada por Eiri que fazia questões sobre o *Fútbol Callejero*. Eu conversei com as crianças e perguntei por que gostavam de brincar colocando os plásticos na roda das bicicletas, eles disseram que era por que fazia barulho. E continuei a questão e Ronaldinho disse por que fazia barulho de moto. Comentei que poderíamos nos divertir com isso, mas deveríamos ter cuidado com o lixo, não deixando espalhado pelo clube os pedaços de plásticos por nós utilizados durante a brincadeira (10A).

Ao final da roda deixei uma autorização para o primeiro passeio ciclístico com Eiri, que acompanharia as crianças no ônibus durante o retorno, para que ele conversasse com

Adauto sobre o passeio. Eu conversei reservadamente com Edson, Cristiano Ronaldo e Guto, os três que possuíam mais de 12 anos, sobre o passeio de bicicleta que realizaríamos até o campus dois da USP. Expliquei que nesse primeiro momento só iriam os mais velhos e depois talvez levássemos alguns dos menores. Conversei sobre a necessidade de respeitar as regras de trânsito, os educadores e os alertei que mesmo eles tendo experiência de andar na rua de bicicleta deveriam andar segundo as instruções dos educadores e em grupo. Perguntei se eles se interessavam por realizar o passeio e disseram que sim. Comentei sobre a necessidade de autorização dos pais ou responsáveis assinada para realização do passeio e entreguei uma autorização para cada um levar para casa. Cristiano Ronaldo entrou em sua casa e minutos depois já me entregou sua autorização assinada por sua mãe (11C).

Período da Tarde

Educadores: Leandro, Eiri, Da Lua.

Educandos/as: Guerreiro, MC'Gui, Duarte, Diego, Sardinha, Raiane, Ben10, Lupita, Roberta, Robinho, Dudu, Sofia, Super Mário, Hulk, Rodolfo, Caca, Ronaldinho Gaúcho.

Os/as participantes estavam ansiosos/as por andar de bicicleta, pois nem bem chegaram ao clube e já perguntaram: “vai ter bicicleta?”. Tive a impressão de que os/as participantes haviam conversado sobre isso no ônibus, pois o grupo pediu para andar de bicicleta antes mesmo da atividade inicial que é costumeiramente realizada, normalmente uma atividade escolhida pelo grupo na semana anterior, a fim de promover integração e acolhida. Decorrente disso o desenvolvimento da atividade inicial ficou comprometido e durou pouco tempo, pois as crianças queriam mudar logo de atividade.

C.O. Este dia foi atípico, é comum as crianças quererem andar de bicicleta e chegarem animadas com isso, porém não me recordo de outro momento em que isso prejudicou de tal modo o desenvolvimento das outras atividades. (12A)

Ben10 não quis andar de bicicleta, ele disse que não sabia andar e disse que não queria aprender, quando foi questionado por mim e convidado a praticar com meu auxílio (13A). Super Mário comentou que estava com problema de saúde, que sentia falta de ar quando fazia qualquer tipo de atividade física. Comentou que tinha médico marcado para verificar o problema, havia suspeita de insuficiência respiratória ou problema cardíaco.

Como quase todos/as participantes queriam andar e não tínhamos bicicletas suficientes para que todos/as andassem ao mesmo tempo, comentei sobre as possibilidades de revezar as bicicletas ou dividir a turma em dois, assim enquanto um grupo andava de bicicleta o outro faria o *Fútbol Callejero*. Rechaçando a ideia de revezar as bicicletas o grupo optou por se dividir em dois, porém devido à ansiedade por pedalar, ninguém queria começar no futebol, esperando a segunda rodada da atividade. Resolver isso levou bastante tempo de conversa que foi dirigida por Eiri. Depois de algum tempo conseguimos formar dois grupos. Um grupo acompanhou Eiri para o *Fútbol Callejero* e outro ficou comigo para andar de bicicleta. Com o número reduzido de participantes, diante da divisão realizada, foi tranquila a distribuição das bicicletas, sendo possível cada participante escolher de acordo com seus interesses. Dudu optou pela média verde. Raiane ficou com rosa infantil, Robinho com a verde infantil, Duarte, Roberta, Diego ficaram com branca 17. Sardinha e Ronaldinho Gaúcho ficaram com tamanho 19. Sofia ficou com a BMX azul (14B).

Conforme foram pegando as bicicletas e os capacetes, as crianças já saíam para andar pelo clube(15A). Quando terminei de distribuir as bicicletas, peguei uma que havia ficado sem uso e saí pelo clube pedalando e observando as crianças. Notei que, embora Roberta estivesse inicialmente bastante agitada para andar de bicicleta, ela apenas deu algumas voltas e logo parou e ficou sentada em um banco. Roberta estava com semblante fechado,

observando isso eu me aproximei e perguntei se estava tudo bem com ela, ela, mantendo seu semblante fechado, respondeu com um “sim”. Raiane e Sardinha pararam as bicicletas ao lado de um pé de amora e lá ficaram por um bom tempo pegando amoras no fundo do clube (16C).

Enquanto as crianças andavam eu montei um circuito semelhante ao elaborado no período da manhã, curvas fechadas montadas com cones e elásticos e a rampa gangorra. Algumas crianças ficaram passando pelo circuito outras optaram por desviar dele (17A).

Quando eu estava finalizando a montagem do circuito, Diego se aproximou e me disse que Sofia havia trombado com uma pedestre usuária do clube, e que havia caído da bicicleta. Perguntei se a moça havia se machucado e ele disse que não. Perguntei se Sofia estava bem e ele disse que sim, mas que ela estava no banheiro das meninas e não queria sair. Segui de bicicleta até o banheiro, outras crianças já estavam lá dentre elas Roberta, Raiane e Robinho. Da porta do banheiro perguntei se estava tudo bem e Sofia não respondeu. Roberta estava lá entrou para falar com Sofia, retornou e me disse que estava tudo bem. Perguntei por que ela não conversava com Sofia para saber se ela estava bem. Ela, fazendo gesto, tentava me dizer algo que não compreendi. Então ela saiu e me disse que estava brigada com Sofia, mas não me disse o motivo.

C.O. Fiquei na dúvida se Sofia estava no banheiro por causa do acidente ou por causa do desentendimento com sua amiga Roberta.

Como Roberta me informou que Sofia não estava machucada e Sofia não quis falar comigo, eu disse a ela que ficaríamos esperando do lado de fora. Ela disse para Raiane, que também havia entrado no banheiro, que não sairia enquanto as pessoas ficassem na porta do banheiro. Assim solicitei a todos que saíssem de lá e deixassem Sofia à vontade para sair quando quisesse. Depois de algum tempo observei Sofia no parquinho com outras crianças, porém ela não quis conversar comigo e todas as vezes que tentei me aproximar para conversar, ela se afastou de mim para não falar (18B).

Eu fiquei andando de bicicleta com as crianças e, em alguns momentos, brincando de empinar junto com Ronaldinho Gaúcho que sempre que passava por mim me desafiava a empinar com ele (19A).

Neste dia Lupita conseguiu andar bastante de bicicleta, ela fez várias voltas completas parando apenas na subida próxima ao vestiário em um morrinho de grama. Notei que ela sempre pedia para alguém ajudá-la a sair. Eu a auxiliei e incentivei a sair sem ajuda e notei, depois de algum tempo, que ela conseguiu fazer algumas partidas sozinhas. Lupita pedalou bastante pelo clube, inclusive ao final quando eu estava guardando as bicicletas ela pediu para que eu a deixasse dar mais uma volta com a bicicleta antes de guardar e ele fez sozinha mais uma volta completa pelo clube (20A).

Ronaldinho Gaúcho comentou com Da Lua que estava gostando muito de andar de bicicleta, também disse que iria pedir para seu pai consertar a dele que era do tamanho das do projeto ou comprar uma nova, pois essa do projeto é mais leve que a dele (21C).

Depois de algum tempo fizemos a troca das turmas, assim as crianças que estavam no futebol foram andar de bicicleta e vice versa. A segunda turma que andou de bicicleta foi composta por Hulk, Rodolfo, Guerreiro e MC’Gui. Notei que Hulk, mesmo bastante animado no início do dia, depois que pegou a bicicleta deu apenas uma volta, parou a bicicleta e foi brincar no parquinho com outras crianças.

C.O. Penso que ele gostaria de ter andado com seus amigos do Bairro Jardim Gonzaga, pois rapidamente se juntou a eles para brincar no parquinho (22B).

No momento da troca algumas crianças reclamaram por terem que deixar as bicicletas e argumentaram que queriam continuar andando de bicicleta, dentre elas Duarte, Sardinha, Caca e Dudu. Eu as lembrei do combinado e disse que agora era vez do outro grupo andar e que se eles continuassem andando o outro grupo teria que fazer revezamento de bicicletas

com eles, prejudicando o grupo, se considerarmos o combinado inicial que decidiu pela divisão dos participantes para não haver necessidade de revezamento (23B).

De modo geral, durante toda atividade notei que algumas crianças tiveram dificuldades de passar pelo circuito, devido principalmente às curvas fechadas e o estreito espaço de passagem que o compunha. Durante as passagens pelo circuito Da Lua ajudou, orientou e incentivou Caca, Dudu, Guerreiro e Sofia. Da Lua comentou que eles sentiram-se mais seguros e fizeram repetidas tentativas com orientação e Dudu e Guerreiro conseguiram passar completamente o circuito ao final da atividade. Apesar da grande dificuldade do circuito, ele pareceu bastante desafiador para Dudu, pois o garoto, após várias tentativas, queria tentar passar utilizando uma bicicleta menor (24A).

Assim Dudu pediu uma bicicleta pequena, mas Robinho e Raiane se negaram a emprestar. Mediante ao pedido de Dudu, Robinho começou a chorar e Da Lua disse para Dudu que ele não precisaria de outra bicicleta, pois ele o ajudaria a passar pelo circuito. Conversei com ele sobre o combinado que havíamos feito durante a distribuição das bicicletas, e o lembrei de que não havíamos combinado o revezamento das bicicletas. Ele ficou chateado, aceitou a situação. Comprometi-me a tentar mais uma conversa com as outras crianças para ver se as convencia. Tentei falar com Raiane novamente, porém ela manteve a negativa. Depois de um tempo ela se aproximou de mim e me disse que emprestaria a bicicleta para Dudu fazer uma volta pelos cones (25B). Pouco depois Dudu passou por mim bastante feliz dizendo que havia conseguido passar o circuito completo, passou uma segunda vez e disse que passou certinho, sem encostar o pé no chão. Interessante é que nesta segunda vez ele já não estava mais com a bicicleta pequena que havia emprestado de Raiane (26A).

Quando Da Lua, notando que Super Mário não estava participando perguntou a ela o que estava acontecendo, ela então comentou que tem evitado fazer atividades mais intensas, pois estava com suspeita de insuficiência respiratória ou problema cardíaco. Ela disse que passou por consulta médica com um clínico geral em novembro do ano passado e este recomendou que ela consultasse um cardiologista. Segundo ela seu pai só conseguiu agendamento para o mês de abril deste ano. Da Lua disse que era importante ela verificar o que estava acontecendo. Nesse momento Super Mário também comentou que seu irmão havia abandonado a bicicleta e que ela enferrujou muito e estragou a corrente. Disse que, depois que ela começou a andar de bicicleta, ele se empolgou e começou a usar a da mãe deles, porém agora ele estava querendo que o pai reparasse a bicicleta dele. Ela perguntou se era possível realizar apenas a troca da corrente, ou se seria necessário trocar tudo. Dissemos que isso depende do estado das peças, porém que, possivelmente, apenas a troca ou lubrificação da corrente seja suficiente para deixá-la rodando novamente (27C).

Com o tempo se esgotando reunimos as crianças e guardamos as bicicletas. Na roda de conversa final MC'Gui disse que havia gostado da atividade de bicicleta e, quando questionado por Eiri sobre o porquê, ele disse que havia gostado bastante de passar no circuito de curvas (28A).

No final da roda de conversa foi entregue a Sofia sua carteirinha da biblioteca, as crianças que estavam próximas ficaram encantadas e empolgadas olhando para a carteirinha. Em seguida, Roberta e Sofia fizeram empréstimos de livros. As outras crianças ficaram olhando e admirando, dando relevância ao documento comentando sobre o nome e a foto e também sobre possibilidade de emprestar livros e brinquedos para levar para casa.

Diário de Campo XV

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Inácio, Sandro, Da Lua.

Educandos/as: Duarte, Peppa, Gabi, Ronaldinho, Lili, David Luiz, Raquel, Maria Joaquina, Júlio César; Rodrigo; Fiorella; Arnaldo; Thor; Guto; Edson; Jonathan, Cristiano Ronaldo, Rodolfo, Aauto.

Participantes no passeio: Cristiano Ronaldo, Rodolfo, Aauto.

Cheguei ao clube por volta de 7h50min, lá já estavam os três garotos que iriam fazer o primeiro passeio de bicicleta fora das dependências do clube, Aauto, Rodolfo e Cristiano Ronaldo. Aauto, que mora na região do Jardim Gonzaga e normalmente vem no ônibus que faz o transporte dos/as participantes do projeto, optou por vir de ônibus de linha, pois estava preocupado em chegar no horário. Os três pareciam bastante ansiosos com o passeio, pois perguntavam constantemente: “Que hora nós vamos sair?”. Eu os informei que deveríamos aguardar os outros educadores chegarem, pois deveríamos sair em três educadores para melhor garantir a segurança dos participantes durante o percurso. Aauto e Cristiano Ronaldo informaram que estavam levando um lanche, Aauto mostrou um pacote de batata frita e uma garrafa de água e Cristiano Ronaldo disse que também estava levando um salgadinho e um refrigerante. Cristiano Ronaldo informou que Edson e Guto, os outros garotos que também haviam levado autorização para o passeio, não iriam, pois seus responsáveis não autorizaram a participação deles, pois tinham trabalho de escola para fazer.

O educador Flávio chegou com o ônibus do projeto juntamente com outros participantes, estes também perguntaram sobre a saída dos colegas. Duarte, que frequentava o projeto normalmente no período da tarde, também foi de manhã e perguntou insistentemente se poderia ir ao passeio de bicicleta. Respondi a ele que desta vez não poderia, pois a idade definida para esse primeiro passeio era de doze anos. Ele argumentou que tinha autorização assinada pela mãe para o passeio e que queria ir. Respondi que em outra ocasião ele poderá ir, porém nesta primeira saída só iriam as crianças com doze anos ou mais, e disse que eu não havia entregado autorização para ele, pois ele não possuía a idade determinada. Os garotos que estavam aguardando pelo passeio perguntaram novamente que horas sairíamos e eu lembrei-os de que deveríamos aguardar a chegada de Da Lua e de outros educadores. Enquanto aguardávamos, Flávio iniciou a roda de conversa inicial com as crianças, porém os três garotos estavam muito ansiosos e não participaram, ficaram de pé andando e perguntando sobre o passeio. Perguntavam sobre o caminho e disseram que era possível ir por um caminho que chamavam de cedrinho. Perguntei sobre esse caminho e eles disseram que havia a necessidade de passar uma cerca. Comentei com eles que, nesse primeiro passeio, nós iríamos pelas ruas menos movimentadas do bairro (1C).

Enquanto aguardávamos, eu e os garotos começamos a separar os materiais necessários para o passeio. Pedi para que cada um pegasse um capacete e o ajustasse adequadamente ao seu tamanho. Demonstrei a maneira adequada de ajustar usando meu próprio capacete e os auxiliiei na regulagem do comprimento e posição das alças. Solicitei que deixassem separados os capacetes para pegarmos na hora que fôssemos sair. Peguei no armário as quatro luvas que possuíamos no projeto e as cinco caramanholas. Solicitei que provassem as luvas e verificassem se serviam, também pedi para um deles lavasse as caramanholas, pois elas estavam guardadas há muito tempo, Rodolfo se prontificou e foi lavá-las. Juntamente com Aauto e Cristiano Ronaldo separei um conjunto de ferramentas e de reparo de pneus para levarmos no passeio. Colocamos os materiais em uma bolsa de selim. Também selecionamos coletes fluorescentes para usar durante o passeio, os participantes usariam coletes de cor laranja e os educadores os de cor verde. Selecionamos os tamanhos adequados para cada um e vestimos (2C).

Nesse momento chegaram Da Lua e Inácio e as crianças, ao vê-los, comemoraram animadas e foram em direção a eles. Eu comecei a destrancar as bicicletas e retirá-las da

gaiola. Selecionei as bicicletas brancas novas, as quais as crianças demonstram preferência. Conforme eu retirava as bicicletas, as crianças as pegavam e se posicionavam em uma sombra, aguardando para sairmos. Da Lua e Inácio também se juntaram a elas (3B).

Eu peguei a bolsa de selim e a bomba de ar e as fixei nas bicicletas: a bomba na de Adauto que já possuía um suporte para tal e a bolsa de selim na de Cristiano Ronaldo. Eu peguei minha bicicleta, luvas e capacete e me juntei ao grupo. Sandro chegou nesse momento e Da Lua o convidou para ir com o grupo, ele pegou uma das bicicletas sobressalentes, colete, capacete e luvas e se juntou ao grupo. Enquanto Sandro se preparava eu aproveitei para pegar um lanche para levar ao passeio, peguei algumas barrinhas de cereal e biscoitos tipo água e sal que havia no projeto e os coloquei em minha bolsa de guidão. Inácio e Rodolfo foram até o bebedouro encher as caramancholas. Da Lua orientava as crianças sobre a altura adequada do banco e elas foram ajustando-os com sua ajuda (4A).

Com todos reunidos e devidamente equipados com coletes, luvas, capacetes, água e altura do banco devidamente ajustada, Da Lua realizou orientações gerais sobre segurança nas vias de trânsito, lembrando que estas são compartilhadas por diferentes veículos e que na região em que circularíamos não existem ciclovias e/ou ciclofaixas. Da Lua alertou também para o cuidado com os pedestres, pois as bicicletas também são veículos e, de acordo com o código de trânsito, devem transitar pelas vias e não pelas calçadas. Da Lua alertou que assim como os carros, nós, ao andarmos de bicicleta, deveríamos indicar com as mãos o sentido da conversão e respeitar sempre o sentido de circulação, as placas, indicações de pare e semáforos. Da Lua afirmou que é fundamental para os ciclistas respeitar as leis de trânsito e as pessoas. Após essas orientações Da Lua fez diversas questões sobre o assunto tratado, e todas elas foram corretamente respondidas pelos participantes, indicando que tiveram atenção no assunto. Antes de sairmos notamos que as bicicletas estavam com os pneus um pouco murchos e, como eram muitos pneus para encher, Da Lua sugeriu que fôssemos até o posto de combustível próximo, assim decidimos por fazer nossa primeira parada no posto. Saímos então em direção ao posto de combustível. Eu fui à frente sinalizando e rodando a aproximadamente um metro da sarjeta. Inácio e Sandro ficaram no meio do grupo e Da Lua ficou no final da fila. Essa organização se manteve até o final do passeio. Ao chegar ao posto Da Lua chamou a atenção de Adauto dizendo a ele que ele só deveria fazer a sinalização com a mão no momento em que fosse fazer uma conversão, não devia, portanto, ficar fazendo gestos a todo o momento como ele havia feito durante o trajeto até o posto. Adauto mostrou ter compreendido a informação. Iniciamos a calibragem dos pneus. Um a um posicionava a bicicleta já sem as tampas de válvula para que eu calibrasse (5C). Quando faltava calibrar os pneus da última bicicleta, Cristiano Ronaldo perguntou se nós poderíamos encher os pneus ali. Respondemos que sim, que qualquer um poderia. O garoto então nos informou que havia uma placa ali que indicava a proibição de calibração de pneus de bicicleta no local. Concluímos a calibragem da última bicicleta e nos dirigimos ao frentista para pedir desculpas. Dissemos que se tratava de um projeto social que se desenvolve geralmente no espaço do Clube de Campo dos Metalúrgicos de São Carlos. Ele disse que não havia problemas e que tudo bem calibrarmos os pneus ali (6B).

Saímos do posto e dirigimo-nos às ruas do bairro, em direção ao Campus da USP. Os participantes estavam muito animados e respeitaram a disposição combinada: eu à frente; Da Lua ao final do comboio; Inácio e Sandro entre os três participantes. Respeitaram a sinalização com braços (para direita, para esquerda) e os sinais de trânsito (Pare e sentido de circulação das vias). Durante o percurso perguntávamos aos garotos sobre as ruas que possuíam menor movimento para escolhermos o trajeto até a USP. Comentamos que ao andar de bicicleta é sempre interessante selecionar o roteiro pelas ruas de menor movimento de veículos para reduzir os riscos de acidente. Sandro, educador do projeto e morador do bairro, ajudou bastante na seleção do trajeto (7C).

Chegando à USP, paramos em um local com sombra de árvores para nos hidratarmos e em seguida continuamos a andar dentro do próprio campus 2 da USP. O campus dois da USP foi escolhido devido a possuir acesso por ruas com menor movimento (por veículos), ser próximo ao Sindicato dos Metalúrgicos e, por ser recém-inaugurado, o campus tem pouco trânsito de veículos e velocidade reduzida (máximo de 40km/h), oferecendo maior segurança ao grupo de ciclistas (8C).

Logo que entramos na USP, ao ver a descida, Cristiano Ronaldo me disse: “vamos rasgar essa descida professor!” indicando o interesse em deixar a bicicleta embalar na descida. De modo geral, durante todo trajeto as crianças e adolescentes comentaram gostar das descidas pelas quais passamos, mas a atenção delas dirigia-se principalmente a que estava localizada na entrada principal do campus, que era a mais íngreme do percurso. Cristiano Ronaldo, inclusive, comentou sobre a sensação agradável ocasionada pelo contato do vento que vem em direção ao corpo. Ao final, antes de irmos embora, os participantes pediram para que nós repetíssemos novamente a descida da entrada principal (9C).

Fizemos várias voltas dentro do campus, e eventualmente parávamos em alguma sombra para descansar, beber água e, em uma das paradas, aproveitamos para fazer um lanche com as barrinhas de cereal, bolachas água e sal que eu levei do projeto e dois pacotes de salgadinhos que Aduino e Cristiano Ronaldo levaram por conta e generosamente compartilharam com os demais educadores e participantes. Da Lua comentou que é importante se atentar com cuidado com a seleção de alimentos evitando levar no “pedal” alimentos muito salgados, devido à desidratação por conta da atividade com bicicletas (10B).

Foi interessante observar que nas paradas que fazíamos, Cristiano Ronaldo sempre demonstrava alguma ansiedade para continuarmos a pedalar e chamava a todos “vamos, vamos logo!” “vamos continuar!” “vamos, Rodolfo, vai...”. Assim, colocávamos os capacetes e partíamos para continuar o trajeto (11C).

Aduino demonstrou um pouco de cansaço nos momentos de parada. Inácio percebeu que isso era decorrente da dificuldade momentânea de trocar as marchas, especialmente quando em um aclive próximo à saída da USP, ele precisou descer da bicicleta no trecho final e empurrá-la. Enquanto ele estava empurrando, Inácio disse para ele trocar a marcha e colocar em uma mais leve. Tão logo ele subiu, trocou a marcha e começou a pedalar. Cristiano Ronaldo também em um momento teve dificuldade para trocar a marcha, utilizando-as com a corrente cruzada: a marcha da frente na coroa menor e o câmbio traseiro na coroa menor. Nesse instante, a corrente travou, o que o fez parar. Inácio e eu explicamos para ele que essa combinação era inadequada, pois além de travar poderia quebrar a corrente ou câmbio. Ao mudar a marcha, a bicicleta voltou ao normal e ele continuou o trajeto (12C).

Quando estávamos rumo ao portão de saída Rodolfo comentou que havia gostado muito do passeio, disse que foi muito legal e agradeceu por tê-los levado ao passeio (13C).

Ao sairmos da USP para retornarmos ao Clube dos Metalúrgicos, resolvemos fazer uma foto com todos em frente à portaria da citada Universidade. Eu coloquei minha máquina fotográfica posicionada sobre uma pequena tora de madeira (mourão) e, acionando o recurso da máquina com temporizador, tiramos a foto.

Em seguida, dialogamos sobre qual trajeto falamos para retornar e Cristiano Ronaldo e Rodolfo sugeriram o fazermos por rua de terra, localizada à direita da saída da USP. Os demais participantes concordaram e, então, seguimos pela rua de terra. Os participantes se divertiram ao descer a rua de terra. Notamos que a rua era bastante esburacada, com valas formadas, provavelmente, devido ao escoamento da água da chuva, local no qual também corria uma água com mau odor, o que imaginamos ser esgoto de pia de cozinha. Rodolfo indicou preocupação por sujarmos as bicicletas naquele local e que a água estava fedida. Cristiano Ronaldo falou “aqui é os sem-terra”, frente a um conjunto de residências de construção simples com madeira reaproveitada. Poucos metros à frente Cristiano Ronaldo

comentou que por ali morava seus primos Ronaldinho e Gabi que também participam do projeto (14C).

Mais à frente, paramos em outra sombra de árvore e Rodolfo sugeriu que fôssemos por um terreno que possuía uma pequena trilha por onde as pessoas cortavam caminho. Sandro sugeriu que fizéssemos o caminho por aquilo que chamam de bosque e disse que este último era uma continuação dessa trilha. Acreditamos que tenha este nome devido às árvores existentes no local. A trilha antes de chegar ao bosque possuía algum entulho e também resto de móveis jogados pelo terreno. Já no bosque, também notamos uma grande erosão junto ao grande encanamento de cimento, afetado por tal erosão. Os participantes quiseram parar para tirar uma foto na região, inclusive, queriam que a foto fosse com eles dentro do buraco (Cristiano Ronaldo e Rodolfo) (15C). Dissemos que seria perigoso nos acidentarmos em um deslizamento de terra e tiramos a fotografia na parte de cima mesmo. Cristiano Ronaldo sugeriu para irmos até a cachoeira, localizada perto do Cedrinho. Sandro, no entanto, disse que não era tão próximo assim. Da Lua e eu dissemos que poderíamos pensar neste trajeto/passeio em outra ocasião, devido ao horário no momento não poderíamos nos deslocar até lá. Todos concordaram e voltamos ao Clube. Pedalamos aproximadamente 10 quilômetros (16dC).

Chegando ao Clube, um a um, entregaram as bicicletas, capacetes e luvas. Eu fui guardando as bicicletas com ajuda de uma das crianças que estava próxima às cadeiras que estavam em círculo. Alguns dos participantes do passeio foram beber água enquanto os participantes que estavam fazendo outras atividades (Morceguinho Morcegão, Jogos de Tabuleiro, Bicicletas nas dependências do Clube e o Jornalzinho) perguntaram como foi o passeio externo, dentre eles: Peppa para Adauto e Inácio; Jonathan para Rodolfo e Cristiano Ronaldo; Duarte para Clayton; e Thor para Da Lua. Estes responderam que foi bem divertido, bacana e que em breve os participantes mais novos também poderão ir. Jonathan perguntou quantas vezes precisava vir ao projeto para poder ir ao passeio de bicicleta, já que houve comentário do Da Lua que era necessário estar frequente no projeto para poder participar. Sandro comentou comigo que havia gostado e que achou muito legal o passeio de bicicleta(17C).

O grupo todo se sentou em roda para dialogarmos sobre as atividades do dia. Neste momento, Da Lua aproveitou para comentar que desta vez foram para o passeio de bicicleta aqueles e aquelas que possuíam idade de 12 anos ou mais, mas que em breve, pouco a pouco os mais novos também poderão ir. Contudo, salientou que era importante seguir 4 critérios: 1) a idade mínima estabelecida para cada passeio; 2) frequência constante ao projeto (mínimo de 4 dias seguidos do projeto ou 8 alternados); 3) respeito a todos os colegas (participantes, educadores/as, zeladores/as, atendentes, guarda-vidas, pais e mães que visitam o projeto, bem como toda e qualquer pessoa; 4) apresentar a autorização do pai, mãe ou responsável para realizar o passeio de bicicleta (18C).

Antes da votação, o educador Flávio perguntou para os participantes que haviam saído para pedalar, o que haviam achado do passeio. Adauto respondeu que havia gostado, que eles foram até a USP, que aprenderam sobre sinalização, respeitar o trânsito, o pedestre e a dar os sinais com os braços para virar as ruas. Na sequência, Cristiano Ronaldo brincou com ele dizendo: “Você só não falou que você comeu poeira” referindo-se aos momentos de descida (19C). Após isto, foi feita a indicação dos/as participantes para a atividade da próxima semana, bem como a votação.

Thor disse que não havia tido o *Fútbol Callejero*. Os educadores informaram que seguramente o realizariam na semana seguinte como primeira atividade. Como atividade de iniciação de integração foi eleita o Pé na Lata. Após isso, foi distribuído o lanche (uma maçã e uma bolacha do tipo água e sal). Rodolfo perguntou se iríamos pedalar fora do clube

novamente na semana seguinte e eu disse que passeios externos seriam realizados, mais ou menos, a cada quinze dias (20C).

O ônibus da empresa Paraty que faz o transporte dos participantes para os bairros mais distantes chegou e, após os participantes adentrarem junto ao educador Flávio, partiram em direção aos bairros em que residem, a saber: Antenor Garcia, Gonzaga e Cidade Aracy.

Período da Tarde

Educadores/as: Leandro, Max, Da Lua, Inácio, Sandro.

Educandos/as: Ronaldo, Raiane, Sofia, Marília, Roberta, Diego, Robinho, Lupita, Ronaldinho Gaúcho, Super Mário, Dudu, Super Mário, Duarte, Ben10, Guerreiro, MC'Gui, Alberto, Sardinha, Adauto

Participantes no passeio: Sardinha, Adauto

Retornamos do almoço às 13h40min e encontramos Adauto no clube. Ele disse que preferiu vir com ônibus de linha, pois estava preocupado com o horário. Ele afirmou ter chegado ao clube por volta das 13h30min. Ele estava bastante animado em sair novamente de bicicleta, ficamos no clube aguardando a chegada das outras crianças e, com a chegada do ônibus, rapidamente Ronaldo, Duarte e Sardinha vieram falar comigo e perguntar sobre o passeio. Respondi dizendo que só iriam conosco aqueles que tinham autorização. Ronaldo e Duarte tentaram argumentar, e esclarecemos que eles não possuíam autorização. Disse a Duarte que eu já havia conversado com ele pela manhã sobre o assunto e lembrei-o novamente que ele não possuía a idade mínima determinada para esse primeiro passeio. Ronaldo também insistiu dizendo que possuía doze anos, porém respondi lembrando-o que ele não possuía autorização assinada, pois não estava presente no dia em que eu havia distribuído. Ele comentou que sua mãe o havia deixado ir, mas eu afirmei que era necessária a autorização assinada. Sardinha estava ansioso e perguntou diversas vezes quando iríamos sair, e respondemos que seria logo. Com as crianças em roda Leandro e Max iniciaram a roda de conversa. Algumas crianças tais como, Ronaldo, Roberta, Duarte e Peppa começaram a questionar a saída de bicicleta dos colegas e manifestaram descontentamento por não ir. Da Lua explicou a situação, com informe geral durante a roda de conversa e explicitou as regras que foram definidas para esse passeio (idade, frequência, respeito e autorização). Disse também que iniciamos os passeios com os mais velhos, porém logo outras pessoas mais novas poderiam participar. Ronaldo insistiu dizendo que já tinha idade, Da Lua afirmou que ele não estava frequente no projeto, que não possuía autorização assinada e eu lembrei que nas últimas vezes que ele havia participado do projeto ele havia desrespeitado os colegas durante a atividade com bicicleta e também os educadores durante as atividades. Dissemos a Ronaldo que deveria considerar isso caso pretendesse ir conosco no próximo passeio ciclístico (21C).

Enquanto as crianças que ficariam no clube se dirigiam para o gramado com Leandro e Max, Inácio, Da Lua e eu começamos a organizar a saída juntamente com Sardinha e Adauto. Preparamos os equipamentos, capacetes, coletes, Luvas, Caramancholas e material para reparo e manutenção da bicicleta e pneus em caso de emergência. Também separamos um lanche para levar, barrinhas de cereal e bolacha tipo água e sal (22C).

Sardinha estava com os olhos vermelhos e lacrimejando, perguntei se ele estava bem, ele disse que estava com gripe. Perguntamos se ele havia ido ao médico. Ele disse que foi ao posto de saúde e que estava com suspeita de Dengue, e que o médico disse que era apenas uma gripe comum.

Com todos equipados, Sardinha pediu a Da Lua para ir até onde estava sua mãe, que neste dia estava no clube com seu primo que trabalha na lanchonete, ele queria mostrar a

bicicleta e os equipamentos para ela. Da Lua disse que ele poderia ir e o garoto seguiu com a bicicleta até a lanchonete onde ele estava (23C).

Antes de sair nos reunimos e Da Lua fez uma conversa semelhante a que havia ocorrido pela manhã, falando sobre as leis de trânsito e como deveríamos nos comportar ao andar de bicicleta pelas ruas. Da Lua e eu dissemos a Sardinha para que elevasse um pouco a altura de seu banco, mas o garoto optou em ir com o banco baixo. Saímos e nos dirigimos ao campus dois da USP, mas antes passamos no posto para calibrar o pneu da bicicleta que estava com Sardinha, pois ela não havia sido utilizada no período da manhã e estava com os pneus murchos. Desta feita optamos por ir e voltar pelo caminho do bosque que nos foi ensinado por Sandro e Rodolfo no período da manhã, pois reduzia o trajeto em local com transido de carros (24C).

Enquanto estávamos reunidos notamos que algumas crianças estavam frustradas por não irem ao passeio, estas não quiseram participar da atividade inicial que estava sendo realizada por Max. Robinho ficou sentado em frente à biblioteca e disse que não queria fazer nenhuma atividade, já Roberta, Sofia e Peppa ficaram deitadas na calçada e também não participaram da atividade. Quando estávamos saindo elas reclamaram dizendo que elas não podiam ir e demonstraram descontentamento com isso (25C).

Assim que chegamos a USP Sardinha já demonstrava sinais de cansaço, na primeira subida dentro do campus ele já desceu da bicicleta por não aguentar pedalar. Sugerir novamente que ele elevasse um pouco seu banco e comentei que o banco na altura adequada facilita à pedalada. Da Lua e Inácio também insistiram e o garoto resolveu aumentar o banco. Andamos mais um pouco até uma sombra para descansarmos um pouco e beber água. Andamos mais um pouco e logo fizemos outra parada para beber água, pois Sardinha estava se cansando rapidamente, nesse momento aproveitamos para tirar uma foto com um trem que passava ao fundo e que chamou a atenção de Sardinha e Aduino. Com menos de 3 quilômetros percorridos, Sardinha demonstrava sinais de cansaço, inclusive, relatava isso verbalmente. Em uma de nossas paradas ele comentou que estava se sentindo muito cansado e que queria ir embora. Aduino solicitou que nós fizéssemos mais uma vez a descida da entrada, pois ele havia gostado muito. Sardinha disse que iria descer também. Comentamos que depois seria necessário subir novamente e eu sugeri, uma vez que ele estava cansado, que ele esperasse juntamente com Inácio enquanto Da Lua, Aduino e eu fazíamos a descida pela última vez antes de ir embora. Assim combinamos que parte do grupo esperaria e Aduino, Da Lua e eu fomos repetir a descida pela última vez para que pudéssemos retornar ao clube. Retornamos ao clube bem devagar e fizemos algumas paradas pelo caminho para beber água e descansar, pois Sardinha seguia devagar, provavelmente por estar gripado (26B).

Assim que chegamos ao clube vimos que as outras crianças estavam realizando atividade com bicicletas dentro do clube. Robinho chamou a atenção de Inácio para mostrar a ele que já estava conseguindo pedalar sem uma das mãos. Aduino quis andar um pouco com as outras crianças, já Sardinha foi guardar a bicicleta (27A). Eu iniciei a guarda das bicicletas e Leandro me auxiliou chamando as crianças e pegando as bicicletas com elas.

No clube Inácio comentou que a conversa sobre sinalização que Da Lua havia tido com Aduino pela manhã havia surtido efeito, pois ele estava sinalizando corretamente as conversões, inclusive, se antecipava fazendo a sinalização antes mesmo que eu que estava na frente orientando a fizesse, mostrando que ele que havia compreendido o momento correto de sinalizar (28C).

Terminada a guarda das bicicletas todas as crianças sentaram-se em roda para finalizar as atividades do dia e eleger a atividade para a semana seguinte. Encerrada a roda servimos o lanche às crianças e estas dirigiram-se para o ônibus para irem embora.

Diário de Campo XVI

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Da Lua, Joana (ACIPE da NUMI).

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Rodrigo, Júlio César, Ronaldinho, Rodolfo, Gabi, Raquel, Fiorella, David Luiz, Maria Joaquina, Lili, Aryadine, Messi, Evandro.

Iniciamos as atividades com o jogo Pé na Lata, com ele terminado nos dirigimos para o *Fútbol Callejero*, como Eiri e Sandro não estavam presentes, eu conduzi o jogo do qual participaram Ronaldinho, Cristiano Ronaldo, Rodrigo, Júlio César, Maria Joaquina, David Luiz e Messi, enquanto Flávio ficou com Gabi, Raquel, Fiorella, Lili, Aryadine, que optaram por fazer jogos de tabuleiro.

Finalizando o jogo as crianças que dele participaram estavam animadas para andar de bicicleta e apressaram os colegas para que pudéssemos finalizar o terceiro tempo, prática que é comum ao Fútbol Callejero, o que comprometeu um pouco a finalização do futebol (1A).

Seguimos para pegar as bicicletas, chamamos as outras crianças que estavam com Flávio e apenas Gabi quis andar de bicicleta conosco, as outras meninas optaram por terminar a partida de Jogo da Vida que estavam desenvolvendo (2A).

Da Lua começou a distribuir os capacetes para as crianças (3A). Eu fui destrancando as bicicletas enquanto Gabi disse que queria usar a bicicleta infantil rosa, pois ela possuía um banco mais macio. Ronaldinho informou que queria usar a bicicleta verde. As demais crianças quiseram as bicicletas brancas mais novas, assim distribuí de acordo com o tamanho para permitir que as crianças menores tivessem menos dificuldades (4B). As crianças que pegavam as bicicletas se reuniam com Flávio que retomava as informações e regras para andar pelo clube e também as ajudava a encher os pneus que necessitavam ser calibrados (5A). Enquanto retirava as bicicletas da gaiola, Cristiano Ronaldo me auxiliava pegando e encostando na parede aquelas bicicletas que não seriam usadas e repassando para as outras crianças as bicicletas que cada uma usaria. Quando chegamos à primeira das bicicletas brancas ele disse para eu tirar e encostar, pois ninguém iria querer aquela bicicleta.

C.O. Penso que por ser um pouco mais usada que as demais, acredito que a aparência mais desgastada desestimule o uso, isso tem sido constante nos momentos de escolha, porém nunca havia notado isso entre as bicicletas brancas.

Com todos prontos eu e Joana também pegamos bicicletas para acompanhar as crianças . Nesse momento Maria Joaquina veio trocar a bicicleta, pois disse que tentou andar com a bicicleta branca, mas estava achando muito difícil e preferiu utilizar a BMX azul. Eu ainda expliquei para ela que quando se anda em uma bicicleta de tamanho maior do que o adequado, não podemos parar com os dois pés no chão, devemos manter um deles no pedal, inclinar a bicicleta para o lado oposto e colocar o outro pé no chão, pois assim é possível colocar o pé no chão sem dificuldades (6B).

Antes de sair perguntei para as crianças se elas gostariam que fizéssemos alguma atividade, Rodrigo pediu para fazermos o jogo de queimada, porém Ronaldinho e outras crianças disseram que não queriam. Algumas crianças disseram que queriam colocar garrafas nos pneus para fazer barulho e as outras concordaram. Maria Joaquina disse que gostaria de fazer o circuito de curvas e outras crianças se animaram com a possibilidade, exceto Ronaldinho que se posicionou contrariamente. Eu disse a ele que montaria o circuito e que não haveria a necessidade de passar por ele se não quisesse. Assim as crianças saíram para andar pelo clube enquanto eu fui ajudar Gabi e Ronaldinho a colocar garrafas nos pneus e Flávio iniciou a montagem do circuito de curvas, que depois também auxiliiei a terminar. Com cones e elásticos decidimos fazer algo semelhante a um caracol, coisa que já havíamos feito em outra ocasião, porém um pouco mais simples, pois restava pouco tempo para atividade.

Como no final do período faríamos a leitura do jornalzinho bimestral com as crianças, tivemos que reduzir o tempo de duração das atividades. Assim que terminamos o circuito as crianças começaram a fazer fila para passar, muitas encontraram dificuldade, porém sentiam-se desafiadas, uma vez que retornavam sempre para a fila para tentar novamente. Até Gabi que estava aprendendo a andar tentou passar pelo circuito diversas vezes sem desanimar. David Luiz pediu para Maria Joaquina emprestar a BMX que estava com ela para ele tentar passar. Ela emprestou e ele passou com facilidade pelo circuito. Rodrigo também quis experimentar a bicicleta menor e gostou da experiência, pois logo depois ele trocou de bicicleta e começou a andar com a BMX vermelha que estava sem uso. Rodolfo chegou atrasado, pois neste dia ele participou do treino de futebol que havia sido alterado de sexta para esta quinta por conta do feriado de páscoa. Ele me perguntou se ainda tinha bicicleta disponível para ele andar e eu disse a ele para verificar com Da Lua que estava próximo da gaiola e poderia verificar isso. Rodolfo pegou a bicicleta que havia sido deixada por Rodrigo. Flávio e Joana também experimentaram o circuito, Joana acabou atingindo um dos cones durante sua passagem e Flávio teve que colocar o pé no chão em sua tentativa. Avisei que o tempo já estava terminando e as crianças se organizaram em fila para fazer a última passagem pelo circuito (7A), enquanto eles terminavam de passar eu me dirigi até a gaiola de bicicletas para receber as crianças para a roda final e guardar os equipamentos. O primeiro a chegar foi Júlio César, que solicitado por mim, me ajudou a guardar as bicicletas recebendo-as das crianças e me passando uma a uma conforme eu as acomodava na gaiola. Enquanto isso Flávio recolheu os materiais utilizados no circuito.

Com as bicicletas guardadas e as crianças sentadas em roda iniciamos a roda final que foi comandada por Flávio que iniciou a conversa fazendo a distribuição do jornal e convidou as crianças para fazer a leitura de algumas matérias. Ronaldinho e Gabi ficaram animados ao verem seus nomes no local que indicava as pessoas que participaram da produção do jornal. Foi feita uma leitura compartilhada de alguns trechos e tiradas algumas dúvidas de significados de termos como “antropofagia” e “castas”, os quais foram explicados por Da Lua. Enquanto Flávio finalizava a roda de conversa, Da Lua e eu preparamos as autorizações que seriam entregues para as crianças para o próximo passeio ciclístico que ocorreria na semana seguinte e do qual poderiam participar crianças com dez anos ou mais. Foram entregues autorizações nominais para Cristiano Ronaldo, Júlio César, Lili, Messi e Rodolfo (8C).

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Inácio.

Educandos/as: Raiane, Sardinha, Roberta, Diego, Ronaldinho Gaúcho, Lupita, Super Mário, Duarte, Ben10, Tabata, Pica-Pau, Rivaldo, Alberto, Pudim, Empadinha, Luciane, Bob Esponja, Hulk.

As crianças chegaram e enquanto elas assinavam a lista de presença, Roberta me disse que seu irmão Robinho estava internado, pois teve um problema na cabeça e que, segundo ela, ele estava com duas manchas, que uma delas havia estourado e outra podia estourar e que por isso ele ficou internado. Ela disse que ele teve um ataque epilético. Eu perguntei se ela o havia visitado no hospital e se ele estava bem, ela disse que viu ele e que ele estava bem. Disse a ela que mandasse um abraço para ele quando o fosse visitar novamente. Depois disso nos reunimos para iniciarmos o jogo de Polícia e Ladrão programado na semana anterior. As crianças estavam bastante agitadas e foi difícil organizar a brincadeira, todas queriam ser ladrão e nenhuma delas queria ser polícia. Diante da impossibilidade de brincar sem polícia algumas crianças aceitaram iniciar a brincadeira como polícia, porém durante o jogo não se

esforçavam muito para pegar os colegas, isso também ocorreu quando os papéis se inverteram. As crianças estavam agitadas e logo o jogo de Polícia e Ladrão se tornou desinteressante, o que fez as crianças pedirem que iniciássemos a atividade com bicicleta (9A). Nesse momento chegaram atrasados: Alberto, Pudim, Empadinha, Luciane e Bob Esponja.

Neste dia, além de Ben10 e Super Mário, também não quiseram participar da atividade com bicicleta Roberta, Diego e Hulk, diante disso Max os chamou para fazerem outra atividade, os participantes escolheram ficar no parquinho (10A).

Chamei todas as crianças para sentarem-se nas cadeiras que estavam próximas pelo espaço para organizarmos a distribuição das bicicletas, uma vez que, frente ao número de crianças, talvez tivéssemos que fazer um revezamento. Com todos sentados iniciei a distribuição das bicicletas com as crianças que iriam participar da atividade. Perguntei primeiro quem gostaria de utilizar as bicicletas infantis. Manifestaram interesse Lupita, Raiane e Bob Esponja como tínhamos três disponíveis, cada criança ficou com uma bicicleta. Tabata optou pela BMX azul e Alberto pela BMX vermelha. Os demais optaram pelas bicicletas brancas novas e as escolheram de acordo com o tamanho e não houve necessidade de revezar efetivamente. Ficaram com as bicicletas de menor tamanho Duarte, Rivaldo e Robinho que possuíam menor estatura (11B).

Já com as crianças nas bicicletas, eu os relembrava dos combinados de não derrapar para evitar o desgaste prematuro dos pneus e também o de não descer para o campo de futebol, mas enquanto eu dava os lembretes elas me apressavam, pois queriam andar logo e ficavam dizendo que já sabiam tudo o que eu estava dizendo e pediam para que eu as deixasse andar com as bicicletas (12B). Assim encerrei os recados e, enquanto elas saíam para andar, eu disse que montaria um circuito para quem quisesse passar. Fui até próximo da portaria com elásticos, cones e cordas. Com ajuda de Inácio montei um ziguezague com elásticos e cones.

Notei que Lupita estava andando bem sozinha e estava conseguindo parar e sair sozinha, sem ajuda, ela andou autonomamente pelo clube nesse dia (13A).

Grande parte dos/as participantes que estavam andando de bicicleta logo parou, algumas ficaram no parquinho. Pudim, Empadinha e Luciane pararam de andar e ficaram sentadas conversando e manuseando seus *smartphones*, às vezes ficavam conversando com Super Mário. Alberto logo deixou a bicicleta com que estava no chão e foi embora sem falar com ninguém (14A).

Com as bicicletas paradas deixadas pelas outras crianças, Duarte, Ronaldinho Gaúcho, Sardinha, Pica-Pau e Bob Esponja, que ficaram pedalando todo o tempo da atividade, trocaram de bicicletas constantemente e deram voltas com diferentes bicicletas. Roberta, Diego, Hulk, que inicialmente não estavam na atividade de bicicleta, também deram algumas voltas com as bicicletas que foram deixadas paradas pelas outras crianças (15A)

Poucas crianças se interessaram em passar pelo circuito, Sardinha e Pica-Pau foram os que mais utilizaram, as demais crianças fizeram uma ou outra passagem por ele. Inácio e eu começamos a bater corda e estimular as crianças a passarem por ela com as bicicletas, porém apenas duas crianças conseguiram passar, pois rapidamente Roberta, Diego e Hulk se aproximaram e insistiram para pular corda. Com eles pulando, Raiane, Tabata e Lupita pararam as bicicletas e também quiseram pular corda. A partir daí Diego e Roberta só ficaram pulando corda. Raiane, Tabata e Lupita alternavam uma volta de bicicleta e um tempo pulando corda (16A).

Durante a atividade tive que conversar diversas vezes com Pica-Pau, pois ele provocava constantemente Rivaldo e Raiane dizendo que eles eram namorados, mesmo com minhas solicitações para interromper suas provocações o garoto continuou irritando Raiane que veio a chorar de nervoso. Ronaldinho Gaúcho também reclamou que Pica-Pau ficava

atrás dele batendo com o pneu da frente em sua roda traseira e o ameaçando constantemente dizendo que iria derrubá-lo (17dB).

Com tempo da atividade se esgotando solicitamos às crianças para que recolhessem as bicicletas. Inácio e Max solicitaram que as crianças ajudassem a levar as bicicletas que haviam ficado paradas, e as crianças que estavam pulando corda os ajudaram. Eu fiquei recolhendo os materiais utilizados no circuito e logo depois fui guardar as bicicletas. Pedi para que Max chamasse as crianças que tinham interesse em jogar *Fútbol Callejero* e iniciasse a atividade com elas enquanto eu acomodava as bicicletas, comentei com ele que depois eu me juntaria às crianças que não iriam jogar e faria alguma atividade com elas. Terminei de guardar as bicicletas e notei que apenas Roberta, Lupita, Diego, Ronaldinho Gaúcho, Tabata e Raiane não estavam no futebol e brincavam no parquinho. Como elas estavam muito interessadas em pular corda anteriormente levei uma corda e assim que me viram se juntaram a mim para pular corda. Ficamos pulando corda. Pouco tempo depois Rivaldo saiu do *Fútbol Callejero* e se juntou a nós. Ficamos por lá um bom tempo e quando as crianças se cansaram da atividade eu as convidei para fazer as atividades do jornalzinho do mês que havia sido publicado naquele dia. Com exceção de Rivaldo todas as crianças se animaram e fomos então para a biblioteca, lá chegando distribuí um jornal para cada um e lápis de cor para que pudessem fazer os passatempos disponíveis no jornal. As crianças ficaram surpresas com a reportagem sobre o educador Teodoro, que estava no jornal, pois ele estava com pinturas e adornos indígenas de sua etnia, a Umutina. Elas também se envolveram bastante com o caça palavras. Logo chegaram as crianças que estavam no *Fútbol Callejero*. Com as crianças reunidas, distribuí mais jornaizinhos para os que haviam chegado. Algumas crianças não quiseram pegar, dentre elas estava, Ben10, Rivaldo, Pica-Pau, Bob Esponja e Duarte. Apresentei às crianças as matérias do jornal e convidei-as a fazer a leitura de alguma que achassem interessantes, embora contra a vontade de Rivaldo e Pica-Pau que reclamaram da leitura, Roberta, Jéssica e Tabata fizeram a leitura do editorial, da reportagem sobre o carnaval e sobre o dia do índio. Ao final Max organizou a votação da atividade para a semana seguinte. Após a conversa final fiz a entrega de autorizações para o próximo passeio ciclístico. Receberam autorizações nominais para o passeio: Roberta, Sardinha, Duarte. As outras crianças que possuíam idade não receberam, pois não estavam frequentes no projeto. Avisei a Pica-Pau que ele também não poderia ir, pois além de não possuir frequência, ele havia desrespeitando as crianças durante as atividades do dia. Hulk, que deveria receber autorização, foi embora com seus familiares sem avisar antes que eu pudesse entregá-la. Antes de ir embora Pica-Pau reclamou comigo por não poder ir ao passeio. Eu disse a ele que ele não estava frequente no projeto e que ele estava desrespeitando os demais os colegas. Ele disse que iria roubar a autorização de outra criança. Eu respondi alertando que as autorizações eram nominais. Ele então disse que rasgaria a autorização delas e eu disse que sabia para quem havia entregado autorização e que eu entregaria outra caso ele fizesse isso. Ele mandou eu me ferrar e eu não respondi mais a ele (18dB). As crianças foram embora com ônibus.

Diário de Campo XVII

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Da Lua, Inácio, Joana (ACIPE da NUMI), Sandro.

Educandos/as: Ibrahimovic, Evandro, Ronaldinho, Gabi, Neymar, Fiorella, Raquel, Peppa, Aryadine, Ronaldo, Maria Joaquina, Rodrigo, David Luiz, Lili, Guto, Rodolfo. Cristiano Ronaldo, Júlio César, Messi.

Participantes no passeio: Cristiano Ronaldo, Júlio César, Messi.

Faltando 20 minutos para as oito horas, Cristiano Ronaldo já estava pronto e conversava com Messi, dizia para Messi voltar para casa e insistir no pedido com sua avó para que ela o autorizasse a ir ao passeio de bicicleta. Messi perguntou se daria tempo e eu disse que sim, pois ainda faltavam vinte minutos para iniciar o projeto. Ele foi e pouco depois voltou com sua avó que conversou comigo preocupada com a segurança. Ela disse que estava com medo que ele andasse de bicicleta pela rua. Eu disse a ela que eles usariam equipamentos de segurança, como capacetes, luvas e coletes coloridos. Eu disse também que iriam três educadores acompanhando o pequeno grupo de crianças e que iríamos por ruas pouco movimentadas para diminuir os riscos. Disse a ela, porém, que aquela era decisão dela, pois por mais cuidado que se tome sempre existe um risco. A avó do garoto ficou mais tranquilizada e concordou em autorizar a ida dele ao passeio, diante disso peguei uma autorização em branco para ela assinar (1C).

Pouco tempo depois as crianças do ônibus chegaram e iniciamos a organização das atividades. Para este dia a atividade inicial escolhida foi a brincadeira denominada “alto lá”. Jogo proposto e ensinado por uma das crianças que disse tê-lo vivenciado em aula de Educação Física na escola. Flávio perguntou as regras para as crianças e elas foram descrevendo, pois já tinham jogado em outro dia da semana. Segundo elas o grupo, de modo sigiloso, seria dividido em Velhinhas, Policiais, Assassinos e Gangue dos Carecas tendo as iniciais indicativas inscritas na palma da mão com caneta hidrográfica. Cada participante receberia três elásticos e colocaria no pulso. Na quadra a brincadeira prossegue como um pega-pega, e quando uma pessoa pega a outra ela diz: alto lá! Assim quem foi pego tem que parar e mostrar a mão e, aquele que perde, passa um ou mais elásticos ao outro. Para determinar os ganhadores segue a seguinte regra: A velhinha perde para todos; o Policial ganha da Velhinha e do Assassino pegando um elástico por vez, a Gangue dos Carecas ganha de todos e pega todos os elásticos em uma só vez.

Flávio e eu achamos estranha a regra, pois com esta configuração quem saísse como velhinha sempre perderia o jogo e quem fosse da Gangue dos Carecas sempre ganharia. As crianças confirmaram essa regra e começamos, por sorteio, a distribuir os personagens às crianças e a formar os diferentes grupos. As crianças eram chamadas e o personagem sorteado para ela era escrito na palma da mão por mim dentro da biblioteca, para que os demais não vissem.

As crianças que recebiam a letra V de velhinha ficavam decepcionadas e outras também se decepcionavam por serem policiais ou assassinos. Quase todas queriam ser da Gangue dos Carecas. Cristiano Ronaldo reclamou bastante por não ser um dos carecas, disse que não iria jogar, porém acabou participando. Com todos prontos e já com seus elásticos seguimos para a quadra onde Flávio iniciou a brincadeira com as crianças. A primeira rodada foi muito rápida e como era de se esperar os carecas venceram. Diante disso eu sugeri uma mudança nas regras e disse que poderíamos experimentar jogar de modo que todos só pudessem tirar um elástico por vez e que a Velhinha também tivesse a oportunidade de vencer, e propus a seguinte hierarquia: os Carecas vencem dos Policiais e Assassinos, os Policiais vencem dos Assassinos e das Velhinhas, e as Velhinhas vencem dos Carecas. As crianças aceitaram a proposta e fizemos uma nova rodada. O jogo teve uma dinâmica melhor, porém não o observei até o fim, pois fui preparar as bicicletas para o passeio. Tanto durante a organização, quanto durante o jogo “alto lá”, Cristiano Ronaldo e Messi perguntaram diversas vezes quando iríamos sair de bicicleta. Eu disse que necessitávamos de mais um educador para sair e para isso deveríamos aguardar a chegada de Da Lua. Eles reclamaram que Da Lua estava demorando muito. Eu disse a ele que até o fim da atividade inicial ele chegaria. Quando Da Lua chegou Messi e Cristiano Ronaldo saíram do jogo e foram imediatamente

falar com ele. Messi inclusive falou que não queria jogar mais. Da Lua disse que iríamos logo após terminar o jogo e ele então retornou a jogar (2C). Da Lua perguntou para Lili se ela iria conosco no passeio ciclístico e ela disse que não iria, pois estava com sono e não estava com tênis (3dC).

Enquanto o jogo terminava eu fui destrancar e separar as bicicletas para usarmos no passeio. Quando eu estava terminando de retirá-las da gaiola, Cristiano Ronaldo, Messi e Júlio César já estavam chegando para se prepararem, os três optaram por utilizar as brancas Soul tamanho 17 (4B).

Junto com os participantes separamos os coletes, capacetes, caramancholas e luvas. Cristiano Ronaldo se lembrou do kit de ferramentas e o pegou. Eu coloquei a bomba em uma das bicicletas e separei algumas barrinhas de cereal. Cristiano Ronaldo e Messi foram lavar e abastecer as caramancholas. Os educadores Da Lua e Inácio auxiliaram os participantes no ajuste adequado dos capacetes (5C).

Quando estávamos organizando a saída, Ronaldo foi falar com Da Lua e pediu uma autorização para andar de bicicleta conosco. Da Lua explicou que as autorizações de cada passeio são entregues na quinta-feira da semana anterior ao passeio, e o lembrou de que ele havia faltado no dia da entrega da autorização para aquele passeio e por isso não poderia ir (6C). Neste dia a educadora Joana da NuMI-EcoSol, que estará presente às quintas-feiras pela manhã durante este semestre, também foi pela primeira vez em um passeio externo.

Com todos prontos seguimos até a portaria do clube e, como de costume, antes de sairmos salientamos sobre a necessidade de sinalizar com os braços as conversões à esquerda e a direita, bem como seguir a mão de circulação das vias e para andarmos em comboio a aproximadamente um metro da guia (7C). Antes de sairmos Da Lua alertou que deveria calibrar o pneu de sua bicicleta, diante disso nossa primeira parada foi o posto de combustível. Desta vez, Da Lua solicitou autorização ao frentista que sorriu e respondeu positivamente.

Em seguida seguimos pelas ruas menos movimentadas em direção ao campus 2 da USP, inclusive passando por um pequeno bosque e uma rua de terra. Optamos por tais caminhos por entendermos que, além de mais prazerosos pela existência de árvores, também são mais tranquilos e seguros para pedalar. Logo na saída do posto, Cristiano Ronaldo e Messi foram comentando ao longo do caminho sobre os passeios e trilhas em bicicleta que já realizaram indo ao Cedrinho pelo bosque ou indo até uma cachoeira. Disse que uma vez estavam passando pelo bosque e um senhor chamou para ir ao mato e eles saíram pedalando rapidamente. Diante das declarações de Messi sobre os passeios que realizava de bicicleta com seus amigos, eu questionei Messi se a avó dele o deixava sair de bicicleta e ele disse que sim. Cristiano Ronaldo disse que ela deixava só porque eles estavam juntos.

C.O. Nesse momento pensei na conversa que tive com a avó do garoto, que estava preocupada com sua saída no passeio conosco, pois pela conversa o garoto já havia rodado de bicicleta boa parte da região em que estávamos acompanhado apenas de outro garoto. Penso que o a autorização escrita possa trazer preocupações aos familiares (8C).

Chegando ao campus 2 da USP Cristiano Ronaldo logo perguntou se íamos fazer a descida em toda a velocidade e eu respondi que era preciso ter cuidado especialmente aqueles que ainda não haviam pedalado no local, pois poderia ser perigoso. Da Lua e Joana comentaram que estariam mais atrás e em velocidade mais lenta e, quem quisesse ir mais devagar poderia ir com eles. Inácio foi acompanhando mais ao centro do grupo, dando dicas sobre trocas das marchas e setas com os braços, especialmente para os menos experientes. Da Lua também orientava nesse sentido especialmente a educadora Joana que estava mais próxima dele e ainda não havia pedalado em passeios externos. Logo após terminarmos a descida eu fiz uma parada para que todos bebessem água e aproveitei para alertar as crianças sobre a importância de se atentar ao local em que se desce com velocidade, já que na USP há poucos cruzamentos e poucos veículos, enquanto na cidade em geral, há muitos cruzamentos

e, ocasionalmente, um veículo pode não respeitar as regras de trânsito e passar por uma rua mesmo que não seja a sua preferencial. Comentei sobre o caso do motoqueiro falecido recentemente numa situação semelhante que havia sido divulgado nos noticiários (9C).

Após descermos a via localizada na via principal de entrada da USP, fizemos uma parada para agrupar novamente e nesse momento Cristiano Ronaldo comentou sobre o vento e disse que era muito gostoso sentir aquele ar geladinho na descida. Após essa parada seguimos o passeio e realizamos alguns trechos nas ruas pavimentadas da USP, pouco depois eu sugeri que fizéssemos um trecho em rua não pavimentada no Campus. Os participantes gostaram da ideia e logo concordaram. Ao entrarmos na trilha notamos que havia uma placa indicando proibição de acesso à área de proteção permanente o que, a princípio nos deixou em dúvida, mas logo percebemos que se tratava do trecho com vegetação e não do trecho que iríamos percorrer (rua em terra), inclusive, visivelmente possuía circulação e veículos automotores em algumas ocasiões (10C). A via de terra deu acesso à outra via pavimentada pela qual seguimos e passamos por outra guarita de entrada do campus.

Seguimos por mais algum tempo pedalando e depois paramos novamente em uma sombra para bebermos água e Da Lua chamou a atenção que era importante pedalar relativamente próximo da guia, pois Júlio César, por exemplo, estava ficando muito no meio da rua com a bicicleta, o que envolveria riscos à segurança. Eu, então, demonstrei com a bicicleta a distância segura da guia de aproximadamente um metro, comentando também que, numa situação de ultrapassagem de um veículo/automóvel estacionado deve-se observar se é possível ultrapassar e manter essa mesma distância de 1 metro também dos carros estacionados, pois o condutor pode abrir a porta e nos atingir. Logo Messi perguntou: “vamos pedalar mais?”. Da Lua disse que sim e que era importante ter atenção a tais orientações. Eu complementei dizendo que também não é interessante ficar muito próximo ao meio fio, pois caso um veículo passe muito próximo é importante ter um espaço para nos deslocar e nos proteger, por isso a distância de um metro é recomendada.

Cristiano Ronaldo e Messi sempre queriam seguir em velocidade nas descidas. Em diversas delas eu controlava a velocidade do grupo e, em um dos momentos, ao nos aproximarmos de uma rotatória, a qual os dois garotos queriam atravessar em velocidade, eu comentei sobre a necessidade de ter cuidado nos cruzamentos e rotatórias, pois um carro poderia virar sem dar seta e cruzar a frente. Eu então combinei que iríamos devagar até cruzar a rotatória e depois poderíamos acelerar e aproveitar a descida. Ao chegarmos a rotatória um carro virou sem fazer a sinalização adequada e eu aproveitei o ocorrido para reforçar a orientação dada anteriormente. Comentei que se nós estivéssemos em velocidade poderíamos ter sofrido um acidente. Júlio César que seguia um pouco atrás, próximo a Inácio, também se atentou de outro veículo que possivelmente cruzaria a via e foi freando aos poucos, porém, o veículo não entrou e ele prosseguiu. Após cruzarmos a rotatória acelerei e descemos bem rápido o trecho que não possuía cruzamentos. Cristiano Ronaldo e Messi sempre ficavam animados com as descidas e Cristiano Ronaldo sempre comentava que poderia me ultrapassar, mas também sempre comentava que tem que respeitar os combinados de não realizar ultrapassagens, no caso, de não ultrapassar o educador que estava à frente (11C).

Seguimos então pelas ruas asfaltadas do campus e depois de uns 20 minutos paramos em outra sombra de árvore e fizemos um lanche: distribuimos uma barrinha de cereal para cada um dos participantes e Júlio César não quis, pois havia levado um lanche. Pegou seu sanduíche da mochila e começou a comer. Messi experimentou a barrinha e não gostou. Perguntou se alguém queria e eu então aceitei a barrinha e Júlio César partiu seu lanche ao meio cortando-o com a própria mão e ofereceu ao Messi, que aceitou. Júlio César também ofereceu um pedaço do lanche ao Cristiano Ronaldo, que não quis (12B).

Enquanto estávamos parados um veículo estacionou próximo à sombra que estávamos e, descendo dele um homem, Da Lua e eu percebemos que era nosso colega e colaborador na

Ação Pedal Consciente no espaço da UFSCar. Ele nos cumprimentou, um a um, e disse que havia levado ao Clube dos Metalúrgicos 4 bicicletas da UFSCar que estavam sem uso e alguns brindes, dentre eles 4 capacetes, uma manopla, e um par de manete de freio, além de dois refletivos para roda e 5 caramanholas (13B). Agradecemos muito e, Inácio, Da Lua e eu, conversamos um pouco com ele. Dentre os assuntos, comentamos sobre a substituição do secretário municipal de esporte e lazer da cidade. Nosso colega também disse que desde os últimos mandatos, a cada gestão, se reduz mais a verba da SMEL para projetos relacionados ao campus do esporte e do lazer, trazendo muitas dificuldades para a manutenção, como é o caso do PEDAL-Consciente na UFSCar (14C).

Cristiano Ronaldo e Messi estavam ansiosos para voltar a pedalar e preocupados com o tempo, inclusive perguntando para mim a hora, nos momentos de parada. Eles apressaram o grupo para recomeçar a pedalar e pediram, juntamente com Júlio César, para repetir novamente a descida da entrada do campus e assim o fizemos (15C).

No retorno, na última subida que fizemos para sair do campus, devido à troca de marchas muito rápida feita por Cristiano Ronaldo, a corrente de sua bicicleta saiu e ele teve que descer dela. Comentamos então que não adiantava correr tanto e trocar de modo inadequado a marcha, pois se estivesse em uma corrida de verdade, conforme estava brincando, acabaria perdendo mesmo sendo bastante veloz, pois quem estivesse mais lento, ganharia a corrida por estar fazendo as trocas de marcha corretamente. Ele, brincando, disse que ganharia de qualquer jeito, pois pegaria a bicicleta e a empurraria até a linha de chegada. Educador Da Lua comentou que em uma corrida de bicicleta ou de automóvel, não é possível ganhar empurrando a bicicleta ou carro, devido às regras do evento. Inácio, colocando a corrente no lugar, pediu para Cristiano Ronaldo trocar a marcha e girou o pedal para que a corrente voltasse ao lugar (16C). Com isto ocorrendo, então finalizamos a subida e prosseguimos pela saída da USP. Quando percorríamos o trecho que dava acesso à trilha do bosque, Cristiano Ronaldo pediu para pararmos a sombra, próximos ao local de erosão do bosque. Chegando lá, paramos para descansar e Cristiano Ronaldo comentou “nossa que da hora seria fazer um piquenique aqui!” (17C).

Nessa parada, Da Lua, ao observar a mochila que Júlio César carregava, comentou com o garoto que num próximo passeio de bicicleta ele poderia verificar se possuía uma mochila menor e menos pesada para levar aos passeios, pois a mochila fica nas costas e pode tornar a pedalada desconfortável. Seguimos e, em uma das últimas curvas antes de chegar ao clube, Cristiano Ronaldo chamou minha atenção, pois eu havia me esquecido de sinalizar a conversão, eu comentei que havia me distraído e pedi desculpas (18C).

Chegamos ao clube e os demais participantes já estavam realizando a roda de conversa para definirmos as atividades da quinta-feira seguinte. Dentre eles estava Rodolfo que havia pegado autorização para ir conosco, mas não estava lá no momento em que saímos. Perguntei a ele porque ele não havia ido e ele disse que havia perdido a autorização. Ao entrarmos na roda de conversa alguns participantes se mostraram curiosos fazendo perguntas sobre como foi o passeio. Peppa, por exemplo, dirigiu-se até Da Lua para ver as fotos na câmera digital. Enquanto via as imagens, perguntou se as crianças haviam obedecido no passeio. Da Lua disse que sim e que havia ocorrido tudo muito bem no passeio (19dC). O lanche foi servido e a roda finalizada, ficando eleita a atividade Páscoa para semana seguinte. Notei também que estavam presentes Robson e Guto que não estavam no início das atividades

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Leandro, Talita, Sandro, Inácio, Eiri.

Educandos/as: Raiane, Sofia, Diego, Robinho, Lupita, Super Mário, Dudu, Peppa, Ben10, Guerreiro, MC'Gui, Alberto, Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo, Pica-Pau, Frankenstein, Hulk, Roberta, Pudim, Bob Esponja, Jéssica, Tchar, Doug, Sardinha e Duarte.

Participantes no passeio: Sardinha e Duarte.

Inicialmente na roda de conversa conversamos com as crianças sobre ser possível apenas realizar duas atividades concomitantes, decorrente de que haveria um grupo saindo para fazer o segundo passeio ciclístico e, portanto, ficariam menos educadores no clube. As crianças então começaram a sugerir uma atividade alternativa para o *Fútbol Callejero*. Sugeriram parquinho, bicicleta, My god e jogos de tabuleiro. Ganhou parquinho, inclusive por que entenderam, após fala de Da Lua, que bicicleta ocorreria no segundo momento. Com tal decisão o grupo dirigiu-se para a primeira atividade do dia decidida na semana anterior, no caso, Páscoa.

Enquanto isso Sardinha e Duarte ficaram comigo na biblioteca, pois estavam tão animados com o passeio que nem participaram da conversa inicial. Roberta, nesse momento inicial, mostrou-se bastante entristecida por não poder ir ao passeio ciclístico, pois havia perdido a autorização assinada pela mãe (20C).

Assim, Sardinha, Duarte e eu nos equipamos com os, coletes, capacete e luvas. Também pegamos as caramancholas e as abastecemos com água (21C). Depois disso fomos pegar as bicicletas, Sardinha e Duarte optaram pelas brancas Soul tamanho 17, Da Lua optou por utilizar a bicicleta Soul tamanho 21 e, Paulino, quis a Soul tamanho 19 (22B).

Após preparação das bicicletas e equipamentos nos dirigimos até a portaria, próximo ao local em que os outros participantes brincavam de Páscoa e ficamos observando por alguns minutos, pois aparentemente estava bastante divertido. Pica-Pau gritava de longe com as pessoas que iam fazer o passeio, tirou sarro de Duarte que havia se desequilibrado e de mim que ao parar a bicicleta levantei a roda traseira esboçando uma manobra chamada RL. Ele disse a nós que não sabíamos nem andar de bicicleta, que nós iríamos cair com a bicicleta e finalizou a fala dizendo: “Tomara que caia mesmo!”. Também, em voz baixa, ofendeu Da Lua, falando aos colegas do lado: “Esse cabeça pelada!” enquanto Da Lua se aproximava deles para fazer uma foto do jogo que participavam (23dB).

Depois de observar um pouco fomos para uma sombra do lado de fora da portaria para que fizéssemos orientações sobre como se comportar com a bicicleta nas ruas. Da Lua solicitou a Sardinha que explicasse o que era necessário ser feito. Sardinha falou sobre a necessidade de andar no sentido da via e sobre a necessidade de sinalizar as conversões com a mão esquerda, quando for para a esquerda, e com a mão direita, quando for virar à direita. Da Lua perguntou se era somente aquilo e Sardinha disse que sim. Da Lua complementou dizendo que era necessário respeitar os pedestres e ficar atentos aos cruzamentos, observando quando é necessário parar. Comentou que era necessário ficar entre os educadores, não ultrapassando a mim, que seguiria à frente, e nem ficando para trás dele, que estaria por último. Sardinha disse que Duarte andava de mobilete pela rua e que ele já sabia de tudo isso. Perguntamos sobre a mobilete e Duarte disse estar na cidade de Santos, na casa dos avós. Comentou que quando morava lá andava bastante nela, mas que agora só anda quando vai visitar os avós em Santos.

C.O. Fiquei preocupado com a situação, um garoto de dez anos andando de mobilete pelas ruas. Também pensei sobre nossa preocupação com a segurança ao sair do clube com as bicicletas e a experiência de rua que as crianças possuem. É necessário lidar com essa diferença garantindo segurança e também motivação, esta situação apresenta-se como um desafio.

Saímos em direção a USP, e quando estávamos pedalando eu comentei com as crianças sobre a distância que as bicicletas devem manter do meio fio ao andar nas ruas,

inclusive demonstrei com a bicicleta e esticando o braço direito, afirmando que não poderíamos ficar muito próximos da guia.

Seguimos em sentido ao campo 2 da USP. Passamos por ruas pavimentadas. Desta vez foi necessário chamar a atenção de Sardinha diversas vezes, pedindo para que não andasse no meio da rua com a bicicleta, inclusive em determinado momento ele cruzou para o outro lado da rua próximo a uma esquina, na qual virou um carro e entrou na rua em que nós estávamos. Esta situação surpreendeu Sardinha e nos deixou apreensivos, fazendo-nos novamente chamar sua atenção de maneira mais incisiva (24C).

Seguimos em direção ao bosque e, ao passar pelo bosque, Sardinha comentou com Duarte sobre a erosão, mostrando a Duarte o local, dizendo algo como: olha o buraco que falei. Dando a impressão de ter comentado com Duarte anteriormente sobre aquele local (25C).

No caminho Sardinha disse a Duarte que havia uma grande descida na chegada e que nós faríamos ela em alta velocidade. Eu disse a Duarte que Sardinha gostava de descer correndo, porém que poderia descer devagar juntamente com Da Lua que sempre ia mais devagar. Duarte ficou animado disse que também queria descer bem rápido (26C).

Quase chegando ao campus da USP, ao percorrermos a rua de terra, Sardinha reclamou de ter que passar por um veio de água suja que escorre constantemente pela rua de terra. Ao passar por ele disse: “Ah, água suja não!” (27C).

Ao entrarmos na USP Sardinha disse para Duarte se preparar para a descida. Eu reduzi o ritmo e disse aos dois que eu estava só esperando um carro que estava entrando no campus passasse por nós. Assim que o caminho ficou sem carro, aceleramos e descemos em velocidade o declive. Quando iniciamos o trecho de subida Duarte se confundiu ao trocar a marcha e sua bicicleta parou com a corrente enroscada. Fizemos uma parada e eu expliquei a Duarte sobre o uso das marchas. Comentei que não podíamos usar a corrente cruzada, ou seja, a coroa grande com a catraca grande, ou a coroa pequena com a catraca pequena. Mostrando os mudadores, disse a ele que os ponteiros devem estar sempre na mesma região e que, caso estejam invertidos, significa que a corrente está cruzada. Coloquei a marcha mais pesada da bicicleta e pedi que ele movesse o pedal com a mão para sentir o esforço necessário e, em seguida, fiz o mesmo com a marcha mais leve. Perguntei a ele como ele gostaria que estivesse o pedal no momento em que estivesse em uma subida e ele disse que gostaria que estivesse do segundo modo. Comentei com ele que existem vários níveis entre aqueles que eu havia mostrado e que deveria se utilizar deles ao andar. Comentei que ele deveria fazer mudanças de marcha na coroa quando quisesse uma variação grande para cima ou para baixo, e no caso de pequenas variações deveria utilizar a troca na catraca. Disse para que fosse experimentando isso durante o percurso (28C).

Durante o passeio no campus da USP Sardinha rapidamente deu sinais de cansaço. Perguntamos se ele havia ido ao médico, pois ele ainda estava com sintomas de gripe e ele nos disse havia retornado ao posto médico por causa da gripe que não havia melhorado e que, nesta ocasião, confirmaram que o que ele havia tido era dengue. Imaginamos Da Lua e eu que o cansaço de Sardinha poderia estar ligado a isso.

C.O. Esse cansaço apresentado por Sardinha me fez pensar que pode ter relação com a apatia do garoto frente a diversas atividades, e que isso pode estar relacionado à outra causa, talvez alimentação, pois com frequência ele queixava-se de fome no projeto, o que poderia estar contribuído para um quadro de anemia.

Nesse momento Da Lua disse a Sardinha que seria importante que sua mãe o levasse ao médico para fazer um exame de sangue e verificar se, além da dengue, não estava com anemia, pois ele estava se cansando com bastante frequência.

Diante disso reduzimos o ritmo da pedalada, mas mesmo assim Sardinha desceu da bicicleta e a empurrou em diversos trechos de subida, mesmo nos de pouca inclinação (29B).

Já Duarte, ao contrário de Sardinha que estava cansado, estava bastante animado em andar e sempre queria andar mais e ir mais longe (30C).

Em conversa durante o passeio na USP, Sardinha disse orgulhoso que possuía uma bicicleta rebaixada. Perguntei se não era ruim pedalar na subida com ela e ele disse que nas subidas ele sempre a empurrava. Eu comentei que outro dia havia visto um rapaz passar uma lombada com uma bicicleta rebaixada e que ele quase havia caído, pois o pedal havia prendido no chão. Sardinha disse que é preciso tomar cuidado, pois nas lombadas o pedal pode pegar no chão. Ele disse que a bicicleta dele é uma Ceci com suspensão rebaixada e quadro modificado. Perguntei se havia sido ele que havia modificado o quadro e ele disse que levou em um lugar onde um homem fez o serviço para ele (31B).

Passamos por um trecho de terra dentro da USP e também andamos por um calçamento que passa por trás de uma pequena mata. Paramos para descansar, pois observamos que Sardinha estava novamente empurrando a bicicleta. Desta vez estávamos próximos ao restaurante universitário da USP e, do local em que paramos, avistamos uma composteira. Da Lua nos convidou a nos aproximarmos para ver. Duarte e Sardinha perguntaram o que era uma composteira e Da Lua lhes explicou. Da Lua comentou que algumas pessoas fazem em suas casas pequenas composteiras para manterem canteiros de horta e eu comentei que um amigo meu estava fazendo isso em seu quintal em um pequeno espaço em que cultivava uma horta. Nesse momento fizemos um lanche, Sardinha comentou que estava com muita fome e disse que não havia almoçado antes de ir ao projeto. Comentou que sua mãe não havia deixado comida pronta. Ele e Duarte partilharam um pacote de bolacha maizena que havíamos levado ao passeio e consumiram todo o pacote. Ambos pareciam estar com fome, pois comeram bem rápido. Enquanto comia Sardinha derrubou uma bolacha no chão perguntou: “Posso jogar na composteira? é de comer!” Da Lua confirmou a informação de Sardinha que jogou a bolacha em um dos montes de resíduos orgânicos da composteira. Quando estávamos nos preparando para continuar Sardinha comentou que estava cansado e que queria ir embora. Duarte queria continuar. Eu disse que andaríamos mais um pouco, porém já no sentido da saída do campus, para que pudéssemos ir embora e ambos concordaram (32B).

Durante esta última volta, tivemos que chamar a atenção de Duarte duas vezes por subir na calçada com a bicicleta e também tivemos que falar o mesmo para Sardinha. Em uma das ruas havia um estacionamento de carros lotado e Sardinha estava empinando a bicicleta extremamente próxima a eles. Chamei a atenção de Sardinha dizendo que não poderia empinar a bicicleta próxima aos carros, pois poderia se desequilibrar e cair sobre eles, ocasionando danos a ele e aos carros estacionados. Fazendo o último retorno, quando voltávamos para o sentido de saída do campus, adentramos a rotatória e um carro, que vinha no sentido da rotatória e teria que parar e nos aguardar passar, ao invés disso, percebendo as bicicletas na rotatória, ele acelerou para passar antes do grupo, eu reduzi a velocidade para que não houvesse risco para o grupo, e em seguida quando saímos da rotatória comentei com as crianças sobre o cuidado ao andar nas ruas, pois não podemos contar que os motoristas vão respeitar as leis de trânsito. Notei que ao final da tarde o campus possui um trânsito mais intenso, talvez pelo horário de saída dos estudantes das aulas (33C).

Antes de sairmos Sardinha quis parar mais uma vez na subida da saída da USP para descansar (34B).

Logo seguimos e na rua de terra, que se encontra logo na saída, Inácio pediu para aguardarmos, pois iria descer primeiro para fazer um vídeo de nossa descida na terra. Animadas com o vídeo as crianças desceram o trecho acidentado de terra com um pouco mais de velocidade.

Quando passávamos por uma das ruas do bairro uma criança de colo que estava com seus familiares na porta de casa ficou olhando nos vendo passar, a pessoa que a segurava,

sorrindo, comentou sobre nós com ela ao nos apontar. Nós sinalizamos com um movimento de tchau. Junto a essa família estava uma criança pequena que andava de bicicleta na rua ela nos vendo começou a nos acompanhar e o fez por aproximadamente 20 metros. Outras pessoas que estavam fora de casa naquela rua também ficaram nos observando. Notamos que a bicicleta que nos acompanhou estava com os dois pneus furados e a criança fazia um grande esforço para se deslocar (35A).

Quando estávamos retornando a caminho clube Sardinha solicitou que fizéssemos uma parada no bosque para descansar (36B).

Ao chegarmos ao clube notamos que as outras crianças estavam andando de bicicleta, Duarte quis andar mais um pouco com os colegas (37A), já Sardinha preferiu descansar. Eu comecei a guardar as bicicletas que não estavam mais sendo utilizadas. E com o final das atividades fui recebendo e guardando o restante das bicicletas. Leandro finalizou organizando a roda de conversa na qual foi eleita para a semana seguinte o jogo Pásgoa como atividade de integração. O lanche foi servido e as crianças foram embora.

Diário de Campo XVIII

Período da Manhã

Educadores/as: Joana (ACIPE da NUMI), Da Lua.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Júlio César, Ronaldinho, Rodolfo, Gabi, Fiorella, David Luiz, Frynkin, Gilberto, Peppa Maria Joaquina, Lili, Guto, Robson.

Rodolfo e Cristiano Ronaldo vieram conversar comigo antes de iniciar as atividades, falaram sobre a possibilidade de fazer uma saída para o campus 2 da USP com as crianças menores em uma quinta-feira e, em outra, sair apenas com os maiores para outros destinos, alternando assim as saídas para que eles que são mais velhos pudessem conhecer outros lugares. Respondi dizendo que faríamos outras saídas diferentes, mas seria necessário treino para que nós pudéssemos cobrir maior distância, e isso iria demorar mais algumas saídas. Posteriormente, ao final do período, Da Lua disse que Rodolfo também conversou com ele sobre o assunto (1C).

Neste dia, pela manhã, estávamos apenas eu e Joana para realizar as atividades, pois os demais educadores não puderam comparecer. Como em minha opinião estava um pouco frio para fazer jogo com água, confirmei com as crianças se queriam manter a decisão de fazer o jogo Pásgoa. Metade dos participantes não quis e sugeriram o jogo Pé na Lata. Diante do impasse uma das crianças sugeriu fazermos as atividades separado ficando um educador em cada um dos espaços. Joana quis ficar com a turma do jogo Pásgoa, porém não sabia o jogo. Então disse para as crianças iniciarem o Pé na Lata enquanto eu auxiliava Joana a organizar o Pásgoa. Depois de organizado fiquei acompanhando o Pé na Lata à distância.

Finalizado o tempo destinado para atividade inicial, eu reuni os dois grupos e como Sandro, educador responsável pela organização do *Fútbol Callejero*, ainda não havia chegado decidi dar início as atividades com bicicleta. Posteriormente vim saber que Sandro não estaria no clube, pois estava em reunião com o grupo do *Fútbol Callejero* em São Paulo.

Na semana anterior havíamos programado que neste dia eu traria minhas ferramentas e ficaria fazendo reparos de algumas bicicletas, convidando as crianças interessadas a me ajudar, porém faltaram alguns educadores, de modo que tive que organizar as outras atividades com as crianças com auxílio da educadora Joana (2dA).

Como as crianças que estavam no jogo Pásgoa estavam molhadas sugeri que fossem trocar de roupa, ou, pelo menos, tirá-las no vestiário e torcê-las para facilitar o processo de secagem. Assim foram para o vestiário algumas crianças. Enquanto isso eu, juntamente com

Cristiano Ronaldo e os garotos que estavam no Pé na Lata, começamos a organizar os materiais da atividade com bicicletas. Eles foram destravando e retirando da gaiola as bicicletas que seriam usadas enquanto eu separava e distribuía os capacetes para as crianças que estavam chegando da outra atividade (3A).

Ronaldinho ficou com a bicicleta infantil rosa, Gabi quis utilizar a infantil amarela e Gilberto optou pela infantil verde. David Luiz e Júlio César utilizaram as brancas novas de tamanho 17, Cristiano Ronaldo e Frynkin usaram as de tamanho 19 e Rodolfo a de tamanho 21. Maria Joaquina optou por utilizar a BMX azul. Guto e Robson que tinham acabado de chegar, perguntaram se poderiam andar de bicicleta, eu disse que sim e pedi para que assinassem a lista de presença. Eles optaram por utilizar duas brancas de tamanho 17 Canadian que ainda estavam disponíveis. Fiorella e Peppa chegaram por último e ambas queriam bicicletas infantis. Disse a elas que teriam que revezar com os colegas. Peppa não ficou muito contente com a proposta. Sugerí para Peppa que experimentasse utilizar a bicicleta infantil média que estava sem uso e ela disse que iria tentar. Perguntei a Fiorella se ela já sabia andar de bicicleta e ela disse que não. Disse a ela que ela faria revezamento com Gilberto que também estava aprendendo. Pedi para que ambos esperassem, pois eu iria ajudá-los a treinar assim que terminasse de distribuir as bicicletas e eles ficaram aguardando (4B). Peppa disse que os pneus de sua bicicleta estavam vazios então eu peguei a bomba para enchê-los. Peppa quis me ajudar a encher e encheu um pouco cada um deles, até o ponto em que não conseguia mais por falta de força para comprimir o ar para dentro dos pneus, e eu terminava o processo. Robson se aproximou e disse que também queria calibrar os pneus da bicicleta que estavam murchos. Perguntei se ele sabia usar a bomba ele disse: “sei mais ou menos”. Perguntei se ele andava de bicicleta e ele disse que sim. Eu perguntei a ele onde ele enchia os pneus e ele disse que sempre levava no posto encher ou em uma bicicletaria para consertar. Da Lua chegou quando estava ajudando a Robson encher os pneus da bicicleta. Pedi para que ele acompanhasse Gilberto e Fiorella que estavam aprendendo a andar de bicicleta. Da Lua chamou as duas crianças e seguiu para uma área calçada do clube. Em revezamento ele auxiliou ambos a andarem dando dicas e alternando o uso da bicicleta (5A).

Peppa experimentou a bicicleta e logo retornou dizendo que não estava conseguindo andar direito. Mesmo a bicicleta tendo um tamanho compatível, notei que a garota estava insegura na utilização dos freios, pois apesar de ser uma bicicleta infantil os manetes eram grandes, duros e os freios pouco eficientes.

C.O. Nesse e em outros momentos ficou evidente para mim que as bicicletas infantis possuem uma construção muito precária, principalmente, no que diz respeito aos freios, pois nenhuma das que possuíamos no projeto tinha um freio eficiente, eles demandam grande esforço da criança e demoram muito para parar. Possuem pouca precisão e são na maioria dos casos construídos em plástico, material barato, porém não muito adequado. O tamanho do manete também é um problema, muitas bicicletas são montadas com manetes para adultos e é difícil encontrar no mercado manetes infantis que não sejam feitos de plástico.

Ronaldinho, que estava utilizando uma bicicleta infantil pequena, observando Peppa experimentando a bicicleta infantil média, pediu para utilizá-la e eu disse que ele poderia experimentar e se conseguisse andar poderia ficar utilizando-a. Ele então provou e gostou de andar com ela. Assim ele trocou de bicicleta com Peppa e saiu animado pelo clube, dizendo que conseguia andar na bicicleta grande (6B).

Continuei auxiliando Robson a encher os pneus e expliquei a ele como utilizar a bomba. Nesse momento chegou David Luiz dizendo que a bicicleta que estava mudava de marcha sozinha, eu disse a ele que não poderia regular naquele momento, pois estava ocupado, solicitei que mudasse uma marcha para cima ou para baixo para que parasse de mudar sozinha, e disse que depois regularíamos aquele câmbio. Retornei com Robson e ele encheu os pneus, mas ao final de cada um pediu minha ajuda, pois ficava com os braços

cansados. A educadora Joana também não sabia utilizar a bomba e ficou observando, posteriormente ela auxiliou Maria Joaquina, quando esta trouxe a bicicleta para calibrar os pneus (7A).

Praticamente todos/as participantes estavam andando de bicicleta, com exceção de Lili que não quis participar desta atividade e optou por um jogo de tabuleiro, o qual jogou com a educadora Joana e que, posteriormente, quase ao final da atividade, teve também a adesão de Maria Joaquina e de Fiorella, que disseram estar cansadas de pedalar (8A).

Logo que saíram com as bicicletas, Cristiano Ronaldo, Rodolfo e outras crianças colocaram garrafas na roda para que fizessem barulho e assim ficaram andando pelo clube. Depois que acabei de atender as crianças eu peguei uma das bicicletas que sobraram e fui andar com elas. Peguei também duas bolinhas de jornal a fim de propor uma brincadeira de Pega-Pega. Ao me aproximar vi que estavam reunidos Rodolfo, Cristiano Ronaldo, Guto, Robson, Maria Joaquina e Júlio César. Eles estavam organizando um jogo de Polícia e Ladrão em bicicleta. No jogo que fosse abordado pelos policiais deveria descer da bicicleta e ser revistado para verificar porte de drogas ou armas. Perguntei como as pessoas seriam abordadas e eles disseram que os policiais deveriam pará-las e caso elas fugissem deveriam pegá-las. Sugeri que utilizassem as bolinhas de papel para isso e eles aceitaram a ideia. Robson e Cristiano Ronaldo se prontificaram em serem os policiais, porém Rodolfo também manifestou interesse e depois de um pouco de insistência de sua parte, assumiu o lugar de Robson que concordou em ceder lugar. Rodolfo disse que o sonho dele era ser policial. Assim, ele e Cristiano Ronaldo iniciaram como policiais e os demais se espalharam pelo clube. Rodolfo saiu em minha perseguição e eu fugi para os fundos do clube, durante a perseguição tentei despistá-lo passando por entre os obstáculos, porém sem sucesso. Em uma finta que fiz com a bicicleta para fugir, Rodolfo, ao tentar me seguir, se atrapalhou e caiu na grama. Retornei para ver se ele estava bem e ele me acertou com a bolinha de jornal. Fui revistado e liberado (9A).

Pouco depois vi Cristiano Ronaldo abordando Robson, de modo truculento, inclusive dando tapas “de leve” e dizendo frases como: “Onde tá a droga?”, “Tá fugindo por que, hein?”, “se você tomá mais um quadro aí nós vai quebrá memo!”. Rodolfo também teve ações truculentas, inclusive com uso de palavrões, tanto nas abordagens quanto nas perseguições. Rodolfo corria com a bicicleta e gritava palavrões ao pedir passagem, frases como “Sai da frente caralho!”, finas em alta velocidade assustaram as crianças menores que pedalavam, porém que não estavam brincando de Polícia e Ladrão. Em uma das situações, Rodolfo e Cristiano Ronaldo pararam Júlio César e o revistaram também de modo truculento. Quando liberado Júlio César saiu com a bicicleta e de longe provocou os policiais para que o perseguissem novamente. Rodolfo o perseguiu novamente para tentar pará-lo. Em determinado momento Rodolfo desceu da bicicleta, o perseguiu correndo e ao alcançá-lo deu um forte tapa nas costas de Júlio César que começou a chorar. Neste momento, eu estava me aproximando e presenciei a agressão. Conversei com Rodolfo e disse que aquilo tudo era uma brincadeira e que ele não era um policial de verdade. Rodolfo pediu desculpas para Júlio César. Eu disse para Rodolfo que, mesmo que ele fosse um policial, aquela não era uma abordagem adequada, embora seja possível observar ocorrências como esta nos meios de comunicação. Pedi para que Rodolfo trocasse um pouco de lugar com Robson e ambos aceitaram. Rodolfo e as outras crianças então fugiram. Robson e Cristiano Ronaldo saíram perseguindo Rodolfo. A brincadeira continuou e em determinado momento Cristiano Ronaldo apareceu com uma arma que havia pegado em sua casa e que parecia uma metralhadora de brinquedo. A chegar com ela, ele disse: “Quero ver quem vai mexer comigo agora!”. A arma não atirava, mas ele ficou bastante animado em brincar com ela. No geral, Cristiano Ronaldo e Rodolfo tiveram uma ação bastante truculenta ao abordar as outras crianças. Falando palavrões e dando tapas, eventualmente, fracos e que em outras vezes passavam da medida e

tiveram que ser alertados em mais de um momento. Agiam de maneira não muito adequada para um policial, porém de modo comumente mostrado na televisão. Rodolfo dizia constantemente que queria ser policial. Inclusive por saber disso fizemos questão de dizer a eles que aquela não era uma postura adequada para um policial.

C.O. É assustador observar a interpretação das crianças do papel do policial, pois além de retratar uma ação violenta, ela expressa certo prazer em poder exercê-la sem limites e preocupações. Isso é mais agravante no caso de Rodolfo que diz que quer ser policial e o representa de forma tão violenta, pois nos dizia, em certa medida, que era daquela forma que ele achava que agia um policial e que era por isso que ele queria ser um (10dB).

Durante todo o tempo em que brincávamos de Polícia e Ladrão, Gilberto e Fiorella ficaram com Da Lua aprendendo a andar de bicicleta. Eles revezavam a bicicleta, praticando um pouco cada um, com auxílio de Da Lua. Da Lua comentou que Gilberto estava com um pouco mais de dificuldade e que Peppa e Gabi já estão andando com bastante autonomia, embora ainda apresentem desequilíbrio, principalmente Peppa (11A).

Da Lua comentou que ao passar por ele com a bicicleta, Peppa deixou cair a garrafa plástica que estava fazendo barulho em seu pneu e ele teve que chamar a atenção da garota por duas vezes para que ela descartasse a garrafa no lixo (12dB). Quase ao final da atividade, quando eu já estava recolhendo as bicicletas, Da Lua realizou com as crianças alguns exercícios de equilíbrio na mureta, dizendo que o equilíbrio era importante para andar bicicleta. Ele desafiava as crianças a ficarem sobre a mureta na ponta dos dois pés, em um pé só, na ponta de pé, com um dos pés para frente ou para trás. Por orientação de Da Lua, participaram desta atividade Gilberto, Gabi, Fiorella, Peppa e também se interessaram em participar Ronaldinho e Rodolfo. Gabi gostou bastante e pediu que tivesse mais exercícios e por mais tempo (13A).

Eu terminei de guardar as bicicletas. Lili, Fiorella, Maria Joaquina e Joana continuaram brincando com o jogo Banco Imobiliário. As demais crianças queriam jogar *Fútbol Callejero*, porém restavam apenas dez minutos, pois a atividade com bicicleta se estendeu além do esperado. Assim estas crianças optaram por pular corda durante este tempo. Depois disso se reuniram na roda final organizada por mim e Da Lua. Ficou eleita como atividade inicial um jogo de futebol normal. Da Lua comentou sobre o passeio de bicicleta que seria realizado na semana seguinte, e informou que nesta ocasião poderiam participar crianças de até 9 anos. Diante disso receberam autorização para o passeio: Cristiano Ronaldo, Júlio César, Ronaldinho, Rodolfo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina, Lili, Guto, Robson (14C).

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Eiri.

Educandos/as: Raiane, Sofia, Sardinha, Roberta, Diego, Robinho, Flora, Dudu, Duarte, Ben10, Guerreiro, MC'Gui, Rivaldo, Robinho, Caca, Ronaldinho Gaúcho, Pica-Pau, Hulk.

As crianças chegaram e, embora a atividade eleita fosse Páscoa, Eiri organizou uma atividade de Slakline, pois estava com um equipamento emprestado e as crianças toparam experimentar. As crianças gostaram bastante e, ao final da atividade, indicaram interesse em fazer novamente na semana seguinte. Da Lua e eu lembramos aos demais educadores que neste dia nós dois ficaríamos fazendo reparos nas bicicletas durante a realização das atividades com as crianças e que aquelas que quisessem poderiam nos ajudar. Assim, Leandro e Eiri organizaram dois grupos que fizeram um revezamento entre a bicicleta e o *Fútbol Callejero*. Leandro ficou com as crianças que estavam andando de bicicleta e Eiri e Talita

com as crianças que queriam fazer *Fútbol Callejero*. Algumas crianças optaram por ficar no parquinho e foram observadas também por Leandro.

Educador Da Lua e eu iniciamos o reparo de uma bicicleta vermelha com quadro tipo feminino, ou seja, com tubo superior rebaixado. Ela havia sido doada há algum tempo, porém até então estávamos sem peças e tempo para fazer a manutenção. Com as peças usadas que recebemos de doação em mãos, foi possível procedermos com os reparos necessários. Da Lua e eu começamos a desmontar a bicicleta para fazer as substituições de peças e ajustes necessários. Ao observar-nos mexendo nas bicicletas, Sardinha, que estava pedalando juntamente os/as demais participantes, se aproximou, desceu da bicicleta e pediu para nos ajudar. Da Lua desmontou as rodas e Sardinha perguntou se iríamos trocar os pneus. Eu respondi que sim e ele disse que sabia trocar e pediu para fazê-lo. Eu peguei os pneus e câmaras que estavam em bom estado e entreguei a ele para que ele fizesse a substituição. Da Lua foi pegar com o zelador do clube umas ferramenta e também verificar se tinham graxa para lubrificarmos caixa de direção que pretendíamos substituir. Eu iniciei a retirada dos freios com componentes plásticos que substituiríamos por outros de alumínio enquanto Sardinha fez a montagem do pneu e câmara na roda que usávamos para substituir a roda dianteira. Depois prossegui com a desmontagem da caixa de direção que estava enferrujada e necessitava substituição. Sardinha procedeu com a montagem do pneu traseiro. Ao retornar com a graxa Da Lua verificou que havia uma roda traseira em melhor estado de conservação para ser colocada na bicicleta. Então solicitei a Sardinha que transferisse o pneu e câmara de ar para a citada roda. Enquanto Sardinha fazia isso eu procedi com a montagem da nova caixa de direção e Da Lua fez a substituição do banco e ajuste do canote. Caca e Rivaldo também se aproximaram e auxiliaram no enchimento dos pneus e também passando ferramentas e segurando componentes no processo de montagem. Vinicius me ajudou na retirada e desmontagem dos manetes e mudadores de um guidão para colocarmos na bicicleta que estávamos montando. Fiz a retirada da catraca da roda antiga para colocar na roda que seria colocada. Sardinha a instalou na nova roda, colocou os espaçadores e as porcas do eixo. Da Lua montou a roda na bicicleta. Eu em seguida instalei um novo conjunto de mesa e guidão que estavam em melhor estado de conservação. Iniciei a instalação dos novos manetes e mudadores, porém um dos mudadores que seriam instalados estava com parafusos danificados por ferrugem o que impossibilitou a instalação naquele momento. Observamos que havia outro conjunto de mudadores que poderia ser utilizado, porém não tínhamos mais tempo para terminar a troca, pois o tempo estava se esgotando e precisávamos deixar o espaço preparado para receber as crianças na roda final. Eu levei para casa o mudador para tentar substituir os parafusos enferrujados. Também identificamos a necessidade de comprar novos cabos de câmbio e freio, pois os antigos estavam com as extremidades amassadas e desfiadas o que dificulta o reaproveitamento. As crianças e adolescentes me ajudaram a recolher as ferramentas e a guardar as peças que sobraram ou não foram utilizadas (16A).

Enquanto estávamos mexendo nas bicicletas observamos as crianças pegando e saindo com as bicicletas. Algumas vezes vinham trocar, pegando diferentes modelos e tamanhos. Elas pareciam estar gostando dessa possibilidade de utilizar bicicletas variadas. Isso só foi possível porque devido ao revezamento organizado em dois grupos, muitas bicicletas ficaram sem uso, permitindo estabelecimento de tal dinâmica (17B).

Durante a troca dos grupos, também observamos que Sardinha praticamente não havia andado de bicicleta até então devido sua participação nos ajudando no reparo da bicicleta, de modo que, ao final, enquanto o segundo grupo de crianças andava de bicicleta, ele pediu para dar mais umas voltas antes do encerramento da atividade (18A). Terminamos de guardar as ferramentas e peças de bicicletas. Leandro finalizou a atividade de ciclismo e procedeu com a guarda das bicicletas na gaiola. Da Lua e eu posicionamos as cadeiras em círculo para receber as crianças que chegavam para a roda de conversa final. Na roda de conversa final Da Lua

comentou sobre o conserto das bicicletas ressaltando a participação de Sardinha, Caca e Vinicius nesse processo. Da Lua comentou sobre o passeio que seria realizado na semana seguinte e lembrou as regras para participação. Da Lua informou que para esse próximo passeio poderiam participar crianças de até 9 anos de idade, as crianças pareceram animadas com a notícia. Da Lua entregou então as autorizações nominais para: Roberta, Pica-Pau, Sardinha, Hulk, Diego, Sofia, Guerreiro (19C).

Antes de entregarmos as autorizações para Sardinha e Pica-Pau, conversamos Leandro, Da Lua e eu sobre o mau comportamento deles na terça-feira anterior para decidirmos se poderiam ou não participar do passeio. Leandro, que estava presente na ocasião, relatou desrespeito por parte dos garotos com os colegas e educadores. Diante da participação dos garotos durante as atividades do dia acordamos em permitir a participação dos garotos, porém somente após uma conversa pública com eles tratando dos problemas relatados. Assim, ainda durante a roda final em que todos participaram, foi feita uma conversa pública com Sardinha e Pica-Pau, pois ambos haviam se comportado mal na terça-feira desrespeitando, Ana Lia, Abayomi, Leandro, Danilo e os colegas. Da Lua perguntou se eles lembravam o que haviam feito de errado na terça-feira e depois de insistir um pouco no assunto as crianças assumiram os atos relatando suas ações. Sardinha comentou que empurrou Guerreiro da parte rasa para a parte funda da piscina e não respeitou os educadores quando chamaram sua atenção. Pica-Pau disse que desrespeitou colegas os educadores durante o trajeto de retorno no ônibus e que ficou suspenso do projeto por isso, além disso, disse que ameaçou Danilo gritando que iria jogar pedras no ônibus quando foi proibido de embarcar, pois sua mãe ainda não havia ido conversar com os educadores conforme havia sido acordado em semana anterior. Leandro o lembrou de que ele também já havia se comportado inadequadamente em muitos outros encontros, principalmente os realizados às terças-feiras, não atendendo aos pedidos dos educadores e desrespeitando os colegas de participação. Depois de conversarem com Da Lua e Leandro em público, ficou acordado com os dois garotos que eles poderiam ir ao passeio ciclístico desde que se comprometessem a comportar-se adequadamente em todos os dias de projeto, não apenas nas quintas-feiras em que haveriam passeios. Da Lua pediu para que ambos escrevessem em uma folha de papel a situação de mau comportamento por eles descrita e também um termo em que eles se comprometessem a não repetir tais atitudes e ao final tiveram que assinar o citado termo. Entregue o termo de compromisso assinado por eles, Da Lua o entregou a autorização para o passeio (20dB).

Ao final do dia Eiri comentou comigo e com Da Lua que havia conversado com a mãe de Dudu. Ele disse a ela que seria interessante ela conversar um pouco com ele para que ele ficasse mais atento às orientações dos educadores, pois ele estava desatento e, além disso, costuma fazer muitas brincadeiras de pegar e empurrar as pessoas, gerando reclamações entre as crianças. A mãe do garoto disse que a professora da escola conversou com ela sobre este mesmo comportamento.

Diário de Campo XIX

Período da Manhã

Educadores: Flávio, Inácio, Da Lua.

Educandos/as: Rodrigo, Ronaldinho, Gabi, Fiorella, Raquel, Maria Joaquina, Ibrahimovic, Rone, Evandro, Edmundo, Cristiano Ronaldo, Júlio César, Rodolfo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina e Lili.

Participantes no passeio: Cristiano Ronaldo, Júlio César, Rodolfo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina e Lili.

Eu cheguei faltavam 10 minutos para as oito horas. Iniciei a manutenção e instalação do bebedouro refrigerado que recebemos de doação. Enquanto eu terminava a montagem do bebedouro, antes da chegada das crianças, Messi veio solicitar uma autorização para o passeio de bicicleta, pois ele havia faltado na quinta em que esta foi entregue as outras crianças. Eu lhe entreguei uma e ele foi até sua casa solicitar que sua avó assinasse. Minutos depois Ibrahimovic fez o mesmo pedido de Messi, porém eu não possuía mais autorizações em branco para fornecer. Pouco tempo depois retornou Messi e informou que sua avó não havia autorizado, pois ele teria que estudar para uma prova que teria na escola. Messi devolveu a autorização em branco e eu a repassei para Ibrahimovic que levou para sua casa. Rapidamente Ibrahimovic retornou, informando que sua mãe estava sem o número do RG e do CPF e por isso não os havia colocado na autorização. Eu perguntei se ela mesma havia preenchido o restante dos dados de sua autorização e o garoto respondeu que sim. Notei que a letra era idêntica a do garoto que estava registrada na lista de presença, bem como a assinatura da mãe trazia apenas o primeiro nome, também escrito em letra semelhante. Perguntei ao garoto se realmente ela quem havia assinado e ele insistiu que sim. Comentei com ele que, diante da falta de dados na autorização e semelhança da letra, eu teria que ligar para mãe dele para verificar se ela realmente estava ciente. Ele e Cristiano Ronaldo saíram de perto por um tempo e depois retornaram dizendo que haviam tentado ligar para a mãe de Ibrahimovic, porém o celular estava fora de área. Procurei nas fichas de inscrição do projeto a de Ibrahimovic para verificar a assinatura, porém em sua ficha também não possuía a assinatura da mãe. Informei o garoto que seria necessário que ele tivesse a autorização para participar no projeto e que ao final do dia deveria levar para casa uma ficha de cadastro para que sua mãe autorizasse a participação no projeto, assim no próximo passeio ele poderia participar (1C).

Flávio chegou com as crianças e eu ainda estava terminando a instalação. Flávio então organizou a atividade inicial com as crianças. Ele verificou novamente o interesse das crianças, pois diversas crianças que haviam votado na semana anterior não estavam presentes neste dia. Assim verificou-se que maior parte do grupo não tinha interesse em manter a atividade selecionada, então Flávio procedeu com a definição de nova atividade. Ronaldinho sugeriu a brincadeira Barra Manteiga que foi eleita pela maior parte dos participantes. Todos seguiram para o gramado para realizar o jogo, apenas Cristiano Ronaldo e Rodrigo optaram por ficar comigo. Cristiano Ronaldo queria me ajudar a preparar as bicicletas e Rodrigo, que não iria ao passeio devido a sua falta no dia em que entregamos a autorização, comentou que não queria jogar Barra Manteiga e que também preferia ficar ajudando a preparar as coisas para saída do passeio. Eu disse a eles que eu ainda iria terminar de instalar o bebedouro e que iríamos fazer isso quando chegasse ou outros educadores que nos acompanhariam ao passeio. Os dois ficaram aguardando enquanto me observavam trabalhar no bebedouro (2C).

Inácio chegou um pouco depois, assim começamos a preparar as coisas para o passeio, eu destranquei a gaiola de bicicletas e Cristiano Ronaldo foi soltando as travas e retirando-as bicicletas da gaiola. Rodrigo e Inácio foram distribuindo as bicicletas pelo espaço para facilitar a organização da saída para o passeio. Enquanto eles faziam isso eu consertei umas das bicicletas brancas tamanho 17, pois necessitaríamos dela para o passeio e esta se encontrava com o pneu furado. Foi necessário trocar a câmara de ar, pois o furo se localizava em uma região frisada, que inviabilizava o uso de remendo. Da Lua e eu aproveitamos esse momento para trocar os suportes de caramanhola de algumas bicicletas, pois estes estavam quebrados (3B).

Terminado estes reparos, as crianças já estavam retornando da atividade inicial. Elas sentaram-se nas cadeiras que estavam dispostas em círculo. Da Lua aproveitou para conversar sobre a camiseta do projeto, solicitou aos que possuíam que viessem com ela ao projeto, especialmente, quando tivéssemos que sair do clube, como é o caso dos passeios de bicicleta. Da Lua anotou os nomes e tamanhos das crianças que ainda não possuíam camisetas para que

pudesse encomendá-las. Flávio também anotou o nome das crianças que ainda não possuíam carteirinhas e disse a elas que trouxessem os dados pendentes até terça-feira da semana seguinte, pois na quarta eles fariam as carteirinhas na reunião dos educadores.

Flávio verificou quais crianças iriam ao passeio, levantaram a mão: Lili, David Luiz, Frynkin, Júlio César, Maria Joaquina, Rodolfo, Cristiano Ronaldo. Este foi o primeiro passeio ciclístico que teve a participação de meninas (4C). As crianças que ficaram perguntaram se teria atividade com bicicleta e Flávio comentou que estaria sozinho no clube e por isso as pessoas que ficassem não poderiam fazer a atividade com bicicletas, além disso, não restariam muitas bicicletas para que os outros participantes usassem, pois seriam utilizadas muitas bicicletas durante o passeio (5A).

Enquanto Da Lua e Flávio davam os recados, eu fui distribuindo, para as crianças que iam ao passeio, capacetes, luvas, coletes e caramanholas. Conforme entregava o capacete fazia os ajustes necessários para adequar ao tamanho das crianças. Distribuí as luvas e os coletes de acordo com o tamanho. Da Lua separou um kit de ferramentas e uma bomba e colocou na bicicleta que usaria (6C). Flávio reuniu as crianças que iriam ficar no clube e começou a definir com elas uma atividade para fazerem.

O grupo que faria o passeio começou a se preparar para sair. Cristiano Ronaldo e Rodolfo pegaram as caramanholas de todos e se ofereceram para ir ao bebedouro perto do vestiário para abastecê-las com água gelada (7B). Eu comecei a distribuir as bicicletas entre os participantes. Primeiro perguntei para Lili e Maria Joaquina se elas conseguiam andar nas bicicletas brancas de tamanho 17. Ambas experimentaram e apenas Lili quis fazer o passeio com aquela bicicleta. Maria Joaquina optou em ir com a BMX. Comentei com ela que estávamos consertando outra bicicleta com o quadro mais baixo que ela poderia usar no próximo passeio. Disse que como aquela bicicleta não possuía marcha ela deveria fazer um pouco mais de esforço nas subidas e eventualmente precisaria pedalar em pé. Ela disse que não teria problema. Ao avistarem Maria Joaquina com a BMX Cristiano Ronaldo e Rodolfo disseram que ela iria sofrer com a BMX. Júlio César e David Luiz também utilizaram as outras duas bicicletas brancas de tamanho 17. Cristiano Ronaldo, Frynkin utilizaram as de tamanho 19 e Rodolfo a de tamanho 21. Como tiveram mais crianças nesse passeio Da Lua, eu e Inácio tivemos que utilizar bicicletas que haviam ficado paradas na semana anterior e que estavam com os pneus murchos, por isso combinamos que faríamos uma parada no posto antes de seguirmos para a USP (8B).

Reunimos as crianças na portaria do clube e Da Lua deu algumas orientações gerais sobre deslocamento de bicicleta no trânsito. Cristiano Ronaldo auxiliou comentando como deveria ser feita a sinalização das conversões. Da Lua falou sobre a necessidade de respeitar o sentido de circulação da via e do cuidado com os veículos motorizados que nem sempre respeitam as leis de trânsito, como a de manter a distância de 1,5m de distância dos ciclistas ao ultrapassar. Da Lua disse que eu iria à frente do grupo, Inácio no meio e ele ao final. Disse também que andaríamos em fila, porém deveríamos manter uma distância de segurança para evitar acidente, principalmente nos momentos de parada. Saímos em direção ao posto para calibrar os pneus que estavam muito vazios. La chegando notamos que o calibrador estava em manutenção. Cristiano Ronaldo sugeriu que fôssemos até uma oficina de motos de um rapaz que ele conhecia e que era próxima dali. As bicicletas que precisavam calibrar os pneus estavam sendo usadas por Da Lua, Inácio e eu. Assim Da Lua sugeriu que fôssemos primeiro Inácio e eu, ele iria depois. Cristiano Ronaldo e Rodolfo se ofereceram para levar a bicicleta de Da Lua, enquanto ele esperava com o restante do grupo. Como Cristiano Ronaldo disse que conhecia o rapaz, Da Lua solicitou que ele nos acompanhasse. Fomos então eu, Cristiano Ronaldo e Inácio até a oficina. Percorremos duas quadras de uma avenida bastante movimentada. Chegando à oficina Cristiano Ronaldo entrou e conversou com o dono que ele conhecia e este autorizou que calibrássemos os pneus. Calibramos os pneus e saímos do

estabelecimento. Para retornar tivemos que atravessar a avenida para podermos acessar o sentido correto da via, e depois para retornarmos ao posto em que o grupo nos esperava (9C).

Com o grupo reunido saímos todos em direção ao campus dois da USP. Logo que saímos do posto sentimos um mau cheiro que não sabemos identificar, Cristiano Ronaldo reclamou, disse que parecia peixe podre. Comentou que odeia comer peixe, mas que adora pescar e gosta de ir com seu pai no pesque-pague. Cristiano Ronaldo perguntou a Rodolfo se ele gostava de pescar e Rodolfo disse que nunca havia pescado (10C).

Quando passamos em frente a um mercadinho Cristiano Ronaldo disse para Rodolfo que Gabi estava na rua e Rodolfo demonstrou preocupação e procurou olhando assustado ao redor. Cristiano Ronaldo deu risada demonstrando que o que ele havia dito era brincadeira (11C).

No caminho Cristiano Ronaldo comentou diversas vezes que Maria Joaquina iria sofrer para andar com a BMX, dizendo que ele já estava se cansando e que Maria Joaquina, por estar em uma bicicleta sem marchas deveria estar muito mais cansada. No entanto, apesar de necessidade de um maior esforço nas subidas, Maria Joaquina acompanhou o grupo muito bem e sem muita demonstração de cansaço. Nas subidas ela pedalava de pé e isso a ajudava a manter o ritmo (12dB).

Quando estávamos passando pela pequena trilha de terra que depois do trecho de bosque, notei que a quantidade de entulho depositada no terreno era maior que a observada nos passeios anteriores, havia muito mais pedaços de móveis descartados ao lado da trilha. No caminho para a USP Rodolfo disse em voz alta, em meio a uma conversa entre ele e Cristiano Ronaldo, que Lili e Maria Joaquina iriam cair na descida da entrada da USP. Comentei que elas não iriam cair, pois ninguém precisava descer em velocidade. Cristiano Ronaldo disse para Rodolfo parar de falar besteira e agourar ao outros, que não ia acontecer nada (13dB).

Ao percorrermos a rua de terra próxima à entrada da USP Maria Joaquina, Lili e David Luiz apresentaram um pouco de dificuldade em pedalar no terreno acidentado. No final da subida eu, Cristiano Ronaldo e Rodolfo ficamos aguardando o restante do grupo e quando todos chegaram prosseguimos. Após passarmos a guarita de entrada fizemos uma parada para beber água. Perguntei às crianças se estavam bem e se poderíamos prosseguir e todas responderam positivamente. Perguntei a Lili, David Luiz, Maria Joaquina e Frynkin, que estavam indo pela primeira vez, se estavam muito cansados. Uns disseram que não, outros disseram que estavam “mais ou menos”. Informei que faríamos uma grande descida e que como não possuía cruzamentos eu iria descer à frente e mais rápido com Cristiano Ronaldo e Rodolfo que queriam aproveitar a descida, depois esperaríamos o restante do grupo. Disse que, quem quisesse fazer o mesmo poderia nos acompanhar, mas quem quisesse ir mais devagar poderia ir também, pois Da Lua e Inácio estariam mais devagar e acompanharia quem estivesse no final. Descemos rapidamente eu, Cristiano Ronaldo, Rodolfo e Frynkin e ao chegarmos ao final da descida subimos um pequeno trecho e paramos em uma sombra para esperar o restante do grupo. Chegou logo em seguida David Luiz, Maria Joaquina, Inácio e, por fim, Júlio César, Lili e Da Lua. Perguntei aos novos participantes sobre a experiência da descida. Maria Joaquina disse que ficou com um pouco de medo no começo, mas havia gostado e Lili fez um comentário semelhante. David Luiz disse que gostou. Em outra ocasião de descida dentro da USP, Frynkin e depois David Luiz ultrapassaram Inácio e Maria Joaquina, pois queriam acompanhar Cristiano Ronaldo e Rodolfo que seguiam um pouco mais rápido. Frynkin também ultrapassou Cristiano Ronaldo e este último disse que ele poderia ficar na frente, pois na próxima descida ele iria resolver essa parada, dando a entender que o ultrapassaria na descida (14C).

Inácio esqueceu sua caramanhola com água no clube, percebendo isso Frynkin e Cristiano Ronaldo lhe forneceram água nas paradas, inclusive, Cristiano Ronaldo quase ao

final do passeio deu-lhe sua garrafinha dizendo que não iria mais tomar água até chegar ao clube (15B).

Da Lua que permaneceu mais atrás do grupo, comentou que Lili teria que fazer mais treinos no clube, principalmente no tocante ao equilíbrio e a troca de marchas. Da Lua disse que conversou com ela sobre isso e disse que ela concordou com suas observações. Esteve muito tensa nas trepidações e mesmo em trecho de descida sem trepidações. Ela também disse que se sentiu bastante cansada. Comentei com ela durante o passeio que fazia tempo que ela não andava de bicicleta conosco no clube e ela concordou. Comentei também que poderíamos treinar mais as mudanças de marcha no clube para que ela se canse menos durante os passeios (16dC).

Em uma de nossas paradas durante o passeio, Da Lua disse ao grupo que quando todos estivessem conseguindo pedalar maiores distância poderíamos ir até a cidade de Ibaté em bicicleta. As crianças se admiraram com a possibilidade e a maioria ficou animada com isso (17C).

Maria Joaquina, segundo Inácio que andou próximo a ela, apresentou um pouco de dificuldade, porém ele acreditava que estava mais relacionada com a bicicleta BMX que ela estava utilizando, porém mesmo assim ela estava bastante desenvolta no passeio (18C).

Na saída da USP fizemos um lanche. Cada um recebeu um pacote de bolacha salgada com porções individuais. Lili comeu a bolacha e também um lanche que havia levado de casa. Ela comentou com Júlio César que tinha mais sanduíches na mochila e Júlio César comentou com o grupo que ela havia levado seis lanches para o passeio, dando a entender que achava aquilo um exagero. Lili compartilhou o sanduíche que estava comendo. Enquanto descansávamos perguntei para Maria Joaquina como estava indo no passeio. Ela disse que estava indo bem e Inácio comentou que Júlio César deu diversas dicas e orientações a Maria Joaquina durante o passeio. Antes de sairmos, Maria Joaquina chamou a atenção de Cristiano Ronaldo que sem querer havia deixado bolachas caídas no chão. Cristiano Ronaldo recolheu as bolachas e, seguindo as orientações de Da Lua, triturou-as e espalhou na grama (19B).

Após o lanche seguimos sentido ao clube, Lili ficou para traz durante todo o caminho, sempre acompanhada de Da Lua, nas subidas ela ia devagar e nós sempre parávamos para esperar (20dC). Fizemos uma parada na erosão a pedido de Rodolfo que quis tirar uma foto no local. Fizemos a foto rapidamente, pois deveríamos retornar a tempo das crianças pegarem o ônibus (21C).

Ainda no caminho de retorno, ao passarmos pelo mercadinho, Cristiano Ronaldo chamou atenção de Rodolfo novamente e comentou que a Gabi estaria por ali, Rodolfo demonstrou preocupação. Perguntei o que estava acontecendo ali. Cristiano Ronaldo comentou que Rodolfo sentia vergonha de andar de capacete e colete, e ficava preocupado que as pessoas o vissem assim. Lembrei nesse instante de situação semelhante ocorrida na semana anterior. Comentei com Rodolfo que se ele observasse as provas de ciclismo, tanto de rua, quanto em circuitos fechados, ele notaria que todos os atletas usam capacetes e roupas coloridas e que isso não era motivo para se envergonhar. Cristiano Ronaldo disse que não se importava com isso, pois ele estava brincando e se divertindo.

C.O. O uso de equipamento de segurança apresenta-se como valor negativo que desagrada esteticamente, ponto importante a se considerar ao tratar da questão do uso dos equipamentos de segurança com as crianças, inclusive, buscar ressaltar positivities da segurança (22dC).

Já no clube, Rodolfo disse para Lili: “Cadê o pão? Pega lá!” Pedindo um lanche para Lili que deu a ele um pão. Pelo modo que abordou Lili, parece que ele já havia pedido um lanche a ela durante o caminho de volta. Ele pegou o pão desembrolhou, deu um pedaço para Cristiano Ronaldo e comeu o restante. Educador Da Lua comentou que deveríamos ficar mais atento a isso, pois suspeitava que o garoto estivesse com deficiência alimentar em casa.

Rodolfo pediu mais bolacha. Da Lua comentou que sempre ele pede mais uma barrinha, mais bolacha ou fruta (23B).

Ao chegar, Frynkin perguntou para Inácio se poderia dar uma volta dentro do clube. Inácio disse que sim e pediu para ele chamar Cristiano Ronaldo e Rodolfo que haviam ido andar até os fundos do clube. Ele foi e David Luiz também quis o acompanhar (24A). As crianças retornaram deixaram os capacetes, coletes, luvas e bicicletas, pegaram o lanche e seguiram para o ônibus. No geral o passeio foi relativamente curto devido ao grande número de crianças que foi pela primeira vez, aos reparos necessários nas bicicletas e as orientações iniciais, o que fez com que saíssemos um pouco tarde, reduzindo o tempo de passeio e também o tempo de parada para o lanche (25C).

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Eiri, Leandro, Da Lua, Inácio.

Educandos/as: Dionísio, Francisco, Rodolfo, Claudemir, Anselmo, Ivone, Ronaldinho Gaúcho, Dudu, Caca, Raiane, Aryadine, MC'Gui, Flora, Lupita, Duarte, Sardinha, Sofia, Diego, Hulk, Pica-Pau, Guerreiro, Roberta.

Participantes no passeio: Duarte, Sardinha, Sofia, Diego, Hulk, Pica-Pau, Guerreiro, Roberta.

As crianças chegaram com o ônibus, Eiri, Max e Leandro começaram a chamar as crianças para formar a roda inicial. As crianças estavam espalhadas pelo parquinho e, mesmo com os chamados dos educadores, continuaram lá por um bom tempo até que, por insistência dos educadores em chamá-las, elas se reuniram. Neste dia foram algumas crianças pela primeira vez ou que fazia muito tempo que não frequentavam o projeto, eram eles: Dionísio, Francisco, Claudemir, Anselmo, Ivone, Aryadine e Flora.

Observamos logo na chegada uma discussão entre Sardinha e Claudemir, que segundo Max, teve início dentro do ônibus. Sardinha disse que Claudemir o havia chamado de Talarico e Claudemir alegou que Sardinha o havia chamado de macaco. Anselmo, amigo de Claudemir, tomou as dores do colega e ameaçou Sardinha dizendo que Dionísio iria bater nele. Sardinha disse que iria chamar seu irmão para arrebentar com ele. Anselmo disse então que também chamaria seu irmão que era muito mais forte. Sardinha disse que seu irmão tinha armas e iria dar um tiro na cara do irmão de Anselmo. Dionísio disse que se o irmão de Sardinha viesse brigar na mão ele iria arrebentar com ele. Chamei a atenção do grupo e pedi que encerrassem aquela discussão. Comentei com Eiri que deveríamos conversar com o grupo sobre isso. Ficamos na dúvida se deixaríamos Sardinha ir ao passeio, pois acabava de participar de uma situação de desrespeito com outro colega. Da Lua fez mais um termo de compromisso com Sardinha e chamou sua atenção individualmente. Depois, em conversa com Anselmo e Sardinha, Da Lua apurou o ocorrido com os dois e solicitou que um se desculpasse com o outro, afirmando que a postura de ambos estava inadequada. Na roda final Eiri retomou a discussão e falou sobre a necessidade de respeito com os colegas (26dB).

Enquanto os educadores tentavam organizar a roda de conversa inicial, Rodolfo pediu a Da Lua para participar do passeio no período da tarde, Da Lua disse que ele não poderia ir, pois seria priorizada a participação das crianças que frequentam o período da tarde e lembrou ao garoto que ele já havia feito o passeio pela manhã. Da Lua questionou o garoto sobre a escola e ele disse que havia faltado, pois só haveria três aulas naquele dia. Da Lua disse que teria aulas e que ele deveria ter ido, disse ao garoto que se ele pretendia ser policial, como vivia falando, deveria estudar bastante para se preparar para as provas de concurso que seriam necessárias para ingressar na corporação da polícia militar (27dC).

Eiri conduziu a roda inicial e deu início a atividade de *Slackline* eleita pelas crianças na semana anterior. Combinamos com todos os participantes que iriam para lá e que, quando fossem sair para o passeio de bicicleta, os educadores chamariam o grupo para se preparar. Enquanto as crianças brincavam eu fui retirando as bicicletas da gaiola e separando as que poderiam ser usadas, agrupando-as por tamanho para facilitar a distribuição. Foi nesse momento que Da Lua conversou com Sardinha sobre a situação de desrespeito observada na chegada ao projeto. Ronaldinho Gaúcho ficou acompanhando a conversa e, no momento em que Sardinha escrevia o termo de compromisso, perguntou o que estava escrito no papel. Da Lua perguntou se ele sabia ler, o garoto disse que sim, porém que não consegui ver do local onde estava. Da Lua pediu para ler um cartaz que estava na parede e que possuía letras bem grandes, mas o garoto não soube ler. Da Lua pegou uma folha de papel e um lápis e entregou ao menino e solicitou que ele escrevesse o nome. O garoto escreveu e Da Lua observou que havia escrito errado um de seus nomes. Da Lua também pediu para que ele escrevesse os nomes de outras pessoas que moravam com ele. O menino falava os nomes, mas disse que não sabia escrever. Da Lua e Sardinha o ajudaram a escrever soletrando os nomes. Da Lua comentou que ele conhecia as letras, mas não reconhecia o som das sílabas. Da Lua perguntou a idade de Ronaldinho Gaúcho e ele informou que tinha oito anos, mas logo faria nove. O garoto pareceu interessado nas atividades de escrita e atenção oferecidas por Da Lua (28B).

As crianças e adolescentes que faziam o passeio, bem como algumas recém-chegadas ao projeto que não sabiam que o passeio era restrito, ao me verem retirando as bicicletas da gaiola, se deslocaram da atividade de *slackline*, se aproximaram de mim e começaram a escolher bicicletas, dizendo quais queriam usar, alguns, inclusive, foram pegando e segurando as bicicletas para tentar garantir a posse. Educador Da Lua chamou a atenção do grupo dizendo que deveriam esperar que as chamássemos, pois ainda estávamos organizando as coisas para a saída. Eu disse a elas que quanto mais tempo ficassem por lá mexendo nas coisas, mas tempo demoraríamos a sair. Comentei também que as bicicletas seriam distribuídas levando em consideração o tamanho, dando prioridade às pessoas do grupo com menor estatura. As crianças retornaram para o *slackline*, com exceção de Anselmo, Claudemir e Ronaldinho Gaúcho que se sentaram nas cadeiras e ficaram observando. Enquanto eu retirava o restante das bicicletas, Ronaldinho Gaúcho perguntou se iríamos usar todas as bicicletas. Comentei que usaríamos quase todas, pois sairíamos em 11 pessoas, sendo 9 crianças e 3 educadores. Ele contou as bicicletas brancas que totalizaram onze e disse: “então vocês vão usar todas!” Eu respondi dizendo que ficariam as bicicletas grandes mais antigas e também as duas BMX e as infantis. Ele disse então que iria andar com a BMX. Anselmo reclamou dizendo: “Não vai ter bicicleta pra gente andar!” Respondi dizendo que teria apenas algumas, mas eles poderiam andar. Ele disse que queria andar nas bicicletas brancas que eram novas. Comentei que naquele dia ele não poderia andar nas bicicletas brancas, pois o passeio já havia sido combinado anteriormente e era prioridade. Disse também que se ele continuasse frequentando o projeto poderia ir a outros passeios e utilizar as bicicletas brancas que ele queria. Com todas as bicicletas separadas comecei a chamar os participantes do passeio. No primeiro momento chamei Sofia e Roberta, por serem as de menor estatura do grupo. Verifiquei com elas se conseguiriam fazer o passeio com as bicicletas de tamanho 17, pois eram as menores bicicletas com marcha. Roberta disse que sim e Sofia quis provar a bicicleta, pois no clube sempre usava a BMX. Ela colocou o capacete e deu uma volta pelo clube, ao retornar disse que estava um pouco grande, mas que conseguiria andar com ela. As outras crianças, vendo Sofia andar com a bicicleta, se aproximaram interessadas em pegar as bicicletas. Pedi que aguardassem, pois eu iria fazer a distribuição começando pelos menores. Chamei Diego, Duarte e Guerreiro, para verificar quem utilizaria a bicicleta de tamanho 17 que havia restado. Pedi para que os três andassem na de tamanho 19 e os três conseguiram com um pouco de desconforto devido ao tamanho do quadro, porém, Guerreiro e Duarte

deixaram que Diego utilizasse a 17 e ficaram com as de tamanho 19. Depois foi a vez de Pica-Pau e Hulk, ambos optaram por utilizar as de tamanho 17 de marca Canadian, que apesar de ter um quadro pequeno, o canote não desce completamente devido a furação que existe para fixação do segundo suporte para caramanhola, o que deixava o banco na mesma altura das bicicletas de quadro 19, porém com o tubo superior ligeiramente mais baixo. Sardinha e Inácio usaram as bicicletas brancas Canadian de tamanho 19, Da Lua utilizou uma de tamanho 21 e eu utilizei uma bicicleta mais velha que havíamos recebido de doação, pois a outra banca que estava sem uso não funcionava o freio dianteiro e estava com os pneus murchos (29B).

Depois de decidirmos as bicicletas, terminamos a distribuição dos capacetes que estava sendo feita por Inácio. Distribuí também as luvas e caramanholas para as crianças. Como não havia luvas suficientes no projeto, Da Lua, Inácio e eu emprestamos nossas luvas pessoais para garantir que todas as crianças utilizassem luvas. As crianças foram abastecer as caramanholas. Assim que retornaram, nos posicionamos todos na portaria do clube onde Da Lua fez orientações gerais sobre o uso da bicicleta no trânsito. Da Lua falou sobre a necessidade de sinalizar com o braço a direção da conversão e também sobre a necessidade de andarmos com a bicicleta no sentido de circulação da via. Comentou que, de acordo com o Código de Trânsito Brasileiro, a bicicleta é considerada um veículo e deve trafegar na rua sempre que não houver ciclovias ou ciclofaixas. Comentou que deveríamos ter cuidado com os carros, pois muitos motoristas não respeitam as leis de trânsito e também os ciclistas. Complementou perguntando: “Quem vai se dar mal em um acidente entre uma bicicleta e um carro?” As crianças responderam que a pessoa na bicicleta se machucaria. Da Lua disse que deveríamos ter muita atenção ao andar na rua. Enquanto Da Lua fazia estas orientações e eu mudei as marchas de algumas bicicletas deixando todas na segunda coroa dianteira. Devido à experiência no período da manhã, em que algumas crianças tiveram dificuldades na troca de marcha com a mudança de terreno entre aclives e declives, optei por orientar as crianças a mudar apenas as marchas na traseira. Disse a elas que quando estivessem em uma subida e quisessem que o pedal ficasse mais leve deveriam apertar a alavanca com o dedão da mão direita e, quando quisessem que o pedal ficasse mais duro, deveriam apertar a alavanca com o dedo indicador da mão direita, sempre uma marcha de cada vez até encontrar a mais adequada. Demonstrei fazendo umas trocas de marchas e mostrando o funcionamento das alavancas do mudador e também do câmbio traseiro.

C.O. A experiência do passeio anterior me fez pensar sobre o grupo de crianças que iria pela primeira vez pedalar fora do clube. Assim, fazer uma introdução sobre o uso das marchas me pareceu adequado, pois mesmo que tenhamos abordado isso durante as pedaladas dentro do clube, não tínhamos a real necessidade de utilização das marchas, uma vez que não havia grande variação de relevo no espaço. Quando tratávamos isso com as crianças nem sempre havia interesse destas no assunto e por isso entendo que a experiência do passeio tornou-se ponto motivador de interesse acerca de conhecimentos técnicos.

Saímos do clube e seguimos em direção ao campo dois da USP. No caminho, logo nas primeiras quadras, tivemos que alertar Guerreiro para que não andasse no meio da rua dizendo que era necessário manter-se no canto direito da via (30C). Sofia comentou que já havia sido atropelada. Perguntei se ela estava de bicicleta e ela respondeu que estava caminhando e um rapaz a atropelou com uma moto. Ela disse que ficou bem machucada e que por muitos dias não saiu de casa, pois sentia vergonha de expor os ferimentos no rosto. Ela disse que sua mãe inicialmente não queria autorizar que ela participasse do passeio de bicicleta por isso, disse que sua ela tinha muito medo que ela se machucasse novamente (31C).

Quando iniciamos a primeira pequena subida, eu alertei Sofia e Roberta, que vinham logo atrás de mim, para que se lembrassem de fazer as mudanças das marchas utilizando o dedão da mão direita caso achassem difícil pedalar. Ao chegarmos à entrada da trilha do

bosque eu, observando que não vinha carro, iniciei a travessia da rua. Sardinha e Roberta me acompanharam, mas logo virou um carro na rua. Inácio alertou o grupo e Sofia, bem como os demais participantes, tiveram que esperar o veículo passar. Eu entrei na trilha e notei que duas mulheres seguiam em sentido contrário pela trilha. Sardinha, que vinha logo atrás de mim, percebeu a situação e aguardou até que as mulheres saíssem da trilha. Roberta e Sofia gritaram para Sardinha ir logo e ele as alertou da presença das mulheres e disse que estava esperando terminarem a trilha (32C).

C.O. Fiquei surpreso com essa atitude de Sardinha. Nesse momento me questionei como ele poderia estar ameaçando uma pessoa de tiro na cara, como havia ocorrido minutos antes, em um momento e em outro cedendo passagem ao pedestre. De qualquer modo fiquei feliz com a surpresa.

Quando o grupo adentrou a trilha do bosque, escutei Roberta dizer ao entrar na sombra: “Nossa que gostoso andar nessa sombrinha!” Logo em seguida passamos pela grande erosão que existe na trilha do bosque e ouvi burburinhos entre as crianças e adolescentes que pareceram estar surpresas com o grande buraco que avistavam (33C).

Após passarmos a entrada da USP fizemos uma parada na qual informei sobre o início da descida e que não havia a necessidade de descer rápido, pois embora eu fosse um pouco mais rápido à frente, as pessoas que quisessem, poderiam ir mais devagar e seriam acompanhadas Inácio e Da Lua. Iniciamos a descida devagar e aos poucos o grupo foi ganhando velocidade. Olhei para trás e vi que Sardinha, Duarte, Guerreiro e Pica-Pau ficavam ultrapassando os colegas e circulavam bem no meio da via, que era de pista dupla. Reduzi a velocidade e nesse momento escutei os educadores Da Lua e Inácio chamando a atenção dos garotos. Assim que terminou a descida, parei a bicicleta e pedi para que o grupo encostasse à beira da via. Da Lua, Inácio e eu chamamos a atenção dos quatro garotos sobre o ocorrido e dissemos que eles não poderiam ficar circulando no meio da via. Eu comentei que ali ainda circulavam poucos carros, mas aquela atitude do trânsito era extremamente arriscada. Disse que diversos ciclistas já morreram atropelados por carros, caminhões e ônibus nas ruas. Após essa conversa Sardinha e Guerreiro pararam de fazer isso, porém Duarte e Pica-Pau tiveram que ser advertidos mais algumas vezes (34C). Pica-Pau, inclusive, repetiu a ação diversas vezes desconsiderando as orientações feitas por nós. Em uma das últimas paradas dentro do campus, educador Da Lua disse que pensaria muito bem para decidir se iria permitir a participação dele no próximo passeio. Sardinha teve sua atenção chamada outras vezes durante o passeio, pois ficava ultrapassando, tirando finas e ameaçando Sofia e Roberta que reclamaram constantemente da postura do colega. Em uma das paradas que fizemos comentei com o grupo que nós havíamos iniciado os primeiros passeios com os/as participantes com maior idade pensando que poderiam nos ajudar a orientar as pessoas mais novas, porém que estávamos sentindo que isso estava na verdade atrapalhando o aprendizado dos mais novos. Da Lua concordou e disse que aqueles que já haviam feito outros passeios anteriores estavam sendo mau exemplo aos colegas (35dC).

Prosseguimos com o passeio e ao passarmos por uma das rotatórias uma moça dirigindo um carro, mesmo com tempo suficiente para passar com o carro, parou para aguardar a passagem do grupo. Roberta e Sofia agradeceram a moça e depois eu ouvi Roberta dizer à Sofia que achou que moça havia sido muito gentil ao nos esperar (36C).

Fizemos uma parada em uma sombra e Sardinha comentou que estava com fome, outros/as participantes também comentaram estar com fome. Peguei um pacote de biscoito tipo maisena, abri e distribuí para as crianças. Educador Da Lua abriu outro pacote e serviu novamente as pessoas que quiseram pegar mais, mesmo ainda não tendo terminado de comer. Da Lua disse que poderiam ficar calmas e comer tranquilas, pois ainda havia mais bolacha. Todas pegaram mais uma porção de bolacha e finalizou-se o pacote. Lembramos o grupo que

ainda haveria duas frutas que seriam servidas no momento do lanche quando chegassem ao clube (37B).

Roberta e Sofia comentaram que gostaram muito de sair. Roberta disse que estava sentindo dor nas pernas, mas que valeu a pena ter ido. Sofia disse que sua mãe estava com medo de deixá-la ir e também que iria contar para ela que havia andado bastante de bicicleta, que não tinha caído e que ainda havia utilizado uma bicicleta grande (38C).

Quando passamos por uma rua localizada no ponto mais alto do campus, Roberta, vendo um brinquedo do parque de diversões que estava instalado próximo ao clube, disse: “Nossa como nós estamos longe!” Ela então chama a atenção de Sofia dizendo: “Você viu o quanto a gente andou?” Ela apontou o parque de diversões e disse para Sofia: “Olha lá o parque como está longe!”. Ela e Sofia aparentemente ficaram impressionadas com a distância que haviam percorrido em bicicleta (39C).

Quando estávamos quase indo embora fizemos uma parada à sombra, próxima a uma ponte. As crianças, observando a ponte, rapidamente encostaram as bicicletas na guia e correram para se debruçar e observar o que havia embaixo. Comentaram sobre o pequeno córrego e alguns meninos cuspiram algumas vezes no córrego, animados (40C).

Algumas crianças subiram no parapeito da ponte que ficava voltado para o lado da rua e, rapidamente, Da Lua e eu pedimos para que descessem, alertando que se os seguranças da USP nos vissem poderiam impedir que voltássemos aquele espaço. Ainda quando estávamos parados na ponte, um jovem, possivelmente um estudante da USP, passa de bicicleta com uma mochila e um capacete pendurado nela. Ele seguia na avenida principal de entrada pela contra mão da via. Quando o jovem passou pela ponte Hulk, espantado, apontou para o capacete pendurado e comentou: “Ele está sem o capacete!”. As outras crianças e adolescentes também observaram o ocorrido. Eu comentei que, além disso, ele também estava trafegando na contramão. Da Lua disse que o ciclista estava fazendo duas coisas erradas ao não usar o capacete e andar no sentido errado (41C).

Já no retorno, quando estávamos na trilha de terra próxima ao bosque, Guerreiro, Duarte e Pica-Pau ficavam brincando entre eles, acelerando e freando repentinamente a bicicleta para que ela derrapasse. Eles foram advertidos por Da Lua sobre o desgaste dos pneus, no entanto os garotos repetiram a ação diversas vezes.

Ao chegarmos ao clube Eiri estava iniciando a roda de conversa final. Ele pediu para que as crianças que estavam no passeio encostassem rapidamente as bicicletas e deixassem os capacetes, luvas e coletes sobre a mesa que estava no cetro da roda para que pudessem se integrar ao bate papo. Eu e Da Lua guardamos as bicicletas enquanto Eiri conversava com as crianças. Durante a roda final Aryadine, Anselmo e Claudemir perguntaram se poderiam ir ao passeio de bicicleta e foram informados das quatro regras dentre as quais estava o respeito aos colegas e a frequência constante no projeto. Max comentou comigo e com Da Lua que enquanto estávamos no passeio, outras crianças haviam andado de bicicleta também no clube. Disse que apesar de ter sobrado poucas bicicletas foi possível fazer a atividade, pois nem todas as crianças quiseram pedalar. Disse que ele acompanhou essa atividade e que dela participaram Anselmo, Claudemir, Aryadine, Flora, Raiane e Ronaldinho Gaúcho. Comentou que as crianças brincavam de ver quem fazia a volta mais rápida no clube e que ele ficou observando as crianças e cronometrando as voltas para elas. Em uma das voltas Anselmo e Claudemir fizeram algumas derrapagens e por isso ele os advertiu, e apesar de não terem mais derrapado, comentou que os garotos ficaram rindo de Max no momento da advertência (42A).

Terminada a roda de conversa Claudemir e Aryadine quiseram ficha de matrícula para eles e cada um levou uma para um parente. Eles também perguntaram sobre autorização para o passeio de bicicleta. Dionísio também pediu uma ficha de inscrição do projeto e uma autorização para usar o ônibus. Ao se despedir de mim para ir embora Guerreiro me agradeceu por tê-lo levado ao passeio (43C).

Diário de Campo XX

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Merlau, Joana.

Educandos/as: Cristiano Ronaldo, Júlio César, Rodolfo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina, Rodrigo, Deise, Rone, Renata, Moisés.

Flávio e Merlau organizaram a roda de conversa inicial. Durante a conversa eles decidiram a brincadeira que iriam fazer, pois na semana anterior não foi possível fazer a seleção devido ao horário que chegamos do passeio ciclístico. Depois de um bom tempo de conversa concordaram em brincar de Pé na Lata. Antes que saíssem para o referido jogo, Flávio avisou as crianças que eu ficaria consertando uma das bicicletas, a vermelha com tubo rebaixado cujo conserto havia se iniciado há duas semanas. A educadora Joana ficou me auxiliando ela disse que tinha interesse em aprender a consertar bicicletas e que não sabia muito sobre o assunto. Cristiano Ronaldo inicialmente se mostrou interessado em ajudar, mas ao observar a movimentação das crianças se dirigindo para realizar a brincadeira, ele acabou optando em ficar brincando com as demais crianças (1A).

Enquanto as crianças brincavam juntamente com Flávio e Merlau, Joana e eu dávamos continuidade à manutenção da bicicleta. Inicialmente expliquei a Joana quais peças da bicicleta seriam substituídas. Comentei que trocaríamos os mudadores, manetes e o conjunto v-break de freios, pois os que estavam na bicicleta eram de plásticos e não tinham um bom funcionamento. Disse que colocaríamos novos cabos de freio e câmbio e trocaríamos também os câmbios por um modelo de melhor qualidade usado que havíamos recebido de doação. Depois nos encaminhamos até a caixa de peças usadas recebidas de doação, após solicitação dos educadores em bicicletarias que frequentam. Eu e Joana vasculhamos a caixa a procura das peças que utilizaríamos. Selecionei as melhores peças disponíveis explicando para Joana o motivo da escolha. Posteriormente fizemos a limpeza dos câmbios e corrente que estavam sujos com óleo e terra. Joana quis fazer a limpeza e eu forneci a ela escova e detergente e a orientei durante a limpeza. Cristiano Ronaldo, que estava brincando de Pé na Lata, se aproximou e perguntou se nós precisávamos de ajuda. Eu disse a ele que se ele quisesse nos ajudar poderia se juntar a nós, porém o garoto optou por continuar brincando. Após a limpeza das peças, demos início a montagem. Retiramos as rodas que estavam montadas na bicicleta para efetuarmos a colocação do câmbio traseiro. Enquanto eu instalava o câmbio traseiro, Joana retirava o câmbio dianteiro que seria substituído. Após isso ela fez a instalação do novo câmbio dianteiro. Nesse momento as crianças mudaram de atividade e seguiram para o *Fútbol Callejero* e, durante a troca, Renata e Frynkin quiseram ficar conosco na manutenção da bicicleta. Ambos ficaram observando enquanto trabalhávamos na bicicleta, eu solicitei a Frynkin que selecionasse as melhores pastilhas de freio que havia para que pudesse retirá-las dos freios em que estavam e instalá-las nos v-breaks de alumínio que havíamos selecionados para utilizarmos na bicicleta. Renata também foi convidada a participar, porém ela preferiu apenas ficar observando. Quando questionada por mim, ela disse que possui bicicleta e que não sabe consertar. Ela comentou que estava com o pneu furado. Perguntei se ela possuía as coisas necessárias para consertar e ela disse que não. Disse a ela que se ela tivesse remendos ele poderia aprender a consertar no projeto e depois fazer o mesmo na casa dela. Comentamos que fazíamos passeios de bicicleta e ela pareceu animada com possibilidade de participar. Finalizamos a instalação dos câmbios (2A) e também foi finalizada a atividade de *Fútbol Callejero*. Flávio e Merlau foram responsáveis pela distribuição dos capacetes e das bicicletas (3A). As crianças subiram correndo da quadra ansiosas para pegar as bicicletas e andar pelo

clube. Rapidamente as crianças estavam andando, inclusive Frynkin e Renata que, nesse momento, se juntaram as demais crianças, pois também queriam andar de bicicleta. Os educadores Merlau e Flávio acompanharam as crianças durante a atividade (4A). Enquanto as crianças andavam de bicicleta eu e Joana continuamos a montagem da bicicleta. Partimos para a instalação dos mudadores de marcha e manetes, porém no momento de instalá-los notei que estavam com o funcionamento comprometido e então procedi com a desmontagem destes para verificar a possibilidade de reparo. Joana e Sandro ficaram observando a desmontagem. Ao abrir notei que os mecanismos internos estavam emperrados por conta da lubrificação antiga, da poeira acumulada e também pela falta de uso. Fiz a limpeza e lubrificação utilizando óleo desengripante em spray. Fiz o mesmo procedimento com o outro mudador (5C). Enquanto estava nessa tarefa, Rodolfo se aproximou e perguntou para onde seria o passeio da semana seguinte e eu respondi que iríamos para a USP novamente, pois havia muitas pessoas que iriam pela primeira vez ao passeio. Ele disse que tínhamos combinado que no próximo passeio só iriam os mais velhos para um lugar mais longe. Eu disse a ele que ele havia feito essa sugestão para mim e para o educador Da Lua, porém não havia sido acordado isso naquela ocasião e que ainda estávamos avaliando essa possibilidade (6dC).

As crianças retornaram para a roda final e fizeram a seleção da atividade inicial da semana seguinte. Eu continuei a montagem da bicicleta. Flávio disse novamente que, quando eu estivesse fazendo manutenção das bicicletas, quem quisesse participar poderia ficar acompanhando a atividade. As crianças perguntaram sobre o passeio da semana seguinte e das autorizações. Eu disse que havia esquecido as autorizações e que eu as entregaria a eles na terça-feira seguinte (7C).

Depois da roda final, Sandro comentou que seu pai estava internado no hospital desde o dia anterior. Quando indaguei o motivo ele disse que seu pai havia tido uma crise de hipoglicemia que o levou ao desmaio. Perguntei se já havia tido crises semelhantes e Sandro disse que nunca ele nunca havia sentido nada, por isso estava em observação.

Após a roda final Rodolfo e Sandro ficaram junto a mim, observando o que eu fazia e conversando comigo enquanto eu terminava de fazer a instalação dos mudadores e dos cabos de câmbio na bicicleta. Sandro comentou que o pedivela de sua bicicleta havia quebrado. Perguntei qual era o modelo e ele apontou o da bicicleta em que eu estava mexendo. Eu disse a ele que tínhamos um como aquele disponível e que poderíamos fazer a substituição ali em outro momento. Ele disse que iria ver para levar a bicicleta lá para trocar. Rodolfo perguntou se poderia consertar a bicicleta dele que estava toda quebrada. Perguntei a ele qual era o problema e ele não soube responder. Eu disse a ele que poderíamos consertar diversas coisas, porém aquilo que dependesse de peças de reposição só poderia ser consertado caso tivéssemos alguma peça de doação disponível, porém comentei que não havia muitas peças para isso (8A).

Durante esse momento que conversamos, após a roda de conversa final, Rodolfo disse diversas vezes que estava com fome. Ele também pediu para ver os tênis que estavam guardados na salinha. Eu comentei com ele que ele já havia pegado um tênis e ele respondeu que queria ver para trocar o dele. Disse então que se o dele não estivesse mais servindo que ele trouxesse e depois ele pegaria outro. Comentei que eu não poderia deixá-lo mexer nos tênis, pois estes haviam acabado de ser organizados em sacolas pela equipe de educadores e ele não poderia ficar mexendo e misturando a triagem prévia realizada. Educador Sandro disse que tinha que ir embora para fazer almoço para ele e seu irmão e Rodolfo disse que iria ficar lá pelo clube mesmo, pois, segundo ele, não teria o que comer em casa antes de ir para escola. Sandro foi embora e ele ficou mais algum tempo e, antes de sair para ir embora, ele pediu para que eu lhe desse mais uma barrinha de cereal e eu pedi para que ele pegasse na mesa (9B).

Na parte da tarde eu deixei para os educadores de terça-feira as autorizações nominais para o passeio ciclístico, para as pessoas com nove anos ou mais e que estavam presentes no período da manhã. Deixei também uma autorização em branco para Lili, que havia faltado, caso ela viesse na terça. Quiseram autorizações para o passeio: Cristiano Ronaldo, David Luiz, Frynkin, Rodrigo, Júlio César, Maria Joaquina, Rodolfo (10C). Lili foi na terça-feira, porém não quis pegar a autorização quando Abayomi foi lhe entregar, ela disse que não queria participar e por isso não levou a autorização (11C).

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Eiri, Leandro, Talita.

Educandos/as: Duarte, Sardinha, Diego, Hulk, Guerreiro, Roberta, Dionísio, Dudu, Caca, Lupita, Robinho, Romário, MC'Gui, Ben10, Pudim, Doug.

Max e Leandro reuniram as crianças para dar início as atividades. Eu avisei que ficaria consertando a bicicleta durante aquele dia e que quem quisesse poderia me auxiliar. Sardinha se prontificou. Outras crianças perguntaram se elas não iriam andar de bicicleta naquele dia. Eu disse que sim, porém disse que eu não iria ficar com elas nesse momento, pois queria terminar o conserto da bicicleta naquele dia para que ela pudesse ser usada no passeio da semana seguinte. Roberta perguntou se eu entregaria a autorização para o passeio eu disse a ela que faria a entrega no final do dia (12A).

As crianças seguiram com Max e Leandro para brincadeira Cada Macaco no Seu Galho, com exceção de Sardinha que ficou me ajudando no conserto da bicicleta. Sardinha e eu fizemos a instalação dos v-breaks e dos cabos de freio. Eu fui montando o freio da roda dianteira enquanto ele fazia o da roda traseira. Finalizada a montagem do freio, Sardinha fez a ligação do cabo do câmbio dianteiro que eu não havia concluído na parte da manhã. Ele também instalou a roda traseira e nós fizemos as trocas de marcha para verificar a regulagem e funcionamento dos câmbios. Notamos que a coroa do pedivela estava torta e endireitamos batendo com um martelo, utilizando um pedaço de madeira como proteção. Conseguimos impedir que a corrente ficasse batendo na coroa durante a pedalada. Também notamos que a catraca que havia sido instalada na semana anterior era de seis velocidades e necessitava ser de sete. Retiramos a roda para extrair e trocar a catraca por outra. Retiramos a catraca, porém quando fomos fazer a retirada da outra que estava em uma roda que recebemos como doação, a peça estava emperrada e mesmo com a aplicação de óleo desengripante tivemos dificuldades para retirar, inclusive, quebramos meu alicate durante a aplicação de força na retirada da peça. Pedi para Sardinha fazer a limpeza da catraca que estava suja e ele seguiu para a torneira com o detergente e a escova de limpeza. Rapidamente ele retornou e me entregou a peça molhada, porém ainda suja. Disse a ele que deveríamos limpar melhor a peça e fui com ele fazer a limpeza novamente, assim que terminei entreguei a peça a ele para que verificasse como deveria ficar a peça depois de limpa. Seguimos para a montagem da catraca. Eu fiz o ajuste do cubo, colocamos e Sardinha instalou a catraca. Depois nós instalamos a roda na bicicleta e testamos as marchas. As marchas dianteira, após a regulagem, ficaram funcionando bem, porém as traseiras mesmo reguladas não mudavam com precisão, indicando desgaste de componente. Embora não tivesse mudando adequadamente seria possível utilizar. No entanto notamos que havia um jogo muito grande no cubo traseiro e seria necessário retirar a roda e extrair a catraca novamente. Sardinha ficou desanimado com o ocorrido e não queria desmontar a roda novamente. Durante todo esse processo Sardinha falou diversas vezes que estava com fome, disse que só havia comido um pacote de salgadinho na hora do almoço. Comentou que iria “bater” um arroz quando chegasse a sua casa. Eu disse a ele que faltavam poucos minutos para a hora do lanche. Ele perguntou o que tínhamos de lanche e eu disse que

seriam duas maçãs. Nesse momento as crianças chegaram com Max e Leandro para andar de bicicleta. Sardinha queria andar com elas, antes que ele sáísse eu pedi a ele que apenas me ajudasse a retirar a catraca antes de ir e, assim que a retiramos, ele se juntou as demais crianças que estava andando de bicicleta pelo clube. Nesse momento outras crianças estavam pegando as bicicletas, porém algumas necessitavam que os pneus fossem calibrados. Talita quis auxiliar as crianças, porém não sabia utilizar a bomba de encher pneus e me pediu para ajudá-la. Eu então a ensinei a utilizar a bomba e ela ajudou as crianças a encherem os pneus das bicicletas que estavam vazios (13A).

Enquanto as crianças andavam de bicicleta eu fazia a montagem do cubo. Notei que a folga não era apenas uma questão de regulagem. A bacia de rolamento de um dos lados tinha medida inferior à necessária e por isso não se fixava ao cubo. Desmontei o cubo de outra roda, porém a bacia também não era compatível. Diante disso recortei uma tira de garrada PET e utilizei-a para retirar a folga que havia ente o cubo e a bacia de rolamento. A solução, provavelmente temporária, resolveu o problema da folga. Montei novamente a catraca e recoloquei a roda na bicicleta. Finalmente parti para o ajuste fino dos freios e, ao regular o feio traseiro, percebi que havia necessidade de alinhamento da roda que possuía um ponto fora de centro. Nesse momento Roberta se aproximou e perguntou sobre o passeio de bicicleta e se as crianças de oito anos já poderiam ir. Eu respondi que não, pois era necessário que as crianças conseguissem andar nas bicicletas grandes, uma vez que percorrer distâncias grandes com as bicicletas pequenas era muito ruim. Enquanto conversávamos, ela me ajudou na regulagem dos freios pressionando e soltando os manetes entre um ajuste e outro conforme eu solicitava. Após fazer o último ajuste nos raios e terminar a regulagem dos freios, dois raios estouraram e a roda desalinhou novamente. Retirei os dois raios, porém não havia como repô-los naquele momento, então apenas alinhei a roda novamente (14A). Depois que terminei de consertar a bicicleta eu coloquei um capacete e saí com ela para um teste. Roberta, que havia me ajudado na regulagem dos freios, me disse que também gostaria de testar. Ao ouvir Roberta, Sardinha se aproximou e disse que o próximo a testar seria ele, pois ele havia me ajudado a montá-la. Concordei com ele e estabelecemos que, depois de mim, ele faria uma volta e logo em seguida iria Roberta. A atividade com bicicleta já estava no fim, educador Max já guardava as bicicletas na gaiola quando Sardinha passou a bicicleta vermelha para Roberta, pois o tempo estava acabando e ela já o cobrava para poder dar uma volta antes que o tempo acabasse. Sardinha então quis andar novamente com as bicicletas brancas, porém queria uma que possuía bagageiro e que estava atrás de outras quatro bicicletas que havia acabado de ser guardadas por Max. Max pediu para que ele usasse outra bicicleta que estava fora da gaiola, porém o garoto insistiu. Eu observando a cena sugeri que Sardinha retirasse as bicicletas que estavam à frente daquela que ele queria usar e as recolocassem na gaiola depois que a retirasse. Disse que assim ele usaria a bicicleta que queria sem incomodar Max que já as havia guardado. Ambos concordaram e Sardinha fez o combinado (15B).

Nesse momento final em que as crianças andaram de bicicletas fiquei observando-as por alguns minutos e chamei a atenção de Sardinha que estava carregando Guerreiro no bagageiro e mesmo após minha solicitação ele continuou. Chamei os dois em voz alta e disse que se o bagageiro quebrasse iria machucar quem estivesse sentado nele. Falei o mesmo para Diego que carregava Lupita. Informei a eles sobre o limite de carga dos bagageiros que eram de 15Kg e que para transportar crianças pequenas era necessário o uso de cadeirinhas, pois caso contrário poderia prender acidentalmente o pé na roda da bicicleta (16A).

Conforme Max e Leandro recolhiam as bicicletas, capacetes e organizavam a roda final eu recolhi as ferramentas e peças que estavam espalhadas pelo espaço. Nesse momento Lupita e Ben10, curiosos com as peças que estavam no chão, me ajudaram a recolher as peças, ferramentas e o lixo (17A).

Foi realizada a roda final, e as crianças em acordo decidiram pela atividade My God. Servimos o lanche e eu distribuí as autorizações para o passeio. Receberam autorização nominal: Duarte, Sardinha, Diego, Hulk, Guerreiro, Roberta, Dionísio, Pudim, Doug. Os três últimos receberam primeira vez a autorização.

Diário de Campo XXI

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Danilo, Joana, Sandro e Da Lua.

Educandos/as: Ronaldinho, Gabi, Rone, Kika, Renata, Moisés, Peppa, Fiorella, Deise, Messi, Guto, Neymar, Cristiano Ronaldo, Júlio César, Rodolfo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina, Rodrigo e Duarte.

Participantes no passeio: Cristiano Ronaldo, Júlio César, Rodolfo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina, Rodrigo e Duarte.

Logo que cheguei encontrei Cristiano Ronaldo. Conversamos um pouco, pois faltavam alguns minutos para as oito. Nessa conversa Cristiano Ronaldo disse que ganhou uma moto de trilha de seu padrinho, que seus colegas o chamaram para fazer trilha com eles, mas ele não quis ir. Disse que sua moto é uma XL 200 e que muitos outros colegas compraram motos de trilha. Disse que seu padrinho o avisou que se ele aprontasse muito com a moto ele a pegaria de volta e a venderia. Perguntei se fazia tempo que ele tinha moto, pois nunca me havia me contado sobre ela e ele respondeu que havia ganhado ela naquele final de semana (1dC).

Com a chegada das crianças, Duarte veio falar comigo e disse que havia perdido a autorização e que sua mãe havia feito uma autorização escrita à mão para que ele pudesse ir ao passeio. Perguntei se ele não deveria estar na escola. Ele respondeu que naquele dia estava sendo feita reunião e não teria aula, por isso sua mãe havia autorizado que fosse ao projeto no período da manhã. Danilo confirmou a informação dada pelo garoto. Duarte perguntou se poderia ir ao passeio ciclístico junto com a turma da manhã e eu disse que poderia ir, pois havia algumas bicicletas disponíveis. Frynkin e seu irmão David Luiz me procuraram e disseram que Frynkin havia esquecido a autorização assinada em casa. Eles disseram que a mãe os havia autorizado e me entregaram a autorização de David Luiz assinada por ela. Eu comentei com eles que sem a autorização assinada seria bastante complicado sair com ele do clube, pois os passeios de bicicleta envolvem muita responsabilidade por parte de nós educadores. Disse a ele que aguardaria a chegada de Da Lua para decidirmos que ele poderia ir ao passeio (2C).

Logo após essa conversa eu reuni as crianças para darmos início a roda de conversa inicial. Como os dois educadores que haviam organizado a seleção de atividades na semana anterior não estavam presentes, eu iniciei a roda perguntando às crianças se elas se lembravam de qual atividade havia sido selecionada. Como nenhuma delas sabia propus escolhermos uma brincadeira para iniciarmos dia. Foram feitas diversas propostas pelas crianças, porém nenhuma atingiu unanimidade. Eu disse às crianças que deveria ser uma atividade que todos quisessem fazer, porém estava difícil chegarmos a um consenso, pois sempre havia algumas crianças que se posicionavam contrárias às atividades que estavam sendo propostas. Depois de algum tempo sob minha insistência que a atividade escolhida deveria agradar a todos, as crianças foram abrindo concessões e chegamos a um denominador comum, a saber: o jogo Pé na Lata. Danilo acompanhou as crianças para o local de jogo e eu fiquei com Da Lua, que havia acabado de chegar, organizando as coisas para o passeio de bicicleta. E a saída com as crianças ficou acertada para depois do jogo Pé na Lata.

Neste dia demoramos em iniciar o passeio por alguns motivos. O primeiro foi que a atividade inicial demorou muito para começar devido ao tempo gasto para decidir coletivamente a atividade a ser realizada no momento de integração. Outro motivo do atraso da saída para o passeio foi que Da Lua teve que conversar com Rodolfo devido à situação de desrespeito protagonizada por ele e envolvendo as educadoras que atuam no projeto as terças-feiras. As citadas educadoras relataram tal situação em reunião de planejamento realizada no dia anterior, nessa ocasião elas comentaram que Rodolfo não estava as respeitando e que acreditavam que ele se comportava de modo diferente às quintas-feiras, devido a preocupação de ser impedido de participar dos passeios de bicicletas. No momento em que Da Lua conversava com Rodolfo, Flávio relatou situações de desrespeito que haviam ocorrido naquele dia durante a realização do jogo Pé na Lata. Da Lua repreendeu Rodolfo pelo mau comportamento, alertou-o que a participação nos passeios de bicicletas estava atrelada a condição de respeitar as pessoas e caso voltasse a desrespeitar as educadoras ele poderia participar dessas atividades com o grupo. Por fim Da Lua pediu para que ele se desculpasse com as educadoras quando as encontra-se na próxima terça-feira (3dB). O terceiro motivo foi a conversa de Da Lua com Frynkin na tentativa de solucionar o problema. Frynkin sugeriu que ligássemos para a mãe dele. Da Lua me consultou sobre essa possibilidade. Eu disse que o fato de não termos a autorização assinada nos comprometeria caso tivéssemos alguma ocorrência durante o passeio. Eu disse também que, como possuíamos a autorização do irmão assinada, poderíamos confirmar com a mãe via telefone a permissão dela para o passeio e, em caso afirmativo, permitir a participação do garoto. Da Lua concordou com a ideia e ligou para a mãe do menino, falou com ela e aproveitou para ressaltar para ela e para o garoto a importância da autorização assinada (4C).

Após essas conversas distribuímos os equipamentos, capacetes, caramanholas, luvas e coletes, para as crianças. Elas se encaminharam para encher as caramanholas com água. Eu peguei algumas barrinhas de cereal e pacotes de bolacha para o lanche (5C). As crianças começaram a pegar as bicicletas, David Luiz, Rodrigo e Duarte, que eram os menores, ficaram com as bicicletas de tamanho 17 mais novas. Rodolfo e Júlio César utilizaram as brancas novas de tamanho 19. Frynkin utilizou uma Canadian tamanho 17. Já Maria Joaquina inicialmente pegou a bicicleta vermelha com tubo rebaixado que havíamos restaurado, porém embora o tubo fosse mais baixo o banco ficava ligeiramente mais alto, o que a deixava insegura em utilizar a bicicleta. Ela então pediu para experimentar novamente a bicicleta branca nova tamanho 17 cujo banco ficava mais baixo e que estava com Duarte, porém devido ao tamanho do quadro sentia-se insegura ao parar a bicicleta. Por fim ela optou pela BMX que havia utilizado no passeio anterior, que embora exija mais esforço, a deixa mais segura ao conduzir. Diante disso, Cristiano Ronaldo quis trocar a bicicleta branca que havia pegado inicialmente para poder ir com a bicicleta vermelha recém-restaurada (6B).

Antes de sairmos para o passeio, Da Lua conversou com Renata, Kika e Rone, pois eles não iam ao passeio, apesar de possuírem idade, e ficaram próximos do grupo olhando os demais colegas se arrumarem. Da Lua disse que eles não poderiam ir naquele passeio, porém iriam ao próximo, pois possuíam frequência. Eu também conversei com elas e as informei que elas haviam entregado apenas naquele dia as fichas de matrículas assinadas (7C).

Quando estávamos prontos para sair, as crianças alertaram que Duarte estava de chinelo. Da Lua então solicitou a Flávio que verificasse, entre os tênis que tínhamos recebido de doação, se havia algum calçado que servisse em Duarte. Flávio acompanhou Duarte e encontraram um último par do tamanho que era necessário. Da Lua disse que Duarte poderia ficar com o tênis para ele, porém alertou que ele já havia recebido outro par anteriormente, que seria necessário frequentar o projeto com eles, especialmente em dias de passeio (8B).

No momento da saída, Da Lua relembrou rapidamente os critérios para sair, as normas de circulação e sinalização, local de deslocamento na via. Saímos sentido posto para calibrar

os pneus de duas bicicletas que estavam murchos. Eu fui à frente, Flávio no meio do grupo e Da Lua ao final. Quando estávamos a caminho do posto, Rodolfo disse que havia perdido a vergonha de “dar seta” com as mãos para sinalizar suas manobras de conversão. Eu disse que quando ele andasse de bicicleta em situações de trânsito mais intenso ele iria sentir necessidade de “dar seta” para garantir sua segurança. Ainda a caminho do posto, em uma esquina com parada obrigatória, eu que estava à frente do grupo aguardei a passagem de um carro e em seguida, quando não vinha mais carros, iniciei a travessia da rua. Depois de mim atravessaram três crianças e logo outro carro apontou na rua, virei para trás para avisar às demais crianças que esperassem, porém David Luiz, que seria o próximo a atravessar, já havia percebido a presença do veículo e parado o grupo, pois neste momento estava à frente deste. Chegando ao posto Da Lua pediu autorização ao frentista, que imediatamente autorizou o uso do calibrador (9C).

No caminho passou ao longe uma pessoa com uma moto. Ao escutar o ronco do motor Cristiano Ronaldo comentou “Oh lá professor, aquele é meu sonho!” Perguntei o que era e ele disse que era a moto. Perguntei a ele que moto era aquela e ele disse que era uma *Hornet* (10dC).

Ao chegarmos à rua de terra próxima ao clube notamos que esta estava em obras e seguimos por ela com um pouco de dificuldade, a terra estava solta, pois um trator havia revolvido a terra para nivelar o solo. Havia homens trabalhando e instalando bloquetes de concreto. Quando chegamos neste tivemos que seguir pela calçada empurrando as bicicletas (11C).

Já na USP, quando pedalávamos pela portaria que fica próxima ao restaurante, Rodolfo, impressionado, perguntou se aquilo que ele estava vendo era o ginásio de esporte municipal. Respondi positivamente, ele achou curioso ver o ginásio que fica em outro extremo da cidade e comentou que não sabia que era possível ver o ginásio ali do bairro. Logo depois, quando passamos perto do restaurante, Rodolfo comentou sobre o cheiro bom de comida que estava sentindo, eu comentei com ele que o aroma vinha do restaurante da USP prédio ao qual passávamos ao lado (12C).

Rodolfo viu uma moto parada no estacionamento do restaurante e comentou comigo que aquela moto era seu sonho. Ele disse que era uma XRE 300, e gostaria que a dele tivesse as cores das que são utilizadas pelos policiais da ROCAM, segundo ele, Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicleta (13dC).

Quando circulávamos por um calçamento que circundava uma área de proteção permanente que fica próxima ao restaurante, Rodolfo falou que estava sentindo “cheiro de mata ciliar”. Comentei com ele que estávamos próximos a uma área de preservação e ele disse que deveria ser proveniente dali o cheiro de mata fechada (14C).

Em uma de nossas paradas Da Lua, que vinha sempre ao final da fila, comentou que verificou que Maria Joaquina apresentava maior dificuldade por estar com uma bicicleta BMX, mais pesada e sem marchas. Da Lua disse que durante o passeio a aconselhou a treinar pedalando nas bicicletas brancas de tamanho 17 nos passeios internos ao clube. Da Lua também disse que Rodrigo ficou durante todo o tempo por último, pois tinha muita dificuldade com a bicicleta, segundo Da Lua, em parte por conta do tamanho que não é o mais adequado, mas, sobretudo, dificuldade com equilíbrio, frenagem, troca de marchas e também de lateralidade, pois o garoto sinalizava para um lado e fazia a conversão para o outro, bem como não sabia identificar qual era sua mão esquerda e direita. Rodrigo também, por dificuldades de manter-se em linha reta, frequentemente deslocava-se para a esquerda e acabava indo para o meio da rua. Estava aparentemente inseguro e, talvez por isso, andava constantemente com as mãos pressionando levemente os freios. Da Lua disse que o alertou diversas vezes sobre essas coisas durante o trajeto. Da Lua comentou que, devido a essas dificuldades apresentadas por Rodrigo, o acompanhou de perto durante todo o passeio para

garantir a segurança do garoto. Ao sairmos da estrada de terra notei que Rodrigo havia ficado bastante afastado do grupo e vinha acompanhado por Da Lua. Para aguardar que eles chegassem eu propus uma brincadeira em que nos deslocávamos em zigzag por um espaço de estacionamento, tipo 90°, para automóveis que estava vazio e que passamos no caminho. Eu disse que o desafio era fazer uma curva a cada linha do estacionamento que demarcava a divisão entre as vagas. Da Lua insistiu para que o garoto também fizesse o exercício, porém não quis fazê-lo por muito tempo.

Em determinado momento do passeio o final da fila estava na seguinte ordem, partindo da última pessoa: Da Lua, Rodrigo, Joana e Maria Joaquina. Porém Joana e Maria Joaquina trocaram de posição, a pedido da garota que, segundo Joana, havia dito a ela que gostaria de ficar mais próxima ao Da Lua.

C.O. Imaginamos que por insegurança ela tenha preferido ficar mais próxima ao Da Lua. (15C).

Durante a parada do lanche, a educadora Joana participante da ACIEPE de economia solidária ofertada pela NuMI-EcoSol da UFSCar, comentou com Da Lua sobre sua aula e lhe disse que na aula da semana anterior havia sido feita uma rodada com os participantes em que cada um comentou sobre os espaços nos quais cada um estava inserido. Ela comentou que estava inserida junto ao Clube dos Metalúrgicos de São Carlos, onde se desenvolve jogos e brincadeira de diferentes culturas, bem como Capoeira, Musicalização, *Fútbol Callejero* e Ciclismo. Sendo que, no caso do ciclismo, estava ocorrendo estudo de viabilidade de empreendimento de economia solidária envolvendo mecânica de bicicleta e cicloentregadores. Ela, nessa aula, comentou que estava brincando muito e pensa ter sido mau interpretada pela coordenadora da ACIEPE, que entendeu a expressão brincadeira de maneira pejorativa, não percebendo o potencial educativo do brincar, especialmente, ao se considerar que o público do projeto são crianças e adolescentes. Disse também que precisaria fazer um relatório final para aprovação na ACIEPE e solicitou ao Da Lua que conversasse com ela detalhando melhor a relação da economia solidária com o projeto, bem como o desenvolvimento das atividades referentes ao empreendimento. Ela também solicitou que ele lhe fornecesse documentos que tratassem do desenvolvimento do projeto. Da Lua disse que lhe enviaria os relatórios sobre o projeto (16C).

A educadora Joana comentou com educador Da Lua que havia gostado de aprender a mexer na bicicleta. Disse que andava de bicicleta na companhia de seu pai durante a adolescência e que há muitos anos ela não pedalava. Disse que estava pensando em recuperar a bicicleta dela que estava parada e perguntou para Da Lua se ela teria que trocar muitas peças. Da Lua disse a ela que certamente ela deveria fazer uma boa limpeza e lubrificação na transmissão e, possivelmente, trocar câmaras e pneus, pois estas normalmente ressecam com a falta de uso (17C).

Chegamos faltavam cinco minutos para as onze e o ônibus que transporta as crianças já estava em frente ao clube. As crianças encostaram rapidamente as bicicletas e retiraram os equipamentos. Danilo serviu o lanche que correspondia a uma mexerica e uma banana para cada pessoa. Elas pegaram o lanche e se encaminharam para o ônibus na companhia do educador Flávio.

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Eiri, Leandro, Sandro, Da Lua.

Educandos/as: MC'Gui, Ben10, Flora, Lupita, Dudu, Pica-Pau, Caca, Pudim, Bob Esponja, Doug, Tchar, Super Mário, Empadinha, Roberta, Diego, Sardinha, Guerreiro, Duarte.

Participantes no passeio: Roberta, Diego, Sardinha, Guerreiro, Duarte.

Logo na chegada Roberta foi conversar com Da Lua. Da Lua elogiou sua roupa e ela disse que aquela era a roupa com a qual ela havia ido para a escola. Ela disse a ele que havia trazido o celular e pediu para levá-lo ao passeio de bicicleta, pois queria levar algumas fotos do passeio para sua família ver, principalmente para a mãe (18C). Nesse momento inicial, Da Lua também conversou com Sardinha e perguntou se ele havia feito um exame de sangue e ele disse que não queria tirar sangue. Comentou que havia ido ao médico, mas não pediu os exames. Da Lua disse que ele deveria conversar com a mãe para fazer um exame de sangue e verificar se possuía anemia ou algo semelhante, pois ele queixava-se de cansaço constantemente quando saíam de bicicleta. Sardinha disse novamente que não queria tirar sangue (19B).

Eiri reuniu as crianças e iniciou a roda de conversa com elas. Antes de darmos início às atividades pedimos para que as crianças, no momento em que fossem assinar a lista de presença, escrevessem ao lado do nome um nome fictício. Da Lua explicou que poderia ser qualquer nome que gostassem desde que não tivessem partes do próprio nome ou sobrenome e nem de nomes de outros participantes do projeto. Comentamos com as crianças que aquilo servia para quando fazíamos trabalhos contando como as coisas aconteciam no projeto. Eiri disse às crianças disse que os nomes fictícios serviam para que contássemos a história, porém sem contar quem eram as pessoas que estavam nelas, assim caso fosse registrada alguma ocorrência que a divulgação pudesse deixar a pessoa envolvida envergonhada, com a utilização de um nome de mentira isso não aconteceria, pois ninguém saberia quem era a pessoa citada. Ao final as crianças foram selecionando nomes e Max fez a conferência e ajudou algumas crianças a escrevê-los, quando tinham dificuldades. Depois disso Eiri deu início à conversa sobre o jogo My God e contou às crianças a origem do jogo. O nome em Inglês gerou uma conversa sobre o motivo dos países falarem determinadas línguas, esta abordou o contexto das invasões dos povos europeus ao continente americano e africano. Eiri iniciou encaminhamentos para o início do jogo e Pudim disse: “Ah! Que pena, eu estava gostando tanto dessa aula de história!”. Eiri prosseguiu com as combinações sobre as regras e das partes do corpo que seriam consideradas frias e se dirigiu com as crianças para o local onde seria realizado o jogo. Ao saírem para o jogo Sardinha, Duarte e Diego vieram perguntar a que horas sairíamos para o passeio e eu respondi que iríamos após o jogo My God. Eles perguntaram se daria tempo e eu disse que sim, comentei também que deveríamos aguardar Da Lua que estava recebendo um grupo de educadoras que vieram conhecer o projeto (20C). Enquanto as crianças estavam jogando eu fui retirando as bicicletas para deixá-las prontas para o passeio, inclusive consertei o freio dianteiro de uma delas, trocando a curva do conduíte que estava quebrada.

Enquanto isso Da Lua recebia e acompanhava três educadoras sociais que se apresentaram dizendo que trabalham no CEDECA em Limeira e que estão atualmente com uma parceria com a TDH. Elas comentaram que em uma reunião de formação elas foram recomendadas a conhecerem o nosso projeto, pois estão planejando o desenvolvimento de um projeto relacionando futebol e direitos humanos. Da Lua comentou que trabalhamos com *Fútbol Callejero*, Capoeira, Musicalização e Ciclismo, que também trabalhamos muitos jogos africanos e indígenas. Comentou que por coincidência o jogo de hoje era de origem africana, de Moçambique assim como o jogo cantado Balele Balele que seria realizado depois.

A organização inicial e o jogo My God demorou mais do que o previsto, assim começamos a organizar a saída da bicicleta com as crianças, faltavam vinte minutos para as quatro. Assim que terminou a atividade inicial nós rapidamente pegamos os capacetes, luvas e coletes (21C).

As crianças escolheram as bicicletas, Diego, inclusive, quis ir com a bicicleta vermelha que havia sido consertada na semana anterior.

C.O. Interessante observar o interesse nessa bicicleta que foi consertada com a participação das crianças, embora devamos considerar que foram trocadas algumas peças e colocadas algumas que podem chamar mais atenção, porém ela ainda estava bastante semelhante às outras que recebemos de doação e utilizamos no projeto, que normalmente só são usadas quando não restam outras brancas e mais novas para escolher (22B).

Assim que terminamos de colocar os equipamentos, nos reunimos na portaria do clube para sair. Desta vez fomos apenas eu e Da Lua de educadores, pois Inácio não havia comparecido e os demais educadores estavam acompanhando as crianças no clube.

Seguimos em direção ao campus dois da USP. No caminho Roberta perguntou se eu poderia tirar fotos deles com seu celular, pois ela queria sair nas fotos que depois ela iria levar para mostrar para a mãe. Eu disse a ela que quando nós chegássemos à USP eu pegaria o celular com ela para fazer as fotos, disse que lá eu poderia tirar fotos quando ela estivesse andando e ela gostou da ideia (23C).

Quando estávamos cruzando o terreno que há logo após o bosque havia um monte de terra na calçada próximo ao meio fio, Sardinha saiu de perto do grupo e passou por cima do monte saindo na rua. Eu e Da Lua chamamos a atenção dele e pedimos que ele se juntasse ao grupo, pois ele havia ido para o meio da rua sem olhar se vinha carro. Continuamos pela rua para acessarmos o campus pela avenida principal, pois a outra rua que costumamos usar estava em obras. Quando passamos reto no cruzamento Roberta chamou minha atenção e disse que deveríamos ter descido. Comentei com ela que faríamos outro caminho, pois a rua estava em obras. Ao chegarmos ao campus da USP fizemos, a pedido das crianças, a descida da chegada em velocidade, na rotatória viramos à direita e fizemos uma parada para agrupar. Peguei o celular de Roberta para fazer fotos conforme combinado (24C).

Durante essa parada algumas crianças aproveitaram para beber água. Diego que havia me visto guardar mexericas na bolsa de guidão de minha bicicleta comentou com as crianças que eu estava com mexericas e as crianças perguntaram se era verdade o que ele falava. Eu respondi que sim. Elas então pediram as mexericas. Da Lua e eu Dissemos que faríamos o lanche em uma sombra, pois ali estava sol e só tínhamos parado para agrupar. As crianças concordaram e continuamos andando (B2).

Enquanto nós pedalávamos eu ia fazendo fotos das crianças com o celular de Roberta e elas faziam poses para fotos. Roberta chamou a atenção de Diego para o brinquedo do parque de diversões que estva instalado ao lado do clube. Comentou com ele sobre a distância que estávamos do clube e mostrou para ele onde estava o brinquedo do parque, as demais crianças se interessaram e então quiseram parar para ver. Antes de sairmos, Sardinha avistou a composteira na qual já havíamos parado em outro passeio. Ele então sugeriu que fizéssemos o lanche lá, assim os/as outros/as participantes poderiam conhecer o local e também que poderíamos jogar na composteira as cascas das frutas para que virassem adubo. Na composteira Roberta tirou fotos e educador Da Lua comentou com o grupo sobre como ela funcionava. Entregamos uma mexerica para cada participante, que ao descascar a fruta jogavam na composteira as cascas. Quando terminaram de comer, Duarte, que havia ido ao passeio pela manhã, lembrou-se das balas e perguntou para mim sobre as balas de leite que eu havia distribuído pela manhã, as crianças ouviram e se alvoroçaram com a notícia. Distribuí então uma bala para cada. Depois de desembulhar a bala Roberta perguntou se poderia jogar o papel na composteira. Da Lua disse que não e explicou a ela que na composteira só podem ser jogados resíduos orgânicos, que apodrecem. Roberta então guardou em sua bolsa o seu papel e também os demais colegas para depois jogar no lixo (26C).

Em um momento do passeio Roberta me disse que chegou a sua casa bastante cansada, que tomou banho e foi dormir, disse que seu pai chamou-a para jantar e que ela não quis levantar. Disse que por isso seu pai ficou receoso em deixá-la vir novamente, mas ela insistiu

que queria vir no passeio novamente, pois havia gostado muito. Ela comentou que não estava sentindo tanto cansaço quanto da outra vez (27C).

Seguimos com o passeio e as crianças quiseram parar na sombra em outra rotatória. Tomamos água e Guerreiro e Sardinha quiseram apostar corrida fazendo voltas na rotatória. Como não havia movimentação de veículo próxima deixamos que brincassem um pouco por ali. Roberta fez um vídeo das crianças brincando e depois se juntou a elas. As outras crianças também entraram na brincadeira (28C). Depois disso as crianças e adolescentes pararam para beber água novamente. A água de Sardinha havia acabado e ele pediu um pouco aos colegas, que forneceram para ele, cada um uma pequena quantidade. Comentamos com Sardinha que ele deveria ir bebendo a água aos poucos, pois, caso contrário, todas às vezes ele ficaria sem água logo no início do passeio (29B).

Em um dos momentos em que andávamos pela USP, próximos a uma estrada que beirava um canal que havia por perto, Sardinha disse que queria comprar uma moto de trilha para andar correndo na estrada de terra (30dC).

Dirigimo-nos à saída do campus para retornarmos ao clube, no caminho Roberta quis parar para tirar fotos de uma estufa de plantas e também de uma ponte. Em ambas as paradas as crianças se juntaram a ela na observação do lugar. Ao subirmos a rua de saída do campus Sardinha deu sinal de cansaço e desceu para empurrar a bicicleta quando estava quase no final. Paramos e esperamos alguns minutos. Notamos que desta vez Sardinha demorou mais para demonstrar sinais de cansaço do que das outras vezes, Da Lua e eu comentamos isso com ele. Seguimos rumo ao clube e, quando passávamos pela na rua logo em frente o portão da USP, presenciamos uma discussão entre dois homens, aparentemente moradores do bairro, um ameaçava o outro dizendo que iriam bater. Algumas pessoas tentavam acalmá-los, porém um deles entrou em uma casa ameaçado o outro e dizendo que iria cortá-lo com um facão. Um homem e uma mulher entraram correndo atrás dele, aparentemente, para tentar impedi-lo. Eu e Da Lua pedimos para que as crianças pedalassem depressa. As crianças observaram a situação com certa curiosidade, porém sem muita preocupação com o fato (31C).

Durante nosso retorno ao clube, Guerreiro, Sardinha e Duarte conversavam muito entre eles sobre Jeeps, caminhonetes e carros 4x4, comentando sobre fazer trilhas e andar em velocidade na lama. Guerreiro disse que seu avô possuía uma caminhonete 4x4. E ao passar por caminhonetes na rua um comentava com o outro (32dC).

Chegamos ao clube exatamente às cinco horas da tarde. Os educadores já haviam servido o lanche e as crianças que moram no bairro já haviam ido embora. Assim que chegamos Sardinha, Diego e outras crianças e adolescentes foram perguntar ao educador Max sobre o lanche. Max pegou a cesta de bananas e deu duas para cada participante, porém, observando que havia sobrado algumas bananas, as crianças e adolescentes quiseram pegar mais, assim Max organizou a divisão das bananas entre as pessoas que estavam interessadas (33B) e elas foram embora.

Diário de Campo XXII

Período da Manhã

Educadores/as: Joana, Sandro, Flávio, Merlau e Da Lua.

Educandos/as: Júlio César, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina, Rodrigo, Fiorella, Raquel, Rone, Neymar, Kika, Renata, Peppa.

Cheguei ao clube Joana já estava lá. Organizamos as cadeiras em círculo para recepcionarmos as crianças. Merlau passou por lá e disse que chegaria atrasado, pois sua esposa não estava sentindo-se bem e ele a iria levar ao posto de saúde. Ele me perguntou se

estava certo que Flávio viria no ônibus e eu disse a ele que eu não estava presente na reunião de planejamento e não sabia de tal informação. Ele disse que havia avisado Flávio de seu atraso e saiu. Logo chegou ônibus com as crianças, porém Flávio não as acompanhava. As crianças terminaram de assinar a lista de presença, eu pedi a Peppa que escrevesse seu nome completo e ela me disse que não sabia, mas que se eu soletrasse ela conseguiria. Assim soletrei as letras e ela escreveu o nome completo. Após isso, reuni as crianças para dar início às atividades. Como, na semana anterior, não havíamos selecionado uma atividade inicial para esta semana, devido o retorno do passeio ciclístico ter ocorrido no horário de saída, pedi às crianças sugestões de atividades para realizarmos naquele dia. Como na semana anterior, também foi difícil chegarmos a um consenso. Depois de cinquenta minutos de conversa e negociações entre o grupo e, principalmente, com Rodrigo que estava irredutível em seu interesse em brincar de Puxa o Rabo do Macaco, chegamos ao consenso que definiu o jogo chamado Pesca, sugerido e explicado por David Luiz. Segui com Joana, Sandro e as crianças para um espaço gramado para realizar o jogo, pois a quadra que, inicialmente, havia sido sugerido como espaço pelas crianças estava sendo utilizada para o treino de futebol. Levamos cordas para demarcar as linhas do campo de jogo e optamos por organizá-lo em um espaço ensolarado, pois a manhã estava um pouco fria. O jogo consistia em dois times em que os participantes disputavam uma bola posicionada no centro do campo, porém os participantes disputavam a bola em duplas, sendo um representante de cada grupo, e estes eram chamados de acordo com um número comum aos dois, o objetivo é pegar a bola e levar para seu campo sem que o adversário, que ficou sem a bola, consiga pegar. Fizemos diversas rodadas do jogo e as crianças pareceram gostar bastante. A educadora Joana participou do jogo e Flávio chegou quando estávamos no meio da atividade. Encerrado o jogo disse que quem quisesse fosse beber água e que em seguida Sandro iria fazer o *Fútbol Callejero*. Após beber água as crianças se reuniram novamente e Sandro chamou aquelas que queriam jogar futebol. Desceram todas. Com exceção de Frynkin, Maria Joaquina, Fiorella, Raquel e Peppa que optaram por fazer jogos de tabuleiro. Frynkin e Maria Joaquina quiseram jogar xadrez e as outras três meninas optaram pelo Jogo da Vida. Frynkin ensinava Maria Joaquina a jogar xadrez, pois ela não sabia direito, ele explicou como ocorria a movimentação das peças e eu também ensinei a eles algumas coisas sobre o jogo, quando notava dificuldade por parte deles. Raquel organizou o Jogo da Vida com as crianças menores, ela lia as informações das casas para as aquelas que ainda não sabiam ler e controlava a ordem do jogo, eu as auxiliava quando surgiam dúvidas. Merlau chegou quando esta atividade estava se encerrando.

Os/as participantes que estavam no futebol subiram correndo e, sem que ninguém pedisse, organizaram uma fila para pegar o capacete. Eu pedi a Flávio que distribuísse os capacetes enquanto eu destrancava as bicicletas. David Luiz disse que tinha um capacete que era dele e eu expliquei a Flávio que ele referia-se ao capacete vermelho e azul, pois esse estava ajustado para seu tamanho e era o que melhor se encaixava em David Luiz. Flávio então iniciou a distribuição dos capacetes. Quando eu estava retirando as bicicletas Neymar disse que não usava mais as bicicletas infantis, como quando ele estava aprendendo a andar no clube, e que iria usar a BMX vermelha, eu sugeri que ele usasse a azul, pois os freios estavam melhores e ele aceitou. Quando retirei a bicicleta do suporte e a coloquei no solo para que Neymar pegasse ele disse: “Ah! Primeiro tenho que pegar o capacete!”, pois ele havia esquecido. Eu disse a ele que poderia pegar a bicicleta e encostá-la na parede para então ir pegar seu capacete (1A).

Assim Neymar ficou com a BMX Vermelha, já Kika disse que na semana anterior havia andado na bicicleta azul e eu perguntei a ela se ela queria andar na azul ou se preferia utilizar outra bicicleta. Ela optou por utilizar a azul novamente.

C.O. Foi curiosa essa situação, normalmente as crianças tem se interessado prioritariamente pelas bicicletas brancas que são mais novas e chamam mais a atenção.

Maria Joaquina, David Luiz e Rodrigo pegaram as bicicletas brancas mais novas de tamanho 17. Maria Joaquina pegou uma dessas para treinar a fim de utilizá-la futuramente nos passeios externos. Renata optou pela Canadian 19 com *bar end*. Frynkin optou por uma Canadian tamanho 19 com bagageiro. Peppa utilizou a infantil verde. Júlio César utilizou uma branca Soul tamanho 19. Eu utilizei uma Canadian 19 que havia ficado disponível (2B) Raquel e Fiorella optaram por continuaram com a partida de Jogo da Vida que estavam jogando.

Flávio falou para as crianças sobre o cuidado com a mudança de marchas e pediu para elas que evitassem utilizar a corrente cruzada. Disse também que não deveriam ir ao campo. Ele perguntou se eu gostaria de falar alguma coisa. Eu disse que estaria andando com eles e falaria com algumas crianças sobre coisas importantes para treinarem para quando estivéssemos pedalando nos passeios externos (3A). Quando estávamos saindo para pedalar pelo clube chegou Da Lua com uma bicicleta vermelha que havia acabado de receber como doação. Os/as participantes perguntaram sobre a bicicleta e Da Lua disse que aquela bicicleta, assim como as outras bicicletas coloridas que tínhamos, havia sido doada ao projeto. Dissemos que com ela chegamos a um total de dezesseis bicicletas arrecadadas de diferentes pessoas ou entidades. Da Lua comentou que nós recebemos essas doações por que nós fazemos campanha na cidade, inclusive, na revista Kappa quando o grupo de cicloturismo do PEDAL foi entrevistado em uma matéria. Peppa disse que se lembrava da reportagem que havíamos mostrado em outra ocasião (4B).

As crianças saíram pedalando pelo clube e eu segui pedalando com eles. Flávio também acompanhou, observando principalmente Peppa que fazia pouco tempo que estava pedalando sem auxílio. Eu saí com a bicicleta e acompanhei Maria Joaquina, perguntei a ela se estava muito difícil utilizar aquela bicicleta. Ela me disse que estava um pouco ruim para descer quando parava a bicicleta. Eu pedi para que ela parasse para eu ver, então ela parou a bicicleta e ao descer deixou a bicicleta tombar, porém ela ficou de pé. Como não alcançava o pé no chão por conta do tubo superior do quadro, ela inclinava lateralmente a bicicleta e assim, quando descia, terminava por não conseguir segurar a bicicleta de pé. Eu disse a ela que, mesmo a bicicleta sendo um pouco maior do que o que seria adequado para ela, seria possível ela andar sem ter problemas e citei como exemplo David Luiz que possuía estatura semelhante. Pedi para que ela saísse andando com a bicicleta novamente e notei que ela conseguia partir com facilidade, bem como manter-se pedalando sem problemas. Pedi para que parasse novamente e a situação anterior se repetiu. Eu disse a ela que para ela descer sem ter problemas deveria parar a bicicleta com um dos pedais ligeiramente voltado para cima e depois descer pelo lado oposto. Deveria seguir a sequência: frear a bicicleta, aguardar ela parar completamente, manter os freios acionados e só depois descer da bicicleta, pois assim o pedal que fica voltado para cima serve de apoio para descer de modo que é possível apoiar o outro pé no chão sem tocar o cano do quadro e sem ter que inclinar demasiadamente a bicicleta. Demonstrei duas vezes a técnica comentada e depois perguntei se ela gostaria de tentar. Ela disse que sim e partiu com a bicicleta para fazer o teste. Ao parar ela não derrubou a bicicleta e nem se chocou contra o quadro, embora tenha aparentado insegurança e nervosismo. Eu elogiei a parada e disse que havia sido muito boa, que bastava ela treinar mais um pouco. Ela seguiu pedalando e eu me aproximei de David Luiz e Júlio César, perguntei a eles se eles estavam conseguindo mudar as marchas corretamente durante nossos passeios externos. Ambos responderam que já sabiam mudar as marchas e que não estava tendo dificuldade com isso. Aproximou-se de nós Rodrigo que, no último passeio, demonstrou dificuldade de equilíbrio e também na mudança das marchas. Eu o chamei e disse que eu explicaria a ele como funcionavam as marchas. Comentei que existiam marchas mais “leves” que ajudavam nos momentos de subia e outras mais “pesadas” que eram boas para usar nos locais planos ou descidas. Disse também que entre a mais leve e a mais pesada tinham

diversos níveis que devíamos utilizar para facilitar a pedalada e reduzir o esforço durante o passeio. Demonstrei como fazia a passagens de marchas nos mudadores e fiz algumas trocas para ele ver. Coloquei a bicicleta na marcha mais leve para que ele experimentasse e pedi para que ele desse uma volta. Ele fez uma pequena volta e retornou falando que daquele jeito era ruim pedalar. Disse a ele que em uma subida muita grande aquela marcha ajudava a subir sem que tivéssemos que fazer muita força nos pedais. Depois pedi para que ele saísse pedalando e fizesse duas mudanças de marcha no câmbio traseiro deixando a bicicleta mais pesada e depois uma mudança no câmbio dianteiro no mesmo sentido para que ele percebesse a diferença entre as mudanças. Ele fez as mudanças e depois disse que a bicicleta estava melhor para pedalar. Depois disso ele se juntou aos colegas que estavam andando pelo clube. Quando estava terminando a conversa com Rodrigo, aproximou-se Renata e mostrou-se curiosa com o funcionamento das marchas. Perguntei a ela se ela sabia usar as marchas da bicicleta ela disse que não. Quando estava iniciando a explicação sobre o funcionamento das marchas, Kika, sua amiga, se aproximou de nós e Renata a convidou para aprender sobre as marchas da bicicleta, dizendo: “Vem aqui, ele vai ensinar como faz para mudar as marchas da bicicleta!” Kika se aproximou e disse que não fazia ideia de como usava as marchas. Repeti a explicação e o processo de experimentação que havia feito anteriormente com Rodrigo. Elas ficaram animadas com as mudanças de marchas e as diferentes sensações desencadeadas com a diferença de intensidade ao pedalar. Eu disse a elas que fossem fazendo mudanças para percorrerem os trechos de inclinação e também os planos. Elas seguiram andando pelo clube. Notei que Renata fez algumas mudanças de marcha (5A).

O tempo estava terminando, então chamamos as crianças para guardar as bicicletas. Eu fui organizando as bicicletas enquanto Flávio organizou a roda final para definir a atividade inicial da semana seguinte. Os participantes propuseram e votaram a atividade de integração da próxima quinta-feira junto com os educadores, a saber: Titan, jogo proposto por Frynkin. Ao final da roda de conversa, enquanto Merlau entregava o lanche, eu entreguei as autorizações para o passeio a ser realizado na semana seguinte, receberam autorização: David Luiz, Frynkin, Rodrigo, Júlio César, Maria Joaquina, Kika e Renata. As duas últimas pareceram animadas. Também deixei duas autorizações para que as educadoras de terça entregassem para Lili e Rone que haviam faltado naquele dia (6C).

Quando fui entregar a autorização a Maria Joaquina, ela, com semblante fechado, disse que não queria ir ao passeio. Achei estranha tal postura, pois ela sempre aparentou gostar de participar dos passeios. Questionei-a sobre o motivo e ela me disse que não queria ir porque achou que o educador Da Lua iria ficar bravo devido a ela preferir usar a bicicleta BMX, menor que as outras e sem marcha. Eu disse a ela que ele não ficaria bravo e que ela poderia ficar tranquila quanto a isso. Expliquei que Da Lua tem insistido com ela para usar as bicicletas brancas e maiores, por estas terem marchas, o que facilita nos deslocamentos com maiores distâncias, o que fica difícil e, em alguma medida, impossibilitado com o uso das bicicletas BMX sem marchas. Disse que ela poderia ficar tranquila e utilizar a BMX até que se sentisse segura em sair com a bicicleta branca, mas comentei que seria importante ela treinar algumas vezes utilizando a bicicleta branca quando estivesse andando no clube. Ela então entendeu, deu um sorriso, e pegou a folha com a autorização para levar para a mãe assinar (7B).

Durante a roda final de conversa, Joana disse ao Da Lua que precisava de algumas informações para realizar o relatório dela referente à ACIEPE de Economia Solidária da NuMI-EcoSol, já que ela, enquanto trabalho de inserção em campo exigido pela ACIEPE, optou por realizar junto a ação ocorrida no VADL. Da Lua então se dirigiu a sala da biblioteca do projeto VADL-MQF e pegou o notebook do projeto e esclareceu alguns pontos para ela oralmente, tais como, que esta ação é denominada no projeto da NuMI-EcoSol de Etnomotricidade, devido ao trabalho que é desenvolvido com jogos de diferentes culturas

(sobretudo africanos e indígenas), bem como o estudo de viabilidade de empreendimento solidário envolvendo bicicletas (mecânica, cicloentregadores, cicloturismo local). Depois passou alguns arquivos de texto digital do pen drive dele para HD-externo dela, tais como: dissertações de mestrado defendidas no PPGE/UFSCar referentes ao VADL; o projeto PROEXT/2016 sobre viabilidade de empreendimento solidário envolvendo bicicletas; artigo sobre Etnomotricidade de autoria dele e colaboradores/as publicado no periódico Estudos Pedagógicos (Valdivia-Chile); capítulo de livro sobre Etnomotricidade publicado em livro organizado por Daniel Carreira Filho e Walter Correia. Ela agradeceu e em seguida despediu-se.

Na sequência Da Lua também conversou com Treinador Machado (Técnico de Futebol das equipes infanto-juvenis da ADESM), este o procurou comentando ter necessidade de apoio para escrever: 1) projeto social relacionado a Futebol Sócio-Educativo; 2) projeto social relacionado a Futebol Competitivo, visando esporte de rendimento; 3) projeto de pesquisa relacionado a Futebol para o Curso de Pós-Graduação (Lato Sensu – Especialização) em Fisiologia do Exercício da Universidade Federal de Minas Gerais. Da Lua disse poder ajudá-lo no projeto social relacionado a Futebol Sócio-Educativo e, se o projeto de pesquisa puder ser nessa perspectiva também poderia orientá-lo, mas que não tinha competência para auxiliá-lo ou orientá-lo em relação a esporte de rendimento/ fisiologia do exercício, pois não tem se dedicado a tais estudos. Treinador Machado então pediu que Da Lua o ajudasse no que diz respeito ao Futebol Sócio-Educativo, tanto no projeto social como no projeto de pesquisa e que quanto ao esporte de rendimento verificaria outra pessoa. Da Lua concordou e lhe indicou a leitura de dois livros, a saber: José Angelo Gaiarsa – Futebol 2001; João Batista Freire – Pedagogia do Futebol. Ele anotou e disse que ia procurar na internet e Biblioteca Comunitária da UFSCar. Agradeceu e despediu-se, comprometendo-se a realizar as leituras, fazer fichamento dos livros e trazer esboço dos projetos.

Conversei com educador Da Lua sobre a participação de Rodolfo, Messi e Cristiano Ronaldo, que naquele dia não estavam no projeto, pois frequentavam o treino de futebol. Os garotos haviam protagonizado situações de desrespeito na terça-feira. Rodolfo e Messi, brincando de pega-rasteira com as crianças menores, derrubaram algumas delas que reclamaram deles para as educadoras. Cristiano Ronaldo ofendeu uma garota negra, depreciando o cabelo dela, quando a educadora Hilana tirava fotos dela para a carteirinha. Ficamos de conversar com os garotos sobre os ocorridos e de deixar as autorizações com as educadoras de terça-feira para que elas entregassem a eles mediante a manutenção de bom comportamento. Como eles não estavam, decidimos deixá-los sem autorização até que pudéssemos conversar com eles pessoalmente (8dB).

Após essa conversa Da Lua chamou Sandro (bolsista da Ação Educativa que atua com *Fútbol Callejero* no projeto VADL-MQF) e comentou com ele que havia lido a parte do diário de campo escrita por ele da semana passada e que precisava ser mais detalhado, pois havia anotado descrições de modo muito genérico, por exemplo: “crianças choraram quando estavam jogando *Fútbol Callejero*, no segundo tempo, porque outras não estavam lhe passando a bola, conforme combinado no primeiro tempo”. Ou seja, quais crianças choraram e quais crianças não passaram a bola? Os detalhes são de suma importância nas descrições dos diários de campo. Sandro entendeu e disse que irá descrever de modo mais detalhado. Sandro comentou depois que estava muito contente e um pouco ansioso para a viagem à Argentina no próximo sábado, com apoio da Ação Educativa e TDH para participar do campeonato sul-americano de *Fútbol Callejero* em Buenos Aires, capital da Argentina. Da Lua falou que ele é merecedor dessa conquista e que em breve estará realizando curso de Educação Física na UFSCar, desde que tenha também atenção e estudo e se preparando para a prova do ENEM. Ele disse que queria sim e que estava se esforçando. Ambos se despediram e saímos todos para o horário de almoço.

Período da Tarde

Educadores: Max, Eiri, Leandro, Sandro, Da Lua.

Educandos/as: Doug, Empadinha, Pudim, Tais, Bob Esponja, Laila, Mirna, Luciane, Fagner, Pirulito, Pica-Pau, Roberta, Super Mário, Diego, Dionísio, Caca, Ben10, Lupita, Duarte, MC'Gui, Guerreiro, Romário.

Neste dia começaram a participar no projeto algumas crianças provenientes do bairro que vieram a convite das colegas Empadinha, Doug e Pudim. Logo na chegada do ônibus Max disse a Da Lua que Duarte havia batido em seu irmão Ben10 no ônibus, durante o trajeto. Eiri reuniu todos e iniciou a roda de conversa com o grupo, enquanto Da Lua chamou Duarte para conversar sobre o ocorrido. Da Lua disse a Duarte que ele não poderia desrespeitar os colegas e muito menos seu irmão. Duarte disse que seu irmão era muito folgado e que ficava provocando. Da Lua disse que realmente o Ben10 não era fácil, porém lembrou a Duarte que seu irmão era bem mais novo. Da Lua disse que, caso ele o provocasse, poderia falar com algum dos educadores para conversar com Ben10, porém não poderia mais bater nele. Comentou também que agindo com desrespeito ele quebrava o combinado de uma das regras para ir ao passeio de bicicleta. Da Lua pegou uma folha de papel e uma caneta, disse a Duarte que ele faria um termo de compromisso. Duarte perguntou o que era aquilo e Da Lua disse que era um papel em que ele escreveria o ocorrido e se comprometeria a não fazer novamente aquilo. Duarte disse que não sabia ler nem escrever e Da Lua disse que iria ajudar. Da Lua perguntou se ele conhecia as letras e ele disse que sim, então Da Lua foi ditando as palavras letra a letra e ajudando Duarte a colocá-las no papel mostrando os locais onde as letras deveriam ser separadas por espaço. Depois Da Lua notou que ele também só conseguia escrever o primeiro nome, assim Da Lua o auxiliou a escrever o restante e pediu para que ele o escrevesse diversas vezes orientando para que ele melhorasse um pouco as letras e o garoto foi fazendo. Depois Da Lua perguntou algumas palavras que o garoto gostava e foi o ajudando a escrevê-las no papel. Por fim o garoto estava menos nervoso e pareceu gostar de ficar com Da Lua fazendo aquelas atividades (9dB).

Enquanto isso, eu aproveitei para fazer os reparos necessários na bicicleta que havíamos recebido como doação. Enchi os pneus para verificar se estavam furados e por sorte ambos estavam bons, apenas apresentavam algumas pequenas trincas devido ao ressecamento por falta de uso. Alinhei a roda dianteira que estava ligeiramente torta e também regulei o freio dianteiro. Regulei o câmbio dianteiro que não estava fazendo as passagens de marcha adequadamente. Fiz a limpeza da transmissão que estava com poeira acumulada e óleo muito antigo. Fiz uma lavagem simples para retirar a poeira da bicicleta e, após secar, fiz a lubrificação da transmissão. Duarte, de longe, ficou olhando interessado enquanto conversava com Da Lua. Outras crianças observaram da roda de conversa, principalmente Diego que posteriormente me perguntou sobre a bicicleta, se eu havia montado aquela também. Eu disse a ele que havíamos recebido de doação e que apenas havia feito algumas regulagens e ajustes pequenos. O garoto seguiu para atividade com os demais e disse que depois iria andar com ela (10A).

As crianças foram jogar Pique Bandeira com Eiri, Leandro e Max. Eu fiz algumas voltas com a bicicleta que acabara de consertar para verificar seu funcionamento, na primeira volta eu me esqueci de colocar o capacete, quando notei fiquei preocupado com que as crianças me vissem sem ele e retornei rapidamente até a biblioteca para pegar um. Fiz mais umas regulagens no câmbio dianteiro e testei-a novamente, como estava funcionando bem eu guardei a bicicleta junto às outras (11A).

Quando as crianças terminaram o jogo Eiri me perguntou se faríamos a atividade de bicicleta e eu perguntei se ele não iria começar pelo futebol. Ele disse que, pelo número de

participantes, talvez fosse interessante fazer as das atividades em revezamento. Comentei que poderia ser assim, porém lembrei que em outra ocasião foi difícil organizar a atividade desse modo. Assim, reunimos as crianças para fazer uma tentativa. Ao perguntar sobre os interesses das crianças verificamos que muitas queriam apenas fazer *Fútbol Callejero* durante todo o período, outras queriam andar de bicicleta, mas não queriam jogar *Fútbol Callejero*, um terceiro grupo queria jogar futebol e também andar de bicicleta. Diante disso combinamos que todos que queriam jogar futebol acompanhariam Eiri e que ficariam comigo aqueles que queriam exclusivamente andar de bicicleta ou fazer outra atividade. Eiri combinou que depois de um tempo as crianças que estavam no futebol e que queriam andar de bicicleta se juntariam a nós na atividade. Neste dia participaram das atividades com bicicleta apenas 8 das 20 crianças presentes: Pica-Pau, Roberta, Lupita, Diego, Duarte, MC'Gui, Guerreiro, Romário. Sendo que no primeiro grupo ficaram comigo Pica-Pau, Roberta, Lupita e Diego (12A).

Diego e Roberta perguntaram se na semana seguinte teria passeio, eu respondi positivamente e ambos ficaram aparentemente animados com a notícia (13C). Fomos todos pegar os capacetes e bicicletas para sairmos pelo clube pedalando (14A). Diego quis utilizar a bicicleta vermelha que eu e as crianças havíamos montado em outra semana (15B).

No fundo do clube eu comentei com Pica-Pau, Roberta e Diego sobre a mudança de marchas e propus o exercício de fazerem umas voltas passando por uma inclinação de grama ao lado do campo. A proposta era que eles descessem utilizando uma marcha pesada, no final passassem para uma mais leve para retornar na subida e depois na parte plana mudassem a marcha novamente para alguma mais pesada. As crianças fizeram algumas voltas, notei que Pica-Pau fez várias mudanças de marchas conforme sugerido, porém Roberta e Diego fizeram poucas mudanças, pareciam que estavam mais empolgados com a descida, e divertindo-se com isso, não dando muita atenção às marchas. Enquanto fazíamos isso Lupita pedalava perto de nós, porém fazendo voltas na parte mais plana. Depois disso, demos mais umas voltas no clube e Roberta convidou Diego e Pica-Pau a brincar fazendo zig-zag nas árvores do clube e eles se divertiram um pouco com isso. Falei diversas vezes com Pica-Pau sobre o uso das marchas com a corrente cruzada, pois em vários momentos eu o vi utilizando dessa forma. Roberta começou uma brincadeira de tentar atravessar pedalando a caixa de areia. E logo em sua primeira tentativa ela conseguiu atravessar a quadra de areia, em seu sentido transversal, e isso se tornou o próximo desafio para Diego e Pica-Pau que não conseguiram na primeira tentativa. Depois que todos conseguiram superar essa travessia o desafio passou a ser atravessar no sentido longitudinal, porém a dificuldade se apresentou um tanto maior e foram diversas tentativas e paradas para descansar e beber água. Aproveitei esse momento para falar sobre os usos das marchas novamente, dizendo que na areia não podemos usar uma marcha muito pesada, pois não conseguimos pedalar. Depois de mais algumas tentativas com marchas mais leves Roberta e Diego conseguiram atravessar, porém Pica-Pau insistia em usar marchas pesadas. Eu atravessei o campo de areia e depois mostrei a ele a marcha que eu havia usado. Eu disse e ele para usar uma marcha média e vir com velocidade para a areia e quando a bicicleta começasse a perder força ele deveria mudar uma ou duas marchas, quando sentisse que o pedal estivesse ficando mais duros. Ele fez mais uma tentativa em que faltaram poucos metros para conseguir, porém na tentativa seguinte ele teve sucesso, ficou bastante animado e comemorou (16A).

Ficaram andando por mais um tempo e logo chegaram as crianças que estavam jogando *Fútbol Callejero* eram eles: Duarte, Guerreiro, MC'Gui e Romário. Eles chegaram e já foram pegar capacetes e bicicletas com Da Lua (17A). Os irmãos MC'Gui e Romário queriam a mesma bicicleta, porém como MC'Gui já havia sido quem tinha chegado primeiro, já estava com a BMX azul que lhe foi entregue pelo educador Da Lua, Romário ficou chateado. Da Lua ofereceu duas outras bicicletas de tamanhos semelhantes, mas o garoto não quis. Da Lua conversou com MC'Gui para verificar se ele aceitava trocar de bicicleta e ele

não quis. Diante do impasse Romário acabou aceitando a bicicleta aro vinte de cor verde e saiu andando com ela. Logo notei que ele estava com dificuldades para andar naquela bicicleta, inclusive trombou com seu outro irmão Guerreiro, pois não conseguiu acionar os manetes de freio. Sugeri que pegasse uma bicicleta infantil, o menino insistiu que queria usar a que estava com o irmão e eu disse a ele que ele não estava conseguindo andar naquela bicicleta que era menor, seria muito perigoso ele andar na BMX que era de tamanho ainda maior. Insisti para que ele usasse uma das infantis e por fim o garoto aceitou. Ele se deslocou com muito mais desenvoltura com essa bicicleta menor, embora ainda fosse um pouco menor que o adequado à sua altura (18B).

Diego, Roberta, Pica-Pau e Lupita que já estavam na atividade continuaram andando o restante do período, porém fizeram algumas paradas para descansar, já Pica-Pau se juntou as demais crianças que apostavam corrida na descida de calçamento que dava acesso à portaria (19A).

Diego disse que sua bicicleta estava com o pedal solto eu pedi para que ele parasse e notei que o movimento central do pedivela havia se soltado um pouco deixando o conjunto do pedivela com folga. Pedi para que ele deixasse a bicicleta comigo e ele logo foi pegar outra bicicleta. Como teríamos passeio na semana seguinte e não sabia se precisaríamos daquela bicicleta, optei por repará-la enquanto as crianças andavam pelo clube. Rapidamente peguei as ferramentas e desmontei e remontei o sistema lubrificando-o. Durante esse serviço as crianças passavam por mim e eventualmente paravam alguns instantes para ver o que eu estava fazendo, porém ninguém quis ajudar, estavam interessados em andar de bicicleta (20A). Em um desses momentos Pica-Pau se aproximou e perguntou se poderia ir ao próximo passeio e Da Lua que estava por perto disse que se ele estivesse respeitando as pessoas poderia ir. Eu disse considerando a participação dele naquele dia certamente ele poderia ir (21B).

As crianças ficaram andando de bicicleta até o momento em que o grupo que estava jogando *Fútbol callejero* retornaram, momento em que eu encerrei a atividade, chamando as crianças para guardar as bicicletas e começarmos a roda de conversa final.

Eu fui guardando as bicicletas enquanto Eiri conduzia a conversa da roda final com as crianças e Eiri. Da Lua foi preenchendo as autorizações para o passeio ciclístico da semana seguinte e perguntou às crianças que estavam indo pela primeira vez ao projeto, se elas tinham interesse em ir ao passeio de bicicleta e elas disseram que não, pois preferiam ficar jogando *Fútbol Callejero* (22dC).

Da Lua fez a entrega das autorizações para as crianças que iriam ao passeio na semana seguinte: Guerreiro, Diego, Roberta, Pica-Pau, Duarte e Super Mário. Ao final Super Mário perguntou se ela poderia trazer suas próprias luvas e sua caramanhola. Dissemos que sim e que, inclusive, ela poderia utilizar sua própria bicicleta se quisesse. Ela disse que ainda não tinha comprado o capacete e Da Lua disse que ela poderia usar algum do projeto, Da Lua comentou também que ela poderia tanto usar as bicicletas e equipamentos do projeto quanto os dela, e que ela poderia fazer o que preferisse (23C).

Diário de Campo XXIII

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Merlau, Joana, Sandro e Da Lua.

Educandos/as: Rodrigo, Ronaldinho, Gabi, Fiorella, Raquel, Maria Joaquina, Ibrahimovic, Rone, Evandro, Edmundo, Júlio César, David Luiz, Frynkin.

Participantes no passeio: Júlio César, Rodrigo, David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina.

Cheguei ao clube no mesmo momento em que chegava o ônibus com as crianças. Entramos todos. Merlau e Flávio organizaram a roda de conversa inicial com as crianças. Flávio me entregou as autorizações para o passeio que as crianças haviam lhe entregado no ônibus, durante o trajeto. Abayomi, na reunião de planejamento ocorrida no dia anterior, havia comentado comigo que entregou uma autorização para que Júlio César levasse para Rone que havia faltado por duas semanas, desde o dia em que Rodolfo o derrubou com uma rasteira. Abayomi disse que na mesma ocasião Júlio César havia comentado com ela que era por esse motivo que ele não estava mais indo ao projeto. Porém mediante a possibilidade de ir ao passeio, Rone retornou ao projeto e também trouxe sua autorização assinada para participar (1dB). Abayomi também entregou autorização para Lili, porém comentou que a menina não estava interessada em ir ao passeio ciclístico. Abayomi comentou também que Cristiano Ronaldo e Rodolfo não estavam no projeto na terça-feira e por isso não receberam autorização (2dC). Merlau, Flávio, Joana e as crianças foram para a quadra fazer a atividade integração, o jogo Titan, sugerido por Frynkin.

Enquanto eles faziam o jogo, eu e Da Lua aproveitamos para destrancar as bicicletas e tirá-las da gaiola. Como as crianças ainda estavam na quadra Da Lua e eu aproveitamos o tempo restante para organizar um pouco o espaço da sala dos educadores, retiramos umas sacolas de tênis doados e separamos por tamanho, os menores nós deixamos espalhados no centro da roda de cadeiras para que as crianças escolhessem, quando retornassem da atividade, os que serviam para elas ou parentes, já os tênis com numeração maior colocamos em uma sacola que Merlau posteriormente levou para o treinador de futebol distribuir entre os adolescentes que treinam com ele. As crianças retornaram e ao chegarem já foram escolhendo calçados, pegando alguns para elas e algumas como Peppa, Kika e Renata, levaram alguns calçados pequenos para seus irmãos menores. Peppa pegou alguns que não tinha certeza do número e disse que se não servisse ela daria para outra pessoa, pois, segundo ela: “Lá na favela tem bastante gente que precisa!”. Da Lua aproveitou para anotar os tamanhos que os participantes usavam para concentrarmos os pedidos nesses números. Da Lua pegou a lista de presença e foi perguntando uma a uma, o tamanho de calçados utilizados pelas crianças. Algumas crianças não sabiam qual numeração usavam e também não sabiam verificar isso no calçado. Joana auxiliou Peppa e Maria Joaquina ajudou Rone e Fiorella a ver os números nos respectivos calçados (3B).

Enquanto eles terminavam de escolher os tênis eu comecei a distribuição dos equipamentos, capacetes, coletes, luvas e caramanholas (4C). As crianças foram pegando as bicicletas, Maria Joaquina foi com a BMX azul conforme havíamos combinado na semana anterior. David Luiz, Rodrigo e Rone usaram as Soul tamanho 17, Júlio César usou uma Soul tamanho 19, Frynkin usou a vermelha que havíamos montado há três semanas, Renata e Kika utilizaram as Canadians tamanho 19, Da Lua a Soul 21 e Joana uma Canadian tamanho 17. Maria Joaquina pediu para que eu levantasse um pouco o banco, pois estava muito baixo para ela. Então peguei a chave e elevei-o um pouco (5B).

As crianças saíram pelo clube para andar com as bicicletas, porém Rone notou que o pneu traseiro da sua bicicleta estava furado. Como as outras bicicletas eram grandes para ele eu troquei o pneu da bicicleta que estava com ele com uma das que ficaram sem uso. Assim que fizemos a troca seguimos para a portaria do clube para fazer as orientações ao grupo, pois três pessoas estavam saindo pela primeira vez para um passeio. Educador Da Lua encaminhou a orientação, ele combinou com o grupo que ele faria algumas perguntas para que as pessoas que já haviam ido a outros passeios respondessem, assim Rone, Kika e Renata conheceriam as regras e combinados para circular na rua. Da Lua perguntou sobre a mão de circulação e os/as participantes responderam corretamente. Depois perguntou em que lugar deveria circular as pessoas em bicicleta, o grupo respondeu que seria pela rua. Perguntamos se era para andar no meio da rua, na calçada ou no cantinho da guia, os/as participantes responderam que

deveríamos andar a um metro da guia, mais ou menos, a um braço de distância dela. Comentei com os/as iniciantes sobre a importância disso para segurança, risco de desequilíbrio caso ocorra uma fechada de automóvel, bem como areia e bueiros abertos. Sobre a sinalização nas conversões, Rodrigo se confundiu com os lados, esquerdo e direito, e disse que não sabia direito. Da Lua disse que é necessário fazer o sinal para o lado que se pretende virar independente de ser esquerdo ou direito. Da Lua comentou que o lado esquerdo é o lado do peito em que o coração bate mais forte e ele poderia por a mão no peito para lembrar. Maria Joaquina disse que nós iríamos em comboio, Da Lua complementou dizendo que eu iria à frente, Joana ficaria no meio e ele ficaria por último acompanhando o grupo. Antes de sairmos fizemos uma foto na portaria do clube. No caminho, logo que saímos, um ônibus passou por nós e, como havia muitos carros estacionados, optamos por encostar e pararmos nos vãos entre os carros, um grupo comigo, um grupo junto a Joana e outro junto a Da Lua, para aguardar o ônibus passar e seguirmos com segurança.

Na entrada do bosque, ao cruzar a calçada, Rodrigo, Rone, Maria Joaquina, Renata e Kika desceram das bicicletas para cruzar a calçada. Eu parei e pedi para as outras crianças aguardarem os colegas. Quando todos se agruparam eu disse que sempre que não estivéssemos seguros para passar por um obstáculo era melhor descer e empurrar como eles haviam feitos e que não teria problema fazer isso, pois sempre esperaríamos quando fosse preciso.

Quando nos aproximamos na rua de terra que dá acesso à USP notamos que ainda estava em obra e tivemos que empurrar um trecho para passar por um banco de areia que estava sendo usado para o assentamento dos bloquetes na via. Próximo ao ponto pelo qual conseguimos acesso ao trecho já calçado da rua havia um vergalhão de aço encravado no solo que estava sendo usado para esticar uma linha de nível. Como o terreno estava irregular e as crianças teriam que passar muito próximas, eu posicionei-me frente a ele para evitar que alguma criança se machucasse por acidente.

Após adentrarmos a portaria da USP fizemos uma parada em um recuo em terra próximo à rotatória de entrada, lá fizemos um breve repouso bebemos água. Antes de seguirmos disse às crianças que eu desceria a frente e iria mais rápido, pois David Luiz estava querendo descer em velocidade, porém comentei que outras pessoas poderiam nos acompanhar caso se sentissem seguras. Disse também que aqueles que quisessem ir mais devagar também poderiam seguir tranquilos, pois Da Lua e Joana seguiriam junto com eles e os acompanhariam.

Durante a pedalada dentro da USP, Rodrigo me perguntou diversas vezes, nos momentos de pequenas paradas, se a corrente de sua bicicleta estava cruzada. Em alguns momentos eu disse que estava usando corretamente e, quando estava cruzada, eu mostrava e explicava onde estava o equívoco e o ajudava a fazer a mudança pedalando fora da bicicleta e com ela parada para que pudesse observar. Ele me pareceu interessado em compreender o uso das marchas.

Seguimos por terra até o asfalto que dá acesso à portaria que fica próxima ao restaurante universitário. Quando chegamos à portaria entramos em outra trilha de terra e seguimos por ela beirando a cerca até uma passagem na qual paramos e comentamos com as crianças que ali era a saída para a estrada de terra, caminho para a cidade de Ibaté. Dissemos que começaríamos, a partir do próximo passeio, seguir aos poucos esse caminho para ver se conseguimos chegar lá com o tempo. Comentamos com as crianças sobre a necessidade de treinar bastante também dentro do clube, praticando também as mudanças de marcha para melhorar o condicionamento e também para nos cansarmos menos durante os passeios.

Seguimos no sentido da portaria de saída da USP por um trecho ainda em terra, passamos próximos a um conjunto de pinheiros e os/as participantes comentaram sobre as pinhas caídas pelo chão (6C).

Fizemos uma parada para o lanche. Kika e Renata levaram bolachas doces recheadas e salgadinho que compartilharam com os/as demais participantes. Educador Da Lua disse a elas para terem atenção com os salgadinhos, pois esse tipo de produto possuía muito sal, glutamato monossódico e que a população brasileira sofre muito com pressão alta. Renata disse a ele: “Poxa! Então eu estou perdida, pois eu como muita tranqueira”. Ela perguntou se o açúcar também era um problema e Da Lua disse que o consumo em excesso, além de contribuir para a obesidade ainda pode causar diabetes, segundo ele, outro problema de saúde muito comum na população brasileira. Kika comentou que em sua família ela era a única pessoa que não tinha pressão alta. Eu comentei que estes problemas tendem a aparecer com o passar da idade (9B).

Seguimos em direção à portaria de saída para irmos embora, pois já estávamos em cima da hora. Quando nos aproximávamos da descida David Luiz e Frynkin pediram para que eu descesse em velocidade. Eu disse a eles que assim que passássemos a rotatória poderíamos acelerar. Passamos a rotatória e aceleramos as bicicletas pedalando bastante para aproveitar o embalo na subida. As outras crianças vieram mais atrás com Joana e Da Lua. Chegamos ao final da subida David Luiz, Frynkin e eu e lá esperamos o restante do grupo. Na subida Maria Joaquina, ao pedalar em pé, se desequilibrou, bateu o pneu da frente na guia e caiu. Felizmente não foi nada grave, pois estava bem devagar com a bicicleta. Renata, Kika subiram empurrando, pois começaram a subida com marchas inadequadas (10C).

Seguimos para o clube e chegamos lá exatamente às onze horas, o ônibus já estava aguardando as crianças. Merlau e Flávio serviram rapidamente o lanche, maçãs e barras de cereal e elas foram embora.

Da Lua comentou que Renata estava usando as marchas com a corrente cruzada, observou em um momento ela usando a coroa dianteira maior com a catraca menor e, em outro momento, utilizou a marcha de modo inverso. Da Lua disse que nas duas ocasiões orientou a menina sobre o modo adequado de mudar as marchas (11C).

Educador Da Lua também comentou que Rone pareceu bem contente durante o passeio, pois ele estava bastante sorridente e se enturmou com os meninos durante o lanche, de modo diferente do que se observa no projeto (12B).

Rodolfo apareceu quando terminávamos de guardar as coisas na biblioteca, ele ficou sabendo sobre a doação dos tênis e foi lá ver se havia algum que servia para ele. Ele pegou tênis de couro de trilha que serviu para ele (13B). Perguntei por que ele não estava indo ao projeto e comentei sobre o passeio do dia. Ele disse que estava participando dos treinos de futebol, pois queria ir para a copinha de futebol que seria realizada na cidade de Tambaú. Ele disse que só poderia ir quem estivesse participando dos treinos. Perguntei se ele iria e ele disse que ainda não sabia, pois teria que pagar 200 reais relativos ao transporte, hospedagem e alimentação. Comentei com ele que no próximo passeio começaríamos seguir sentido cidade de Ibaté. Ele comentou que iria ver se participava e foi embora (14dC).

Período da Tarde

Educadores: Max, Leandro, Da Lua.

Educandos/as: Lupita, Empadinha, MC’Gui, Romário, Elias, Fagner, Guerreiro, Dionísio, Pudim, Doug, Dandara, Pirulito, Hércules, Luciane, Mirna, Rodolfo. Roberta, Diego, Sardinha, Super Mário, Pica-Pau.

Participantes no passeio: Roberta, Diego, Sardinha, Super Mário, Pica-Pau.

Logo na chegada do ônibus Dionísio ficou na rua e ia saindo com uma garota do bairro que também vinha ao projeto. Sardinha, Pica-Pau e Roberta perceberam e avisaram aos educadores Max e Da Lua. Max disse que ia chamá-los e saiu na rua, conversou com ambos e

pediu para retornarem. Max veio um pouco mais a frente, pois estava preocupado porque havia perdido sua carteira e precisava realizar um telefonema. Nisso os dois adolescentes não entraram no clube, passaram direto pela frente do clube no sentido inverso, viraram a esquina perto da escola e ali ficaram. Leandro e Da Lua perceberam que ambos não entraram e saíram olhando para um lado e outro da rua ao que um dos funcionários do clube que eles haviam descido e virado a esquina. Leandro e Da Lua foram até lá pediram que ambos retornassem imediatamente ao clube, pois era o local que seus responsáveis haviam autorizado a participação. Ambos retornaram e se juntaram às demais crianças.

Guerreiro me disse que havia perdido a autorização e eu disse a ele que quem não estivesse com a autorização assinada, infelizmente, não poderia ir ao passeio e notei que o garoto ficou bastante triste por não poder ir (15C).

Da Lua e eu decidimos sair logo no começo, por isso, enquanto Leandro organizava a roda inicial com as crianças, nós chamamos as pessoas que iriam participar do passeio e começamos a organizar as coisas para sair. Eu distribuí as luvas, e pedi para cada criança pegar um colete verde fluorescente, um capacete e uma caramanhola. Super Mário disse que estava com sua bicicleta e que tinha sua própria caramanhola e luva, só faltava para ela o capacete e o colete. Ela disse que já havia pedido para a mãe dela comprar o capacete e que ela estava vendo (16C).

Enquanto pegávamos os equipamentos, Sardinha me disse que havia trabalhado no sábado da semana anterior e também iria trabalhar no seguinte. Perguntei em que ele estava trabalhando e ele me disse que estava auxiliando um pedreiro que mora perto de sua casa a assentar piso em uma obra. Comentou que ele é quem fazia a massa e também quem carregava os pisos (17C).

Fomos pegar água eu, Roberta, Diego, Sardinha e Pica-Pau. Roberta observando ao longe a caixa de água da USP comentou com as outras crianças: “Olha lá aonde nós vamos!”. Ela explicou para as outras crianças que ali era a USP e que de lá também dava para ver o Clube do Sindicato (18C).

Com todos equipados, Da Lua e eu reunimos as crianças para sair na portaria do clube. Da Lua pediu ajuda das demais crianças para passar as orientações do passeio. Sardinha disse que eles já sabiam disso e que poderiam sair. Da Lua disse que a Super Mário iria pela primeira vez conosco e, embora ela já ande sozinha de bicicleta pela rua, deveríamos explicar para ela as regras e os combinados de nosso grupo para andar na rua. Sardinha então falou sobre a necessidade de sinalizar as conversões. Da Lua perguntou sobre o sentido de circulação, sobre o local por onde andaríamos e sobre como nos organizaríamos. As crianças foram respondendo adequadamente as perguntas de Da Lua. Saímos em direção do posto de combustíveis para calibrar os pneus. No caminho um senhor parou com seu carro para nós passarmos, mesmo estando ele na rua preferencial. Agradei a ele e sinalizei que estávamos com um grande grupo e lhe disse que ele poderia continuar, ele então sorriu e seguiu seu caminho. Logo depois, quando estávamos chegando ao posto, uma senhora virou sem sinalizar e entrou na rua, a qual nós estávamos atravessando para acessar o posto. A mulher, mesmo notando a presença das bicicletas, continuou seu caminho obrigando Roberta a interromper a travessia da rua quando estava no meio, para que o carro passasse. Quando chegamos ao posto, comentei com os/as participantes que na rua deveríamos sempre ter muito cuidado, pois encontramos com motoristas de todos os tipos, os gentis, como o senhor que havia parado o carro para nós passarmos e outros nem tanto, como a mulher que, conforme comentou Roberta indignada, agiu como se fosse dona da rua e não respeitava as leis de trânsito. Já no posto Da Lua pediu autorização ao frentista para calibrar os pneus. Sardinha começou a mexer no calibrador e elevar a pressão. Perguntei se ele sabia a pressão que o pneu da bicicleta de Super Mário suportava e ele disse que não. Comentei com as crianças que esta informação vem escrita no pneu e li o de Super Mário que informava pressão máxima de

35Lbs, o de Diego que era de 45lbs e a minha que era de 65lbs, para dar vários exemplos. Assim Sardinha calibrou a de Super Mário e de Diego (que estava com pneu com rachaduras devido a falta de uso, pois era uma bicicleta que recebemos de doação) com 32Lbs e as demais com 40lbs. Sardinha teve um pouco de dificuldades com o calibrador, pois o bico não estava vedando direito, eu o auxiliei na primeira e ele fez as demais (19C).

Da Lua disse que Roberta perguntou sobre meu celular quando eu fui tirar foto e depois pediu para ver o do Da Lua. Da Lua comentou que o dele era bem simples e quando mostrou Roberta fez uma expressão de aparente decepção. Comentei com ele que quando estava com meu celular antigo ela havia pedido para ver e, desanimada, disse: “nossa que simplesinho, não tem nada!”. Disse que talvez fosse por isso ela estivesse achando que meu celular novo era dele.

Saímos do posto em direção à USP, Sardinha disse para ir mais rápido e eu disse que deveríamos manter o grupo unido, pois ali a rua era mais movimentada. Na entrada do bosque Sardinha pediu para irmos rápido para ele pular os troncos, assim fui mais rápido nesse trecho, inclusive desviei para passar por um pequeno morro para pular, ele e os/as demais participantes me acompanharam. Na saída do terreno Sardinha quis passar sobre um grande monte de terra e eu fui até a rua verificar a presença de carro. Como não vinha carro sinalizei para que ele pudesse ir. Nesse os/as outros/as participantes não quiseram se arriscar (20C).

Na entrada da USP passou um ciclista amigo meu e de Da Lua e nos cumprimentou e disse: “Ah! então são vocês que estão pedalando aqui, eu já vi vocês passarem!”. Ele se despediu de nós e seguiu para não se atrasar para aula (21A).

Na descida, logo após a entrada principal, Sardinha pediu para que eu fosse mais rápido e as outras crianças gostam da ideia, eu então atendi aos pedidos e descii bem rápido e o grupo todo me acompanhou (22C). Ao final da descida paramos para agrupar, as crianças logo pediram para fazermos o lanche, principalmente Sardinha que comentou diversas vezes que estava com fome durante o trajeto. Combinamos que logo parariamos em uma sombra e faríamos o lanche (23B).

Passamos por uma pequena trilha de terra e neste trecho Roberta comentou que não estava tão cansada como no primeiro passeio, mas disse que quando chega a sua casa está acabada, que toma um banho e vai dormir (24C).

No trecho de asfalto que dava acesso a guarita próxima ao restaurante universitário, local mais alto da USP, Roberta chamou a atenção de Sardinha e Diego sobre a visão do clube. Lembrou-os da visão que tinham tido da USP quando pegavam água próximo do vestiário do clube. Seguimos por outro trecho de terra e quando passamos perto da composteira as crianças sugeriram de fazermos o lanche ali, então paramos para lanchar. Da Lua perguntou se todos sabiam o que era aquele lugar e Roberta respondeu que era a compostagem. Da Lua perguntou o que acontecia ali e Sardinha e Roberta explicaram que era um local onde colocava o lixo orgânico para virar esterco. Da Lua perguntou a Super Mário se ela sabia o que era aquilo e ela disse que já havia feito uma pequena composteira. Sardinha comentou que desta vez havia mais montes de detritos na estação de compostagem (25C). Durante o lanche distribuimos as bolachas para as crianças. Super Mário não quis bolacha, as demais crianças quiseram dois pacotes de bolacha cada uma, Sardinha e Pica-Pau comeram os dois naquele momento, Roberta e Diego guardaram para comer em uma próxima parada (26B).

Saímos da composteira e pegamos uma trilha de terra que beirava a cerca e seguimos até chegarmos a uma passagem que nos permitiu atravessá-la. Durante o caminho Roberta comentou comigo que seu pai havia vendido uns materiais recicláveis, o que lhe havia rendido algum dinheiro e, por isso, sua mãe queria que ela faltasse no projeto naquele dia para que pudesse acompanhá-la ao centro da cidade para comprar calças *legging*, pois ela estava precisando. No entanto, Roberta disse para sua mãe que não queria faltar ao projeto, pois teria

passeio de bicicleta e pediu para que escolhesse outro dia para ir ao centro comprar as roupas (27C).

Chegando a passagem da cerca eu disse às crianças que aquele era o caminho que nos levava até a cidade de Ibaté e que nós iríamos começar a percorrer aos poucos nos passeios. Passamos a cerca e seguimos um pouco pelo caminho. Logo as crianças comentaram sobre o trilho do trem que passava bem ao lado da estrada, em um local rebaixado, em nível bem abaixo. Roberta parou para mostrar para Diego uma pomba que ela chamou de rolinha e depois disse ser uma morgot. Sardinha comentou que matava rolinhas, limpava-as e depois fritava para comer. Seguimos mais um pouco em direção a Ibaté, fomos até um ponto mais alto no horizonte próximo. Lá as crianças conseguiram observar o restante da estrada ao longe e se impressionaram com a distância. Daquele ponto iniciamos o retorno ao clube e as crianças quiseram parar para ver um trem que se aproximava passar. Elas ficaram um pouco desapontadas, pois passou apenas uma locomotiva sem vagões. Nesse momento Da Lua parou para tirar uma foto das crianças, porem se desequilibrou e caiu quando tirava a foto. As crianças deram risada da situação. Quando retornávamos Sardinha pediu insistentemente para pegar cana. Conversamos com ele e Da Lua combinou que no próximo passeio ele levaria um canivete para que nós todos pudéssemos comer cana. Sardinha disse que queria levar cana para casa, Da Lua argumentou que teria muitas outras crianças no projeto que iriam querer cana para levar, e isso geraria um problema, pois não teríamos para todos. Sardinha disse que traria seu canivete para o próximo passeio, mas Da Lua orientou enfaticamente para que ele não trouxesse tal objeto, argumentando que ele estaria com o dele e seria suficiente (28C).

Quando estávamos no caminho de saída Roberta quis parar na rotatória que na semana anterior nós havíamos feito o lanche, queriam comer o restante das bolachas, assim que paramos, Diego, Sardinha e Pica-Pau pediram o restante das bolachas que estavam guardadas comigo (29B). Depois do lanche Sardinha, Diego e Roberta fizeram algumas voltas na rotatória brincando. Sardinha pediu para Da Lua tirar uma foto com ele empinando e foram várias tentativas até sair uma boa pose. Pica-Pau pediu para Da Lua tirasse uma foto dele andando de bicicleta (30C).

Nesse dia Sardinha estava com uma camiseta branca cheia de pequenas folhas verdes de maconhas estampadas. O garoto disse que trocou sua bicicleta rebaixada por duas bermudas de marca e que agora seu pai iria comprar uma BMX para ele. Sardinha, no momento de uma das fotos solicitada pelos/as participantes, fez pose com sua mão fazendo gestos de revólver e educador Da Lua disse que não faria fotos com sinais de armas e disse também que revólver representa a morte. Então Sardinha disse que faria o gesto de paz e amor (31dC).

Durante o passeio perguntei a Roberta sobre as fotos que nós havíamos tirado com o celular dela na semana anterior. Roberta disse que havia mostrado as fotos para sua mãe e que ela havia achado o lugar muito bonito e que tinha gostado muito das fotos (32C).

Quando seguíamos no sentido da portaria da USP, Sardinha cantava um Funk com a seguinte letra: “[...] A história começou assim/Vi os vida louca contando dindim /Um rapper gringo embaçar no plim plim/ Vou escrever uma história pra mim assim/Vou visitar esse shopping, adquirir umas peças da Oakley / Lança um carro nome Amarok, um tênis Nike de modelo Shox / Adquirir Calvin Klein, a Tommy, a Lacoste e as nota que vai /E antes que o bronze sai, o ouro e a prata e a benção do pai /Anota aí, e pode escrever os humilhados sempre vão vencer / E se você paga pra ver, estou aqui ao vivo pra te dizer / Paparazzi ta de olho em nós / Boa fase, pré, ao vivo e pós [...]”. Perguntei a ele quem cantava a música e ele disse que era a música “Os moleque é Liso” do MC Rodolfinho (33dC).

Quando estávamos subindo a rua de saída da USP Sardinha desceu para empurrar a bicicleta quando estava quase no final. Paramos para aguardá-lo e logo seguimos (34C). Na saída do campus, uma moça com um bebê no colo parou o educador Da Lua quando saímos

da USP e perguntou como funcionava o projeto e quem poderia participar, Da Lua explicou brevemente e a moça disse que tinha um filho de nove anos, ela se mostrou interessada e perguntou onde ocorria, educador Da Lua respondeu, ela mostrou-se positivamente surpresa pela proximidade e disse que achava uma beleza o projeto (35A).

Quando estávamos chegando ao terreno pelo qual cortávamos caminho por terra, Sardinha quis novamente passar pelo monte de terra que estava na calçada fazendo uma rampa, ele passou duas vezes, enquanto esperávamos as crianças se aproximarem. Eu também passei por lá para experimentar a sensação. As outras crianças não quiseram se arriscar. Quando estávamos nos aproximando da entrada da trilha do bosque, Roberta chamou nossa atenção dizendo algo como: “Olha que lindas aquelas flores amarelinhas!”. Olhei para o arbusto e notei muitas flores amarelas que lembravam o formato de Margaridas (36C).

No caminho para o clube, algumas pessoas sentadas na calçada próximas a uma residência curiosas comentaram sobre nós entre si, disseram uma para outra que o grupo passava naquela rua quase toda a semana (37A).

Chegamos ao clube e estava sendo realizada a roda de conversa final, as crianças se juntaram ao grupo. Doug e Pudim estavam passando batom e realizando várias *selfies* no momento da roda de conversa. Dionísio entregou seus óculos em minha mão e disse para eu sentir o peso dando a entender que era de marca e que era original (38dC). Depois de encerrada a roda de conversa final Diego, Pica-Pau e Sardinha queriam pegar mais frutas e pediram as bananas que haviam sobrado. Os educadores Max e Leandro organizaram essa divisão entre eles e também outras crianças e adolescentes que, percebendo a situação, se aproximaram interessadas (39B).

Depois da conversa final Dionísio quis sair do clube para falar com sua irmã, que segundo Sardinha estava fora do clube, pois a havia visto quando andava de bicicleta. Diante disso Da Lua o acompanhou, porém a moça não estava mais lá. Quando Da Lua retornava ao sindicato, um rapaz em bicicleta chamado foi perguntar para Da Lua como funcionava o projeto, como fazia para participar. Ele disse que fazia serviços de fotocópia e sempre que vinha entregar na escola em frente nos via passando de bicicleta. Da Lua contou rapidamente como funcionava o projeto e ele disse que já pedala há bastante tempo e perguntou se poderia ser voluntário, ajudar a ensinar às crianças. Da Lua disse que no projeto existe a intenção de implementação de um empreendimento solidário relacionado a bicicleta e o jovem se mostrou interessado e comentou ele e o pai possuem uma empresa de fotocópias e que entende um pouco do funcionamento. Ele perguntou ao Da Lua quantas pessoas ele estava imaginando para fazer a montagem da empresa. Da Lua disse que estavam pensando em algo como dez pessoas. O garoto comentou que já havia sido chamado para fazer cicloentrega para um comércio de açaí, porém disse que não assumiu porque sozinho não daria conta da demanda de entregas. Da Lua perguntou que horário que ele estudava e ele disse que estudava no período da manhã, comentou que pensa em prestar vestibular para cursar Educação Física. Por fim disse que veria com uns amigos se tinham interesse em participar. Ele disse ao Da Lua que tentaria vir já na próxima quinta-feira (40A).

Ao final do período Da Lua perguntou ao pai de Cristiano Ronaldo sobre a moto que o garoto havia dito que tinha ganhado de seu padrinho. Ele disse que não sabia de nada disso, pois Cristiano Ronaldo não havia ganhado nenhuma moto. Comentou que sabia apenas que um amigo de Cristiano Ronaldo possuía uma moto, mas que ele já o havia proibido de andar com ela. Ele entrou em casa para averiguar a história e disse que o seu filho mais velho, que havia ficado sabendo que Cristiano Ronaldo estava andando na moto do colega, já tinha contado para a sua esposa e que esta também já havia repreendido Cristiano Ronaldo, inclusive, proibindo-o de ir à casa do colega (42dC).

Diário de Campo XXIV

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Joana, Sandro e Silvio.

Educandos/as: Fiorella, Raquel, Rodrigo, Rone, Júlio César, Kika, Maria Joaquina, Renata, David Luiz, Neymar.

Participantes no passeio: Rodrigo, Rone, Júlio César, Kika, Renata, David Luiz.

As crianças chegaram e foram se sentando nas cadeiras previamente organizadas por Joana, conforme iam chegando, as crianças que iam ao passeio foram me entregando as autorizações assinadas pelos seus responsáveis. Maria Joaquina disse que estava sem sua autorização, pois seu primo pequeno rasgou a autorização que estava assinada por sua mãe. Eu disse a ela que sem a autorização ela não poderia ir com o grupo e ela demonstrou estar ciente disso desde o início da conversa. Antes de iniciarmos a roda de conversa as crianças falavam sobre a ausência de Frynkin no projeto, comentavam que ele havia ficado em casa de castigo, pois sua mãe tinha sido chamada na escola devido a terceira assinatura do garoto no livro preto de advertência. David Luiz disse que seu irmão assinou o livro três vezes, mas que não havia sido ele que tinha feito as coisas que acusavam (1dC). Silvio questionou perguntando por que a mãe o havia deixado de castigo, uma vez que não havia sido culpa do garoto. David Luiz disse que sua mãe estava desconfiada devido às três ocorrências. Silvio disse que no lugar dela também ficaria desconfiado.

Silvio deu início à conversa na roda inicial, perguntou para as crianças sobre o feriado. Comentou que ele havia se reunido com amigos no feriado e que havia sido legal. Quando questionado por Silvio sobre as atividades que realizou no feriado Júlio César disse que um dia foi soltar pipa e que o restante do feriado ficou em casa com seu irmão Rodrigo “vendo TV e engordando a barriguinha”. Disse isso dando leves tapas em sua barriga (2dC).

Finalizada a roda de conversa inicial chamei as crianças que iam ao passeio para organizar os equipamentos para a saída. Neymar, Raquel e Fiorella, que não iam ao passeio devido a pouca idade, ficaram no clube juntamente com Maria Joaquina, e realizaram outras atividades acompanhadas por Silvio.

Flávio, Joana e eu fomos distribuindo os capacetes, luvas, caramanholas, coletes e bicicletas. As crianças foram encher as caramanholas, vestiram seus equipamentos e fizeram algumas voltas com as bicicletas pelo clube para checar se estava tudo certo. Com todos prontos nos reunimos na portaria do clube e como todos já haviam participado de mais de um passeio, apenas lembrei rapidamente nossos combinados e as regras de circulação. Informamos que como Da Lua não estava presente naquele dia seria Flávio quem ficaria por último acompanhando o grupo. Durante o percurso sempre olhava para traz para observar as crianças e verificar se todos estavam próximos. Durante essas observações notei que Rodrigo estava se deslocando melhor, mantendo-se em linha reta e com melhor equilíbrio dos que havíamos observado em outras ocasiões de passeios externos (3C).

Seguimos em direção ao campus dois da USP pelo caminho de costume. Próximo a USP a rua que anteriormente era de terra estava inteiramente calçada com bloquetes de cimento, porém a água malcheirosa continuava a minar e escorrer pelo meio da via, as crianças comentaram o mau cheiro e desviaram da água suja. Adentramos ao campus e seguimos até o final de via principal de acesso, local em que, a pedido de David Luiz, fizemos uma breve parada sob a sombra de um conjunto de pinheiros para beber água. (4C)

Nesse mesmo local acessamos uma trilha de terra e seguimos por ela até chegarmos ao ponto da cerca que permitia nossa passagem e assim acessamos uma via de terra que dá acesso à cidade de Ibaté, sentido para o qual nos deslocamos. A passagem na cerca era estreita entre dois mourões, algumas crianças conseguiram passar com as bicicletas pedalando, já

outras como Rodrigo e Renata desceram e empurraram para fazer a passagem. Antes de prosseguirmos perguntei se todos estavam bem e se podíamos continuar andando. As crianças disseram que não estavam cansadas e que poderíamos continuar. Eu disse que iria perguntar isso várias vezes e que elas deveriam considerar que ainda tínhamos todo o trajeto de retorno do ponto em que decidíssemos retornar (5C).

Com as crianças animadas seguimos sentido Ibaté, eu disse às crianças que aquela estrada de terra era pouco movimentada e que poderíamos andar espalhados pela via, porém, caso aparecesse algum veículo, deveríamos todos nos dirigir para o lado direito da via, do mesmo modo que nos posicionávamos quando estávamos na rua. Com isso combinado as crianças pedalarão mais à vontade e passando pelos locais que achavam mais interessantes. Durante esse percurso Rone e outros dois garotos comentaram sobre os diversos gaviões que viram pelo caminho (6C).

Fiz várias paradas para perguntar ao grupo sobre a condição de cansaço e relembrando que ainda haveria todo o caminho de retorno, porém as crianças estavam animadas e queriam continuar.

Em um trecho de terreno irregular Renata, ao passar por uma pequena vala com a bicicleta, teve um deslizamento com a roda dianteira que a desequilibrou e fez com que caísse. A queda foi leve e a menina não se machucou. Assim que ela se levantou verificamos se estava tudo bem e eu a levei até o ponto do acidente e a orientei dizendo para evitar passar pelas valas em seu sentido longitudinal, pois suas paredes inclinadas fazem os pneus deslizarem, disse a ela que, caso tenha que passar por uma, ela deve optar em passar sempre no ponto mais fundo, evitando assim que o pneu escorregue. Perguntei se ela queria continuar ou se preferia retornar e ela disse que estava bem e que queria prosseguir. Seguimos pela estrada de terra, no caminho Rodrigo disse que não gostava da areia fofa por que o fazia cair, já Rone disse que achava legal. Rodrigo comentou que só acha legal quando ele brinca com ela ao passar de bicicleta. Mais a frente Rodrigo comentou que não gostava de andar nas pedras porque tremia muito a bicicleta, no mesmo trecho observei que David Luiz andava se divertindo ao fazer ruídos com a boca enquanto passava pelo trecho com pedras. Enquanto andávamos a margem da linha do trem uma locomotiva passou pelo grupo e o condutor buzinou para o grupo que fez sinal com os braços, as crianças ficaram bastante animadas com isso (7C).

Durante o passeio Flávio por diversas vezes auxiliou Renata e Kika orientando-as nos momentos de mudança das marchas, bem como Joana que as acompanhou em grande parte do passeio (8C).

Fizemos mais uma parada, eu perguntei para as crianças se elas estavam cansadas, elas disseram que estavam bem e que queriam seguir mais um pouco, eu disse a elas que ainda tínhamos que retornar todo o caminho até o clube. Elas insistiram em seguir mais um pouco e eu argumentei que poderíamos retornar e fazer um lanche na USP e, na semana seguinte, se todos estivessem se sentindo bem ao final do passeio e também no dia seguinte, nós poderíamos seguir um pouco mais adiante no caminho. Comentei que era possível que sentissem dores nas pernas no final do passeio e mesmo no dia seguinte. Diante de minha argumentação as crianças se convenceram e então iniciamos o caminho de retorno (9C).

Atravessamos a linha do trem para retornarmos pela outra estrada de terra que segue paralela ao outro lado do trilho. Durante a travessia Rodrigo colocou as mãos nos trilhos do trem e disse que ele estava vibrando, comentou que deveria estar vindo algum trem. Outras crianças disseram que não, pois não havia nenhum trem por perto, que pudesse ser visto ou ouvido. Nesse momento, notamos ao longe um treminhão transportando cana de açúcar vindo em nossa direção para atravessar os trilhos, apressamos as crianças para sairmos de lá, pois o caminhão estava levantando grande quantidade de poeira, assim nos afastamos rapidamente do local, seguindo já em retorno para a USP. O caminho de retorno possuía uma primeira

parte de subida leve, e as crianças rapidamente sentiram a diferença, diversas vezes pediram para pararmos nas sombras que haviam no caminho, tanto para beber água, quanto para descansar um pouco. (10C).

Nos trechos de subida durante nosso retorno, Kika e Renata ficaram visivelmente mais cansadas e tivemos que esperá-las em diversos momentos para seguirmos todos juntos. Nesse caminho as crianças comentaram sobre os gaviões que avistaram novamente. Eu disse a elas que no cerrado da UFSCar era um lugar em que sempre que andava de bicicleta eu via animais silvestres, comentei que eu já havia visto cascavel, jiboia, veado, lebre, saguis, macacos, tucanos e tamanduá bandeira. Rone disse que seu tio contou que havia encontrado um tatu bola em uma rua de terra uma vez. Renata e Kika disseram que gostavam de brincar com o inseto tatu bola quando eram pequenas. Chegamos a USP e paramos sob a sombra de alguns pinheiros para fazermos o lanche, eu colhi uma cana para comermos, influenciado pelos pedidos de Sardinha que frequentava o projeto no período da tarde, motivo que me fez levar neste dia o canivete que permitiu descascá-la. Durante o lanche as crianças e adolescentes compartilharam suco e sanduíches que levaram e os educadores dividiram as barrinhas e bolachas que possuíam entre as pessoas interessadas, pois nesse dia não havia nem barrinhas nem bolachas suficientes para distribuir um item para cada participante. Eu descasquei a cana e as pessoas vinham pegar os pedaços comigo, elas gostaram bastante da cana. A educadora Joana comentou que nunca havia comido cana, ouvi outras pessoas comentarem que também nunca haviam provado. O educador Flávio comentou que também nunca havia comido a cana, só havia tomado o caldo. Enquanto lanchávamos passou um trem e Rodrigo disse que havia sentido a vibração dele no trilho, e que o trem ainda estava longe naquele momento, mas ele disse que sabia que o trem estava perto. Joana chamou nossa atenção para um inseto joaninha, Rodrigo comentou que ela é um inseto carnívoro, diante do espanto das pessoas ao ouvir tal informação o garoto esclareceu que elas se alimentam de pulgões e por isso são consideradas carnívoras, ele disse que viu essas informações em um programa de TV. (11B).

Finalizado o lanche seguimos para o clube, no final da subida que existe antes da portaria do campus, David Luiz, Rodrigo, Rone, Joana e eu paramos para aguardar Kika, Renata e Júlio César que terminavam a subida empurrando a bicicleta na companhia de Flávio. Enquanto aguardávamos a chegada dos colegas, Rodrigo comentou que suas pernas estavam mais fortes e que não estava tão cansado. Quando questionado como tinha notado o aumento de força nas pernas ele respondeu que percebeu que seus chutes estavam mais fortes. Com todos reunidos aguardamos uns minutos de descanso e durante este tempo David Luiz e Kika comentaram que estavam sentindo um pouco de dor nas pernas, comentei que seguiríamos o restante do caminho devagar e se precisassem poderíamos parar para descansar. (12C).

Quando passávamos pelo bosque a caminho do clube, Júlio César e David Luiz comentaram que a erosão estava aumentando cada vez mais e disseram que logo tomaria a trilha pela qual passávamos com as bicicletas. Júlio César também comentou que os formigueiros estavam muito grandes e chamou a atenção dos colegas para que olhassem. (13C).

No momento em que chegamos ao clube, Kika e Renata empurraram as bicicletas mesmo na subida de pequena inclinação que dá acesso a entrada do clube (14C). Como já estava na hora de ir embora as crianças rapidamente pegaram o lanche com educador Silvio e se encaminharam para o ônibus. Neste dia saímos para o passeio às 9h e retornamos às 11.

Diário Tarde

Educadores/as: Max, Leandro, Sandro.

Educandos/as: Guerreiro, Romário, Ronaldo, MC'Gui, Flora, Dionísio, Bianca, Márcio, Hulk, Pudim, Doug, Empadinha, Luciane, Mirna, Alberto.
Participantes no passeio: Guerreiro, Hulk.

Leandro iniciou a roda de conversa inicial e organizou a atividade inicial de integração com as crianças. Finalizada a atividade eu chamei Guerreiro e Hulk, os únicos com autorização, para iniciarmos o passeio. Hulk disse que queria jogar futebol, que seria a próxima atividade e eu disse a ele que ele poderia ficar jogando futebol se quisesse, porém não poderia ir ao passeio e deveria escolher qual atividade gostaria de fazer naquele dia. Hulk então decidiu que iria ao passeio. (15C)

Assim, Hulk, Guerreiro e eu fomos organizar os equipamentos necessários. Pegamos os capacetes, luvas e coletes, enchemos as caramancholas e nos reunimos na portaria do clube para sair (16C).

Ronaldo, nos vendo preparar para sair, perguntou se poderia ir ao próximo passeio e eu disse que ele teria que estar frequente no projeto para poder ir aos passeios. Ele perguntou se eu entregaria autorização para o próximo passeio e eu disse a ele que entregaríamos autorizações na quinta-feira seguinte que, caso ele estivesse presente, receberia uma autorização também, pois teria a frequência suficiente para ir (17C). Após essa conversa com Ronaldo, me reuni com os garotos do passeio e disse a eles que neste dia estaríamos indo somente eu e eles e por isso não poderiam sair de perto de mim e deveriam seguir todos juntos, sinalizando as conversões e sem andar no meio do via. Disse que estaríamos com um educador a menos, pois Da Lua estava com gripe e não poderia nos acompanhar no passeio e que deveríamos ir com mais cuidado na rua. Disse que Hulk iria à frente, Guerreiro ficaria em segundo lugar e eu iria ao lado deles a esquerda do grupo, posicionado mais ao meio da rua. Disse a eles que deveriam parar sempre que eu solicitasse e que não saíssem do lado direito da via (18C). Após as orientações seguimos sentido a USP, na primeira esquina fizemos uma parada para aguardar a passagem dos carros e Hulk, ao parar, se desequilibrou e deixou a bicicleta cair entre suas pernas. Prosseguimos virando à esquerda e passamos em frente à loja da mãe de Hulk, ela brincou com o garoto falando que o havia visto caindo e ele deu risada.

Seguimos para a USP e Hulk sugeriu que cortássemos caminho cruzando por um terreno. Seguimos a sugestão de Hulk, cortamos o terreno e saímos na rua que dá acesso a entrada do bosque pelo qual também cortamos caminho. No terreno que existe logo após o bosque, eu notei um grande monte de terra compactado, conformando uma rampa, passei com a minha bicicleta e convidei os garotos a passar também e ambos se divertiram bastante passando pelo morro, tanto que repetiram a passagem algumas vezes (19C).

Seguimos sentido a USP, lá chegando os garotos quiseram descer a rua de entrada em velocidade, como não haviam carros circulando deixei que eles descessem a frente e os acompanhei. Notei que Hulk ziguezagueava bastante e disse para ele ir mais devagar e o garoto reduziu a velocidade e estabilizou a bicicleta, comentei com ele que quando a bicicleta começasse a descontrolar deveria diminuir a velocidade para não cair. Seguimos até a trilha que dá acesso a estrada de terra que vai até Ibaté, passamos a cerca pela estreita passagem e seguimos por um trecho sentido a Ibaté. Hulk se desequilibrou diversas vezes nos momentos de parar a bicicleta e caiu algumas vezes nesses momentos, porém sem gravidade, normalmente era mais a bicicleta que caía entre suas pernas. Possivelmente por ser ligeiramente maior do que o adequado para sua estatura (20C).

Quando estávamos na estrada de terra veio em nossa direção um caminhão pipa que seguia para a USP. Solicitei às crianças que saíssem da estrada, protegessem o rosto da poeira com os coletes e aguardasse o caminhão passar. Assim que o caminhão passou prosseguimos. Durante o caminho Hulk se divertia muito ao passar com a bicicleta na areia. Ele convidava a Guerreiro e a mim a andar pela parte da via em que havia bancos de areia. Segundo Hulk a

areia fazia a bicicleta virar. O garoto brincou com isso durante quase todo o trajeto. Eu disse aos garotos que deveríamos retornar para a USP, porém eles queriam seguir por mais um trecho e eu disse a eles que poderíamos avançar mais no próximo passeio caso não ficassem muito cansados ao final desse, eles então concordaram em retornar. Retornamos pelo mesmo caminho e, no momento em que retornávamos, passou um trem que seguia sentido a USP e os garotos apostaram corrida com o trem por um tempo, até que se cansaram e o trem os ultrapassou. Eles se divertiram bastante com a corrida e Hulk continuou a se divertir com a areia passando com a bicicleta na areia fofa (21C).

Ao chegarmos à USP fizemos um lanche à sombra, comemos bananas e barrinhas de cereal. Eu descasquei uma banana e joguei a casca no mato e disse a eles que poderiam jogar a casca ali também, pois era orgânico. Guerreiro jogou na grama da calçada e eu disse a ele que jogasse no mato, pois na grama da calçada a casca de banana deixaria o local feio, pois a casca de banana ficaria ali alguns dias até apodrecer, assim ele recolheu ele foi até um arbusto jogar a casca de sua banana. Hulk perguntou se poderia jogar lá o papel da barrinha de cereal e eu disse que não. Ele perguntou o motivo e eu disse que a embalagem era plástica e não era orgânica como a casca de banana que apodreceria em alguns dias e serviria de adubo para a vegetação. Pedi para que ele guardasse a embalagem na mochila que estava em minha bicicleta para depois jogarmos no lixo quando chegássemos ao clube (22B).

Terminamos o lanche, saímos em retorno ao clube e no caminho Guerreiro e Hulk brincavam de tentar andar sem as mãos, eles tiravam as mãos por alguns instantes do guidão e logo recolocavam. Guerreiro conseguia manter-se sem as mãos por mais tempo e Hulk me perguntou como fazia para conseguir. Eu disse a ele que era necessário ir treinando aos poucos e logo ele estaria conseguindo fazer isso. Guerreiro disse que caiu algumas vezes quando aprendia a andar sem as mãos e eu disse que era importante treinar em locais de pouco risco como onde estávamos, pois não seria prudente treinar andar sem as mãos em ruas com muito movimento de carros. Quando estávamos retornando Hulk e Guerreiro quiseram passar pelo monte de terra novamente, porém no sentido do retorno era necessário a subir o meio fio antes de subir o monte de terra. Guerreiro conseguiu, porém Hulk fez duas tentativas, mas não conseguiu. Um senhor que estava consertando sua moto na calçada ali perto sugeriu que fizéssemos uma rampa para subir a guia. Guerreiro trouxe um pedaço de madeira e eu coloquei um grande torrão de terra no meio fio e apoiei a tábua sobre a terra fazendo uma rampa para subir a guia. Os garotos gostaram de passar por lá e fizeram diversas passagens pela rampa (23C).

Quando passávamos pelo bosque Guerreiro chamou nossa atenção para os grandes formigueiros e Hulk também ficou impressionado ao se atentar para os formigueiros dos quais falava o colega. Retornamos pelo terreno que Hulk havia sugerido na ida. Quando estávamos quase chegando ao clube Hulk quis parar para olhar umas frutinhas que havia em uma árvore na calçada. Perguntei se ele conhecia a fruta e ele disse que não. Sugeri a eles que não comessem as frutas, pois não a conheciam. Eles pegaram e cheiraram as frutinhas, mas não comeram (24C).

Quando estávamos saindo um cachorro começou a latir para nós e correu atrás de Guerreiro que estava a frente e que saiu pedalando em velocidade com medo do cachorro. Eu disse para que parasse, pois havia uma moto vindo pela rua em sentido oposto. O motociclista desviou e o garoto encostou do outro lado da rua quando o cachorro parou de nos perseguir. Comentei com ele que não poderia sair pedalando sem olhar, pois poderia ser atropelado por um carro ou moto. Comentei também que a maioria dos cachorros apenas late e que aquele era apenas um filhote. Disse que de qualquer maneira é melhor uma mordida de cachorro do que ser atropelado por um veículo, por isso deveria prestar atenção a essas situações (25C).

Chegamos ao clube e os garotos ainda fizeram algumas voltas. Ronaldo, Flora e Bianca também quiseram andar de bicicleta, então pegaram bicicletas e saíram pelo clube com os dois garotos (26A).

Bianca disse que não sabia andar de bicicleta sem rodinhas e eu a auxiliei por alguns minutos, disse a ela que ela aprenderia a andar sem rodinhas. A garota estava com bastante medo, mas fez algumas tentativas com meu auxílio (27A). O tempo da atividade estava acabando e as crianças começaram a se reunir para a roda final que estava sendo organizada por Leandro, assim logo todos pararam de andar de bicicleta.

Diário de Campo XXV

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Joana, Kenobi, Sandro e Merlau.

Educandos/as: Fiorella, Raquel, Rodrigo, Rone, Júlio César, Kika, Maria Joaquina, Renata, David Luiz, Frynkin, Neymar, Moisés, Deise.

Durante a conversa na roda inicial, eu disse às crianças que gostaria de conversar com elas sobre a atividade com bicicletas, comentei nosso próximo encontro seria o último dia que eu participaria do projeto naquele ano. Relembrei que estava realizando uma pesquisa que tratava do uso da bicicleta no projeto e gostaria de conversar com eles sobre isso. As crianças perguntaram por que eu não iria mais e eu disse que ficaria por sete meses no Chile dando continuidade ao estudo com um professor de lá que trabalhava com o tema. As crianças concordaram em participar da conversa e eu disse antes da roda de conversa final nós nos reuniríamos para fazer a conversa. Durante essa conversa na roda inicial, Moisés disse que gostava de todas as atividades do projeto, mas o que ele mais gostava era de andar de bicicleta, pois, segundo ele: “é um esporte bastante cansativo que eu gosto muito” (1A).

Kenobi e Merlau deram continuidade aos combinados na roda inicial, organizando as atividades que seriam realizadas no dia, falaram também sobre a possibilidade de fazerem todos os dias a leitura de um trecho de algum livro. As crianças concordaram com a ideia e ficou combinado iniciar a atividade no encontro que ocorreria em 15 dias. Finalizada a conversa Merlau iniciou com as crianças a realização da entrevista com a educadora Joana para o jornalzinho do mês. As crianças foram fazendo perguntas para a educadora que foi respondendo uma a uma. Kenobi sugeriu que cada criança anotasse uma resposta.

Terminada a atividade do jornalzinho, demos início à atividade com bicicleta. Antes de começar a atividade disse para Maria Joaquina que havíamos conseguido a doação de uma bicicleta de aro 24 com marchas para ela usar. Ela ficou animada e disse que iria andar com ela (2B).

Enquanto destrancava as bicicletas perguntei a Renata que, na semana anterior, havia ido pela primeira vez ao passeio externo, se ela havia sentido dores ou desconforto por conta do esforço. Renata disse que sentiu dores nas pernas no dia seguinte ao passeio e inclusive pediu para sua mãe que a deixasse faltar na escola, e faltou, perguntei a ela se ela sabia se Kika havia sentido dor e ela disse que não, que ela foi para escola normalmente. Depois conversei com as demais crianças que haviam ido ao passeio para saber se mais alguém havia sentido dores e todas disseram que não sentiram nenhum desconforto (3C).

Enquanto eu distribuía as bicicletas para as crianças, Merlau e Joana ajudaram Maria Joaquina a calibrar os pneus da bicicleta que conseguimos para ela, pois devido à falta de uso estavam vazios. Maria Joaquina disse que o banco estava muito baixo e Merlau solicitou meu auxílio para aumentá-lo. Eu então terminei de distribuir as bicicletas, peguei a chave de boca e o elevei, segundo a solicitação da garota (4A).

Kenobi saiu com sua bicicleta e acompanhou as crianças durante a atividade. Enquanto isso eu fiquei com Maria Joaquina, auxiliando-a na utilização das marchas, pois os mudadores eram ligeiramente diferentes das demais bicicletas e também ela ainda não havia utilizado bicicletas com marchas. Inicialmente demonstrei a ela o funcionamento das marchas, mudando e mostrando para ela o funcionamento do câmbio e, depois, pedindo para que ela mudasse algumas marchas em movimento. Após algumas experiências sobre minha orientação, eu disse a ela que poderia andar pelo clube e sugeri para que ela mudasse de marcha algumas vezes para que ela se acostumasse com os câmbios e com as mudanças de marcha. Após alguns minutos ela retornou com a corrente fora da coroa, eu arrumei e disse a ela que aquilo poderia acontecer e que não precisava se preocupar com isso. Recoloquei a corrente e regulei o câmbio para que a corrente não saísse novamente e ela voltou a andar. Notei que ela fez diversas mudanças de marcha durante a atividade e pareceu bastante animada com a bicicleta (5A).

Kenobi, que acompanhou as demais crianças, comentou que Renata e Kika brincaram com ele de apostar corrida. Ele disse que estava andando e elas o desafiaram e começaram apostar corrida com ele. Kenobi também comentou que notou que Júlio César, David Luiz e Frynkin estavam, aparentemente, brincando de Pega-Pega em Bicicleta. Notei que em determinado momento da atividade Júlio César e Frynkin colocaram copos nos pneus e ficaram apostando corrida um com o outro, pedalando bem rápido e fazendo bastante barulho com os pneus (6A).

Kenobi disse que Moisés ficou com medo do cachorro que estava andando pelo clube, disse que o menino pediu a ele para acompanhá-lo, pois estava com medo do cachorro atacar. Kenobi disse que era apenas um filhote e que não os atacaria, estava apenas brincando e correndo ao lado das bicicletas. Kenobi comentou que durante a atividade notou que Moisés apresentava certa dificuldade em andar com a bicicleta BMX, principalmente, nos pontos de curva fechada. Notei que apesar disso o garoto tentou utilizar uma bicicleta de tamanho maior, e observando a dificuldade do garoto, devido do tamanho da bicicleta, sugeri que ele experimentasse a aro 24 que Maria Joaquina havia acabado de entregar. Ele aceitou a sugestão e saiu, porém também com alguma dificuldade. Kenobi o acompanhou durante o percurso para garantir sua segurança (7A).

Quase no final da atividade Rone perguntou para mim se continuaria tendo passeios externos ao clube depois que eu fosse viajar. Eu disse a ele que os outros educadores iriam dar continuidade ao projeto e também aos passeios em bicicleta(8C). Encerramos a atividade com bicicletas, e Kenobi foi guardando as bicicletas enquanto os demais educadores foram organizando o lanche e o espaço para roda de conversa final.

Antes de realizar a roda de conversa final, chamei as crianças para a conversa sobre a experiência de participar das atividades com bicicleta. Com todos sentados em círculos solicitei autorização para gravar a conversa e eles concordaram. Disse que gostaria de saber como foi para eles a experiência de participar das atividades com bicicleta no projeto, liguei o gravador e fiz a seguinte questão:

Clayton: Como foi para vocês participar das atividades com bicicleta aqui no projeto?

Rodrigo: Muito Legal.

Clayton: Quem quiser falar pode levantar a mão e aí vai um por vez, pode ser? Então vamos primeiro começar com o Rodrigo.

Rodrigo: Eu... Eu gostei do... de um dia que nós fez o quadrado da queimada...

Clayton: Mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Rodrigo: E a... aquela corrida, aquela corrida maluca(9A).

Clayton: Tem mais algo que você gostaria de falar sobre as coisas realizadas?

Rodrigo: não.

Rone: Gostei muito da bicicleta. Aprendi a andar na bicicleta grande e tô aprendendo muito mais. Foi legal.

David Luiz: aprendeu a usar as marchas

Rone: É aprendi(10A).

Clayton: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre?

Rone: Não.

Júlio César: Eu gosto de andar no passeio e aqui no clube.

Clayton: No clube e no passeio?

Júlio César: É.

Clayton: O que você gostou no passeio?

Júlio César: É que nós vai longe... (11C)

Clayton: E aqui no clube? Você disse que gostou de andar aqui no clube, o que você gostou de fazer?

Júlio César: Eu gostei de fazer jornalzinho e jogar brincadeiras.

Clayton: Legal. Alguém mais?

David Luiz: Eu também aprendi andar de bicicleta grande aqui (12A), também eu gosto muito do passeio. Da parte que eu gostei é que nós fomos cada dia mais longe(13C).

Clayton: Legal. Mais alguma coisa que você gostaria de falar?

David Luiz: Não.

Moisés: Eu gosto muito de andar de bicicleta aqui no clube, é muito legal e também é muito esportivo.

Clayton: Esportivo?

Moisés: É (14A).

Clayton: Mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Moisés: Não.

Neymar: Eu gostei muito de andar de bicicleta aqui no clube. Eu achei muito, muito legal e.... só isso que eu queria falar(15A).

Clayton: Só isso?

Neymar: É.

Clayton: Mais alguém?

Maria Joaquina: Hoje eu gostei de andar de bicicleta aqui no clube que eu também aprendi a usar as marchas e no passeio não vai ficar tão cansativo.

Clayton: Legal.

Maria Joaquina: É eu ainda tenho que aprender a andar na bicicleta grande (17C).

Clayton: Mais alguém gostaria de falar mais alguma coisa?

Rodrigo: Professor, como o Moisés disse é.... tipo um esporte, por isso, dá mais força para as pernas.

Clayton: É? Você percebeu isso aí?

Rodrigo: (Confirma com um sim feito com movimento de cabeça).

Clayton: Legal. Como que você percebeu essa diferença de força nas pernas?

Rodrigo: Porque eu di uma bicuda num muleque.

Clayton: Você deu uma bicuda em um menino?

Rodrigo: Sim.

Clayton: E aí você achou que seu chute estava mais forte?

Rodrigo: É e eu também chutei bola (18C).

Clayton: Interessante saber disso. Alguém gostaria de falar mais alguma coisa sobre as atividades?

Crianças: Não.

Clayton: Mais ninguém?

Júlio César: Você está chorando Kika?

Kika: (Gesticula um não com a cabeça).

Júlio César: Tá sim!

Clayton: Alguém gostaria de falar alguma coisa?

Crianças: Não.

Júlio César: Ela tá chorando.

Rodrigo: Ela tá chorando e rindo!

Clayton: Bom então é isso. Vou desligar aqui.

Ao final da conversa notei que, além de Katlen, também Renata, Frynkin, David Luiz e Maria Joaquina também estavam com os olhos avermelhados e cheios de lágrima. Senti que as crianças ficaram emocionadas, tanto que Frynkin que havia levantado a mão para falar durante a entrevista, porém quando chegou a sua vez desistiu e estava com os olhos marejados. Não sei exatamente o motivo dessa emoção, talvez por saberem de minha viagem para o exterior que me afastaria do projeto por sete meses e que ocorreria em duas semanas ou talvez a recordação das coisas que foram feitas possa ter desencadeado tais emoções. Ao final, diante da situação, também me senti bastante emocionado, pois considerarei que seja qual for o motivo, a convivência em torno da bicicleta foi algo bastante significativo para as crianças e adolescentes(19B).

Após todos se recomparam seguimos para a roda de conversa final e o lanche. A roda de conversa foi encaminhada por Kenobi, ao final foi servido o lanche e as crianças foram embora.

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Eiri, Leandro, Kenobi, Sandro, Da Lua.

Educandos/as: MC'Gui, Guerreiro, Pica-Pau, Beto, Ronaldo, Mirna, Cacá, Empadinha, Luciane, Bob Esponja, Pudim, Bianca, Doug, Hulk.

Neste dia, antes do início das atividades, Da Lua e eu havíamos conversado com Beto e sua Mãe que o trouxe pela primeira vez ao projeto. Beto disse que não sabia andar de bicicleta e sua mãe disse que ele não sabia andar e tinha medo. Disse que o negócio dele é jogar futebol. Sua mãe comentou que ele estava fazendo atendimento psicológico, pois estava sem controle do esfíncter e muitas vezes fazia cocô na cueca, decorrente disso ele fica sem jeito e caso percebamos algo nesse sentido, ela trouxe uma bolsa com uma muda de roupa, para ajudá-lo de modo discreto para que ele não fique envergonhado.

Eiri, encerrando a roda de conversa, sugeriu que fizéssemos um revezamento, assim parte do grupo jogaria futebol e outra parte andaria de bicicleta, depois trocaríamos os grupos de modo que todos pudessem participar das duas atividades, porém nem todos queriam participar de ambas as atividades e, alguns, não queriam participar de nenhuma das duas. Assim, durante a divisão, a maior parte gostaria de iniciar jogando futebol, assim os que ficaram de fora preferiram ficar batendo figurinhas ou conversando, dentre eles estavam Guerreiro, Hulk e Beto que ficaram na equipe que ficou de fora do primeiro jogo de futebol não quiseram andar de bicicleta, preferiram ficar batendo figurinhas enquanto aguardavam a vez de jogar, bem como, Bianca e Pudim que não quiseram participar do futebol.

Enquanto eu conversava com Bianca no parquinho ela me disse que não queria andar de bicicleta e que estava com medo, ela também me contou que havia falado para seu pai e sua mãe que treinou andar com bicicletas sem as rodinhas e eles disseram que era bom. No primeiro momento da atividade nenhuma das crianças que ficaram de fora do futebol andou de bicicleta (20A). No momento em que seria feita a troca dos grupos no futebol, iniciou-se uma forte chuva e todos se abrigaram próximo da biblioteca.

Ronaldo pediu insistentemente para andar de bicicleta, porém em decorrência da chuva não foi possível realizar a atividade neste dia. Diante da impossibilidade de andar de bicicleta MC'Gui reclamou dizendo que estava ficando pela segunda semana sem andar de bicicleta, pois na semana anterior em que ocorreu um passeio externo, e ele havia ficado no clube, não foi realizada a atividade com as crianças e adolescentes que ficaram no clube. Educador Eiri, diante da chuva e do piso molhado em grande parte do clube e da preocupação com o risco de quedas, sugeriu atividades com jogos de tabuleiros e instrumentos musicais aos/as participantes (21A).

Alguns jogaram Xadrez, outros Dama, Uno, Ronaldo ficou tocando violão com MC'Gui que tocava pandeiro. Doug também ficou tocando violão por um tempo além de jogar Dama. Cacá e Mirna e Leandro ficaram desenhando, logo depois Guerreiro e MC'Gui se juntaram ao grupo. Cacá desenhou um carro de corrida, Guerreiro desenhou o brasão do Corinthians e MC'Gui também desenhou um carro de corrida. Mirna desenhou uma edificação.

Da Lua e Empadinha ensinaram Hulk a jogar Xadrez. Inicialmente Hulk disse que sabia jogar, mas depois disse que não sabia, pois estava achando que era parecido com Dama. Empadinha jogou com Hulk e Da Lua o orientava durante as jogadas.

Um estudante de Educação Física da UFSCar veio cumprir cinco horas de estágio no projeto e participou da atividade de integração, jogou bafo com algumas crianças e conversou com Sandro sobre a experiência de Sandro com a prática de *Fútbol Callejero* em sua participação do Mundial e da Taça Sul-americana, mostrou-se curioso em relação aos três tempos do *Fútbol Callejero*, assim como Sandro aproveitou para perguntar para o estudante e para Max, que estava próximo, sobre o curso de Educação Física da UFSCar, pois ele iria prestar ENEM naquele ano.

Da Lua entregou a camiseta para Bianca e Ronaldo, ao presenciar isso, pediu insistentemente outra camiseta do projeto para Da Lua, ele disse que havia perdido a dele na mudança de casa. Da Lua respondeu que ele só receberia outra camiseta quando fosse entregue camisetas aos demais que ainda não haviam recebido.

Foi servido o lanche, neste dia, duas bananas para cada criança. Enquanto isso eu entreguei as autorizações referentes ao sétimo passeio externo de bicicleta para: Hulk, Pica-Pau, Ronaldo e Guerreiro. Também perguntei para Doug, Pudim, Mirna e Luciane se queriam participar do passeio de bicicleta na semana seguinte, todas disseram que não tinham interesse.

Diário de Campo XXVI

Período da Manhã

Educadores/as: Flávio, Joana, Kenobi, Sandro e Merlau.

Educandos/as: Júlio César, Kika, Maria Joaquina, Renata, David Luiz, Frynkin, Neymar, Adalberto, Tafarel, Vanessa, Lili.

Participantes no passeio: David Luiz, Frynkin, Maria Joaquina, Júlio César.

Flávio chegou com as crianças e organizou com Merlau a roda de conversa inicial. Educador Kenobi perguntou para Lili se ela iria ao passeio de bicicleta, ela disse que não tem gostado muito de andar de bicicleta, ela disse que não tem bicicleta em casa para andar. Kenobi disse que ela não deixou claro o motivo, mas ele disse que aparentemente ela não estav gostando de participar das atividades com bicicleta (1C).

Flávio me entregou as autorizações das crianças que iriam ao passeio de bicicleta, pois as crianças haviam entregado para ele no ônibus. Flávio disse que Kika havia perdido a

autorização, mas Abayomi, em reunião no dia anterior, havia me dito que Kika a tinha procurado na terça para pegar uma nova autorização, porém não tinha nenhuma autorização em branco no projeto para que ela pudesse entregar (2C). Durante a roda de conversa inicial Júlio César informou que seu irmão Rodrigo não havia ido ao projeto, pois estava com dor de cabeça, decorrente da queda que teve durante brincadeira do projeto ocorrida na terça-feira, disse que ele foi levado ao posto de saúde e ao hospital escola, comentou que estava tudo bem, mas que ele ainda estava com um galo na cabeça e sentindo dor. Renata disse que não iria ao passeio, pois no dia anterior um sofá caiu sobre seu tornozelo, que estava bastante inchado, o que a fez optar por ficar no clube.

Terminada a roda de conversa inicial Kenobi, Joana, Da Lua, eu e as crianças que iriam ao passeio começamos a separar os materiais e equipamentos, bicicletas, coletes, luvas, caramanholas e ferramentas. Com todos e todas prontos nos posicionamos em frente da portaria para sairmos, como as crianças já haviam participado de outros passeios, Da Lua apenas fez uma breve lembrança sobre as regras de circulação e combinados (3C).

Durante o trajeto de ida Maria Joaquina fez algumas mudanças de marcha sob a orientação de Da Lua que a acompanhava de perto. Notei durante esta parte do trajeto que ela ainda não conseguia fazer as mudanças autonomamente, pois por vezes a víamos pedalando com esforço e sem fazer a mudança da marcha, a menos que alguém a orientasse (4C).

Logo que passamos a portaria principal do campus dois da USP avistamos dois gaviões, as crianças ficaram curiosas e elas quiseram parar para observar, um dos gaviões estava com um pássaro morto em seu bico, aparentemente havia acabado de capturá-lo. Isso deixou as crianças espantadas e ao mesmo tempo interessadas na situação. Observamos por alguns minutos até que as aves se afastaram (5C).

Seguimos diretamente para a entrada da estrada de terra que dá acesso ao caminho para cidade de Ibaté, atravessamos a cerca e seguimos pela estrada de terra. Como quase não passam carros por esse local, os/as participantes ficaram mais à vontade ao pedalar, podendo se deslocar de um lado para o outro da via sem preocupação. Senti que com a menor tensão, devido a menor preocupação com a segurança do grupo com relação à circulação de automóveis, eu e os demais educadores/as pudemos desfrutar do passeio juntamente com os/as participantes (6C).

Durante esta parte do trajeto as crianças estiveram bastante animadas. Maria Joaquina também, porém apresentava alguma dificuldade com o terreno, bem como com a bicicleta que era diferente da que estava acostumada. Durante o trajeto de ida, ela caiu com a bicicleta ao passar por um banco de areia, felizmente não se machucou, mas ficou um pouco assustada no momento. Logo se levantou e retornou a sua bicicleta para seguir. Da Lua e eu dissemos que parasse um pouco e se acalmasse, sugerimos que tomasse um pouco de água e todo o grupo fez uma breve parada nesse momento, bebendo água e descansando um pouco (7C).

Depois disso seguimos por mais alguns minutos quando Frynkin começou a dar sinais de cansaço. Perguntei para Frynkin se ele estava gripado e ele disse que esteve com gripe durante a semana e ainda não estava muito bem. Diante disso, sugerimos retornar dali, Frynkin disse que gostaria de voltar e o restante das crianças concordaram. Iniciamos o retorno, porém o caminho de volta possuía um longo trecho inclinado e nesse trecho Frynkin e Maria Joaquina sentiram-se um pouco cansados, e por algumas vezes pediram para parar. Comentei com Frynkin que a gripe deixa nosso organismo debilitado e por isso cansamos com facilidade. Na segunda parada, que realizamos quase no final da subida, Frynkin estava bastante cansado e sugerimos de fazer um lanche ali, assim teríamos mais tempo de descanso. Ele e Maria Joaquina gostaram da ideia. Durante o lanche, Da Lua comentou para todos terem cuidado com as embalagens das barrinhas de cereais que foram distribuídas como lanche, disse também que o plástico demora mais de 50 anos para decompor-se no ambiente e que, portanto, se o vento não levá-lo, se passarmos naquele mesmo local depois de 50 anos o

plástico ainda estaria lá presente, o que é um grande prejuízo para o ambiente e para as pessoas e animais que nele habitam. Da Lua aproveitou também para fazer uma brincadeira com as crianças, dizendo que se elas não participassem ativamente dos treinos com as bicicletas no espaço do clube e também nos passeios, também corriam o risco de ficar 50 anos sentadas ali para descansar, algumas crianças riram, especialmente, Maria Joaquina (8B).

Depois do lanche, seguimos para a USP, terminamos a subida e descemos um longo trecho até chegarmos lá, onde fizemos mais uma breve parada. Nesse momento, Júlio César, que havia comido uma barrinha de cereais juntamente com as demais crianças na parada anterior, pegou um sanduíche com salsicha na sua mochila. Da Lua comentou que o lanche era muito grande e que não faria bem pedalar depois de comer muito, sugeri que ele guardasse o restante para comer em outro momento. Júlio César deu mais umas mordidas rápidas no lanche e guardou. Logo depois, já na saída da USP, enquanto aguardávamos Maria Joaquina que subia empurrando a bicicleta, Júlio César pegou o restante do lanche e comeu rapidamente. Minutos depois quando chegamos ao clube tivemos a comemoração dos aniversariantes do mês, momento em que ele comeu também bolo, barrinha, bombom e refrigerante. Os educadores, no momento do diário de campo comentaram entre eles que seria importante fazer orientações nutricionais a Júlio César, pois estava ingerindo calorias além do necessário e já estava visivelmente acima do peso, com alto consumo de sanduíches com embutidos, como mortadelas e salsichas, algo ocorrido nos diversos passeios (9B).

Educador Kenobi disse que durante o passeio brincou com o grupo, mostrando uma pegada no chão e dizendo a elas que era uma pegada de onça. Após esse comentário dele Júlio César e David Luiz começaram a brincar com ele apostando pequenas corridas fugindo de Kenobi e dizendo que ele era a onça que os estava perseguindo (10C).

Kenobi também comentou que Júlio César não trocava as marchas adequadamente e também pedalava com o meio dos pés, e por isso ele deu diversas orientações ao garoto durante o passeio todo sobre isso. Da Lua comentou mais ao final do passeio que também orientou a educadora Joana sobre a troca das marchas, bem como Maria Joaquina que ainda apresentava dificuldades nas trocas de marcha. Eu também fiz diversas orientações a Maria Joaquina sobre as marchas e, ao acompanhá-la nas mudanças. Notei que os mudadores de sua bicicleta estavam muito rígidos e ela não conseguia fazer a mudanças de algumas marchas utilizando o polegar, o que seria o modo adequado de acionar, ao invés disso a garota tinha que mover a alavanca com a mão, o que exigia pedalar utilizando apenas uma das mãos enquanto fazia a troca de marchas, algo que dificultava muito o uso das marchas pela garota. Assim, embora Maria Joaquina estivesse aprendendo a usar as marchas, as condições da bicicleta não favoreciam a utilização destas (11C).

Antes que saíssemos da USP as crianças perguntaram se naquele dia não iríamos parar para comer, nós dissemos que não daria tempo, pois ainda teríamos que retornar para o clube e alguns dos colegas já estavam bastante cansados. Comentamos que poderíamos comer cana em um próximo passeio.

Durante nosso retorno ao clube, Júlio César comentou com o grupo que naquele dia não havia passado nenhum trem, e que sempre víamos pelo menos um trem passando quando fazíamos o passeio por ali. Já na passagem pelo bosque Frynkin, que não estive no último passeio realizado 15 dias antes, comentou, ao passar pela erosão do bosque, que parecia que ela havia aumentado, David Luiz disse que logo a árvore que, estava próxima à erosão, logo cairia e a erosão chegaria até a trilha pela qual passávamos (12C).

Enquanto parte do grupo realizava o passeio ciclístico juntamente com Kenobi, Da Lua, Joana e eu, os educadores, Merlau, Flávio e Sandro, juntamente com as crianças que ficaram no clube organizaram uma festa de despedida surpresa para mim, pois sabiam que eu iria viajar e só retornaria no início do próximo ano. Na terça-feira eles se reuniram com os/as educadores/as e prepararam vários cartazes e uma carta gigante. Quando retornamos do

passeio Kika me recebeu e tapou meus olhos e fizeram uma surpresa, pois as crianças também se organizaram para fazer a minha despedida e trouxeram salgadinhos, refrigerantes, doces e suco para a festa de despedida. Os educadores/as também contribuíram comprando algumas coisas para essa festa que também serviu para comemorar o aniversário dos aniversariantes do mês. Assim na festa também comemoramos os aniversários de Kenobi, Da Lua e Maria Joaquina, que haviam feito aniversário no mês de junho. Eu fiquei bastante emocionado com a festa e com o carinho das crianças nessa despedida, agradei a todas elas pela surpresa e depois cantamos parabém aos aniversariantes. Comemoramos e comemos bolo e os outros alimentos que haviam sido levados. Após isso me despedi das crianças e algumas delas me pediram para que eu tirasse bastante foto do Chile para eu mostrar quando voltasse (13B).

Kenobi gentilmente registrou os dados do passeio ciclístico realizado neste dia com as crianças, segundo os dados de um aplicativo de celular chamado *Shealth*, nós percorremos nesse dia 12,94 Km em 1h57m, e com elevação máxima de 50 metros e velocidade média de 7 km/h (14C).

Período da Tarde

Educadores/as: Max, Eiri, Leandro, Kenobi, Sandro, Da Lua.

Educandos/as: MC'Gui, Guerreiro, Pica-Pau, Beto, Ronaldo, Mirna, Empadinha, Luciane, Pudim, Bianca, Doug, Dionísio, Cristiano Ronaldo, Adalberto, Vanessa, Super Mário, Alberto, Luan.

Participantes no passeio: Pica-Pau, Ronaldo, Guerreiro.

No momento da roda de conversa inicial, Eiri conduziu a conversa e disse que no final do dia haveria a comemoração dos aniversariantes do mês e de minha despedida, pois eu iria viajar para o Chile para dar continuidade aos meus estudos. Ele apontou para os cartazes e disse que haviam sido feitos pelo pessoal que frequentava o projeto pela manhã. Algumas crianças disseram que não sabiam que eu iria viajar, pois também teriam feito cartazes para mim. Eu disse a elas que não precisavam se preocupar com isso. Assim que Eiri encerrou a roda de conversa reunimos as crianças que iriam ao passeio e iniciamos os preparativos para a saída.

Pegamos os coletes, luvas e capacetes, enchemos as caramanholas e pegamos as bicicletas que nós já havíamos deixado destrancadas e separadas quando retornamos do passeio da manhã. Reunimo-nos em frente à portaria e, como seria a primeira vez que Ronaldo iria a um passeio de bicicleta, Da Lua deu orientações gerais sobre a circulação de bicicleta na rua, bem como sobre a forma correta de sinalizar e orientou que não passasse os educadores (15C).

Terminada as orientações seguimos no sentido da USP, Guerreiro solicitou que cortássemos pelo terreno, como havíamos feito em passeio anterior por sugestão de Bryan. Concordei com ele e aproveitei para apresentar o caminho para Da Lua e Kenobi que ainda não conheciam. Atravessamos o terreno e quando estávamos próximos da entrada da trilha do bosque Ronaldo nos avisou que seu pneu havia furado.

Educador Da Lua, preocupado com o tempo e em garantir a participação de Ronaldo em seu primeiro passeio, sugeriu que ele fosse com sua bicicleta que ele iria retornar ao clube com a que estava com o pneu furado e nos alcaçaria depois. Eu disse que poderíamos consertar o pneu rapidamente ali mesmo e comentei que é por isso que levamos sempre o kit de remendo e ferramentas. Atravessamos a rua até uma sombra para procedermos com o reparo do pneu. Primeiramente observamos o pneu para ver se encontrávamos o objeto perfurante. Notamos que o pneu estava muito desgastado com a lona aparecendo em diversos pontos, comentamos com os garotos que as derrapadas desgastaram os pneus e que esse desgaste faz com que eles furem com facilidade. Mostrei para eles o ponto em que o pneu

havia furado, comentei que provavelmente o furo foi ocasionado por uma pedra pontiaguda e que isso não teria ocorrido se o pneu não estivesse tão careca.

Procedi com o reparo do pneu explicando para os garotos cada um dos passos realizados, encontrar o furo, retirar a roda, retirar o pneu da roda, retirar a câmara de ar e marcar o local onde está o furo. Comentei que o reparo seria fácil, pois já sabíamos onde estava o furo, disse que caso não soubéssemos deveríamos inflar a câmara, localizar o furo e depois procurar no pneu se não havia nenhum material perfurante nele. Ronaldo e Guerreiro me auxiliaram na desmontagem do pneu. Da Lua pegou o kit de reparos e eu demonstrei para os garotos os processos necessários para o remendo, lixar o local onde será afixado o remendo, recortar do pedaço de remendo, passar de cola tanto na câmara, quanto no remendo e esperar entre um e dois minutos para secagem da cola de contato, colar o remendo na câmara e pressionar o remendo para fixá-lo. Ronaldo ficou pisando sobre o remendo colocado para fazer a pressão enquanto a cola terminava de secar. Depois fizemos montagem da roda e a calibragem do pneu com a bomba manual. As crianças ajudaram nesse processo, cada um enchia um pouco e , quando se cansava, passava ao outro colega. Procedemos com esse revezamento até que eles não conseguissem mais encher, então eu finalizei o processo calibrando o restante que faltava. Depois as crianças colocaram a roda de volta na bicicleta, eu os auxiliei orientando sobre a posição da corrente e o aperto do eixo. Também lembrei-os que era necessário recolocar o freio, comentei que é perigoso esquecer disso, pois podemos nos acidentar ao acionar o freio (16C).

Guardamos as ferramentas e seguimos com o passeio, ao passarmos pela erosão Ronaldo se surpreendeu e Guerreiro perguntou se ele nunca havia passado por lá, eu comentei que esta era a primeira vez que Ronaldo fazia o passeio com o grupo (17C2).

Da Lua comentou que, antes de chegarmos à entrada da USP, uma mulher ao ver o grupo uniformizado, o parou e perguntou se aquilo era um projeto do governo ou de ONG. Da Lua respondeu dizendo que era um projeto social, porém não se tratava nem de uma ação governamental, nem de ONG, pois era uma ação de extensão da Universidade Federal de São Carlos (18A).

Quando chegamos à portaria da USP a cancela estava levantada então seguimos para passar por ela, eu segui a frente e, logo depois de mim, estavam Pica-Pau e Ronaldo. Após a minha passagem e de Pica-Pau a cancela baixou e atingiu o rosto de Ronaldo que começou a chorar, apesar disso o garoto continuou sobre a bicicleta e continuou andando sem cair. Paramos para socorrê-lo. Eu me aproximei e vi que sua boca estava com um pouco de sangue, então pedi para que abrisse a boca para que eu pudesse ver, felizmente não ocorreu nada grave, apenas um pequeno corte no lábio. Perguntei se estava sentindo dor no nariz ou na cabeça e ele disse que era apenas na boca. Eu disse a ele que era apenas um pequeno corte e entreguei uma caramanhola para que ele pudesse lavar a boca que logo parou de sangrar. Da Lua foi conversar com os seguranças responsáveis pela guarita, os quais disseram que a cancela desce automaticamente. Da Lua questionou os seguranças dizendo que este tipo de coisa não pode acontecer, pois as pessoas que estão passando não sabem que a cancela vai baixar. Ele disse também que quando chegamos a cancela já estava aberta há um bom tempo e não estava baixando. Um dos seguranças comentou que ela abaixa em determinado tempo e que, para não descer, o segurança deve manter um botão pressionado, porém o segurança não viu o grupo entrando e por isso a cancela desceu durante a passagem do grupo. O segurança se desculpou e Da Lua disse que a cancela deveria ser revestida de material macio para evitar acidentes como este. O segurança argumentou que a cancela era de plástico e que ela destravava quando havia um choque. Da Lua concordou, porém complementou dizendo que isso funciona para os carros, porém com os ciclistas isso não é suficiente e que o garoto poderia ter se ferido gravemente, inclusive, poderia ter caído da bicicleta por conta do

acidente com a cancela. O segurança desculpou-se novamente e, como Ronaldo estava melhor, seguimos com o passeio (19dC).

Kenobi comentou que enquanto cruzávamos a USP ele foi explicando sobre os departamentos para Ronaldo, pois Ronaldo achou que o prédio do Departamento de Engenharia de Materiais estava vazio. Kenobi explicou o que são os departamentos e apresentou outros pelos quais passamos, tal como o Departamento de Física (20C).

Adentramos ao caminho de terra e seguimos sentido Ibaté, no caminho notei que esse grupo de garotos mantinha um ritmo mais acelerado, inclusive, foram eles que impuseram o ritmo mais forte, pois, nós educadores, preocupados com o condicionamento físico das crianças, estávamos seguindo devagar, porém na estrada de terra, momento em que as crianças seguiam mais à vontade, os garotos saíram na frente acelerando e nós acompanhamos o grupo. Notei também que esse grupo teve menos dificuldades na condução na terra, inclusive nos bancos de areia, todos passavam sem problemas, até se divertiam com o desafio e correram bastante nesses trechos (21C).

Kenobi me disse que, no momento em que circulávamos pela estrada de terra, Pica-Pau havia visto uma pegada no chão e perguntado a ele de que animal era. Kenobi disse aos garotos, que aquela era uma pegada de onça. Kenobi comentou que os garotos entraram na brincadeira, de modo que, durante o restante do passeio, eles comentavam que estavam ouvindo barulhos no mato que poderiam ser da onça (22C).

Chegamos ao ponto no qual tínhamos retornado no passeio anterior e como os garotos estavam animados em seguir mais a frente, seguimos mais um pouco e retornamos do cruzamento seguinte que nos permitia passar a linha do trem. Passamos os trilhos e iniciamos o retorno por um trecho de subida longa. Quando estávamos quase no final da subida Guerreiro reclamou algumas vezes de cansaço, porém quando parávamos para descansar ele continuava andando sozinho, praticando o pedalar sem as mãos no guidão (23C).

Quando iniciamos a descida que dava acesso a USP, os garotos desceram pedalando em velocidade, em determinado momento Guerreiro segurou no braço de Ronaldo durante a descida. Ronaldo ficou bravo e reclamou com ele. Da Lua e Kenobi gritaram para Guerreiro pedindo que soltasse Ronaldo, que teve um leve desequilíbrio, mas conseguiu continuar sobre a bicicleta. Ao final da descida nos reunimos e eu chamei Guerreiro que já estava mais a frente do grupo. Ele retornou e conversamos com ele sobre o que havia feito, dizendo que ele colocou Ronaldo em risco o segurando durante a descida. Dissemos que ambos poderiam ter caído e machucado muito, pois estavam descendo rápido. Comentamos que quando saímos em bicicleta não podemos ficar nos arriscando a cair, principalmente em locais onde passam poucas pessoas, pois se alguém se machuca o socorro demora a chegar. Citei o exemplo do filme 127 horas em que, sem avisar ninguém, um rapaz sai sozinho para fazer uma trilha e, durante a trilha, sofre um acidente e fica preso vários dias em um lugar que ninguém sabia que ele estava, assim teve que cortar seu próprio braço para conseguir se soltar e voltar para casa (24dC).

Seguimos e, assim que chegamos à USP, paramos para fazer um lanche. E mesmo tendo se queixado de cansaço por diversas vezes no trajeto de volta Guerreiro ficou dando voltas sozinho enquanto estávamos no lanche, depois ele parou para lanchar, comeu rapidamente e logo em seguida retornou para a bicicleta para andar em um espaço de estacionamento enquanto o restante do grupo terminava o lanche. Quando acabamos o lanche e nos organizávamos para sair, Kenobi disse que já havíamos pedalado dez quilômetros e comentou que Guerreiro deveria ter feito pelo menos uns doze, pois ficou andando sozinho em alguns momentos (25C).

Durante o retorno, enquanto cruzávamos o campus da USP, Guerreiro teve sua atenção chamada por várias vezes pelos educadores, pois em diversos momentos ele ia com a bicicleta para o meio da via e andava sem as mãos. Os educadores ficaram preocupados, pois

diferentemente da estrada de terra no campus há circulação de automóveis. Da Lua também chamou atenção de Pica-Pau quando, ao passar por uma faixa de pedestre, o garoto não respeitou um pedestre que a estava atravessando avançando com a bicicleta e fazendo o pedestre recuar (26dC).

Quando voltamos os garotos quiseram passar pelo morro de terra que há no terreno baldio que cruzamos para acessar o bosque. Passaram algumas vezes cada um, Da Lua, Kenobi e eu também passamos pela pequena rampa de terra que ele formava (27C).

Seguimos para o clube e quando entramos no bosque um homem de bicicleta que também passava pelo bosque, aparentemente retornando do trabalho, disse em voz alta: “Bom treino para as crianças!”. Pouco tempo depois, no momento em que íamos entrar na viela que dá acesso a rua da portaria do clube, duas senhoras que saíam da viela comentaram uma com a outra: “Olha que bonitinhos!” e a outra comentou “Que fofinhos!”, referindo-se ao grupo de crianças e adolescentes pedalando equipadas e em grupo (28A).

Quando chegamos Kenobi disse que havíamos percorrido a distância 13Km em duas horas de passeio, com uma velocidade média de 6,9 km/h, porém nessa conta da média de velocidade estava incluído o tempo que ficamos parados durante o conserto do pneu furado da bicicleta de Ronaldo (29C).

Quando chegamos Da Lua conversou com o pai de Guerreiro, que já o esperava no clube, disse a ele que naquele dia o grupo havia pedalado 13km e que Guerreiro havia pedalado pelo menos uns 15km, pois quase sempre que o grupo parava ele ficava andando sozinho ao redor. Da Lua e Kenobi comentaram que de modo geral as crianças aparentaram ter se divertido bastante durante o passeio, pois estavam a todo o momento sorrindo e brincando umas com as outras e por vezes também com os educadores (30C).

Logo que nos aproximamos do grupo que já estava reunido para iniciarmos as comemorações dos aniversariantes do mês, Da Lua disse a Eiri, na presença de Ronaldo, que Ronaldo havia se comportado muito bem e que se ele continuasse assim ele iria poder continuar a ir aos passeios, bem como participar das outras atividades do projeto.

Durante a roda de conversa Da Lua entregou autorizações para passeio em São Bernardo do Campo, para participar da confraternização de encerramento do programa Chance to Play – O direito de Brincar da TDH, para Pica-Pau, Doug, Super Mário. Pudim que havia dito que sua mãe não a havia autorizado a ir, mas, quando percebeu que Doug disse que pretendia ir, perguntou para Da Lua se caso a mãe mudasse de ideia ela poderia ir ainda. Da Lua disse que ela poderia ir desde que ela trouxesse a autorização na terça feita às 7h45m. De modo similar Empadinha, que também já estava com autorização, fez a mesma questão. Guerreiro não vai participar por que seu pai não autorizou.

Teve o lanche dos aniversariantes do mês bem como de minha despedida de minha viagem para o Chile. As crianças me surpreenderam cantando uma música que ensaiaram para mim enquanto eu estava no passeio de bicicleta. A música foi assim: O Clayton é legal (2 palmas)/ O Clayton é legal (2 palmas)/ O Clayton é Sensacional (com as mão como se estivessem mexendo um caldeirão com uma colher). Ao final da música eu agradei às crianças pela homenagem e elas vieram me abraçar uma a uma e se despedir de mim, desejaram boa viagem e pediram para que eu tirasse muitas fotos para trazer e mostrar quando eu retornasse no ano seguinte (31B).

Depois disso cantamos parabéns para os aniversariantes do mês e comemos os bolos, doces e salgados que havia. Também foi servido o lanche que consistia de frutas. Da Lua comentou que durante a comemoração os familiares que estavam observando, Pai e Mãe de Beto, o pai de Guerreiro e MC’Gui e mais uma senhora familiar de alguma das crianças, estavam olhado sorridentes assistindo a comemoração, com uma expressão facial bastante feliz.

Antes das crianças irem embora convidei alguns para conversar sobre a experiência de participar das atividades com bicicleta que realizamos no projeto. Chamei aquelas crianças que participaram das atividades com bicicleta e que estavam presentes nesse dia, nos reunimos a sombra de uma árvore e eu disse que como estaria indo embora, e estava fazendo minha pesquisa sobre o uso da bicicleta no projeto, disse que antes de ir gostaria de saber como foi essa experiência para eles. Eu disse que gostaria de gravar a conversa para não esquecer o que foi dito, pois em casa eu, posteriormente, escreveria tudo o que foi dito e não queria perder nada. Assim solicitei autorização para ligar um gravador e registrar a conversa e, com o consentimento de todos presentes, gravei a seguinte conversa:

Clayton: Gostaria de saber de vocês como foi participar das atividades com bicicleta aqui no projeto?

Ronaldo: Ah! Legal!

Clayton: O que você achou de legal?

Ronaldo: Ah! Eu gostei...

MC'Gui: Eu gostei do projeto que foi muito nota 10.

Clayton: Ronaldo, você disse que achou as atividades com bicicleta legal, mas o que você achou de legal?

Ronaldo: Assim oh! Eu achei interessante que a rua que nós descemo, subimo, é... a estrada que aí foi... é...

Pica-Pau: É memo, foi da hora!

Clayton: Você gostou também?

Pica-Pau: É. (32C)

Clayton: Mas você está falando disso aí também?

Pica-Pau: Sim.

Clayton: É que esse aí foi o passeio de hoje, que você está falando.

Ronaldo: Só não gostei de dois acidente que teve.

Clayton: Qual?

Ronaldo: Três né?

Clayton: Três acidentes? Quais acidentes?

Pudim e Doug se aproximaram do local de conversa e Pudim disse: Dá licença?

Ronaldo: Toda.

Pudim me abraçou e disse: Obrigado. Tchau Clayton, boa viagem pra você. Tira fotos que eu quero ver!

Doug me abraçou e disse: É tira várias fotos para mostrar pra gente.

Clayton: Tá Jóia. Tchau, em janeiro eu estou de volta.

Doug e Pudim indo embora disseram: uhu!

Clayton: Quais foram os acidentes então?

Ronaldo: Um que o pneu furou. Outro na minha boca e o terceiro é que ele (apontando para Guerreiro) me puxou (33dC).

Clayton: Ah, tá!

MC'Gui: Quem?

Clayton: O Guerreiro

Ronaldo: É, o seu irmão, ele tava e me... (mostrou como foi o puxão em seu braço).

Clayton: Ainda bem que você não chegou a cair né?

Ronaldo: É.

Clayton: Cê tava falando... O que você estava falando Pica-Pau?

Pica-Pau: Foi muito bom. Da hora!

Clayton: E o quê que você achou da hora?

Pica-Pau: A bicicleta, que na hora que nós foi lá pra... perto de Ibaté (34C).

MC'Gui: Eu gostei muito de andar de bicicleta aqui e...

Ronaldo: Ficou faltando duas pessoas né fessor? O pequeno que veio e aquela menina.

MC'Gui: ... e eu gostei do Ronaldo que nós brinca muito e aí brinca bastante.

Guerreiro: Não dá pra você fala mais alto que o gravador... (aponta para o gravador)

Clayton: Brincava muito, mas andando de bicicleta com o Ronaldo aqui, você fala?

MC'Gui: É que nós brincamos muito aqui (35B).

Clayton: E você Guerreiro, tem alguma coisa que quer falar?

Guerreiro: Ah! Foi muito legal, participei quase de todos...

Clayton: É, você foi em quase todos os passeios né? Teve um que acho que você não foi.

Guerreiro: Um só. Um só que eu não fui da bicicleta...

MC'Gui: Eu não fui em nem... nenhum.

Guerreiro: ...aqui eu sempre participei bem... mas....

Clayton: Você falou que achou legal. O que você achou legal? Que coisas você achou legal?

Guerreiro: Da parte que nós brincava, naquela rampona...

Pica-Pau: É né!

Clayton: Na rampa? De que rampa você está falando?

Guerreiro: Lá de Ibaté.

Clayton: Na rampa de terra?

Guerreiro: É. Na hora que nós fez vum... (demonstrou o movimento da bicicleta passando pela rampa com a mão).

Ronaldo: É, mó da hora fessor!

Clayton: Você gostou também?

Ronaldo: Curti (36C).

Pica-Pau: Teve aquela hora que nós viu o buraco... quando a gente tava pra Ibaté, vindo (37C).

Ronaldo: Nossa! Fessor, eu quase caí na lama (risos). Eu fiz vum, bum, vum. Aí eu aiiii. E na hora que eu tava subindo eu ohhh! Vum! (gesticulando os movimentos com as mãos) (38C).

Cristiano Ronaldo: Agora cêis não vai mais passear agora?

Clayton: Agora não comigo. E agora nos próximos dias por causa das férias, período em que tem menos educadores não, mas depois recomeça.

Clayton: E você Cristiano Ronaldo, gostaria de comentar alguma coisa sobre as atividades que a gente fez?

Cristiano Ronaldo: (fez sinal negativo com a mão).

Clayton: Está com vergonha?

Cristiano Ronaldo: (baixou o rosto aparentemente envergonhado).

MC'Gui: Aqui, nós só é homi! (dando a entender que Cristiano Ronaldo não tinha motivo para sentir vergonha).

Clayton: E você não apareceu mais nos últimos passeios? O que aconteceu?

Cristiano Ronaldo: Eu comecei a treinar.

Clayton: Treinar o quê?

Cristiano Ronaldo: Futebol com o Treinador Machado.

Clayton: E aí está indo bem?

Cristiano Ronaldo: Aí nós vai para a copinha no dia 12.

Clayton: E onde vai ser essa, em Tambaú?

Cristiano Ronaldo: Não, em Paranapanema.

Clayton: Você vai jogar no time?

Cristiano Ronaldo: Sim.

Clayton: Legal (39dC).

Clayton: Alguém gostaria de falar mais alguma coisa sobre as atividades que acha importante falar?

Crianças: Não

Clayton: Então posso desligar aqui o gravador?

Crianças: Sim.

Depois de desligar o gravador as crianças quiseram escutar um pedaço da gravação para ver como ficaram as vozes deles no gravador, escutamos o início da gravação, quando ficaram satisfeitos desligamos e seguimos para nos despedir das demais crianças que estavam indo embora. Antes de irem embora as crianças vieram me abraçar novamente e se despedir de mim. Eu me despedi de todas as crianças agradei por nosso convívio e disse que estaria de volta no início do ano seguinte (40B).

Apêndice 2 – Diálogo posterior com crianças e adolescentes

Clayton: Vou mostrar pra vocês algumas fotos das atividades que a gente fez, eu selecionei um grupo de fotos pra gente ver antes da gente conversar.

Clayton: (Passando as fotos) São de todas as fotos que eu tenho das atividades que a gente fez, são algumas. (silêncio) E aí vocês lembram dessas coisas? (silêncio). Tem fotos bem antigas. (silêncio). Das primeiras vezes algumas. (Referindo-se a Frynkin na foto) Olha aqui rapaz que está aqui! Aqui atrás do Eiri. (silêncio). Lembram-se desse pessoal que veio uma vez?

David Luiz e Frynkin: (gesticulam positivamente com a cabeça).

Clayton: Mudou bastante, né? (mudando de foto) Quem que é esse daqui? (Apontando para David Luiz em uma foto antiga em que ele usava uma bicicleta pequena).

David Luiz: Eu.

Clayton: E essa bike gigante?

David Luiz: (risos).

Clayton: (mostrando outras fotos) Essas aqui são algumas atividades que a gente fez no começo aqui no clube. E essa daqui, vocês lembram? Vocês estavam aqui, eu acho. Conseguem ver aqui?

David Luiz e Frynkin: Sim.

(Passando fotos em silêncio)

David Luiz: Nossa. (Em tom de voz bem baixo ao ver uma das fotos do passeio em que estava)

(Passando fotos em silêncio)

Clayton: Lembram dos lugar aí? Não?

David Luiz e Frynkin: (gesticulam positivamente com a cabeça).

(Passando fotos em silêncio)

Clayton: Lembram disso aqui? (Mostrando a foto no cruzamento da linha de trem na estrada que dá acesso a cidade de Ibaté).

David Luiz e Frynkin: (gesticulam positivamente com a cabeça).

Clayton: (mostrando fotos do passeio) Foi o último dia que eu vim no projeto. Foi o último passeio que a gente fez antes de eu viajar.

(silêncio)

Clayton: As fotos eram essas. Aí eu queria saber de vocês se tem alguma coisa que, a partir dessas fotos, gostariam de falar dessas atividades que a gente fez? (silêncio). Sim? Não?

Frynkin: Ah! Eu gostei que eu aprendi várias coisas, aprendi também... Por exemplo, eu não sabia que precisava usar seta, que tem uma distância exata da calçada.

(Silencio)

Clayton: E você David Luiz, tem alguma coisa que você gostaria de falar a partir das fotos que você viu, das recordações?

David Luiz: Então, eu aprendi muito... A dar seta também e... E... Sempre andar na cal... Rua... Do lado da calçada, nunca no meio da rua e nunca na calçada. E sempre usando capacete, luva para sua segurança (1C).

Clayton: Bacana. E relembro do que vocês fizeram de atividades aqui, lógico que vocês ainda fazem algumas ainda, mas pensando que viu as fotos e tal... É... Como foi pra vocês essa experiência de fazer essas atividades pra além desses aprendizados que vocês comentaram? Assim...

Frynkin: Foi muito bom.

Clayton: Cê falou que foi bom, mas o que é... Considera disso tudo que você fez que foi bom, assim, o que você acha que tornou isso bom pra você?

(Silencio)

Frynkin: Mais sabedoria, amizade, coisas engraçadas.

Clayton: Hum... Você fala da amizade é... Dá um exemplo dessas relações de amizade que você acha que foi legal.

Frynkin: É... Pode falar o nome de uma pessoa?

Clayton: Pode falar.

Frynkin: É o Rodrigo.

Clayton: Hum. E de coisas engraçadas?

Frynkin: Hum! Foi quando... Se eu não me engado foi o David Luiz, ele... Ele... aí como fala? Ah! Não lembro. Eu lembro que foi o David Luiz.

David Luiz: O quê? Que furou o pneu?

Frynkin: Não. Foi outra coisa, não lembro .

Clayton: Não lembra o que aconteceu? E você David Luiz o que você acha dessas atividades que a gente fez, além desses aprendizados que você já comentou, como é que foi participar disso para você?

David Luiz: Ah! Foi muito legal por causa que eu fiz muito amizade e muito mais confiança nas pessoas.

Clayton: Nas pessoas? Mas porque que você fala de mais confiança?

David Luiz: Por causa que, tipo, eu confiei muito no Frynkin quando foi pra ficar sem as mãos, pra dar RL na bicicleta.

Clayton: Hum... Legal.

David Luiz: Pra ensinar (2B).

Clayton: Fala pra mim mais uma coisa, é... Dessas atividades que a gente fez vocês falaram que algumas coisas vocês acharam le... É gostaram, acharam bom de modo geral, mas vocês lembram de alguma brincadeira ou mesmo coisas que a gente fez com a bicicleta que vocês acharam mais legais? Que vocês gostaram mais de fazer?

David Luiz: Eu achei a da corda, quando você batia e a pessoa tinha que passar sem relar na bicicleta ou em você e da corrida, quem chegava por último ia ganhar.

Clayton: Você gostou dessas atividades?

David Luiz: Gostei.

Clayton: E você Frynkin?

Frynkin: Eu também das duas que ele falou e mais uma que foi o Polícia e Ladrão (3A).

Clayton: Polícia e Ladrão? E vocês... Pensando assim que o projeto continua com as bicicletas e outras crianças vão continuar também além de vocês. Tem coisas que vocês gostariam de fazer que poderiam... Que vocês acham que a gente poderia fazer aqui, que poderiam ser bacanas e que a gente não faz? Tem alguma ideia, alguma coisa?

Frynkin: Faz muito tempo que a gente não faz aquelas brincadeiras de obstáculos.

Clayton: E aí vocês acham legal?

Frynkin: Sim. Apendi muita coisa (4A).

Clayton: Mais alguma coisa que você acha?

(silêncio)

Clayton: Não?

Frynkin: (gesticula negativamente com a cabeça).

Clayton: E você David Luiz? Tem alguma coisa que a gente poderia fazer e não tá fazendo ou já fez e não faz mais como o Frynkin falou? Ou alguma coisa que você acha que a gente podia fazer isso aqui e tal? Que seja muito legal, que se tenha pensado em alguma coisa que podia trazer pra fazer e nunca fizemos?

David Luiz: Uma corrida no clube inteiro.

Clayton: Uma corrida no clube inteiro?

David Luiz: É!

Clayton: E como seria isso que você pensa?

David Luiz: A gente saía daqui, dava a volta no clube inteiro, aí ia ter alguns obstáculos para passar e aí voltava. E quem chegava primeiro ganhava (5A).

Clayton: Hum. Legal. E das coisas que a gente fez teve coisas que não agradou? Que você achou que não foi tão legal? Ou que aconteceu nos passeios que vocês não gostaram?

David Luiz e Frynkin: Não.

Clayton: Nada?

David Luiz e Frynkin: Não.

Clayton: Bacana. Vocês gostariam de falar mais alguma coisa sobre...?

David Luiz e Frynkin: Não.

Clayton: Posso terminar?

David Luiz e Frynkin: Sim.

Clayton: Muito obrigado por me ajudar com essas coisas.

Frynkin: De nada!

Apêndice 3 – Roda de Conversa I: Participantes e mães do bairro Jd. Gonzaga

Clayton: Pra conversar um pouquinho eu trouxe umas fotos para apresentar, e aí pensando em compartilhar o que acontece lá no projeto pra quem não vai lá, que são os familiares, eu trouxe algumas fotos para lembrar como funciona a dinâmica do projeto. (Mostrando a primeira foto em que os participantes estão em roda) Então o projeto começa com uma roda inicial, né? Todos os participantes, educadores e crianças, conversando sobre o que ficou combinado para aquela semana e como vão serem feitas, a ordem que serão feitas as atividades do dia. (Mostrando a fotos das crianças brincando) Depois disso, nós fazemos uma atividade de integração, que é uma brincadeira que foi escolhida na semana anterior e que todo mundo brinca, nesse dia quem aparece na foto estava brincando de Páscoa que é com água, quase que uma guerra de água. Depois dessa atividade inicial tem as atividades fixas que na quinta-feira, por exemplo, é a bicicleta. (mostrando fotos dos participantes andando de bicicleta no espaço do clube) A gente anda por esse espaço que é o clube. (Trocando a foto) Todo esse espaço é o clube, então muitas vezes, na verdade a maioria das vezes a gente anda aí dentro, então tem esse gramadão, é um espaço bem grande. (nesse momento as mães se entreolharam com expressões faciais que nos pareceu indicar que elas se surpreenderam com espaço do clube e que gostaram do lugar).

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Bonito! (comentário feito com tom de voz bem baixo e que não foi captado pelo gravador)

Clayton: (Exibindo as fotos de diversas crianças em bicicleta) A gente faz algumas brincadeiras com bicicleta, então essa é uma corrida que ganha quem chega por último (nesse momento os participantes da roda riram). E quem consegue ficar mais devagarinho assim... e cruzar o pedaço marcado por último...por isso está todo mundo junto ali e que consegui tirar a foto.

Mãe de Sofia: Tudo que as criança gosta! (1A)

Clayton: (Mudando a foto). Essa é uma outra brincadeira que tem... é... com uma gangorra.

Roberta: Ah! É com obstáculos.

Clayton: (Mudando novamente a foto) E tem as brincadeiras de circuito que a gente demarca os espaços, coloca algumas placas de Pare, sempre realizando atividades ali dentro. (apresento a foto do grupo saindo para um passeio externo).

Roberta: Olha o Rodolfo! (reconhecendo um dos participantes da foto).

Clayton: Tem os passeios, então quando a gente põe o colete, o capacete e as luvas é que a gente vai fazer o passeio fora. (apresento uma foto dos participantes de bicicleta na rua) E nos passeios a gente passa pelas ruas próximas ao clube.

Roberta: Olha a Sofia!

Clayton: Sempre com os educadores acompanhando.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Olha você atrás ali Roberta!

Clayton: Aqui é uma outra rua (apresento outra foto dos participantes em bicicleta pela rua).

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Olha você lá Roberta!

(Risos de algumas participantes da roda ao se reconhecerem na foto)

Clayton: (Apresentando uma foto em que os participantes estão andando de bicicleta pelo campus 2 da USP). Aí chegamos até o campus 2 as USP normalmente porque lá tem bastante ruas para nós andarmos e bem pouco movimento de carros. Então a gente anda lá e muitas vezes a gente faz alguma brincadeira por ali também, esse na foto é o Instituto de Física lá da USP. (apresentando uma foto dos participantes em bicicleta em trecho de terra) Aí a gente andando lá por trás, a gente pega a estrada de terra que dá acesso à cidade de Ibaté, mas a gente não chega até Ibaté, né? Mas a gente andou por lá tudo. E nos passeios sempre vão as

crianças com mais de nove anos, porque por conta da distância e por eles serem muito pequenos é um pouco complicado sair com as crianças menores na rua. (apresentando outras fotos dos participantes andando pelo campus da USP) Isso aí também é lá na USP, aí normalmente a gente faz uma parada para tomar água e fazer um lanche, tirar uma foto, fazer uma brincadeira e depois a gente retorna para o clube, faz a nossa roda final e a gente conversa sobre a brincadeira que vamos fazer na próxima semana (apresento uma foto dos participantes em roda).

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Olha você lá Lupita!

Lupita: Onde?

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Ali sentada. (Apontando para a foto)

Clayton: Viu você lá? (Lupita faz sim com a cabeça). Então a gente vê qual brincadeira a gente faz na próxima semana, como foi o dia que a gente passou e aí combina as atividades para a próxima semana. Aí, eu trouxe essas fotos para pensar nesse momento. Como essa atividade com bicicleta é uma atividade que começou há pouco tempo no projeto, quando ele ocorria aqui não tinha essa atividade e passou a ter quando já estava no clube e conseguiu-se recursos na UFSCar para comprar bicicletas e fazer isso. Nossa intenção é saber como foi para vocês participar dessas atividades, para as crianças que participaram, como foi estar lá participando da bicicleta e tal, e como foi para os pais, para as mães no caso, como perceberam isso em casa, como foi essa experiência de ter eles andando, em casa se isso de alguma maneira chegou? Se sabiam que isso acontecia? Como que isso foi? E aí era um pouco disso que a gente gostaria de saber.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: A Roberta está em todas as fotos.

Clayton: É que quando eu selecionei essas fotos, eu selecionei fotos do pessoal que eu imaginei que iria estar aqui, então tem o Pica-Pau, tem o Sardinha, tem Sofia, Roberta, Raiane, Lupita. O Robinho não estava nessas daí, mas o Robinho andou bastante. Como a gente estava fazendo as atividades, quando a gente saía com uma parte do grupo eu tirava foto, mas o grupo das pessoas menores que ficavam no clube andando lá dentro eu não conseguia acompanhar com as fotos então, por exemplo, o Robinho que ficava andando lá e a Lupita e a Raiane, por conta da idade, então não tem tantas fotos lá de dentro do clube. Mas eu trouxe as fotos das pessoas que estariam aqui presentes. Aí eu não sei como que foi, não sei se vocês querem falar.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Eles vinham à noite todo empolgados falando, a Roberta e o Robinho, ficavam empolgados quando tinha bicicleta (2A).

Sofia: Eu só lembro de uma coisa. Não me lembro de tudo mas a mais engraçada foi o dia que a gente estava andando de bicicleta e... e...

Roberta: ... e o tênis dela enroscou na corrente.

Sofia: Isso e o meu cadarço enroscou na corrente e eu quase cai. (risos)

Clayton: Quase caiu?

Sofia: É! (3B).

Clayton: O que mais vocês lembram?

Mãe de Sofia: Eu acho que na verdade a Sofia aprendeu a andar mais foi lá mesmo.

Sofia: Foi

Mãe de Sofia: Foi lá que ela aprendeu..

Mãe de Raiane: A Raiane também...

Mãe de Sofia: Ela sempre quis uma bicicleta e eu por não ter espaço de guardar eu nunca quis...

Sofia: Eu tive uma bicicleta rosinha.

Mãe de Sofia: E aí quando ela foi nesse projeto lá ela gostou muito, foi lá que ela realmente aprendeu a andar de bicicleta. Aí, depois daí ela já pega a do irmão dela que é grande e já sai... (Risos) (4C).

Sofia: Eu aprendi também aqui na quadra, do ciclismo (referindo-se a um projeto que atuou pontualmente na quadra do Gonzaga com atividades de bicicleta).

Lupita: Hãarr (Lupita arrota alto e demais participantes riem da situação).

Clayton: Mãe de Raiane você estava comentado que a Raiane também aprendeu lá.

Mãe de Raiane: Ela aprendeu lá também, porque ela tinha medo de pegar a bicicleta, porque ela caiu umas par de vezes já (5A). A última vez ela quase se matou. Quando eu fui saber que ela estava nesse projeto aí foi quando ela chegou em casa com um papel parecendo uma carta de motorista (referindo-se ao projeto que ocorreu pontualmente na quadra do bairro e que forneceu um certificado para os participantes). Ela chegou toda empolgada porque ela também não andava muito por aqui, a gente tinha medo de soltar ela.

Sofia: Eu também aprendi lá no Sindicato (6A).

Mãe de Raiane: É uma coisa boa também que tira eles da rua, né? Incentiva muito eles.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Eu gostava do projeto por causa disso eles ficavam o dia inteiro lá e aprendiam bastante coisa (7C). Em dia de ciclismo a Roberta ficava doida, às vezes eu falava que ela não ia e ela chorava. Ela tirava foto. Tem fotos no celular dela até hoje do ciclismo que ela ia e tirava foto, divertiu.

Sofia: Quando era piscina a gente também ficava super empolgada.

Mãe de Sofia: É. Eram os dias de atividades que eles mais gostavam.

Sofia: Era o ciclismo e a piscina (risos) (8C).

Roberta: E o My God.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: A Roberta me falou que só não gostava muito da capoeira e da aula de música.

Educador Eiri: Não gostava?

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Ela participava. Mas ela falou pra mim, mãe eu não gostava muito da capoeira a parte de música. Porque ela chegou a fazer capoeira uma vez e o professor machucou ela, mandou ela fazer abertura ela não conseguia e ele empurrou ela com tudo, aí doeu ela falou que nunca mais ia fazer.

Educador Eiri: Mais isso foi lá no projeto?

Roberta: Não!

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Não, foi lá em....

Educador Eiri: Em outro espaço?

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: É, foi em outro lugar. Dai ela pegou medo e falou que da capoeira ela não gostava mesmo.

Lupita: Eu gosto da Capoeira.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Ai Lupita você! Ela é a que mais quer voltar para o projeto...

Robinho: E eu

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: ...mas para deixar ela ir sozinha eu tenho medo. A Roberta eu não sei se que voltar.

Robinho: Eu quero! Eu quero!... (falou mais algo que não foi possível compreender) (9A)

Mãe de Raiane: Lá é de terça e quinta que você falou, né?

Educador Eiri: Isso!

Mãe de Raiane: Pra Raiane só da pra ir de terça, porque na quinta ela tem coisa que ela vem aqui, se eu não me engano.

Educador Eiri: Tá. Mesmo nesse período de férias escolares o projeto continua e aí as atividades são de terça e quinta. Como é feito fora do bairro e tem uma van, então dá pra falar: olha, vai de manhã e de tarde porque pega crianças de outros bairros. Então é importante, por agora, continuar indo no horário contrário ao da escola.

Mãe de Raiane: Aqui na quadra vai continuar mesmo nas férias?

Educador Eiri: O projeto que acontece na quadra a gente não conhece, a gente não tem ligação. Então eu não sei te responder isso, é... é... não tenho informação mesmo sobre este projeto que acontece aqui de quinta. As crianças sabem mais do que nós, é... não tá ligado a UFSCar.

Mãe da Sofia: Acho que é lá do centro comunitário.

Educador Eiri: Acho que é.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: De manhã a van passa aqui?

Educador Eiri: De manhã a van sai do bairro sete e meia em ponto.

Roberta: Ah, então não dá. Pra mim não dá.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Porque não?

Roberta: Porque eu acordo só nove e pouco. (Risos dos participantes)

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Eu faço você acordar cedo. A van chega que horas?

Educador Eiri: Ela chega aqui perto das onze e vinte, porque a turminha precisa ir para escola.

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Então ela chega antes do meio dia?

Educador Eiri: Sim. A turma tem que ir pra escola.

Robinho: Ainda bem que nós estamos de férias, eu acordo depois do meio dia.

Educador Eiri: Você acorda depois do meio dia Robinho?

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Mentira, ele é o primeiro que acorda para ir atrás de pipa (10A).

Clayton: E aí pra saber um pouco mais dessas atividades com bicicleta para pensar tanto as atividades do projeto quanto na comunicação do que foi participar dessas atividades gostaria que vocês pudessem falar para mim o que vocês perceberam que podem ter aprendido com a participação dessas atividades com bicicleta lá no projeto? O que foi possível aprender participando dessas atividades?

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: A Roberta eu percebo que ela criou mais responsabilidade para andar de bicicleta, por que lá tinha... tem que andar pelo canto, hoje ela vai andar, vai sair para algum lugar de bicicleta ela vai pelo canto.

Educador Eiri: Você concorda com isso Roberta? É isso mesmo?

Roberta: É (em tom de voz baixo e gesticulando sim com a cabeça)

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Ela sente falta do ciclismo, ela sempre fala (11C).

Robinho: (fala algo que não é possível ouvir)

Clayton: O que foi Robinho?

Robinho: Eu quase atropeliei um homem de bike.

Educador Eiri: Você quase atropelou um homem com a bike?

Robinho: É

Lupita: É mesmo!(risos dos participantes)

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: esses dias eles chegaram falando isso.

(Silêncio) (12dC)

Mãe de Sofia: Fala Sofia.

Sofia: O quê?

Mãe de Sofia: O que você aprendeu.

Educador Eiri: Você sabe dizer Sofia?

Clayton: Você sabe dizer o que deu para aprender com essas atividades?

Sofia: Bastante coisa.

Mãe de Sofia: Então fala.

Clayton: Bastante coisa, então me fala algumas dessas coisas aí.

Sofia: Eu aprendi várias brincadeiras novas que eu não sabia antes.

Mãe de Sofia: E sobre o ciclismo, o andar de bicicleta.

Sofia: Eu aprendi mudar as marchas porque eu não sabia antes.

Clayton: Mudar a marcha?

Sofia: É eu não sabia mudar a marcha (13A).

(silêncio)

Clayton: E você Robinho quer falar alguma coisa.

Robinho: (responde negativamente com a cabeça)

Educador Eiri: Mas você acha que aprendeu alguma coisa?

Robinho: Responde positivamente com a cabeça.

Educador Eiri: O que você acha que aprendeu lá?

Robinho: Eu num quero (Envergonhado).

(Silêncio)

Clayton: E ensinar? O que vocês acham que puderam ensinar enquanto vocês estiveram lá participando dessas atividades? Vocês lembram de ter ensinado alguma coisa?

(Silêncio)

Clayton: Para os educadores ou para alguém que estava andando junto?

Roberta: Respeitar.

Clayton: Respeitar. E para quem vocês ensinaram isso para os educadores ou para as outras crianças.

Roberta: Para as outras crianças.

Sofia: Para os dois eu acho (14B).

Clayton: Eu não sei, estou perguntando! É que às vezes vocês percebem alguma coisa que a gente não viu lá.

(Silêncio)

Clayton: É... Mais uma pergunta aqui que eu tenho para fazer é...pensando nessas atividades com bicicleta... nessas coisas...Existe alguma coisa nessas atividades que poderia ser diferente lá no projeto? Que tivesse que mudar para ficar melhor? Mudar porque não está bom? Alguma coisa que poderia ser diferente?(silêncio). As crianças pelo que fizeram lá, as mães pelo que souberam das atividades (silêncio). Não sei como foi saber que eles iam sair de bicicleta nos passeios na rua.

Mãe de Sofia: Eu fiquei preocupada!

Mãe de Roberta, Robinho e Lupita: Eu também fiquei muito preocupada.

Roberta: No passeio de Ibaté minha mãe não deixou eu ir.

Mãe de Raiane: Eu nem sabia desses passeios na rua. Eu achava que era só lá dentro.

Mãe de Sofia: O dia que ela falou pra mim que eles iam pegar né, pra sair assim...

Sofia: A minha mãe não queria deixar, eu comecei chorar, fiz maior birra lá na cama.

Mãe de Sofia: ...assim que tinha uma pista que ia para Ibaté, mas ela falou que era rua de terra tudo. A eu fiquei preocupada.

Sofia: ...que a gente ia pelo cantinho assim...

Mãe de Sofia: Ah! Eu fiquei preocupada.

Sofia: A minha mãe não queria deixar, eu comecei chorar e aí eu conversei com meu pai e meu pai deixou.

Mãe de Sofia: É porque é que nem eu falei, ela não sabia quase andar de bicicleta e...Ah, eu ficava preocupada, falava: Nossa é muito ruim. Ela não vai saber desviar se vier carro, eu ficava preocupada com isso aí. Depois quando ela chegava ela falava, né, como que era o projeto, que iam os professores, que eles vestiam os equipamentos. Aí eu falei: Ah, então não tem tanto perigo, né?.

Sofia: A gente vestia luva!

Roberta: Capacete!

Sofia: É... capacete.

Roberta: Colete...é aquele lá que põe assim... (fez gestos de como se estivesse vestido algo).

Educador Eiri: Tá certinho (15C).

Roberta: Colete, tá certo.

Roberta: Tinha aquele... buraco (conversa baixo com Sofia não captada pelo gravador).

Sofia: Ah! Aquele quando a gente tava...

Roberta: Indo na estradinha lá, aquele buracão.

Sofia: É na naquela estradinha bem... (16C)

Raiane: (chega atrasada e entra dizendo em voz alta): cheguei, cheguei!

Mãe de Raiane: Ah! Meu pai!

Raiane: Cheguei atrasada, mas cheguei!

Clayton: Olha quem está aí!

Educador Eiri: Senta aí Raiane (indicando uma cadeira vaga).

Mãe de Raiane: Nossa chega apavorando.

Mãe de Sofia: Chegou, chegando!

(risos dos participantes)

Clayton: Mãe de Raiane, só para explicar, você não soube dos passeios, porque por conta da idade da Raiane ela não participou de nenhum passeio que saía na rua. E quando as crianças iam sair na rua a gente mandava um papel específico avisando o dia que ia fazer a saída. Então as outras mães ficaram sabendo por que a gente tinha uma autorização, cada passeio fora era uma autorização específica.

Mãe de Raiane: Sabe por que, vamos supor, quando mandar um papel pra mim assinar, as vezes vai chegar assinado lá, mas não é nem eu é ela que assina. Até nos passeios da escola ela fazia isso aí. Ela ia e assinava.

Clayton: É mais nesse caso ela nem teve esse papel, e algumas assinaturas eu fiquei na dúvida e aí eu conferi com a ficha que a gente tem lá, assinada pelo pai. Então teve um menino, por exemplo, que levou o papel e veio com uma assinatura meio diferente aí eu fui lá olhar e não tinha sido a mãe que tinha assinado, tinha sido ele mesmo. Aí nesse caso, nesse dia ele não foi (17C).

Clayton: E depois de eles terem feito o passeio e de eles terem contado do passeio melhorou isso aí? Ficou mais tranquilo ou ainda é muito preocupante?

Mãe de Sofia: Não, depois que ela explicou certinho como que era eu fiquei mais tranquila...

Clayton: (vendo as fotos...)

Mãe de Sofia: Tanto que hoje eu até deixo ela sair na rua de bicicleta, porque ela aprendeu, né? Então não é mais tão preocupante.

Clayton: Eu falo isso porque a gente tinha uma preocupação muito grande com isso e... e... e tinha medo, preocupação de estar com as crianças lá na rua, achava importante eles saberem andar direito, pra quando eles saíssem para andar na rua sem ter ninguém olhando, mas também a gente tava preocupado com os pais, com essa reação e tal, então a gente fica bastante contente em saber que isso foi passando. Então uma coisa que eu aprendi lá, trabalhando com as crianças e fazendo essas coisas, foi organizar um pouco isso. Então fiquei contente em saber disso... (18C)

Clayton: E você Raiane, você lembra as atividades de bicicleta lá no projeto?

Raiane: Nem todas.

Clayton: Mas o que você lembra que você fez lá?

Raiane: Nada

Clayton: Nada? Lembra que você andou de bicicleta pelo menos?

Raiane: (rindo) Lembro.

Clayton: Ah! Então tá bom.

Mãe de Raiane: Então se lembra!

(Silêncio)

Educador Eiri: se vocês pudessem sugerir melhoras, tanto as mães quanto as crianças, o que vocês sugeririam pensando nessas atividades de ciclismo feitas no projeto? (silêncio) O que vocês acham que poderia ser feito, em especial, no uso da bicicleta? (silêncio) Se pudesse sugerir algo? (silêncio) As crianças também podem falar. (silêncio) Se vocês pudessem sugerir algo, pensando assim ó, pra melhorar. Aí pode ser qualquer coisa, a gente vai ouvir a sugestão de vocês, mães e...

Sofia: Pra melhorar o quê?

Educador Eiri: As atividades de ciclismo.

Sofia: Ah! De ciclismo.

Educador Eiri: Isso, pensando em melhorias que vai ajudar toda gente lá.

Clayton: Por exemplo, vocês não estão indo mais, mas outras crianças estão indo. O que vocês acham importante ter lá nessas atividades, que ia ser legal ter lá.

Sofia: Que os mu... porque quando a gente tava é... no ciclismo é...quando a gente tava passeando na rua assim...

(Lupita sai da sala para brincar e Robinho também, algumas crianças de fora entram na sala fazendo ruído e interrompem a fala.)

Clayton: Espera um pouquinho, espera só um pouquinho...(aguardamos as crianças saírem). Tá, quando a gente estava andando na rua?

Sofia: Isso, os moleques ficavam é... batendo o pneu em mim, falando que eles iam encostar o pneu deles no meu pneu para mim cair.

Clayton: Durante os passeios?

Sofia: Isso!

Clayton: E aí sua sugestão é... fazer o que com os meninos? Tem alguma sugestão?

Raiane: Mandar eles embora.

Clayton: Sofia tem alguma?

Sofia: Tenho.

Clayton: Qual?

Sofia: Que vocês conversem com eles muito sério.

Clayton: Tem mais alguma coisa que incomodava durante o passeio ou durante as brincadeiras lá?

Sofia: Não.

Clayton: Tem alguma sugestão Roberta?

Roberta: Não.

Clayton: Isso que a Sofia falou você também sentiu? Que os meninos ficavam provocando com a bicicleta?

Roberta: Sim. Batiam o pneu na minha bicicleta.

Clayton: Mais alguém sentiu isso lá?

Mãe de Raiane: A Raiane falou que ela se machucou uma vez por causa disso aí, por isso que ela não está indo mais no projeto.

Raiane: É! Mas foi dentro do Sindicato.

Sofia: Eu tava do lado da Raiane, aí a gente tava andando conversando aí o menino veio e encostou o pneu na bicicleta da Raiane, se ela não fosse cair pro meu... se ela fosse cair pro outro lado não tinha como eu segurar ela, mas ela caiu pro meu lado a bicicleta saiu e eu que segurei ela. Não foi Raiane? Eu segurei ela, mas mesmo assim ela machucou(19dB).

Clayton: Foi alguém que bateu o pneu?

Sofia: Não, em mim não.

Clayton: Mas no caso dela, foi alguém que bateu o pneu no pneu dela ou foi outra coisa?

Raiane: Foi.

Clayton: Então essa é uma coisa bastante importante pra gente tomar cuidado lá. Alguém tem mais alguma sugestão?

Mãe de Sofia: A idade dos que frequenta lá?

Clayton: A idade é de 7 a 17 anos, mas frequentando é entorno de 7 e 13, não tem ninguém com mais de 13 anos que participa. É de 7 a 17 por que a ideia é atender mais pessoas, fazer mais atividades, mas como não tem esse público acima de 13 a gente faz atividades todos juntos, com as crianças que participam lá.

(Silêncio)

Clayton: Mais alguém? (Silêncio). Bom como ninguém tem mais nada pra comentar, eu gostaria de agradecer muitíssimo a presença de vocês.

Raiane: Eu quero ver a foto que tem eu.

Clayton: Ah, então eu vou passar as fotos outra vez, tá bom?

Roberta: Vai ter que voltar. (mostrando a primeira foto) Olha lá!

Clayton: Tá vendo você aí?

Raiane: Eu tô mais fei... ficou muito feia.

Clayton: É que a foto esta meio achatada, não sei o que aconteceu com o projetor.

Educador Eiri: E vocês lembram o que a gente tava fazendo nesse momento?

Raiane: Nem sei.

Sofia: A gente tava na roda de conversa, pelo que eu me lembro a gente tava fazendo a roda de conversa.

Clayton: isso, a roda de conversa no começo do dia. E essa brincadeira aqui vocês lembram? (apresentando a segunda foto).

Roberta: Ah! Eu lembro.

Lupita: É a guerra de água (Que havia retornado a sala pouco antes).

Raiane: Eu e a Roberta. (risos)

Clayton: Também tem a Lupita lá atrás correndo e o Diego.

Raiane: (risos) olha a Lupita (risos)

Clayton: E lá no fundo o educador Leandro e o

Educador Eiri: ... Tafarel.

Clayton: Isso!

Educador Eiri: A gente selecionou as imagens que tem vocês aqui, tem muito mais fotos né? Mas das famílias e as crianças que estão aqui são essas.

(Apresentando outra foto)

Clayton: Vocês lembram da Corrida Maluca que vencia quem chegava por último?

Roberta e Raiane: Não lembro.

Lupita: Eu lembro da corrida de bicicleta.

Clayton: Nesse dia pode ser que vocês não estivessem, mas nos fizemos essa brincadeira mais de uma vez lá.

Roberta: Eu não estava então, porque eu não lembro.

Educador Eiri: Aquela corrida é chamada de Corrida Maluca, porque para andar de bicicleta... Raiane precisa do que para andar de bicicleta? Bem treinado.

Raiane: Capacete!

Educador Eiri: Capacete, mas e de habilidade?

Raiane: Não sei.

Educador Eiri: É uma coisa que pode nos derrubar. O que será que precisa?

Sofia. É...é... Equilíbrio!

Educador Eiri: Isso, equilíbrio! E como ganha quem chega por último, quanto mais devagar você anda melhor equilíbrio você deve ter. Por isso vence quem chega por último, porque conseguiu sem andar muito ir se equilibrando. Então... Essa brincadeira é uma brincadeira, mas você consegue treinar o equilíbrio em cima da bicicleta. É isso que eles estão fazendo nesse instante.

Clayton: (mostrando outra foto) Essa aqui é uma gangorra, vocês chegaram a passar pela gangorra?

Roberta e Sofia: Já!

Educador Eiri: E vocês mães estão vendo aí que o clube dos metalúrgicos é um espaço muito bonito, tem campo, quadra. A gente hoje não atua mais no Jardim Gonzaga, mas por enquanto a gente consegue com a van levar a turminha até lá. Por isso que é sempre muito importante, vocês que não conhecem o clube participar desses momentos até pra ver os registros e entender melhor o que a gente faz lá. Até pra nos sugerir para que a gente possa fazer o projeto ir sempre melhorando. A gente esta sempre aberto a ouvir vocês (20C).

Clayton: (Apresentando outra foto) Esse é um circuito com placas de pare como se estivesse andando na rua.

Robinho: Eu gosto... (disse algo que não foi possível compreender no áudio).

Educador Eiri: Você lembra de ter feito alguma coisa assim? De passar em zig zag?

(Algumas crianças falam juntas e não foi possível compreender)

Raiane: Eu vou de terça, porque eu não vou poder ir de quinta, que eu tenho outro projeto.

Educador Eiri: A sua mãe explicou já, você faz projeto aqui, né?

(Lupita e outras crianças conversam entre elas)

Educador Eiri: Lupita! Você pode ouvir agora a turma?

Lupita: (Faz um sim com a cabeça)

Clayton: (mostrando outra foto) Essa aqui é a saída.

Educador Eiri: Esses são os coletes que a Roberta falou, né? O colete tem uma importância muito grande, você sabe dizer o porquê Sofia?

Sofia: O quê?

Educador Eiri: Que usar o colete lá pra gente é importante?

Sofia: Pra não se perder.

Clayton: Pra não se perder...que mais?

Educador Eiri: Ele chama a atenção ou não chama?

Sofia: Ah! Sim porque tem o... tem o... esse negócio assim do... (gesticula com a mão fazendo um círculo em frente sua camiseta)

Roberta: O símbolo.

Sofia: Isso! O símbolo lá do negócio lado projeto.

Educador Eiri: Mas é importante que os carros nos vejam...

Sofia: Isso! É também!

Educador Eiri: É importante que os carros nos vejam, né?

Sofia: Isso!

Clayton: Então a gente sempre usava esses coletes para sair.

Educador Eiri: Para identidade, para não se perder e para que as pessoas nos vissem com facilidade.

(Mudamos a foto)

Roberta: Óh, Sofia!

Clayton: Olha lá na rua como é que fica quando tá todo mundo de colete.

Sofia: A gente vai sempre pelo canto da rua(21C).

Educador Eiri: Oh! Uma coisa importante. Você tá vendo essa foto aí Sofia... Roberta... Vocês conseguem falar algum aprendizado que vocês tiveram aí nesse momento?

Sofia: Hummm...

Educador Eiri: Olhando pra ela você consegue lembrar?

Sofia: Ah! Eu consigo, é por isso que eu fiquei de boca aberta, por causa do cachorro.

Educador Eiri: Hã... Mas vocês estão de qualquer lado da rua?

Roberta: Não!

Sofia: Acho que não.

Educador Eiri: Vocês estão de que lado da rua?

Robinho: Esquerdo

Raiane: Direito!

Educador Eiri: Olhando de frente é o lado direito, que é o lado dos veículos para andar nessa mão. Então mesmo de bicicleta deve se andar do mesmo lado que os carros, nunca na contramão e isso a gente tem tentado ensinar vocês lá.

Clayton: (passando diversas fotos do passeio nas ruas) pode perceber em todas as fotos ó, sempre do mesmo....

Roberta: Lado!

Clayton: ...lado e os coletes sempre chamando a atenção. (Mudamos a foto) Você lembram desse espaço aí?

Sofia e Roberta: Ãh hã (respondem afirmativamente com a cabeça)

Clayton: Vocês lembram o que dava para ver daí? Que a gente ficava esperando passar? (silêncio). Lembram do trem que sempre passava buzinando lá no canto da USP?

Sofia: Ah!

Clayton: Não sei se vocês lembram disso.

(mudamos a foto)

Roberta: Olha aquela estradinha de terra!

Clayton: É aquela estradinha de terra que a gente chegava até a estradinha de Ibaté ali...

Educador Eiri: Lá ao fundo é professor Da Lua, ele que é o coordenador do projeto, o projeto atende nós aqui, que mora no Jardim Gonzaga ou que trabalha aqui, desde 2002 e só em 2012 que ele teve que sair do bairro junto com a troca política e com problemas da UFSCar mesmo, não só a troca de prefeito, mas nosso retorno para o bairro ou continuidade é orientado pelo professor Da Lua. Ele tem grande estima pela população daqui e dentro do possível ele sempre tenta contribuir. É ele quem tá inclusive pedalando com a turminha, é o carecão.

Clayton: E nesses dias sempre ia um pouco mais de educadores para poder sair o número suficiente de educadores e ficar número de educadores suficiente também com as crianças dentro do projeto.

Sofia: Ia um na frente, um no meio e um atrás.

Clayton: É isso aí.

(mudamos a foto)

Sofia: Eu tava atrás do professor, não saía de trás do professor... Era o outro professor era o....

Roberta: Inácio

Sofia: Não! O que ficava na frente, eu esqueci o nome dele....

Clayton: Eu.

Educador Eiri: Pode ser o Max quando ele ajudava.

Sofia: Não, não é ele era outro.

Clayton: Tinha o Flávio, ele sempre ia só que não apareceu nas fotos.

Sofia: Ah! Era ele (23C).

(silêncio)

Educador Eiri: E se a turminha que participou, a Sofia, a Lupita, a Roberta, a Raiane ou o Robinho fosse falar assim para um amigo ou amiga sobre isso do projeto, o que vocês fariam sobre a bicicleta no projeto? Se você fosse contar para alguém o que você contaria?

Robinho: Do passeio...

Educador Eiri: Você contaria do passeio? O que você falaria do passeio para esse seu amigo?

Robinho: (Diz algo bem baixo que não foi possível ouvir)

Educador Eiri: Como?

Robinho: (encolhe-se na cadeira)

Educador Eiri: Não quer falar?

Robinho: (Responde negativamente com a cabeça)

Educador Eiri: Tudo bem então.

Sofia: Eu ia falar que a gente andava lá dentro.

Educador Eiri: Dentro do clube?

Sofia: Dentro lá.

Educador Eiri: É isso que você ia contar para seu amigo ou sua amiga?

Sofia: ...e isso do passeio que a gente fazia fora. (24C)

Educador Eiri: E a Raiane? A gente ouviu pouco você Raiane.

Raiane: Eu não quero falar.

Educador Eiri: Não? Então tudo bem.

Clayton: então eu gostaria de agradecer todos vocês por estarem aqui, saírem de suas casas e terem esse tempo dedicado para gente. Muito obrigado, tá! Fiquei bastante feliz em poder conversar com vocês e dizer que eu aprendi bastante coisas com vocês lá, aprendi a fazer essas atividades junto com vocês, eu também estava começando a fazer esse tipo de coisa, sair com as bicicletas, fazer essas brincadeiras, tudo isso podendo estar com vocês brincando lá, e foi muito divertido pra mim, tanto as brincadeiras que a gente fez lá, porque eu também andava de bicicleta com eles, e os passeios também. Eu sempre me diverti bastante nos passeios. Gostei muito de participar com vocês lá e também de estar com vocês hoje e poder conversar com vocês um pouco. Muito obrigado (25C).

Educador Eiri: Eu também vou agradecer... É muito curioso. Nós fomos de casa em casa chamando, não teve uma casa que a pessoa falou não, não quero ajudar. Saber que vocês do Gonzaga é um público muito receptivo, dedicado, carinhoso. Eu sou muito grato por ter trabalhado aqui com vocês e...boa semana pra gente. E a medida que vocês se sentirem à vontade podem falando pra gente: olha, lá no projeto pode melhorar assim, desse jeito, daquele e na medida do possível a gente vai ajudar, tanto a educar a turminha, quanto a gente se educar também, enquanto uma comunidade, tá bom? Obrigado (26B).

Raiane: Eu vou de terça de manhã e de tarde.

Educador Eiri: Você não pode ir de manhã e de tarde por causa dos lugares na van, você tem que ir no horário contrário à escola.

Raiane: Então eu vou na terça a tarde.

Educador Eiri: Você sabe que na terça não tem bicicleta, né?

Raiane: Ah... (desapontada)

Mãe de Raiane: (risos)

Clayton: Pode ser que no próximo semestre isso mude, mas por enquanto está assim (27A).

**Apêndice 4- Roda de Conversa II: Participantes e mães dos bairros Santa Felícia,
Cidade Aracy e Antenor Garcia.**

Clayton: Essas fotos estão aqui, pois a ideia é partilhar um pouco, com quem não esteve aqui, as coisas que foram feitas, embora a mãe de Cristiano Ronaldo morando aqui no clube viu bastante dessas atividades, para conversar com vocês sobre essas atividades (1C).

Clayton: (Exibindo a primeira foto) Então, normalmente o projeto começa com uma roda Inicial, onde a gente discute as coisas... Acontecimentos da semana, as atividades que a gente vai fazer e organiza as atividades daquele dia. Essa é uma foto da roda inicial, esse é o pessoal da manhã. (Mudando a foto) Esse é o pessoal da tarde.

Clayton: Depois a gente faz outras atividades que às quintas feiras eram uma brincadeira de integração, a capoeira e a bicicleta. A atividade de Integração é decidida pelo grupo, a capoeira era uma atividade fixa assim como a bicicleta, mas isso no outro ano. Esse ano são fixas as atividades de música e bicicleta.

Clayton: Durante as atividades com bicicletas teve diversas brincadeiras que a gente fez dentro do clube, nesse espaço fechado. (Exibindo fotos de participantes colocando os capacetes) São algumas fotos mais antigas e outras mais recentes. (Exibindo foto de participantes aprendendo a andar de bicicleta) Aqui é o pessoal aprendendo a andar de bicicleta, começando a andar de bicicleta. (Apresentando outras fotos) Tivemos obstáculos... Circuitos... Alguns jogos... Rampa... (Exibindo a foto de um menino saltando a rampa onde não é possível ver o rosto) Sabem quem é nessa foto aí?

Mãe de Frynkin e David Luiz: Frynkin!

Frynkin: (sorri aparentando gostar de ver seu salto na foto)

Clayton: (apontando na foto o espaço entre o solo e a roda traseira da bicicleta) Olha a roda!

Clayton: (apresentando outra foto) E aí tem os passeios que a gente faz fora do clube com as crianças maiores de nove anos. Aí um pessoal que participou aqui. (mostrando algumas fotos de passeios) Com coletes para visualização e tal... Vários educadores... Então normalmente a gente vai até o campus da USP que é próximo aqui... Lá tem menos carros e dá pra andar mais tranquilo. (Apresentando foto dos participantes comendo) Aqui é um lanchinho no caminho. (Mostrando fotos de participantes e educador remendando um Pneu) Acontecia de furar o pneu também... (mostrando os participantes em uma trilha de terra). Aqui é uma trilha que a gente pega aqui no caminho para ir para lá. (Mostrando outras fotos no campus da USP) Isso aqui já é La na USP... (Mostrando algumas fotos dos participantes percorrendo estrada de terra) Isso aqui já é passando a USP na estrada de terra que vai sentido Ibaté, (mostrando a foto de um participante passando uma rampa de terra) umas rampinhas pra gente se divertir no caminho. (Mostrando foto dos participantes em roda). Aí a gente finaliza o dia com uma reunião final pra falar como foi o dia e decidir a atividade com a qual a gente vai começar na semana seguinte. Nesse momento temos um lanche, normalmente, frutas, barra de cereal ou bolacha. (mostrando fotos dos participantes em comemoração) Essa aqui é a roda final do dia em que eu fui para o Chile, pois no ano passado eu vim até a metade do ano e depois viajei para continuar parte de meus estudos lá. Esse dia foi bem legal, então essa foi uma roda final também. (encerrando a apresentação de fotos) Aí eu trouxe um pouco dessas fotos para mostrar, compartilhar um pouco do que a gente faz aqui e.... Conversar um pouco sobre isso.

Clayton: O projeto, ele acontece há bastante tempo, antes ele acontecia lá no Jardim Gonzaga, mas foi a partir do momento que ele começou a ser desenvolvido aqui que entraram essas atividades com bicicleta. Por isso que eu, como um dos responsáveis pela organização e participando junto dessas atividades, e o interesse dessa pesquisa específica que eu estou organizando lá na UFSCar junto ao projeto é compreender como essas atividades foram para

as pessoas que participaram delas. Tanto para David Luiz, Frynkin, Lili, Fiorella e para os familiares que acompanharam isso de um outro... de um outro olhar. Por exemplo, eu não sei como é que isso chegou nas casas, como isso funcionou. Então a ideia dessa conversa aqui com vocês todos aqui juntos é poder entender como é que foi isso? E aí poderiam falar à vontade do que acharam interessante e achou que se relaciona com essas atividades assim...

Mãe de Lili: Bom, pra mim em casa, na realidade a Lili não sabia andar de bicicleta até então, por que... Uma que não tinha bicicleta em casa e também... quer dizer não tinha nem quem andasse com ela na rua, né? Ainda mais que minha rua é ladeira a baixo, o negócio é meio complicado. E aqui ela acabou aprendendo a andar de bicicleta. Eu não tinha a mínima preocupação porque eu sabia que ela ia estar toda equipada aqui, capacete e tal... então eu não tinha, por exemplo, questão de medo do que poderia acontecer, do contrário... se fosse na rua, por exemplo. Tanto é que eu nem incentivava ela e nem comprei uma bicicleta para ela porque tinha um pouco de medo e não tinha quem acompanhasse ela nessa aprendizagem, diferentemente daqui, né? Que aí teve quem estava ali o tempo inteiro com ela ensinando e tal... foi isso (2C).

Mãe de Maria Joaquina: Tem um jornal também que vocês fazem, né?

Clayton: Tem o jornal.

Mãe de Maria Joaquina: É muito interessante.

Clayton: A cada dois meses sai um jornal, na verdade um deve estar acabando agora e logo vai estar disponível.

Mãe de Maria Joaquina: É interessante para eles interagirem, né? Pensa, sair um jornalista daqui, né?

Mãe de Fiorella: Ah! A Fiorella, ela tá andando com rodinha... Assim, mas eu achei interessante o jeito que vocês ensinam. Tiram as rodinhas e tiram os pedal, né? Pra ensinar eles, assim... E ela tá aprendendo. E também tem o tempo da gente que trabalha fora, né? Que é corrido e ela está aprendendo bem aqui. E ela gosta hein! Ela adora vir aqui (2C).

Mãe de Frynkin e David Luiz: Bom, a dupla aqui... O que eu achei interessante foi o interesse deles, né? E ainda mais para andar de bicicleta, fora o instinto de menino que já gosta de pedalar, jogar bola... Mas, assim, o prazer de estar levantando cedo e estar vindo, principalmente, quando tem a pedalada na rua, né? Que eles saem... (3C). E eu vi assim, que o Frynkin, o interesse que ele teve em aprender a consertar. Eu achei até interessante que teve uma época que os meninos lá da rua batiam no portão em casa pra ele poder ir consertar a bicicleta dos meninos lá. Olha lá, que legal! Então assim, tá sendo assim bem proveitoso o que ele vem aprendendo também, essa curiosidade dele e ajudando a molecada lá da rua também. Achei muito legal, bem interessante.

Clayton: É isso aí Frynkin?

Frynkin: (responde positivamente gesticulando com a cabeça)

Clayton: Está desmontando todas as bicicletas da rua?

Frynkin e David Luiz: (riem bastante)

Mãe de Frynkin e David Luiz: É, só que a deles está num estado lastimável... Casa de ferreiro o espeto é de pau, porque a deles.... Eles arrumam as da rua. (risos) (4C).

Mãe de Cristiano Ronaldo: O Cristiano Ronaldo eu achei muito interessante porque, na verdade, eu sempre tive medo de bicicleta e aqui ele desenvolveu que eu tive até que comprar uma bicicleta, né? Na verdade (risos das pessoas participantes da roda). Porque o medo da bicicleta é demais, né? Eles aprendem muita coisa... Aí eu falei assim: vou comprar. Tive que comprar e desenvolveu aí também porque ele não andava (5C).

Clayton: Mas ele já sabia andar.

Mãe de Cristiano Ronaldo: Sabia andar.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: O Rodrigo, quando ele aprendia uma coisa aqui, ele chegava em casa e ensinava para o meu pequenininho que você conheceu. Ele chegava e fazia... num sei... Peteca, né? Ele chegou lá fez um monte de peteca (6C). Já o Júlio César ele é meio tranquilão, ele vem mais também pra andar de bicicleta porque ele gosta. Até que quando quebrou a bicicleta dele e eu não arrumei mais, fiquei meio com medo (risos). Aí ele falou então eu vou no projeto andar de bicicleta! Aí eu não arrumei mais a bicicleta. E aí como que mudou o horário dos dois, um estuda a tarde e outro de manhã, aí ficou diferente então, agora tem que mandar o Rodrigo de tarde e o Júlio César de manhã (7C).

Clayton: Com horário diferente?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Com horário diferente.

Clayton: Quer falar alguma coisa Lili?

Lili: (gesticula negativamente com a cabeça).

Clayton: Quer falar alguma Frynkin? (gesticula negativamente com a cabeça). ...David Luiz? (gesticula negativamente com a cabeça)... Fiorella? (gesticula negativamente com a cabeça).

Clayton: E como é que foi para vocês essa questão dos passeios externos? Receber esse bilhete avisando das saídas foi tranquilo?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Iche! Eu acho que nessa parte aí é bom, né? Porque aí a gente sabe que está nas mãos das pessoas certas, né? Porque tem o projeto mesmo que tem lá na escola, não sei se você ouviu falar no Mais Educação.

Clayton: Já.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Eu trabalhei um ano lá neles e eu nunca vi eles mandar cartinha assim pra... pros pais assinar sabe. Só manda é... A criança sai de casa sozinha... Tem mãe que manda sozinha sabe... pra escola e eles não mandam pra assinar nada quando vai para passeio. Eu achei interessante. Igual pra pegar a van aquele dia vocês falaram tem que assinar o papel. Até meu marido falou assim, olha assim você sabe que eles estão indo com as pessoas certas. Dá tranquilidade pra gente em casa, que a van passa em frente de casa. (8C).

Clayton: Sim, mas e deles saído de bicicleta com a gente, porque a gente andou pelas ruas aqui, foi para USP e nós ficávamos preocupados como é que isso ia chegar, porque é uma grande responsabilidade, porque por mais que a gente escolhesse o caminho mais tranquilo e com menos veículos, era uma preocupação, então a gente mandava os bilhetes todos os passeios justamente para o pai e a mãe estarem cientes. E aí por isso que eu estou perguntando como é que... Se ficou preocupado, com medo, se ficou tranquilo ao receber isso?

Mãe de Frynkin e David Luiz: É eu acho que só por a gente estar ciente, vou falar por mim, só por eu estar ciente que tem uma equipe, né? Os educadores que estão indo junto vão estar cuidando, então pra mim eu fiquei bem tranquila.

Mãe de Rodrigo e Júlio César, Mãe de Lili, Mãe de Maria Joaquina e Mãe de Cristiano Ronaldo: Pra mim também!

Clayton: É bom sabem que... (9C).

Mãe de Rodrigo e Júlio César: É bom que incentiva mais, né? Incentiva eles a participar mais da bicicleta assim... Eles fica tudo dentro de casa ou jogando pipa na rua e esquece a bicicleta do lado... Eles não anda de bicicleta... Então eu acho assim, como tem dia que vocês vão lá fazer essa volta de bicicleta, o Júlio César sempre fala pra mim: Mãe, tal dia vai ter a bicicleta você assinou o papel? Eu falei assinei!

Mãe de Maria Joaquina: A Maria Joaquina também! (10C)

Mãe de Frynkin e David Luiz: Eu acho interessante essa ideia também de estar tirando uma semana antes, né? O que vai fazer na próxima, porque aí eles naquela expectativa, né? Atrai,

né? Atrai eles, não fica esperando chegar aqui pra saber o que vai acontecer, eles já ficam ainda mais empolgados pra vim (11A).

Mãe de Lili: E a questão da bicicleta também teve até uma questão das medidas e os tamanhos da bicicleta apropriada, né? (12A) As bicicletas vieram com problema antes então teve que retomar e modificar todas as bicicletas. E a questão da segurança, né? Era tipo, vai andar de bicicleta, mas vai todo mundo de capacete, todo mundo uniformizado. Então acho que é isso que dava essa tranquilidade também. Você entendeu? E a questão de sair pros lugares fora é... essa segurança de ter essa certeza de ter pessoas responsáveis cuidando, né? Olhando...E que ia procurar talvez o local melhor possível para que eles passassem e tal... Ainda mais no caso a Lili que nem sabia andar, aí eu nunca tive a mínima preocupação. Até se também levasse um tombinho também, tipo, seria meio que normal também, né? Porque não tem como (13C).

Lili: Eu acho que também que... ajudou a dividir também, porque tem vezes que vem mais gente e tem menos bicicletas e vocês falam assim: Vai lá, você vai dividir com essa tal pessoa, você dá uma volta e você troca com ela. Acho que isso também ajudou.

Clayton: O revezamento das bicicletas?

Lili: É.

Clayton: Bacana.

Mãe de Lili: Aprender a dividir né?

Lili: É. (14B)

Clayton: E pensando nisso de aprender, e... Levando em conta as atividades com bicicleta como é o foco, o que será que nessas experiências deu pra... Que nem, você pensou em uma coisa relacionada a bicicleta que a gente, a princípio, não imaginaria. O que mais foi possível aprender ou ensinar com a bicicleta como... Como elemento... Com as atividades com bicicleta o que mais é possível aprender e ensinar? (silêncio). Que nem você comentou que o Frynkin aprendeu a consertar a bicicleta a Lili comentou que foi possível aprender a dividir por conta de a gente revezar as bicicletas e tal...

Lili: A gente pode ensinar outras a tentar andar de bicicleta, tipo, usar o jeito que vocês usaram para a gente aprender a andar, com outras pessoas que não vêm para o projeto pra ver que elas também conseguem (15C).

Mãe de Lili: E a questão também acho que da bicicleta também é... até de repente incentivar... devido aquilo que já até tinha comentado outro dia, né? Que as vezes cada... é... cada vez mais as pessoas fazendo o uso das bicicletas é menos poluição, vamos dizer assim, imagina que é menos gás carbônico solto aí na camada de ozônio aí e tal. Isso também é um pouco do reflexo, essa segura que a gente vê no tempo, tudo faz parte do quê? De repente de não ter uma cultura de, por exemplo, usar mais a bicicleta como meio de transporte. Até por que também às vezes as próprias cidades não foram apropriadas nem feitas pra esse tipo de transporte, né? Por exemplo, a bicicleta. E talvez agora com esse pensamento de voltar mais... De se fazer mais ciclovias, por exemplo, né? É daqui do Santa Felícia, por exemplo, se você tivesse uma até lá no... Nos bairros mais distantes alguma coisa pra ligar assim, de repente era incentivo. E de repente partindo das crianças, quem sabe, as vezes já eles vem com uma outra mentalidade pro futuro. Também acho que já é um pensamento pro futuro essa questão do uso da bicicleta, né? Porque... Segundo dizem, né? Os pesquisadores. A camada de ozônio tá lá cheia de buracos que tá uma beleza. E o reflexo a gente vê essa segura. E de onde vem tudo isso também né? Quanto que a gente participa nessa questão ambiental também (16C).

Mãe de Maria Joaquina: E o comportamento que eles vão tendo andando de bicicleta no trânsito, né? Serviria como uma lição de tem que se comportar, né? (17C).

Mãe de Lili: E uma coisa de repente, talvez é que nem mais ou menos o senhor que e quando plantou essas árvores aqui, que ele estava quando plantou, acho que mais de trinta anos atrás, de repente você esta vendo agora, talvez o resultado futuro não é talvez tão imediato, tão já. Eu espero que eles continuem, né? Cultivando a vontade de continuar andando de bicicleta cada vez mais (18C).

(Silêncio)

Clayton: Agora um último ponto que eu vou colocar, mas quem quiser falar outras coisas, além disso, também fique à vontade, esses foram pontos que apareceram em algum momento ou nos diários ou em outras conversas. É pensando nessas atividades é... coisas que são possíveis de modificar tanto para melhorar ou que pode ser acrescentado ou feito de modo diferente do que vocês perceberam, pelo que vocês perceberam, ou algo que gostou e que acha que deve ser mantido... Pensando na manutenção do projeto, mas mantê-lo de uma maneira melhor possível, então gostaria de sugestões do que fazer. Quem participou: Lili, David Luiz, Frynkin, Fiorella. Pensando Oh! Se tem um amigo que você vai chamar pro projeto como é que você contaria que tem isso? O que você acha que teria que ter pra ser mais legal ainda? Pra ser mais divertido e também pra aprender as coisas?

(Silêncio)

Mãe de Frynkin e David Luiz: Como que vocês convidaram os amigos da rua? O que vocês falaram pra eles?

Frynkin: A gente falou assim, que o projeto é muito legal, que eles iriam aprender muitas brincadeiras novas e....

Clayton: O que você disse nessa última parte?

Frynkin: Que eles iam adorar.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: (Apontando para o David Luiz) Acho que foi você né que chamou o Rodrigo.

Clayton: Chamou o Rodrigo?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: O Rodrigo e o Júlio César.

Clayton: Foi o David Luiz?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: É. Aí os dois acho que estava juntos e eles já começaram: Mãe, terça-feira eu vou no projeto. Aí eles começaram vir (19C).

Lili: Eu percebi também que a gente não brinca, tipo, por brincar. Quando a gente brinca a gente também tá aprendendo, (20A) tipo, eu... eu... quando eu cheguei aqui no projeto eu vi brincadeiras que eu nunca tinha visto e que vieram de outros países, tipo, da África e que eu gostei, tipo, My God, que também tem que ter habilidade.

(Silêncio)

Mãe de Frynkin e David Luiz: Brincadeiras simples, mas como Lili falou vem resgatar, né? Lá de trás, né? Muitas que nós tínhamos e brincávamos e hoje a gente já não vê mais, né? E pra eles é novidade. A gente vê assim, que é muito rico, é muito bom. Infelizmente hoje tem muitas brincadeiras maliciosas que não é legal e eles vêm aprendendo um pouco disso e vêm passar, né? Vem passar pra molecadinha aí (21C).

(Silêncio)

Mãe de Lili: Você sabe que eu tava falando sobre isso, assim, é uma pena que na maioria das vezes ah... Saindo do âmbito da bicicleta, né? Vou falar do projeto em geral. A gente... Pelo menos a gente acredita que o social dê jeito nas coisas, né? Mas infelizmente é... Não é tão divulgado, não é tão... Essa questão dos projetos sociais, por exemplo, né? Não sei se também se por uma questão da mídia, da televisão que às vezes acaba tirando as crianças também de vim aprender um pouco mais desse... Desse relacionamento humano também que são... Que é

bem trabalhado aqui com vocês do projeto, é... E aí a gente não sabe se, de repente, quem... O que é que peca também, né? Se é o projeto em si, se é a questão da divulgação, se as famílias também as vezes não... Num... Não se interage muito, não dê muita importância pra isso, entendeu? Não cultiva. Às vezes as crianças vêm e, de repente, para de vir, a gente, né? Não sabe de repente o que acontece. E que também é um desafio pra educadores nesse campo da questão social, né? Porque você debater com celular, com a televisão, com joguinhos lá, entendeu? São verdadeiros, assim, heróis que lidam com esse tipo de situação, porque a diversidade é muito grande e a questão de... De... Como posso falar?... De alternativas pra eles fora isso daí é... É enorme, assim, se entendeu? Então é... Se a gente tivesse, de repente, mais visibilidade e tal... E às vezes recursos, também mais condições de que tivesse muito mais projetos sociais. Eu pude acompanhar alguns, indo lá pra São Paulo, e tem vários lá que eles lidam às vezes com projetos com crianças em situação de muito perigo mesmo, assim, se entendeu? E que a gente vê que dali é como se arrancasse leite de pedra mesmo, porque você vê a situação e a capacidade, né? Que se tem uma oportunidade eles são capazes de... De fazer, né? (22C) Mas infelizmente, inclusive aqui na cidade mesmo, acho que muita gente sabe que teve muito projeto social da cidade que acabou finalizando as atividades e a própria sociedade também tem hora que não acredita muito, né? Porque reclama, que nem, teve alguns que reclamaram no clube, porque as crianças estavam na piscina, porque as crianças estavam utilizando o campo, porque as crianças... Mas aí a pessoa nunca olha pra frente, só olha a questão do seu mundinho aqui, né? E aí essas crianças... Por exemplo, agora tá todo mundo de férias. Tudo bem, tem as famílias presentes, ainda vá lá, e quem não tem? Aí muita das vezes as crianças estão na rua, mas aí a pessoa não olha com essa visão de mundo, só vê o seu mundinho ali, o seu umbigo ali: Eu estando bem, tá tudo bem. E não olha que, de repente, essas crianças tendo a oportunidade de tá aqui, por exemplo, ficava esse espaço quase que vazio, não é mesmo? Você que mora aqui pode dizer, né? E agora as crianças vêm aí e ocupam e... E como o presidente do clube fala, é como se fosse um crime essas crianças aqui em volta vendo todo esse espaço e não poder, muitas vezes, aproveitar. Pena que a sociedade não prega isso, não acredita no social (23B).

Mãe de Maria Joaquina: E são tantas crianças, né? Que estão fora de projeto, né? A gente coloca o Japão, entre o Japão e Brasil você não vê uma criança na rua no Japão, se não tem como ver e são tantas crianças que ficam na rua no Brasil. Se tivesse mais projeto do que na rua.

Lili: Teve um dia que... É... Eu também vou sair um pouquinho do assunto é... Teve um dia que minha professora de português ela tava falando, assim: qual é a diferença das crianças dos Estados Unidos para as crianças aqui do Brasil? Que ela falou assim que as crianças dos Estados Unidos elas são crianças, que a maioria que se vê ali, crianças elas estão, tipo, andando na rua, mexendo com coisa errada. E aí no projeto também ele pega essas crianças da rua e ensina a... É... Também com a questão da raça, né? Que vocês tão ensinando coisas da África, é... A cultura indígena... Isso (24C).

Mãe de Lili: Ajuda a vencer o preconceito, acho que é isso mais ou menos o que você quer dizer, né? O resgate da origem, né?

Clayton: Entendi.

Lili: Pode acontecer racismo com todo mundo, né? Não só comigo ou com o indígena, também com os brancos. Tem que aprender a respeitar.

Clayton: Todo mundo. Legal.

(Silêncio)

Clayton: Alguém gostaria de falar mais alguma coisa?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Eu acho que também o projeto... Tudo bem que é de terça e quinta, né? Mas nessa terça e quinta as crianças não tá na rua, né? Eles estão aqui é...

Aprendendo, né? E chega em casa ele vai ensinar para outra criança que a mãe talvez não deixa vim ou, né? Não tem aquelas condições e fala eu não vou mandar porque pensa que tem pessoas que... Que... Igual, tem uma mulher na rua que ela acha que ninguém vai cuidar, então, acho assim, se a pessoa não tive cora... Assim, respeito e falar assim ó: Vou mandar meu filho. Igual, vocês manda pra assinar pra passeio, pra vim até, né? Eu acho interessante, você sabe que a crianças chega ela tá bem cuidada porque tem já uma pessoa dentro da van, né? Olhando as crianças dentro da van de lá até aqui. Chega aqui tem vocês pra olhar... Agora, tem mãe que prefere o filho na rua lá do que num projeto. Eu conheço bastante mãe assim viu? Trabalhei um ano no CAIC lá e o projeto do CAIC mesmo não tem mais. A prefeitura cortou. Agora, tem um monte de criança que eu conheço que eu acho na rua, fica o dia inteiro na festa na rua, e a mãe?... Nada! (25C).

Clayton: Mas você falou que o que eles ensinam pras outras crianças? Uma criança que veio aqui ensina pra outra que não veio?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: É. O meu... O Rodrigo mesmo, nós vai na chácara. Tem duas sobrinhas lá e não tem condições de vim no projeto e ele vai lá e ensina elas. A brincadeira que ele faz aqui, ele faz lá na chácara. (26C).

Mãe de Lili: Como você chama mesmo?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: (fala seu nome).

Mãe de Lili: (Fala o nome da Mãe de Rodrigo e Júlio César e continua) Eu acho que a gente mora tudo na mesma rua, né?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: É... (Risos).

Mãe de Lili: Se você conhece essas pessoas, até porque eu tô na condição de diretora desse projeto também e aí se tiver condições de reunir essas pessoas, se quiser um dia reunir pra gente falar, mostrar slide e tal. Apresentar o projeto pra elas, de repente também talvez porque elas não conheçam, porque os mas conhecidos é o Salesianos, é o da USP, né?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: É! Isso que ia falar pra você.

Mãe de Lili: E talvez por não conhecer, mas se tivesse essa oportunidade de conhecer. Se as pessoas quiser que a gente vai até lá e conversa com elas também não tem problema nenhum. Que é melhor que as crianças venham, se tiver 200 é complicado, é cheio né Clayton? Mas é melhor que é... que tenha.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Mas ó, eu tenho amigas...

Clayton: Mas por enquanto ainda tem vagas.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Ali na rua mesmo, assim pra baixo ali, pra baixo de casa ali tem bastante criança que eu conheço que tava num projeto e saíram porque o projeto acabou, né? Não existe mais. Aí se elas quisessem ir e se interessar eu converso com elas. Sempre eu vejo você passando lá na rua de casa e se elas se interessar eu já falo pra você.

Mãe de Lili: É eu moro ali quase em frente à casa do cabelereiro, quase em frente ali eu moro. Então se quiser um dia essas pessoas...

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Eu falo.

Mãe de Lili: A gente pode levar ficha, imprime as fichas a gente leva se quiserem. Eu falei outro dia para uma pessoa no ônibus. Ela falou: Aí eu não sei de nenhum projeto e tal. Aí eu ia comentar, mas você falando dentro do ônibus a pessoa fala: Ah! Quem é essa pessoa e tal, né? Não sabe direito. Não sabe se é verdade ou não, né? E até pelo próprio nome da UFSCar por trás já é uma, vamos dizer assim...

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Já é uma referência boa.

Mãe de Lili: ...Já é uma referencia, né? Já acho que é mais tranquilo. Mas aí se puder a gente leva, apresenta...

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Eu também posso comentar com as minhas amigas lá do CAIC.

Mãe de Lili: É, então a gente pode marcar um dia lá.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Agora que tão falando que começou, mas tem muita pouca pessoa, muita pouca criança porque agora exige um tanto de tamanho, sabe? Até a terceira série. Da terceira série eles não pegam mais. Então tem criança que tem mãe que acreditava que vai deixar o filho dia inteiro na escola. Então eles cortou a... Não tem o recurso que eles ganhava antes.

Mãe de Lili: A gente tem material, pega o Datashow emprestado lá na sede lá. A gente leva até pra mostrar alguns slides. Se algum dos meninos pudesse participar também?

Clayton: É só combinar o dia e o horário...

Mãe de Frynkin e David Luiz: Junta lá em uma das casas. Minha casa está de portas abertas se quiserem fazer lá.

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Aí eu converso com elas lá e passo (27C).

Mãe de Fiorella: Nas férias eles podem vir de manhã e à tarde no projeto?

Clayton: Então, o único problema, por exemplo... Pra Fiorella sim, mas...

Mãe de Fiorella: Porque ela tá doidinha pra vir, mas eu num sei se posso mandar.

Clayton: ...Mas quem mora lá no Gonzaga ou Cidade Aracy que dependem da van, depende de ter lugar na van. Por exemplo, o David Luiz e o Frynkin se eles quiserem vir à tarde, a van que tá vindo à tarde já está vindo lotada, inclusive o educador veio essa semana sem lugar. Veio sentado no assoalho da van, irregularmente, mas foi o educador. Então não dá pra criança de lá vir nos dois períodos. Na verdade dá pra quem tá vindo à tarde vir de manhã, porque de manhã tem menos crianças que vêm de lá. Então que é da tarde, por exemplo, a Maria Joaquina que vem à tarde, se ela quiser vir de manhã é possível, agora o David Luiz e Frynkin não tem como vir porque não vai caber na van. Agora, quem mora aqui pode vir de manhã e à tarde.

Mãe de Fiorella: Ela queria vir, mas eu falei pra ela: Eu não sei se pode!

Clayton: O que acontece é que pode repetir algumas atividades.

Mãe de Fiorella: Mas ela gosta.

Clayton: Então, se gosta... Pronto!

Mãe de Lili: Então, eu não sei se vocês que estão aqui sabem mais ou menos... É meio que um casamento, né Clayton? Que foi uma parceria, porque já tinha o projeto VADL lá, né?

Clayton: Sim.

Mãe de Lili: Lá da UFSCar. E aí surgiu, com a Copa do Mundo vindo aqui pro Brasil, teve uma instituição na Alemanha que ia disponibilizar uma verba para as instituições do país onde ia sediar a Copa. Aí de última hora a gente tentou montar um projeto, né? Com a parceria da UFSCar, com auxílio do pessoal da UFSCar, montar um projeto, porque precisava estar todo desenhado o corpo desse projeto pra esse recurso vir pra essa associação que faz pouco tempo que ela foi criada. Então esse recurso na realidade, é do TDH que vem, são os trabalhadores da Volkswagen da Alemanha que fazem a doação, acho que de uma hora de trabalho deles, que aí esse recurso vem para o projeto. Só que aí é bem rigoroso, porque os alemães lá eles praticamente é um país pequeno, num tem quase criança, né? E é um país rico, vamos dizer assim. Então os trabalhadores de lá... a verba que vem aqui pro projeto aqui é dos trabalhadores da Volks da Alemanha. Que as vezes sempre vai aparecer Volkswagen, Volkswagen, mas a verba é dos trabalhadores. Aqui tem também na Volkswagen aqui de São Carlos é o “Uma Hora pro Futuro” só que essa verba vai pra um outro projeto aqui da cidade, a ACORDE, né? Que aí os trabalhadores doam do ano e aí arrecada esse dinheiro e vai pra lá.

E aí houve a parceria com a UFSCar, então os educadores têm a FAI lá, instituição da UFSCar que pega esses estagiários, então tem estagiários da Educação Física, da Biblioteconomia, da...

Clayton: ...da Música, da Pedagogia.

Mãe de Lili: Então esse recurso do projeto como no dia que a gente foi lá pra São Bernardo, acho que seus meninos acabou não indo né? (Referindo-se a Mãe de Rodrigo e Júlio César). Que foi a finalização do projeto lá, só que aí passou a Copa do Mundo e eles pegam esse recurso e ficam, às vezes, algumas organizações recebendo, por acaso, a ADSEM é uma das que tá recebendo ainda. Diminui a quantidade de entidades que estão recebendo esse recurso, mas a ADSEM é uma das que tá recebendo ainda. Aí você tem que mandar relatório pra lá. De vez em quando a gente envia pros meninos aqui da UFSCar preencher tudo direitinho. É tudo formalizado, se entendeu? Tudo que acontece, porque os alemães são bem rigorosos.

Clayton: Pra manter essa verba vindo. Porque qualquer irregularidade eles cortam esse recurso. E é o que paga a maioria dos bolsistas aqui. Tem bolsistas que são pagos por esse recurso, tem alguns voluntários que é o meu caso, da Hilana, do Danilo que quando atuou aqui foi voluntário também. O Gorpo agora tá de voluntário também. E alguns são pagos pela UFSCar e por esse recurso.

Mãe de Lili: E ainda tem que às vezes tentar angariar fundos, né? Algum evento que às vezes tenta fazer pra... Pra conseguir verbas pra que tenha pelo menos, vamos dizer assim, mantido o lanche das crianças, a van pra trazê-las até aqui. Antes tinha... Teve um tempo que teve um ônibus e tal. Mas é mais ou menos assim, inclusive, não sei se vocês fazem ou tem rede social? Tem a página da ADESM lá, quem quiser entrar lá tem a página da ADESM lá. Pode acompanhar também, às vezes é compartilhado tudo que acontece, inclusive a ADESM é a associação e tem dois projetos, o Mais que Futebol, com os meninos da UFSCar, e tem o futebol (28C). Agora em maio foram doze crianças do futebol que foram pra França num torneio que aconteceu lá. Aí foi a Volkswagen bancando tudo, né? A estadia deles lá, aí eles foram pra lá, pra França.

(Silêncio)

Clayton: Alguém gostaria de comentar mais alguma coisa?

(Silêncio)

Clayton: Não? Lili?

Lili: (gesticula negativamente com a cabeça).

Clayton: É que você tá com uma cara de quem quer falar. (risos).

Clayton: Eu queria agradecer então a presença de todo mundo, por terem saído de casa num final de semana chuvoso igual esse, com esse friozinho, né?

Mãe de Rodrigo e Júlio César: Ninguém imaginava que ia fazer esse tempo. (risos). Nossa eu adoro calor, mas frio não é comigo não!

Clayton: Agradeço vocês terem disponibilizado esse tempo de vocês aqui pra conversar um pouco sobre o projeto. Acho que foi importante a gente escutar essas coisas, tanto pro meu estudo vai ser importante, quanto para repassar isso para o pessoal da organização do projeto pra repensar algumas coisas, avaliar as ações que têm sido feitas. É... Gostaria de dizer que eu também aprendi muito com essas crianças na verdade, né? David Luiz, Frynkin, Fiorella, Lili. Aprendi muita coisa. Eu aprendi ensinar a andar de bicicleta aqui, ensinando eles, ajudando eles. Aprendi a ensinar mecânica com eles aqui porque são coisas que eu sabia fazer pra mim, mas trabalhar com isso, fazer esses conteúdos essas coisas passarem pra outras pessoas também é uma coisa que se aprende fazendo, e eu pude aprender fazendo junto com essas pessoas todas, com essas crianças todas e tal. Fiquei bastante contente do contato com vocês, de conversar, ir nas casas conversar com os pais que eu fui, isso foi importante pra gente

também ter um contato mais próximo, porque muitas vezes a gente fica aqui, mas pouco tempo tem pra conversar. Bom... Pra mim foi um prazer também bastante grande poder trabalhar com vocês e estar aqui hoje (29C).

Mãe de Lili: E eu não sei as outras, as mães que não tá aqui. Mas acaba que a gente conhecendo os educadores através deles, né? Eles chegam e falam: É educador tal. Às vezes você não sabe nem quem que é, mas aí eles falam, né?

Algumas outras Mães presentes: É! (risos).

Mãe de Lili: Aí foi o educador tal! Foi o Clayton! Foi o Eiri! Foi não sei quem! Foi o Helder! Foi não sei quem! ... A Abayomi! Tem vários, teve vários. E aí a gente sabia todo mundo, quem era todo mundo porque eles falam em casa e tal. Mas e aí eu acho que, de repente, vocês não têm talvez tanta noção do quanto, às vezes, a importância que vocês têm na passagem da vida dessas crianças assim, né?

Mãe de Fiorella: As coisas que aprende, né? Ela chega em casa cantando as músicas que ela aprende aqui.

Mãe de Lili: É, então!

Mãe de Fiorella: Os brinquedinhos, né? Aqueles é... É chocalho que fala? E fica batendo, é muito interessante! A gente é que agradece vocês.

Clayton: Não, imagine! (30C)

Mãe de Lili: E é verdade. E essa questão da cultura indígena e africana e tal, que as vezes tem hora que não é tão disseminado na escola normal, assim, e aí ela chega em casa e fala da boneca bayomi, como é que é?

Clayton: Abayomi.

Mãe de Lili: Abayomi! É exatamente! E umas brincadeiras que às vezes a gente via aqui eles brincando e falava: gente, mais que brincadeira é essa? E tal... Mas é muito bacana mesmo até pra gente aprender também.

Clayton: Legal! Obrigado novamente, foi muito bacana. Agora a gente tem que comer tudo isso aqui antes de ir embora. (risos). Ninguém pode sair daqui enquanto não acabar. (risos).

Mãe de Lili: Eu acho que já comi umas três vezes (risos).

Clayton: É brincadeira, mas vamos comer mais um pouquinho só pelo menos. (risos), mais um cafezinho, mais um lanchinho...

(Logo após desligar o gravador ocorrem os seguintes comentários)

Mãe de Frynkin e David Luiz: (revendo a foto de Frynkin pulando comentou com ele) É por isso que você fica pulando a sarjeta lá perto de casa? (Frynkin rindo responde positivamente com a cabeça). (31A)

Lili: Ah! Eu também lembro que como faz pra ver quando o pneu tá furado, que tem que por na água e tal. (32A)

Clayton: Legal Lili! Quer falar mais alguma coisa?

Lili: Não!

Apêndice 5 – Glossário de Jogos e Brincadeiras

Garrafas no Pneu

Materiais necessários: Bicicleta, capacete e garrafas ou potes plásticos flexíveis.

Espaço: Suficiente para deslocar-se com a bicicleta.

Essa brincadeira foi apresentada pelas crianças e adolescentes, consiste em fixar, entre um dos pneus e o quadro da bicicleta, fragmentos plásticos como copos descartáveis, potes de margarina ou garrafas plásticas amassadas para que faça barulho devido ao atrito ocasionado no pneu, o ruído varia conforme a velocidade de deslocamento e por isso essa atividade motivou bastante os/as participantes. Existem variações possíveis com fixação de cartões plásticos na parte traseira do quadro de modo a que toque nos raios da roda traseira da bicicleta conforme esta gira, porém essa fixação exige maior elaboração e não foi utilizada pelas crianças e adolescentes, mas certamente pode ser proposta por educadores/as ou outras pessoas que se interessem. Essa brincadeira estimula a criatividade, o uso de materiais reutilizáveis e motiva a prática de outros jogos, como disputas de corridas e Polícia e Ladrão em bicicleta, por exemplo, pois os/as participantes se divertiam bastante com o som da bicicleta em movimento.



Fonte: Acervo do VADL

Transportar na pedaleira

Materiais necessários: Bicicleta com pedaleira, capacetes.

Espaço: Suficiente para deslocar-se com a bicicleta.

Também promovida pelas crianças e adolescentes graças à presença de uma bicicleta *cross* que possuía pedaleiras para realização de manobras fixadas no eixo traseiro, uma de cada lado da bicicleta, isso permitia uma pessoa transportar outra na bicicleta. Aquela que era transportada ficava de pé nas pedaleiras, com um pé em cada pedaleira e apoiando as mãos no ombro da pessoa que conduzia a bicicleta. As crianças e adolescentes gostavam bastante de explorar essa possibilidade, motivo pelo qual, muitas vezes, optavam pela bicicleta em

questão. Essa atividade deixou de ser realizada depois que uma das pedaleiras da bicicleta foi furtada durante o período de recesso das atividades do projeto.

Atravessar a quadra de vôlei de areia

Materiais necessários: Bicicleta e capacete.

Espaço: quadra de vôlei de areia ou outro local com areia acumulada.

Atividade desafiante para as crianças e adolescentes do projeto que, por diversas vezes, se divertiram esforçando-se para conseguir atravessar toda a extensão da quadra de vôlei de areia. O desafio proposto pelos/as participantes consistia cumprir a travessia completa sem apoiar os pés no solo. Essa atividade estimula a prática do uso adequado das marchas (caso a bicicleta usada possua), a condução em terrenos difíceis, o equilíbrio, a dosar adequadamente o esforço e a velocidade necessários para tais condições.



Fonte: Acervo do VADL

Andar sem as mãos

Materiais necessários: Bicicleta, capacete e luvas.

Espaço: Amplo, plano ou com ligeira inclinação e livre de obstáculos para evitar acidentes, preferencialmente com piso sem imperfeições.

Realizada pelos/as participantes essa brincadeira consiste em deslocar-se com a bicicleta sem segurar o guidão com as mãos. Pode se iniciar apenas com uma das mãos e, gradativamente, soltando a outra em alguns trechos. Manter certa velocidade é importante para conseguir equilíbrio, por isso caso tenha disponível um espaço com leve inclinação pode exercitar durante a descida, sem a necessidade de pedalar, posteriormente, aumentar a dificuldade praticando no plano e na subida, nesses casos tendo que manter-se pedalando. De acordo com a habilidade, pode-se distribuir no espaço obstáculos para desviar com a bicicleta, sempre sem utilizar as mãos. Essa brincadeira favorece o equilíbrio, o aumento do controle na

condução da bicicleta, o que ajuda nos momentos em que é necessário tirar uma das mãos para fazer a sinalização, ocasião em que é comum as pessoas iniciantes terem dificuldade de manter o alinhamento no deslocamento.

Andar com a bicicleta empinada

Materiais necessários: Bicicleta, capacete e luvas.

Espaço: Amplo, plano ou com ligeira inclinação e livre de obstáculos para evitar acidentes, inicialmente com piso macio como grama.

A brincadeira realizada por participantes, consiste em deslocar-se com a bicicleta apoiada apenas na roda traseira. O desafio que se impõe ao/a participante é deslocar-se a maior distância possível. Para iniciantes é importante um espaço amplo e solo macio como grama, para fazer a experimentação de levantar a roda dianteira e ter certo domínio sobre tal movimento, após um pouco de prática, um piso liso pode favorecer o exercício. O controle da bicicleta é feito por meio do deslocamento do centro de massa e pelo uso do freio traseiro e do pedal. Nesse caso, as subidas leves também favorecem o ato de empinar e manter-se em deslocamento, pois o fato de estar na subida exige menor necessidade de uso do freio. Com a prática é possível inserir desafios como, determinar percursos ou desviar de obstáculos, ou ainda empinar em descidas leves. Essa atividade favorece o equilíbrio e o domínio na condução da bicicleta, habilidades que se refletem nos deslocamentos em terrenos difíceis e superação de obstáculos.



Fonte: Acervo do VADL

Disputas de corrida

Materiais necessários: Bicicleta, capacete e luvas.

Espaço: Amplo, plano e livre de obstáculos para evitar acidentes.

Disputas realizadas entre crianças e adolescentes no decorrer das atividades, consistiam na tentativa de uma pessoa ultrapassar a outra mediante ao desafio feito por uma delas ao se encontrarem, ou disputas organizadas com locais de partida e chegada determinados, no qual se realizavam diversas disputas organizadas pelos/as participantes. Essa atividade também foi organizada pelos/as educadores com determinação de uma pista, fazendo tomada de tempos individuais de cada volta na pista realizada pelos/as participantes. Assim a cada volta o/a participante poderia saber os tempos e compará-los para saber seu desempenho individual. Favorece a habilidade de condução da bicicleta em diferentes velocidades, bem como o reconhecimento do esforço necessário para manter diversos ritmos de pedalada.



Fonte: Acervo do VADL

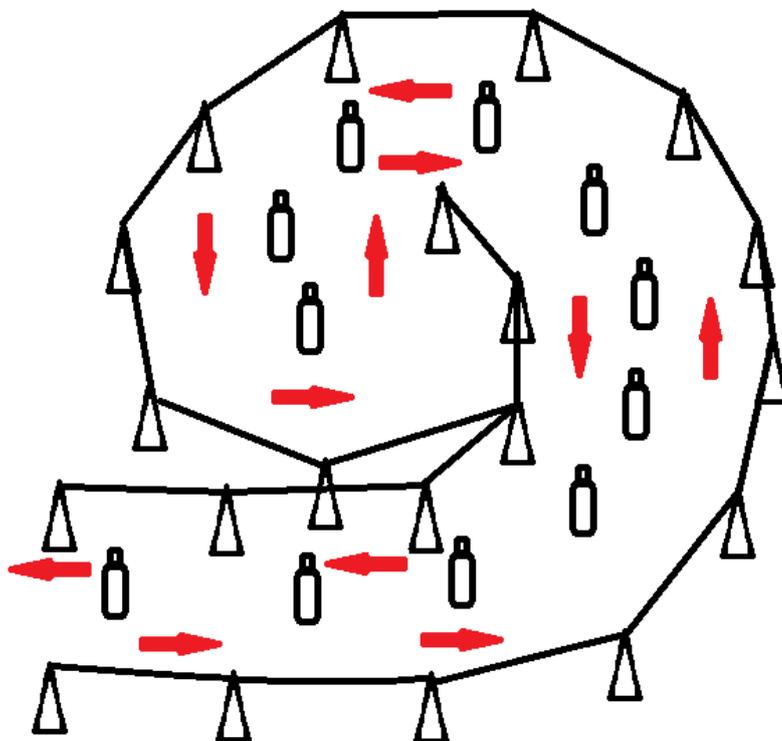
Caracol

Materiais necessários: Bicicleta, capacete, cones, elásticos, garrafas PET com um pouco de água para fazer peso.

Espaço: Amplo, plano, livre de obstáculos e preferencialmente de piso com superfície lisa, aproximadamente 3mx3m.

Elaboração proposta por participantes consiste em uma estrutura com formato de caracol montada com cones ligados por elásticos, com curvas relativamente fechadas e

caminhos estreitos, contendo uma curva bastante fechada no centro da estrutura. A atividade consiste em completar a volta sem tocar os pés no solo durante o percurso, ou tocando o menor número de vezes possível. Recomenda-se que inicialmente passe uma pessoa de cada vez para evitar que uma atrapalhe a manobra da outra e vice-versa. Pode-se variar a intensidade das curvas e o estreitamento da pista para adequar a estrutura ao nível de habilidade dos/as participantes. Também é possível a passagem de mais de uma pessoa ao mesmo tempo, assim quando uma está no centro da estrutura outra inicia o trajeto, isso aumenta a complexidade da tarefa. Essa atividade favorece o controle da bicicleta em baixas velocidades e curvas fechadas, melhorando o equilíbrio, bem como a escolha da trajetória a ser percorrida em terrenos com muitos obstáculos. Segue esquema da estrutura do caracol:



Fonte: Ilustração realizada pelo autor.

Polícia e Ladrão em Bicicleta

Materiais necessários: Bicicleta, capacete, luvas, bolas, coletes (de jornal envolvida em fita adesiva, de meia ou de piscina de bolinhas).

Espaço: Bastante amplo para circulação de bicicletas em velocidade.

Inspirada na tradicional brincadeira de Polícia e Ladrão, esse jogo foi elaborado pelos/as participantes e teve uma versão adaptada pelos/as educadores/as. Inicia-se a atividade com a determinação dos/as policiais, geralmente um número correspondente a 1/3 ou 1/4 do total de pessoas na brincadeira e diferenciá-las com coletes. Na elaboração dos/as

participantes ele foi jogado de duas maneiras, na primeira as pessoas que eram presas auxiliavam na prisão das demais, até que todas fossem capturadas, para capturar era necessário tocar na outra pessoa. Na segunda maneira, os/as policiais ficavam circulando e autuando as demais pessoas simbolicamente, revistando-as em busca de armas ou drogas e multando-as caso compreendessem que circulavam com excesso de velocidade. Nessa segunda variação, para parar os infratores bastava emparelhar a bicicleta ao lado e ordenar a parada. Já a versão proposta pelos/as educadores envolvia o uso de bolas para a captura das pessoas, assim a polícia, além do colete, portava uma bola cada integrante, com isso perseguiam os/as ladrões e quando os/as acertava com a bola no corpo, invertia-se os papéis, passando o colete e a bola para a pessoa capturada. Nesse caso, a diferenciação entre a polícia e o ladrão pode ser feita apenas com o uso da bola, modo que deixa o jogo mais rápido e dinâmico, pois não necessita parar para tirar e vestir o colete colorido. Estimula o uso da bicicleta em distintas velocidades e com necessidade de desviar de obstáculos, exercita o andar com apenas uma das mãos nos momentos de captura com toque ou com bola, bem a condução em situações de proximidade com outras bicicletas em movimento, exigindo grande controle da bicicleta e atenção para evitar o choque contra elas.



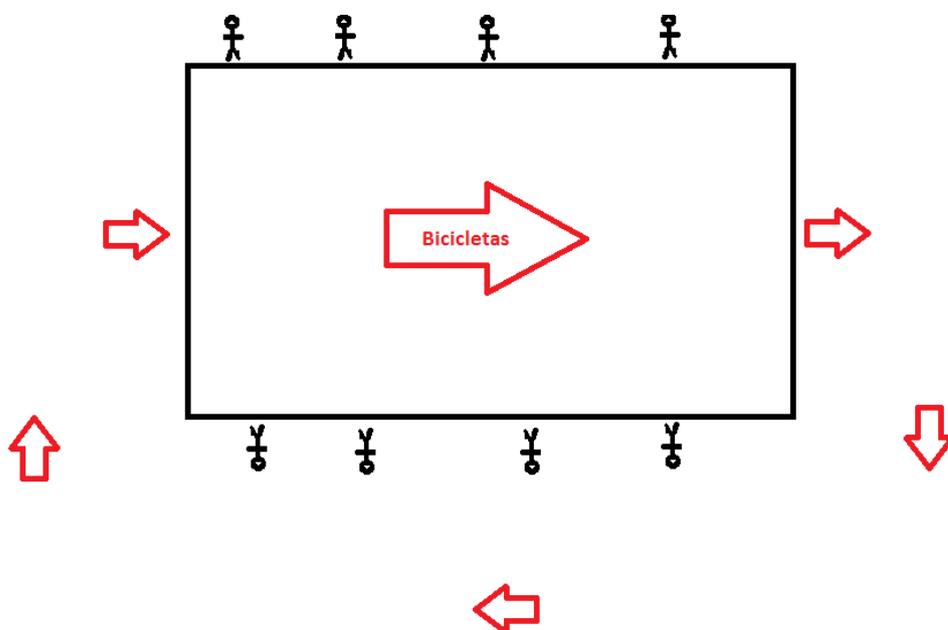
Fonte: acervo VADL.

Queimada em Bicicleta

Materiais necessários: Bicicleta, capacete, cordas (ou algo para demarcar o solo) e bolas (de jornal envolvida em fita adesiva, bolas de meia ou de piscina de bolinhas).

Espaço: Amplo, plano, livre de obstáculos.

Jogo similar ao de queimada, consiste em um espaço retangular demarcado de aproximadamente 6mx4m (pode variar de acordo com o número e interesse dos/as participantes). Conforme demonstra esquema a seguir, as pessoas em bicicleta se deslocam fazendo um círculo e atravessam o retângulo em seu sentido longitudinal. Posicionadas nas laterais ficam as pessoas sem bicicleta, responsáveis por queimar as demais jogando as bolinhas de um lado para o outro. É considerada queimada a pessoa que for atingida em seu corpo pela bola, ou seja, se for atingida no capacete ou na bicicleta a pessoa não será considerada queimada. A dinâmica do jogo pode ser organizada de duas maneiras. Quando se tem bicicletas suficientes para todo o grupo, algumas pessoas iniciam como queimadoras e, assim que conseguem queimar alguém, simplesmente alterna-se os papéis. Quando o número de bicicletas é menor que o de participantes, a atividade auxilia no processo de revezamento, sendo assim, a pessoa que queima assume a bicicleta daquela que foi por ela queimada e se alternam os papéis. O número de pessoas queimando e de bolas em jogo pode variar, por isso deve-se observar a dinâmica do jogo e habilidade dos participantes fazendo alterações na medida adequada, mantendo certo nível de desafio, porém sem tornar demasiado difícil a qualquer um dos papéis tanto das pessoas que fogem, quanto das que queimam. Essa atividade favorece agilidade na condução da bicicleta e equilíbrio em condições adversas de condução.



Fonte: Ilustração feita pelo autor.



Fonte: Acervo do VADL.

Descer e subir planos inclinados

Materiais necessários: Bicicleta e capacete.

Espaço: Plano com inclinação de média a grande e com espaço sem obstáculos e amplo suficiente para pegar velocidade e/ou executar frenagem.

Esta se desenvolveu a partir do interesse das crianças e adolescentes em descer planos de grande inclinação. A atividade consiste em executar descidas em planos inclinados, praticando individualmente técnicas de descida, como frenagem controlada e adequadamente distribuída entre os freios dianteiro e traseiro, bem como deslocamento do centro de massa para parte traseira da bicicleta para manter aderência desta e o equilíbrio da bicicleta. Para execução dessa atividade pequenos morros gramados são adequados, a inclinação deve estar de acordo com a habilidade dos/as participantes, sendo aumentada gradativamente a dificuldade. Exercitar a subida nesse tipo de terreno também é fundamental, envolve a escolha da marcha adequada bem como posicionamento correto do corpo sobre a bicicleta para manter a tração na roda traseira. Nessa atividade pode ser explorado o pedalar em pé. Na atividade de subida é possível realizar a dinâmica de subir sem pedalar, ou seja, toma-se distância da subida pedala em velocidade até ela, interrompe a pedalada em sua base a fim de chegar ao topo apenas com o impulso conseguido. Nessa dinâmica pode-se variar a distância em que se para de pedalar, aumentando o desafio do jogo. No caso do clube, além de pequenos morros gramados tínhamos a disposição também uma rampa de acesso de automóveis ao campo de

futebol, com piso cimentado e bastante inclinado, local que foi muito explorado pelas crianças e adolescentes durante as atividades com bicicleta. Essa atividade favorece na aprendizagem do controle da bicicleta em trechos técnicos de subida e descida, como os presentes em trilhas de terra, por exemplo.

Circuito e obstáculos

Materiais necessários: Bicicleta, capacete, cordas, elásticos, garrafas PET, galões de plásticos de 5l, papelão, canetões vermelho e preto, cones grandes, mini cones, tábua de madeira de 2mx30cm e 60cmx30cm, tocos de madeira, fita zebraada.

Espaço: Amplo suficiente para montagem do circuito e circulação das bicicletas.

A atividade de circuito consiste na montagem de diversos tipos de obstáculos que permitam o exercício das mais variadas habilidades na condução da bicicleta, ele comporta uma infinidade de opções que dependerão da criatividade, materiais e espaços disponíveis, nível de habilidade do grupo de pessoas. Essa atividade pode ser elaborada de duas maneiras, por educadores/as, de modo que estes/as elaborem determinados circuitos por eles/as planejados ou pelas pessoas participantes, de modo que os/as educadores disponibilizam uma variedade de materiais e o grupo elabora os obstáculos e desafios que julgam ser interessantes. As pessoas são incentivadas a percorrer todo o circuito, porém elas elegem livremente os obstáculos pelos quais querem passar, desviando daqueles que não se sentem à vontade em experimentar.

A seguir apresentamos uma lista de obstáculos que utilizamos em nossos circuitos mais complexos. Essas atividades também foram realizadas de modo isolado ou em pequenas combinações com duas ou três delas.



Fonte: Acervo do VADL.

Curvas em velocidade com trajetória determinada



Espaços estreitos com obstáculos



Fonte: Acervo do VADL.

Aproveitando os obstáculos do espaço e elaboração de obstáculo com cordas envolvendo o estreitamento do caminho.



Zigue-zague com garrafas PET simples



Fonte: Acervo do VADL.

Zigue-zague com garrafas PET complexo



Labirintos estreitos com curvas fechadas



Fonte: Acervo do VADL.



Fonte: Acervo do VADL.



Fonte: Acervo do VADL.

Siga o Mestre

Materiais necessários: Bicicletas e capacete.

Espaço: Amplo e com variedade de obstáculos próprios do local ou especialmente montados para a realização da atividade.

Atividade foi proposta pelos/as educadores/as, ela é realizada em fila, na qual a pessoa posicionada a frente é considerada mestre, ou seja, é ela quem elege o caminho e a maneira de passar por ele com a bicicleta, desafiando seus seguidores na passagem por obstáculos diversos existente no espaço de jogo. O mestre é trocado de tempos em tempos, indo para o final da fila. Assume a posição de mestre a pessoa seguinte da fila e assim segue

até que todos/as tenham vivenciado o papel de mestre. No caso do clube onde foi idealizado este jogo, existia uma ampla variedade de obstáculos como: árvores, planos inclinados de diversos tamanhos, bancos de jardim, brinquedos de parquinho, pilares, quadra de vôlei de areia, corredores estreitos com corrimões etc. No entanto esta atividade pode ser realizada no espaço com obstáculos construídos, tais como os que vimos exemplificados na brincadeira de circuito anteriormente descrita.



Fonte: Acervo VADL.

Corrida Maluca

Materiais necessários: Bicicleta, capacete, cordas (ou algo para demarcar o solo).

Espaço: Amplo, plano, livre de obstáculos.

Atividade proposta pelos/as educadores. O primeiro passo é demarcar no solo, com corda ou giz, duas linhas paralelas, com distância entre elas de aproximadamente 5m. Uma corresponde ao local de largada e outra a linha de chegada. A brincadeira consiste em uma corrida em que vence aquela pessoa que, sem tocar os pés no chão e sem retornar para trás, que chega por último. Para isso as pessoas devem controlar as bicicletas com base na manutenção do equilíbrio, o qual é estabelecido com a movimentação corporal, uso dos freios e do pedal. Conforme as pessoas vão tocando os pés no solo, elas vão saindo da disputa e retomando o lugar na largada, preparando-se para a próxima corrida. Esta atividade auxilia no exercício equilíbrio e domínio da bicicleta em situações de baixa velocidade, ou mesmo, sem deslocamento, tais como, paradas obrigatórias, passagem de pedestres ou deslocamento em trechos de alta complexidade técnica como trilhas de terra com cascalho, rochas ou erosões.



Fonte: Acervo VADL.

Zerinho com Bicicleta

Materiais necessários: Bicicleta, capacete, corda de 4m.

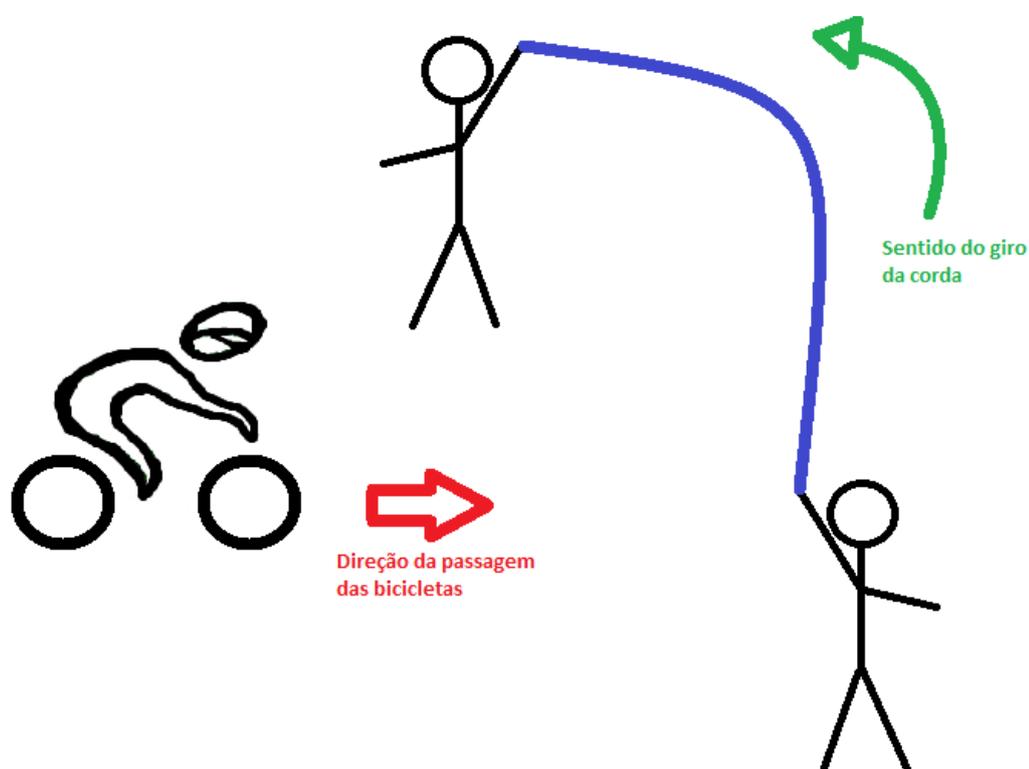
Espaço: Amplo, plano, livre de obstáculos.

Inspirada na tradicional brincadeira de corda Zerinho, esse jogo foi proposto peloas/as educadores/as para ser realizada com bicicleta. Ela consiste em passar por uma corda com giro constante, sem que corda toque no/a participante ou na bicicleta. Para essa atividade alguns cuidados são necessários, tais como manter o giro da corda e a direção da bicicleta tal como demonstra o esquema a seguir. Além disso, é importante que nas extremidades da corda estejam pessoas experientes o suficiente para garantir a segurança dos/as participantes caso a corda enrosque neles/as ou nas bicicletas durante a passagem, pois é necessário soltar as extremidades da corda imediatamente e orientar para que a pessoa implicada pare a bicicleta, evitando assim queimaduras com a corda na pele devido ao atrito, bem como que a corda enrosque e danifique o sistema de transmissão da bicicleta, ou ainda derrube o/a participante travando a roda da bicicleta. Também é fundamental a manutenção do ritmo de giro da corda para que as pessoas possam calcular o tempo da passagem adequadamente, sem sustos ou variações. Para execução dessa atividade é recomendada a passagem de uma pessoa por vez. O ritmo da corda pode variar de acordo com a habilidade do/da participante que vai fazer a passagem, sendo mais lento para as pessoas com menor experiência e vice-versa. A velocidade da passagem também pode variar, normalmente, após algumas passagens as pessoas adquirem mais confiança e passam a fazer passagens em maior velocidade calculando o tempo exato da passagem e ajustando com a velocidade da bicicleta. Essa atividade favorece experiência de sincronismo com objetos em movimentos, habilidade

fundamental para se deslocar com a bicicleta em meio urbano, como em cruzamentos, em meio ao tráfego de veículos, pedestres etc.



Fonte: Acervo VADL.



Fonte: Ilustração feita pelo autor.

Apêndice 6 – Modelos dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TCLE - Mães, pais ou responsáveis



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235, CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356 e-mail: secpge@power.ufscar.br



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Mãe, Pai ou responsável)

Você, _____, está sendo convidado a participar da pesquisa “Bicultura: construindo e partilhando saberes para cidadania”, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição. O convite se dá, pois você é mãe/pai ou responsável por criança que frequenta ou frequentou projeto social que promove a utilização da bicicleta, que pode auxiliar a investigação pela relação com objetivo central desta pesquisa que consiste em caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em grupos que utilizam a bicicleta com intencionalidade educativa.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consistirá em conceder entrevista com gravação em áudio e vídeo e também anotações em diários de campo. Esclareço que, embora a entrevista não tenha a intenção de invadir a intimidade dos participantes, a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante a situação de entrevista. A fim de minimizar tais possibilidades as gravações realizadas durante a entrevista, caso não se sinta a vontade, você não precisará responder as questões efetuadas pelo pesquisador e nem permitir o registro em diário de campo ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio caso se sinta constrangido. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista ou registros em diários de campo a qualquer momento. Serão retomados nessas situações os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, solicito autorização para estabelecer contato posterior, a fim de verificar os possíveis danos ocasionados e proceder quanto a novas orientações e encaminhamentos, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico sem identificação nominal. Ressaltamos que poderá haver benefícios com a pesquisa, pois seus resultados podem contribuir tanto com ações do grupo do qual participa, evidenciando as potencialidades educativas da bicicleta identificadas no grupo estudado, possibilitando também auxiliar outros grupos e instituições que tenham interesse de incluir a bicicleta como instrumento pedagógico. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou até a conclusão do mesmo.

Prof. Ms Clayton da Silva Carmo (RG: 32.828.702-7 / CPF: 295.991.638-77/ Tel.: (16) 99113-2111)

Aluno regular do doutorado no PPGE/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

_____, ____/____/_____.

Assinatura do sujeito da pesquisa
(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

TCLE - Participantes menores de idade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235, CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356e-mail: secppge@power.ufscar.br



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Participantes menores de idade)

Seu/a filho/a _____, está sendo convidado a participar da pesquisa “Biculturalidade: construindo e compartilhando saberes para cidadania”, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. A qualquer momento ele/a pode desistir e você e retirar seu consentimento e sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação ou na relação de seu/a filho/a com o pesquisador ou com o projeto VADL. Ele/a está sendo convidado/a para participar por fazer parte do Projeto Vivências em Atividade Diversificada de Lazer (VADL), projeto que desenvolve atividades educativas com bicicleta, e o estudo destas podem auxiliar pela relação com objetivo central desta pesquisa que consiste em caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em grupos que utilizam a bicicleta com intencionalidade educativa.

A participação nesta pesquisa é voluntária e consistirá em autorizar registro de observações em diários de campo, filmagens, fotografias durante sua participação na pesquisa, bem como conceder entrevista com gravação em áudio. Esclareço que, embora as observações e entrevista não tenham a intenção de invadir a intimidade dos participantes, a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de observação como também da exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante as situações observação e de entrevista. A fim de minimizar tais possibilidades as gravações realizadas durante a entrevista serão por mim transcritas na íntegra e apresentadas aos participantes, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Caso não se sinta a vontade o participante, não precisará responder as questões efetuadas pelo pesquisador e nem permitir o registro em diário de campo ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio caso se sinta constrangido. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista ou registros em diários de campo a qualquer momento. Serão retomados nessas situações os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, solicito autorização para estabelecer contato posterior, a fim de verificar os possíveis danos ocasionados e proceder quanto a novas orientações e encaminhamentos, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico sem identificação nominal. Ressaltamos que poderá haver benefícios com a pesquisa, pois seus resultados podem contribuir tanto com ações do grupo do qual participa, evidenciando as potencialidades educativas da bicicleta identificadas no grupo estudado, possibilitando também auxiliar outros grupos e instituições que tenham interesse de incluir a bicicleta como instrumento pedagógico. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou até a conclusão do mesmo.

Prof. Ms Clayton da Silva Carmo (RG: 32.828.702-7 / CPF: 295.991.638-77/ Tel.: (16) 99113-2111)

Aluno regular do doutorado no PPGE/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação de meu filho/a na pesquisa e autorizo sua participação. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

_____, ____/____/____..

Assinatura do sujeito da pesquisa (menor participante)

Nome completo do Pai, Mãe ou Responsável legal pelo sujeito da pesquisa.

Ass. do Pai, Mãe ou Responsável legal pelo sujeito da pesquisa.

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____).

TCLE - Educadores/as

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235, CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356e-mail: secppge@power.ufscar.br

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido***(Educador/a)*

Você, _____, está sendo convidado a participar da pesquisa “Bicultura: construindo e partilhando saberes para cidadania”, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento e sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição. O convite se dá devido a sua participação em movimento social que promove a utilização da bicicleta, que pode auxiliar a investigação pela relação com objetivo central desta pesquisa que consiste em caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em grupos que utilizam a bicicleta com postura política e cidadã, apontando as dificuldades e caminhos encontrados para sua realização, a fim de colaborar com práxis pedagógicas em situações similares.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consistirá em autorizar registro de observações em diários de campo, filmagens, fotografias durante sua participação na pesquisa, bem como conceder entrevista com gravação em áudio. Esclareço que, embora as observações e entrevista não tenham a intenção de invadir a intimidade dos participantes, a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de observação como também da exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante as situações observação e de entrevista. A fim de minimizar tais possibilidades as gravações realizadas durante a entrevista serão por mim transcritas na íntegra e apresentadas aos participantes, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Caso não se sinta a vontade o participante, não precisará responder as questões efetuadas pelo pesquisador e nem permitir o registro em diário de campo ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio caso se sinta constrangido. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista ou registros em diários de campo a qualquer momento. Serão retomados nessas situações os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento da entrevista por qualquer fator descrito acima, solicito autorização para estabelecer contato posterior, a fim de verificar os possíveis danos ocasionados e proceder quanto a novas orientações e encaminhamentos, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Salientamos que todos os dados obtidos serão divulgados em meio exclusivamente acadêmico-científico sem identificação nominal.

Ressaltamos que poderá haver benefícios com a pesquisa, pois seus resultados podem contribuir tanto com ações do grupo do qual participa, quanto com ações educativas de outros grupos e pessoas que visem à melhoria das relações entre as pessoas, entre as pessoas e o meio ambiente e a transformação das cidades, evidenciando as potencialidades educativas da bicicleta identificadas nos grupos estudados, possibilitando também auxiliar grupos e instituições que tenham interesse de incluir a bicicleta como instrumento pedagógico. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os contatos da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou até a conclusão do mesmo.

Prof. Ms Clayton da Silva Carmo (RG: 32.828.702-7 / CPF: 295.991.638-77/ Tel.: (16) 99113-2111).

Aluno regular do doutorado no PPGE/UFSCar, orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

_____, ____ / ____ / ____.

Nome completo do sujeito da pesquisa

Assinatura do sujeito da pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Anexo: Termo de aprovação no Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Bicicultura: construindo e partilhando saberes para cidadania

Pesquisador: Clayton da Silva Carmo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 41835715.3.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.095.979

Data da Relatoria: 10/03/2015

Apresentação do Projeto:

O estudo pretende investigar as potencialidades educativas presentes na produção cultural que se dá em torno da bicicleta e possui o objetivo de caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em grupos que utilizam a bicicleta com postura política e cidadã. Com metodologia aportada em referenciais da pesquisa qualitativa o estudo prevê a utilização de registros em diários de campo bem como entrevistas com participantes de grupos que desenvolvem ações em favor do uso da bicicleta. A análise dos dados será inspirada na fenomenologia, na modalidade fenômeno situado, e espera-se com os resultados contribuir com ações educativas que visem a melhoria das relações entre as pessoas, entre as pessoas e o meio ambiente e a transformação das cidades, evidenciando as potencialidades educativas da bicicleta identificadas nos grupos investigados, possibilitando também auxiliar grupos e instituições que tenham interesse de incluir a bicicleta como instrumento pedagógico.

Objetivo da Pesquisa:

A partir do marco teórico apresentado, o presente estudo orienta-se pela seguinte questão: Como as pessoas educam e se educam em grupos que utilizam a bicicleta com postura política e cidadã?

O objetivo do estudo é caracterizar e interpretar os processos educativos desencadeados em grupos que utilizam a bicicleta com postura política e cidadã.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 1.095.979

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram expostos adequadamente.

Em relação aos riscos, a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto resultante da situação de observação como também da exposição de opiniões pessoais ao responder perguntas que envolvam as próprias ações, mesmo com todos os cuidados que serão tomados durante as situações observação e de entrevista.

O TCLE esclarece que visando minimizar as possibilidades de riscos, as gravações realizadas durante a entrevista serão transcritas na íntegra pelo pesquisador e apresentadas aos participantes, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível. Destaca também que, caso o entrevistado não se sinta a vontade o participante, não precisará responder as questões efetuadas pelo pesquisador e nem permitir o registro em diário de campo ou o uso de equipamentos para registro fotográfico e de áudio caso se sinta constrangido. Quanto aos benefícios, menciona que os resultados podem contribuir tanto com ações do grupo do qual participa, quanto com ações educativas de outros grupos e pessoas que visem à melhoria das relações entre as pessoas, entre as pessoas e o meio ambiente e a transformação das cidades.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- Trata-se de uma pesquisa com relevância científica e social e respeita os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS 466/2012 e suas complementares.
- O projeto de pesquisa é pertinente e tem caráter científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Foram anexados os seguintes documentos obrigatórios: folha de rosto assinada, autorização do responsável legal pela pesquisa, TCLE do participante, projeto de pesquisa e Informações básicas.

Recomendações:

- Nada a acrescentar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Telefone: (16)3351-9683

CEP: 13.565-905

Município: SAO CARLOS

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.095.979

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO CARLOS, 08 de Junho de 2015

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA **CEP:** 13.565-905
UF: SP **Município:** SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 **E-mail:** cephumanos@ufscar.br